O Amante

This Man, best-seller do *The New York Times*

Jodi Ellen Malpas

O Amante

O Amante

This Man, best-seller do The New York Times

Jodi Ellen Malpas

Tradução
Viviane Pires de Araújo

PARA BIG PAT E BUBBLES

Sumário

Agradecimentos

Quando publiquei *O amante* pela primeira vez, de maneira independente, tinha apenas umas poucas pessoas para agradecer, mais especificamente minha família e os poucos amigos para quem acabei contando o que planejava. Meu apreço ainda é enorme e sempre será, mas minha lista de pessoas para agradecer cresceu consideravelmente desde outubro de 2012.

A primeira pessoa na lista é meu advogado, Matthew Savare. Matt, eu estava perdida em Nova York sem você, literalmente. Você foi o primeiro a embarcar e curtir essa jornada louca comigo. Você me manteve sã quando achei que perderia a cabeça! Eu nunca serei capaz de agradecer o bastante, mas tentarei para sempre.

Meus agentes, Andrea Barzvi e Kristyn Keene, da ICM Partners, que simplesmente me aceitam como sou! Quando entrei no seu escritório pela primeira vez, vocês me abraçaram, e era tudo de que eu precisava no meio da loucura. Os abraços, seguidos da paixão com que falaram de mim e *O amante*, foram o golpe final para mim. Nunca me arrependi.

Beth de Guzman, da Grand Central Publishing – você apostou numa autora nova e em seu primeiro romance. Minha gratidão é imensurável.

E Selina, minha editora. Eu vou sempre dizer “caramba!” e sorrir toda vez que ouvir você dizer isso também.

Eu tinha uma história para contar e estou feliz por tê-la contado. Essa inglesinha está no *Sétimo Céu de Jesse*.

Junte-se a mim.

Capítulo 1

Reviro as pilhas e pilhas de parafernália espalhada pelo chão do meu quarto. Vou me atrasar.

– Kate! – grito loucamente.

Onde estão? Corro para o topo da escada e quase me penduro no corrimão.

– Kate!

Ouço o som familiar da colher de pau batendo na borda de uma tigela de cerâmica, e Kate aparece na beira da escada, no andar de baixo, os cabelos presos no alto da cabeça em uma bagunça de cachos. Ela olha para mim com a expressão cansada. É uma expressão com a qual me acostumei ultimamente.

– As chaves! Viu as chaves do meu carro? – bufo para ela.

– Estão na mesa sob o espelho, onde você as deixou ontem à noite. – Ela revira os olhos, saindo e levando a massa do bolo de volta para seu ateliê.

Saio correndo desvairada e encontro as chaves do carro debaixo de uma pilha de revistas femininas.

– Estavam se escondendo de novo – digo para mim mesma, pegando meu cinto bege, os sapatos de salto e meu laptop. Desço do apartamento que fica sobre o ateliê de Kate e a encontro despejando massa de bolo em várias formas.

– Você precisa arrumar seu quarto, Ava. Está uma bagunça – ela reclama.

Sim, minhas habilidades de organização pessoal são chocantes, especialmente porque sou designer de interiores da Rococo Union e passo o dia todo coordenando e organizando. Pego meu telefone da mesa e enfio o dedo na massa do bolo de Kate.

– Não posso ser brilhante em tudo.

– Saia daqui! – ela bate na minha mão com a colher. – Por que precisa do carro, afinal? – pergunta, inclinando-se para alisar a massa, concentrada, com a língua para fora.

– Tenho uma primeira reunião em Surrey Hills – uma mansão no interior. – Passo o cinto pelos passantes do meu vestido lápis azul-marinho, calço meus sapatos bege e me olho no espelho da parede.

– Achei que só trabalhasse na cidade – ela diz, atrás de mim.

Agito meus longos cabelos escuros por alguns segundos, jogando-os de um lado para o outro, mas desisto e prendo-os com alguns grampos. Meus olhos castanho-escuros parecem cansados e sem o brilho de sempre – resultado, sem dúvida, dos meus excessos. Eu me mudei para a casa de Kate um mês atrás, depois de terminar com Matt. Estamos nos comportando como universitárias. Meu fígado anda implorando por um descanso.

– Mas é verdade. O interior é território do Patrick. Não sei como me enfiei nessa. – Corro o pincel do gloss pela boca e junto os lábios para espalhar o produto. Beijo Kate na bochecha.

– Vai ser doloroso. Já estou vendo tudo. Amo você!

– Idem. Até mais tarde – Kate ri sem levantar o rosto de seu trabalho.

Apesar do atraso, dirijo meu Mini com o cuidado que me é comum até meu escritório na Bruton Street e lembro por que o deixo na garagem todos os dias enquanto passo dez minutos rodando para encontrar uma vaga para estacionar.

Entro esbaforida no escritório e olho para o relógio. Oito e quarenta. Tudo bem, estou dez minutos atrasada, é melhor do que eu pensava. Passo pelas mesas vazias de Tom e Victoria a caminho da minha, espiando Patrick em sua sala, enquanto aterrisso em minha cadeira. Tirando o laptop da bolsa, noto que um pacote foi deixado para mim.

– Bom dia, flor – a voz grave de Patrick me cumprimenta enquanto ele senta na beira da minha mesa, seguida do rangido familiar do móvel sob o peso dele. – O que você tem aí?

– Bom dia. São as novas amostras de tecido da Miller's. Gostou? – Acaricio o material luxuoso.

– Maravilhoso – ele finge interesse. – Não deixe Irene ver. Já liquidei quase todos os meus bens para patrocinar os novos estofamentos lá de casa.

– Ah. – Lanço um olhar de compaixão. – Onde estão todos?

– Victoria tirou o dia de folga, e Tom está tendo um pesadelo com o sr. e a sra. Baines. Somos só eu, você e Sal hoje, flor. – Ele tira o pente do bolso interno do paletó e passa pelos cabelos grisalhos.

– Tenho uma reunião ao meio-dia no Solar – eu o lembro. Ele não pode ter esquecido. – Tem certeza de que eu sou a pessoa que você quer nessa, Patrick?

Trabalho na Rococo Union há quatro anos, e ficou claro que fui empregada para expandir os negócios para o setor moderno. Com apartamentos de luxo pipocando por toda Londres, Patrick e Tom, com sua especialidade em design tradicional, estavam perdendo terreno. Quando a coisa deslanchou, e o trabalho começou a ficar pesado demais para mim, contrataram Victoria.

– Pediram você, flor. – Ele fica de pé, e minha mesa range em protesto novamente. Patrick a ignora, mas eu me encolho. Ou ele emagrece um pouco, ou precisa parar de sentar-se em minha mesa. Ela não vai suportar o fardo por muito mais tempo.

Então, pediram por mim. Por quê? Meu portfólio não tem nada que reflita design tradicional, nada mesmo. Não posso evitar pensar que será uma completa perda do meu tempo. Quem deveria ir é Patrick ou Tom.

– Ah, o lançamento do Lusso – Patrick guarda o pente. – A incorporadora está investindo tudo, fazendo a festa na cobertura. Você fez um trabalho incrível, Ava. – Patrick balança a cabeça positivamente e levanta as sobrancelhas.

Eu coro.

– Obrigada.

Tenho muito orgulho de mim mesma e do meu trabalho no Lusso, a maior conquista da minha curta carreira. Situado em St. Katharine Docks e com preços a partir de 3 milhões por um apartamento básico e 10 milhões pela cobertura, estamos falando da classe AAA. A descrição do design é o que o nome sugere: luxo italiano. Eu trouxe todo o material, os móveis e a arte da Itália e passei uma semana lá organizando o cronograma de envio. A festa de lançamento será na próxima sexta-feira, mas sei que já venderam a cobertura e seis outros apartamentos, então a festa é mais para a incorporadora se exibir.

– Liberei minha agenda para fazer a checagem final assim que os faxineiros saírem de lá. – Viro as páginas da minha agenda até sexta-feira e rabisco a página toda novamente.

– Boa menina. Pedi a Victoria para estar lá às cinco. É o primeiro lançamento dela, então você vai precisar dar algumas instruções. Chego às sete com Tom.

– Claro.

Patrick volta para seu escritório, e abro meus e-mails, passando os olhos para apagar ou responder o que for necessário.

Às onze horas guardo meu laptop e enfio a cabeça para dentro do escritório de Patrick. Ele está concentrado em algo em seu computador.

– Estou saindo – digo, mas ele apenas acena com a mão no ar, ciente. Atravesso o escritório e vejo Sally brigando com a copiadora.

– Até mais tarde, Sal.

– Tchau, Ava – ela responde, mas está ocupada demais tirando o papel preso para virar o rosto para mim. A garota é uma calamidade.

Saio para o dia ensolarado e vou até o meu carro. O tráfego da metade da manhã de sexta-feira é um pesadelo, mas, assim que saio da cidade, o percurso é uma linha reta e deslancha. Baixo a capota, e Adele me faz companhia na rádio. Uma voltinha de carro pelo interior é uma ótima maneira de terminar minha semana de trabalho.

Saio da estrada principal para uma menor, onde vou parar diante dos maiores portões que já vi. Uma placa dourada em um pilar declara: O SOLAR.

Caramba! Tiro meus óculos de sol, olhando através dos portões e ao longo do caminho de pedras cercado de árvores que parecia percorrer quilômetros, com imagens de um Senhor do Solar metido fumando charuto me vindo à mente imediatamente. Desço do carro e vou em direção aos portões, buscando um interfone.

– Está atrás de você. – Quase pulo de susto quando uma voz grave surge do nada, cortando o ar silencioso do campo.

Olho em volta.

– Olá?

– Aqui.

Viro e vejo o interfone mais à frente. Eu havia passado por ele sem vê-lo. Dou uma corridinha até o aparelho e aperto o botão para me anunciar.

– Ava O'Shea, da Rococo Union.

– Eu sei.

Olho em volta e vejo uma câmera instalada no portão.

– Bem, vai me deixar entrar? – pergunto, no momento em que um som de metal se movendo interrompe a paz campestre em torno de mim. Os portões começam a se abrir.
– Me dê um instante – resmungo enquanto corro de volta para o carro. Pulo para dentro do Mini e acelero enquanto os portões se abrem, o tempo todo pensando em como vou fazer para tirar a taça de vinho do Porto e o charuto que certamente estão enfiados no rabo desse miserável. A cada minuto estou menos entusiasmada com essa reunião. Gente chique do interior e suas mansões chiques do interior não fazem parte da minha especialidade.

Quando os portões se abrem totalmente, passo por eles e, depois de mais ou menos meio quilômetro, chego a um jardim perfeitamente redondo. Tiro meus óculos de sol e olho boquiaberta para a casa gigante. É soberba.

As portas pretas – adornadas por guarnições de ouro polido – são ladeadas por quatro enormes janelas hexagonais, guardadas por pilares de pedra entalhada. Imensos blocos de calcário formam a estrutura da casa, com loureiros frondosos alinhados na face principal e, em destaque, uma fonte no centro do jardim, jorrando jatos de água iluminada. É tudo muito imponente.

Desligo o motor e me atrapalho com a maçaneta na hora de sair do carro. De pé e me apoiando na parte de cima da porta, olho para o magnífico edifício e imediatamente penso que só pode ser um erro. O lugar está em ótimas condições.

O gramado está de um verde perfeito, a casa parece ser lavada diariamente, e mesmo os pedregulhos parecem ser limpos com aspirador de pó. A julgar pelo exterior, não consigo imaginar que trabalho possa ser necessário no ambiente interno. Olho para cima, na direção das dúzias de portas balcão envidraçadas, com cortinas de veludo penduradas em todas elas. Fico tentada a ligar para Patrick e verificar se estou no endereço certo, mas estava escrito O SOLAR nos portões, e o grosseiro miserável do outro lado do interfone está obviamente esperando por mim.

Enquanto planejo meu próximo movimento, as portas se abrem, revelando o maior homem que já vi na vida. Ele caminha para o topo dos degraus, e eu me encolho ao vê-lo, recuando ligeiramente. Ele usa terno preto – feito sob medida, certamente, porque aquilo não é tamanho normal –, camisa preta e gravata preta. Sua pele é cor de ébano, sua cabeça raspada parece ter sido lustrada até brilhar, e óculos escuros fechados nas laterais cobrem seus olhos. Se eu pudesse criar uma imagem mental de quem eu esperava que me conduzisse por aquelas portas, ele com certeza não seria quem eu imaginaria. O homem é uma montanha, e sua presença grita "segurança". De repente fico preocupada se entrei em um centro de controle da máfia e tento me lembrar se coloquei o alarme de pânico na minha bolsa nova.

– Srta. O'Shea? – sua voz se arrasta.

Murcho sob sua presença imponente, levantando a mão em um aceno nervoso.

– Olá – sussurro.

– Por aqui – ele fala com a voz grave, com um meneio breve de cabeça e virando-se para retornar para dentro da mansão.

Considero sair correndo, mas meu lado ousado e amante do perigo está curioso sobre o que há por trás dessas portas. Pego minha bolsa, fecho a porta do carro e subo os degraus, cruzando a soleira para um enorme hall de entrada. Passo os olhos pela vasta área e fico imediatamente impressionada com a escadaria em curva que leva ao primeiro andar.

A decoração é opulenta, luxuosa e bastante intimidante. Azuis profundos, cinzentos com toques de dourado e marcenaria original, junto com o rico piso de mogno envernizado, tornam o local atraente e extravagante. É exatamente como eu esperava e nem de longe meu estilo de design. Mas pensando bem, olhando em volta, a razão para qualquer designer de interiores estar aqui é a cada minuto mais confusa. Patrick disse que fui requisitada pessoalmente, então tendo a pensar que querem modernizar, mas isso teria sido antes de eu dar uma olhada no lugar. A decoração combina com a estrutura arquitetônica. Está em perfeitas condições. Por que diabos estou aqui?

O Grandão desaparece pela direita, me obrigando a segui-lo, os saltos dos meus sapatos ressoando no piso envernizado, enquanto ele me conduz para os fundos da mansão.

Ouço um burburinho de conversa e olho para a minha direita, notando muitas pessoas sentadas em várias mesas, comendo, bebendo e conversando. Garçons servem comida e bebida e as inconfundíveis vozes do Rat Pack soam ao fundo. Faço uma careta, mas depois entendo. É um hotel – um hotel chique do interior.

Tudo começa a fazer sentido para mim. Quero dizer algo ao homem gigantesco que me leva sabe lá Deus aonde, mas ele não olha para trás uma só vez para verificar se o estou seguindo. Ainda que o barulho dos meus saltos deva confirmar que estou. Ele não fala muito, e suspeito que não me responderia se eu falasse.

Seguimos em frente e passamos por mais duas portas fechadas, antes que ele me leve a uma sala de verão – um espaço descomunal, cheio de luz e impressionantemente exuberante, dividido em ambientes individuais com sofás, poltronas e mesas. Portas balcão de duas folhas ampliam o recinto e levam a um pátio de Yorkstone e um vasto gramado. É realmente imponente, e tenho um sobressalto quando avisto uma estrutura de vidro que abriga uma piscina. É incrível, e eu estremeço só de pensar em quanto deve custar a diária. Isso Deve ser cinco estrelas – talvez mais.

Assim que chegamos à sala de verão, sou conduzida por um corredor até o Grandão parar ao lado de uma porta de madeira.

– O escritório do sr. Ward – ele retumba, batendo à porta, de maneira surpreendentemente gentil para seu tamanho de mamute.

– O gerente? – pergunto.

– O proprietário – ele responde, abrindo a porta e dando passos largos. – Entre.

Eu hesito à soleira, observando o sujeito imenso entrar na minha frente. Acabo forçando meus pés a agir, entrar no recinto, enquanto olho para as dependências igualmente luxuosas do escritório do sr. Ward.

Capítulo 2

– Jesse, a srta. O'Shea, da Rococo Union – anuncia o Grandão. – Perfeito. Obrigado, John.

Saio do meu estado estupefato para o de alerta máximo, e minha coluna se endireita.

Não posso vê-lo, ele está obscurecido pela forma sólida do Grandão, mas aquela voz rouca e calma me congela no ato, e certamente não soa como vinda de um Senhor do Solar gordo, fumante de charutos e de casaco impermeável.

O Grandão, ou John, como agora descubro, dá um passo para o lado, dando-me o primeiro vislumbre do sr. Jesse Ward.

Meu Deus do Céu. Meu coração bate contra a caixa torácica, e minha respiração aumenta a níveis perigosos. De repente fico tonta, e minha boca ignora as instruções do meu cérebro para dizer *algo*. Eu fico ali apenas encarando o homem, enquanto ele também me encara. Sua voz rouca me traz de volta aos eixos, mas a imagem dele… a imagem dele acaba de me transformar em um trapo trêmulo e atônito.

Ele levanta da cadeira, e meu olhar o acompanha. É muito alto. Sua camisa branca tem as mangas casualmente dobradas, mas ainda assim ele usa uma gravata preta, com o nó solto e pousada sobre seu peito largo.

Ele dá a volta na mesa e caminha devagar em minha direção. É quando percebo o impacto total que ele causa. Engulo em seco. Esse homem é tão perfeito que dói. Seus cabelos loiro acinzentados são como se ele quase tivesse tentado criar um estilo, mas desistido. Seus olhos são verde-musgo, mas brilhantes e extremamente intensos, e a barba por fazer que cobre seu maxilar quadrado mal esconde os belos traços. Ele está ligeiramente bronzeado e simplesmente… Meu Deus, ele é devastador. Senhor do Solar?

– Srta. O'Shea. – Sua mão vem na minha direção, mas não consigo convencer meu braço a se levantar e responder ao cumprimento. Ele é lindo.

Quando não ofereço minha mão, ele estende os braços, segura meus ombros e se inclina para me beijar, seus lábios roçando de leve meu rosto em chamas. Meu corpo todo fica tenso. Posso ouvir meus batimentos latejando em meus ouvidos e, mesmo sendo totalmente inapropriado para uma reunião de negócios, não faço nada para impedi-lo. Estou um caos.

– É um prazer – ele sussurra em meu ouvido, o que só serve para me fazer gemer de leve. Ele deve ter sentido minha tensão – não é difícil, estou rígida – porque suaviza o toque e baixa os olhos ao nível dos meus, olhando diretamente dentro deles.

– Você está bem? – ele pergunta, um lado de sua boca se erguendo no lampejo de um sorriso. Noto uma única linha de expressão em sua testa.

Forço-me a sair de minha inércia ridícula, me dando conta de repente de que ainda não disse nada. Será que o sr. Jesse Ward notou a maneira como reagi a ele? E quanto ao Grandão? Olho para ele e vejo o sujeito enorme ali de pé, imóvel, os óculos no lugar, mas sei que seus olhos estão em mim. Mentalmente me dou um chacoalhão e recuo um passo, para me afastar de Ward e da maneira potente como me segura. Suas mãos pousam do lado do corpo.

– Oi. – Tusso para limpar a garganta. – Ava. Meu nome é Ava.

Ofereço minha mão, mas ele não tem pressa em aceitá-la, como se não tivesse certeza de que é seguro, mas… acaba aceitando.

Sua mão está úmida e ligeiramente trêmula quando ele aperta a minha com firmeza, e faíscas explodem, um olhar curioso perpassa seu lindo rosto enquanto nós dois recolhemos as mãos, em choque.

– Ava. – Ele experimenta meu nome em seus lábios, e é necessária toda a minha força para não gemer outra vez. Ele deveria parar de falar, imediatamente.

– Sim, Ava – confirmo. Agora é ele quem parece estar aéreo, em seu próprio nirvana, enquanto me dou cada vez mais conta do aumento da minha temperatura.

De repente ele parece voltar a si, enfiando as mãos nos bolsos da calça, enquanto balança a cabeça de leve, recuando alguns passos.

– Obrigado, John. – Ele faz um aceno de cabeça para o Grandão, que sorri de leve, suavizando suas feições duras, e então sai.

Estou sozinha com este homem, que me deixou sem fala, sem ação e praticamente inútil.

Ele indica dois sofás de couro marrom, posicionados um de frente para o outro, diante da janela, com uma grande mesa de centro no meio.

– Por favor, sente-se. Posso oferecer uma bebida? – Ele tira os olhos dos meus, indo em direção a um gabinete onde há várias garrafas de bebida alinhadas. Ele não quer dizer álcool, não é? É meio-dia. É muito cedo, mesmo para os meus padrões. Observo enquanto ele mexe no gabinete por um momento, antes de virar para me encarar novamente, aguardando uma resposta.

– Não, obrigada. – Balanço a cabeça enquanto falo, para o caso de não conseguir dizer as palavras.

– Água? – ele pergunta, aquele sorriso brincando nos cantos de sua boca.

Meu Deus, não olhe pra mim.

– Por favor – dou um sorriso nervoso. Minha boca está seca.

Ele pega duas garrafas de água do frigobar e vem na minha direção, e nesse momento eu convenço minhas pernas trêmulas a me carregar pela sala, até o sofá.

– Ava? – sua voz me atravessa, me fazendo perder o rumo.

Viro para olhar para ele. É uma má ideia, provavelmente.

– Sim?

Ele segura um copo daqueles usados para beber uísque.

– Quer um copo?

– Sim, por favor. – Ele deve me achar tão pouco profissional. Eu me acomodo no sofá de couro, pego meu portfólio e meu telefone da bolsa e os coloco na mesa, à minha

frente. Noto que minhas mãos estão tremendo.

Jesus Cristo, mulher! Acalme-se! Finjo anotar alguma coisa enquanto ele chega, colocando minha água e um copo na mesa antes de sentar no outro sofá, diante de mim e cruzar as pernas, o calcanhar repousando sobre a coxa. Ele se recosta. Está encontrando uma posição confortável, e o silêncio que recai sobre nós grita enquanto escrevo tudo e mais alguma coisa para evitar olhar para ele. Sei que terei que olhar para o homem e dizer algo em algum momento, mas todas as perguntas padrão saíram correndo e gritando do meu cérebro.

– Então, por onde começamos? – ele indaga, me forçando a olhar e lidar com sua pergunta. Ele sorri. Eu derreto.

Ele me observa por cima do gargalo da garrafa, que leva àqueles lábios adoráveis. Interrompo o contato visual, estendendo a mão para colocar água no meu copo. Estou lutando para acalmar meus nervos e ainda posso sentir seus olhos em mim. Isso é muito embaraçoso. Nunca um homem teve esse efeito em mim.

– Acho que você deveria me dizer por que estou aqui. – *Eu sei falar!* Volto a olhar para ele enquanto pego meu copo da mesa.

– Hã? – ele diz, em voz baixa. O cenho franzido aparece novamente. Mesmo assim, ele é lindo.

– Você pediu que eu viesse – insisto.

– Sim – ele responde apenas. Sorri outra vez. Eu tenho que desviar o olhar. Bebo um gole d’água para umedecer minha boca seca e limpo a garganta antes de reencontrar seu potente olhar.

– Então, posso perguntar por quê?

– Pode. – Ele descruza a perna e se inclina para colocar a garrafa na mesa, apoiando os braços nos joelhos, mas não diz mais nada. Ele não vai discorrer sobre o tema?

– Certo. – Faço um esforço para manter o contato visual. – Por quê?

– Ouvi coisas ótimas sobre você.

Sinto meu rosto queimar.

– Obrigada. Então por que estou aqui?

– Bem, para decorar. – Ele ri, e eu me sinto uma idiota, mas também um pouco irritada. Ele está rindo de mim?

– Decorar o que, exatamente? – pergunto. – Pelo que pude ver, está tudo perfeito. – Ele certamente não quer modernizar esse belo lugar. Casas de campo podem não ser minha especialidade, mas reconheço classe quando a vejo.

– Obrigado – ele diz suavemente. – Trouxe seu portfólio?

– Claro – respondo, inclinando-me para pegá-lo. Não consigo imaginar por que ele possa querer ver meu material. Nada ali se parece com esse lugar.

Coloco-o na mesa diante dele, esperando que ele o puxe para seu lado, mas, para meu terror, ele levanta seu corpo magro e bonito em um movimento fluido e vem até mim, sentando ao meu lado no sofá. Oh, Deus. Ele tem um cheiro divino – água fresca e menta. Prendo a respiração.

Ele se inclina para a frente e abre minha pasta.

– Você é muito jovem para ser uma designer tão bem-sucedida – ele pondera, virando

lentamente as páginas do meu portfólio.

Ele tem razão, eu sou, mas apenas porque Patrick me deu carta branca para a expansão de seus negócios. Em quatro anos, saí da faculdade, consegui um emprego em um ateliê de design de sucesso – que tinha estabilidade financeira, mas carecia do frescor de ideias modernas – e construí meu nome nas costas dele. Tive sorte e sou grata à fé de Patrick em minha capacidade. Isso, junto com meu contrato no Lusso, é a única razão por eu estar onde estou aos 26 anos.

Olho para sua bela mão, seu pulso adornado por um Rolex grafite e dourado.

– Quantos anos você tem? – deixo escapar. Ai, meu Deus. Meu cérebro virou ovos mexidos, e sei que acabo de corar em um tom forte de vermelho. Eu devia manter minha boca fechada. De onde isso veio?

Ele me olha com intensidade, seus olhos verdes queimando nos meus.

– Vinte e um – ele responde, irônico.

Eu dou um risinho de deboche, e suas sobrancelhas saltam em questionamento.

– Desculpe – balbucio, virando-me para a mesa. Estou perturbada. Ouço-o expirar pesadamente, e sua linda mão direita volta a virar as páginas de meu portfólio, a esquerda apoiada na ponta da mesa.

Não vejo aliança. Ele não é casado? Como é possível?

– Gosto muito disto aqui – ele aponta para fotos do Lusso.

– Acho que meu trabalho no Lusso não se encaixaria aqui – digo num fio de voz. É moderno demais; luxuoso, é verdade, mas moderno demais.

Ele levanta os olhos para mim.

– Tem razão, só estou dizendo… Gosto muito mesmo.

– Obrigada – enrubesço mais ainda sob o olhar dele, que me estuda atentamente antes de retornar ao meu portfólio.

Pego minha água, resistindo à tentação de despejá-la em mim mesma para tentar me refrescar, mas isso quase acontece quando seu joelho roça no meu. Mudo rapidamente de posição para romper o contato e, pelo canto dos olhos, posso ver um sorrisinho surgir em seus lábios. Ele está fazendo isso de propósito. É mais do que posso suportar.

– Você tem um banheiro? – pergunto, enquanto ponho meu copo de volta na mesa e me levanto. Estou um completo caos.

Ele se levanta rapidamente, recuando para me deixar passar.

– Passando a sala aberta, à esquerda – diz, sorrindo. Ele sabe que me afeta. Da maneira como sorri, conscientemente, aposto que ele vê esse tipo de reação nas mulheres o tempo todo.

– Obrigada – digo me esgueirando entre a mesa e o sofá, tarefa dificultada por ele, que não faz o menor esforço para me dar mais espaço. Tenho quase que roçar meu corpo no dele, e isso me faz prender a respiração até me libertar do contato físico.

Caminho em direção à porta, sentindo os olhos dele em mim, queimando meu vestido e então viro o pescoço para tentar me livrar do arrepio que percorre minha nuca.

Cambaleando para fora de seu escritório, sigo pelo corredor antes de perambular pela sala de verão e seguir atarantada para os lavatórios ridiculamente chiques. Apoio o corpo na pia e me olho no espelho.

– Pelo amor de Deus, Ava. Recomponha-se! – falo com desdém para minha imagem no espelho.

– Conheceu o Senhor, não foi?

Viro e encontro uma senhora muito atraente, arrumando os cabelos do outro lado do recinto. Não tenho ideia do que dizer, mas ela acaba de confirmar o que eu imaginava – ele tem esse efeito em todas as mulheres. Meu cérebro falha em me fornecer algo apropriado para dizer, então eu apenas sorrio.

Ela me sorri de volta, achando graça e ciente da razão do meu estado, antes de desaparecer do banheiro. Se não estivesse tão febril e nervosa, eu talvez tivesse vergonha de minha condição óbvia. Mas estou febril e estou nervosa, então deixo de lado minha humilhação, respiro fundo algumas vezes e lavo minhas mãos úmidas com o caríssimo sabonete líquido. Eu deveria ter trazido minha bolsa. Um pouco de hidratante nos meus lábios faria bem. Minha boca ainda está seca, e meus lábios sofrem as consequências.

Está bem, eu preciso voltar lá, descobrir os detalhes do projeto e ir embora. Meu coração está implorando por um alívio. Estou morta de vergonha de mim mesma. Prendo meus cabelos de novo e saio do banheiro, fazendo o caminho de volta para o escritório do sr. Ward. Não sei se vou ser capaz de trabalhar para esse homem, estou simplesmente impressionada demais com ele.

Bato antes de entrar, encontrando-o sentado no sofá, olhando meu portfólio. Ele levanta os olhos para mim, sorri e agora sei que preciso mesmo ir embora. Não posso trabalhar com esse homem. Cada molécula de inteligência e capacidade cerebral que possuo foi eliminada de meu corpo por sua presença. E o pior é que ele sabe disso.

Tenho uma conversa motivacional comigo mesma enquanto me dirijo à mesa, ignorando o fato de que ele segue cada movimento meu. Apesar de se recostar no sofá para que eu me esgueire de volta passando por ele, não faço isso. Eu me sento na beira do sofá oposto.

Ele me lança um olhar intrigado.

– Você está bem?

– Sim, estou ótima – respondo, breve. Ele sabe. – Gostaria de me mostrar onde pretende realizar o projeto, para podermos discutir suas necessidades? – imprimo confiança à minha voz. Estou seguindo o protocolo agora. Não tenho a menor intenção de assumir esse contrato, mas não posso simplesmente sair andando; por maior que seja a tentação.

Ele levanta as sobrancelhas, surpreso com minha mudança na abordagem.

– Claro – ele se levanta do sofá e vai até sua mesa para pegar seu celular, enquanto guardo minhas coisas na bolsa e sigo seu gesto para tomar a frente.

Ele me ultrapassa rapidamente, abrindo a porta e fazendo uma reverência exagerada. Dou um sorriso polido – mesmo sabendo que ele está brincando comigo – e saio para o corredor, em direção à sala de verão. Meu corpo fica tenso quando ele coloca a mão na base das minhas costas, para me guiar.

Que brincadeira é essa? Faço o máximo para ignorar, mas teria que estar morta para não perceber o efeito que esse homem me causa. E sei que ele sabe. Minha pele queima

– quase com certeza aquecendo sua mão através do meu vestido –, não consigo manter minha respiração sob controle e caminhar e conversar ao mesmo tempo exige toda a coordenação e esforço que possuo. Eu me sinto patética, e é óbvio que ele está adorando as reações que arranca de mim. Deve estar achando tudo muito divertido.

Com raiva de mim mesma, aperto o passo para desfazer o contato, parando quando atinjo um ponto em que há duas rotas possíveis.

Ele me alcança, apontando para as quadras de tênis do outro lado do gramado.

– Você joga?

Dou uma risada confortável.

– Não, eu não jogo. – Eu corro, mas é só; me dê um taco, uma raquete ou uma bola e terá problemas. Os cantos de sua boca se erguem em um sorriso largo diante da minha reação, realçando o verde de seus olhos e seus cílios generosos. Eu sorrio, balançando a cabeça, maravilhada com esse homem glorioso. – E você? – pergunto.

Ele segue pelo hall de entrada, seguido por mim.

– Jogo de vez em quando, mas gosto mais de esportes radicais. – Ele para, e eu freio atrás dele.

Está em perfeita forma.

– Que tipo de esporte radical?

– Snowboarding principalmente, mas já experimentei rafting, bungee jumping e skydiving. Sou meio viciado em adrenalina. Gosto de sentir o sangue pulsar – ele me observa enquanto fala, me fazendo sentir analisada. Eu teria de estar anestesiada para me meter em qualquer desses passatempos de fazer o sangue pulsar. Prefiro continuar correndo de vez em quando.

– Radical – digo, estudando esse homem magnífico, cuja idade desconheço.

– Muito radical – ele confirma, em voz baixa. Perco o fôlego novamente e fecho os olhos, gritando comigo mesma por ser tão boba.

– Podemos continuar? – ele pergunta. Percebo um tom de humor em sua voz. Abro os olhos e dou de cara com aquele verde penetrante.

– Sim, por favor.

Eu gostaria que ele parasse de me olhar desse jeito. Ele dá outro meio sorriso e caminha até o bar, cumprimentando dois homens com tapinhas nos ombros. Os homens são muito atraentes, jovens – provavelmente perto dos trinta – e bebem cerveja.

– Esta é a Ava. Ava, esses são Sam Kelt e Drew Davies.

– Boa tarde – diz Drew. Ele é charmoso, com seu jeito forte, seus cabelos pretos perfeitamente arrumados, seu terno impecável e seus olhos astutos. Parece ser um homem de negócios inteligente e confiante.

– Olá – sorrio educadamente.

– Bem-vinda à cúpula do prazer – Sam ri, levantando a garrafa. – Posso oferecer um drinque?

Percebo que Ward balança a cabeça e revira os olhos. Sam sorri. Ele é o oposto de Drew – casual e mais informal, de jeans velhos, camiseta e tênis. Tem um ar atrevido e uma covinha na bochecha esquerda. Seus olhos azuis brilham, contribuindo para seu jeito de menino, e seus cabelos castanhos, na altura dos ombros, estão um pouco

despenteados.

– Não, estou bem, obrigada – respondo.

Ele se vira para Ward.

– Jesse?

– Não, estou bem. Estou só fazendo um tour pelo local com Ava. Ela vai trabalhar nos ambientes internos – ele diz, sorrindo para mim.

Não se eu puder escolher, rio comigo mesma. E de qualquer forma, ele está colocando o carro na frente dos bois, não está? Não discutimos valores, ideias, nada, na verdade.

– Já era hora. Nunca há quartos disponíveis. – Drew resmunga praticamente dentro da garrafa.

– Como foi esquiar em Cortina? – pergunta Sam.

Ward senta-se em outro banco.

– Incrível. O estilo italiano de esquiar se parece muito com o próprio estilo de vida despretensioso deles – ele diz abertamente, o primeiro sorriso de fato sincero que vejo desde que pus meus olhos nele: perfeito, branco e sensual. Esse homem é um deus. – Eu acordava tarde, encontrava a montanha perfeita, descia até minhas pernas começarem a fraquejar, fazia uma *siesta*, almoçava tarde e fazia tudo de novo no dia seguinte – ele se dirige a todos, mas olha para mim.

Não consigo evitar retribuir o sorriso.

– Você é bom? – pergunto, porque é só o que me vem à mente. Imagino que seja bom em tudo.

– Muito – ele confirma, em voz baixa. Faço um meneio de cabeça em sinal de aprovação e, por alguns segundos, nossos olhares se cruzam, mas sou a primeira a desviar.

– Vamos? – ele pergunta, levantando-se e apontando para a saída.

– Sim – sorrio. Supostamente, eu estou aqui para trabalhar, afinal. Tudo o que consegui até agora foi uma onda de calor e uma aula de esportes radicais. Sinto como se estivesse em transe.

Dou um sorriso de despedida para os dois rapazes no bar, o que os faz levantar os garrafas, antes de continuarem a conversar. Seguindo em direção à porta que leva de volta ao hall de entrada, sigo-o bem de perto. Ele está próximo demais, posso sentir seu cheiro. Fecho os olhos, pedindo a Deus que me permita acabar logo com isso com um mínimo de dignidade intacta. Jesse Ward é intenso demais e pulveriza meus sentidos em milhões de direções diferentes.

– E agora, a atração principal – ele começa a subir os largos degraus da escada, e sigo em direção a uma enorme galeria no andar de cima.

– Esses são os quartos privados – ele diz, apontando para várias portas.

Eu o sigo, admirando suas belas costas, pensando que ele provavelmente tem o andar mais sexy que já tive o privilégio de ver. Quando consigo tirar meus olhos de seu traseiro firme, vejo que há pelo menos vinte portas, distribuídas de maneira uniforme, que levam aos quartos. Ele me conduz até alcançarmos outra grande escadaria que dá acesso a outro andar, ao pé dela uma linda janela em vitral e uma arcada que dá para outra ala.

– Esta é a extensão – ele me leva pela nova área da mansão. – Aqui é onde preciso de sua ajuda – continua, parando diante de um corredor que leva a outros dez quartos.

– Isso tudo é novo? – pergunto.

– Sim. São apenas estruturas nesse momento, mas tenho certeza de que você vai consertar isso. Me deixe mostrar.

Fico mais que chocada quando ele pega minha mão, puxando-me pelo corredor até a última porta. *Que impróprio!* Sua mão ainda está úmida, e a minha, tenho certeza, treme. A sobrancelha levantada e o sorriso que ele me dirige me dizem que estou certa. Há uma espécie de corrente de alta tensão fluindo entre nós – e me faz estremecer.

Ele abre a porta e me leva a um quarto recém-acabado. É espaçoso, e as novas janelas combinam perfeitamente com as da propriedade original. Quem quer que as tenha construído fez um trabalho excelente.

– São todos grandes assim? – indago, mexendo os dedos até ele soltar minha mão. Será que ele se comporta assim com todas as mulheres?

– Sim.

Caminho até o centro do quarto, olhando em volta. Tem um bom tamanho. Noto que há outra porta.

– Suíte? – pergunto, indo até lá.

– Sim.

Os cômodos são imensos, especialmente para os padrões de um hotel. É possível fazer muita coisa neles. Eu estaria animada, se não estivesse tão preocupada com o que se espera de mim. Não é o Lusso. Saio do banheiro e encontro Ward encostado na parede, com as mãos nos bolsos, olhos semicerrados e pupilas dilatadas, me observando. Meu Deus, o homem é sexo ambulante. Estou quase decepcionada que o design tradicional não esteja no meu histórico de trabalho. Não me interessa nem um pouco.

– Acho que não sou a pessoa certa para esse trabalho. – pareço triste, o que é bom, porque estou mesmo. Estou triste comigo mesma por não conseguir me recompor.

Ele me olha, aqueles olhos cor de musgo apunhalando minhas defesas, me fazendo ter dificuldade de encontrar equilíbrio.

– Acho que você tem o que eu quero – ele diz num sussurro.

– Sempre trabalhei com luxo moderno. – Olho para o quarto todo de novo, voltando devagar o olhar para ele. – Estou certa de que você ficaria mais feliz trabalhando com Patrick ou Tom. Eles lidam com os projetos de época.

Ele pensa no que eu disse por um instante, balança a cabeça daquele jeito já familiar e se afasta da parede usando os ombros como alavanca.

– Mas eu quero você.

– Por quê?

– Você tem jeito de que vai ser boa.

Um suspiro involuntário escapa dos meus lábios ao ouvir suas palavras. Não sei o que pensar sobre essa afirmação. Ele fala das minhas habilidades em design ou de outra coisa, porque o olhar que me dirige me diz que é a segunda opção. Ele é bastante autoconfiante.

– Qual é o estilo? – pergunto, porque todas as outras palavras me falham. Estou

corando de novo.

Um sorriso brinca nos cantos de sua boca.

– Sensual, íntimo, luxuoso, estimulante, revigorante... – ele faz uma pausa para avaliar minha reação.

Faço uma careta. Não é um *briefing* que se ouve sempre. Relaxante, funcional e prático nem foram mencionados.

– Está bem, algo em particular que eu deva acrescentar? – pergunto. Por que me dou ao trabalho de fazer essas perguntas?

– Uma cama bem grande e muitos objetos na parede.

– Que tipo de objetos?

– Grandes, de madeira. Ah, e a iluminação precisa favorecer.

– Favorecer o quê? – não consigo esconder o tom confuso.

Ele sorri, e eu me dissolvo no ato em uma poça de hormônios.

– Bem, o estilo, é claro.

Meu Deus, ele deve me achar uma figura.

– Sim, claro. – Levanto os olhos e vejo vigas grossas que cortam o teto. O prédio é novo, mas não são vigas falsas.

– Todos os quartos têm isso? – volto os olhos para os dele.

– Sim, elas são essenciais – sua voz é grave e sedutora. Não sei o quanto vou poder suportar.

Pego meu bloco para fazer anotações.

– Alguma cor que eu deva usar ou evitar?

– Não. Se jogue.

Levanto rapidamente a cabeça para olhar para ele.

– Como é?

Ele sorri.

– Fique à vontade.

Bem, não vou me jogar coisa nenhuma porque ele não vai mais me ver aqui, mas é melhor eu pegar todas as informações possíveis para passar a Patrick ou Tom, com um mínimo de boa vontade.

– Você mencionou uma cama grande. Algum tipo em particular? – pergunto, tentando manter o tom profissional.

– Não. Só precisa ser bem grande.

Eu paro a anotação no meio, levantando os olhos devagar e o flagro me encarando. Está me deixando ridiculamente nervosa.

– E quanto à mobília?

– Sim, muita – ele se aproxima. – Gostei do seu vestido – ele sussurra.

Puta merda, preciso sair daqui!

– Obrigada – digo com a voz esganiçada, indo para a porta. – Já tenho tudo de que preciso. – Não tenho, mas não posso mais ficar aqui. Esse homem é um dreno sensorial para mim. – Vou pensar em algumas ideias – saio para o corredor, me encaminhando para a galeria no alto das escadas.

Inferno, quando acordei hoje de manhã, essa era a última coisa que esperava. Uma

mansão chique no campo – com um proprietário lindo de doer para completar o pacote – não faz parte da minha rotina diária.

Encontro a escada, descendo com uma velocidade absurda, considerando os saltos que estou usando, e chego ao piso de madeira encerado, me perguntando como fui parar ali. Estou um caos.

– Espero notícias suas, Ava – a voz rouca percorre minha pele quando ele se junta a mim no pé das escadas, estendendo a mão. Eu o cumprimento por medo de que, se não o fizer, ele me segure e me beije novamente.

– Você tem um hotel adorável – digo com sinceridade, desejando que no conteúdo de minha bolsa houvesse calcinhas, um venda, protetores de ouvido e algum tipo de armadura. Eu estaria mais preparada.

Suas sobrancelhas se erguem enquanto ele mantém sua mão na minha e a aperta lentamente, a energia que atravessa nossas mãos unidas deixam meu corpo todo tenso.

– Tenho um hotel adorável – ele repete, pensativo. A energia se transforma em um raio de eletricidade, e recolho minha mão num reflexo. Ele me olha de maneira inquisitiva. – Foi realmente muito bom conhecer você, Ava – ele diz, com ênfase no *realmente*.

– Você também – eu praticamente sussurro.

Observo a mudança rápida em seu olhar e a maneira como ele começa a morder o lábio inferior. Seu corpo inquieto eventualmente se dirige à mesa de centro no hall de entrada, onde ele escolhe um copo-de-leite do grande arranjo que domina a peça. Ele a estuda por um momento antes de entregá-la a mim.

– Elegância discreta – ele diz, com suavidade.

Eu não sei por que o faço – talvez porque meu cérebro tenha virado purê – mas eu a aceito.

– Obrigada.

Ele põe a mão agora vazia no bolso, atento a mim.

– Não tem mesmo de quê – seu olhar baixa dos meus olhos para os meus lábios. Recuo alguns passos.

– Aí está você! – uma mulher sai do bar e caminha em direção a Ward. Ela é bonita: loira, de estatura média, cabelos cortados em camadas e lábios vermelhos e carnudos. Ela o beija no rosto.

– Está pronto?

Ok, eu imagino que essa deva ser a esposa. Mas não havia nenhuma aliança, então talvez seja a namorada? Seja o que for, o que me deixa embasbacada é que ele não tira os olhos de mim, sem a menor intenção de responder à pergunta. Ela se vira para ver o que está roubando a atenção dele e me olha com desconfiança. Antipatizo instantaneamente com ela, e isso nada tem a ver com o homem em quem ela está pendurada.

– E você é…? – ela ronrona.

Mudo de posição, desconfortável, como se tivesse sido apanhada fazendo uma travessura. Bem, fui. Eu estava tendo reações extremamente indesejáveis por causa do namorado dela. Uma pontada irracional de ciúme me apunhala. Que ridículo!

– ...alguém que está indo embora. Adeus – dou meia-volta, praticamente correndo em direção à porta e me lançando escada abaixo. Salto para dentro do meu carro, soltando o ar ruidosamente e, quando meus pulmões agradecem pelo oxigênio bem-vindo, relaxo no assento e trato de trazer a respiração ao normal.

Vou ter que passar esse trabalho para Tom. Mas logo dou risada da ideia estúpida. Tom é gay. Ward terá sobre ele o mesmo efeito que tem sobre mim. Mesmo sabendo que ele tem dona, eu não poderia trabalhar com ele. Balanço a cabeça, incrédula e dou a partida no carro.

Seguindo pela trilha de pedras, olho pelo espelho retrovisor para O Solar, que vai diminuindo com a distância e lá, parado no alto dos degraus, me vendo partir, está Jesse Ward.

– Aí está você! Eu já ia ligar – Kate exclama, sem tirar os olhos da tarefa de colocar bonequinhos no bolo que está decorando. Está de língua de fora. Isso me faz rir.

– Vamos sair? – ela ainda não levanta o olhar.

Ainda bem. Estou certa de que meu rosto vai entregar qualquer tentativa de parecer calma. Ainda estou um pouco perturbada depois da reunião na hora do almoço com um certo Senhor do Solar. Não tenho energia para me arrumar e sair.

– Vamos guardar forças para amanhã? – sugiro. Sei que isso vai significar uma garrafa de vinho no sofá, mas pelo menos assim posso vestir meu pijama e sossegar. Depois do dia que tive, desanuviar minha mente inquieta é primordial. Minha cabeça dói, e não consegui me concentrar o dia todo.

– Claro. Vou só terminar esse bolo e sou toda sua – ela vira o bolo de frutas no suporte, aplicando cola comestível na cobertura. – Como foi seu dia no campo?

Dou risada. O que dizer? Eu esperava um caipira, mas encontrei um deus de terno e irresistivelmente bonito. Minha presença foi requisitada especificamente, seu toque me transformou em lava, não consegui olhar nos seus olhos por medo de desmaiar, e ele gostou do meu vestido. Em vez disso, eu disse:

– Interessante.

Ela tira os olhos do bolo.

– Pode contar – ela incentiva, seus olhos brilhando enquanto volta a se inclinar sobre o bolo, a língua de fora de novo.

– Não foi como eu esperava – tiro um fiapo de linha imaginário do meu vestido para parecer casual.

– Deixe de lado o que esperava e me conte o que viu. – Ela para de tentar fixar marido e esposa no topo do bolo, e seus olhos me encaram, curiosos. Ela tem cobertura na ponta do nariz, mas ignoro o fato.

– O proprietário – dou de ombros, mexendo no meu cinto.

– O proprietário? – ela pergunta, os lábios insinuando um sorriso.

– Sim. Jesse Ward, o proprietário – tiro mais fiapos imaginários do vestido.

– Jesse Ward, o proprietário – ela me imita, apontando para um das altas poltronas de estampa floral em seu ateliê.

– Sente agora! Por que está tentando soar *blasé*? Não está funcionando nem um pouco, a propósito. Suas bochechas estão da cor daquela cobertura – ela aponta para um bolo de caminhão de bombeiros na prateleira de metal. – Por que Jesse Ward, o proprietário, não é o que você esperava?

Desabo na cadeira com a bolsa no colo, enquanto Kate bate o cabo da espátula na palma da mão. Finalmente ela se aproxima e senta na cadeira diante de mim.

– Desembuche – ela pressiona.

Dou de ombros.

– O homem é atraente e sabe disso – vejo seus olhos se iluminarem enquanto a frequência das batidas da espátula em sua mão aumenta. Ela quer mais drama. Ela ama isso. Quando Matt e eu nos separamos, ela foi a primeira a chegar para lidar com o espetáculo como uma boa amiga. Não precisava ter se incomodado. Ninguém atirou pratos, e os vizinhos não chamaram a polícia.

– Quantos anos? – ela pergunta, interessada.

– Ele disse vinte e um, mas tem pelo menos dez anos a mais que isso.

– Você perguntou? – O queixo de Kate bate no colo.

– Sim, em um momento em que meu filtro social deu defeito, a pergunta escapou. Não que eu esteja orgulhosa – resmungo. – Eu me comportei como uma boba, Kate. Um homem nunca me deixou assim antes. Mas esse… Bem, você teria vergonha de mim.

Uma risada histérica escapou de sua boca.

– Ava, preciso ensinar você a se comportar socialmente! – ela se recosta na cadeira e começa a lamber a cobertura na espátula.

– Faça isso, por favor – reclamo, estendendo a mão. Ela me passa a espátula, e começo a lamber pelas bordas. Estou morando com Kate há um mês e sobrevivo de vinho, açúcar de confeiteiro e massa de bolo. Não passei pela fase da falta de apetite pós-rompimento. – Ele tem muita autoconfiança – comento, entre lambidas.

– Do tipo?

– Ah, esse homem sabia que estava causando reações em mim. Deve ter sido sofrível de ver. Fui patética.

– Bom assim, é?

Balanço a cabeça, pasma.

– Ridiculamente.

– Deve ser péssimo na cama – Kate elucubra. – Todos os muito gostosos são. Qual é o *briefing*?

– Dez novos quartos na ala ampliada. Pensei que estava indo a uma mansão no campo, mas é um mega-hotel-spa superchique: O Solar. Já ouviu falar?

Kate franze o rosto, com uma expressão de quem nunca ouviu falar.

– Não – ela responde, levantando-se para desligar o forno. – Posso ir, da próxima vez?

– Não, não vou voltar. Eu jamais conseguiria olhar nos olhos dele de novo, não depois da minha performance – levanto da cadeira e jogo a espátula na tigela vazia de massa de bolo. – Passei o trabalho para Patrick. Vinho?

– Na geladeira.

Cada uma vai para o seu quarto colocar o pijama. Deixo minha bolsa sobre a cama, e ela se abre, mostrando o copo-de-leite que Ward me deu. Elegância discreta. Pego a flor e giro nos meus dedos por um momento, antes de jogá-la no lixo.

Coloco o último lançamento da locadora no aparelho de DVD, me acomodo no sofá com Kate e tento me concentrar no filme, mas é impossível. Minha mente está tomada por um loiro de olhos verdes alto, magro e de idade desconhecida, com um andar sexy e toneladas de sex appeal. Adormeço com as palavras “Mas eu quero você” ricocheteando na cabeça.

Capítulo 3

Após duas reuniões com clientes e uma visita à nova casa da sra. Muller, em Holland Park, para deixar amostras, estou de volta ao escritório e ouvindo Patrick reclamar de Irene. É uma típica manhã de segunda-feira, depois de ele enfrentar um fim de semana inteiro longe do escritório, com a esposa.

Tom chega com um sorriso largo no rosto, e sei imediatamente que ele deve ter se dado bem no fim de semana.

– Querida, que saudade! – Ele se aproxima de mim e beija o ar, virando-se para Patrick em seguida, que levanta as mãos em um gesto de "não se atreva". Tom revira os olhos, nada ofendido, e vai para sua mesa.

– Bom dia, Tom – cumprimento alegre.

– Tive uma manhã superestressante. O sr. e a sra. Baines mudaram de ideia pela milésima vez. Tive que cancelar todos os pedidos e reorganizar uma dúzia de operários – ele agita os braços, frustrado. – Levei uma maldita multa por não deixar à mostra a autorização para trafegar em área residencial e, para completar, enrosquei o fio do meu suéter novo naquelas grades horrendas do lado de fora da Starbucks. – ele puxa os fios de lã soltos de sua blusa com gola V de um forte tom de rosa. – Que inferno, olha só! Ainda bem que fiz sexo ontem à noite ou estaria desesperado – ele sorri para mim.

Eu sabia.

Patrick sai de perto, balançando a cabeça. Suas tentativas de fazer Tom ter modos mais apropriados para um ambiente de trabalho provaram ser totalmente ineficazes. Ele já tinha desistido.

– Noite boa?

– Maravilhosa. Conheci um homem divino. Ele vai me levar ao Museu de História Natural no fim de semana. É cientista. Somos almas gêmeas, sem dúvida.

– O que aconteceu com o personal trainer? – A alma gêmea da semana passada.

– Nem comece. Foi um desastre. Ele apareceu no meu apartamento na sexta-feira à noite com um DVD de *Dirty Dancing* e comida indiana para dois. Acredita?

– Estou chocada – alfineto.

– Também fiquei. Nem preciso dizer que não vou mais sair com ele. O que está acontecendo com você, querida? Como vai aquele seu ex-namorado gato? – ele pisca. Tom não esconde sua atração por Matt, o que me faz rir, mas deixa Matt muito desconfortável.

– Ele está bem. Ainda é o ex e ainda é hetero.

– Uma pena. Me avise quando ele tomar juízo – Tom se afasta, arrumando seu já

perfeito cabelo loiro.

– Sally – chamo. – Estou encaminhando por e-mail o valor da visita para o sr. Ward. Você manda ainda hoje?

– Pode deixar, Ava. Faturamento em sete dias?

– Sim, obrigada. – Fico de frente para minha mesa, para voltar à tarefa de combinar cores, mas acabo alcançando meu telefone que começa a vibrar, dançando pela mesa. Dou uma olhada na tela e quase caio da cadeira quando leio o nome *Jesse*. Que diabos?

Não anotei o número dele – Patrick não chegou a me dar, quando me passou o trabalho e, depois que eu o devolvi a ele o projeto na sexta-feira, não precisava mais. Eu não voltaria mais mesmo, estava decidida. E, mesmo assim, não salvaria o telefone com o primeiro nome. Com o aparelho na mão, olho em volta para checar se o toque insistente chamou a atenção de algum de meus colegas. Não, ao que parece, então deixo tocar. O que ele quer?

Vou à sala de Patrick perguntar se ele tinha notificado o sr. Ward da mudança de planos, mas o telefone toca de novo, me fazendo congelar. Respiro fundo e atendo.

– Alô – digo, batendo o pé de raiva por saber que meu cumprimento soou apreensivo. Eu queria ter soado decidida e confiante.

– Ava? – A voz rouca tem o mesmo impacto causado em meus sentidos na sexta-feira. Pelo menos ao telefone ele não pode me ver tremendo.

– Quem fala? – pronto. Isso soa melhor; profissional, sem intimidade e firme.

Ele ri ligeiramente, o que me pega desprevenida.

– Eu sei que você já sabe a resposta para essa pergunta, porque meu nome apareceu na tela do seu celular. – Eu me encolho. Tentando parecer desinteressada?

Como ele sabe disso? É quando me dou conta.

– Você inseriu seu número na minha lista de contatos? – pergunto, num sobressalto. Quando ele fez isso? Penso na nossa reunião e lembro que fui ao banheiro, quando deixei meu portfólio e meu celular na mesa. Não acredito que ele mexeu no meu telefone!

– Eu precisava saber como entrar em contato com você.

Ah, não. Patrick obviamente não disse nada. Mesmo assim, você não bisbilhota no telefone de estranhos.

– Patrick deveria ter entrado em contato com você – informo, friamente. – Infelizmente não vou poder trabalhar com você, mas Patrick ficará feliz em ajudá-lo.

– Sim, Patrick entrou em contato – ele responde. Relaxo, mas logo caio em mim, franzindo as sobrancelhas. Então por que ele está me ligando?

– Tenho certeza de que ele ficará feliz em ajudar, mas não fico tão feliz em aceitar.

Estou boquiaberta. Quem ele pensa que é? Ele me ligou para dizer que não está feliz? Fecho a boca.

– Sinto muito em ouvir isso – minha voz indica que não sinto muito coisa nenhuma, e que estou irritada.

– Sente?

Não, não sinto, mas não vou dizer isso a ele.

– Sim, sinto. – Quero acrescentar que não poderia trabalhar com um porco arrogante e lindo como ele, mas me contenho. Não seria muito profissional de minha parte.

Ouço-o suspirar.

– Acho que não sente muito, Ava. – Meu nome soa como veludo saindo de seus lábios, fazendo um tremor familiar me percorrer. – Acho que você está me evitando.

Estou apertando os dentes com tanta força que vou acabar deslocando o maxilar. Ele está certo, claro. Ele dispara sensações indesejadas em mim.

Mas, até aí, não vou deixá-lo saber que está certo.

– E por que eu faria isso? – pergunto, petulante.

– Bem, porque você se sente atraída por mim.

– Como é que é? – disparo. A presunção dele não tem limites. Ele não tem vergonha? O fato de ter acertado na mosca não vem ao caso. Qualquer uma teria que estar cega, surda e anestesiada para não ficar atraída por esse homem. Ele é a epítome da perfeição masculina e sabe disso. Ouço um suspiro.

– Eu disse…

– Sim, eu ouvi – interrompo. – Só não acredito que você teve a coragem de dizer.

Estou completamente abismada. O sujeito tem namorada e está flertando comigo? Preciso trazer essa conversa de volta aos negócios e desligar rápido.

– Sinto muito por não estar disponível para trabalhar com você – falo depressa e desligo, encarando o telefone.

Fui rude e nada profissional, mas estou perplexa com a ousadia. Ter passado esse contrato para Patrick me parece a cada minuto mais racional. Meu telefone apita, e vejo que recebi uma mensagem de texto.

Percebi que você não negou. Saiba que o sentimento é mútuo. Um beijo, J.

Merda! Tampo a boca com a mão para impedir que os palavrões escapem. Não, não neguei. E *ele* está atraído por *mim*? Sou um pouco jovem para ele, ou ele é muito velho para mim? Que babaca metido! Não respondo – não faço ideia do que dizer.

Em vez disso, jogo o telefone na bolsa e vou encontrar Kate para o almoço.

– Meu Deus! – Kate exclama, olhando para o meu celular. Seus cabelos ruivos balançam de um lado para outro no rabo de cavalo, rente à cabeça. – Você respondeu?

– Não! – Dou risada.

– E ele tem namorada?

– Sim – digo, erguendo as sobrancelhas.

Ela coloca meu telefone de volta na mesa.

– Uma pena.

É? Na verdade, isso torna as coisas muito mais fáceis. Ajuda a conter as reações que ele desperta em mim. Kate é muito mais ousada que eu. Ela teria respondido com algo

chocante e sugestivo, que faria o queixo *dele* cair. Confiante, assertiva e determinada, na maioria das vezes ela afugenta os homens no primeiro encontro – só os mais fortes sobrevivem.

– Na verdade, não – pondero, bebendo um gole do vinho que acompanha meu almoço. – De qualquer forma, faz só quatro semanas que Matt e eu terminamos. Não quero nenhum homem na minha vida, de jeito nenhum. – Gosto da maneira como soo decidida. – Estou gostando de ser solteira e desimpedida pela primeira vez em muito tempo – acrescento. E parece mesmo que é pela primeira vez na vida. Fiquei com Matt por quatro anos e, antes disso, tive um relacionamento de três anos com Adam.

– Tem visto o verme? – O rosto de Kate se contorce em uma expressão de nojo à menção do nome do meu ex.

Ela não suporta Matt e adorou quando me separei dele. O fato de Kate tê-lo flagrado com uma colega de trabalho em um táxi só confirmou o que eu já sabia. Não sei por que ignorei o fato por tanto tempo. Quando o confrontei calmamente, ele se desmanchou em pedidos de perdão e quase caiu quando eu disse que não me importava. E não importava mesmo, para minha própria surpresa. O relacionamento já tinha se desgastado, e Matt tinha a mesma opinião.

– Não – confirmo.

– Estamos nos divertindo, não estamos? – ela sorri, no momento em que a garçonete se aproxima com nosso almoço.

– Vou ao banheiro – levanto, deixando Kate mergulhada em suas batatas fritas na maionese.

Depois de usar o lavabo, paro em frente ao espelho para retocar o batom e arrumar os cabelos. Eles estão se comportando hoje, então os deixei soltos, para cair em cascata sobre meus ombros. Aliso minha calça capri preta, tiro cabelos soltos da blusa creme e faço o caminho de volta para o bar. Meu telefone toca, e eu o tiro da bolsa, revirando os olhos quando vejo que é ele de novo. Deve estar se perguntando onde está a resposta para seu torpedo inapropriado. Não vou entrar no jogo.

– "Rejeitar" – bufo para o telefone, apertando com força o botão vermelho e guardando-o na bolsa, enquanto sigo pelo corredor. – Meu Deus, me desculpe! – gaguejo, ao me chocar contra um corpo.

O corpo em questão é um belo tórax, e o perfume intoxicante de água fresca que me invade é muito familiar. Minhas pernas se recusam a sair do lugar, e sei o que vou ver se olhar para cima. Seu braço já está em torno de minha cintura para me apoiar, meus olhos, na altura de seu peito, e posso ver seu coração batendo através da camisa.

– "Rejeitar"? – ele diz em voz baixa. – Estou magoado.

Eu me afasto de seu alcance, tentando recuperar a compostura. Ele está sensacional, de terno grafite e camisa branquíssima. Rio de mim mesma e de minha incapacidade de olhar acima de seu pescoço, por medo de ficar hipnotizada pela força dos olhos verdes desse homem.

– Algo engraçado? – ele pergunta. Suspeito que esteja bravo com minha explosão de risos aleatória, mas, como me recuso a olhar para ele, não obtenho confirmação.

– Desculpe, não olhei para onde ia. – Desvio, mas ele me segura pelo cotovelo,

impedindo que eu escape.

– Só me diga uma coisa antes de ir, Ava. – Sua voz adentra em meus sentidos, e me pego subindo os olhos por seu corpo até nosso olhar se encontrar. Sua expressão é séria, mas ainda impressionante. – Você vai gritar muito alto quando eu comer você?

O QUÊ?

– Como é? – consigo gaguejar em torno do chumbo que é minha língua.

Ele sorri diante do meu choque, pousando o dedo indicador no meu queixo e fechando minha boca.

– Essa eu deixo pra você. – E então solta meu cotovelo.

Lanço um olhar de desprezo antes de voltar para a mesa com a estabilidade frágil que minhas pernas permitem. Deslizo na cadeira e viro meu vinho de um só gole, na tentativa de umedecer minha boca seca.

Quando olho para Kate, ela está de boca aberta, expondo as batatas fritas e o pão mastigados. Não é uma imagem bonita.

– Cacete, quem é aquele? – ela balbucia de boca cheia.

– Quem? – olho em volta, fingindo não saber de quem ela fala.

– Ele – ela aponta com o garfo. – Olhe!

– Eu vi. E não sei – respondo com desprezo.

– Ele está vindo para cá. Tem certeza de que não o conhece? Caramba, que gostoso! – Ela olha para mim, e dou de ombros, pegando um pedaço de alface do meu sanduíche e mordiscando as beiradas. Estou tensa e sei que ele se aproxima, porque o olhar de Kate se eleva para acompanhar a altura dele. Ela podia fechar essa boca aberta!

– Senhoritas – a voz rouca e grave pinica minha pele, contribuindo em nada para que eu relaxe.

– Olá – Kate cospe, mastigando rápido para desobstruir a boca e poder falar.

– Ava? – ele diz, e aceno com minha folha de alface para registrar sua presença, sem, no entanto, ter de olhar para ele, que ri de leve. Pelo canto dos olhos, vejo-o agachar ao lado da mesa, mas ainda me recuso a olhar. Ele pousa um braço sobre a mesa, e ouço Kate tossir e engasgar com os restos de sua comida.

– Assim é melhor – ele diz. Posso sentir sua respiração no meu rosto.

Com relutância, levanto os olhos e encontro Kate me olhando atônita – de olhos arregalados e como quem diz “ele ainda está aí, então diga alguma coisa, sua idiota!”. Não consigo pensar em nada para dizer. Mais uma vez, esse homem me transformou em uma inútil.

Ouço-o suspirar.

– Sou Jesse Ward. Prazer em conhecê-la. – Vejo sua mão atravessar a mesa, e Kate apertá-la, prontamente.

– Jesse? – ela gagueja. – Ah! *Jesse*. – Posso senti-la me encarando, acusadora. – Sou Kate. Ava mencionou que você tem um hotel chique.

Faço uma cara feia para ela, do outro lado da mesa.

– Ah, ela falou de mim? – ele pergunta, com calma. Não preciso olhar para ele para saber que está sorrindo satisfeito com a notícia. – Me pergunto o que mais ela mencionou.

– Ah, uma coisinha ou outra – Kate responde, casualmente.
– Uma coisinha ou outra – ele repete, ainda calmo.
– Sim, uma coisinha ou outra – Kate afirma.
Cansada da conversa boba que os dois parecem estar adorando, assumo as rédeas da situação, voltando os olhos para ele.
– Foi bom revê-lo. Adeus.
Nossos olhares colam um no outro imediatamente, e sou arrebatada por seus olhos verdes, semicerrados, sensuais e exigentes. Posso sentir sua respiração falhar, e isso chama minha atenção para sua boca. Seus lábios estão úmidos, levemente abertos. Sua língua lentamente traça uma linha sobre o lábio inferior. Não consigo tirar os olhos dele e, sem nenhum encorajamento, minha língua responde com sua própria passagem pelo meu lábio inferior. O que trai totalmente meu esforço de parecer inabalável.
Isso é loucura. Isso… o que quer que seja… é completamente louco. Ele é convencido e arrogante, mas provavelmente tem todo o direito de ser. Quero desesperadamente *não* ser afetada por ele.
– Bom? – Ele se inclina para a frente, pousando a mão na minha coxa, fazendo lava incandescente inundar minhas entranhas. Cruzo as pernas, apertando as coxas uma na outra para refrear a pulsação que ameaça se transformar em latejamento. – Eu poderia pensar em várias palavras, Ava. “Bom” não é uma delas. Vou deixá-la considerar minha pergunta.
Pelo amor de Deus! Engulo em seco quando ele se levanta um pouco e beija meu rosto, mantendo por um tempo a boca colada em mim. Aperto os dentes para resistir à tentação de virar o rosto para ele.
– Até logo – ele sussurra. É uma promessa. Solta minha coxa tensa e se levanta. – Foi um prazer conhecê-la, Kate.
– Hmmm, você também – ela responde prontamente.
Ele vai em direção ao fundo do bar. Meu Deus, ele caminha com atitude, e isso é muito sexy. Fecho os olhos para mentalmente recobrar a razão, que nesse momento está dispersa pelo chão do bar. É inútil. Viro para Kate, encontrando olhos azuis inquisitivos me olhando como se eu tivesse criado presas.
Suas sobrancelhas se levantam até quase a linha do cabelo.
– Caralho, isso foi intenso! – ela dispara do outro lado da mesa.
– Foi? – Empurro o sanduíche de um lado para outro no prato.
– É melhor você parar com essa bobagem de querer ser *blasé* agora mesmo, ou enfio esse garfo tão fundo no seu traseiro, que você vai sentir gosto de metal na boca. Qual é a pergunta que você deve considerar? – seu tom é firme.
– Sei lá – desconverso. – Ele é atraente, arrogante e tem namorada – tento ser vaga.
Kate dá um assobio longo e agudo.
– Nunca vi isso na minha vida. Já ouvi falar, mas nunca com meus próprios olhos.
– Do que está falando? – vocifero.
Ela se inclina sobre a mesa, séria.
– Ava, a tensão sexual entre você e aquele cara foi tão intensa que até eu fiquei com tesão! – ela ri. – Ele quer mesmo você. Não teria ficado mais claro nem se ele tivesse

feito você abrir as pernas em cima daquela mesa de sinuca – ela aponta, e eu ainda me viro para olhar.

– Você está imaginando coisas – debocho.

– Eu vi a mensagem de texto e agora vi o homem em carne e osso. Ele é gostoso… para um cara mais velho. – Ela dá de ombros.

– Não estou interessada.

– Certo, continue repetindo isso para si mesma.

Volto para o escritório e passo o resto do dia sem conseguir fazer nada. Giro a caneta, vou ao banheiro uma dúzia de vezes e finjo escutar Tom falando sobre Orgulho Gay e todas as suas peripécias. Meu telefone tocou quatro vezes – todas as vezes, Jesse Ward – e eu as ignorei. Estou boba com a persistência e confiança desse homem.

Estou feliz e curtindo minha liberdade recém-descoberta e não tenho intenção de mudar meus planos de continuar solteira e despreocupada. Não vou me prender a um belo estranho, não importa quão delicioso seja. De qualquer forma, ele é velho demais para mim e, mais importante, é obviamente comprometido. E isso só reforça a ideia de que é um sedutor no último nível. Não é o tipo de homem por quem eu devo me sentir atraída, especialmente depois de Matt e seus casinhos. Preciso de um homem, no seu devido tempo, que seja fiel, protetor e que cuide de mim – de preferência de idade um pouco mais próxima da minha, também.

Meu telefone apita com uma mensagem de texto, me tirando de meus pensamentos e me fazendo pular. Já sei de quem é antes mesmo de olhar.

> Ser rejeitado não é muito legal. Por que não atende minhas ligações?
> Um beijo, J.

Rio sozinha, e isso chama a atenção de Victoria, que está mexendo no arquivo próximo à minha mesa. Suas sobrancelhas perfeitas se levantam. Acho que rejeição não é uma coisa comum para ele.

– É da Kate – respondo, como se fosse uma explicação. Parece funcionar, e ela volta a revirar as gavetas.

Deveria ser óbvio o motivo para eu não atender ao telefone. Não quero falar com ele e, para ser franca, não confio em meu corpo perto dele. Ele parece responder sem ordens do meu cérebro à presença daquele homem, e isso pode ser muito perigoso.

Meu telefone toca de novo, e rapidamente rejeito a chamada. Nunca vou me livrar dele. Preciso ser implacável.

> Se precisar discutir seu projeto, ligue para Patrick, não para mim.

Pronto. Ele vai entender a mensagem. Coloco meu celular na mesa, decidida a trabalhar, mas ele apita de novo, e o agarro na hora, pegando meu café ao mesmo tempo com a outra mão.

Meu projeto é fazer você gritar. Não acho que Patrick possa me ajudar nisso. Estou ofegante tentando manter a boca fechada só de pensar. Pensando bem... Vou ter que manter a sua boca fechada, talvez com uma mordaça?
Um beijo, J.

Derrubo café na mesa, tossindo. Que abusado! Como pode ser tão descarado e sem-vergonha? Coloco meu telefone no modo silencioso, atirando-o na mesa, enojada. Não vou dar a ele a satisfação de uma resposta. Responder a mensagem só vai encorajá-lo. Há uma linha tênue entre autoconfiança e arrogância, e Jesse Ward fez um salto triplo sobre ela. Sinto pena da "lábios carnudos". Será que ela sabe que seu homem persegue mulheres mais novas?

Vejo a tela se iluminar outra vez e pego o telefone, rejeitando a chamada antes que chame a atenção de alguém. Abro minha primeira gaveta, jogo o telefone lá dentro e a fecho com força.

Faço uma tentativa inútil de trabalhar, mas estou muito distraída. Palavras estranhas – nenhuma delas relacionada ao trabalho – aparecem em meus e-mails enquanto digito. Quando o telefone fixo do escritório toca, olho em volta e vejo que Sally está longe de sua mesa. Atendo.

– Rococo Union, boa tarde.

– Não desligue! – ele dispara, me fazendo endireitar as costas. Até a urgência na voz dele me arrepia. – Ava, eu sinto muito.

– Sente? – Não consigo esconder a surpresa em minha voz. Jesse Ward não parece o tipo de homem que pede desculpas com facilidade.

– Sim, me desculpe. De verdade. Deixei você desconfortável. Passei muito dos limites. – Ele parece sincero. – Deixei você desconcertada. Por favor, aceite minhas desculpas.

Eu não diria que fiquei desconcertada pelo comportamento ousado ou os comentários. Chocada seria mais a palavra. Alguns até admirariam sua confiança, suponho.

– Tudo bem – digo, hesitante. – Então você não quer me fazer gritar ou me amordaçar?

– Ava, você parece decepcionada.

– De maneira nenhuma – disparo.

Surge um silêncio breve, antes que ele fale novamente.

– Podemos começar de novo? Vou manter o tom profissional, claro.

Ah, não. Ele pode até estar arrependido, mas isso não elimina o efeito que tem sobre mim. O pensamento de que isso é um plano para que eu volte ao projeto, para que ele possa dar em cima de mim de novo, passa pela minha cabeça.

– Sr. Ward, não sou mesmo a melhor pessoa para esse trabalho. – Giro na minha cadeira para ver se Patrick está na sua sala. Sim, está. – Posso transferi-lo para Patrick? – insisto, rezando para que ele entenda a dica.

– Jesse. Você faz eu me sentir velho quando me chama de sr. Ward – ele resmunga.

Fecho a boca rápido quando meus lábios se abrem, e aquela pergunta quase escapa. Ainda estou intrigada com o assunto, mas não vou perguntar de novo.

– Ava, se isso faz você se sentir melhor, pode tratar com John. Qual seria o próximo estágio?

John? Seria melhor? O Grandão me intimida na mesma medida em que Ward é

ousado. Não sei se ficaria mais à vontade com ele, mas o fato de que ele está disposto a se afastar me diz que ele quer mesmo que eu faça a decoração, e isso, suponho, deve ser um elogio. O Solar seria um ótimo acréscimo ao meu portfólio.

– Preciso medir os quartos e desenhar alguns esboços – disparo as palavras, impulsiva.

– Perfeito – ele parece aliviado. – Posso pedir que John a acompanhe aos quartos. Ele pode segurar sua trena. Amanhã?

Amanhã? Ele está com pressa.

– Não posso nem amanhã nem quarta-feira. Sinto muito.

– Ah – ele sussurra. – Você viria à noite?

Não gosto de trabalhar à noite, mas muitos clientes trabalham das 9h às 17h e nunca estão disponíveis em dias úteis. Apesar de eu preferir ir à noite e não aos fins de semana. Nunca marco reuniões aos fins de semana.

– Posso ir amanhã à noite – respondo, virando a página da agenda. Minha última visita é às cinco com a sra. Kent. – Umas sete? – pergunto, já anotando.

– Perfeito. Eu diria que estou ansioso, mas não posso, porque não terei a oportunidade de vê-la.

Não posso vê-lo, mas sei que ele provavelmente está sorrindo. Posso perceber no tom de sua voz. Ele não consegue evitar.

– Vou dizer a John para esperá-la às sete.

– *Lá pras* sete – corrijo. Não sei quanto tempo vou levar para conseguir sair da cidade nesse horário.

– Lá pras sete – ele confirma. – Obrigado, Ava.

– De nada, sr. Ward. Até logo. – Desligo e começo a bater a unha no dente da frente.

– Ava? – Patrick chama de sua sala.

– Sim? – Giro na cadeira para poder olhar para ele.

– Eles querem você no Solar, flor. – Ele dá de ombros e vira para a tela do computador.

Não, *ele* me quer.

Capítulo 4

As visitas de terça-feira passam voando, e saio da linda casa da sra. Kent logo depois das seis.

A sra. Kent é a esposa muito exigente do sr. Kent – diretor da fábrica de iates Kent Yacht Builders – e a casa deles em Kensington é a terceira em quatro anos. Fiz a decoração de todas elas. Assim que o trabalho termina, a sra. Kent decide que não consegue se imaginar envelhecendo ali – ela tem uns setenta anos –, então a casa é colocada à venda, vendida, e já estou começando do zero em sua nova moradia.

Entro no carro e vou para Surrey Hills. Eu não disse à Kate o motivo que me fez voltar tarde para casa hoje. Contar iria apenas aguçar sua curiosidade sobre o que me faria voltar ao Solar. Até porque eu contaria a mentira que disse a mim mesma – que o projeto do Solar iria beneficiar meu portfólio. O ímã de pura beleza tem zero influência em minha decisão – zero.

Paro diante do interfone, mas, assim que aperto o botão para baixar o vidro da janela, os portões começam a se abrir. Olho para a câmera e imagino que John esteja me esperando. Sigo pelo caminho de pedras até a frente da casa e vejo o gigante parado nos degraus, preenchendo o espaço da porta dupla, os óculos escuros no lugar.

– Boa noite, John – cumprimento, pegando a pasta e a bolsa. Será que hoje ele vai falar?

Não. Ele assente com a cabeça e se vira, entrando no Solar e me fazendo segui-lo até o bar. Está mais cheio do que da última vez.

– Mario? – sua voz soa como um trovão.

Um homenzinho sai de trás do bar.

– Sim?

– Um drinque para a Srta. O'Shea, por favor. – John vira os olhos protegidos para mim. – Já volto. Jesse quer dar uma palavrinha.

– Comigo? – pergunto, corando com minha própria brusquidão.

– Não. Comigo.

– Ele vai permanecer no escritório? – pergunto, nervosa. Estou fazendo perguntas demais sobre algo tão trivial, mas ele me assegurou que deixaria John lidar comigo. Só de pensar nele fico uma pilha de nervos.

Os lábios de John se mexem de leve, claramente lutando contra um sorriso. Solto um gemido por dentro. Ele sabe.

– Está tudo bem, garota. – Ele se vira, lançando um olhar satisfeito para Mario, a que o bartender responde com um movimento de pano de prato, antes de deixá-lo comigo no

bar.

Olho em volta, notando uma mulher rindo com um homem de meia-idade em uma mesa próxima. É a mulher que vi no banheiro quando estive aqui na sexta-feira. Ela usa uma calça social preta e parece extremamente profissional. Deve estar hospedada aqui – negócios, talvez? O homem que a acompanha levanta da mesa, oferece a mão polidamente, e ela a segura com um sorriso enquanto se levanta, deixando que ele a abrace e a conduza para fora do bar, enquanto ambos conversam e riem.

Sento em um dos bancos do bar para esperar John e pego meu telefone para checar mensagens e chamadas perdidas.

– Aceita um vinho?

Levanto os olhos e encontro o bartender sorrindo para mim. Ele fala com sotaque, e concluo que é italiano. Ele é pequeno e doce, com bigode e cabelos pretos começando a rarear.

– Até que me faria bem, mas estou dirigindo.

– Ah! – ele exclama. – Só um pouco – ele segura uma taça pequena de vinho, desenhando uma linha na metade dela com o dedo.

Ah, dane-se! Eu não devia beber no trabalho, mas meus nervos estão em frangalhos. Ele está em algum lugar deste prédio, e isso já me deixa descontrolada. Concordo com a cabeça.

– Obrigada.

Ele levanta uma garrafa de Zinfandel, e aceno novamente.

– Seu vestido é... hum... como se diz... extraordinário? – ele serve um pouco mais que a metade da taça. Na verdade, ela está cheia.

Olho para meu vestido preto e justo. Sim, acho que "extraordinário" poderia ser a palavra para o meu vestido "se tudo mais falhar". Sempre me senti bem nele. Mostra todas as curvas que tenho e, considerando que uso manequim 38, não são muitas. Mas, se eu continuar morando com Kate por muito tempo, isso pode mudar. Ignoro a voz na minha cabeça, que me pergunta se escolhi esse vestido na esperança de ver Ward.

– Obrigada – sorrio.

– É um prazer, srta. O'Shea. Vou deixá-la a sós. – Ele pega seu pano e começa a limpar o balcão de granito.

Bebo um gole do vinho enquanto espero John. Ele desce tão bem que, quando me dou conta, bebi a taça toda.

– Olá.

Eu me viro no banco e fico frente a frente com a mulher que estava pendurada em Ward na sexta-feira. Ela sorri para mim, mas é o sorriso mais falso que já tive o prazer de receber.

– Oi – digo, educadamente.

Mario se aproxima com uma expressão de pânico, agitando o pano no ar.

– Srta. Sarah! Não, por favor. Não fale nada.

O quê?

– Ah, cale a boca, Mario. Não sou idiota – ela esbraveja.

O pobre Mario se encolhe antes de voltar a limpar o bar, mantendo os olhos em

Sarah. Quero defendê-lo, mas, enquanto contemplo tomar essa atitude, ela estende a mão.

– Sou Sarah. Você é…?

Ah, é. Da última vez que ela me perguntou isso, não respondi e saí correndo. Aperto sua mão de leve, enquanto ela me lança um olhar de suspeita. Posso afirmar que não gosta de mim. Ela me vê como uma ameaça.

– Ava O'Shea. – digo, soltando rapidamente minha mão da dela.

– E está aqui porque…?

Eu rio de leve. Tenho certeza de que ela sabe exatamente por que estou aqui, o que só serve para confirmar que ela está se sentindo ameaçada e se desdobrando para me deixar desconfortável. *Guarde as garras, minha cara.*

– Sou designer de interiores. Vim tirar as medidas dos novos quartos.

Ela levanta uma sobrancelha, acenando uma das mãos no ar para atrair a atenção de Mario. Essa mulher é uma figura, seu desdém tem a mesma medida que a ousadia de Ward. Seus cabelos loiros em camadas balançam, seus lábios carnudos estão no mesmo tom de vermelho de sexta-feira, e ela veste um terninho cinza justo. Se disser que ela tem quarenta anos, estou sendo maldosa. Ela deve ter trinta e poucos – mais próxima em idade de Ward que eu. Contenho minhas divagações, me dando, mentalmente, um belo tapa na bunda.

– Gim e tônica, Mario – ela ordena, sem "por favor" e sem sorriso. Ela é mesmo rude. – Você é um pouco nova para ser designer de interiores, não é? – Seu tom é pouco amigável, e ela não olha para mim quando fala.

Sinto minha pele eriçar. Realmente não gosto dessa mulher. O que Ward vê nela, além dos lábios exagerados e dos óbvios implantes de silicone nos seios?

– Sim, sou – concordo. Ela também se sente ameaçada pela minha juventude. Que bom.

Fico mais do que aliviada quando John aparece na porta, baixando os óculos e olhando para Sarah de maneira peculiar, antes de acenar para mim. Que olhares são esses, trocados aqui e ali? Tento não pensar nisso. O aceno de John é minha deixa para sair de perto dessa mulher. Deixo minha taça vazia no balcão com mais força do que gostaria, e Mario levanta a cabeça. Sorrio como que pedindo desculpas, levantando-me do banco.

– Prazer em conhecê-la, Sarah – digo, simpática. É mentira. Não gosto dela e sei que o sentimento é mútuo.

Ela não olha para mim. Aceita o drinque que Mario lhe oferece sem agradecer e vai conversar com um homem com aparência de empresário do outro lado do bar.

Quando alcanço John, ele me leva à grande escadaria que dá na galeria e na nova ala.

– Vou ficar bem sozinha, John. Não quero atrapalhar você.

– Tudo bem, garota – ele troveja, abrindo a porta do quarto mais distante.

Começamos a trabalhar, tirando medidas e passando de quarto em quarto. John segura a trena para mim obedientemente, assentindo às vezes, quando dou alguma orientação. A frase "um homem de poucas palavras" foi criada para ele, certamente. Ele

fala por meio de meneios de cabeça e, embora seus olhos estejam cobertos pelos óculos escuros, posso dizer quando está olhando para mim. Eu faço todas as anotações necessárias em meu bloco, com ideias já surgindo na cabeça.

Uma hora mais tarde, tenho todas as medidas de que posso precisar, e nós terminamos. Sigo o corpanzil de John de voltas às escadas, enquanto procuro meu celular na bolsa. Logo me dou conta de que, no meu desespero de sair de perto de Sarah, eu o deixei no bar.

– Deixei meu telefone no bar – resmungo atrás de John.

– Vou me certificar de que Mario tenha guardado. Jesse quer que eu mostre um dos outros quartos antes que vá embora – ele me informa, impassível.

– Por quê?

– Para você ter uma ideia do *briefing*. – Ele insere um cartão na fechadura, abre a porta e me conduz para dentro.

Ah, ok. Machucar não vai, e estou interessada.

Uau! Caminho até o centro do quarto. Bem, suíte seria uma descrição melhor. O espaço é provavelmente maior do que o meu quarto na casa de Kate. Ouvindo a porta se fechar, vejo que John me deixou sozinha, então fico ali em silêncio, absorvendo o esplendor opulento da decoração.

Esses quartos são ainda mais luxuosos que os do andar de baixo, se é que isso é possível. Uma cama gigante domina o recinto, coberta com lençóis de cetim em roxo profundo e dourado e, atrás dela, a decoração é feita de papel de parede com arabescos em ouro antigo. Cortinas pesadas caem sobre o carpete espesso e macio, e a iluminação é difusa e suave. Uma das características de Ward era a sensualidade, e quem quer que tenha decorado esse quarto atingiu seu objetivo com louvor. Por que ele não contrata o mesmo designer?

Vou até a imensa janela hexagonal e observo os jardins dos fundos. O terreno em que O Solar se encontra é vasto, a vista, tremenda, e o verde vivo dos campos da região de Surrey seguem por milhas e milhas. É um lugar realmente especial. Passo a mão por uma cômoda de madeira escura e coloco a bolsa e a pasta sobre ela, antes de me sentar na *chaise longue* próxima à janela.

Olho em volta. Tudo nesse lugar é incrível e comparável sem dúvida a alguns dos melhores hotéis das maiores cidades do mundo. Um ornamento na parede chama minha atenção. É estranho, mas muito benfeito e eu concluo que deve ser uma antiguidade. Está metade preso à parede e sobe em direção ao teto, onde estão as vigas.

Parece uma estrutura para alguma coisa, mas não há nenhum material nem luz adornando-o. Viro a cabeça, intrigada, mas quase dou um pulo quando ouço um barulho vindo do banheiro.

Merda. Ele me colocou em um quarto ocupado… ou não? Não ouço mais nada agora. Fico quieta e imóvel, tentando registrar algum movimento, mas não há nada, então relaxo um pouco, mas levanto rápido a cabeça quando ouço a maçaneta do banheiro girar. Droga.

Eu devia sair correndo dali antes que o coitado saia do banheiro, provavelmente nu, e encontre uma estranha parada ali no meio do quarto. Corro até a cômoda para pegar minhas coisas e viro para a saída. Mas paro, num susto, derrubando minhas coisas no chão, quando me deparo com uma visão magnífica.

Estou paralisada olhando para Jesse Ward, que está parado na porta do banheiro, usando apenas um jeans folgado.

– Isso é algum tipo de brincadeira? – quase dou risada. Aguardo uma explicação, mas não acredito que vá receber uma.

Tento ignorar o homem glorioso diante de mim e busco freneticamente em meu cérebro algum tipo de orientação ou instrução. É inútil. Não sou cega. Posso dizer que imaginei como seria seu peito, mais de uma vez, e a realidade supera as melhores expectativas. Esse homem vai além da perfeição. O que fazer? Ele está aqui, com a cabeça ligeiramente baixa, me olhando através dos longos cílios. Está me atravessando com o olhar, a boca está levemente aberta, e o peito maravilhoso sobe e desce. Bastante definido… nada exagerado, apenas harmonioso… desenhado… perfeito. Se ele é devastador vestido, sem roupa poderia causar convulsões. Respiro fundo.

Ah, Deus do céu, ele tem o V na pélvis, e sua respiração ofegante contrai e relaxa seus músculos. O que ele faz ali apenas de jeans, parecendo recém-barbeado, revelando ainda mais beleza? Mentalmente, me dou um tapa no rosto. O jogo dele é óbvio. Eu sabia que não devia ter confiado nele. É surreal e tão ousado, que quase deixa de ser atraente… quase.

Rio por dentro. Não deixa de ser atraente coisa nenhuma. Sou uma poça de desejo.

Com os braços soltos ao longo do corpo, sua postura é confiante e determinada. Ele me olha fixamente, seu olhar me dizendo que estou prestes a derreter de prazer. Eu devia ir embora, mas, por mais que ache que deva, por mais que esteja duelando com meu lado racional, que me manda sair correndo, não me mexo. Em vez disso, passo os olhos pelas suas coxas envolvidas pelo jeans, notando o volume em suas calças. Ele está absolutamente excitado e, a julgar pelo fluxo de desejo que acabo de sentir desabrochar em meu estômago, eu também estou.

Abro a boca para acalmar a respiração e flexiono o pescoço.

– Relaxe, Ava – ele me conforta, suave. – Você sabe que quer.

Quase dou risada de novo. Quem não quereria? Olhe para ele!

Permaneço imóvel. O único movimento visível é meu coração martelando no peito, o que só aumenta quando ele se aproxima de mim devagar, os olhos fixos nos meus.

Quando fica a poucos passos, seu perfume fresco toma conta de mim, fazendo meu corpo enrijecer. Não sei como consigo, mas mantenho meu olhar fixo no dele, até que ele para diante de mim, o mais próximo possível sem me tocar.

– Vire – ele ordena, gentilmente.

Obedeço sem pensar nem hesitar, lentamente ficando de costas para ele, expirando com força e fechando os olhos. O que estou fazendo? Não penso duas vezes. Meus ombros ficam tensos, aguardando seu toque, e tentar ter pensamentos relaxantes não está funcionando. O único som no recinto é nossa respiração ofegante. Permaneço nessa posição por um momento e depois começo a me virar para ele outra vez, mas sou

interrompida por duas mãos firmes, quentes e ligeiramente trêmulas que pousam nos meus ombros, impedindo meu movimento. Seu toque me faz hesitar, e ele solta apenas uma das mãos, como se para garantir que eu vá ficar parada, antes de pegar meus cabelos soltos e colocar sobre meus ombros, na frente do meu corpo. Lá no fundo de mim, posso ouvir minha mente exigindo que eu vá embora, mas meu corpo tem outros planos.

Sua mão volta para o meu ombro e massageia meus músculos tensos. A sensação é divina, e minha cabeça gira em agradecimento, enquanto um pequeno suspiro escapa dos meus lábios. A pressão aumenta, e absorvo os movimentos deliciosos daquelas mãos, enquanto sinto seu hálito quente e mentolado se aproximar da minha orelha. Começo a tremer, movendo o rosto na direção da fonte. Sei que é um convite, mas nesse momento já perdi a razão. Quero mais.

– Não me peça para parar – ele sussurra, a vibração de sua voz provocando ondas de choque pelo meu corpo. Estou tremendo. Fora de controle.

Perco o fôlego num soluço, que fica preso na garganta.

– Não quero que pare.

Minha voz está irreconhecível. Não acredito que ele me capturou desse jeito. Não acredito que estou aceitando isso.

Ele encosta toda a frente do seu corpo nas minhas costas, sua boca parando na altura da minha orelha.

– Agora vou tirar seu vestido.

Faço um meneio de permissão com a cabeça quase inexistente, mas ele o capta e responde mordiscando o lóbulo da minha orelha, o que só intensifica a pulsação desesperada dentro de mim.

– Você é linda demais, Ava – ele ronrona, passando os lábios na minha orelha.

– Ah, Deus. – Encosto nele, sua ereção latejando através da calça, pulsando na base das minhas costas.

– Está sentindo isso? – Ele mexe os quadris, e solto um gemido. – Vou possuir você – as palavras são ditas com absoluta convicção.

Estou completamente à sua mercê. Sei que ele provavelmente tem vasta experiência nessa área. O dom da sedução para ele é uma arte. Não me iludo. Mulheres devem se atirar aos pés dele diariamente. É um mestre treinado, que consegue o que quer, mas não me importa nem um pouco. Nesse momento, estou disposta, sem crise de consciência nem indecisão. Qualquer vestígio de cautela foi atirado pela janela.

Sinto seu dedo indicador tocar a base de minha coluna, desenhando uma linha lenta e definida para cima, fazendo minha cabeça girar. Imploro para minhas mãos ficarem imóveis ao lado do corpo, quando tudo o que quero é me virar e devorá-lo, mas ele já me impediu de fazer isso uma vez. Claramente gosta de estar no controle.

Quando alcança o topo do meu vestido, ele segura o zíper e apoia a outra mão no meu quadril. Sinto um arrepio. É meu ponto mais sensível, e qualquer movimento no meu osso da bacia, ou no côncavo logo acima, me deixa louca. Fechando os olhos com força, uso cada milímetro de concentração para tirar o foco desse contato. É difícil, mas o simples peso de sua mão espalmada ali me prende, me mantendo imóvel.

O zíper de meu vestido desce devagar, e posso ouvir a mudança em sua respiração diante a exposição de minha pele nua. Ele tira a mão de meu quadril e percebo, perturbada, que sinto a falta do calor imediatamente. Mas logo sinto ambas as mãos deslizarem para dentro do tecido e pousarem nos meus ombros, os dedos flexionando para empurrar meu vestido para a frente, antes de baixá-lo ao longo do meu corpo e deixá-lo cair no chão.

Prendo a respiração e agradeço a tudo o que é mais sagrado por ter colocado lingerie decente. Estou ali de sutiã, calcinha e sapatos, à total disposição daquele Adônis atrás de mim.

– Hmmm, renda – ele sussurra. Ele me agarra pela cintura e me levanta do anel formado pelo vestido, antes de me virar de frente. Nesses saltos, meus olhos ficam na altura do queixo dele e, com um movimento simples, encaram aqueles lábios lindos e carnudos, desejando que ele os coloque sobre os meus. Estou prestes a perder o autocontrole, e minha consciência já deixou o recinto há algum tempo. Perdi a inibição e, com esse homem, estou entregue.

Ele coloca uma das mãos no meu seio e desenha círculos em torno do mamilo com o polegar, os olhos concentrados no movimento. Meus bicos se eriçam ao toque, endurecendo por trás da renda do sutiã. O esboço de um sorriso surge nos cantos de sua boca. Ele sabe o efeito que tem em mim. Introduzindo o dedo indicador no bojo, ele belisca o mamilo intumescido, fazendo meus seios latejarem, transformando-os em montes pesados no meu peito. Estou totalmente entregue a esse homem, que me estuda tão atentamente, me excitando até me deixar trêmula e desesperada. Ainda não acredito que estou fazendo isso, mas como parar?

Observo enquanto ele aproxima a outra mão para apalpar meu outro seio e então não consigo mais manter as minhas mãos longe dele. Levanto os braços e deixo as palmas de minhas mãos tocarem o peito dele, o calor e a firmeza tornando minha respiração entrecortada. Desenho uma trilha com os dedos pelo espaço entre os músculos peitorais, sorrindo quando o sinto se contrair e emitir um gemido do fundo da garganta. Antes que eu tenha mais acesso ao seu corpo, no entanto, ele me vira de costas novamente. Quero chorar por dentro.

– Quero olhar para você – falo num fio de voz.

– Shhhhh! – ele me silencia, desabotoando meu sutiã e passando as mãos por baixo das alças, deslizando-as pelos meus braços e deixando que a peça caia no chão. Suas mãos encontram meus seios e os apalpam deliberadamente, enquanto sua respiração está pesada na minha orelha.

– Você. E. Eu. – ele murmura e me vira de novo, colando os lábios nos meus, me roubando o fôlego.

Estou de volta ao lugar onde queria estar. Sua língua traça uma linha em meu lábio inferior, pedindo passagem, que não nego. Eu o aceito dentro da minha boca, nossas línguas duelam, a boca dele quente, a língua relaxada, porém decidida. Jogo os braços sobre seus ombros para puxá-lo para mais perto, e ele pressiona a pélvis no meu ventre, sua ereção dura como aço pedindo para ser libertada do confinamento do tecido que a envolve. Cada parte dele é perfeita. Ele é tudo o que eu imaginava.

Um gemido baixo escapa de sua boca, e suas mãos correm pelas minhas costas até segurar minha cabeça, os dedos abertos e a palma descendo para os dois lados do meu rosto. Ele interrompe o beijo, e solto um gemido, já sentindo sua falta. Seus ombros sobem e descem com sua respiração forte, lutando para fazer chegar ar aos seus pulmões. Ele encosta a testa na minha, com os olhos fechados. Parece sentir dor.

– Vou me perder em você – ele diz, numa respiração, a mão fazendo o caminho inverso pelas minhas costas, até pousar na parte de trás da minha coxa. Com um puxão leve, ele levanta minha perna para que eu o enlace na altura do quadril e apalpa meu traseiro com a outra. Ele busca meus olhos desesperadamente.

– Existe algo entre nós – ele sussurra. – Não estou imaginando coisas.

Não, não está. Penso na sexta-feira, quando coloquei meus olhos nele pela primeira vez. Senti como se tivesse sido eletrocutada, disparando diferentes reações no meu corpo e na minha mente. Aquilo não foi normal, e estou aliviada por não ser a única a sentir isso.

– Existe algo, sim – confirmo em voz baixa e vejo seu olhar ir da incerteza à completa satisfação.

Estou equilibrada em apenas uma perna, meio apoiada em sua cintura, pronta para jogar tudo para o alto e enredar minha outra perna em volta dele. Preciso senti-lo. Preciso de seus lábios nos meus e, como que lendo meus pensamentos, ele inclina a cabeça um pouco para o lado e aproxima a boca da minha, dessa vez num beijo mais calmo, em que gentilmente roça os lábios nos meus em um ritmo de sonho. Ele projeta a pélvis na minha direção, e reconheço instantaneamente o início de uma incrível pressão em meu sexo. Não tenho forças para controlar isso, não quero controlar.

Roçando o quadril no meu, ele continua possuindo minha boca com calma, as sensações combinadas me levando ao limite. Um toque, e sou capaz de explodir.

Seu beijo se aprofunda, e o movimento dos quadris se intensifica.

– Ah, meu Deus… – ele murmura, com os lábios nos meus. – Não estrague tudo.

Não estrague tudo? Ele está pedindo isso para mim ou para si mesmo? Mas tudo fica claro quando ouço alguém chamar o nome de Jesse. Reconheço a voz fria e pouco amigável de Sarah. E então meu desejo morre mais rápido do que começou.

Cai fora, cai fora, cai fora! Grito mentalmente várias vezes. Meu corpo lânguido e excitado enrijece de repente, meus dedos cravados nos ombros de Jesse. O que estou fazendo? A namorada está rondando o quarto, e estou aqui dentro sendo apalpada pelo namorado dela. Sou repugnante!

Ele aprofunda o beijo, apertando a boca na minha a ponto de machucar, a língua invadindo minha boca com urgência. Sei que está tentando me manter no jogo. Ele solta minha perna, mas me segura pelos quadris, para me manter imóvel. Ele acha que vou fugir. Eu *vou* fugir e, quando liberta meus lábios, minha cabeça baixa automaticamente.

– A porta está trancada – ele me garante, quase sem voz.

Não posso continuar com isso! Posso não gostar da mulher, mas não sou uma destruidora de lares. Já fiz algum estrago, mas posso impedir que isso continue antes que atinja um ponto do qual será impossível voltar.

Ele segura meu queixo, levantando minha cabeça, seus olhos verdes olham

diretamente nos meus. A linha de expressão em sua testa aparece, e ele busca algo em meus olhos – esperança, penso eu.

– Por favor – ele diz sem voz, apenas com os lábios.

Balanço a cabeça de leve, meu olhar descendo para seu peito, meus olhos se fechando. Sua mão aperta mais meu quadril, e ele balança de leve meu queixo como que para me tirar do casulo em que me enfiei.

– Não fuja – seu tom faz a frase parecer uma ordem.

– Não posso fazer isso – sussurro, sentindo suas mãos se afastarem de mim, acompanhadas de um murmúrio frustrado.

– Jesse? – É a voz de Sarah de novo, desta vez mais perto.

Completamente atordoada, pego meu vestido do chão antes de correr para o banheiro, batendo a porta, para em seguida trancá-la. Encosto na madeira, quase nua, tentando controlar a respiração descompassada e olhando para o teto na tentativa de conter as lágrimas.

Penso ouvir o som abafado de vozes vindas do quarto e tento controlar a respiração para poder escutar o que está acontecendo. Mas não ouço nada. Nenhum ruído, conversa… nada. Maldita hora para estar seminua e não poder fugir. Em vez disso, decidi correr para o banheiro, para me esconder como a vagabunda desesperada que sou. Estou morrendo de vergonha de mim mesma. Já fui traída muitas vezes. Depois de várias taças de vinho, já condenei essas “outras”, falei mal delas e desejei retaliações terríveis. Agora sou uma delas. Solto um gemido alto, batendo com a mão na testa.

Vagabunda!

Quando ouço a porta se fechar, congelo onde estou e tento escutar. Ele está indo embora ou voltando? Tanto faz, preciso me vestir, então vasculho o amontoado de tecido em minhas mãos – nada de sutiã. Sacudo o vestido loucamente, rezando para que ele apareça, mas ainda assim… nada. Suspiro e coloco o vestido, alcançado a parte de trás para subir o zíper. Vou ter que ir embora sem ele, porque não pretendo recuperá-lo no quarto.

Vou até o espelho para me inspecionar e estou como suspeitava: horrível. Os olhos marejados de lágrimas, os lábios inchados e o rosto vermelho. Pareço esgotada: *estou* esgotada. Tento em vão me arrumar um pouco, para ao menos sair dali com um mínimo de dignidade intacta, mas não há como escapar da minha aparência desarrumada. Vai ser uma bela caminhada da vergonha.

Eu me encolho quando batem à porta.

– Ava?

Fico em silêncio. Ah, Deus, ele parece quase bravo. Passo os dedos pelos cabelos e seco os olhos. Não pareço melhor, mas sei que vou me sentir melhor quando sair daqui. Preparada para encarar os fatos, destranco a porta, que se abre com força, quase me derrubando. Jesse ocupa o espaço no batente da porta. Ele *está* bravo. E está bloqueando minha passagem.

Olho por cima de seu ombro e constato que estamos sozinhos. Ele deve ser um excelente mentiroso, porque continua sem camisa, e Sarah não está ali para arrancar meus cabelos. Como se ele tivesse o direito de me olhar com desaprovação e me fazer

sentir como se o tivesse decepcionado. Eu o empurro para sair.

– Onde diabos você está indo? – ele grita, atrás de mim.

Não respondo. Aperto o passo, pegando minha bolsa e correndo para as escadas, ouvindo Jesse dizer palavrões enquanto me segue.

– Ava!

Desço as escadas correndo, olhando para trás e vendo Jesse saindo da suíte, vestindo a camiseta com dificuldade. Faço uma parada no bar para pegar meu telefone e encontro Mario servindo alguns clientes, mas minhas boas maneiras me impedem de pedir que ele me atenda imediatamente, então fico esperando, nervosa e inquieta o tempo todo.

– Conseguiu o que veio buscar? – a voz fria de Sarah alfineta minha pele. Meu Deus, ela sabe! Há um duplo sentido aí?

Eu me viro, estampando um sorriso falso no rosto.

– Medidas? Sim.

Ela me olha de cima a baixo, com uma das mãos na cintura e seu gim tônica pairando diante de seu rosto. Ela sabe.

Jesse chega correndo ao bar, parando à nossa frente. Olho para ele em pânico. Daria para ser mais óbvio? Em seguida olho para Sarah, buscando sua reação em relação a toda essa cena, e a vejo nos analisando. Ela definitivamente sabe. Preciso ir embora.

Olho em direção ao bar. Graças a Deus, Mario me viu.

– Srta. O'Shea, você precisa experimentar isso – ele me dá um *shot*.

– Meu telefone está com você, Mario?

– Primeiro experimente – ele pede.

Em meu desespero para sair dali, viro o copo inteiro de uma vez e estremeço com o calor que desce pela minha garganta.

Minha boca faz um O, e fecho os olhos.

– Uau!

– É bom?

Exalo um jato de ar quente, devolvendo o copo a ele.

– Sim. É muito bom – ele pega o copo, dá uma piscadinha e me entrega o celular.

Ajeitando o vestido e respirando fundo, viro o rosto para olhar para as duas pessoas que nunca mais quero ver na vida.

– Você esqueceu isso lá em cima – Ward me passa a pasta, mas não a solta quando a puxo de leve.

– Obrigada – olho feio enquanto ele me encara, o rosto franzido e mordendo o lábio inferior. Ele finalmente solta, e eu a enfio na bolsa.

– Adeus – deixo os dois no bar, indo direto para o meu carro. Ele não vai poder me seguir com Sarah aqui para testemunhar, o que é um imenso alívio.

Entro no carro e dou a partida, ignorando a voz na minha cabeça, que grita *Você deve estar acima do limite!*. É tão irresponsável da minha parte, mas o desespero me deixa sem alternativa. Dou ré para sair da vaga e vejo Jesse saindo pela porta. Ele só pode estar brincando!

Engato a primeira marcha freneticamente, saindo à toda e deixando uma nuvem de

poeira para trás. Assim que ela se dissipa, vejo Jesse pelo espelho retrovisor, agitando os braços como um lunático.

Acelero pela trilha arborizada, a cabeça rodando – uma mistura da bebida e da raiva –, tentando me concentrar na estrada. Olho para o painel e vejo que estou dirigindo em alta velocidade, de faróis apagados e sem cinto de segurança. Minha cabeça está uma bagunça.

Diminuo a velocidade ao chegar aos portões.

– Abra. Por favor, abra – imploro, parando o carro. – Abra! Bato na direção, e a buzina toca, me fazendo pular de susto. O som de um carro se aproximando atrai meus olhos para o espelho retrovisor.

– Ai, merda! – xingo ao ver os faróis chegando mais perto.

Ele para atrás de mim, a porta se abre, e Jesse sai. Ele caminha na minha direção a passos lentos, mas não significa que não esteja furioso. Só porque não se deu bem? Jogo os braços e a cabeça na direção, totalmente arrasada. Minha tentativa de escapar sem ter de responder perguntas ou dar explicações foi em vão – não que eu deva a menor satisfação a ele.

A porta do meu carro se abre, e ele agarra meu braço, me tirando com delicadeza do carro e as chaves da ignição.

– Ava... – ele me olha com desaprovação. Quero gritar, mas ele é o primeiro a falar:

– Você está alterada! Juro por Deus, se tivesse se machucado...

Eu me encolho ao ouvir a frase, irritada comigo mesma por ser tão descuidada. Fico ali parada diante dele, absorvendo seu descontentamento, me sentindo humilhada e patética. Ele segura meu rosto e olha para mim. Está se aproximando para me beijar, posso ver em seus olhos. Ah, por favor. Não posso fazer isso. Tiro o rosto de sua mão.

– Você está bem? – ele pergunta, com doçura, se aproximando de mim de novo.

Eu me desvencilho.

– Por incrível que pareça, não, não estou. Por que fez aquilo?

– Não é óbvio?

– Você me quer.

– Mais que qualquer coisa.

– Nunca conheci ninguém tão convencido. Você planejou tudo isso? Quando me ligou ontem, era essa a sua intenção o tempo todo?

– Sim. – Não há o menor traço de arrependimento em sua voz. – Eu quero você.

Não tenho ideia de como lidar com isso. Ele me quer, então pegou o que queria.

– Pode abrir os portões, por favor? – Começo a caminhar na direção da saída, mas eles ainda estão imóveis quando os alcanço. Viro e digo, da maneira mais ameaçadora que consigo – Abra a merda dos portões!

– Acha mesmo que vou deixá-la sair por aí, estando longe de casa?

– Vou chamar um táxi.

– De jeito nenhum. Vou levar você.

Olho para o carro dele. É um Aston Martin – todo preto, brilhante e lindo. Faz sentido.

– Abra a merda do portão! – grito.

– Não use essa linguagem, merda!

Não use essa linguagem, merda? Quero bater nele, cair de joelhos e chorar de frustração. Sinto-me tão idiota – humilhada e envergonhada.

– Não estou preparada para ser mais uma na lista de conquistas – disparo. Tenho amor próprio demais para isso… ou quase.

– Acha isso mesmo?

Nosso confronto é interrompido quando o telefone dele toca. Ele o tira rapidamente do bolso.

– John? – Ele se vira e começa a andar de um lado para outro. – Sim… certo. – A chamada termina rápido. – Vou levar você para casa. – Ele estende a mão.

– Não! Por favor, só abra os portões – estou implorando, e não era esse o tom que eu buscava.

– Não, não vou deixar você sair sozinha por aí, Ava. Fim de papo. Você vem comigo.

Levanto a cabeça quando um carro chega, vindo da estrada principal.

– Merda! – Jesse ruge, tirando o telefone do bolso e, ao mesmo tempo, tentando me alcançar.

Os portões começam a se abrir, e corro para pegar minha bolsa no carro.

– John, não abra os portões! – ele grita ao telefone e então para. – Então diga a Sarah para não abrir!

Assim que os portões se abrem o suficiente, passo por eles, antes que comecem a fechar. Vejo Jesse correr para o carro e bater em algo no painel, fazendo os portões começarem a se abrir novamente. Pego meu telefone e ligo para o serviço de táxi, enquanto caminho pela rua. A chamada se completa, mas quando vou começar a falar, perco o ar ao ser agarrada pela cintura.

Grito ao ser virada, levantada do chão e depois jogada sobre o ombro dele.

– Você não vai perambular sozinha por aí – seu tom está cheio de autoridade, me fazendo sentir mais nova, ou ele, mais velho; não sei bem qual dos dois.

– O que você tem a ver com isso? – disparo. Estou espumando de raiva e sendo sacudida para cima e para baixo enquanto ele caminha para o carro.

– Aparentemente nada, mas tenho consciência. Você não vai sair daqui, a não ser que vá no meu carro. Está entendendo? – Ele me coloca no chão e me faz entrar no carro dele, batendo a porta, antes de ir até o meu Mini para tirá-lo do caminho.

Dou um sorrisinho de deboche ao vê-lo afastar o banco do motorista o máximo possível e ainda assim ter dificuldade para enfiar o corpo alto e magro lá dentro. Ele parece um idiota.

Jesse bufa durante todo o caminho de volta, e o vejo entrar no carro e me lançar um olhar feroz, antes de dar a partida e sair, fazendo o motor gritar.

A jornada para minha casa é feita em doloroso silêncio e assustadoramente rápido. O homem é uma ameaça nas ruas, e eu gostaria que ele pelo menos tivesse ligado o rádio para quebrar o silêncio constrangedor.

Ainda que a contragosto, me pego admirando o interior de seu carro. Sou envolvida

pelo banco, com metros de couro preto ao meu redor, enquanto olho pela janela durante todo o trajeto para casa. Sinto seus olhos em mim de vez em quando, mas os ignoro, concentrando-me no ronco do motor, que segue pela estrada. O que foi aquilo?

Ele para o carro na casa de Kate, depois de orientações curtas e grossas, e eu saio.

– Ava? – ouço-o chamar meu nome, mas fecho a porta e começo a correr para a porta, xingando alto quando lembro que ele ficou com as chaves do meu carro. Viro para fazer o caminho de volta, mas só ouço o barulho do motor já longe, rua abaixo.

Meu rosto se contorce de raiva. Ele fez isso de propósito, para me fazer ligar para ele e, com toda a educação, pedi-las de volta. Vai ficar esperando. Prefiro ficar sem carro. Me arrasto e bato na porta.

– Onde estão suas chaves? – Kate pergunta, ao abri-la.

Penso rápido.

– Mandei trocar os freios do carro. Esqueci de pegar as chaves de casa que estavam nele.

Ela aceita minha desculpa sem mais perguntas.

– Há uma chave reserva no vaso próximo à janela da cozinha. – Ela corre escada acima, e eu a sigo, imediatamente abrindo uma garrafa de vinho, antes de fuçar na geladeira, à procura de algo para comer. Nada me chama a atenção. Vou ficar só no vinho.

– Sim, por favor – Kate aparece na cozinha. Ela já está de pijama, e não vejo a hora de fazer o mesmo. Eu a sirvo enquanto tento tirar do rosto a expressão de choque, que certamente ainda é visível.

– Teve um bom dia? – pergunto.

Ela desaba em uma das cadeiras descombinadas em torno da grossa mesa de pinho.

– Passei a maior parte do dia recolhendo suportes de bolo. Qualquer um pensaria que as pessoas fariam a gentileza de devolvê-los. – Ela bebe um gole do vinho e suspira, em sinal de aprovação.

Eu me junto a ela, à mesa.

– Você precisa começar a pedir um cheque-caução.

– Eu sei. Ei, tenho um encontro amanhã à noite.

– Com quem? – pergunto, imaginando se esse vai passar da primeira noite.

– Um cliente bem gostoso. Ele passou aqui para pegar o bolo de aniversário da sobrinha, um bolo da *Selva sobre Rodas*. Não é uma graça?

– Uma graça, mesmo – concordo. – Como aconteceu?

– Eu o convidei – ela dá de ombros.

Dou risada. A autoconfiança dela é encantadora. Kate deve ser a recordista mundial de primeiros encontros. O único relacionamento longo que ela já teve foi com meu irmão, mas nem tocamos nesse assunto. Desde que eles se separaram, e Dan se mudou para a Austrália, Kate teve uma infindável lista de primeiros encontros, nenhum deles passando desse ponto.

– Vou me trocar e ligar para a minha mãe – levanto e pego meu vinho. – Vejo você no sofá daqui a pouco.

– Ótimo.

Preciso muito falar com a minha mãe. Kate é minha melhor amiga, mas ninguém substitui minha mãe quando preciso de conforto. Não que eu possa contar a ela o porquê da necessidade de colo. Ela ficaria horrorizada.

Depois de colocar minha calça de moletom e uma regata, me jogo na cama e ligo para minha mãe. Toca uma vez, e ela atende.

– Ava? – sua voz é aguda, mas, ainda assim, relaxante.

– Oi, mãe.

– Ava? Ava? Joseph, não consigo escutar nada. Estou usando do jeito certo? Ava?

– Estou aqui, mãe. Está me ouvindo?

– Ava? Joseph, isto está quebrado. Não consigo ouvir nada. Ava!

Ouço a voz do meu pai abafada ao fundo, e então ele diz:

– Alô?

– Oi, pai! – grito.

– Não precisa gritar, porcaria!

– Ela não estava ouvindo.

– É porque estava com o aparelho de cabeça para baixo, mulher maluca.

Ouço minha mãe rir ao fundo e o som de um tapa, que é sem dúvida ela batendo no ombro do meu pai.

– Ela está aí? Consegue ouvi-la? Me dê isso!

Alguns ruídos depois, ela está de volta na linha.

– Ava, está aí?

– Sim! – Por que não liguei no telefone fixo? Ela insistiu que eu ligasse no celular para ajudá-la a pegar o jeito, mas, meu Deus, como é difícil. Ela só tem quarenta e sete anos, mas é uma completa tecnófoba.

– Ah, assim está bem melhor. Agora consigo ouvir. Como vai?

– Bem. Estou bem, mãe. E você?

– Sim, tudo bem. Adivinhe? Temos ótimas notícias – ela não me dá tempo de responder. – Seu irmão está vindo nos visitar!

Fico animada. Dan está vindo para casa? Não vejo meu irmão há seis meses. Ele está vivendo o sonho na Gold Coast, trabalhando como instrutor de surfe. Kate vai surtar com a notícia, mas não de um jeito bom.

– Quando? – pergunto.

– Domingo que vem! Não é ótimo?

– Sabe quais são os planos dele? – pressiono.

– Ele chega por Heathrow e vem direto para a Cornualha, para passar a semana comigo e com seu pai, e só depois volta para Londres, antes de ir embora. Por que não vem com ele? Você não nos visita há semanas.

De repente me sinto péssima. Não vejo meus pais há oito semanas.

– Estou trabalhado tanto, mãe. Tenho o lançamento do Lusso. Está uma loucura. Vou fazer o possível, está bem?

– Eu sei, querida. Como vai Kate? – ela pergunta. Minha mãe ainda ama Kate. Ela ficou devastada quando Dan e ela se separaram.

– Ela está ótima!

– Que bom. Tem ouvido falar do Matt? – ela pergunta, com cuidado. Sei que quer ouvir um grande e redondo “NÃO”. Ela não ficou nada triste quando Matt e eu terminamos. Pensando bem, Matt não é a pessoa favorita de muita gente.

– Não, estou seguindo com a vida – informo, ouvindo um suspiro de alívio. Não vou dar detalhes do que ando fazendo.

– Está bem. Joseph, atenda à porta, por favor. Ava, tenho que ir. Sue chegou para me levar à ioga.

– Está bem, mãe. Ligo de novo semana que vem.

– Ok. Boa sorte no lançamento e divirta-se! – ela ordena.

– Tchau, mãe – desligo. Dan vem para casa. Isso me alegra um pouco, e sempre me sinto bem quando falo com minha mãe. Eles estão a quilômetros daqui, e sinto uma saudade louca deles, mas me conforta o fato de terem escapado da loucura que é Londres, optando por uma aposentaria antecipada em Newquay, depois do infarto do meu pai.

Meu telefone começa a tocar, e olho para a tela, esperando ver o número de minha mãe – ela provavelmente se esqueceu de travar o teclado e sentou no aparelho –, mas não. É Jesse Ward.

Ughhhhhhhhhhhh!

– Rejeitar – bufo, jogo o telefone na cama e saio do quarto para sentar no sofá, na companhia de Kate, ouvindo-o tocar mais uma vez enquanto ainda estou no corredor.

Capítulo 5

– Bom dia – cantarolo para Tom quando passo por sua mesa, na quinta-feira.

Ele me olha por sobre os óculos de aro grosso – um arroubo fashion e um esforço de Tom para ser levado a sério. Eu deveria dizer a ele que seria melhor tirar a camisa amarelo-canário e a calça cinza, que mais parece uma legging. Isso, sim, surtiria efeito.

– Parece que alguém transou... – ele dá um sorrisinho. – Bem-vinda ao clube, estou exausto!

– Tom, você é uma piranha – finjo um olhar enojado, enquanto jogo minhas coisas sobre a mesa. – Algo que eu deva saber? – pergunto para desviar o assunto das aventuras sexuais de Tom.

– Não, só vou à casa da sra. Baines dar um apoio moral. Ela me ligou ontem às onze da noite para perguntar se os eletricistas estavam confirmados para agora pela manhã. Me interrompeu bem no meio da...

– Chega! – levanto as mãos. – Não quero saber. – Sento, virando a cadeira para ficar de frente para ele.

– Minhas desculpas, querida. É que foi muito bom! – ele dá uma piscadela e se empertiga na cadeira, me mandando um beijo a três metros de distância. – *Au revoir*, querida!

– Tchau. Ah, onde está a Victoria? – grito para ele.

– Visitas – ele grita de volta, fechando a porta.

Viro de frente para minha mesa, e Sally coloca uma xícara de café diante de mim. Eu a pego imediatamente, tomando um gole, enquanto ela paira por ali, nervosa.

– Patrick ligou dizendo que não vem ao escritório hoje – diz.

– Obrigada, Sally. Teve um bom fim de semana?

Ela sorri, concordando entusiasmada, puxando os óculos mais acima no nariz.

– Tive, sim, obrigada por perguntar. Terminei meu ponto-cruz e limpei todas as janelas, por dentro e por fora. Foi maravilhoso – ela diz, distraída, indo arquivar algumas faturas.

Limpar janelas, maravilhoso? A menina é um doce, mas, pelo amor de Deus, é tão sem graça quanto um copo d’água.

Passo algumas horas enviando e respondendo e-mails para limpar minha caixa de entrada. Verifico que a limpeza final do Lusso foi realizada e pego meu telefone, que começa a dançar pela mesa, revirando os olhos quando vejo quem está iluminando a tela. Ele não desiste. Ontem foi um bombardeio incessante de chamadas – todas

rejeitadas –, e ele continua tentando. Vou ter que falar com ele em algum momento. Ele tem algo de que preciso... meu carro.

À uma da tarde, deixo o escritório e vou ao encontro de Kate, para o almoço.

– Ainda existe algum homem decente neste mundo? – ela pergunta, pensativa, limpando a boca com o guardanapo. – Estou perdendo a vontade de viver.

– Não foi tão ruim, foi? – pergunto. O encontro que ela teve ontem à noite foi um desastre. Quando ela chegou em casa às nove e meia, eu sabia que não poderia significar coisa boa.

Ela derruba o guardanapo no prato vazio, empurrando-o para longe.

– Ava, quando um homem pega a calculadora ao final da refeição para ver quanto é a sua parte, normalmente não é um bom sinal.

– Então você não vai sair com ele outra vez?

Ela bufa.

– Não, a saga da conta bastou para mim. Quando ele me deixou em casa no táxi e aceitou a nota de vinte que ofereci, foi o fim.

– Você foi um encontro barato – brinco.

– Sim – ela pega o celular e começa a digitar na tela, mostrando-a em seguida para mim. – Um sanduíche BLT e duas águas. Sua parte são 12 libras. – Ambas rimos do encontro terrível de Kate. Adoro o fato de que ela leva tudo tão numa boa. Kate segue dizendo que vai acontecer quando tiver que acontecer. Concordo com ela.

– Quando seu carro fica pronto? – ela pergunta.

Paro de rir no ato. Ela vai pegá-lo emprestado para visitar a avó em Yorkshire no sábado, e já é quinta-feira. Preciso resolver isso.

– Vou ligar para a oficina mais tarde – prometo.

– Não me importo de ir de van.

– Não, tudo bem. Acho que Margô não chega lá. – É uma Kombi cor-de-rosa de vinte anos, que cospe e estala pelo escapamento por toda Londres, quando faz entregas de bolos.

Meu celular grita, e Kate se inclina para ver quem está ligando. Eu o tiro da mesa rápido, mas ainda assim é tarde. Olho nervosamente para ela e aperto o botão vermelho de novo, antes de devolvê-lo à mesa, com o máximo de tranquilidade possível. Minha reação não passa despercebida por Kate. Não há muito que passe batido por ela.

– Jesse – ela diz, com a sobrancelha levantada. – O que ele quer?

Eu não havia contado a Kate os terríveis eventos de terça-feira. Estou envergonhada demais. Dou de ombros.

– Vai saber.

– Houve mais torpedos sugestivos?

Ah, mais que torpedos. Kate adoraria o meu drama, por isso não contei nada a ela. Se eu não ouvir as palavras em voz alta, posso quase fingir que nada daquilo aconteceu... quase.

– Não – respondo, num suspiro.

Ela me lança um olhar suspeito, me fazendo sentir escrutinada.

– Você merece se divertir – ela diz, pensativa. – Depois de Matt, você definitivamente merece um pouco de diversão.

– Eu sei – concordo. – Preciso voltar ao trabalho. – Eu me inclino para beijá-la no rosto. – Amo você.

– É, idem. Vou chegar tarde em casa hoje. Há um congresso sobre bolos no Hilton. – Ela levanta e dispensa meu dinheiro quando tento pagar a minha parte. – É minha vez.

Nos despedimos do lado de fora do bar, Kate volta ao ateliê, e eu, para o escritório.

Quando chego em casa, me troco e desabo no sofá, pegando meu telefone, que toca. É de um número que não conheço.

– Ava O'Shea, – anuncio. Não ouço resposta. – Alô?

– Está sozinha?

A voz me atinge como um martelo no estômago. Que merda. Levanto e sento de novo, visões dele seminu diante de mim, implorando com os olhos, tomam minha mente de assalto. É exatamente por isso que eu vinha evitando as ligações. A influência que ele tem sobre mim é desconcertante e indesejada. Não consigo parar de tremer.

Por que o nome dele não apareceu na tela do telefone?

– Não – minto, e o suor escorre por minhas têmporas.

Ouço-o suspirar. É um suspiro alto.

– Por que está mentindo para mim?

Pulo novamente do sofá. Como ele sabe? Andando apressada pela sala, meu vinho derramando da taça, olho pela janela, mas não vejo seu carro na rua. Em pânico e com um nó na garganta, desligo, mas o telefone começa a tocar imediatamente. Jogo o aparelho no sofá e deixo tocar. E ele toca de novo.

– Pare!

Ando pela sala, roendo as unhas e engolindo meu vinho. Os eventos de terça-feira invadem minha mente, mas não a parte ruim. Ah, não… a parte muito boa. Como ele me fez sentir, as mãos dele em mim – tudo o que aconteceu antes de eu ouvir a voz irritante da namorada dele. Fecho imediatamente uma porta na minha mente e fico tensa quando meu telefone anuncia uma mensagem de texto. Caminhando com cautela até o sofá, como se meu celular fosse saltar e me morder, pego o aparelho e abro a mensagem.

> Atenda o telefone!

Ele toca de novo na minha mão, me fazendo pular, mesmo que já estivesse esperando. Ele é persistente. Deixo parar de tocar e respondo, de maneira infantil:

> Não.

Ando mais um pouco, de um lado para o outro, bebendo vinho e segurando o telefone com força. Não demora muito, e outro torpedo chega.

Tudo bem, vou entrar.

– O quê? Não! – grito para o telefone. Uma coisa é ignorar o celular, outra é conseguir resistir quando está aqui, em carne e osso, olhando nos meus olhos.

Procuro na lista de chamadas o número dele. O telefone toca uma vez.

– Tarde demais, Ava – ele fala, do outro lado. Olho para o telefone em dúvida, e então as batidas começam.

Corro para as escadas, me inclinando sobre o corrimão, enquanto ele martela na porta.

– Abra a porta, Ava! – ele bate de novo.

O que ele está pensando? Está assim tão desesperado?

Bam, bam, bam!

– Ava, não vou a lugar algum antes de você falar comigo, por favor.

Bam, bam, bam!

– Estou com as suas chaves, Ava. Vou abrir a porta eu mesmo.

Ai, merda. Ele faria isso. Está bem, vou deixá-lo entrar, ouvir o que tem a dizer, e então ele pode ir embora. Preciso do meu carro de volta, de qualquer forma. Só preciso me manter o mais longe possível dele, manter os olhos fechados e prender a respiração para não sentir seu cheiro. Não posso deixá-lo invadir minhas defesas. Coloco a taça na mesa no topo da escada e me olho no espelho. Meus cabelos estão presos num coque no alto da cabeça, mas pelo menos ainda não tirei a maquiagem, Podia ser pior. Eu me dou um tapa mental por me importar. Quanto pior estiver, melhor, não? Ele precisa entender que tem de se afastar.

Bam, bam, bam!

Desço as escadas em passos confiantes e determinados e abro a porta de um só movimento. Estou perdida. Sempre subestimo – ou esqueço – o efeito que ele tem sobre mim. Já estou tremendo.

Suas mãos estão apoiadas no batente da porta, e ele me olha com os olhos semicerrados, respirando com dificuldade e parecendo bastante nervoso. Seus cabelos loiros estão despenteados, a barba, por fazer, e o primeiro botão de sua camisa rosa-claro está aberto. Ele veste calça cinza e parece delicioso.

Ele faz furos em mim com seus olhos verdes.

– Por que você parou? – sua respiração é ofegante.

– O quê? – pergunto, impaciente. Ele veio até aqui para me perguntar isso? Não é óbvio?

Ele aperta os dentes.

– Por que fugiu de mim?

– Porque era um erro – digo, rangendo os dentes também. Minha irritação por sua audácia supera o outro sentimento que toma conta de mim, muito mais indesejado.

– Não era um erro, e você sabe disso – ele mastiga as palavras. – O único erro foi meu, por ter deixado você ir embora.

Não posso fazer isso. Tento fechar a porta, mas suas mãos, espalmadas do outro lado, me detêm.

– Ah, não, você não vai fazer isso. – Ele vem na minha direção, me dominando com facilidade e entra na sala, fechando a porta.

– Você não vai fugir desta vez. Vai encarar os fatos.

De pés descalços, sou quase trinta centímetros mais baixa que ele, o que me faz sentir pequena e fraca, vendo-o se impor sobre mim, ainda respirando com dificuldade. Eu recuo, mas ele se aproxima, mantendo uma distância mínima entre nós.

– Você precisa ir embora. Kate pode chegar a qualquer momento.

Ele para e me olha feio.

– Pare de mentir – ele vocifera, tirando minha mão dos meus cabelos. – Pare de besteira, Ava.

Não tenho ideia do que dizer a ele. A defesa não está funcionando – talvez o desinteresse. Ele é incrivelmente obstinado e é óbvio que está acostumado a conseguir o que quer.

Eu me viro para subir as escadas.

– Por que está aqui? – pergunto, mas, antes que eu vá longe, ele está atrás de mim, me segurando pelo punho, e me vira para encará-lo. O contato me coloca em alerta vermelho.

– Você sabe por quê – ele dispara.

Arranco meu pulso dele, andando de costas até encostar na parede atrás de mim.

– Porque quer me ouvir gritar?

– Não!

– Você é, sem dúvida, o babaca mais arrogante que já conheci. Não estou interessada em ser uma conquista sexual.

– Conquista? – ele debocha, virando e começando a andar sem rumo pela sala.

– Em que merda de planeta você mora, mulher?

Fico paralisada e em choque, cambaleando diante dele. Meu mal-estar desaparece, e minha irritação anterior rapidamente se transforma em raiva.

– Vá embora!

Ele para de andar e olha para mim.

– Não! – ele grita, recomeçando a marcha.

Começo a pensar em como tirá-lo da casa, mas jamais conseguiria empurrá-lo fisicamente, e tocá-lo seria um erro grave.

– Eu não estou interessada, merda! Saia daqui – minha voz trêmula estraga minha postura resoluta, mas permaneço firme.

– Não use essa linguagem!

Ah, que ousadia.

– Saia daqui!

– Tudo bem – ele diz apenas, parando de andar para me prender com o olhar. – Olhe nos meus olhos e diga que não quer me ver de novo, e vou embora. Você nunca mais vai colocar os olhos em mim.

O pensamento de nunca mais vê-lo causa uma dor horrível no meu estômago, o que é, claro, completamente ridículo. Ele é quase um estranho para mim, mas me faz sentir… não sei bem como.

Quando não digo nada, ele começa a avançar na minha direção, e seus passos largos o colocam na minha frente em tempo recorde. Não há nem três centímetros entre nós.

– Diga – ele respira fundo.

Não consigo fazer minha boca funcionar. Estou ciente de minha respiração entrecortada, o coração batendo forte, assim como a pulsação em meu sexo, e estou alerta a reações similares que emanam dele. Posso ver seu coração bater por baixo da blusa rosa-claro. Posso sentir seu hálito mentolado em meu rosto. Não posso garantir que esteja latejando, mas imagino que sim. A tensão sexual que ricocheteia entre nossos corpos tão próximos é tangível.

– Não consegue, não é? – ele sussurra.

Não consigo! Estou tentando, estou tentando com vontade, mas as malditas palavras não saem. Fui catapultada de volta ao nosso encontro anterior, só que dessa vez não há risco de sermos interrompidos por namoradas antipáticas. Nada pode me deter, além da minha consciência, mas ela está afogada em desejo nesse momento.

Ele encosta a ponta do dedo no meu ombro, seu toque fazendo um inferno correr dentro mim e, lenta, suavemente, traça uma linha pelo meu pescoço, que vai parar no ponto sensível logo abaixo da minha orelha.

Meu coração acelera.

– Tum… Tum… Tum… – ele ofega. – Posso sentir, Ava.

Fico tensa e encosto mais ainda na parede.

– Por favor, vá embora – as palavras mal saem de minha boca.

– Coloque a mão sobre o meu coração – ele pede em voz baixa, pegando minha mão e a colocando em seu peito. Nem precisava ter feito isso. Posso ver seu coração batendo rápido por baixo da camisa. Não precisava senti-lo para saber disso. Ele é tão afetado por mim quanto eu por ele.

– Por que está tentando deter o inevitável? – segurando meu pescoço, ele levanta minha cabeça para que eu olhe nos seus olhos.

Sou imediatamente consumida por eles. Seus longos cílios pousam em seu rosto quando ele se inclina, e seus lábios roçam minha orelha. Solto um gemido.

– Aí está – ele murmura enquanto desenha uma linha de beijos leves na lateral do meu pescoço. – Está sentindo.

Estou. Sou incapaz de impedir isso. Meu cérebro travou, meu corpo está assumindo o controle e, quando sua boca faz o caminho do meu maxilar, eu me entrego ao fato de que estou perdida – para ele, estou perdida. Então ouço o som de um telefone tocando. Não é o meu, mas a interrupção basta para me tirar do transe em que ele havia me colocado. Meu Deus, provavelmente é Sarah.

Coloco as mãos em seu peito com firmeza e o empurro para longe de mim.

– Pare, por favor!

Ele se afasta, tirando o celular do bolso.

– Merda! – ele rejeita a ligação e me lança um olhar furioso. – Você ainda não disse.

Estou chocada com minha incapacidade de proferir palavras tão simples.

– Não estou interessada – sussurro. Pareço desesperada e sei disso. – Você precisa parar com isso. O que quer que ache que sentiu, o que acha que *eu* senti, está errado. –

Não menciono Sarah porque isso seria admitir que sinto algo e que ela é a única razão para o meu basta. E não é, claro. Há a óbvia diferença de idade, o fato de ele ter "destruidor de corações" escrito no corpo todo e a parte mais importante: é infiel.

Ele dá uma risada satisfeita.

– Achar? Ava, não ouse tentar dizer que tudo não passou de um fruto da minha imaginação. Agora há pouco, aquilo foi minha imaginação? Me dê algum crédito!

– Me dê algum crédito você, merda!

– Não use essa linguagem! – ele grita.

– Eu pedi para você sair – eu digo, calma.

– E eu pedi para você me olhar nos olhos e dizer que não me quer. – Ele me olha com expectativa, como se soubesse que não vou conseguir.

– Eu não quero você – murmuro, olhando direto em seus olhos verdes e me encolhendo pela dor física que as palavras me causam.

Ele respira fundo, parecendo magoado.

– Não acredito em você.

– Pois deveria – pronuncio claramente as palavras, e isso demanda cada molécula de força que tenho.

Olhamos um para o outro pelo que parece uma eternidade, mas sou a primeira a romper o contato visual. Não consigo pensar em mais nada a dizer e silenciosamente imploro que ele vá embora antes que eu enverede pelo caminho perigoso que sei que ele será.

Ele passa as mãos pelos cabelos, frustrado, e sai. Quando a porta da frente bate, deixo o oxigênio voltar a fluir em meus pulmões e escorrego pela parede.

Essa foi irrefutavelmente a coisa mais difícil que já tive que fazer, o que é ridículo, porque deveria ter sido a mais fácil. Nem sequer consigo começar a entender os porquês de tudo isso. Sua expressão magoada quando neguei que o queria quase me aleijou. Eu queria gritar "Eu também senti!", mas aonde isso iria me levar? Sei exatamente aonde – contra a parede, com Jesse enterrado em mim e, enquanto esse pensamento me faz tremer de prazer, teria sido um erro monstruoso. Já me sinto consumida pela culpa pelo meu comportamento deplorável. O homem é um babaca infiel. Um Adônis, mas um babaca infiel, mesmo assim. Tudo nesse homem grita que ele é encrenca. E ainda está com a porcaria das minhas chaves.

Capítulo 6

Já estou totalmente desperta, e meu alarme ainda nem tocou. Não dormi nada. Com um suspiro longo e profundo, me arrasto para fora da cama e vou para o banheiro tomar um banho. Tenho um dia cheio hoje no Lusso, então é melhor não perder tempo.

Vou ficar de pé o dia todo, subindo e descendo pelo complexo para garantir que tudo esteja perfeito, então visto jeans velhos e rasgados – que não consigo jogar fora –, camiseta branca surrada e chinelos de dedo. Prendo os cabelos em um coque solto no alto da cabeça e rezo para que se comportem mais tarde, quando chegar a hora de fazer um penteado para a noite. Duvido que terei tempo de voltar para casa e tomar outro banho, então pego uma mala pequena e preparo tudo o que posso precisar para me arrumar no Lusso mais tarde. Pego meu vestido lápis cor de cereja e guardo com o máximo de cuidado possível, torcendo para não amassar. Por último, pego meus sapatos pretos de camurça e brincos de ônix e verifico se minha pasta de trabalho tem tudo de que posso precisar. Vai ser um saco carregar tudo no metrô, mas não tenho outra opção sem meu carro. Kate terá que usar Margô para ir a Yorkshire.

Enquanto desço as escadas, me surpreendo ao ver minhas chaves no capacho. Então ele teve o bom senso de libertar meu carro. Isso significa que viu a luz e vai parar de me perseguir? Será que entendeu a mensagem? É provável, porque não houve nenhuma mensagem de texto nem ligação desde que ele foi embora ontem à noite. Se estou decepcionada? Não tenho tempo para pensar nisso.

– Estou indo – grito para Kate. – Meu carro voltou.

Ela põe a cabeça para fora do ateliê.

– Ótimo. Boa sorte. Passo lá mais tarde para beber todo aquele champanhe caro.

– Ah, sim. Vejo você mais tarde. – Corro na direção do carro, parando de repente ao ver um celular despedaçado na calçada. Sei imediatamente de onde veio. Chuto-o para dentro do bueiro e sigo para o meu carro, colocando minhas coisas no porta-malas e me acomodando no banco do motorista, só para perceber que estou a metros do volante.

Rindo, puxo o banco para a frente até meus pés alcançarem os pedais e dou a partida, dando um pulo de susto quando os alto-falantes começam a berrar uma música do Blur. Seria esse problema de audição um indicativo da idade dele? Abaixo o volume, titubeando ao ler que "Country House" é o nome da faixa. Luto contra a parte de mim que quer rir da piada e tiro o CD do aparelho de som. Acho que nunca na vida conheci alguém tão convencido. Substituo o CD indesejado por *Chill-out Sessions*, do Ministry of Sound, e sigo para Saint Katharine Docks.

Assim que paro do lado de fora do Lusso, viro o rosto para a câmera, e os portões se abrem imediatamente, permitindo que eu estacione lá dentro. Vejo os responsáveis pelo buffet descarregando louças e copos. Pego minhas coisas do porta-malas e entro no edifício. Já estive aqui milhões de vezes, mas ainda fico completamente boquiaberta com a pura extravagância que é esse lugar.

Assim que passo pelo *foyer*, vejo Clive, um dos porteiros, brincando com o novo equipamento eletrônico. Ele faz parte do time que vai prestar o serviço padrão de hotel seis estrelas, organizando tudo, de compras de mantimentos e ingressos para o teatro a viagens de helicóptero e reservas em restaurantes. Atravesso o piso de mármore, que brilha estonteantemente, e chego ao enorme balcão da recepção, curvo e repleto de vasos pretos com centenas de rosas vermelhas, arranjados cuidadosamente de ambos os lados. Pelo menos não vou ter que cuidar da entrega desses.

– Bom dia, Clive! – digo, me aproximando do balcão.

Ele tira os olhos de suas telas, o pânico evidente em seu rosto amigável.

– Ava, já li esse manual quatro vezes em uma semana e ainda não tenho a menor ideia de como operar isto aqui. Nunca tivemos nada parecido no Dorchester.

– Não deve ser tão difícil – tento confortá-lo. – Pediu ajuda para a equipe de segurança?

Ele joga os óculos sobre a bancada em desespero, esfregando os olhos.

– Sim. Já pedi três vezes. Devem achar que tenho algum problema.

– Você vai ficar bem – tento confortá-lo. – Quando eles começam a trazer tudo?

– Amanhã. Tudo certo para hoje à noite?

– Pergunte de novo hoje à tarde. Nos vemos daqui a pouco.

– Ok, amor. – Ele volta a atenção para o manual de instruções, resmungando sozinho.

Vou até o outro lado do hall e aperto o código de segurança para o elevador privativo da cobertura e, quando chego ao topo, começo a carregar vasos e flores para cada um dos andares do prédio. Colocá-los no lugar deve me manter ocupada por algum tempo.

Às dez e meia, estou de volta ao *foyer* e posicionando meu último arranjo de flores nas mesas dispostas no hall de entrada.

– Flores para a srta. O'Shea.

Olho na direção da voz e vejo uma jovem admirando o impressionante lobby.

– Desculpe, o que disse?

Ela aponta para a prancheta.

– Tenho uma entrega para a srta. O'Shea.

Reviro os olhos. Não me digam que duplicaram o pedido para mais de quatrocentas rosas. Isso seria elevar a incompetência a um novo nível.

– Já recebi o pedido de flores – digo cansada, me aproximando. Noto a van da loja, do lado de fora. Não é a mesma para qual fiz o pedido.

– Já recebeu? – ela olha em pânico para a prancheta, virando as páginas.

– O que tem aí? – pergunto.

– Um buquê de copos-de-leite para a senhorita… – ela olha a prancheta de novo. – Srta. Ava O'Shea.

– Eu sou Ava O'Shea.

– Legal. Volto em dois segundos. – Ela sai correndo e volta rápido com o maior buquê de copos-de-leite que já vi – flores impressionantes, brancas, elegantes, cercadas por uma folhagem de um verde profundo. – Este lugar parece Fort Knox! – ela exclama, me entregando o buquê.

Elegância discreta.

Meu estômago dá um salto mortal enquanto assino o recibo da entrega e pego as flores com ela, encontrando o cartão entre a floresta verde.

Sinto muito. Me perdoe, por favor. Um beijo, J.

Olhando fixamente para o cartão, leio-o repetidas vezes. Ele já se desculpou por seu comportamento inapropriado e veja só até onde isso me levou. Começo a me perguntar como ele sabia que eu estaria aqui, mas aí me lembro do interesse dele pelo Lusso no meu portfólio. Não seria necessário muito esforço para descobrir a data do lançamento e deduzir que eu estaria aqui. Ele não vai mesmo desistir, vai?

Coloco as flores no balcão da portaria.

– Aqui está, Clive. Vamos embelezar esse mármore preto. – Ele ergue os olhos por um momento, antes de voltar a coçar a cabeça, parecendo desesperançado. Deixo-o fazer seu trabalho, continuando minha checagem para garantir que tudo esteja pronto.

Victoria aparece às cinco e meia, em sua aparência impecável de sempre – cabelos loiros, olhos azuis e muito arrumada.

– Desculpe o atraso. O trânsito está um pesadelo, e não há lugar para estacionar. – Ela olha em volta. – Estão todos reservados para os convidados. O que posso fazer? Estou tão animada! – ela cantarola, enquanto passa as mãos pelas paredes da cobertura.

– Está tudo pronto. Só quero que você dê uma volta para verificar se não esqueci nada. – Eu a conduzo à área central.

– Meu Deus, Ava, está sensacional!

– Está lindo, não está? Nunca tive uma verba tão colossal. Foi divertido gastar tanto dinheiro alheio. – Nós duas rimos juntas. – Viu a cozinha?

– Não a vi finalizada. Aposto que está incrível.

– Está. Vá ver. Vou me arrumar no spa. Já arrumei tudo nos outros apartamentos, então concentre-se nesse. É aqui que tudo vai rolar. Certifique-se de que todas as almofadas estão afofadas e no lugar certo. Se houver alguma dúvida, anote. Está bem?

– Feito – ela confirma, desaparecendo na cozinha.

Uma hora mais tarde, depois de usar todo o equipamento do luxuoso spa do Lusso, estou pronta. Meu vestido está desamassado, e meu cabelo, comportado. Dou uma olhada em volta, um pouco triste por ser a última vez. Logo tudo estará lotado de gente interessada em negócios e pela alta sociedade, então aproveito minha última oportunidade de saborear a magnificência deste lugar. Ainda é difícil acreditar que isto é trabalho meu. Sorrio ali, de pé, no colossal espaço aberto. Portas de duas folhas levam ao terraço em L, com piso de calcário, um deck, espreguiçadeiras e uma banheira de hidromassagem imensa. Há uma sala de leitura, sala de jantar, um corredor em arcos

que leva à cozinha ridiculamente grande e uma escadaria em ônix com iluminação indireta, que leva a quatro suítes, sem contar a descomunal suíte máster. O spa, a academia e a piscina no térreo do edifício são exclusivos para os moradores do Lusso, mas a cobertura tem sua própria sala de ginástica. É estupenda. Quem quer que tenha comprado esse lugar definitivamente gosta das melhores coisas na vida e, por meros 10 milhões, conseguiu.

Volto à cozinha e encontro Victoria.

– Tudo pronto – ela declara, enquanto aspira uma migalha da bancada de mármore.

– Bom, vamos beber. – Sorrio e pego duas taças de champanhe, passando uma para ela.

– A você, Ava. Estilosa de corpo *e* mente – ela ri, erguendo o copo num brinde. Nós duas bebemos e suspiramos.

– Uau, isso é bom.

– *Ca'del Bosco, Cuvée Annamaria Clementi, 1993*. É italiano, claro. – Levanto a sobrancelha, e Victoria ri de novo.

Ouço ruídos vindos do hall de entrada e saio da cozinha, encontrando Tom abrindo e fechando a boca como um peixe dourado e Patrick sorrindo orgulhoso.

– Ava, isso é mesmo especial, querida! – Tom corre até mim e me dá um abraço apertado. Ele se afasta um pouco, reparando em mim. – Adorei o vestido. Bem delicado.

Gostaria de dizer o mesmo sobre Tom, que leva as cores a níveis extremos. Estreito os olhos diante de sua combinação de camisa em um tom forte de azul e gravata vermelha.

– Deixe a menina, Tom. Você vai amarrotá-la – Patrick ralha, gentilmente puxando-o para o lado e inclinando-se para me beijar no rosto. – Estou muito orgulhoso de você, flor. Você fez um trabalho maravilhoso e, cá entre nós, – ele se aproxima de minha orelha e sussurra – os executivos da incorporadora deram a entender que querem você no próximo projeto, em Holland Park – ele pisca para mim, seu rosto enrugado se enrugando mais ainda. – Agora, onde está o champanhe?

– Por aqui. – Eu os levo até a enorme cozinha, escutando mais exclamações de Tom. O lugar realmente é especial.

– Saúde! – brindo depois de dar a cada um uma taça de champanhe.

– Saúde! – todos erguem as taças.

Passo algumas horas sendo apresentada a membros da alta sociedade e explicando minha inspiração por trás do design. Jornalistas de revistas de arquitetura e decoração circulam pelo local fazendo fotos, sendo curiosos em geral e, para meu desgosto, inventam de me colocar em uma *chaise longue* de veludo para uma foto. Patrick me arrasta de um lado para outro, proclamando seu orgulho e dizendo para quem quiser ouvir que eu sozinha coloquei a Rococo Union no mapa dos designers. Coro profusamente, suavizando toda vez cada uma de suas declarações.

Agradeço aos céus quando Kate chega. Levo-a direto para a cozinha, coloco uma taça de champanhe em sua mão e sirvo outra para mim.

– Bem luxuoso, hein? – ela admira, olhando a luxuosa cozinha. – Faz a minha casa

parecer um caos.

Dou risada pela comparação com sua casinha fofa e aconchegante, onde parece que houve uma explosão de tecidos florais.

– Você quer dizer imponente, certo?

– Sim, isso também. Mas eu não conseguiria morar aqui – diz ela, sem a menor vergonha.

Finjo estar magoada e espero que retire o que disse, mas ela não o faz. Em vez disso, Kate está olhando por cima de meu ombro, com um sorriso safado nos lábios. Eu me viro para descobrir o que prendeu sua atenção.

Ah não!

– Ele não vale nada, não é? – Kate comenta friamente.

Ah, ela não faz ideia.

Usando terno azul-marinho e camisa azul-claro, uma das mãos no bolso e a outra segurando uma pasta, Jesse, como sempre, parece um deus. Está acompanhado por um agente imobiliário, mas não está prestando a menor atenção ao que o homem diz. Não, seus olhos estão fixos em mim.

– Merda! – xingo, virando de volta a Kate. Ela tira os olhos de Jesse e os fixa em mim, e eles dançam em deleite.

– Sabe… – ela toma um gole no meio do sorriso – esse não é o comportamento de alguém que teoricamente não se abala pela presença de outro alguém, Ava.

– Fui ao Solar na terça-feira e quase dormi com ele – deixo escapar.

– O quê? – Kate engasga, pegando um guardanapo para enxugar o champanhe que escorria por seu queixo.

– Ele pediu desculpas pela mensagem de texto que me mandou. Eu voltei ao Solar, e ele pediu ao grandão para me trancar em um quarto. E estava me esperando quase nu.

– Está brincando! Meu Deus. Quem é o grandão?

A urgência para colocar Kate a par dos fatos me faz ignorar a pergunta e cuspir os fatos depressa.

– Foi um desastre. Fugi quando ouvi a namorada dele chamá-lo. Então Ward apareceu lá em casa ontem à noite fazendo exigências.

– Caramba! Que tipo de exigências?

– Não sei. O cara é um babaca arrogante. Ele perguntou quanto eu ia gritar quando ele me comesse.

Ela cospe mais champanhe.

– Ele o quê? Merda, Ava, ele está vindo para cá. Está vindo para cá! – ela não consegue parar quieta, seus olhos ainda dançando de empolgação.

Começo a planejar minha fuga, mas, antes que meu cérebro possa dar instruções para minhas pernas se moverem, sinto-o atrás de mim. Posso sentir seu cheiro também.

– Que bom vê-la de novo, Kate – ele fala com calma. – Ava?

Continuo de costas para ele, ciente de que, se virar para vê-lo, serei catapultada para aquele lugar perigoso que é o território de Jesse Ward – um lugar onde tenho que lutar para manter a razão.

Os olhos de Kate vão de um para outro, esperando que um de nós diga algo. Com

certeza não serei eu.

– Jesse – ela o cumprimenta com um aceno de cabeça. – Com licença. Preciso retocar a maquiagem – ela deixa a taça vazia no balcão e se retira, e eu mentalmente a amaldiçoo.

Ele dá a volta em mim para ficarmos de frente um para o outro.

– Você está linda – ele murmura.

– Você disse que eu nunca mais ia vê-lo – eu o desafio, ignorando seu elogio.

– Eu não sabia que você estaria aqui.

Olho para ele, farta.

– Você me mandou flores.

– Ah, é. Mandei. – Um sorriso brinca em seus lábios.

Não tenho tempo para joguinhos.

– Com licença, por favor. – Tento desviar, mas ele se move para o mesmo lado, bloqueando minha passagem.

– Eu esperava que me mostrasse o apartamento.

– Vou chamar Victoria. Ela ficará feliz em mostrar o local.

– Prefiro que seja você.

– Você não ganha uma trepada com o *tour* – disparo.

A expressão dele se fecha.

– Você pode não usar essa linguagem?

– Desculpe – resmungo, indignada. – E coloque o banco no lugar quando dirigir o meu carro.

Seu sorriso parece o de um menino, e fico ainda mais furiosa comigo mesma quando meu coração bate mais rápido. Não posso deixar que ele veja o efeito que causa em mim.

– E não mexa no rádio!

– Desculpe. – Seus olhos brilham com malícia. É tão sexy. – Você está bem? Parece um pouco nervosa. – Ele estende o braço e lentamente passa o dedo no meu braço nu. – Algo está afetando você?

Eu me desvencilho dele.

– De jeito nenhum. – Preciso mudar de assunto. – Ainda quer que mostre o local?

– Adoraria – ele parece satisfeito consigo mesmo.

E de repente eu o tiro da cozinha e o levo ao imenso espaço da sala de estar.

– Lounge – movimento a mão aleatoriamente no espaço que nos cerca. – Você já viu a cozinha – digo por sobre o ombro, enquanto ando por um espaço aberto que leva ao terraço. – A vista – mantenho o tom cansado, ouvindo-o rir atrás de mim.

Levo-o de volta pelo lounge até chegar à sala de ginástica, sem dizer uma palavra enquanto atravessamos a cobertura. Jesse cumprimenta várias pessoas cada vez que nos deslocamos, mas não o deixo parar para conversar. Ando em ritmo acelerado para acabar com aquilo o mais rápido possível. Maldito lugar grande.

– Academia – digo, entrando na sala, mas saindo de repente assim que ele entra. Vou em direção às escadas, ouvindo-o rir atrás de mim. Subo a escadaria de ônix com iluminação indireta, abrindo e fechando as portas, uma atrás da outra, enquanto informo o que há além delas. Quando chegamos à atração principal, a suíte máster, faço

um gesto largo no closet e no banheiro. O lugar merece muito mais paixão e tempo do que eu estou dedicando.

– Você é uma guia especializada, Ava – ele brinca, chamando a atenção para uma das minhas obras de arte favoritas. – Você se incomoda de me falar sobre o fotógrafo?

– Giuseppe Cavalli – solto o nome, cruzando os braços diante do peito.

– É bom. Há algum motivo especial para ter escolhido esse fotógrafo? – ele está tentando descaradamente me deixar tentada a conversar com ele.

Olho para suas costas largas, cobertas pelo paletó, as mãos repousando suavemente nos bolsos da calça, as pernas um pouco abertas. Meus olhos gostam do que veem, mas meu cérebro parece ovos mexidos. Suspiro e decido, sabiamente ou não, fazer sua vontade. Giuseppe Cavalli definitivamente merece meu tempo e entusiasmo. Solto os braços ao lado do corpo e me junto a ele diante da imagem.

– Era conhecido como o mestre da luz – digo, e ele me olha com interesse genuíno. – Ele achava que o objeto não tinha a menor importância. Não importava o que fotografava. Para ele, o objeto era sempre a luz. Ele se concentrava em controlá-la. Está vendo? – aponto para os reflexos na água. – Esses barcos a remo, por mais bonitos que sejam, são apenas barcos, mas vê como ele manipula a luz? Não se importa com os barcos. Ele se importa com a luz que os cerca. Torna objetos inanimados interessantes, faz você olhar para a foto com uma… bem, com uma luz diferente, acho eu. – Inclino minha cabeça e observo a fotografia. Nunca me canso dela. Parece tão simples, mas, quanto mais se olha, mais é possível entendê-la.

Após alguns momentos de silêncio, tiro os olhos da imagem e flagro Jesse me encarando.

Nossos olhares se encontram, e ele morde o lábio inferior. Sei que não vou conseguir dizer não outra vez se ele insistir. Não tenho mais forças, usei todas as minhas reservas na noite passada. Nunca me senti tão desejada quanto quando estou com ele.

– Por favor, não – minha voz é quase inaudível.

– Não o quê?

– Você sabe o quê. Você disse que eu não precisaria mais vê-lo.

– Eu menti – ele não está envergonhado. – Não consigo ficar longe de você, então você vai ter que me ver outra vez… e outra vez… e outra vez – ele termina a última parte da declaração lenta e claramente, não deixando brecha para dúvidas.

Perco o fôlego e instintivamente me afasto dele.

– Você lutar contra isso só me deixa mais determinado a provar que você me quer – ele começa a se aproximar, dando passos cautelosos para a frente, mantendo contato visual intenso. – Estou tornando esse o objetivo de minha missão. Faço *qualquer coisa*.

Paro de recuar quando sinto a cama encostar na parte de trás dos meus joelhos. Mais dois passos, e ele estará em cima de mim, e a ideia do contato iminente é o bastante para me tirar do transe que ele me causa.

– Pare – estendo a mão diante de mim, fazendo-o parar. – Você nem me conhece – falo rápido em uma tentativa desesperada de fazê-lo ver o quanto isso é absurdo.

– Sei que você é inacreditavelmente bonita. – Ele volta a caminhar na minha direção. – Sei o que eu sinto e sei que você sente também. – Estamos muito próximos agora, e

meu coração bate com força na minha garganta. – Diga, Ava. O que eu deixei passar?

Tento controlar minha respiração acelerada, mas estou ofegando, e meu corpo treme visivelmente. Estou lutando. Baixo a cabeça, com vergonha das lágrimas que surgem nos meus olhos. Por que estou chorando? Ele está gostando de me reduzir às lágrimas? Isso é horrível. Está tão desesperado em me levar para a cama, que resolveu me perseguir, e estou chorando porque sou fraca demais. Ele me deixa fraca e não tem esse direito.

Sinto sua mão tocar meu queixo, e o calor seria bem-vindo se eu não o considerasse um cafajeste nesse momento. Ele levanta minha cabeça e, quando nossos olhos se encontram, estremece ao ver minhas lágrimas.

– Desculpe – ele sussurra suavemente, deslizando a mão para afagar meu rosto, limpando minhas lágrimas com o polegar. Sua expressão é de puro tormento. Que bom. É para ser mesmo.

Encontro minha voz.

– Você disse que ia me deixar em paz – olho para ele perplexa, enquanto ele continua a acariciar meu rosto com o polegar. Por que me persegue assim? Ele claramente está infeliz em seu relacionamento, o que não torna isso certo.

– Eu menti. Desculpe. Não consigo ficar longe de você, Ava.

– Você já pediu desculpas e está aqui de novo. Devo esperar flores amanhã? – Não escondo meu sarcasmo.

Seu polegar para, e ele baixa a cabeça. É a vez dele de ficar envergonhado. Mas logo ele levanta a cabeça, nossos olhares se conectam, e seus olhos descem para os meus lábios. Meu Deus, nunca vou ser capaz de deter isso. Seus lábios se abrem e se aproximam dos meus. Prendo a respiração e, quando nossos lábios roçam uns nos outros, ainda que muito de leve, meu corpo se rende, fazendo minhas mãos voarem e segurarem com força seu paletó. Ele geme em aprovação, e suas mãos vão para a base de minha coluna, me puxando para mais perto, nossas bocas pairando próximas, os hálitos se misturando, enquanto trememos de maneira incontrolável.

– Já se sentiu assim? – ele diz numa respiração, deslizando a boca pelo meu rosto, até chegar à minha orelha.

– Nunca – respondo com sinceridade. Minha respiração entrecortada é irreconhecível.

Ele prende o lóbulo de minha orelha entre os dentes e puxa de leve, deixando a carne escapar devagar.

– Está pronta para parar de lutar? – ele sussurra, traçando a linha externa de minha orelha com a ponta da língua, fazendo o caminho de volta e passando os lábios na pele sensível logo abaixo. Seu hálito quente faz uma onda de calor surgir entre minhas pernas. Não posso mais lutar contra isso.

– Ah, Deus… – solto num suspiro, e seus lábios colam nos meus para me calar. Ele os toma com gentileza, e eu os deixo, permitindo que nossas línguas rolem juntas, em um ritmo calmo e compassado. É bom demais. Todo o meu corpo está em chamas.

Ele geme, libertando minha boca.

– Isso é um sim? – ele me fita com aqueles olhos verdes.

– Sim.

Com um meneio de cabeça, quase imperceptível, ele beija meu nariz, meu rosto,

minha testa e volta aos meus lábios.

– Preciso ter você inteira, Ava. Diga que posso ter você inteira.

Inteira? O que ele quer dizer com isso? Mente? Alma? Mas não no sentido literal, não é? Não, ele quer meu corpo todo, e agora minha consciência me foge completamente. Preciso tirar esse homem da cabeça. Ele precisa *me* tirar da cabeça *dele*.

– Me possua – digo baixinho, com os lábios colados nos dele.

O grunhido que sai de seus lábios ao ouvir minhas palavras só aumenta meu desejo e, com a boca ainda colada na minha, ele passa o braço pela minha cintura e a outra mão segura minha cabeça com firmeza. Ele aprofunda o beijo me levantando do chão e me levando ao outro lado do quarto, até que minhas costas toquem a parede. Nossas línguas dançam juntas freneticamente, minhas mãos se movem em suas costas, mas quero um contato mais próximo, então seguro a lapela de seu paletó e começo a tirá-lo de seus ombros. Ele mantém o beijo, dando um passo atrás o bastante para se livrar da peça. Eu a jogo no chão, agarro sua camisa e o puxo para mais perto, minha crise de consciência de momentos atrás total e completamente esquecida. Eu tenho que o ter.

Nossos corpos se chocam com força, e ele me empurra contra a parede, devorando minha boca.

– Meu Deus, Ava – ele ofega. – Você me deixa louco. – Ele mexe os quadris, fazendo sua ereção me tocar, arrancando um gritinho dos meus lábios, e agarro mechas do cabelo dele, gemendo em um convite.

Já passamos do ponto em que ainda poderíamos parar. Meu corpo entrou no piloto automático, o botão de "parar" foi perdido em algum lugar nesta terra de desejo. Sinto suas mãos tocarem minhas coxas, e meu vestido é puxado para cima até chegar à cintura, em um rápido movimento. Seus quadris se movem novamente, me fazendo gemer. Preciso de mais. Não sei como resisti a isso. Ele morde meu lábio inferior e o solta, afastando o rosto para me olhar nos olhos, enquanto faz mais um movimento firme que o faz roçar no meu sexo. Jogo a cabeça para trás em um gemido profundo, dando acesso livre ao meu pescoço, do qual ele se aproveita, chupando e passando a língua em todas as depressões e saliências. Eu poderia chorar de prazer, mas então ouço vozes vindas do lado de fora do quarto, e a realidade volta como um golpe. O que estou fazendo? Estou na suíte máster da cobertura, com meu vestido na cintura, e Jesse beijando meu pescoço. Há centenas de pessoas perambulando no andar de baixo. Alguém poderia entrar a qualquer momento. Alguém *vai* entrar a qualquer momento.

– Jesse – digo, sem ar, tentando chamar sua atenção. – Jesse, alguém está vindo, você precisa parar. – Tento me desvencilhar sacudindo o corpo, sua ereção toca no lugar exato, e bato com a cabeça na parede para tentar frear a onda de prazer que toma conta de mim.

Ele dá um gemido grave e longo.

– Não vou soltar você. Não agora.

– Precisamos parar.

– Não – ele murmura.

Meu Deus, qualquer um pode entrar por aquela porta.

– Vamos continuar mais tarde – tento convencê-lo. Preciso fazê-lo se afastar de mim.

– Isso vai dar a você muito tempo para mudar de ideia – ele mordisca meu pescoço.

– Não vou mudar de ideia – seguro seu queixo, puxando seu rosto na direção do meu para ficar bem próximos. Olho fixamente bem dentro daquelas piscinas verdes. – Não vou mudar de ideia.

Ele estuda os meus olhos, buscando a certeza de que precisa, mas eu não poderia estar mais decidida. Eu quero isso. Sim, vou ter tempo para avaliar a situação, mas nesse momento tenho certeza de que vou até o fim. Ele é muito tentador para resistir, e só Deus sabe como tentei.

Ele me beija com intensidade e se afasta.

– Sinto muito, mas não posso arriscar – ele me pega no colo e me leva para o banheiro.

– O quê? Eles vão querer entrar aqui, também. – Ele não pode estar falando sério.

– Vou trancar a porta. Não grite – ele me olha, com um sorrisinho.

Estou chocada, mas tenho que rir.

– Você não tem vergonha.

– Não. Meu pau está doendo desde sexta-feira passada, finalmente você está nos meus braços e viu a luz. Eu não vou a lugar algum nem você.

Capítulo 7

Ele chuta a porta para fechá-la e me senta entre as pias do gabinete do banheiro antes de voltar para trancar a porta. Meu vestido ainda está amontoado em volta da minha cintura, minhas pernas e minha calcinha totalmente expostas.

Olho para o vasto cômodo com o qual estou tão familiarizada, e meus olhos pousam na gigantesca banheira de mármore cor de creme que domina o centro do recinto. Sorrio, lembrando o trauma que foi contratar um guindaste para içá-la pela janela. Foi um pesadelo, mas ficou espetacular. A ducha dupla no lado oposto foi feita de uma parede do chão ao teto de vidro e azulejos Travertine bege, e o gabinete em que fui posta é feito de mármore italiano de cor creme, com duas pias e torneiras cascata. Um espelho grosso de moldura dourada entalhada ocupa toda a parede sobre a bancada, e uma *chaise longue* decora a área da janela, em diagonal. É a personificação do luxo.

Ouço o clique da fechadura, que me tira da divagação de admirar meu trabalho e atrai meus olhos para a porta, de onde Jesse me olha com atenção. Ele se aproxima e começa lentamente a desabotoar a própria camisa. Meu estômago se contrai em excitação e esfrego uma coxa na outra. Esse homem é absolutamente impressionante.

Quando o último botão se abre, ele para diante de mim com a camisa aberta. Não resisto e passo o dedo pelo meio de seu peito firme e bronzeado. Ele olha para baixo para acompanhar a trilha que desenho, colocando as mãos uma de cada lado do meu quadril, abrindo espaço entre minhas coxas. Ele olha para mim novamente, seus lábios se abrem num sorriso e seus olhos brilham, as linhas de expressão que surgem suavizam a intensidade de sempre.

– Você não pode escapar agora, ele brinca.

– Eu não quero escapar.

– Que bom – ele diz sem voz, atraindo meus olhos para aquele lábios lindos.

Faço o caminho de volta com o dedo sobre seu peito, passando por seu pescoço, até pousá-lo em seu lábio inferior. Ele abre a boca, morde meu dedo de leve, e eu sorrio, subindo ainda mais e passando a mão por seus cabelos.

– Gostei do seu vestido – ele passa os olhos pelo meu corpo.

Sigo seu olhar, que para no amontoado de tecido em volta da minha cintura.

– Obrigada.

– Só que ele é um pouco limitante – ele puxa o tecido.

– É mesmo – concordo. A expectativa está me matando. *Rasgue logo esse vestido!*

– Que tal tirá-lo? – ele levanta uma sobrancelha, os cantos da boca denunciando um sorriso.

Eu sorrio.

– Se você quiser.

– Ou talvez deixá-lo aí? – o sorriso se abre de uma vez, e ele levanta as mãos.

Eu me derreto sobre o gabinete.

Suas mãos voltam para mim rapidamente, deslizando pelas minhas costas.

– Mas, pensando bem, já conheço o que há por baixo desse lindo vestido. – Ele pega o zíper e respira na minha orelha. – E é muito melhor do que o vestido – sussurra, abrindo-o lenta e tentadoramente. Estou arfando, desesperada. – Acho que vamos nos livrar dele. – E então me coloca de pé no chão por um instante e tira meu vestido, que cai no assoalho. Ele o chuta para o lado sem tirar os olhos de mim.

Olho para ele com uma expressão triste.

– Eu gosto desse vestido. – Não dou a mínima para o vestido. Ele poderia tê-lo rasgado e limpado as janelas com ele.

– Compro outro para você. – Ele dá de ombros e me coloca de volta na bancada, reassumindo seu lugar entre as minhas coxas. Pressionando o corpo contra o meu, agarra minhas nádegas, me puxando para ficarmos grudados. Ele se esfrega em mim enquanto me encara.

A pulsação no meu sexo beira a dor, e estou em sério risco de desintegrar se ele continuar com esses movimentos. Quero pedir que vá mais rápido, estou lutando para me controlar.

Ele abre meu sutiã, passando as alças pelos meus braços e atirando-o para trás. Eu me apoio para trás, usando as mãos, expondo os seios para ele que, sem tirar os olhos de mim, pousa a mão na base de meu pescoço.

– Posso sentir seu coração batendo forte – ele diz, em voz baixa, e então a desliza por entre meus seios até chegar ao meu ventre, sempre me olhando, ardente e delicioso. – Você é muito gostosa – ele se esfrega de novo em mim, com força. – Acho que vou ficar com você para mim.

Arquejo as costas, lançando meu peito para a frente, e ele sorri, antes de baixar a cabeça e tomar meu mamilo nos lábios, chupando com força. Quando aproxima a outra mão para acariciar meu outro seio, dou um gemido e deixo minha cabeça pender para trás, contra o espelho. Oh, meu bom Deus. O homem é um gênio. Sua ereção está dura como aço, fazendo pressão entre minhas pernas, me levando a mexer os quadris para diminuir a pulsação, com um gemido longo. Não sei o que fazer. Quero absorver o prazer, porque é tão bom, mas a vontade de tê-lo dentro de mim me consome, a pressão no meu sexo a ponto de explodir. Como se tivesse lido meus pensamentos, ele desce a mão pelo interior de minha coxa, encontra minha calcinha e, com um dedo que derruba a última barreira, roça a ponta de meu clitóris.

– Merda! – grito, impulsionando o corpo e segurando seus ombros, cravando as unhas em seus músculos tensos.

– Sem palavrões – ele me dá uma bronca e então cola os lábios nos meus, enfiando dois dedos em mim. Meus músculos os agarram, enquanto ele os move para dentro e para fora. Eu poderia morrer de prazer. Sinto o orgasmo se aproximando rapidamente e sei que vai me despedaçar. Agarrada a seus ombros, solto um gemido dentro de sua

boca, enquanto ele continua seu ataque.

Ah, aqui vem.

– Goze – ele ordena, coloca mais pressão no topo de meu clitóris.

Eu me desmancho em uma explosão de estrelas, afastando minha boca da dele e jogando a cabeça para trás em completo delírio. Em meio aos gritos, ele puxa minha cabeça de volta para capturar minha boca com a sua, pegando o final de meus gemidos. Estou em pedaços. Estou ofegante, trêmula e mole, desintegrando sobre ele, totalmente desinibida e sem vergonha do que ele faz comigo. Estou delirando de prazer.

Seu beijo se torna mais suave, e suas investidas, mais lentas, trazendo-me aos poucos de volta para a Terra, enquanto cobre meu rosto quente e úmido com beijos doces. Bom, muito bom, bom demais.

Sinto-o tirar um cacho de cabelos do meu rosto e abro os olhos, me deparando com olhos intensos e satisfeitos. Ele planta um beijo suave nos meus lábios, e eu suspiro. É como se uma vida inteira de pressão reprimida tivesse se extinguido, de uma hora para outra. Estou relaxada e saciada.

– Melhor? – ele pergunta, tirando os dedos de dentro de mim.

– Hummm – dou um gemido como resposta. Não tenho forças para palavras.

Ele passa os dedos pelos meus lábios e se inclina sobre mim, me observando com atenção e passando a língua por eles, lambendo os resíduos do meu orgasmo. Seus olhos me queimam enquanto nos olhamos em silêncio, e minhas mãos instintivamente tocam seu rosto, acariciando a pele recém-barbeada. Esse homem é lindo, intenso e apaixonado. E pode partir meu coração.

Ele sorri suavemente, virando o rosto para beijar a palma da minha mão, antes de voltar os olhos para mim. Deus, eu estou encrencada.

Somos cruelmente arrancados da intensidade daquele momento quando a maçaneta gira. Levo um susto, e Jesse coloca a mão sobre a minha boca, me olhando satisfeito. Ele acha isso engraçado?

– Não escutei nada – uma voz estranha fala, enquanto a porta balança. Meus olhos se arregalam de horror.

Ele tira a mão, substituindo-a pela boca.

– Shhhhhh! – ele me censura, com os lábios colados aos meus.

– Meu Deus, me sinto uma vadia – lamento, deixando seus lábios e deitando a cabeça em seus ombros. Como vou sair desse lugar sem ficar vermelha como pimentão e com CULPA escrita na testa?

– Você não é uma vadia. Se continuar falando assim, vou ser forçado a bater nessa bunda deliciosa aqui mesmo, no meu banheiro.

Levanto a cabeça de seu ombro num segundo, olhando para ele, confusa:

– Seu banheiro?

– Sim, meu banheiro. – Ele me oferece um sorriso safado. – Eu gostaria que parassem de deixar estranhos perambularem pela minha casa.

– Você mora aqui? – estou pasma. Ele não pode morar aqui. Ninguém mora aqui.

– Bem, a partir de amanhã. Me diga, toda essa merda italiana vale o preço exorbitante que pediram por esse lugar? – ele me olha, ansioso.

– Merda italiana? – grito, totalmente insultada. Ele ri, e cogito dar um tapa nele. – Você não devia tê-lo comprado, se não gosta da *merda* que vem dentro dele – disparo, completamente ultrajada.

– Posso me livrar da *merda* – ele alfineta.

Minhas sobrancelhas se levantam em uma expressão de “você-não-disse-isso!”. Passei meses pesquisando toda essa *merda* italiana, e esse porco mal-agradecido simplesmente vai *se livrar* dela? Nunca fui tão insultada nem estive tão puta da vida. Tento tirar minhas mãos das dele, mas ele aperta mais ainda. Meu rosto se fecha.

– Relaxe, Ava. Eu não *me livraria* de nada neste apartamento – ele me beija com força. – E você está neste apartamento – ele toma minha boca de novo, possessivo, ávido.

Não vou me prender demais a esse pensamento. Minha libido foi chamada ao dever, e fico feliz em obedecer. Eu o ataco com a mesma força, enfiando a língua em sua boca, envolvendo a dele com a minha, e ele solta minhas mãos, que vão parar naqueles ombros que tanto amo.

Passando o braço pela minha cintura, ele liberta meus lábios e me levanta da bancada, enquanto sua outra mão arranca minha calcinha. Ele me põe de volta no lugar e tira meus sapatos e faz barulho ao soltá-los no chão. Estou impaciente, então o acompanho na tarefa de tirar a roupa, passando sua camisa pelos ombros largos, revelando seu peito em toda a sua glória. Ele é talhado à perfeição. Quero lamber cada centímetro quadrado dele.

Olhando para baixo, me surpreendo ao ver uma feia cicatriz que desce de seu estômago até o lado esquerdo do quadril. Eu nunca a tinha notado. A luz no Solar estava difusa, mas é uma cicatriz notável. Já está desaparecendo, mas é bem grande. Como será que ela aconteceu? Decido não perguntar. Pode ser um assunto delicado, e não quero que nada estrague esse momento. Eu poderia ficar aqui sentada, admirando-o para sempre. Mesmo com a cicatriz sinistra, ele é lindo.

Amasso sua camisa transformando-a em uma bola com as mãos, jogo-a sobre meu vestido, e ele levanta uma sobrancelha para mim.

– Compro outra para você. – Dou de ombros.

Ele dá mais um sorriso safado e se inclina para a frente, apoiando-se na bancada e capturando meus lábios – todo pensativo e cuidadoso. Abro seu cinto, tirando-o de todos os passantes de uma só vez e terminando em um estalo.

Ele se afasta, me olhando com suspeita.

– Você vai me bater?

– Não – respondo sem convicção, jogando o cinto no chão e deslizando a mão pelo cós da calça. Puxo-o para a frente, para ficarmos bem próximos. – É claro que se você quiser… – Eu disse isso mesmo?

– Vou manter isso em mente – ele diz, com um meio sorriso.

Mantendo meus olhos firmes nos dele, começo a desabotoar sua calça, minhas articulações roçando em sua ereção rija, fazendo-o estremecer. Ele fecha os olhos enquanto abro seu zíper, enfiando a mão dentro de sua cueca boxer, tocando os pelos loiros. Ele treme de novo, olhando para o teto, os músculos do peito flexionando e se curvando. Não resisto à tentação de me inclinar e passar a língua sobre seu esterno.

– Ava, saiba que, quando eu a possuir, você será minha.

Estou embriagada demais de tesão para sequer me dar conta dessa afirmação. Respondo com um “hummmm” em sua pele, circulando um mamilo com a língua e retirando a mão de dentro de sua cueca. Baixo sua calça pelos quadris estreitos até libertar o pau dele.

Meu Deus, é enorme! O sobressalto involuntário que escapa de minha boca é um indicativo do meu choque e, ao encará-lo, vejo aquele sorriso brincando nos cantos da dele. É a prova embaraçosa de que eu precisava para constatar que ele percebeu minha reação.

Ele recua, chutando os sapatos e as meias para longe, antes de tirar a calça e a cueca. Meus olhos são instantaneamente guiados para suas coxas bem-torneadas e poderosas. Recuperando um pouco da autoconfiança, passo lentamente o polegar por sua glande, estudando-o enquanto ele observa minha mão explorando-o. Quando seguro cuidadosamente pela base, vejo-o resistir ao contato.

– Merda, Ava – ele arfa, pousando as mãos nos meus quadris. Dou um sobressalto, e ele sorri. – Tem cócegas?

– Só aí – soluço. Ah, isso me deixa louca!

– Vou me lembrar disso – ele diz, me beijando com urgência enquanto começo a acariciar lentamente seu membro, aumentando o ritmo quando sinto sua boca mais firme contra a minha. Sua mão desaparece entre minhas pernas e, com um movimento do seu polegar no meu clitóris pulsante, sou subitamente catapultada para o Sétimo Céu de Jesse. Estou ofegando em sua boca. Ele morde meu lábio.

– Está pronta? – ele pergunta com urgência, e simplesmente assinto, porque não tenho mais a capacidade de falar.

Ele tira a mão de dentro de mim, retira a minha de si e, com um movimento estudado, coloca as mãos nas minhas costas, me levanta da bancada e me invade com força.

Solto um grito.

– Tudo bem? – ele ofega. – Você está bem?

– Dois segundos. Preciso de uns segundos – envolvo-o com as pernas, chorando um misto de prazer e dor. Sei que nem metade dele me penetrou. Jesus, o homem é imenso.

Ele me vira e me cola à parede, o frio dos azulejos não me incomoda nem um pouco enquanto tento me acostumar à imensidão de Jesse. Ele descansa a testa contra a minha, minhas mãos deslizando por suas costas cobertas de suor. Ele fica imóvel por um instante, me dando tempo para me acostumar à intrusão.

Com a respiração acelerada, ele sai de mim e retorna com uma investida decidida e deliberada. Desta vez vai mais fundo, e a invasão faz minha cabeça girar.

– Você aguenta mais? – ele pergunta, com urgência.

Mais? Ainda tem muito mais? *Eu consigo, eu consigo*. Eu repito o mantra enquanto me acostumo com seu tamanho, respirando fundo. Quando acho que me ajustei, beijo-o devagar, arqueando as costas e empurrando os seios contra o peito dele.

– Ava, me diga que está pronta – ele diz, em meio à respiração.

– Estou pronta. – Nunca estive mais pronta em minha vida.

Com meu consentimento, ele sai e entra em mim com mais força. Dou um suspiro, inclinando o quadril para a frente, e ele geme de prazer e repete as estocadas rápidas, de novo e de novo e de novo.

– Você é minha agora, Ava – ele ofega, avançando de maneira profunda e deliciosa. Minha cabeça pende para a frente e descansa na dele. – Toda minha.

Em um movimento rápido, ele tira quase tudo e então vem com força.

Dou um grito.

Estou em capacidade total e amando cada minuto. Seguro seus ombros, e ele aumenta o ritmo, me invadindo, martelando meu útero a cada estocada. Choro de prazer quando ele procura meus lábios, enfiando a língua na minha boca e me possuindo desesperadamente, nossos corpos úmidos batendo e deslizando um contra o outro. Estou a ponto de explodir em mil pedaços. Meu Deus! Eu nunca gozei com penetração!

– Você vai gozar? – ele pergunta enquanto me beija.

– Vou! – grito de novo, cravando os dentes no seu lábio inferior. Ele geme alto. É animalesco, mas estou perdendo o controle.

– Espere por mim – ele ordena, me penetrando mais fundo.

Solto um grito e sinto meus músculos internos latejando em volta dele. Tento me conter, mas não está funcionando. Será que ele vai demorar? Não aguento mais.

Depois de mais três estocadas, ele grita:

– Agora, Ava! – e eu irrompo ao seu comando, jogando a cabeça para trás e gritando seu nome, enquanto sinto seu líquido quente jorrar dentro de mim.

Ele me segura com força, me mantendo o mais perto possível e me prendendo, colando o rosto no meu pescoço exposto.

Jesse grita contra a minha garganta. Um gemido longo e satisfeito saindo de seus lábios é o reflexo de como me sinto nesse momento.

Ele diminui o ritmo para nos trazer de volta do êxtase incrível em que estávamos, e eu o abraço forte, contraindo-me por dentro enquanto ele mexe os quadris.

– Olhe para mim – ele ordena com suavidade, e olho para ele, suspirando feliz enquanto procura os meus olhos. Ele se enterra em mim mais uma vez e beija a ponta do meu nariz.

– Linda – ele diz apenas, a mão espalmada na parte de trás de minha cabeça, me trazendo para perto, meu rosto no seu ombro. Eu poderia ficar assim para sempre.

Minhas costas desgrudam da parede fria, e sou carregada de volta para o gabinete, com Jesse ainda dentro de mim, latejando. Ele sai de dentro de mim, me senta na bancada, coloca uma mão de cada lado do meu rosto e se inclina para me beijar, os lábios parados sobre os meus, em uma demonstração de puro afeto.

– Não machuquei você, machuquei? – ele pergunta, a linha de expressão surgindo em sua testa.

Eu me desmancho. Quero apertá-lo em meus braços, e é exatamente o que faço. Eu o abraço com todo o meu corpo, braços e pernas, e me prendo a ele como se minha vida dependesse disso. Seu rosto se perde na minha nuca enquanto ele acaricia minhas costas. É a sensação mais relaxante que já senti. Não consigo nem reunir forças para me sentir culpada.

Sarah quem?

Ficamos juntos, um emaranhado de braços e pernas, respiração ofegante, abraçados por um bom tempo. Quero ficar exatamente onde estou. Nós poderíamos – é o banheiro dele. Não acredito que ele comprou a cobertura.

Depois de alguns minutos, ele se afasta um pouco e passa as articulações dos dedos pelo meu rosto.

– Não usei camisinha – ele diz, com genuíno arrependimento no olhar. – Desculpe, eu me deixei levar pelo momento. Você toma pílula, certo?

– Sim, mas a pílula não me protege de DSTs. – Eu sou muito idiota. Esse homem é um deus que sabe o que faz. Nem quero pensar com quantas mulheres ele já dormiu.

Ele sorri.

– Ava, eu *sempre* usei camisinha – ele beija minha testa. – Exceto com você.

– Por quê? – pergunto, confusa.

Ele se afasta ainda mais um pouco e morde o lábio inferior.

– Não penso direito quando estou perto de você. – Ele veste a cueca e a calça e pega, na estante acima da minha cabeça, uma toalha de rosto. Estou prestes a protestar quando lembro... é dele. Tudo aqui é dele, exceto eu. Bem, não de acordo com ele, mas acho que aquilo foi só a proximidade de um orgasmo falando. Podem-se dizer coisas hilárias nos momentos de paixão. Ele não pensa com clareza? Somos dois, então.

Ele abre a torneira, coloca a toalha sob o fluxo da água e volta a se posicionar diante de mim. Estou exposta, sentada ali completamente nua. Não é justo, então fecho as pernas para me esconder, subitamente desconfortável com a minha nudez. Mas uma expressão de perplexidade passa por seu rosto bonito, e ele faz um bico, para depois segurar minhas pernas e abri-las, gentilmente.

– Assim é melhor – ele balbucia, tirando meus braços do meu colo e colocando-os em seus ombros. Ele coloca a toalha morna e úmida entre as minhas coxas e começa a me limpar, fazendo movimentos para cima e para baixo, retirando os resíduos de si mesmo de mim. É um gesto doce e extremamente íntimo. Observo seu rosto fascinada, notando a suave linha em sua testa surgindo com a concentração que dedica ao processo de me limpar.

Seu olhar volta para o meu, seus olhos verdes suaves e brilhantes.

– Eu quero jogar você debaixo daquele chuveiro e idolatrar cada centímetro seu, mas isso vai ter que servir. Por ora, pelo menos. – Ele se inclina e me beija, deixando os lábios nos meus por algum tempo. Acho que nunca vou me cansar desses beijos simples e carinhosos. Seus lábios são tão macios, seu perfume, divino.

– Vamos lá. Vamos vestir você. – Ele me levanta da bancada e me ajuda a vestir a calcinha e o vestido, antes de fechar meu zíper. Meu corpo todo convulsiona quando ele cola os lábios em minha nuca, sua boca quente e doce me arrepia. Acho que não consegui tirá-lo da cabeça – de jeito nenhum. Isso é ruim.

Pego sua camisa azul-claro do chão e dou uma sacudida antes de entregá-la a ele.

– Não havia a menor necessidade de amassá-la, havia? – ele sorri, antes de vesti-la, abotoá-la e colocá-la dentro da calça azul-marinho.

– O paletó vai cobr... – relembro o momento em que o joguei no chão do quarto e

arregalo os olhos para ele.
– Pois é – ele levanta a sobrancelha e estala o cinto, me fazendo encolher. Ele sorri. – Certo, pronta para encarar os fatos? – ele estende a mão para mim, e eu a aceito sem pensar duas vezes. O homem é um ímã. – Ainda bem que a música está alta, não acha?
Meu queixo cai, e ele me oferece um sorriso encantador, de orelha a orelha. Depois balanço a cabeça, olhando de relance no espelho. Ah, estou entregando o jogo. Meus lábios estão inchados e vermelhos, meu cabelo ainda está preso, mas algumas mechas estão escapando por todos os lados, e estou toda amarrotada. Preciso de cinco minutos para me arrumar.
– Você está perfeita – ele garante, como se sentisse o pânico que me acomete.
Perfeita? Perfeita não é a palavra que eu usaria. É evidente que eu acabei de fazer sexo! Ele me puxa para a porta, a destranca e sai sem a menor preocupação, enquanto eu sou mais cautelosa. Vejo seu paletó caído no chão, e ele o pega quando passamos.
Quando chegamos à escadaria, de repente me dou conta de que ainda estamos de mãos dadas e tento me desvencilhar, mas ele a aperta com mais força, me olhando feio. Merda! Ele precisa me soltar. Meu chefe e meus colegas de trabalho estão lá embaixo. Não posso passar por eles de mãos dadas com um estranho. Tento me soltar novamente, mas ele se recusa a deixar.
– Jesse, solte a minha mão.
– Não – ele retruca, curto e firme, sem nem olhar para mim.
Paro abruptamente no meio das escadas e olho para o andar de baixo. Ninguém está olhando para nós, graças a Deus, mas não vai demorar para alguém nos ver. Jesse se vira, me olhando de alguns degraus abaixo.
– Jesse, você não pode esperar que eu ande por aí de mãos dadas com você. Isso não é justo. Por favor, me solte.
Ele olha para nossas mãos unidas, suspensas entre nós.
– Não vou soltar você – ele murmura sombriamente. – Se soltar, você pode esquecer como é. Você pode mudar de ideia.
Não existe a menor chance de eu esquecer como somos pele com pele, mas não é essa parte da frase que me incomoda.
– Mudar de ideia sobre o quê? – pergunto, perplexa.
– Sobre mim – ele diz apenas.
O que tem ele? Ainda não tenho opinião formada sobre nada, então não há o que mudar. Minha cabeça está um pouco mais confusa. Preciso concentrar minha atenção em convencê-lo a soltar minha mão antes que alguém nos veja, então faço um registro mental desse comentário, assim como fiz com outros comentários estranhos que ele soltou lá em cima.
Merda! Quase caio da escada quando vejo Sarah andando pelo terraço, a realidade caindo como uma avalanche sobre mim. Claro que, quando ele a vir, vai deixar de ser um tolo irracional. Ela está voltando para dentro. Não tenho tempo a perder, então estreito meus olhos para ele e uso a força para arrancar minha mão da dele, quase deslocando o ombro no processo. Ele me olha feio, mas eu não fico parada tempo o bastante para enfrentar sua irritação e desço as escadas rapidamente, indo para a

vastidão da cobertura. A mulher já deixou claro que não gosta de mim, e não posso culpá-la. Ela me viu como uma ameaça, e seu medo não era infundado, afinal.

Chego à base da escada e vejo Tom abrindo caminho entre os convidados, agitando os braços freneticamente.

– Aí está você! Onde esteve? Patrick está procurando você por toda parte! – ele agarra meus ombros, me olhando de cima a baixo, sempre a rainha do drama. Notando meu estado desmazelado, ele me lança um olhar suspeito. Sinto o calor subindo pelo rosto.

– Estava mostrando o local para o sr. Ward. – respondo, ainda que de maneira pouco convincente, acenando por sobre meu ombro, na direção de Jesse. Sei que ele está logo atrás de mim, ou poderia ser seu perfume em mim. Sinto como se tivesse sido marcada… possuída até.

Com as mãos ainda cravadas nos meus ombros, Tom olha acima dos meus ombros e tem um sobressalto, me puxando para mais perto, para falar ao meu ouvido.

– Querida, quem é esse ser divino rosnando para mim? – ele pergunta, me cheirando.

Eu me desvencilho de suas mãos e viro para ver Jesse fazendo um buraco em Tom com o olhar. Eu reviro os olhos diante do comportamento patético. Tom é o gay mais gay de Londres. Ele não pode se sentir ameaçado por Tom.

– Tom, este é o sr. Ward. Sr. Ward, Tom. Ele é um *colega de trabalho*. E além disso é gay – acrescento a última parte com sarcasmo. Tom não se importa, não que não seja óbvio, de todo jeito.

Olho para Tom, que sorri abertamente, e então volto os olhos para Jesse, que parou de rosnar, mas não parece menos enfurecido. Tom se adianta, pega nos ombros de Jesse e dá um beijinho no ar em torno dele. Contenho o riso, vendo os olhos de Jesse se arregalarem, e seus ombros ficarem tensos.

– É um prazer, de verdade – Tom cantarola diante de Jesse acariciando seu bíceps. – Diga, você se exercita?

Uma gargalhada escapa dos meus lábios e, de modo muito imaturo, decido deixar Jesse lidar sozinho com o flerte escandaloso de Tom. Seus olhos me lançam punhais quando me viro para sair, mas pouco me importo. Ele está sendo absurdamente irracional.

Encontro Patrick na cozinha, e ele acena para que eu me aproxime, me oferecendo uma taça de champanhe quando chego.

– Aqui está ela! – Patrick anuncia para um homem alto, passando o braço pelos meus ombros e me puxando para si. – Essa menina transformou minha empresa. Tenho tanto orgulho de você, flor. Onde esteve? – ele pergunta, seus olhos azuis brilhando e suas bochechas vermelhíssimas, sinal claro de que já bebeu demais.

– Estive mostrando o local para algumas pessoas – minto, sorrindo com doçura enquanto sou esmagada contra ele.

– Eu estava falando de você. Suas orelhas deviam estar queimando – diz Patrick. – Este é o sr. Van Der Haus, um dos proprietários da incorporadora. Eu estava acabando de dizer que você ficará mais do que feliz em trabalhar no novo projeto deles.

– Meu sócio me falou muito sobre você – Van Der Haus comenta, sorrindo

largamente. Ele tem muita classe, é muito alto e loiro claríssimo, com um terno feito sob medida e sapatos refinados. É muito bonito… para um homem de uns quarenta e cinco anos… *Outro* homem mais velho. – Estou ansioso para trabalharmos juntos.

Fico vermelha.

– Será um prazer, sr. Van Der Haus. O que tem em mente para o próximo projeto? – pergunto, ansiosa.

– Por favor, me chame de Mikael. O edifício está quase pronto. Ele aumenta ainda mais o sorriso. – Decidimos por nórdico tradicional. Sendo da Dinamarca, estamos voltando às nossas raízes – Seu sotaque leve é muito sexy.

Nórdico tradicional? Isso me enche de pânico. Isso significa que preciso saquear a Ikea? Não seria melhor eles contratarem um nórdico para esse trabalho?

– Parece ótimo – digo, virando para deixar a taça no balcão, avistando Jesse com Sarah do outro lado da sala.

Meu Deus. Ele está cavando buracos em mim com os olhos, e Sarah está bem ali. Volto à minha conversa. O pânico deve estar evidente no meu rosto em chamas.

– Acho que sim – Mikael concorda. – Assim que Patrick e eu chegarmos a um valor interessante, podemos começar a pensar nas especificidades. E você pode começar a fazer alguns esboços.

– Vou aguardar ansiosamente. – Estou inquieta, sentindo os olhos de Jesse queimando as minhas costas.

– Ela não vai decepcioná-lo, Mikael – Patrick festeja.

Ele sorri.

– Sei que não. Você é uma jovem excepcionalmente talentosa, Ava. Sua visão é impecável. Agora, se me dão licença… – sinto o rubor se intensificando no meu rosto enquanto ele aperta a mão de Patrick e depois a minha. – Entrarei em contato – diz, segurando a minha mão por um tempo maior do que o necessário, antes de soltá-la e se afastar.

Eu ainda estou presa debaixo do braço de Patrick quando Victoria se aproxima e se inclina sobre o balcão, bufando.

– Meus pés estão me matando – ela exclama.

Ao mesmo tempo, Patrick e eu baixamos a cabeça para olhar suas plataformas com estampa de onça e saltos vermelho fogo. Eles são ridículos.

Patrick olha para mim balançando a cabeça, antes de me soltar e anunciar sua partida.

– Irene vai me esperar lá embaixo. Tenho todas as fotos – ele agita a câmera diante de mim. – Vejo vocês segunda de manhã – ele nos beija. – Vocês duas deram duro esta noite. Bom trabalho. – Ele sai da cozinha cambaleando um pouco.

Dei duro? Eu me encolho.

– Ah, quase esqueci. – Victoria me faz tirar os olhos do corpo trôpego de Patrick. – Kate disse que não podia mais esperar você. Ela pediu para dizer que espera que você tenha se divertido e que vai estar em casa.

Espera que eu tenha me divertido? Vaca irônica!

– Obrigada, Victoria. Ouça, acho que terminamos aqui – pego mais uma taça de

champanhe quando o garçom passa. Não posso dirigir, então é melhor eu aproveitar a ocasião. E, caramba, estou precisando. – Vou para casa. Vá quando quiser. Nos vemos na segunda-feira – beijo-a no rosto.

– Vou ficar mais um tempo aqui com Tom. Ele quer ir ao Route Sixty dançar – ela balança o traseiro.

– Prepare-se para ir dormir tarde – aviso. Quando Tom chega a uma pista de dança, é preciso um guindaste para tirá-lo de lá.

– Não! Eu disse que não posso ficar até muito tarde. Tenho muito o que fazer amanhã e mal consigo andar com esses sapatos estúpidos.

– Boa sorte. Se despeça do Tom por mim.

– Faço isso quando encontrá-lo. – Ela sai mancando em seus sapatos horríveis, me deixando terminar minha última taça de champanhe.

Olho em volta na cozinha, mas não vejo Jesse nem Sarah. Fico aliviada. Acho que não conseguiria olhar Sarah nos olhos. Preciso me dar um chute por ter sido tão fraca e fácil.

Chego ao elevador da cobertura e aperto o código, que será alterado amanhã para o novo dono. Tenho um pequeno ataque de riso ao pensar nisso. Claro, Jesse Ward é o novo dono. Foi um dia cheio, e, agora que estou sozinha, posso sentir a culpa chegando para me arrasar. Ah, sou uma mulher boba e desesperada.

– Saindo tão cedo?

Meus ombros se elevam, e me encolho ao som da voz fria e antipática. Com uma expressão neutra, viro para encarar Sarah.

– Foi um dia longo e cansativo.

Ela bebe seu champanhe enquanto me olha desconfiada.

– Você é mesmo uma surpresa – ela ronrona.

Não sei o que dizer.

– Obrigada – digo sem emoção alguma, virando para o elevador assim que ele se abre.

– Não foi um elogio.

– Eu não achei que fosse – retruco sem olhar para ela.

– Você sabe que Jesse é o dono desse lugar, certo?

Tenho vontade de perguntar se ela também vai morar ali, mas é claro que não o faço.

– Ele comentou – respondo, casualmente, entrando no elevador e digitando o código. – Foi um prazer vê-la.

As portas se fecham, e desabo contra a parede de vidro.

Merda!

Capítulo 8

Depois de juntar minhas coisas no spa, vou até as docas e me sento em um banco. Estão movimentadas, e as pessoas vêm e vão, todas parecendo felizes e contentes. As flores desabrocham nos postes decorados, transbordando dos vasos e descendo em cascata pelo ferro ornado, e as luzes do edifício refletem e brilham nas docas, dançando nas ondas.

Suspiro e fecho os olhos, ouvindo o som da água batendo de leve no casco dos barcos. É rítmico e relaxante, mas acho que nada vai me fazer sentir melhor nesse momento. Pego o telefone na bolsa para ligar para Kate, mas quando toca até cair, decido deixar uma mensagem.

– Oi, sou eu – sei que pareço triste, mas não consigo fingir alegria quando não é o que estou sentindo. Eu dou um gemido. – Ah, Kate... Fiz uma burrada fenomenal. Chego em casa logo – baixo a mão para o banco e olho para o céu noturno. Onde eu estava com a cabeça?

Meu telefone toca em minha mão, e atendo sem olhar para a tela, imaginando que seja Kate.

– Oi.

– Onde você está? – ele fala com a voz doce.

Não sei se fico com o coração na boca por não ser Kate ou por *ser* Jesse. Acredito firmemente em karma e, nesse caso, estou mesmo encrencada.

– Estou em casa – minto outra vez. Está se tornando algo natural nos últimos tempos. Estou girando uma mecha de cabelo entre os dedos, um sinal evidente do meu comportamento de Pinóquio.

– Tudo bem – ele sussurra e desliga.

Foi fácil demais. Agora que ele conseguiu o que queria, acabou? Não sei por que me sinto tão abandonada. Era isso que eu esperava e não menos do que eu mereço, na verdade. Sua persistência me venceu, mas agora posso tirá-lo da cabeça. Posso voltar à minha vida.

Jesse pode continuar sua sedução em série e passar para a próxima sortuda, se depender de mim. Tenho certeza de que Sarah vai descobrir tudo em pouco tempo, mas não agora. Uma mulher desprezada e com sede de sangue é a última coisa de que preciso.

Depois de ficar ali sentada e pensando por um tempo, levanto com relutância para pegar um táxi. Preciso superar essa noite logo, mas assim que me viro e olho para a frente, encontro Jesse de pé a poucos metros, me olhando em silêncio.

Nós nos olhamos, parados e quietos, seu rosto impassível me observa. E então caio no choro. Não sei por que, mas coloco as mãos no rosto e começo a soluçar. Sinto seu corpo me envolver e minha cabeça pousa na curva de seu pescoço, meus braços se prendem a ele num reflexo. Não dizemos nada por um bom tempo. Apenas ficamos ali, nos braços um do outro, sem uma palavra, enquanto ele massageia meu couro cabeludo com a palma de sua mão enorme, me mantendo próxima ao corpo. Só uma parte mínima de mim se pergunta onde está Sarah, mas não me apego a isso. Sinto-me protegida e segura, embora devesse estar fugindo desses braços e não dentro deles.

– Há quanto tempo está aqui? – pergunto, quando meus soluços finalmente cessam.

– Tempo suficiente – ele murmura. – O que é isso de burrada fenomenal? – ele me abraça mais forte. – Espero que você não estivesse se referindo a mim.

– Eu estava – não faço rodeios. Seria inútil.

– Estava? – ele parece surpreso, talvez até um pouco zangado, mas depois de algum tempo ele completa: – Venha comigo para casa. – Sinto-o levemente mais tenso.

Acabei de dizer que foi uma burrada fenomenal, e ele quer me levar para casa? E quanto a Sarah? Eles obviamente não moram juntos então.

– Não – respondo. O que fiz até agora já foi ruim o suficiente.

– Por favor, Ava.

– Por quê? – pergunto. Preciso saber que fascinação é essa dele por mim, porque se eu passar mais tempo com esse homem, vou me encrencar mais ainda. Não posso ser pega tendo casinhos sórdidos com homens mais velhos e comprometidos.

Ele se afasta para olhar para mim, o belo rosto franzido.

– Parece o certo. Seu lugar é comigo – ele diz como se fosse a coisa mais natural do mundo.

– Então qual é o lugar de Sarah?

– Sarah? O que ela tem a ver com isso? – ele parece bem confuso agora.

– Namorada – preciso lembrá-lo. Ele não tem a menor consideração pela pobre mulher.

Seus olhos se arregalam.

– Ah, por favor! Não me diga que tem ignorado meus telefonemas e fugido de mim porque você pensou… – ele me solta. – Você pensou que Sarah e eu éramos… – ele dá um passo para trás. – Merda, não!

– Sim! – exclamo. – Ela não é? – Agora eu estou realmente confusa. A mulher que não poderia deixar seu território mais marcado nem que fizesse xixi nele.

Ele passa as mãos pelos cabelos.

– Ava, o que fez você achar isso?

– Bem, deixe-me ver – sorrio com doçura. – Talvez tenha sido o beijo no hall do Solar. Ou quando ela veio procurar você no quarto. Ou pode ter sido sua gélida reação a mim – solto a respiração. – Ou o fato de que ela está com você toda vez que eu o vejo. – Não acredito. Fiquei me martirizando por causa disso, e por causa de uma mulher de quem nem gosto. Que desperdício de energia da minha consciência! – Quem é ela? – pergunto, irritadíssima.

Ele segura minhas mãos, abaixando-se para que nossos olhos fiquem no mesmo nível.

– Ava, ela é só um pouquinho amigável demais.

– Amigável? – debocho. – Aquela mulher não é amigável!

– Ela é uma amiga – ele diz, em tom reconfortante. Eu não quero conforto. Não, quero socar aqueles lábios carnudos! Ela sabia exatamente o que estava fazendo. *Ela* claramente quer ser mais que uma amiga.

Ele passa a mão pelo meu rosto.

– Agora que estabelecemos o lugar de Sarah em minha vida, podemos falar sobre o seu?

Seus comentários anteriores de repente voltam à minha mente. Todos os “você é minha”, “vou ficar com você” e “você vai mudar de ideia”.

– O que você quer dizer? – pergunto.

Ele dá aquele sorriso.

– Quero dizer na minha cama, embaixo de mim – ele me puxa para perto, e recomeço a acariciá-lo, relaxando, aliviada.

– No Solar? – pergunto. É uma viagem e tanto.

– Não. Tenho um apartamento atrás de mim, mas não posso me mudar até amanhã. Estou em um apartamento alugado no Hyde Park. Você vem comigo.

– Sim – não hesito, mas sei que não foi uma pergunta. Também estou ciente de seus outros comentários, especialmente o último: “O seu lugar é comigo”.

Isso é uma decisão dele ou minha?

Depois que Jesse coloca a mim e minhas coisas em seu carro, partimos em silêncio, exceto pelos tons graves de “Teardrops”, do Massive Attack, vindos do som. Bastante apropriado depois de meu ataque de choro. Passo a maior parte da jornada pensando na decisão de ir para casa com Jesse, ao mesmo tempo que ele respira fundo várias vezes, como se fosse começar a dizer algo, mas desistindo no último momento.

Ele guarda o carro em um estacionamento fechado, e saio enquanto ele pega minha malas.

Ele segura minha mão e me conduz ao prédio.

– Moro no primeiro andar. Vamos pelas escadas. – Ele me guia por uma porta cinza corta-fogo que dá na escadaria, e subimos um lance que leva a um corredor estreito. Parece um hospital. Jesse destranca a única porta na vastidão de branco e cinza, pede que eu entre, e imediatamente vou parar em uma área ampla e aberta. É branca de cima a baixo, com móveis e cozinha pretos, monocromático ao máximo; o apartamento de um homem. Parece vazio, frio e clínico. Eu o detesto.

– É só provisório. Aposto que está muito ofendida. – Seus olhos brilham, e ele sorri, sem dúvida por conta de minha expressão crítica.

– Prefiro seu apartamento novo.

– Eu também.

Entrando no apartamento, examino a falta de calor e aconchego. Como ele mora aqui? Não há toques pessoais, nem quadros nem fotografias. Noto uma prancha de snowboard em um canto, com vários equipamentos de esqui empilhados em torno dela

e, no aparador, onde eu esperaria ver vasos ou enfeites, há um capacete de motocicleta e luvas de couro.

– Não tenho nada alcoólico em casa. Você aceita uma água? – ele vai até a geladeira preta grande e a abre.

– Por favor – Vou com ele até a cozinha, puxando um banco alto do balcão de granito preto da ilha central. Jesse tira o paletó e se senta no banco ao lado, virando para mim e colocando um copo d’água na minha frente, antes de abrir uma garrafa para si mesmo.

Ele bebe um gole de sua água, olhando para mim por cima da garrafa, enquanto brinco com meu copo. Estou incrivelmente desconfortável. O clima ficou estranho, e não sei por quê.

Ouço-o suspirar, e ele coloca a garrafa sobre a mesa, antes de pegar o copo de minha mão e deixar no balcão. Então segura meu banco e o puxa para mais perto de si, girando-o para que eu fique de frente para ele e pousando as mãos nos meus joelhos. Ele se inclina para a frente.

– Por que você chorou?

– Não sei – respondo, com sinceridade. O episódio todo me pegou desprevenida.

– Sabe sim. Me conte.

Penso no que dizer enquanto seus olhos me exploram, esperando uma resposta. A linha de expressão aparece em sua testa, e percebo que é uma ruga de preocupação. O que devo dizer? Que minha confiança em homens é zero e que o fato de ele certamente ser um príncipe da sedução me cheira à encrenca? Mas ele não vai querer ouvir esse papo absurdo de mulherzinha.

– Eu não sei – repito.

Ele suspira, o rosto franzido se transforma em olhar de desaprovação, e tamborila os dedos no granito do balcão. Posso ver as engrenagens em seu cérebro se movendo enquanto ele me olha, mordendo o lábio inferior.

– Eu estaria certo em pensar que sua má interpretação da minha relação com Sarah não era a única razão para me evitar? – ele pergunta, tirando o Rolex e colocando-o em cima do balcão.

– Provavelmente – eu desvio o olhar, um pouco envergonhada, não sei por que motivo.

– Isso é decepcionante – ele afirma com convicção, mas não noto decepção em sua voz. Só ouço aborrecimento.

Não preciso dizer a ele que eu poderia, muito possivelmente, me apaixonar perdidamente. Mulheres devem se apaixonar por ele todos os dias.

Antes que eu me dê conta, ele me agarra e me joga em cima do balcão, derrubando meu copo no chão, onde se espatifa. Minhas pernas são abertas pelas dele, fazendo meu vestido subir, e ele ataca minha boca com aquela língua inexorável, que me invade profundamente e com vontade.

Sou instantaneamente acometida por arrepios quentes e o calor úmido em meu âmago, enquanto ele faz movimentos de vaivém com o quadril e investe contra mim, devorando minha boca. Ele espalma meu traseiro, me puxando para mais perto,

mantendo seu sexo próximo ao meu.

Merda! Eu dou um gemido, e seu quadril investe novamente, sem vergonha por saber que eu estou mais acesa que uma lâmpada de mil watts. Soltando meus lábios, ele me encara, a respiração difícil e a fome brilhando naquelas poças verdes. Tenho certeza de que meus olhos estão da mesma forma.

– Vamos estabelecer algumas coisas aqui – ele ofega, com a respiração curta, me levando do balcão e para o colo dele, minhas pernas em torno de sua cintura. Ele me olha fixamente. – Você mente muito mal.

Sim, disso eu sei. Minha mãe e meu pai me dizem isso o tempo todo. Eu mexo nos cabelos quando minto. É inconsciente – não posso fazer nada.

Ele se inclina e beija meus lábios, fazendo minha língua roçar na dele suavemente.

– Você é minha agora, Ava. – Ele movimenta o quadril, me fazendo subir um pouco e contrair os músculos para tentar aliviar a pressão da minha vagina. Estamos face a face. – Vou ficar com você para sempre – ele me informa com mais uma estocada do quadril.

Eu o enlaço pelo pescoço e beijo aqueles lábios úmidos e carnudos. Estou desesperada por ele de novo. Sei que vou ter problemas.

– Vou possuir cada parte de você – ele pronuncia cada palavra com clareza. – Não haverá um centímetro desse lindo corpo por onde não terei passado, dentro dele ou sobre ele – sua voz é carnal e muito séria, o que só faz aumentar meus batimentos cardíacos.

Sou colocada no chão e virada antes de ele baixar o zíper do meu pobre vestido maltratado. Meu sutiã é removido e jogado de lado com a mesma velocidade.

Inclinando-se, ele beija minha nuca e sopra seu hálito fresco e mentolado nela, provocando um arrepio com a mistura do calor da língua e do frescor do sopro. Meu Deus, estou formigando. Inclino a cabeça para o lado e giro os ombros para aliviar a agitação do meu corpo todo.

Ele traz a boca à minha orelha.

– Olhe para mim.

Faço o que me é pedido, virando de frente para ele, encontrando a expressão de pura determinação com que ele me coloca de volta em cima do balcão. Levo as mãos aos seus ombros, mas eles as segura, e com relutância o deixo guiá-las para a extremidade oposta do balcão, no qual eu seguro a borda.

– Suas mãos ficam aqui – ele diz com firmeza quando as solta, reafirmando sua ordem com aquele tom confiante. Ele engancha os dedos na minha calcinha.

– Levante.

Transfiro o peso para os braços, levantando do balcão para que ele possa puxá-la pelas minhas pernas. Solto o corpo quando me vejo livre do confinamento da minha lingerie. Estou completamente nua, e ele, totalmente vestido. E não parece ter a menor intenção de tirar a roupa por ora. Quero ver aquele peito, por isso tiro as mãos do balcão e agarro sua camisa.

Ele dá um passo para trás, balançando a cabeça devagar.

– Mãos.

Faço um bico, colocando as mãos de volta na borda do balcão. Quero vê-lo, senti-lo.

Isso não é justo.
Ele leva as mãos ao primeiro botão.
– Quer que eu tire a camisa? – sua voz grave e rouca está acabando com minha disciplina.
– Sim.
– Sim, o quê? – lá vem aquele sorriso, e eu estreito os olhos para ele.
– Por favor – respondo, com uma respiração profunda, ciente de que ele está tendo prazer em me fazer implorar.
Ele sorri enquanto desabotoa a camisa devagar, mantendo os olhos fixos nos meus. É necessário todo o meu esforço para não tirar as mãos de onde estão e rasgá-la. Por que está fazendo isso comigo? Ele sabe o que está fazendo. Está me fazendo esperar, o que é uma tortura.
Quando finalmente chega ao último botão, ele move os ombros, tirando a camisa e, por um breve momento – quando ambos os braços estão flexionados para trás, seus músculos tensionando e se inchando com o movimento – acho que vou desmaiar.
Ele tira os sapatos e as meias, e meus olhos passeiam por aquele físico perfeito, com água na boca, até que vejo a cicatriz horrível em seu abdômen. Eu me detenho nela por um momento, mas ele volta a se posicionar entre minhas pernas, afastando minha curiosidade. Luto contra a vontade de agarrá-lo. A pressão entre as minhas pernas me deixa inquieta sobre o balcão, tentando acalmar os espasmos que me percorrem, e ele também não parece insensível. Sua ereção evidente pela calça pressiona o alto da minha coxa.
Ele abre as mãos na articulação em que as minhas pernas encontram o quadril, os polegares a centímetros do meu sexo pulsante. Estou em carne viva de puro desejo, minha respiração errática, cada vez mais descontrolada.
Ele aperta minhas coxas.
– Por onde começar? – ele pondera, levantando uma mão e passando o polegar pelo meu lábio inferior. – Aqui? – pergunta. Meus lábios se abrem, e ele assiste enquanto tomo seu dedo na boca. Desenho um círculo em torno dele com a língua, e ele esboça o menor dos sorrisos. Recolhendo o dedo, ele desce a mão pelo meu rosto e então, muito lentamente, acaricia meu pescoço com a palma da mão e depois meu peito arfante, antes de fechar a mão possessivamente sobre um de meus seios. – Ou aqui? – sua voz trai o rosto calmo, e ele levanta uma sobrancelha para mim, circulando meu mamilo com o dedo. Solto um gemido.
Se ele espera que eu fale, pode esquecer. Essa capacidade me falha totalmente, substituída por respiração curta.
– Eles são meus – ele gentilmente apalpa meus seios por um momento, deixando em seguida as mãos passearem pela minha pele sensível. Passa um tempo fazendo grandes círculos no meu ventre e então continua descendo, o calor de suas mãos se aproximando do meu ponto mais sensível, me deixando tonta de desejo.
Quando acho que ele vai me invadir com os dedos, ele muda de direção, fazendo a volta nos quadris e me fazendo dar um pulo. Ele segura minhas nádegas.
– Ou aqui? – está absolutamente sério. Fico tensa. – Cada centímetro, Ava. – ele diz,

numa respiração. Prendo a minha, meus pulmões ardem, e ele sorri, a mão retornando para a frente. Ele não faz rodeios e pousa a mão sobre minha vagina. – Acho que vou começar por aqui.

Solto a respiração, agradecida, o alívio tomando conta do meu ser, mas coloca um dedo sob meu queixo para me forçar a olhar para aqueles lindos olhos.

– Mas eu falei sério quando disse *cada* centímetro – ele declara com calma, antes de colocar a mão no balcão, ao lado de minha coxa, a outra ainda em mim.

Meu Deus! Não sei se estou a fim disso. Matt tinha tentado algumas vezes, mas a resposta era sempre "de jeito nenhum"! Uma rota mais prazerosa, acho que foi o que ele disse – sim, para *ele*! Não tenho tempo para pensar nisso. Sinto o dedo de Jesse subindo entre as minhas pernas, provocando disparos de prazer que se lançam em milhões de diferentes direções do meu corpo. Eu me jogo para a frente em um movimento involuntário e encosto a cabeça em seu ombro, meu peito fazendo movimentos de acordo com a minha respiração.

– Você está tão molhada – ele murmura na minha orelha enquanto enfia um dedo em mim. Imediatamente contraio meus músculos em volta dele. – Você me quer – afirma com firmeza, retirando o dedo e esfregando o líquido no meu clitóris, antes de me invadir novamente com dois dedos.

Solto um grito.

– Diga que você me quer, Ava.

– Eu quero você – ofego contra seu ombro.

Ouço um gemido de satisfação.

– Diga que precisa de mim.

Eu diria qualquer coisa que ele quisesse ouvir nesse momento – absolutamente qualquer coisa.

– Eu preciso de você.

– Você sempre vai precisar de mim, Ava. Vou me certificar disso. Agora vamos enfiar um pouco de bom senso nessa sua cabeça.

Ele tira os dedos de dentro de mim e me levanta do balcão, me colocando de costas, até minhas mãos estarem espalmadas sobre a superfície de granito. Não estou feliz com essa posição.

– Quero olhar para você – digo num gemido, apesar de saber que não tenho muita chance. Ele parece ser o tipo dominante.

Sinto-o se aproximar de mim, o calor que emana do seu corpo para o meu. Encosto nele, a parte de trás de minha cabeça descansando em seu ombro.

Ele traz a boca até minha orelha.

– Cale a boca e curta o prazer – ele pressiona o quadril contra a base das minhas costas e se esfrega em mim, as mãos segurando meus punhos.

– Nenhuma palavra a não ser que eu permita. Entendeu?

Meneio com a cabeça, concordando. Definitivamente é um homem que gosta de estar no controle.

Ele inicia um movimento lânguido pelos meus braços com seus dedos talentosos, deixando a pele arrepiada por onde passa, pondo fogo nas minhas veias. Meus seios

doem à espera de seu toque quando ele chega aos meus ombros. Aperto os lábios um no outro, mas um gemido escapa. Não posso fazer nada, não quando é ele quem me faz sentir isso.

Suas mãos cobrem meus ombros completamente, e ele começa a desenhar círculos com os polegares na base de meu pescoço, massageando os pontos de tensão que encontra ali. A sensação é de outro mundo. Meu corpo está relaxado, e minha mente, serena.

Colando a boca no meu pescoço, ele passa os lábios pela minha pele, antes de me beijar com gentileza.

– Sua pele é viciante.

– Hmmm – ronrono. Isso não é falar.

Ele ri baixo.

– Tão bom assim? – pergunta, dando beijos muito leves em meu maxilar. Eu me viro para encará-lo e o olho bem nos olhos. E então faço um gesto afirmativo com a cabeça.

Ele absorve meu olhar por um momento, sua expressão satisfeita, antes de plantar um beijo doce nos meus lábios e deixar suas mãos fazerem uma trilha até o meu quadril. Fecho os olhos, tentando ao máximo não jogar o corpo para a frente.

– Mantenha as mãos onde estão – ele ordena com firmeza, me soltando.

Ouço o som das calças sendo retiradas, e depois as mãos voltam aos meus quadris. E vai se afastando de mim de leve, levando meus quadris junto. Sinto meus batimentos acelerando e apoio melhor minhas mãos no balcão para conseguir me sustentar naquela posição, me encolhendo quando sua mão toca a base do meu pescoço. Sinto seu membro forçar a entrada do meu sexo e, na intenção de estabilizar minha respiração, inspiro profundamente, tentando relaxar e esperando a penetração a qualquer momento. Esta é a pior forma de tortura.

Ele se inclina sobre mim, sua língua quente e úmida tocando as minhas costas, lambendo uma linha reta na minha coluna, terminando com um beijo leve na minha nuca.

– Está pronta para mim, Ava? – ele pergunta com a boca na minha pele, a vibração de seus lábios mandando tremores de prazer direto para o meu sexo. – Pode responder.

Apesar dos meus exercícios de respiração, ainda estou arfando.

– Sim – estou quase sem fôlego.

A lufada de ar que sai de sua boca é pura admiração. Sinto sua mão pela minha nádega enquanto ele se posiciona e então, muito devagar, abre caminho em minha abertura pulsante, entrando de maneira calma e controlada. Sua respiração fica a cada momento mais difícil, e quero gritar de prazer, mas não sei se é permitido.

Ah, isso é bom. O que ele vai fazer se eu desobedecê-lo, afinal? Se eu perder, ele também perde. Ele reposiciona a mão nos meus quadris e para, enquanto faço mais força para me segurar no balcão, até as articulações dos dedos ficarem pálidas. Percebo que estou me empurrando contra ele, recebendo-o por inteiro.

– Meu Deus, Ava, você me vira no avesso. – ele murmura, a mão apertando mais minha nuca, mantendo-me no lugar, a outra saindo do meu quadril para apalpar meu seio. – Não consigo fazer isso devagar. – Ele ofega e molda seu corpo no meu, afastando-

se devagar para depois avançar rápido e forte em um movimento ágil, me jogando para a frente.

– Jesse! – grito. Não existe a menor chance de eu ficar quieta se ele continuar assim. Meu Deus, esse homem é poderoso.

Ele se afasta novamente.

– Quieta, Ava. – Ele me dá uma bronca e me penetra novamente, tirando o ar de meus pulmões.

Tento me segurar, mas é difícil manter as mãos tão suadas presas no mesmo lugar, e elas deslizam pelo granito. Estico os braços para que ele não me jogue para a frente, bem a tempo de me manter estável na próxima estocada. Estou em choque. Ele me ataca sem dó, sem deixar espaço para que eu me recupere entre suas investidas. Sem dó.

Tirando as mãos do meu seio e meu pescoço, ele segura com firmeza meu quadril e me puxa de encontro ao seu movimento com especial força, me penetrando até o limite absoluto. Já perdi todo o senso de realidade. Nada mais existe a não ser Jesse, sua vontade brutal e meu corpo ansiando por isso. É enlouquecedor.

Sinto meu corpo se contorcendo em sinal de um orgasmo que se aproxima, chegando rápido graças à assistência de Jesse e de seu ritmo incessante.

– Ainda não, Ava – ele adverte.

Como ele sabe? Não vou conseguir aguentar por muito tempo. Vou explodir a qualquer momento. Posso ouvir nossos corpos suados se chocando em ruidosos golpes, junto com os sons guturais de Jesse me enlouquecendo. Tento me concentrar em aplacar a necessidade de gozar, o prazer quase chegando à dor. Mas com meus pensamentos em um milhão de lugares, exceto no lugar certo, sou uma escrava dos anseios do meu corpo.

E então ele se retira completamente e me deixa a ver navios. O que ele está fazendo? Solto um gemido enquanto meu orgasmo se retrai e estou a ponto de gritar com ele, quando sinto um dedo deslizando pelo vale entre minhas nádegas.

Fico tensa da cabeça aos pés.

Não!

– Você consegue, Ava – ele enfia dois dedos em mim, colhendo líquido e lentamente os leva ao meu ânus. – Relaxe, vamos bem devagar.

Relaxar? Não consigo relaxar! Ele circula a entrada devagar, todos os meus músculos tensos, automaticamente rejeitando a invasão.

– Ava, relaxe – ele enfatiza cada palavra.

– Estou tentando, porra! – disparo. – Me dê um tempo! – Dane-se se ele pensa que eu vou ficar quieta agora! Ouço-o rir baixo enquanto leva os dedos de volta ao meu clitóris, desenhando um círculo em volta dele, lançando fagulhas de prazer no meu corpo todo.

– Já falei para não usar essa linguagem – ele me adverte.

Eu me concentro em respirar fundo e com calma.

Não precisa de lubrificante ou coisa parecida? – estou arfando.

– Você está encharcada, Ava. Isso é mais do que o suficiente. Você não é muito boa em seguir instruções, não é? – ele me penetra com o polegar, e cravo os dentes no lábio inferior. – Relaxe, mulher.

– Ah, Deus, vai doer, não vai?

– Sim, no começo. Você precisa relaxar. Depois que eu entrar, você vai amar. Confie em mim.

Ah, merda!

Ele continua massageando minha entrada. Abaixo a cabeça, arfando e suando de tão nervosa, e então sinto sua mão de volta à minha nuca, acalmando meus músculos tensos, ao mesmo tempo que converso mentalmente comigo mesma, me convencendo. Sua mão sai de minha nuca e vai para o meu traseiro, e ele gentilmente me abre, até que sinto a glande úmida tocar meu ânus.

Meu Deus!

– Calma. Deixe rolar – ele murmura, lentamente passando a cabeça na minha entrada.

Respire, respire, respire.

Então ele avança, a pressão imensa me jogando impulsivamente para a frente. Sua mão pousa no meu ombro, me segurando, a outra ainda guiando-o para dentro de mim. Estou tremendo, e a pressão só aumenta.

– É isso, Ava. Estamos quase lá. – Sua voz está entrecortada e distorcida, a palma de sua mão transpira, e seus dedos estão flexionados. E então ele avança sobre mim com um urro estrangulado, abrindo caminho entre meus músculos e deslizando profundamente nesse local proibido.

– Merda! – eu grito. Isso dói!

– Meu Deus, você é tão apertada! – ele diz, num soluço. – Pare de lutar, Ava. Relaxe!

Estou ofegando enquanto entro em um estado entre o prazer e a agonia. A sensação de preenchimento é indescritível, a dor, forte, mas o prazer… Ah, Deus, o prazer vai além de qualquer descrição e é muito maior do que eu poderia imaginar. A contração de meus músculos em torno dele me faz sentir cada veia pulsar e cada relevo de sua ereção. Meu corpo libera um pouco da tensão em que estava e em seu lugar… puro prazer me invade.

– Nossa, como isso é bom. Eu vou me mexer agora, tudo bem?

Apenas concordo com a cabeça, inspiro profundamente e firmo as mãos no balcão. A mão dele deixa meu ombro, desce pelas minhas costas e se junta à outra no meu quadril. Mas não sinto cócegas nem fujo quando ele me segura. Estou ocupada demais me preparando para o que está por vir.

– Bem devagar, Ava – ele balbucia, saindo de mim.

– Meu Deus, Jesse! – Se ele me mandar calar a boca, eu vou ficar zangada.

– Eu sei. – Ele começa a entrar e sair bem devagar, em estocadas calculadas.

Estou me desfazendo embaixo dele. Nunca imaginei isso. Sempre achei que a sensação seria de algo sujo e errado, mas não é. Ele está fazendo amor comigo, e é tão bom. Estou chocada. O poder que ele tem em me possuir faz meu estômago contrair. Um toque em meu sexo, e vou parar no teto.

– Você é uma delícia, Ava – ele geme profundamente e me penetra de novo. – Eu ficaria aqui a noite inteira, mas não aguento mais.

Estou indo ao encontro dele, convidando-o a aumentar o ritmo. O prazer inesperado é surreal, e estou a caminho de um clímax furioso. Estou impressionada por estar

fazendo isso. Preciso de mais.

– Continue – digo palavras que nunca pensei que diria.

– Sim, querida. Está perto?

– Sim! – berro, me chocando contra ele. Ouço sua respiração difícil, e ele põe uma mão de novo em meu ombro enquanto a outra acaricia minha vagina. – Mais forte! – grito. Preciso disso.

– Ah, caralho, Ava! – ele urra, me penetrando com força, apertando meu ombro, seu dedo girando em torno de meu clitóris latejante.

Jogo a cabeça para trás.

– Vou gozar! – quase choro.

– Espere! – ele grita.

Eu estou zonza, sentindo seu pau inchar e tremer quando ele aumenta o ritmo.

Estou delirando de prazer e quando penso que vou desmaiar, ele declara:

– Agora! – e me deixo levar.

A sala começa a girar, e estou perdida quando desabo sobre o balcão, meus braços estendidos acima de minha cabeça, trazendo Jesse comigo. Ele é pesado, mas estou entorpecida de prazer, ciente apenas de seu peito úmido e firme me pressionando contra o granito, sua respiração quente e forte nos meus cabelos, e seu membro pulsante ainda enterrado em mim. Ele tem espasmos sobre mim, e meus músculos se contraem a cada movimento que sinto dele, drenando até a última gota de seu sêmen enquanto Jesse languidamente ainda arranca do meu corpo os últimos vestígios do meu orgasmo.

Estou flutuando.

Capítulo 14

– Cuidado com onde coloca as mãos – Jesse rosna diante do rosto assustado de Matt. De onde ele surgiu? Era só o que me faltava esta noite, supostamente livre de homens arrogantes. E agora tenho dois.

– Deixe ele, Jesse. Não estava fazendo nada de mais. – Matt me olha agradecido, ciente de que não é exatamente verdade. Acaricio o braço de Jesse gentilmente em uma tentativa de acalmá-lo, ignorando quanto ele é forte e quente. Ele parece capaz de explodir de raiva.

– Quem diabos é ele? – Jesse vocifera, fazendo Matt e eu encolhermos. Não quero responder. Deus, a impressão que dá é que ele seria capaz de matá-lo.

– O que está acontecendo? – Kate se aproxima, rapidamente percebendo a situação, boquiaberta ao ver meu ex subjugado.

– Jesse, solte-o.

Ele não parece estar ouvindo. O que devo fazer? Já estou descontrolada, e ele nem olhou para mim ainda. Não posso sair e deixar Matt aguentar o peso da raiva injustificada de Jesse, mesmo que o considere um idiota.

Meu alívio é indescritível quando vejo Sam aparecer.

– Sam, por favor, cuide do babaca do seu amigo – viro para Kate. – Vamos.

Os olhos de Kate se iluminam como as luzes de Blackpool com a chegada inesperada de Sam, e posso ouvi-lo calmamente persuadir Jesse a soltar a garganta de Matt enquanto arrasto minha amiga para longe, em direção à pista de dança.

– O que foi aquilo? – ela pergunta.

– Nem queira saber – murmuro. Se eu contar à Kate o que aconteceu, ela provavelmente vai lutar com Jesse e esganar Matt ela mesma. – O que houve com Greg?

– Era um perfeito cafajeste. Vamos – ela vai na frente. – Vamos dançar.

Tom e Victoria nos recebem com acenos na pista, meu estado anterior de tranquilidade roubado e afogado pelo mal-estar. Estou mais incomodada com a presença de Jesse do que com a situação com Matt.

Meia-hora depois e uma música boa atrás da outra, não vi nem ouvi falar de Jesse. Sam deve tê-lo tirado dali, ou talvez tenham sido os seguranças. Mas, com Matt, eu não poderia me importar menos. Estou livre para retomar a grande noite que estava tendo até Jesse aparecer sem ser chamado, qualquer pontada de saudade que senti agora foi extinta por seu comportamento irracional.

Sinalizo para Kate que vou para o bar, sorrindo quando ela assente rebolando e rindo.

Enquanto espero para ser atendida, o incômodo aumenta, e sei que é porque ele ainda está aqui. Cada fio de cabelo na minha nuca se arrepia quando viro e vejo Jesse encostado no mesmo pilar em que prendeu Matt não faz nem uma hora. Seu olhar severo me perfura, enquanto Sam e o outro cara do Solar, Drew, conversam e bebem. Jesse não participa do papo. Não, ele parece tão enfurecido quanto antes, me atravessando com o olhar.

O bartender toca meu braço para chamar minha atenção, e eu me viro, aceitando a bebida que ele oferece do outro lado do balcão. Pago e tento sair dali, mas não consigo me mover. Posso sentir seus olhos me queimando as costas. Sei que deveria sair de perto, mas o efeito magnético que ele tem sobre mim me faz querer ir até lá. Sou instantaneamente engolida por aqueles olhos, completamente imobilizada. Só consigo pensar em sua voz, seu cheiro, seu toque. O poder implacável que ele tem sobre mim encobre minha inteligência, e meu coração bate descompassado nos meus ouvidos.

Ele vem na minha direção, e posso ver Sam olhar para mim também, enquanto Jesse deixa o grupo, Drew fazendo o mesmo. Ambos parecem desconfortáveis com o óbvio alvo de Jesse.

Recobro meus sentidos momentaneamente quando Sam tenta puxar Jesse de volta pelo braço, mas é empurrado para fora do caminho. Imploro para que minhas pernas ouçam o lado racional do meu cérebro e me tirem dali antes que meu lado estúpido permita que seja vítima daquele magnetismo físico de novo. Deixo minha bebida no bar e saio pela multidão, empurrando pessoas pelo caminho quando minha retirada chega a uma situação preocupante.

Chegando à rua cambaleando, não perco tempo em tentar pedir um táxi, mas quando o ouço gritar meu nome, começo a correr, em desespero. Não vou muito longe. Ele me alcança facilmente, me levantando do chão e me levando a uma rua lateral, enquanto grito e soco suas costas – se é que isso serve para alguma coisa.

Sou colocada no chão e, recostando na parede, tento levar ar para os pulmões. Não posso olhar para ele, vou me render. Preciso *não* estar nessa posição! Como fui me meter nessa situação?

– Ava, olhe para mim.

Balanço a cabeça e tento escapar, mas ele me prende com facilidade.

– Pelo amor de Deus, Ava.

– Vá embora, por favor – eu choramingo, tirando as mãos dele de mim.

– Não! Porra, Ava!

Preciso sair daqui. Ele não vai me prender em um lugar público. Preciso ir embora, bloquear isso tudo… bloquear *Jesse*. Mas minha segunda tentativa de fugir é tão infrutífera quanto a primeira. Noto sua respiração acelerada, sua camisa preta subindo com o movimento de vaivém do peito. Então desesperadamente fixo o olhar em sua calça jeans, sabendo que, se eu olhar para seu lindo rosto, fico em desvantagem instantânea.

– Ava, olhe para mim – ele exige, ríspido. Tampo os ouvidos com as mãos, agachando até me sentar no chão. – Ava, por que está fazendo isso? – ele pergunta.

Começo a cantarolar e fico olhando para o chão, mas logo sinto as mãos dele se

fecharem nos meus punhos enquanto destampa meus ouvidos.
– Não quero fazer isso aqui, Ava.
– Então não faça. – Tento fazê-lo soltar minha mão. – Por favor, me deixe ir.
Ele se agacha devagar diante de mim, ainda segurando meus punhos.
– Nunca – ele sussurra.
Meus olhos transbordam, e as lágrimas escorrem nos meus joelhos nus.
– Por que está fazendo isso comigo?
Libertando uma de minhas mãos, ele me segura pelo queixo, levantando-o para que eu não tenha outra opção senão olhar para ele. Seus olhos estão brilhando.
– Fazendo o quê?
Que canalha. Seu descaramento não tem limites. Uso minha mão livre pra enxugar as lágrimas do rosto, subitamente horrorizada por estar, mais uma vez, chorando por causa dele.
– Você me persegue persistentemente, me bombardeia de ligações e mensagens, me come até eu perder os sentidos e então desaparece por quatro dias. E nem sei por quê! – consigo soltar minha outra mão. – Agora você aparece, atropelando minha noite.
Ele é quem desvia os olhos agora, envergonhado.
– Olhe a boca – ele murmura. – Você pediu espaço.
– Mas você não estava preparado para me dar espaço. O que mudou tão de repente? – eu o encaro, ele me lança um olhar de desaprovação, a linha de expressão aprofundando-se em sua testa. Não consigo lidar com isso.
Levanto, deixando-o agachado, mas ele estende o braço e me segura pelas pernas. O medo que tenho de seu toque provocante é justificado. Fico imediatamente na defensiva enquanto o calor que emana de suas mãos se espalha como fogo pelas minhas veias.
– Jesse, me deixe ir – peço, com toda a firmeza que minhas cordas vocais trêmulas permitem.
Ele me olha de baixo para cima.
– Não.
– Na terça-feira, você não pareceu ter dificuldade para fazer isso.
Ele fica de pé, passando as mãos pela parte de trás de minhas pernas durante o movimento. É como se uma bomba fosse detonada entre minhas pernas.
– Eu estava bravo – ele diz em voz baixa, se aproximando.
– Você ainda está bravo.
– Acabei de ver seu ex-namorado babando em cima de você!
– Ele não estava babando! – respondo, agradecendo a tudo de mais sagrado por ele não ter ouvido a conversa. – E como você sabe quem ele é?
– Por que eu o estrangulei até ele contar! – ele grita. – Você não vai vê-lo de novo, Ava.
Ignoro a ordem estúpida. Ele não tem o direito de impor regras e regulamentos. O fato de eu fazer o impossível para evitar Matt não vem ao caso.
– Você sabia que eu estaria aqui? – pergunto. Ele olha para mim, mas não responde. – Sabia, não sabia? – pressiono.
– Sam – ele entrega, totalmente sem vergonha.

– Sam?
Seu rosto é impassível.
– Ele ligou para Kate.
Que vaca ardilosa! Não acredito que ela fez isso comigo. Vamos ter uma conversa séria assim que eu colocar minhas mãos nela.
– Vou beijar você agora. – É aquele tom, e sei que estou perdida. – Você tem sorte, porque se estivesse em qualquer outro lugar, estaria recebendo um lembrete… nesse… exato… momento.
Fico sem fôlego quando ele dá o único passo necessário para preencher a lacuna entre nós e, com a parede atrás de mim, não há escapatória.
– Gostei do seu vestido – ele murmura, acariciando meu braço nu com a ponta do dedo. – É curto demais, mas eu gosto. – Ele se inclina para baixo, agora acariciando meu pescoço com o rosto e gemendo. Meus joelhos fraquejam. Maldito. Maldita eu, também.
Meus olhos se fecham sem querer, minha cabeça se vira para seu hálito quente no meu pescoço, minha força de vontade é pulverizada ao vento, fácil assim. É impossível. *Ele* é impossível.
Sinto Jesse abaixar ligeiramente, seu braço me envolve por baixo do traseiro e, num movimento sem esforço, ele endireita as pernas e me levanta do chão.
Estou segura contra seu peito olhando aqueles olhos verdes brilhantes.
Fim de jogo.
– Você tem alguma ideia do que faz comigo? – sua voz rouca falha quando ele olha para mim. – Estou um trapo, Ava.
Ele está um trapo?
Ele me solta devagar, me fazendo deslizar por seu corpo até nossos lábios se encontrarem, e então sou empurrada contra a parede. Não tenho tempo para me preocupar com onde estamos, estou ocupada demais buscando forças para fazer isso parar. Sua língua passa pelos meus lábios fechados, tentando-os a se abrir, e fico furiosa comigo mesma por corresponder. Mas eu já devia saber… é inevitável. Eu me abro para ele como sempre faço, minha língua encontra a dele, e agarro seus cabelos.
Gemendo grave e profundamente, ele fecha a mão livre em torno do meu pescoço para manter-me no lugar e colocar o corpo contra o meu, nossas bocas fundidas, e nossas línguas duelando, rolando e se atacando. É um beijo possessivo e exigente, e estou de volta à estaca zero. Eu me rendi com apenas um beijo. Sou fraca contra esse homem. Impotente.
Interrompendo o beijo, ele me deixa ofegante e sentindo o movimento violento de seu peito contra o meu. Sua testa encontra a minha, e minhas narinas são invadidas por seu hálito mentolado.
– Aqui está ela – ele ofega, determinado.
– Você me pegou novamente.
Ele sorri de leve, circulando meu nariz com o dele.
– Senti sua falta.
– Por que foi embora, então?
– Não faço ideia. – Ele planta um beijo demorado nos meus lábios e me deixa deslizar

por seu corpo. Sinto a inegável rigidez de sua ereção quando passo pela sua virilha e então olho para cima, encontrando um sorriso sombrio brincando nos cantos de sua boca. – Eu devia fazer você cuidar disto aqui. – Ele leva a mão ao pênis, e meus olhos chocados se arregalam. Meu Deus, eu provavelmente o faria. Ele destrói todas as minhas defesas e acaba com o meu pensamento lógico. Tem um efeito aterrorizante em mim. – Mas não vou deixar você de joelhos aqui fora. Faremos as pazes direito mais tarde.

Não sei se fico decepcionada ou aliviada.

Ele me oferece a mão, sorrindo, e, claro, eu aceito, deixando que ele me leve de volta ao bar.

– O que quer beber? – ele pergunta, me abraçando e conseguindo a imediata atenção do bartender assim que entramos.

– Zinfandel, por favor. – Chego mais perto dele. Nunca é perto o bastante.

Ele me estuda rapidamente com aqueles olhos inquiridores, apertando os lábios.

– E os seus amigos?

– Ah, vinho para Kate, vodca com tônica para Victoria e piña colada para Tom.

Seus olhos se arregalam.

– Tom?

Eu sorrio.

– Você o conheceu no Lusso, lembra?

A lembrança surge em seu lindo rosto, e ele balança a cabeça, pasmado. Então me solta e vira para o bartender, que espera pacientemente que Jesse peça as bebidas.

Kate e Tom se aproximam, rindo e me olhando, mas eu os desmonto com apenas um olhar.

– Jesse pediu drinques para vocês – informo.

– Oh… um deus *e* um cavalheiro. – Tom se derrete, fixando o olhar descaradamente no traseiro de Jesse. Eu não o culpo, é um belo traseiro embalado em jeans.

Jesse entrega os drinques para Kate e Tom, e assisto em silêncio aturdido à Kate dar um beijo no rosto de Jesse. O que há de errado com essa mulher? Fico mais chocada ainda quando Jesse abre um sorriso brilhante antes de sussurrar algo em seu ouvido. O que está acontecendo?

Ela se vira, pisca para mim e leva Tom de volta à pista de dança. Jesse me entrega meu vinho e abre uma garrafa d'água para si mesmo. Ele passa o braço livre pela minha cintura para me puxar para mais perto, e o olho cheia de incertezas.

– E aí, cara? – Sam aparece com Drew, ambos aceitando as cervejas que Jesse oferece. – Ava, não ganho um beijo? – ele se inclina para que eu o beije, mostrando aquela covinha adorável. Drew levanta a garrafa como cumprimento, sempre astuto e reservado.

Sorrio e busco o ouvido de Jesse.

– Vou me juntar aos outros. – Ele está com os amigos, e esta deveria ser minha noitada com as garotas, Tom não conta. Ele enfia o rosto no meu pescoço e rouba uma carícia, tirando vantagem da minha posição.

– Vou observar daqui – ele adverte no meu ouvido, mordendo minha orelha e me dando um tapinha no traseiro. A dor passou, mas ainda há evidências da minha

aventura no porta-malas de Margô. Eu me afasto e faço um beicinho de brincadeira, ganhando um sorriso amplo e uma piscadela.

Deixando-o no bar, encontro meus amigos na pista de dança, curtindo as músicas e as bebidas. Rio para Tom, que está em um mundo próprio, e, assim que "LoveStoned", do Justin Timberlake começa a sair dos alto-falantes, sou recebida na pista de dança com gritos e festa.

No meu estado semiembriagado, engulo meu vinho e me desfaço da taça. Se existe uma música que pode me tirar do meu desespero, ainda que por alguns momentos, é essa. O *timing* é impecável. As bolsas estão jogadas entre nós sem a menor cerimônia, Justin grita "Hey!", e a multidão entra em transe.

Estou dançando feliz e rindo com Kate quando sou puxada pela cintura e rodopiada, dando de cara com Sam sorrindo para mim e acenando por sobre meu ombro.

– Aí vem ele. Espero que esteja pronta – ele diz.

– O quê? – eu grito por cima da música.

O sorriso de Sam aumenta, mostrando a covinha no ápice.

– Ele acha que domina JT.

Ele segura meus ombros, me faz dar uma volta de 180 graus, e vejo Jesse vindo na minha direção. Fico apreensiva que ele vá fazer uma cena e me tirar da pista. Por que motivo eu não sei, mas ele tem fama de me jogar sobre os ombros sempre que tem vontade.

Vejo-o se aproximar, diminuo meus movimentos e me concentro na sua chegada. Não sei como interpretar isso. Sua expressão é sensual e faminta, e estou envolvida por seu corpo magro e alto, cada vez mais perto de mim. Quando ele chega, o mais próximo possível sem me tocar, estou completamente imóvel. Minha respiração fica mais pesada quando ele me abraça pela cintura e me puxa, minhas mãos inconscientemente indo parar em seus bíceps, e minha testa na dele.

– Você vai matar muitos homens se continuar dançando desse jeito. Gosta de JT?

– Sim – sussurro.

Ele abre aquele sorriso delicioso, capaz de me fazer derreter, reservado apenas para mulheres.

– Eu também. – Ele me beija e, então, para meu choque, pega minha mão e me rodopia, para logo depois me puxar de volta para seus braços. Ele não vai dançar, vai? – E é a versão estendida.

Olho para Sam, que revira os olhos e dá de ombros, e volto para Jesse, que tem o sorriso mais convencido estampado nos lábios. Ele *vai* dançar.

Não sei se é porque bebi o equivalente ao meu peso em vinho ou se é o comportamento presunçoso de Jesse – provavelmente o primeiro –, mas o que quer que seja, me leva a fazer um movimento indecente, em que deslizo as mãos abertas de modo obsceno do peito dele até as coxas, agitando os quadris. Aqui estou, agachada diante dele, com as mãos nas suas coxas magníficas, olhando de baixo para cima para o homem mais lindo que já vi. Meu vestido deve ter subido a ponto de eu estar mostrando a bunda da pior maneira possível, mas não me importo. Toda a minha atenção está no deus que me olha com uma expressão lasciva e promissora. Abro um sorriso ousado,

colocando as mãos calculadamente bem perto de sua virilha, antes de fazer o movimento inverso. Quando meu rosto passa por sua pélvis, roço meu nariz no zíper da calça, sentindo-o tremer, antes de me apoiar nos braços e levantar. Meu coração bate forte quando ele resfolega em meu ouvido, a respiração pesada e quente.

– Eu devia deixar você de quatro e comer você até gritar. Esse vestido é absurdo.

Antes que eu tenha tempo de responder “sim, por favor!”, sou girada e vejo Jesse fazer uma paródia do próprio sr. Timberlake. Fico espantada com o que ocorre diante dos meus olhos. Jesse Ward *sabe* dançar – e dança bem.

Ele se move em volta de mim, seu ritmo impecável, atraindo a atenção de muitas mulheres, que ficam encantadas. Olho de relance para os demais, todos curtindo o momento de Jesse, e dou risada. Estou rindo porque seus movimentos fluidos, confiantes e sensuais são uma grata surpresa. Ele não tem destreza apenas na cama. Será que existe algo que não faça bem?

Inclinando-se sobre mim, ele desenha um círculo com o quadril antes de me rodopiar 360 graus sob seu braço para, em seguida, me puxar contra o peito e roçar a evidente ereção contra meu ventre. Acaricio seu membro por cima do tecido e levanto as sobrancelhas quando ele me adverte com um sinal de cabeça.

É sua vez de deslizar o corpo pelo meu, e ele ri quando agarra meus quadris, e meu corpo estremece. Acompanho seu olhar até que ele se ajoelha na minha frente, movendo aquele quadril glorioso no ritmo da música.

Toda a sua atenção está concentrada em mim e somente em mim, como se nada nem ninguém mais existisse. Amo o fato de que ele não hesita, não se importa com o que os outros pensam. É confiante, másculo e sem pudores. É revigorante. Estou me apaixonando perdidamente por esse homem. E acho que não há muito que possa fazer quanto a isso… ou queira.

Olho para os outros e vejo Sam dançando com Kate, e Drew se aproximando de Victoria. Drew, com toda a sua classe, parece meio esnobe para Victoria, que é atrevida e às vezes meio boba, mas o álcool claramente o deixou mais solto, porque está rindo e se livrou do paletó. Tom está agindo como Tom, dançando como um maníaco.

Volto minha atenção para Jesse quando ele me agarra pelo quadril e me beija longa e languidamente no ventre, olhando fixamente nos meus olhos, até ficar de pé e colar os lábios nos meus. Envolvendo-o pelo pescoço, suspiro em sua boca.

– Parece que tenho concorrentes.

– Não, você venceu.

Ele se afasta um pouco e me dá aquele sorriso atrevido.

– Venci mesmo – ele me solta, e jogo os cabelos sobre os ombros, deixando que me conduza. Nós nos movemos em perfeita harmonia juntos. É perfeito. *Ele* é perfeito, e todos os pensamentos conflitantes são esquecidos quando toda a sua atenção está em mim.

A batida poderosa diminui, transformando-se em sons de violinos e um ritmo lento e intenso, estou sem fôlego e com o corpo grudado no de Jesse. Ele enfia a coxa entre minhas pernas e nos embala ao som da música.

Observo seu belo rosto enquanto ele canta para mim e tenho um momento de pura

lucidez. *Merda, acho que amo este homem*. Não sei quase nada sobre ele, mas apesar de meu pouco conhecimento, ele me arrebatou. Não posso mais lutar. Simplesmente é assim.

Fico na ponta dos pés, pouso os lábios nos dele e, em poucos segundos, depois de ele gemer na minha boca e me apertar um pouco mais, estamos em um abraço apaixonado e profundo.

A música termina, sendo substituída por outra, e arquejo as costas em seus braços. Ele se dobra junto comigo, apoiando minhas costas, se recusando a interromper o contato com meus lábios. Com um gemido resignado, ele finalmente interrompe nosso beijo, mas me mantém suspensa. Não é desconfortável, ele sustenta todo o meu corpo, como se eu não pesasse mais que uma pluma.

Seus olhos verdes brilham e penetram meu coração e minha alma, ele se inclina novamente, e nossos lábios se tocam suavemente.

– Você me ganhou, *baby*.

Bem… essa frase está causando furor na minha mente embriagada.

Deixo a pista de dança com a mão de Jesse na minha lombar, me guiando enquanto afasta as pessoas com seu braço livre. Ele me leva para uma mesa alta, mas todas as cadeiras foram levadas dali.

– Espere aqui – ele me coloca ao lado da mesa e me segura pela nuca, depositando um beijo na minha testa. – Não se mexa.

Deixo minha bolsa sobre a mesa e o vejo sumir em meio à multidão, mas não fico muito tempo a sós com meus pensamentos – o que é provavelmente uma boa ideia, já que não sei como interpretá-los – e Kate e os demais aparecem em meio à massa, rindo e suando, junto com Sam e Drew.

Sam me vê sozinha:

– Onde está Jesse?

Eu faço uma expressão confusa.

– Não sei – aponto na direção em que Jesse foi, no exato momento em que ele reaparece em meio às pessoas, segurando uma cadeira alta acima da cabeça.

Ele a coloca no chão.

– Sente – ele ordena, me levantando do chão. – Bebidas? – pergunta. Todos aceitam e gritam seus pedidos, deixando-o atordoado, e ele decide aproximar os ouvidos para escutar o que cada um quer.

Sam se voluntaria.

– Eu ajudo.

– Sim, eu também vou – Drew segue Jesse e Sam até o bar, deixando três pares de olhos cravados em mim.

– O que foi? – pergunto. Eu sei o que foi. Minha mente de repente está nadando em vinho.

Kate levanta sua sobrancelha desenhada para mim, cruzando os braços.

– Você parece confortável – ela dispara.

Tom ajeita as grandes lapelas de sua camisa coral.
– Confortável? Não, não, não. Aquilo não é confortável. Aquilo é garantia de sexo selvagem esta noite, querida! – ele levanta as mãos, e Kate e Victoria concordam, os três se cumprimentam ao mesmo tempo.
Eu olho para Kate em desaprovação.
– Você e eu, mais tarde.
Ela respira fundo.
– Oh, que bravinha!
– Você viu como ele dança? – Victoria incentiva.
– Até que não é ruim – Tom despreza, e todas nós rimos. Alguém roubou os holofotes de Tom na pista de dança.
– Pois bem… – disparo contra Kate. – Por falar em confortável – olho para Sam, que volta em meio à multidão, equilibrando três drinques nas mãos.
– Um pouco de diversão – ela dá de ombros.
– E você? – olho para Victoria.
Ela me olha, chocada.
– Eu?
– Sim, vi você se insinuando para Drew.
Tom joga as mãos para cima, exasperado.
– Sou o maior segura-vela! Quero ir pro Route Sixty! – ele vira para Victoria. – Querida, por favor!
– Não! – ela exclama, e eu não a culpo. Para variar, é Victoria que está recebendo atenção dos homens e, possivelmente, é quem vai se dar bem desta vez.
Sam coloca as bebidas na mesa, e Drew aparece logo depois, passando muito perto de Victoria. Ela ri e ajeita os cabelos.
Sam sorri.
– Vinho para Kate – ele faz uma reverência e entrega a taça a ela. – Vodca para Victoria, e não faço ideia do que seja isso, mas parece extravagante, então deve ser seu. – Sam entrega a piña colada para Tom, com uma piscadela.
Meu amigo gay enrubesce visivelmente e faz um gesto desmunhecado para Sam. Não acredito no que vejo. Pela primeira vez na vida, Tom ficou tímido! Ah, é uma oportunidade boa demais para perder.
– Tom, seu rosto está combinando com a sua camisa! – deixo escapar, em meio a gargalhadas incontroláveis.
Todos se viram para Tom, o que só intensifica seu rubor e, em seguida, seu embaraço. Uma crise de riso se instala, fazendo Tom bufar algumas vezes antes de se retirar.
– Qual é a graça? – Jesse pergunta quando volta, colocando meu vinho e uma garrafa d’água sobre a mesa. Não consigo falar. Ainda estou me recuperando do ataque de riso, enxugando os olhos.
– Acabamos de encontrar o calcanhar de Aquiles de Tom – Kate conta, quando percebe que não estou nem perto de me recompor. Jesse parece perplexo e olha para o grupo de hienas para o qual voltou. Vejo Sam dar de ombros e dar um gole em sua cerveja.

– Sam – explico, em meio às gargalhadas finais.
– Sam? – Jesse parece confuso.
Victoria entra na conversa.
– Tom gosta do Sam! – ela grita, fazendo estardalhaço.
Jesse balança a cabeça, abre sua garrafa d'água e bebe um gole.
– Aqui. Beba – ele coloca a garrafa perto de minha boca e me dá uma ordem, e eu a aceito com prazer, apesar da rispidez do gesto. Estou começando a sentir a desidratação se instalar. Logo volto para meu vinho, no entanto, e dou fim à taça.
Fico sentada quieta, vagamente ciente de que estão conversando ao meu redor, mas minha cabeça está de repente enevoada. Foi o último drinque que eu não devia ter tomado. As vozes soam abafadas e começo a enxergar em duplicidade.
É, missão cumprida… Estou chapada.
Sinto a mão de Jesse na minha nuca, massageando meus cabelos e conversando com Sam. Fecho os olhos, absorvendo o toque firme com que ele encosta em meus músculos por uma eternidade.
Quando abro os olhos, ele está inclinado e olhando dentro dos meus olhos bêbados, balançando a cabeça.
– Vamos. Vou levar você para casa.
Não discuto. Estou bêbada demais para fazer qualquer coisa… inclusive levantar.
Sou colocada diante de um por um, todos me beijando no rosto, enquanto Jesse me apoia. Quando ele se certifica de que me despedi de todos, sou levada para a saída. Devo admitir: se Jesse não estivesse lá, me segurando pela cintura e me mantendo de pé, eu teria caído de cara no chão.
Sinto o ar fresco, me fazendo tremer de leve, mas logo sou levantada do chão, sentindo o conforto familiar do peito de Jesse contra meu rosto, enquanto ele me carrega para o carro.
– Você não vai vomitar em mim, não é? – ele pergunta.
– Não – respondo, com a voz mole.
– Tem certeza? – ele ri, e posso sentir a vibração de seu peito.
– Estou bem – balbucio em sua camisa. Está falando como meu pai. Ele tem idade o bastante para ser meu pai?
– Está bem. Me avisar com alguns segundos de antecedência pode ser bom. Vou colocar você no meu carro agora.
– Não vou vomitar – insisto.
Percebo quando ele me coloca dentro do carro, e a sensação do couro frio na parte de trás das minhas pernas quando me recosto no assento. Ele se inclina sobre mim para afivelar meu cinto de segurança, seu cheiro de água fresca e o hálito mentolado invadem minhas narinas. Eu os reconheço, mesmo no meu estado embriagado. Ele se afasta, mas continua no meu campo de visão, e há dois dele. Tento encontrar um foco e acabo enxergando um sorriso largo.
– É adorável mesmo quando está bêbada – ele me dá um beijo casto nos lábios. – Você vem para casa comigo.
– Você é autoritário – reclamo.

– Melhor se acostumar. – Ele dá a partida no carro e as vibrações do motor instantaneamente fazem um estrago em meu estômago cheio de álcool. Ouço-o rir sozinho.

– Jesse?

– Sim, Ava?

– Quantos anos você tem?

Ouço-o definitivamente suspirar.

– Vinte e cinco.

Estou mesmo muito bêbada, e sinto que o carro começa a se mover, mesmo estando de olhos fechados.

– Não importa quantos anos você tem – murmuro.

– Não?

– Não, não importa. Nada importa, amo você mesmo assim.

Ouço uma respiração rápida e profunda antes de perder os sentidos.

Capítulo 9

– Você está bem? – ele sussurra no meu ouvido.– Tenho permissão para falar?

Ele alcança e aperta meu osso da bacia, me fazendo pular sobre o balcão.

– Não seja espertinha.

– Fui muito bem comida – suspiro.

– Ava, por favor, olhe como fala – ele me pede, levantando os braços e pousando-os sobre os meus, acariciando-os para cima e para baixo.

– Mas é verdade.

– Eu sei, mas você não precisa falar desse jeito. Detesto quando usa essa linguagem.

Faço uma careta.

– Eu tenho que ouvir suas bobagens.

– Só falo bobagens porque você me deixa bobo.

Eu suspiro.

– Está bem.

Ficamos ali saciados por um bom tempo, recuperando o fôlego. Estou presa sob seu corpo pesado, espalhada sobre a superfície de granito, o frio sob o meu rosto é uma sensação bem-vinda, e vejo meu hálito quente condensando-se na pedra brilhante, fazendo-a embaçar. Estou à deriva da realidade e me afogando em um mar de sentimentos. Estou esgotada, física e emocionalmente, e estou muito mais encrencada ainda.

– Jesse?

– Hmmm?

– Quantos anos você tem?

Ele aperta meus braços.

– Vinte e dois.

Reviro os olhos. Se ele tem vinte e dois anos, eu sou Madre Teresa reencarnada. Sorrio para mim mesma. Depois do que acabei de experimentar, acho bastante difícil. Sinto-o saindo de mim um pouco, e uma sensação de vazio me ataca quando ele se retira de vez. Ele beija minhas costas e lentamente se afasta, sua pele descolando da minha aos poucos. Estou com frio.

– Venha aqui – ele fala baixo, me pegando pela cintura. Noto que não é pelos quadris.

Apoio as mãos no granito, me levanto com sua ajuda e, quando estou finalmente fora do balcão, viro para olhar para ele, meus olhos se arregalam quando percebo que está duro outra vez.

Ele me senta no balcão e abre espaço entre minhas coxas, pegando meus braços e

colocando sobre seus ombros antes de voltar as mãos para minha cintura.

Ele estuda meus olhos.

– Você está bem?

Eu sorrio diante de seu lindo rosto.

– Estou.

– Que bom. – Ele me abraça forte, inspirando o perfume do meu pescoço. – Ainda não terminei com você.

Enlaço sua cintura reta com as pernas, apertando-o com minhas coxas.

– Percebi.

– Você tem esse efeito sobre mim – ele me diz, dando de ombros.

Não pode ser só comigo, mas aceito o elogio. Enterro o rosto no seu pescoço e o acaricio com o nariz. Ele cheira tão bem.

– Está com fome? – ele pergunta, afastando-se e passando os nós dos dedos no meu rosto.

– Um pouco – encolho os ombros.

– Um pouco – ele me imita, os cantos da boca querendo sorrir. Seus olhos brilham, e eu sorrio. – Você tem um sorriso malicioso. Que eu amo. – ele beija o canto da minha boca.

– Merda! – assim que a palavra sai de minha boca, eu me encolho.

Ele se afasta, de olhos arregalados.

– Não fale assim! – ele me censura, seus lábios formando uma linha fina. – Qual é o problema?

– Eu disse a Kate que iria para casa – digo, num fôlego só. Ela não ligou e, se ligou, não ouvi o celular. – É melhor eu ligar para ela. Ela precisa do meu carro para visitar a avó em Yorkshire.

Balanço o corpo para me libertar, e ele me solta contra a vontade, fazendo uma careta. Vou até minha bolsa, que está na porta da frente, procuro, encontro meu telefone para mandar uma mensagem para Kate e explicar que estou a caminho, acrescentando um P.S. para informá-la que não existe namorada. Pego minha calça jeans na mala.

– Tenho que ir.

– Ir? – ele levanta a voz.

Eu me encolho.

– Só tenho uma chave, e Kate precisa dela – explico.

Balanço a calça e visto uma perna. Não me dou ao trabalho de colocar a calcinha.

– Ah! – grito quando sou subitamente levantada do chão e colocada sobre seus ombros. – O que está fazendo? – Estou virada para seu traseiro firme e bronzeado. Ele se vira sem dizer mais nada e entra no apartamento. – Que merda, Jesse, me ponha no chão! – Ele tira minha calça, joga-a de lado e me dá um tapa na bunda. – Ai!

– Olha a boca!

Ouço a porta bater no gesso da parede depois de ser aberta com força, e chegamos a um quarto. Aqui tudo é branco e preto também. Sou tirada de seus ombros e jogada em um mar de luxuoso algodão branco. O cheiro é delicioso, de água fresca… o cheiro dele.

Não tenho tempo de superar a desorientação. Ele está entre as minhas pernas em um nanossegundo, as mãos segurando meus punhos de cada lado da minha cabeça, seus braços estendidos, sustentando o peso de seu corpo. Céus, o homem se move depressa. Ainda não tenho muita certeza de onde estou nem de como vim parar aqui. Reconheço, no entanto, a excitação crescente dentro de mim.

Seu membro escorregadio faz cócegas em minha entrada, fazendo meu coração pular no peito, enquanto me concentro em seus olhos sobre mim, me encarando com um misto de raiva e choque. Ele está bravo?

– Você não vai a lugar nenhum! – ele grunhe, movendo o quadril e se enterrando em mim por inteiro, preenchendo meu corpo no nível mais inacreditável.

Ambos gritamos em uníssono com a penetração. Ele está tão fundo, e instantaneamente me contraio em torno de cada centímetro dele dentro de mim. Ele se mantém imóvel por um momento, a cabeça pendendo para a frente e a boca relaxada, mas, quando consegue se recompor, olha nos meus olhos e lentamente se afasta para depois voltar com toda a força, com um grito.

Jogo a cabeça para trás, também gritando.

– Olhe para mim! – sua voz é um rosnado carnal, que não pode ser ignorado.

Volto meus olhos para os dele, que se mantém fundo dentro de mim. Estou arfando como um cão desidratado.

– Assim é melhor. Agora, você precisa de um lembrete? – ele pergunta.

Um lembrete? Se é um lembrete do quanto é bom tê-lo dentro de mim, então a resposta é sim! Movimento o quadril em busca de alguma fricção, louca e ardendo como uma devassa.

Ele me olha com expectativa.

– Responda à pergunta, Ava.

– Por favor – solto o ar. Não acredito que vou implorar, mas ele pode fazer o que quiser comigo, exigir qualquer coisa.

Ele dá um sorriso seguro e convencido e então retoma as poderosas investidas.

– Você é minha, Ava – ele grunhe. Fecho os olhos em um grito de prazer. – Abra seus olhos!

Ah, não tenho forças. Abro os olhos enquanto ele investe para dentro e para fora em um ritmo imperdoavelmente forte, firme. É incrível.

Nossos corpos suados colidem, e meu fôlego falha enquanto tento controlar a pressão que cresce em meu sexo. Mesmo em meio à desordem de movimentos frenéticos, seus olhos não deixam os meus. Prendo as pernas em torno de sua cintura, jogando os quadris mais para a frente, fazendo-o me penetrar mais fundo e trazendo meu clímax iminente para mais perto.

– Meu Deus, Ava, você está bem? – ele força as palavras a sair de sua boca em meio a gritos abafados.

Meus pulsos são libertados do peso de suas mãos, e sinto a vibração de seus punhos socando o colchão.

– Não pare! – grito, me segurando nos seus bíceps escorregadios. Cravo minhas unhas para tentar me apoiar melhor, o que o faz urrar mais alto e me penetrar mais fundo.

Jogo a cabeça para trás em desespero. O poder e o controle que ele tem ultrapassam a compreensão.

– Porra, Ava, olhe para mim!

Volto minha cabeça à posição normal, e nossos olhares se encontram. Suas pupilas estão dilatadas e vítreas, o verde quase desaparecendo, e noto a linha de expressão se aprofundando e gotas de suor escorrendo por suas têmporas. Ponho as mãos na parte de trás de sua cabeça, seguro seus cabelos encharcados e puxo-o para nossos lábios se fundirem, e nossas línguas se chocarem, enquanto ele continua com suas torturantes investidas.

Não consigo mais me segurar.

– Jesse, vou gozar! – o ar me falta contra os lábios dele. As pontas dos meus dedos estão dormentes por conta da força de meus punhos puxando seus cabelos.

– Céus! Juntos, está bem? – ele fala por entre os dentes, com mais força por mais algumas alucinantes estocadas, antes de gritar:

– Agora!

Eu me deixo levar – todas as sensações aprisionadas no meu sexo, o peso dos meus pulmões, e o fogo no meu ventre –, e tudo sai em um golpe enorme de prazer e um grito ensurdecedor.

– Meu Deus! – ele clama, em um último e poderoso golpe, antes de ficar paralisado sobre mim.

Sinto seu gozo quente bem dentro de mim e me derreto em torno dele, fechando os olhos em exaustão. Ele desaba sobre os antebraços, sôfrego e ensopado, enquanto sai de dentro de mim e depois me penetra fundo mais algumas vezes, longa e calculadamente. Meus músculos se contraem, drenando até o fim de seu orgasmo. Não consigo pensar direito. Esse homem já me proporcionou quatro orgasmos incrivelmente poderosos em menos de quatro horas. Não vou conseguir andar amanhã.

Eu fico ali, saciada e fraca, arfando e dolorida devido ao esforço, meus olhos ficam pesados. Sinto sua testa pousar na minha e abro os olhos para ver que os dele estão fechados. Mexo o corpo para chamar sua atenção, sentindo o restante de sua ereção em espasmos dentro de mim. Ele abre os olhos com dificuldade, levantando a cabeça para me olhar. Estudando meu rosto, ele se demora na minha boca e se inclina para plantar o mais gentil dos beijos nos meus lábios maltratados. Solto um suspiro quando ele solta o torso sobre mim, seu peito pesado, mas tão desejado. O peso é bem-vindo, e levo as mãos às suas costas, passeando com as pontas dos dedos, ao mesmo tempo que coloco o queixo em seu ombro e olho para o teto. Tremores leves passam por ele, que enterra o rosto no meu pescoço e encosta os lábios na minha artéria pulsante.

Nunca estive tão satisfeita na vida. Sei que é só sexo e seus efeitos, mas é a melhor sensação do mundo. Tem que ser. A força desse homem é viciante, sua ternura, doce, e seu corpo está além da perfeição. Ele é a combinação perfeita da masculinidade.

Correndo o dedo por suas costas, ouço sua respiração estável e calma em meu pescoço. Ele dormiu, e estou presa sob seu corpo sólido. Paro de acariciar suas costas, e ele move o quadril, lentamente saindo de dentro de mim. A sensação não é agradável e me deixa querendo ter sustentado seu corpo por mais tempo – talvez para sempre.

Ele se apoia nos cotovelos e olha para mim.

– Você me fez cair no sono – sua voz está rouca.

– Fiz, sim.

Pegando uma mecha do meu cabelo, ele enrola o cacho cor de mogno brilhante em um dedo.

– Você é bonita demais – sussurra.

Eu olho no fundo de seus olhos sonolentos e passo o polegar por sua linha de expressão.

– Você também – digo suavemente.

Ele me oferece um meio sorriso, abaixa a cabeça e me acaricia entre os seios com o rosto.

– Esse foi seu lembrete.

Ele sai de cima de mim e se ajoelha na cama, o ar frio que cobre meu corpo instantaneamente me faz querer puxá-lo de volta. Ele me estende as mãos e, ao aceitá-las, sou içada para sentar em suas coxas. Com um braço nas minhas costas, ele me segura enquanto se vira, manobrando o corpo até parar sentado e encostado na cabeceira da cama, meu corpo de frente para ele. Depois coloca as mãos na minha cintura, os polegares desenhando círculos no osso da minha bacia, me fazendo estremecer. Coloco as minhas mãos sobre as dele para deter seus movimentos. Ganho um sorrisinho.

– Passe o dia comigo amanhã.

Passar o dia na cama com este homem? Depois desta noite, vou precisar de uma semana para me recuperar – talvez mais. Eu estou literalmente arrebentada.

– Tenho coisas planejadas – digo, com cuidado. Estou sendo racional. Preciso manter as coisas num nível casual ou talvez nunca mais vê-lo. Ele é o epítome do *bad boy*, ainda que um pouco mais velho. É perigoso, enigmático e totalmente viciante.

– Que coisas? – ele pergunta, fazendo um leve beicinho.

– Preciso arrumar minhas coisas – aperto as mãos quando o sinto começar a mexer os polegares de novo.

– Que coisas? – ele parece confuso.

– A casa de Kate é uma moradia temporária. Já estou lá há quatro semanas, está tudo espalhado. Preciso organizar as coisas para quando tiver minha própria casa.

– Onde estava quatro semanas atrás?

– Com Matt.

Ele se encolhe.

– Quem diabos é Matt?

– Meu ex-namorado.

– Ex?

– Sim, ex – vejo uma onda de alívio ocupar seu rosto. Qual é o problema com ele? – Jesse, preciso pegar meu carro – pressiono. – Não posso deixar Kate ir com a van dela até Yorkshire. Ela falha e quase desmonta pra todo lado, não é seguro.

– Não se preocupe. Levo você para pegá-lo de manhã.

Ah, então eu vou ficar?

– Ela sai lá pelas oito. – Ele pode não gostar tanto assim da ideia de eu tirá-lo da cama tão cedo numa manhã de sábado.

– "Lá pelas..." – surge o sorrisinho de novo. Faço a mesma expressão, pegando suas mãos e colocando-as de volta à minha cintura, antes de buscar os grampos que mantêm meus cabelos no lugar e começar a tirá-los. Ele me olha com os olhos apertados.

– O que foi?

– Você se recusa a passar o dia comigo e então joga esses seios fabulosos na minha cara. Não é justo, Ava – ele levanta a mão e passa os dedos por um dos mamilos, que endurece imediatamente.

Solto um gritinho e seguro meu seio.

– Ei! Eu preciso tirar meus grampos. Estão machucando a minha cabeça. – Tiro um deles e o coloco na boca.

Ele me observa com interesse e por fim chega mais perto, pega o grampo com os dentes e o cospe na cama. Seu rosto mergulha entre os meus seios, e eu sorrio, passando as mãos por seus cabelos úmidos e ignorando a voz dentro de mim que me diz para não ficar tão contente. Ele respira fundo antes de dar um beijo suave em cada um dos meus mamilos. Depois me vira em seu colo.

– Me deixe fazer isso. – Ele levanta os joelhos para eu me encaixar entre eles e começa a passar os dedos pelo meu cabelo para localizar os grampos, tirando-os e me entregando sobre meus ombros.

– Quantos eram? – ele pergunta enquanto massageia meu couro cabeludo e encontra mais um grampo perdido.

– Alguns. Tenho muito cabelo para prender.

– Algumas centenas? – ele pergunta, intrigado. – Pronto, acho que tirei todos. – Ele tira os grampos da minha mão e os deixa na mesa de cabeceira, antes de me puxar pelos ombros para eu me encostar em seu peito.

Ele é muito confortável, e meus olhos estão incrivelmente pesados. Tive um dia absurdamente ocupado que acabou com uma maratona de sexo com esse homem cativante. Eu deveria ir embora agora e evitar a estranheza da manhã. Mas então sinto seus braços em volta de mim e minha cabeça automaticamente pende para trás, sobre seu ombro. Estou tão confortável e tão cansada, não vou a lugar nenhum.

Começo a acariciar os pelos da lateral de suas pernas.

– Quantos anos você tem? – balbucio, sentindo o sono chegar.

Seu peito balança um pouquinho indicando uma risada.

– Vinte e três.

Eu faço um ruído sonolento para mostrar minha descrença, mas não tenho nem energia para desafiá-lo. Sou uma escrava do sono e me deixo levar.

Capítulo 10

Acordo na mesma posição em que dormi, exceto pelo fato de que o edredom foi colocado na altura de minha cintura. Os braços de Jesse ainda me envolvem, e o cheiro de sexo ainda paira no ar.

Com o olhar, procuro um relógio pelo quarto, escutando a respiração leve de Jesse perto do meu ouvido. Hesito em me mexer e acordá-lo, mas preciso usar o banheiro.

Começo a tirar lentamente seus braços do meu corpo grudento. Ele geme algumas vezes no sono, e eu sorrio, surpresa por não estar arrependida. Acordei sem o menor sinal de remorso ou vergonha. Mas também não tenho o desejo de ficar tempo demais. Ah, não, definitivamente quero manter a vantagem.

Quando acho que fiz progressos, sinto seus braços me prenderem como um torno, me imobilizando com eficiência.

– Nem pense nisso, Ava – ele grunhe, a voz rouca de sono.

Coloco as mãos nos seus braços, tentando me soltar.

– Preciso usar o banheiro.

– Azar o seu. Segure. Eu estou confortável.

– Não consigo.

– Não vou soltar – ele declara sem brechas para argumentar, afastando minha mão com um movimento do braço, enquanto me mantém presa.

Encosto a cabeça no seu ombro num gesto de exasperação, e seus lábios se viram para o meu rosto, me beijando suavemente, os vestígios de sua barba roçando em mim. É uma sensação gostosa, nem de longe a reação que eu esperava na manhã seguinte.

Assim que o sinto relaxar os braços, enquanto se ocupa de acariciar meu rosto com o dele, tento escapar, mas logo que ele percebe a tensão em meus músculos, estou deitada de costas, pernas abertas e punhos presos ao lado da cabeça. Ele me olha de cima, os olhos brilhantes e dançando de satisfação. Ah, sim, está muito satisfeito consigo mesmo e preciso dizer que está maravilhoso com o cabelo despenteado e a barba loiro-escura começando a aparecer.

Meu corpo reage a ele automaticamente, e a dor na minha bexiga logo é substituída por uma pressão no meu ventre, meu coração está em algum lugar entre meu esterno e minha garganta. Seu cheiro matinal é uma mistura de suor e aquela essência de água fresca que tanto amo. Estou sem fôlego. Ele deve achar que sou fácil.

Bem, eu sou… com ele.

Ele passa o nariz no meu.

– Dormiu bem?

Ele quer conversar agora?

– Muito. – Mexo os quadris de maneira sugestiva, e suas sobrancelhas se levantam, os lábios querendo sorrir.

– Eu também.

Espero que ele tome a iniciativa. Jesse me observa com atenção, inclina devagar o rosto sobre o meu e, quando nossos lábios finalmente se encontram, dou um gemido, abrindo a boca de maneira convidativa e tremendo sem querer quando ele passa a língua pela minha, sem pressa, seduzindo minha boca e se afastando de vez em quando para me beijar gentilmente, antes de reiniciar a exploração. Ah, gosto muito do Jesse gentil. Ele está a quilômetros de distância do dominador senhor do sexo que encontrei ontem à noite.

Quando está feliz por eu ter demonstrado interesse, ele solta meus punhos e me acaricia com a ponta do indicador pelos lados do corpo. É o bastante para eu quase convulsionar e mexer o quadril com a espiral que começa em meu ventre e termina no meu sexo.

O toque dele é viciante. *Ele* é viciante. Estou totalmente viciada.

Abraço-o para espalmar seu traseiro sólido como uma rocha. Aplico um pouco de pressão, empurrando seus quadris contra os meus de propósito. Gememos em uníssono, um na boca do outro.

– Eu me perco completamente em você – ele murmura nos meus lábios antes de se afastar, observando meu rosto enquanto se enterra lenta porém decididamente em mim, centímetro por centímetro, fazendo minhas mãos irem de imediato parar em suas costas e meus olhos se fecharem. Estou preenchida.

Ele está imóvel, permitindo que eu me ajuste ao seu redor, suas costas, tensas, a respiração, curta. Sei que ficar assim parado deve exigir muito esforço.

– Olhe para mim, Ava.

Abro os olhos. Sua mandíbula está tensa, a linha de expressão mais profunda que o normal, os olhos verdes em brasas. Mexo o quadril sutilmente para demonstrar que estou bem e, ao meu convite, ele se retira ao ponto de eu achar que vai desistir, mas, então, pouco a pouco, me penetra de novo o mais fundo que consegue – para dentro e para fora, para dentro e para fora.

– Hmmm – solto um gemido com uma longa expiração.

– Amo sexo sonolento com você – ele diz, com a voz cheia de ar.

Os movimentos calculados e deliberados fazem um estrago no meu autocontrole. Levanto o quadril para ir ao encontro de seus ataques, trazendo-o mais fundo e me levando às alturas. A sensação é extraordinária.

– Assim está bom, Ava? – ele pergunta baixinho. Ele sabe que está. Seu olhar ainda está travado no meu e fico surpresa de conseguir manter a intimidade. É como se tivéssemos sido feitos para estar aqui.

– Sim – respondo.

– Mais rápido?

– Não. Assim mesmo, por favor, só assim. – Está perfeito. O Jesse forte, poderoso e controlador é incrível, mas, nesse momento, este aqui é absolutamente perfeito.

Ele me percorre com os olhos, enquanto mantém o movimento de vaivém. Quero que ele me beije, mas parece tão satisfeito apenas me olhando, então prendo as pernas na sua cintura e corro os dedos por seus braços muito de leve.

Ao se afastar devagar, ele faz uma pausa, momentaneamente parecendo reunir forças, os olhos fixos nos meus.

– Chega de sexo preguiçoso – ele murmura e vem com tudo para o lugar mais fundo possível dentro de mim, não me dando tempo para me acostumar.

Ele grita e se retrai antes de repetir o delicioso movimento outras vezes, saindo devagar e voltando com força. O prazer me invade como uma tempestade, fazendo minha mente entrar em órbita. Suas ações são controladas e exatas. Estou chegando ao limite. Agarro seus cabelos, puxando seus lábios para mim, passando a língua pelo seu lábio inferior e mordendo-o de leve, raspando-o nos meus dentes até finalmente libertá-lo. Ele me invade de novo, seu rosto tenso encontrando meus lábios. Ele me beija com paixão.

– Nunca vou deixar você ir embora – ele me avisa entre beijos.

– Não quero que me deixe ir.

Ele congela de repente, interrompendo o ritmo que me fazia desintegrar em seus braços, e eu me encolho, surpresa pela ausência de movimento, meu orgasmo no limbo. Ele ainda está enterrado em mim e levanta a cabeça para me olhar. Sou arrancada de meus pensamentos confusos imediatamente pelo olhar de desaprovação que vejo no rosto dele.

Eu disse a coisa errada. Estava envolvida pelo momento, foi só isso. Desvio o olhar do dele. Estraguei tudo.

– Olhe para mim agora, Ava. – Eu o encaro com relutância, encontrando sua expressão um pouco mais suave. – Vamos ter essa conversa quando você estiver raciocinando, e não louca de desejo. – Ele se afasta até que eu sinta somente a ponta de sua ereção e paira sobre mim.

Ele está certo. Não raciocino quando estou com ele, especialmente quando ele me deixa desse jeito. Fico perdida com o prazer que me ele proporciona e agora está me fazendo dizer bobagens.

Sua língua varre seu lábio inferior, e ele ofega, ao mesmo tempo que empurra o quadril para a frente, trazendo meu orgasmo dormente de volta à vida. Minha pele arde, e ele me penetra, devagar e sempre, o mais fundo que pode. Passo a mão pelos seus cabelos, puxo seus lábios para os meus e o devoro, enquanto ele continua os movimentos cadenciados.

– Vou gozar – ele murmura. – Goze comigo, Ava. Me dê isso.

E com mais três estocadas, minha mente fica em branco, e fogos de artifício explodem na minha cabeça. Eu irrompo sob ele com um grito.

– Isso mesmo, querida – ele faz força para falar, unindo-se a mim em meu prazer, enquanto tento dominar meus gritos e começo a gemer alto e longamente quando sua ereção se expande, tremendo, antes de liberar jorros de sêmen quente dentro de mim. Ele cai sobre mim, projetando o quadril com força, garantindo que até a última gota seja esvaziada. Estou destruída, e ficamos abraçados, tentando trazer a respiração ao

normal.

– Não sei o que dizer – ele sussurra no meu ouvido.

Estou funcionando no piloto automático, mas isso eu ouvi em alto e bom som, e não sei como processar a informação. Acho que nós dois já falamos demais. É isso que acontece quando nos deixamos levar pelo momento. Desejo e paixão tomam conta e, antes que você se dê conta, palavras ridículas estão saindo de sua boca.

Após alguns minutos de silêncio, estou mais que desconfortável, então me mexo um pouquinho embaixo dele.

– Posso usar o banheiro agora? – peço.

Ele desliza para fora, fazendo um esforço exagerado para cair na cama. Não tenho ideia do que possa estar deixando-o frustrado.

Sem uma palavra, piso no carpete branco e vou até o banheiro, fechando a porta. Sei que ele observou cada passo meu. Pude sentir seus olhos queimando minhas costas nuas. O constrangimento da manhã seguinte foi adiado, mas chegou agora. E chegou com tudo.

Uso o banheiro, lavo as mãos e paro alguns minutos para me acalmar antes de abrir a porta, encontrando-o deitado de costas, assumidamente nu e me encarando com determinação. Não sei o que fazer.

– Preciso ir embora. Kate deve estar preocupada comigo.

Ele morde os lábios furioso, as engrenagens em sua mente entrando em ação.

– Talvez eu queira que você fique aqui.

– Ela precisa do meu carro. – Quero ser racional e ir embora, mas também não quero. – Você vai me levar?

Seu sorriso quase me lança de volta para o banheiro e me faz sentir muito melhor, a estranheza desaparecendo, simples assim.

– O que você disse?

– Por favor – sorrio, e ele pula da cama.

– Boa menina. Me dê cinco minutos.

Estou ajoelhada pegando com cuidado os pedaços de vidro do chão da cozinha quando Jesse aparece, vindo do quarto. Olho para cima e vejo que está usando uma bermuda bege, uma camisa polo Ralph Lauren branca – com a gola levantada – e um par de All Star azul. Os pelos das suas pernas musculosas são bem claros, realçados por seu bronzeado leve. Ele não se barbeou, mas seu começo de barba não compromete seu lindo rosto. Estou de joelhos, lábios entreabertos, parecendo desamparada. Me sinto desamparada.

Ele para diante de mim, olhando para baixo com um sorriso. Parece mais jovem. Quero agarrá-lo ali mesmo, mas com a mão cheia de cacos de vidro, ambos totalmente vestidos *e* atrasada, preciso resistir.

– Preciso ir – pressiono, tentando ignorar a massa de beleza masculina acima de mim.

– Aqui – ele junta as mãos para que eu coloque o vidro ali. – Você devia ter deixado, Ava. Podia ter se cortado. – Ele esvazia as mãos, soltando o vidro na pia. – Cuido disso

mais tarde. – Colocando os óculos escuros, ele pega as chaves e as minhas malas, antes de segurar minha mão e me conduzir à porta.

– Você vai trabalhar hoje? – pergunto.

– Não. Não acontece muita coisa no Solar durante o dia – ele pisca, e eu me derreto. Ele tem esse jeito meio safado que eu adoro.

Ele abre a porta, e damos de cara com dois homens mal-ajambrados com pranchetas na mão, de macacão azul. Bordado nos uniformes lê-se "Mudanças B&C".

– Sr. Ward? – pergunta o que parece ser um caminhoneiro, os dentes amarelos indicando o consumo de pelo menos cinquenta cigarros e vinte xícaras de café por dia.

– As caixas no quarto reserva vão antes. A governanta chega daqui a pouco para ajudar com o resto. – Ele me puxa pelo corredor, deixando o caminhoneiro e seu colega magrelo cuidarem de tudo. – Tomem cuidado com os equipamentos de esqui e ciclismo – ele grita para trás.

– Você tem uma governanta? – não sei por que isso me surpreende. O cara comprou a cobertura do Lusso por míseros 10 milhões. Ele é mais que rico.

– É a única mulher sem a qual não consigo viver – ele responde, de maneira leviana. – Ela vai para a Irlanda visitar a família semana que vem. É quando tudo vai desmoronar.

Chego até meu carro em tempo recorde, depois de Jesse dirigir como um louco pelo trânsito da manhã. Os demais motoristas parecem ser mais complacentes com um Aston Martin e alguns gestos. Ele coloca as malas no meu carro enquanto checo meu telefone. Oito e dez. Mando uma mensagem rápida para Kate dizendo que estou a caminho, olho para cima e vejo que ele está me encarando. Mesmo pelos óculos escuros – que lhe caem tremendamente bem –, posso sentir os olhos verdes poderosos queimando minha pele.

Abro a porta do motorista do meu Mini, entro, dou a partida, e Jesse está agachado do meu lado em um segundo.

– Vou buscar você para o almoço.

– Eu expliquei, tenho muita coisa para fazer – o Jesse safado não vai me desviar do meu objetivo, apesar de ser o bastante para me distrair.

– Jantar, então.

– Ligo mais tarde. – Já passei a noite inteira com ele, já transamos como coelhos, e agora preciso de um tempo para me recuperar.

Seus ombros caem, e ele bufa pesadamente.

– Está me dispensando?

– Não, eu ligo mais tarde.

Inclinando-se para dentro e pousando a mão na minha coxa, ele cobre minha boca com a dele em um beijo escaldante, que me deixa sem fôlego.

– É bom mesmo ligar – ele diz, afastando-se, com um andar exagerado. Foi um beijo veja-o-que-você-está-perdendo. Funcionou.

– Quantos anos você tem, Jesse? – eu grito para ele.

Ele se vira, com um esboço de sorriso no rosto.

– Vinte e quatro.
O motor entra em ação ruidosamente, e ele se afasta como um motorista de rally adolescente. Talvez tenha vinte e quatro anos. Às vezes, age como se tivesse.

Corro pela porta da frente e escada acima, encontrando Kate secando os cabelos. Ela parece atarantada, o que significa que está atrasada. Quando me vê, desliga o secador e sorri de orelha a orelha.
– A noite foi boa? – ela pergunta, com uma sobrancelha levantada. Agora não parece estar tão apressada.
– Foi, sim – dou de ombros, pegando uma mecha de cabelo, num ato de reflexo. Não consigo disfarçar o sorriso que surge em meu rosto.
– Ha! – ela grita. – Pode me contar tudo.
– Sim, ele é um deus. Não consigo mentir para você. E é o novo dono da cobertura.
– Não acredito! Ele é delicioso, *além* de super-rico?
Sorrio em concordância.
– Desculpe se deixei você preocupada por não voltar para casa. Deixei uma mensagem no seu celular.
– Não chequei meu celular. Seja como for, do jeito como ele olhava para você, minha única preocupação era você não conseguir andar hoje de manhã – ela começa a rir, deixa o secador no chão e vai para seu quarto extremamente organizado. – E, se não estou enganada, você está mancando.
Vou atrás dela, me jogando em sua cama perfeitamente arrumada.
– Meu Deus, Kate. O cara tem experiência. – O pensamento repentino me faz imaginar todas as várias conquistas que vieram antes de mim. Faço uma careta de desgosto.
– Você queria diversão sem complicação. Parece que encontrou. Toca aqui! – ela bate a mão no ar e sai do quarto. – E não existe namorada?
Eu queria diversão descomplicada? Isso vai ser diversão descomplicada?
– Não, mas ela o quer. Isso deu pra perceber.
– Bem, azar dela. Tenho que correr. Volto amanhã à tarde. O que vai fazer enquanto eu estiver fora?
Levanto de sua cama e arrumo as cobertas antes de sair do quarto impecável, fechando a porta.
– Vou arrumar minhas coisas. Você tem sacos de lixo?
– Uau! Estão embaixo da pia. – Ela pega a bolsa no topo das escadas e desce até a porta. – Obrigada pelo carro. Fique à vontade se quiser Margô emprestada. Tchau!

É segunda-feira de manhã de novo, mas o incomum é que todos estão aqui. Pelo menos um de nós está sempre fora do escritório em alguma visita ou reunião. Assim que Kate voltou de Yorkshire na noite passada, sentamos no sofá e dividimos uma garrafa de

vinho e uma barra de chocolate tamanho gigante enquanto eu a deixei a par do meu *Senhor*, e ela me deixou a par de sua avó senil.

Agora estou na cozinha com Patrick, fazendo uma atualização sobre a nova casa da sra. Kent.

– Ela pode se mudar todos os anos pelo resto de sua vida se quiser, desde que continue contratando você para embelezar o local.

Faço uma careta.

– Não sei, não. Eu acho que ela gosta de ter operários por perto – levanto as sobrancelhas e dou risada.

Patrick ri comigo.

– A velha tem uns setenta anos! Talvez ela deva arrumar um menino para brincar. Só Deus sabe quantas amantes o sr. K tem espalhadas pelo planeta. Sei disso por uma fonte muito confiável – ele pisca para mim, e sorrio para ele.

Sei que Patrick se refere à própria esposa, Irene. Se algo acontece nesta cidade, Irene sabe. Ela é fofoqueira, bisbilhoteira e sabichona confessa. Se ela não sabe, é porque não vale a pena saber.

– Ah, Van Der Haus quer encontrar você na quarta-feira – Patrick continua. – Eles querem mesmo você, flor.

– Sério?

Ele ri.

– Você é muito modesta, minha menina. Conferi a sua agenda e o marquei para meio-dia e meia. Ele está no Royal Park. Tudo bem?

– Claro. – Eu me levanto do balcão da cozinha e vou para a minha mesa. – Vou finalizar uns desenhos e mandar uns e-mails para alguns prestadores de serviço.

– Está bem, flor.

Chego em minha mesa e vejo uma mensagem de texto de Kate, que me pede para ajudá-la com uma entrega. Mando uma resposta rápida, pedindo para ela me pegar no escritório, e mergulho no trabalho.

Enquanto me apronto para correr para a lanchonete e almoçar, Tom aparece na minha mesa.

– Entrega para Ava! – ele grita, colocando uma caixa em minha mesa.

O que é isso? Não estou esperando nenhum catálogo.

– Obrigada, Tom. A noite foi boa na sexta?

– Esqueça meu fim de semana. Me conte quem é aquele homem – ele coloca as mãos sobre a mesa e se inclina sobre mim.

– Que homem? – disparo, rápido demais, afastando a cadeira para ganhar alguma distância da presença inquisidora do meu amigo curioso.

– Sua reação já diz tudo – seus olhos se estreitam para mim, e meu rosto pega fogo.

– Ele é só um cliente – dou de ombros.

Os olhos questionadores de Tom se movem para os meus dedos, que brincam com uma mecha de cabelo. Solto rapidamente e pego uma caneta. Preciso dar um jeito nessa

história de não saber mentir. Sou realmente péssima mentirosa. Ele faz uma expressão de quem está prestes a desvendar um grande segredo, levanta e se afasta de minha mesa.

O que há de errado comigo? Abro a caixa com violência e vejo um único copo-de-leite sobre um livro embrulhado em papel de seda.

Giuseppe Cavalli, Fotografie, 1936-1961

Abro a capa, e cai um bilhete.

Ava,
Você é como um livro que não consigo largar. Preciso saber mais. Um beijo, J.

Meus olhos se alternam entre a flor e o bilhete, pensando no que mais ele gostaria de saber. Jesse poderia começar me contando algumas coisinhas, como quantos anos tem. Entrando em um devaneio, revivo cada minuto da noite de sexta. Tentar me manter ocupada no fim de semana arrumando minhas coisas não ajudou em nada a me distrair. Eu queria desesperadamente ligar para ele, mas aquele vestígio minúsculo de inteligência ao qual me apeguei me impedia, dizendo que eu estava só caminhando para uma decepção. Não quero ficar à mercê de um homem, e é muito fácil se render a Jesse Ward. Afasto meus pensamentos do Senhor com relutância e sinto o perfume do copo-de-leite rapidamente, antes de guardá-lo na gaveta e trabalhar um pouco.

Às seis da tarde, Margô chega fazendo barulho para me buscar. Tenho que brigar com a maçaneta enferrujada e entro, jogando uma dúzia de revistas sobre bolos e copos vazios do Starbucks no chão antes de conseguir sentar.

– Você precisa de uma van nova para fazer entregas. – Considerando como Kate é organizada em casa, Margô é o inferno.

– Shhhh! Você vai magoá-la – ela sorri. – Teve um bom dia? – ela me olha com cautela.

Meus ombros desabam. Tiro o livro com o bilhete da bolsa e passo para ela. A incerteza marca suas feições belas e claras enquanto ela abre a capa, e o bilhete escorrega para seu colo. Ela o pega, lê e olha para mim, de boca aberta.

– Caramba, o Senhor é profundo. – Ela me devolve o livro e sai com a van.

– Ele é. – Começo a pensar nas conversas na cama, nos olhos verdes e no calor forte.

– Ele é mesmo muito bom de cama? – Kate pergunta casualmente, mantendo os olhos no caminho.

Viro a cabeça para o lado rapidamente para olhar para ela, mas ela não retribui o olhar.

– Muito – respondo. O melhor, incrível, sensacional! Eu o quero de novo e de novo e de novo e de novo!

– É só para esquecer o Matt?

Suspiro e não respondo, porque tenho medo de admitir em voz alta.

Ela estende a mão e aperta meu joelho, sorrindo atenciosa. Ela sabe o que está acontecendo.

Capítulo 11

Diminuímos a velocidade na entrada de uma rua residencial, e Kate faz Margô frear.

– Certo. Vá para o banco de trás.

– O quê?

– Vá para o banco de trás, Ava! – ela reforça as instruções com um tapinha em meu joelho.

– Por quê? – faço uma careta horrenda.

Ela aponta para a rua, e entendo tudo. Olho para ela, com os olhos arregalados.

Ela tem a decência de me olhar como quem pede desculpas.

– Eu o amarrei, calcei e protegi, mas essa rua é um pesadelo. Levei duas semanas para terminar esse bolo. Se ele cair, estou perdida.

Olho para a rua de três faixas. Há carros estacionados dos dois lados e apenas uma faixa para o tráfego no meio. Não é isso que me incomoda, mas as lombadas enormes a cada vinte metros chamam minha atenção. Meu Deus, vou ser jogada de um lado para o outro como uma moeda na secadora de roupas.

– Não podemos carregar o bolo? – peço, desesperada.

– Ele tem cinco andares e pesa uma tonelada. Segure a caixa e vai ficar tudo bem.

Eu bufo, desafivelando o cinto.

– Não acredito que você vai me fazer passar por isso – resmungo, passando para os fundos da van e abraçando a caixa do bolo. – Não dava para montá-lo no local?

– Não.

– Por que não?

– Porque não. Agora segure a merda do bolo! – ela grita, impaciente.

Eu o aperto um pouco mais, abrindo as pernas para ter mais equilíbrio e encosto o rosto na caixa. Estamos na entrada da rua, com o motor roncando. Isso parece um esquete de comédia.

– Pronta? – ela pergunta.

Ouço Margô entrando em ação.

– Dá para andar logo com essa merda? – surto.

Ela ri enquanto acelera o carro aos poucos, e logo um carro começa a buzinar com impaciência atrás de nós.

– Vá se ferrar, idiota! – Kate grita, quando chegamos à primeira lombada.

Sou jogada no ar, meu rosto amassado contra a caixa, meus saltos escapando.

– Kate! – berro, caindo de bunda.

– Não solte essa caixa!

Eu me levanto como posso, segurando a caixa no exato momento em que as rodas traseiras saem da lombada.

– Dá pra pegar leve?

– Preciso pegar impulso, senão ela não passa pela lombada! – ela exclama, aproximando-se de mais uma.

– Merda! – sou catapultada para o ar, aterrissando com um estrondo. – Kate!

Ela está gargalhando, o que só me enfurece mais ainda.

– Sinto muito! – murmura.

– Sente nada! – esbravejo, levantando de novo. Tiro os sapatos para tentar me equilibrar.

– Ah, não!

Sopro os cabelos para longe do meu rosto.

– O que foi?

– Não vou dar ré, meu senhor! – ela reclama entre dentes.

Vejo um Jaguar vindo em nossa direção, mas a rua tem espaço apenas para um carro passar. Estamos em um impasse. Uma sinfonia de buzinas se inicia à nossa volta, e Kate segue em frente, me jogando para todos os lados no porta-malas de Margô.

– Vou passar por cima de você! – ela ameaça o sr. Jaguar, buzinando sem parar. – O bolo está bem?

– Sim! Não ouse deixar esse cara vencer! – grito, caindo de bunda outra vez. – Merda!

– Aguente firme, faltam só mais duas.

– Ah, meu Deus!

Mais dois pulos e provavelmente mais dois hematomas nas costas e no traseiro, estamos paradas em fila dupla descarregando o maldito bolo de cinco andares. O sr. Jaguar está buzinando, xingando, fazendo gestos enormes, mas nós o ignoramos. Ainda estou descalça e ajudo Kate a levar o bolo, colocando-o na imensa cozinha da sra. Link, que está fazendo uma festa de debutante anos para a filha. Deixo Kate terminar a parte burocrática e volto para Margô para esperar, ignorando as buzinas, enquanto procuro meus sapatos no porta-malas.

– Tire essa van daí, vadia! – O tom violento me chama a atenção, levanto a cabeça e dou de cara com um engravatado de meia-idade, gordo e careca, que vem para cima de mim como um raio. – Você é surda, porra?

Que merda, esse cara vai me bater. Olho para os degraus da casa da sra. Link, mas a porta segue bem fechada.

Levo um susto quando sou empurrada por ele.

– Por favor, me dê cinco minutos – tento negociar com o imbecil descontrolado. Se Kate estivesse aqui, ele já estaria no chão.

– Só tire essa porcaria daí, sua vaca! – ele ruge no meu rosto, fazendo eu me encolher.

Corro para a calçada, pisando em todas as pedras no caminho, e subo os degraus da casa da sra. Link.

– Kate! – bato deseperadamente, virando e sorrindo com delicadeza para o sr. Jaguar careca, ganhando mais uma torrente de xingamentos. O cara precisa de um curso de controle de agressividade. – Kate! – grito, batendo de novo. Buzinas soam de todos os lados, estou diante do homem mais enfurecido que já encontrei na vida gritando palavrões para mim, minha bunda dói, e meus pés estão sendo perfurados por pedregulhos! – KATE! – minha garganta começa a doer também. Mas tenho uma ideia. Será que ela deixou as chaves dentro da Margô? Desço com cuidado as escadas e volto para a rua, para ver se as chaves estão no contato, dando a volta pelo outro lado para evitar o careca.

Mas ele não está disposto a me deixar dar a volta, e dou de cara com seu corpo enorme e suado assim que chego à porta do carro.

– Ai! – grito, sentindo o cheiro horrível que emana dele.

Ele agarra meu braço e aperta com força.

– Se não tirar essa coisa daí agora, vai levar uma surra.

Eu me encosto na van quando ele aperta ainda mais forte, causando dor o bastante para me fazer querer gritar. Vou ser espancada em uma ruazinha residencial na pomposa Belgravia e vou aparecer nos jornais amanhã. Sinto os olhos marejados com lágrimas de pânico, encurralada na lateral da Margô, sem a mínima ideia do que fazer.

– Tire as mãos dela!

O urro que corta o ar e cancela o som de todas as buzinas e do trânsito de Londres para os meus ouvidos me enche de alívio. Viro na direção da voz mais bem-vinda que já ouvi e vejo Jesse correndo pelo meio da rua, de terno, com olhos assassinos.

Graças a Deus! Eu não sei de onde ele veio, mas pouco importa. O alívio que me invade é arrebatador. Nunca estive tão feliz por ver alguém em toda a minha vida, e o fato de ser um homem que conheço há uma semana *deveria* significar alguma coisa.

A cabeça medonha e gorducha do sr. Jaguar careca vira na direção de Jesse, um olhar de profundo pânico marca suas feições suadas imediatamente. Sinto-o afrouxar um pouco a força em meu braço. Ele me solta e dá um passo atrás, afastando-se de Margô, e começa a se dar conta do tamanho do homem que vem para cima dele. A intenção de correr está clara em seu rosto feio. Ele não consegue, porém, porque Jesse o empurra antes que consiga fazer as pernas curtas se moverem, jogando-o no ar e derrubando-o no asfalto.

Meu Deus! Eu estava errada. O careca não é o homem mais enfurecido que já vi na vida. Vejo o punho de Jesse colidir com o rosto dele, seguido de um chute no estômago, que arranca um grito de dor do homem.

– Levante esse rabo gordo daí e peça desculpas – Jesse o levanta do chão, colocando-o diante de mim. – Peça desculpas! – ele ruge.

Eu olho para o careca, que bufa e arfa, seu nariz visivelmente quebrado, sangue pingando em seu terno ensebado. Eu teria pena dele, se não fosse um verme. Que tipo de homem faz isso com uma mulher?

– Des… desculpe… – ele gagueja, parecendo totalmente estupefato.

O punho fechado de Jesse no paletó do sujeito o faz sacudir.

– Encoste um dedo nela outra vez, e arranco a sua cabeça – sua voz é ameaçadora. –

Agora caia fora – ele empurra o farrapo humano para longe e me abraça, me apertando contra o peito.

Eu desabo. Estou um trapo incoerente e derramo minhas lágrimas no terno caríssimo de Jesse, enquanto ele me conforta com seu peito quente e firme.

– Eu devia ter matado o canalha – ele resmunga. – Ei, pare de chorar. Vou ficar louco de raiva – ele espalma a mão na parte de trás de minha cabeça e suspira nos meus cabelos.

– De onde você apareceu? – murmuro, me afastando dele. Não importa, só estou feliz por estar aqui.

Ele olha para mim, quase envergonhado.

– Eu...

Eu não escondo o choque.

– Você me seguiu, não foi?

– E é um trabalho muito bom – ele desconversa. – Onde está Kate?

Sim, onde está Kate? O caos se instalou aqui, e nem sinal dela. Vou matá-la, depois de tirar uma casquinha de Jesse.

– Ei, o que está acontecendo?

Levanto a cabeça e vejo Kate diante de Margô, com o olhar confuso.

– Acho que você precisa tirar sua van do caminho, Kate – Jesse a aconselha, com diplomacia. Ele não derrubou uma gota de suor.

– Ah, está bem – ela dá de ombros, completamente distraída.

Jesse me olha de cima a baixo.

– Onde estão seus sapatos? – ele pergunta preocupado, os olhos já escurecendo de raiva de novo, certamente pensando que eu os perdi durante o incidente com o careca.

– Estão na traseira de Margô – soluço. – A van – explico, ao ver sua expressão de dúvida.

Ele me pega no colo e me leva até a calçada, sentando-me em uma mureta na frente da casa da sra. Link.

– Não vou nem perguntar como é que foram parar lá.

– Vou pegá-los. – Kate grita. É bom mesmo. Ela volta correndo com meus sapatos. – O que aconteceu?

– Onde você estava? – pergunto, sem rodeios.

Ela revira os olhos.

– Me arrastaram para o andar de cima para me mostrar o vestido que ela vai usar na festa. Era pequeno demais e foi patético assistir. Demoraram dez minutos para enfiá-la nele. – Ela olha para Jesse, que pega minha bolsa do banco da frente de Margô.

– O que aconteceu? – ela pergunta de novo, dessa vez em voz baixa. – Está furioso.

– O cara do Jaguar quase me bateu. – limpo a sujeira das solas esfoladas dos meus pés e calço os sapatos. – Jesse... – faço uma pausa e me pergunto se ele ter me *seguido* pode ser classificado como ter me *perseguido* – estava passando por aqui, por acaso.

– Ava, sinto muito. – Ela se senta na mureta e me abraça de lado. – Graças a Deus que o Senhor apareceu, não? – posso notar a insinuação no tom da minha amiga.

– Kate, você precisa tirar essa van dali antes que comece uma guerra – ele se

aproxima com minha bolsa na mão, e eu levanto. Caramba, como meus pés doem. Volto a recostar no muro e estremeço quando meu traseiro encosta no concreto. Jesse se mostra preocupado quando me vê com dor. – Vou levar Ava comigo.

– Vai? – disparo.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Sim, vou. – Seu tom me desafia a recusar.

– Vejo você em casa – Kate beija minha têmpora e vai em direção a Margô, sem a menor pressa, olhando para trás e sorrindo.

Eu a ignoro e olho para a fera alta e bela diante de mim – absolutamente comestível com seu terno cinza e sua camisa branquíssima – e encontro olhos verdes estreitando-se para mim.

– Está com dor?

Eu levanto, estremecendo outra vez quando meus pés sustentam todo o meu peso.

– Minhas costas e meu traseiro doem – massageio minha bunda maltratada e faço um gesto para pegar minha bolsa com ele. – Eu estava segurando o bolo na traseira de Margô.

– Estava sem cinto de segurança?

– Sim. Porta-malas de vans não têm cinto de segurança, Jesse.

Ele balança a cabeça e me pega no colo, me embalando em seus braços fortes, antes de seguir pela rua. Dou um suspiro profundo e o deixo fazer o que quiser, descansando a cabeça em seu ombro e enlaçando-o pelo pescoço.

– Você não me ligou. Eu disse para você ligar – ele resmunga, acusador.

– Sinto muito.

– Eu também.

– Sente muito por quê?

– Por não ter chegado antes. Não faça nenhuma besteira, Ava. E me ligue quando eu disser para ligar.

Fecho a cara no ombro dele, e ele me olha, como se sentisse a minha reação à bronca. Ele sorri e beija minha testa. Meus olhos se fecham. Não posso mais ignorar. Definitivamente existe algo entre nós e aceitar isso me tira o fôlego.

Ele estaciona o carro na frente da casa de Kate, e não fico surpresa ao ver que Margô ainda não voltou para casa. O cara dirige como um louco. Saio do carro e logo sou levantada do chão. Ele me leva no colo até a porta.

– Eu consigo andar – dou risada, mas ele me ignora, tirando as chaves da minha mão quando chegamos à porta, fechando-a com o pé assim que entramos. Eu esperneio, e ele me põe de pé, sua mão indo direto para a minha cintura, me puxando para ele.

Ele me levanta até meus lábios encontrarem os dele, e suspiro, abraçando-o na altura do pescoço, deixando sua língua rolar na minha boca lenta e calmamente. Estou perdida por sequer *achar* que posso resistir a ele.

– Obrigada pelo livro – digo, com os lábios colados nos dele.

Ele se afasta, me encara, os olhos verdes brilhando de prazer.

– Não tem de quê. Mesmo. – Ele me dá um beijo comportado nos lábios.

– Obrigada por me salvar.

Ele abre um daqueles sorrisos atrevidos, maliciosos.

– Sempre que precisar, *baby*.

A porta se abre de repente, e Kate entra esbaforida, atropelando nosso abraço.

– Desculpe – ela murmura, subindo rapidamente para o seu quarto.

Jesse ri baixo e se insinua com um movimento do quadril, gerando uma vibração deliciosa no meu estômago. Minha respiração falha por um momento, e sua testa encontra a minha.

– Se estivesse sozinha, estaria contra a parede, e eu estaria comendo você até enlouquecer. – Seu quadril roça em mim de novo, arrancando um gemido, a vibração fazendo o caminho descendente. Amaldiçoo Kate mentalmente.

– Eu posso fazer silêncio. – sussurro. – Pode me amordaçar, se quiser.

Vejo aquele sorrisinho novamente.

– Acredite, você vai gritar. Uma mordaça não seria suficiente. – Meu corpo convulsiona. – Mas amanhã… – ele diz, assertivo. – Quero marcar um horário.

– Um horário para me comer?

– Olhe a boca – ele começa a rir. – Quero que volte ao Solar para pegar os detalhes de que você *realmente* precisa para começar a trabalhar em alguns esboços.

Minha boca forma um círculo, e ele se inclina, introduzindo a língua, me atacando com paixão. Eu o deixo me levar totalmente, meus joelhos falham quando ele volta a me provocar com aquele quadril delicioso.

Fico perdida quando ele interrompe o beijo, ofegante, de olhos fechados por um instante.

– Não marco hora para comer você, Ava. Vou fazer isso sempre que quiser.

Tirando os olhos dos meus, ele olha para algum ponto acima das escadas, e sei que ele também está amaldiçoando Kate por estar em casa.

– No Solar, ao meio dia – ele determina, correndo um dedo pelo meu rosto. Faço um meneio com a cabeça. – Boa menina – ele sorri e beija minha testa antes de se virar e sair.

Desabo contra a parede, até o chão, tentando controlar a respiração, minha mente em disparada. Eu estou me apaixonando. Estou me apaixonando rápido e para valer.

E estou com medo.

Capítulo 12

Na manhã seguinte, chego ao escritório fazendo barulho – literalmente. Estou estatelada no piso de madeira, cercada de caixas, com Tom correndo até mim, com uma expressão de horror estampada em seu rosto de bebê.

– Meu Deus! Você está bem? – ele estende a mão para me ajudar a levantar, ajeitando minha saia preta justa, antes de arrumar minha blusa sem mangas. – Mil perdões. Eu estava levando essas coisas para o depósito. – Ele me vira e arruma como uma mãe, matraqueando regras de saúde e segurança, e livros sobre acidentes.

– Tom, estou bem. Tire as mãos dos meus peitos!

Ele remove as mãos rapidamente dos meus seios, rindo.

– Ah, mas que belos seios eles são, Chapeuzinho Vermelho!

– Se você não fosse gay, já teria levado um tapa.

– Bom dia – ouço Victoria antes de vê-la. – Tom, nunca mais saio com você – ela sibila para ele, se arrumando na cadeira.

Olho de um para o outro.

– O que está aconteceu?

– Ele me abandonou de novo!

Deixo a bolsa sobre a minha mesa e assisto Victoria fazer todo tipo de acusação a Tom, que parece estar bastante culpado. Sem a menor intenção de me envolver, pego meu telefone na bolsa e encontro uma mensagem de texto de Kate.

Saí cedo, não quis acordar você caso esteja sonhando com o Senhor. ;-)
Baroque às 13h? Tenho que voltar às 14h30. Bjs.

Sim. E sonhando acordada também. Minha mente confusa vai direto aos pensamentos que me mantiveram acordada quase a noite toda – os pensamentos que estão fazendo meu cérebro e meu coração duelarem sem parar. Ele me quis, lutou e venceu, mas não tenho certeza se estou pronta para me entregar a outro homem agora, especialmente um homem tão exigente. Sou uma garota racional, exceto, ao que parece, quando se trata de Jesse. Preciso de tempo para pensar, sem ele por perto para me distrair com seu toque.

Tento me ocupar com e-mails e a conferência do progresso dos prestadores de serviço, ao mesmo tempo pensando em que desculpas dar a Jesse. Eu deveria marcar uma reunião, falar estritamente de negócios e deixar claro que as coisas vão ser assim, o que é mais fácil falar do que fazer quando estou perto dele.

Patrick chega às onze com copos da Starbucks. Eu poderia beijá-lo.

– Cappuccino com dose extra, sem açúcar nem chocolate para você, flor – ele me dá um beijo e coloca o café na minha mesa. – Não se esqueça da reunião com Mikael amanhã. Ele senta na ponta de minha mesa, e eu prendo a respiração quando ela range.

– Não vou esquecer. Mostro a agenda para Patrick ver a anotação grande e em destaque.

– Boa menina. Como vão as coisas no Solar?

Fico vermelha imediatamente. Não contei a Patrick sobre a segunda visita, mas ele só precisa virar as páginas de minha agenda para ver – e obviamente já o fez.

– Tudo bem – digo, minha voz algumas notas mais aguda que o normal.

– Maravilha. Mantenha-me informado. – Ele levanta de minha mesa e sai distribuindo o restante dos cafés. Olho instintivamente embaixo da mesa procurando rachaduras na madeira ou parafusos soltos, respirando aliviada tanto pela ausência de um interrogatório quanto pelo bem-estar da minha mesa. Com tantas distrações, nem cheguei a considerar a possibilidade de Patrick descobrir minhas atividades extracurriculares com o sr. Ward. Isso poderia ter um efeito muito nocivo na minha carreira. Não posso arriscar, além de um coração partido. Num repente baseado puramente em instinto, mando uma mensagem de texto para Kate, aceitando seu convite para o almoço, seguida de uma para Jesse.

Desculpe. Preciso cancelar.

Não posso vê-lo nem em termos profissionais nesse momento. Ele vai insistir, e vou me render. Mal coloco o celular na mesa e tiro a mão dos cabelos, quando a porta do escritório se abre e um buquê de copos-de-leite é trazido para dentro. É a entregadora do dia do Lusso. Vejo Tom apontar para a minha mesa, e sou instantaneamente tomada pela culpa. Afundo um pouco mais na cadeira. Vou dar o cano, e ele me mandou flores. Aceito as flores, assinando o protocolo da menina antes de pegar o cartão.

Estou ansioso para nossa reunião.
Você também deveria estar.
Um beijo, J.

Solto os braços na mesa e enterro a cabeça neles, dizendo para mim mesma que essa é a coisa certa a fazer – a atitude razoável. Suas palavras acabaram de confirmar que essa reunião não vai ter nada a ver com negócios. Merda!

Meu celular começa a tocar. Não preciso olhar para o aparelho para saber quem está ligando. Ele jamais aceitaria que eu o dispensasse por mensagem de texto, ou que o dispensasse de qualquer maneira, na verdade. O toque para, mas uma mensagem de texto chega quase imediatamente.

Cancelar por quê?

Leio a pergunta simples, três palavras, uma dúzia de vezes e não consigo pensar em nada que vá satisfazê-lo, então entrego o jogo e escrevo de novo para ele.

Me dê um tempo. Está intenso demais, rápido demais.

Saio às quinze para a uma para encontrar Kate, depois de ignorar dez ligações de Jesse, que claramente não está preparado para me dar o tempo de que eu gostaria.

Quando chego, o restaurante está lotado, mas logo vejo Kate em uma mesa de canto e com bebidas já na mesa. Ela detecta meu desânimo imediatamente.

– Devo perguntar qual é o problema? – ela diz, ao mesmo tempo que meu celular começa a gritar de novo, e eu dou um suspiro profundo.

– Quem é?

– Jesse.

Ela junta as sobrancelhas, confusa.

– E você não vai atender?

Recosto na cadeira, deixando tocar à exaustão.

– Cancelei meu encontro com ele.

O queixo de Kate cai.

– Por quê?

Penso com carinho, mas isso machuca demais.

– Não tenho certeza... – meus ombros caem. – Não sei. – Eu estava tão encantada ontem, que deixei um peito forte, uma voz hipnótica e lábios carnudos e macios me desviarem do pensamento cognitivo.

Ela me lança um olhar cheio de compaixão, que logo se transforma em um de imenso interesse quando algo atrai sua atenção.

– Tem um gato na área! Oh, ele está olhando. Como está meu cabelo? Tem cobertura de bolo no meu rosto? – Kate começa a passar as mãos pelo rosto freneticamente.

Viro na direção do tal gato e vejo o sujeito do bar do Solar, Sam. Ele tem um sorriso largo estampado no rosto de menino e levanta a garrafa de cerveja para mim, em um brinde. Abano a mão e viro para Kate.

– Você conhece? – ela pergunta, incrédula.

– Sam. Ele estava no Solar. É amigo de Jesse.

– Puta merda! Jesse é membro da gangue dos gatos – ela ri, os olhos arregalados, excitados. – Ei, ele está vindo para cá. Me apresente, por favor.

Balanço a cabeça para ela. É mais um primeiro encontro para ela cravar os dentes. Sam chega à nossa mesa, ainda sorrindo e mostrando aquela covinha. Ele é mesmo muito bonito, com seus cabelos revoltos e olhos brilhantes. Está vestindo jeans e camiseta novamente. Deve ter estilo casual.

– Ava, como vai?

– Tudo bem, Sam. E você?

– Ótimo. Como vai Jesse? – ele pergunta, sorrindo.

Sinto meu rosto corar, embora tenha chegado à conclusão de que ele está brincando. Ele é amigo de Jesse, deve saber como ele está. Dou de ombros, porque realmente não sei o que dizer. Quando o deixei ontem, ele estava exalando sexo por todos os poros, e eu estava ofegando como uma perdedora desesperada. Agora, imagino que esteja ligeiramente furioso por eu ter cancelado nosso encontro. Não, apague isso. *Sei* que está furioso. Suas ligações persistentes deixam isso claro.

Sinto uma dor aguda na perna e vejo Kate me olhando feio.

– Ah, Sam, essa é a Kate. Kate, Sam – aponto com a mão de um para o outro, observando Kate se transformar em um anjo, estendendo a mão para Sam, que sorri mais ainda antes de cumprimentá-la.

– É um prazer conhecer você, Kate – ele diz com calma, mantendo o sorriso e passando a mão livre pelos cabelos ondulados.

– Você também – ela dá uma risadinha quando Sam elogia seus cabelos ruivos selvagens, as mãos ainda juntas.

Meu celular toca com a chegada de uma mensagem de texto e, para escapar do flerte flagrante que acontece diante dos meus olhos, abro a mensagem com apreensão.

> É bom você ter uma BOA razão para me dar o cano, e precisar de tempo não é uma delas! É melhor que alguém esteja morrendo. Estou ficando louco, Ava. NADA DE BEIJO.

Meu pobre cérebro parece que vai explodir. O que está acontecendo comigo? Deixo o celular na mesa e vejo Kate na melhor paquera de que já fui testemunha. Eles ainda estão de mãos dadas.

Ela desvia a atenção de Sam para olhar para mim.

– Jesse?

– Jesse? – Sam repete, também virando-se para mim.

– Sim – respondo com ar *blasé*, como se isso não importasse, dando um necessário gole no meu vinho.

Fico lá sentada eternamente, sendo ignorada por Kate e Sam que conversam e riem. Por mim tudo bem, mas também me dá tempo demais para pensar. Isso não é bom. Preciso de quietude. Paz. Silêncio ao meu redor e uma garrafa de vinho, enquanto deixo meu cérebro e meu coração se entenderem.

Levanto, disposta a voltar para o trabalho e tentar me manter ocupada.

– Kate? – sorrio com doçura quando ela finalmente tira seus olhos famintos de Sam. – Você não tem um compromisso às duas e meia?

– Não – ela sorri de volta, superando meu nível de doçura.

Estreito meus olhos para ela de brincadeira, pegando minha bolsa e meu celular.

– Vejo você mais tarde, então. Foi bom rever você, Sam.

Ele me beija no rosto.

– E você também, Ava. Se cuide.

Viro para sair e encontro Jesse de pé atrás de mim, com olhos em fúria como um cão

raivoso, mas delicioso em um terno grafite.

– Quem morreu? – ele vocifera.

Eu me encolho no ato, e ele me olha feio.

– Você não pode brincar comigo, Ava.

Kate começa a olhar para todas as direções, menos para nós, e Sam faz um péssimo trabalho tentando parecer desinteressado. Jesse parece pronto para quebrar algo.

– Preciso voltar para o trabalho – digo em voz baixa, desviando dele e saindo do restaurante.

Saio para a Piccadilly no meio da multidão da hora do almoço, certa de que ele está me seguindo. Posso sentir seus olhos penetrantes perfurando minhas costas, então caminho mais depressa, no intuito de chegar logo ao escritório, onde estou a salvo de sua ira e do interrogatório.

Atravesso a porta do escritório, mas, mal chego a minha mesa e, com um grito, vou parar nos ombros dele e sou levada de volta.

– Que merda você está fazendo? – grito para ele, que me ignora, seguindo a passos largos para fora do escritório. Eu me apoio em suas costas, olho para cima e vejo Tom, Victoria e Sally de queixo caído, com o rosto colado à janela, me olhando ser carregada para a rua. Meu Deus, por favor, tomara que Patrick esteja longe.

– Jesse, que merda! Me ponha no chão agora!

Ele me desliza por seu corpo – devagar, de propósito, para que eu sinta cada músculo de seu peito delicioso – me detendo antes que meus pés toquem o chão. Ele me segura pela cintura, fazendo meus lábios ficarem no nível dos dele, sua ereção evidente me tocando no lugar perfeito. Ele está bravo *e* excitado?

Um gemido traiçoeiro escapa dos meus lábios quando ele se insinua contra mim, respirando aquele hálito mentolado e quente próximo à minha boca. Meus sentidos foram sequestrados de novo, apenas com aquele contato, e ele me mantém imóvel na frente de todos os meus colegas, que estão espremidos na porta do escritório, brigando pelo melhor ângulo de visão.

– Olhe a boca. Você me deu o cano – ele pressiona os lábios contra os meus antes de se afastar, com os olhos mais suaves, na expectativa.

– Desculpe – desvio de seu olhar penetrante, sem saber mais o que dizer. Meus pensamentos conflitantes estão se tornando uma frustração. Quando ele fica em silêncio algum tempo depois, lentamente olho para ele. Isso pode ser um erro.

Ele balança a cabeça de leve e então ataca minha boca, ali no meio da Bruton Street. Está me fazendo lembrar. Meus dedos se embrenham nos seus cabelos, e me rendo à sua boca impossivelmente viciante, enquanto ele me consome sem a menor vergonha, alheio ao movimento dos pedestres da hora de almoço, que passam e olham.

– Para que precisa de tempo? – ele joga os quadris para a frente de maneira agressiva, tirando um gemido de mim.

– Para pensar.

– Não pense, Ava – ele ordena, em um tom que me desafia a ousar enfrentá-lo. – Isso é como é. Aceite. – Ele me solta, meus pés tocam o chão, e a falta de sustentação me faz cambalear para a frente.

Ele me ampara, me segurando pelo braço, causando um pouco de dor, que irradia pelo meu corpo, me tirando do encanto em que estava, com um suspiro profundo. Ele me liberta e dá um passo atrás, o olhar calmo começando a se enfurecer ao ver os hematomas espalhados perto do meu ombro, cortesia do sr. Jaguar Careca. Ele aperta as mandíbulas, seu peito se estufa, e ele olha fixamente para o meu braço.

– Estou bem – cubro as marcas, na esperança de que, escondendo a área machucada, eu o tire desse estado colérico. Ele parece totalmente homicida. – Preciso voltar para o trabalho – minha voz é mínima, nervosa, inclusive. Não me sinto bem com seus olhos verdes se tornando sombrios.

Depois de um tempo, ele balança a cabeça e vai embora, sem mais uma palavra, me deixando na calçada pensando no que aconteceu. Olho para o chão, sem foco, como se pudesse encontrar a resposta escrita com giz no concreto.

É isso? Acabou? O olhar dele disse que sim, mas não sei como me sinto nesse momento. Em um segundo ele me provoca com os quadris e me faz gemer e, no seguinte, me olha com pura irritação. O que devo pensar disso tudo? Realmente não sei, então me forço a sair dos meus devaneios e volto para o escritório.

O silêncio é constrangedor. Todos obviamente fingem estar ocupados.

– Você está bem? – pergunta Tom, passando devagar por minha mesa. Olho para cima e vejo que sua expressão, em geral de intrometido, tem uma carga de preocupação.

– Estou bem. Nem uma palavra para Patrick. – A frase sai mais ríspida do que eu pretendia.

– Claro. Nem mais uma palavra. – Ele mostra a palma das mãos, num gesto de defesa.

Merda! Tudo que eu preciso é Patrick descobrir que fui vista com um cliente. Eu devia ter sido mais forte e resistido às suas investidas. Não gosto da maneira como me sinto agora. Acho… Acho que é algo parecido com… abandono.

Eu praticamente rastejo pela porta da frente em completa exaustão, encontrando Kate na janela da cozinha, fumando.

– Você precisa parar – dou uma bronca nela. Ela não fuma muito, só um ou dois aqui e ali, mas, ainda assim, é um vício horroroso.

Ela dá uma tragada longa e atira o cigarro pela janela, antes de descer do balcão.

– Me ajuda a pensar – ela se defende. – Onde está o vinho? – Ela tira a bolsa de minhas mãos e abre, antes de olhar para mim com desgosto. Acabo de cometer um pecado capital: esqueci o vinho.

Encolho os ombros. Eu tinha outras coisas na cabeça.

– Desculpe.

Ela agora me olha com compaixão.

Vou até a loja enquanto você se troca. Peixe com fritas? – ela pega a própria bolsa na mesa e enfia os pés nos chinelos.

– Só as fritas. – Vou para o meu quarto, completamente derrotada.

Estou sentada com Kate no sofá, pegando batatas fritas no meu prato. Estou sem o menor apetite e não presto atenção à reprise de *Friends*. Minha cabeça está nas nuvens e estou furiosa comigo mesma por estar assim.

– Vamos lá, comece a contar – Kate ordena.

Viro o rosto para minha amiga impetuosa, com uma batata a caminho da boca. Fui uma idiota se achei que poderia ficar deprimida em paz. Dou de ombros como quem não se importa, colocando a batata frita na boca e mastigando preguiçosamente. Falar sobre isso vai apenas enfatizar o fato de que estou mal – "isso" sendo um homem.

– Você gosta dele.

Sim, gosto. Não quero, mas gosto.

– Ele é encrenca. Você viu hoje – murmuro.

Ela revira os olhos de maneira dramática e se joga de volta no sofá.

– Ava, o que vi foi um homem que é louco por uma mulher. – Ela deixa o prato na mesa de centro em frente ao sofá.

Eu fecho a cara.

– Então por que me abandonou?

Suas sobrancelhas se juntam.

– Abandonou?

Percebo meu erro imediatamente.

– Não quis dizer isso. Ele me seguiu até o escritório, disse que não ia me dar espaço e depois saiu andando.

– Você ligou para ele?

– Não – respondo em voz baixa. É o espaço que pedi e de que preciso. Mas não achei que me sentiria tão vazia. Tento mudar de assunto.

– É bom você saber que Dan está vindo para casa.

O gemido que preenche a sala é exatamente o que eu esperava.

– Tudo bem, contanto que não precise vê-lo.

– Ele está indo ver minha mãe e meu pai antes, você está a salvo por um tempo.

O amante – Que bom – ela cospe, absorta em seus pensamentos.

Preciso trazê-la de volta, rápido.

– E Sam? – pergunto com uma sobrancelha erguida. Funciona. Ela se anima imediatamente.

– Ele não é gostoso? Ele pediu meu número.

– Você é terrível, Kate Matthews – dou risada.

– Eu sei! – ela grita e depois fica séria de novo. – Ei, você é esperta.

– O que foi?

– Estávamos falando de você.

– Prefiro não falar. – Recosto no sofá e me acomodo. – Vamos ver TV.

Kate vira para a TV lentamente.

– Gosto dele – ela diz num fio de voz, quase como se tivesse vergonha de admitir, como se fosse errado gostar dele. – Só estou dizendo. Ele é rico, lindo e obviamente está

interessado em você. Um homem não se comporta assim quando está só se divertindo, Ava.

Bem, isso pode ser verdade, mas não muda o fato de que ele foi embora, e meu telefone não tocou desde então. É sem dúvida uma coisa boa, tenho que ficar repetindo isso para mim mesma.

– O que acha de uma noitada com tudo a que temos direito no sábado? – pergunto. É uma pergunta idiota, para a qual já sei a resposta.

O olhar que ela me lança é malicioso. Sorrio de volta.

Capítulo 13

No dia seguinte, chego ao hotel Royal Park ao meio-dia e quinze, pronta para minha reunião com Mikael Van Der Haus. Sou levada para uma área pequena, com sofás confortáveis, quadros em profusão pelas paredes e uma lareira entalhada que domina o espaço. É um luxo. Alguém me oferece um chá, que recuso pedindo água – está muito quente hoje, e meu vestido preto justo está grudando em mim – e, vinte minutos depois, o sr. Van Der Haus entra, impecável. Ele é mesmo muito bonito. Abre um sorriso para mim, revelando dentes brancos perfeitos. O que há comigo e homens mais velhos nesse momento? Faço um esforço para afastar meus pensamentos teimosos.

– Ava, por favor, aceite minhas desculpas. Detesto deixar uma dama esperando – seu leve sotaque dinamarquês é pouco perceptível, mas muito sexy.

Eu me levanto quando ele se aproxima, estendo a mão para ele e sorrio. Ele pega minha mão, mas me surpreende quando se inclina e beija meu rosto. Está bem, isso é um pouco inapropriado, mas vou deixar passar. Talvez seja um costume dinamarquês.

– Sr. Van Der Haus, não tem problema. Cheguei não faz tanto tempo assim – explico.

– Ava, é nosso segundo projeto juntos. Sei que tratou com meu sócio no Lusso, mas estarei mais envolvido no The Life Building, então, por favor, me chame de Mikael. Detesto formalidade. – Ele se senta na cadeira de frente para mim, cruzando as longas pernas. – Pois bem, estou ansioso para ver alguns desenhos com você em breve.

– Sim, mal posso esperar para começar a dar vazão a algumas ideias.

– Eu também – ele ri. – Foi muito rude da minha parte pedir que você viesse aqui tão em cima da hora, mas volto para a Dinamarca na sexta-feira. Tenho o seu e-mail. Vou mandar as especificações. Você fez um trabalho tão bom no Lusso. A pressão realmente diminui quando você trabalha com profissionais – ele sorri.

Ele não vai me passar as especificações agora? É para isso que estou aqui, não é?

– Podemos falar um pouco sobre isso agora – incentivo, agitando meu bloco de notas.

Ele fica sentado por um tempo, me observando em silêncio antes de se inclinar para a frente.

– Ava, espero que não pense que estou sendo ousado, mas veja... Bem, como posso dizer? – ele tamborila os dedos no queixo. Fico preocupada. – Preciso admitir que trouxe você aqui sob um falso pretexto – ele ri nervosamente, agitado.

– Ah, é? Como assim? – pergunto, forçando uma risada constrangida.

– Eu gostaria de convidá-la para jantar. – Ele me olha com expectativa, e tenho certeza de que meu rosto deve demonstrar meu completo horror. Estou pegando fogo. – Amanhã

à noite, se for conveniente para você, claro – ele acrescenta.

Merda! O que eu digo? Se disser não, ele pode retirar a oferta de trabalho com a Rococo Union, e Patrick ficará a ver navios.

– Sr. Van Der Haus…

– Mikael, por favor – ele me interrompe, com um sorriso.

– Mikael, acho que misturar negócios com prazer não é uma boa ideia. É como uma regra para mim. Estou muito lisonjeada – rio de minha própria audácia. Desde quando isso tem sido um problema ultimamente? E por que eu disse prazer? Presumi e sugeri que seria prazeroso jantar com ele. Pode não ser, e pode muito bem ser. Oh, meu Deus! Mentalmente me atiro naquela adorável lareira.

– Ah, é uma pena, Ava – ele suspira.

– É mesmo – concordo, voltando a querer me lançar na lareira, diante de seu olhar surpreso.

Ele se inclina para a frente.

– Admiro o seu profissionalismo.

– Obrigada. – Estou corando de novo.

– Espero que isso não afete nossa relação profissional, Ava. Estou ansioso para trabalhar com você.

– Também não vejo a hora de trabalhar com você, Mikael.

Ele se levanta do sofá e se aproxima de mim com a mão estendida. Graças a Deus! Eu a seguro, deixando que ele a aperte, em um cumprimento. Ele me fez mesmo vir até aqui para me convidar para jantar?

– Quando eu voltar da Dinamarca, gostaria de mostrar o edifício para você. Até lá, você pode colocar algumas ideias no papel. Vou mandar os desenhos para o seu escritório e as especificações por e-mail.

– Obrigada, Mikael. Faça uma boa viagem.

– Até logo, Ava. – Suas longas pernas o levam para fora da sala, me deixando a sós para terminar minha água.

Às duas e meia, estou de volta ao escritório. Não conto o constrangimento da minha reunião com Mikael Van Der Haus a Patrick, principalmente porque estou preocupada que, em nome dos negócios, ele exija que eu aceite o convite para jantar. Patrick vai supor que é um jantar de negócios, mas Mikael deixou bem claro não se tratar de um assunto profissional. Em vez disso, menciono apenas e-mails, desenhos e a intenção de me mostrar o edifício assim que voltar da Dinamarca. Isso parece deixar Patrick feliz.

Arregaço as mangas e começo a pesquisar o design nórdico. Sei que vou ter como base de meu projeto um modo de vida simples, branco e minimalista, mas fico confortada pelo fato de que vai ser tranquilo e aconchegante, e não esparso e frio.

Meu celular toca, e eu atendo, um tanto rápido demais. É Kate.

– Oi – digo em tom exageradamente feliz. Não sei por que me dou ao trabalho. Ela percebe a farsa na hora.

– Fingindo não estar nem aí, não é?

– Sim.
– Foi o que pensei. Não teve notícias dele?
– Não.
– Está monossilábica hoje, não?
– Sim.
Ela suspira pesadamente ao telefone.
– Que seja. Perguntou a Victoria e Tom se eles vão sair conosco sábado à noite?
– Não. Mas vou perguntar. Acabei de voltar de uma reunião estranhíssima. – Abro minha gaveta para pegar um clipe de papel e noto o copo-de-leite espremido ao lado do grampeador.
– Estranha como? – ela fica intrigada.
– Fui encontrar o dono da incorporadora do Lusso. Bem, um deles. Ele me convidou para jantar. Foi muito embaraçoso. – Pego o copo-de-leite e jogo no lixo, resistindo à vontade de sentir seu perfume de novo.
Ela ri de mim na linha.
– Quantos anos tem esse?
– Uns quarenta e cinco, acho, mas é extremamente bonito, do tipo nórdico – dou de ombros enquanto passo o mouse sem rumo pela tela.
– Você virou um ímã para homens maduros. Você vai?
– Não! – respondo, um tanto histérica. – Por que iria?
– Por que não? – não a vejo, mas sei que está com a sobrancelha levantada. – Talvez ajude você a esquecer um outro cliente. Se quiser esquecê-lo, quero dizer.
– Não, não posso, porque tenho uma nova regra… nada de misturar negócios com prazer.
– SAI DA FRENTE! – ela grita, me fazendo pular no lugar. – Desculpe, um babaca me fechou. Nada de misturar negócios com prazer, hein?
– Sim. Está dirigindo e falando ao celular, srta. Matthews? – chamo sua atenção. Sei que ela não tem equipamento de viva-voz.
– Sim, é melhor eu correr. Vejo você em casa. E não se esqueça de falar com Tom e Victoria sobre os planos para sábado.
– Quais são os planos? – pergunto, antes que ela desligue.
– Encher a cara, Baroque, oito da noite.
Encher a cara. Sim, é um plano muito bom.
– Bom dia – sei que pareço uma vaca, mas estou tentando não ser.
Tom me olha sobre sua cópia da *Interiors Weekly* e baixa os óculos até a ponta do nariz.
– Querida, por que essa cara? – ele pergunta. Não consigo reunir forças nem para um sorriso forçado. Desabo na cadeira, e, em um segundo, Tom se deita sobre a minha mesa como uma planta murcha.
– Aqui. Isso vai animar você.
Ele me mostra uma matéria da revista que está lendo, e ali, sentada casualmente na *chaise longue* de veludo do Lusso, estou eu.
– Maravilha – suspiro. Nem me esforço para ler. Preciso eliminar tudo o que se

relacione ao Lusso da minha mente.

– Problemas com homens? – ele lança um olhar de compaixão.

Não, não é um problema com homem, porque não existe homem para me dar problemas. Faço um bico e relutantemente admito para mim mesma… Estou com saudade dele.

– Estou bem – encontro ânimo para estampar um sorriso no rosto. – Hoje é sexta-feira, e estou louca para encher a cara amanhã à noite. Preciso de uma boa noitada.

– Vamos mesmo encher a cara? Fabuloso!

Patrick chega apressado ao escritório.

– Gente, temos trabalho a fazer, ou hoje é sexta-feira de folga? – ele passa por nós rapidamente, indo direto para sua sala e fechando a porta.

– Que tal trabalharmos um pouco? – espanto Tom da minha mesa.

– Ah, esqueci. – Tom volta. – Van Der Haus ligou para dizer que vai estar de volta a Londres na segunda-feira. Ele vai ligar assim que chegar. Vai enviar as especificações e mandou entregar isto. Ele é gato? – suas sobrancelhas se levantam de maneira sugestiva enquanto me entrega um envelope.

Ele é o gay mais fácil do mundo, mas entro no jogo só para agradá-lo:

– Muito. – Pego os desenhos, arregalando os olhos para dar ênfase.

Seu rosto de bebê se contorce de desgosto.

– Por que você pega todos os clientes gostosos? – ele pergunta, voltando para a própria mesa. – O que eu não daria para ver um Adônis entrar aqui e *me* jogar sobre os ombros.

Eu me encolho diante da menção de Tom à performance de Jesse na última vez que o vi e começo a trabalhar com montanhas de cotações, prazos de entrega e pedidos de prestadores de serviço, antes de ligar para meus clientes ativos para verificar o andamento de tudo. Recebo um e-mail de Mikael e passo os olhos por ele, decidida a ler com atenção na segunda-feira.

Sally chega furtivamente à minha mesa com uma entrega.

– Hum… acho que isso deve ser para você, Ava – ela transfere o próprio peso de um pé para outro, com uma caixa nas mãos. – Você quer?

Se é uma entrega para mim, então acho que quero. Ah, essa menina é absurdamente ansiosa. Tiro a caixa de suas mãos.

– Obrigada, Sally. Pode preparar um café para o Patrick?

– Não sabia que ele queria café.

A expressão de pânico em seu rosto me faz querer preparar um café para *ela*.

– Patrick não parece bem. Vamos cuidar dele.

– Ele está bem? Não está doente, está?

– Não, mas acho que um café cairia bem – insisto, fazendo o possível para não perder a paciência.

– Claro! – Ela se afasta, a saia marrom xadrez varrendo as sapatilhas. Não consigo nem tentar adivinhar a idade dela. Parece ter uns quarenta anos, mas a intuição me diz

que vou me enganar redondamente, ela tem mais ou menos minha idade. Abro a caixa e encontro todas as paletas que pedi para o The Life Building, mas jogo a caixa embaixo da minha mesa, decidida a só olhar na segunda-feira também.

No sábado, estou no meu quarto, pronta para sair. Meus cabelos estão se comportando – felizes por terem sido modelados em ondas à custa do secador, cortesia de Philippe, meu cabeleireiro – e o vestido novo, que comprei na Selfridges para me sentir melhor, me cai como uma luva. É preto, curto e muito justo. Com olhos esfumados e dramáticos e lábios nude, estou bem sexy.

Vou até a cozinha e encontro Kate na janela fumando um cigarro. No que está pensando agora? Está linda como sempre, em um vestido frente única creme.

– Uau! – ela dispara. – Alguém se vestiu para impressionar esta noite. – Ela pula do balcão e calça os sapatos de salto dourados. – É curto o bastante?

Arquejo uma sobrancelha, passando os olhos por seu vestido.

– Mínimo…

Ela dá aquela risada solta que nunca falha em me fazer sorrir também.

– Aqui está.

Kate me oferece uma taça de vinho, que aceito agradecida e praticamente viro em um só gole. Vem em boa hora.

– O táxi chegou. Vamos nos divertir.

Entramos no Baroque e imediatamente encontramos Tom e Victoria no bar.

– O que é isso? – Tom exclama, medindo meu corpo envolto em preto de cima a baixo, com um sorriso. – Ava, você está matadora!

– Muito bom, Ava. – Victoria acrescenta.

– Obrigada – desconverso, puxando a barra para baixo.

– O que você vai beber? – pergunta Kate.

– Rosé, mas só se for Zinfandel, por favor.

Kate pede as bebidas, e vamos para uma mesa alta, perto do DJ. Conforme o vinho entra, meus pensamentos atormentados saem. Estamos rindo e conversando, e começo a me sentir normal de novo. Minha mãe sempre disse que "o álcool deixa a boca solta, e bocas soltas afundam navios". Acabo de descobrir que é verdade, porque estou solta e já contei os eventos recentes a todos. Considerando que queria esquecer o assunto, estou fazendo um excelente trabalho guardando tudo na memória.

Tom está em êxtase com todo o sexo que fiz para esquecer meu ex.

– E daí ele foi embora, e você nunca mais o viu? – ele pergunta, em tom de crítica.

Victoria põe fogo.

– Isso não foi legal.

Kate revira os olhos, olhando para os outros dois como se os achasse os mais idiotas.

– Não é óbvio? – ela bufa. Tom e Victoria se entreolham e depois olham para mim.

Dou de ombros. O que é óbvio? Kate balança a cabeça. – Você são idiotas, não? É simples… Ele *quer* a Ava. Nenhum homem se comporta assim por uma transa rápida. Já falei isso, Ava.

– E por que desapareceria, então? – Victoria se inclina para a frente, muito interessada na explicação de Kate para o comportamento de Jesse.

– Não sei! Estou só comentando. Eu vi a química. Passa dos limites. – Kate se solta na cadeira, em completa exasperação.

Dou risada. Não sei se é porque já bebi vinho demais, mas isso é muito engraçado.

– Não importa. Ele foi uma transa para esquecer meu ex e só. – Minha explicação não parece satisfazê-los, já que todos continuam me estudando com olhares desconfiados. Não sei se eu mesma fiquei satisfeita com a explicação, mas já faz quatro dias, e tenho resistido à incrível tentação de ligar, e ele não me ligou. Estou seguindo em frente. – Podemos mudar de assunto, por favor? – peço. – Saí hoje para me divertir, não para analisar os detalhes da transa de recuperação.

– Transa de recuperação? – Kate pergunta, com a sobrancelha erguida. – É assim que você o está chamando agora?

– Sim – respondo, convicta.

Tom mexe sua piña colada.

– Sabe, tudo acontece por uma razão.

– Ah, não comece com essas viadagens! – Kate ralha.

– É verdade. E acredito firmemente nisso. Sua transa de recuperação é um trampolim para o amor de sua vida – ele pisca para mim.

– E Matt foi um trampolim de quatro anos. – Kate observa.

– Aos trampolins! – Tom brinda, erguendo o copo.

Kate se junta ao brinde.

– E aos *shots*!

Viro o restante de meu vinho e levanto o copo, concordando.

– Sim, *shots*! Tom grita, dançando até o bar.

Cambaleamos pela rua até nosso destino seguinte, o Blue Bar, passando com facilidade pelos leões-de-chácara, embora um deles tenha olhado desconfiado para a camisa de Tom. Ele e Victoria correm para a pista de dança quando ouvem Flo Rida e Sia cantando “Wild Ones”, deixando Kate e eu encarregadas de pegar os drinques.

Peço a primeira leva e levo as bebidas de Tom e Victoria, colocando-os em um balcão próximo à área onde os dois fazem passos de dança engraçados. Quando volto para a companhia de Kate no bar, ela está conversando com um homem. Ela não o conhece, e sei disso porque elevou em alguns níveis a medida de seu flerte.

Assim que me aproximo, ela fala por sobre a música:

– Ava, este é Greg.

Dou um sorriso, estendendo a mão educadamente. Ele me parece bem normal.

– Oi, muito prazer.

– Sim, você também – E imediatamente volta sua atenção para Kate, pousando a mão

em seu traseiro e a conduzindo para um canto. Ela não o impede.

– Ava!

Viro para a voz familiar e vejo Matt vindo na minha direção. É necessário cada miligrama da minha força de vontade embriagada para não gemer contrariada. Ele me agarra, me apertando contra o peito, me deixando totalmente surpresa. Matt nunca me abraçou assim, nem mesmo quando estávamos juntos.

Ele se afasta do abraço e me beija no rosto, por mais tempo do que o necessário.

– Como você está?

– Bem – me afasto dele.

– Você está bonita – ele diz, alegre. – Quer uma bebida?

– Não, estou bem. – Meu rosto se fecha para ele, perplexo. Não houve contato desde que terminamos, e mesmo que todo mundo diga que é possível continuar amigos, isso nunca funciona, especialmente quando uma das partes transou com metade de Londres sem que a outra soubesse. Ele começa a parecer incomodado, agindo de maneira nervosa e evasiva, o que me deixa incrivelmente desconfortável. Bebo um gole de meu vinho, olhando para ele por cima da borda da taça, enquanto ele se mexe e brinca com a borda do próprio copo. O que há com ele?

Finalmente, ele respira fundo.

– Estou com saudade – ele diz, firme e conciso.

Minha taça para no ar, e ele prossegue.

– Fui um imbecil. Não mereço uma segunda chance…

Eu engasgo, quase cuspindo meu vinho nele.

– Segunda chance?

Ele solta a cabeça para a frente, derrotado.

– Tudo bem. Entendo seu ponto de vista. – Ele levanta a cabeça, genuíno e abobalhado. – Nunca mais vai acontecer, eu prometo.

Ele está brincando comigo? Quantas vezes ouvi essa mesma mentira? Ele é um traidor crônico.

– Matt, sinto muito, mas não vai rolar – digo calmamente, sem mudar o tom de voz. Seus olhos se arregalam, surpresos, e balanço a cabeça de leve para reafirmar minha declaração. Observo-o entrar em um devaneio, e então ele acaricia meu braço, gentilmente.

– Nós éramos tão bons juntos.

– Não éramos, não – dou risada, sem querer parecer tão condescendente, mas o sentimento vem naturalmente. A única pessoa para quem nosso relacionamento foi bom foi *ele*, porque fui uma cega estúpida.

Viro para deixar a taça vazia sobre o balcão e mais ainda para me livrar da mão de Matt em mim sem ter de removê-la e, quando volto, ele foi retirado de minha frente. Levo alguns segundos para entender os eventos que se desenrolam diante dos meus olhos, mas quando compreendo, fico revoltada.

Jesse o está segurando contra um pilar, apertando firmemente o pescoço de Matt.

Capítulo 15

Ai! Aperto meus olhos sensíveis diante do bombardeio de luzes que os invade e os fecho de novo, virando de lado. Noto na hora que não estou em minha cama. Abro os olhos e me sento. *Ai!*

Seguro a cabeça com as mãos para tentar diminuir a dor, mas, a menos que eu dê um tiro no cérebro, nada vai aliviar o baque. Esta é uma ressaca incurável. Eu sei disso.

Olho para o quarto e logo reconheço o local. Estou na suíte máster do Lusso, mas sem a menor ideia de como vim parar aqui. Nunca fiquei tão bêbada a ponto de perder a memória. Tento repassar noite e instantaneamente me lembro do bar e de Jesse…

Levanto os lençóis, olho embaixo e vejo que estou de calcinha e sutiã, portanto, não consigo imaginar que nenhuma transa ao estilo de Jesse tenha ocorrido. Dou um sorriso.

Meu Deus, preciso de uma escova de dentes e um copo d'água, já. Levanto com cuidado, me desvencilhando dos lençóis, me deleitando com o cheiro do perfume de Jesse, que invade minhas narinas. Cada movimento mínimo tem um impacto na minha pobre cabeça e, quando fico de pé, apenas de lingerie, começo a cambalear. Ainda estou bêbada.

– E como vai minha deliciosa mocinha esta manhã? – ele vem até mim, simplesmente delicioso de cueca boxer branca, os cabelos despenteados. Sei que provavelmente estou horrível, cabelos revirados e maquiagem borrada.

– Terrível – confesso, de mau humor. Posso ouvi-lo rir baixo. Se pudesse coordenar meus movimentos, tentaria dar um soco nele. Seus braços me envolvem, e agradeço o apoio, enterrando a cabeça em seu peito.

– Quer café da manhã? – ele pergunta, acariciando meus cabelos. Mesmo sua doce massagem no meu couro cabeludo parece fazer um som incrivelmente alto, e quase vomito só de pensar em comida. Ele deve ter percebido minha ânsia de vômito e náusea, porque ri de novo. – Só água, então?

– Por favor – balbucio em seu peito.

– Venha aqui – ele me carrega para o andar de baixo, até a cozinha, me sentando gentilmente no balcão.

– Ah! – Merda, está gelado!

Ele ri, me soltando devagar, como se tivesse com medo de que eu caísse. É uma possibilidade. Estou péssima. Agarro as bordas do balcão para me equilibrar e observo, com os olhos semicerrados, Jesse abrir quase todos os armários da cozinha antes de encontrar onde estão os copos.

– Não sabe onde estão seus próprios copos?

Ele revira em uma gaveta, tirando um sachê branco.

– Estou aprendendo. A governanta tentou me ensinar, mas eu estava um pouco distraído. – Ele abre um sachê e vira o conteúdo em um copo. Os músculos de suas costas se movem quando pega uma garrafa d'água na geladeira, enchendo o copo rapidamente e trazendo-o para mim.

– Sal de frutas. Você vai ficar boa em meia hora. Beba.

Levanto o braço para pegar, mas meus membros não obedecem meu cérebro, então, sem uma palavra, ele se enfia entre minha pernas e segura o copo diante dos meus lábios. Bebo tudo.

– Mais?

Balanço a cabeça.

– Nunca mais vou beber – resmungo, caindo para a frente, em seu peito.

– Isso me deixaria muito feliz – ele acaricia as costas. – Me prometa que não vai ficar nesse estado sem que eu esteja presente para cuidar de você.

– Nós brigamos? – pergunto, lembrando nossa discussão do lado de fora, mas fizemos as pazes depois daquilo.

Ele suspira.

– Eu abdiquei do poder temporariamente.

– Deve ter sido um desafio e tanto – respondo, seca.

Ele puxa a alça do meu sutiã.

– Foi mesmo, mas você vale o esforço. – Ele vira o rosto para mim, beijando meus cabelos, antes de se afastar e olhar minha nudez. – Amo você de renda – ele diz, suave, desenhando uma linha pelo cós da minha calcinha. – Banho? – faço que sim com a cabeça e o enlaço com as pernas e os braços, enquanto ele me tira do balcão.

Sou carregada de volta ao andar de cima da cobertura, em direção ao banheiro, e colocada de pé do lado de fora do box. Ele me deixa ali, cambaleando, e vai ligar o chuveiro. Assim que fica diante de mim de novo, caio para a frente, sobre seu peito.

– Você está com *muita* pena de si mesma, não está? – ele me pega no colo e me senta na pia. – Tenho boas lembranças de você sentada exatamente aí.

Eu faço uma careta, mas então me dou conta... nosso primeiro encontro sexual aconteceu aqui, na noite de lançamento do Lusso. Olho para cima e vejo olhos verdes confusos fixos em mim.

– Finalmente estou onde você queria, não é?

Ele pousa a mão no meu rosto.

– Era para acontecer, Ava – ele pega a escova de dentes, passa um pouco de creme dental e a coloca sob a torneira. – Abra a boca – ordena.

Ele escova meus dentes com delicadeza, segurando meu queixo com a mão livre. Fico observando enquanto ele se concentra em seus movimentos pequenos, fazendo círculos na minha boca, quando a constatação que tive na pista de dança volta – o momento em que finalmente admiti para mim mesma que estou definitivamente apaixonada por este homem. Eu não estava tão bêbada quando essa noção caiu na minha mente encharcada de vinho.

Levanto a mão para acariciar sua barba por fazer e seus olhos grudam nos meus, os

lábios entreabertos. Ele para de escovar para virar o rosto e beijar a palma da minha mão. Sim, eu amo Jesse. Meu Deus, o que vou fazer?

– Cuspa – ele diz em voz baixa dentro de minha mão.

Tiro a mão de seu rosto e me inclino sobre a pia para livrar minha boca da espuma antes de voltar a encará-lo.

– Obrigada – falo, com a voz entrecortada.

Os cantos de sua boca se curvam em um meio sorriso.

– Foi tanto para o seu bem quanto para o meu – ele se inclina e me beija suave e lentamente, sua língua varrendo minha boca com carinho. – Você é péssima de ressaca. Posso fazer alguma coisa para ajudar? – ele me puxa de cima do gabinete da pia, me coloca de pé diante dele e me levanta pelo traseiro, me tirando totalmente do chão.

– Você tem uma arma? – pergunto, séria. Isso curaria minha dor de cabeça latejante.

Ele ri, daquelas risadas de balançar a barriga.

– Está tão mal assim?

– Sim. Por que é tão engraçado?

– Não é. Desculpe. – Ele fica sério e passa um dedo pelo lado do meu rosto. – Eu vou fazer você melhorar agora.

Ahn? O álcool claramente não acabou com a minha libido, porque cada terminação nervosa e desidratada acaba de acordar para a vida. Devo estar horrorosa, e ainda assim ele está louco de vontade?

Ele estende os braços até minhas costas, abre meu sutiã e o tira antes de se abaixar e beijar cada um dos meus mamilos. Eles endurecem imediatamente sob o contato breve de seus lábios, e meus seios ficam pesados no meu peito. Meu corpo se esquece totalmente dos efeitos do álcool e agora vibra na expectativa por seu toque.

Sua cabeça se levanta e seus lábios encontram os meus, minha mãos sobem por seus braços e se perdem em uma massa de cabelos loiros macios. Meu Deus, que saudade tive disso. Foram quatro dias, mas senti tanto a falta dele que chega a ser assustador.

– Você é viciante – ele sopra as palavras em minha boca. – Agora vamos fazer as pazes direito.

– Nós não fizemos? – pergunto. Minha voz está ofegante e desesperada.

– Não direito, mas vamos fazer logo, *baby*.

Uma onda de tremores me percorre quando ele beija meu nariz e ajoelha diante de mim, segurando meus quadris, os polegares enganchados na minha calcinha.

Fico tensa e espero, mas ele não tenta se desvencilhar. Olho para baixo e o vejo de joelhos ali, com a testa descansando na minha barriga, enquanto passo as mãos pelos seus cabelos loiros escuros. Ficamos nessa posição por uma eternidade, presos em nosso estado onírico, apenas o observo passar a testa pelo meu ventre, para cima e para baixo.

Finalmente, ele respira fundo e pousa os lábios logo abaixo de meu umbigo, deixando-os ali por alguns segundos, antes de baixar minha calcinha pelas pernas. Ele toca meu tornozelo – uma instrução muda para eu levantá-lo – e repete a ação com o outro pé.

Olho para ele ajoelhado, de cabeça baixa, e sei que algo está passando por sua

cabeça, então puxo seus cabelos de leve para tirá-lo de seu devaneio, e ele levanta a cabeça para me olhar, seu olhar fixando-se no meu. Sua linha de expressão está bem pronunciada quando ele enche as mãos em meu traseiro e mergulha de novo, beijando minha barriga. Está se comportando de maneira peculiar.

– O que foi? – não consigo mais esconder minha preocupação.

Ele me dá um sorriso amarelo.

– Nada – diz de modo pouco convincente. – Não há nada errado.

Não tenho tempo de preparar uma resposta, ele mergulha o rosto entre as minhas pernas, e meus joelhos falham.

– Ahhhhhh! – Minha cabeça pende para trás, e meus dedos agarram mais ainda os seus cabelos. Em uma lambida deliciosa ele me tem nas mãos, e a minha urgência de arrancar a verdade dele é completamente esquecida.

Ele me segura pelo quadril, o que me faz tremer. Ele é a única coisa me amparando. Sinto sua língua quente e habilidosa circular meu feixe de nervos hipersensíveis, rodeando-o com movimentos lentos e precisos, antes de se enterrar no meu sexo. Não há um milímetro de mim que ele não esteja explorando.

– Eu preciso de um banho – reclamo.

– Eu preciso de você – ele murmura contra a minha pele.

Eu me transformo em lava derretida quando ele aumenta a pressão, cravando os dedos no meu quadril enquanto me esfrego em sua boca. É uma questão de segundos até eu explodir, a tensão crescente que invade meu sexo me fazendo prender a respiração, o coração na boca.

– Seu gosto é incrível. Avise quando estiver chegando lá.

– Estou quase! – arquejo, em meio a um supiro. Deus, como estou perto!

– Alguém está intensa esta manhã. – uma das mãos solta o meu quadril, e dois dedos me penetram, me fazendo entrar em órbita.

– Caralho! – grito. – Por favor! – devo estar arrancando seus cabelos.

– Olha… a… boca… porra! – ele adverte, entre estocadas poderosas.

Ele não pode me censurar por dizer palavrões em momentos como esse. A culpa é dele por me submeter a isso.

Ele abre minha fenda com os dedos, desenhando círculos e entrando bem fundo, enquanto estimula meu clitóris com o polegar e lambe meus lábios sensíveis. É um prazer torturante que eu poderia suportar para sempre, se não fosse a pressão que cresce em mim, exigindo ser libertada.

– Jesse! – grito, desesperada.

Com mais algumas manobras estudadas com seus dedos e sua língua, sou atirada em um abismo e despenco em direção ao nada, a dor no meu cérebro desidratado substituída por faíscas de prazer. Estou curada.

Ele lambe e chupa, lenta e gentilmente, me trazendo de volta ao estado normal, meu corpo relaxando, e meus batimentos cardíacos se estabilizando ao mesmo tempo que desenho círculos suaves em seus cabelos.

– Você é a melhor cura para ressaca – expiro satisfeita.

– Você é a melhor cura para *tudo* – ele argumenta, sua língua traçando uma linha

pelo meio do meu ventre e entre os meus seios, enquanto ele levanta. A linha segue até o meu pescoço, e ele geme ao inclinar minha cabeça para o lado e lamber meu pescoço.

– Hmmm, agora… – ele beija meu queixo. – Vou comer você no chuveiro. – Ele puxa meu queixo para baixo, para que minha cabeça volte à posição normal, dando a ele acesso aos meus lábios. – Fechado?

– Fechado – concordo. Que pergunta estúpida. Fiquei quatro dias sem ele.

Passo as mãos naquele peito adorável sem pressa, pousando os olhos na feia cicatriz.

– Não pergunte. Como está a cabeça?

Tiro os olhos da cicatriz e o encaro, notando que ele me lança um olhar de advertência. Não vou desafiar esse tom nem essa expressão.

– Melhor – respondo. Seu rosto suaviza, e ele olha para a própria cueca.

Aproveito a deixa e enfio a mão no cós, passando as costas das mãos por seus pelos e roçando sua ereção matinal. Busco seus olhos e o encontro me observando com cuidado. Quando chego mais perto, ele aproveita a oportunidade para encostar a testa na minha, me abençoando com aquele hálito mentolado, sua marca registrada.

Estamos cercados por vapor, a condensação toma conta do banheiro, e enfio as mãos na parte de trás de sua cueca, apalpando seu traseiro firme e maravilhoso.

– Eu amo isso – sussurro, moldando as palmas em suas nádegas.

Ele esfrega a testa na minha.

– É todo seu, *baby*.

Sorrio em aprovação e trago as mãos para a frente, segurando seu pênis grosso e pulsante pela base.

– Eu realmente amo isso.

Ele solta um grunhido de satisfação, abaixando para se apoderar dos meus lábios, tomando minha boca possessivamente, me forçando a soltar sua ereção e colocar a mão de volta em seu traseiro. Sou puxada com força contra seu peito, recebendo o impacto total de seu sexo no meu. A necessidade de tê-lo dentro de mim me faz interromper nosso beijo e puxar a cueca por suas pernas longas e esguias. Ele tira uma das mãos do meu traseiro para me ajudar, a roupa íntima logo fora do caminho, sua ereção sólida apontando para mim. Vai ser um momento de choque e delírio.

Tenho razão. Sou rapidamente pega pela cintura e trazida ao encontro de seu corpo teso.

– Coloque as coxas em volta da minha cintura – ele rosna no meu pescoço, enquanto me chupa e me morde. Obedeço sem pensar, enlaçando-o para que me sustente, seu membro roçando minha entrada, fazendo um grito desesperado escapar da minha boca.

– Ah, Deus! – arquejo.

Ele aperta os lábios contra os meus, gemendo quando nossas línguas fazem uma dança cerimonial, minhas mãos acariciando sua barba por fazer, enquanto ele me segura pela cintura e nos guia para o chuveiro. Sou imediatamente prensada contra os azulejos, sua mão na parede sobre minha cabeça, e ele idolatrando minha boca, a água quente caindo sobre nós.

– Isso vai ser intenso, Ava – ele avisa. – Pode gritar.

Meu Deus, me ajude. Estou em chamas, e isso não tem nada a ver com a água quente

derramando sobre nós. Eu me agarro às suas costas assim que sinto-o se afastar, se preparando para me penetrar, e relaxo as coxas para oferecer mais espaço. Com a mão que antes estava espalmada na parede, ele guia a si mesmo até minha entrada, os olhos fixos nos meus, e a cabeça me cutucando. Sinto um arrepio.

– Você e eu – ele diz quando aproxima seus lábios dos meus, me beijando com voracidade. – Não vamos mais lutar contra isso. – Com um movimento preciso do quadril, ele avança, me preenchendo completamente e batendo a mão na parede ao lado da minha cabeça, com um rugido.

– Meu Deus! – grito.

– Não, querida, sou eu – ele diz com a voz tensa entre investidas poderosas, me empurrando contra a parede. – É bom, não é?

Cravo minhas unhas nele, tentando me apoiar, mas a água caindo em suas costas torna impossível segurá-lo.

– Ava?

– Sim! – jogo a cabeça para trás, ofegante e louca de prazer, a cada estocada forte ele me leva em direção ao êxtase absoluto. Sinto seus lábios explorarem meu pescoço exposto, a água fazendo-os deslizar pela minha pele em brasa.

– Você é perfeita – ele geme na minha garganta, mantendo seu ritmo voraz. – Você já está lembrada?

Ah, essa é uma transa de lembrete! Ele não precisava se preocupar. Não existe chance de eu ter esquecido.

– Ava, você já lembrou? – ele rosna, com um golpe de quadris a cada palavra.

– Eu nunca esqueci! – grito, indefesa diante das duras investidas contra o meu corpo. Solto as costas dele, sabendo que ele vai me segurar, e trago seu rosto para perto do meu, tirando a água que escorre. Seu olhar encontra o meu.

– Eu nunca esqueci – grito entre um ataque e outro.

Senti-lo dentro de mim, sentir Jesse tremer com a intensidade de nossos corpos se movendo juntos, faz minhas emoções me cercarem por todos os ângulos. Ele respira de maneira irregular, inclina a cabeça para chegar aos meus lábios. É um beijo com significado, e me desfaço nele. Ele geme dentro de minha boca, e eu seguro seu rosto, absorvendo a paixão que irradia de cada poro de seu corpo. Ele me penetra, forte e rápido, e, quando a fome mútua nos ataca e chego a um ponto sem volta, travo minhas coxas na sua cintura, cada músculo meu aguardando o momento da explosão, que já surge no horizonte. Ele treme, balbuciando palavras incoerentes contra meus lábios.

Ah, merda!

Ele solta a cabeça para trás.

– Meu Deus!

– Jesse, por favor! – mais um grito. Estou no limite do insuportável. Não sei o que fazer comigo mesma.

Ele me olha nos olhos de novo. Estão semicerrados e com as pupilas dilatadas. Fico ligeiramente preocupada.

– Mais forte, Ava?

O quê? Meu Deus, ele vai me partir em duas.

– Responda à pergunta – ele ordena.

– Sim! – grito novamente. É possível ser mais forte?

Ele faz um som gutural no fundo da garganta, aumentando o ritmo para algo ainda mais determinado – algo que eu nunca achei que seria possível. Aperto as coxas até sentir dor, mas isso só aumenta a fricção e, por consequência, meu prazer.

– Jesse! – chego ao clímax, explodindo em torno dele num urro, o gemido que irrompe dele sinalizando que também atingiu o orgasmo e se mantém enterrado em mim, seu corpo enorme em espasmos, ao mesmo tempo que grita meu nome. Sinto o calor de seu prazer fluir quente dentro de mim, enquanto descanso a cabeça em seu ombro, o meu coração batendo descompassado no peito.

Ah, meu Deus! Ele me sustenta com apenas um braço, o outro antebraço apoiado na parede, o rosto enfiado em meu pescoço. Ele está sem fôlego, meus músculos internos naturalmente se moldam ao seu membro pulsante que continua se movendo, num vaivém gentil. A água cai sobre nós, mas ainda posso ouvir nossa respiração em volume mais alto que o barulho da água.

– Caralho… – ele sussurra, tentando estabilizar a respiração.

Dou um suspiro. Sim, caralho mesmo. Isso foi mais que intenso. Minha mente virou geleia, e sei que não vou conseguir ficar de pé se ele me colocar no chão.

Como se tivesse lido meus pensamentos, ele nos vira, ficando de costas para a parede, deslizando para o chão em seguida e me deixando sentada em seu colo. Estou com o rosto em seu peito e ainda posso senti-lo pulsar dentro de mim.

Estou destruída. Minha ressaca desapareceu, mas foi substituída por uma total exaustão. Fecho os olhos e me deito em paz, colada ao corpo firme dele.

– Ava, você é minha para sempre – ele diz com suavidade, enquanto acaricia minhas costas com ambas as mãos.

Meus olhos se abrem, e muitos pensamentos invadem meu cérebro em recuperação, o mais gritante sendo *Eu quero ser*. Mas não o digo. Depois de ter essa epifania, fico petrificada por saber que vou ser abandonada para curar um coração partido. Minha maldita força de vontade não serve para nada, mas não consigo resistir a ele.

– Fizemos as pazes? – pergunto, pousando os lábios em seu peito e traçando o caminho até seu mamilo.

– Fizemos as pazes, *baby*.

Sorrio contra o peito dele.

– Fico feliz.

– Eu também. – Ouço apenas um fio de voz. – Muito feliz.

– Onde você esteve?

– Não importa, Ava.

– Importa para mim – argumento, bem baixinho.

– Você pediu espaço. Eu voltei. É só o que importa – ele aperta meu traseiro e me puxa para mais perto, o restante de sua ereção me acariciando deliciosamente.

Suspiro de novo e me afasto dele, levantando os olhos pesados.

– Preciso lavar a cabeça.

Ele tira os cachos molhados do meu rosto e me beija com doçura.

– Está com fome?

Estou, pensando bem. Sexo de ressaca me abriu o apetite.

– Muita – levanto para pegar o xampu. – Só isso? – olho para o frasco e depois para Jesse. – Não tem condicionador?

– Não, sinto muito – ele também levanta, pega o xampu das minhas mãos e aplica um pouco nos meus cabelos. – Eu quero fazer isso.

Eu abro mão da tarefa de lavar os cabelos, deixando que ele os ensaboe, suas mãos imensas massageando minha cabeça. Fecho os olhos, deixo a cabeça pender para trás e absorvo os movimentos ritmados de suas mãos, mas, antes do que eu gostaria, ele me coloca debaixo do jato d'água.

– Que porra é essa? – ele vocifera.

– O quê? – viro para entender do que ele está falando e vejo de relance seu olhar chocado. Ele me coloca de novo de costas.

– Isto aqui!

Olho por sobre meu ombro e me deparo com ele, boquiaberto, olhando para o meu traseiro e os hematomas da minha aventura na parte de trás de Margô.

– Caí no porta-malas da Margô.

– O quê? – ele dispara, impaciente.

– Eu estava segurando o bolo no porta-malas da Margô. – tento fazê-lo lembrar. – E fui meio que arremessada de um lado para outro.

– Meio quê? – ele ironiza, passando a mão pela minha bunda. – Ava, parece que você foi usada como bola de rúgbi.

Dou risada.

– Não está doendo.

– Chega de segurar bolos – ele declara. – Estou falando sério.

– Você está exagerando.

Ele resmunga palavras inaudíveis e ajoelha, beijando cada uma de minhas nádegas. Fecho os olhos e suspiro.

– E vou conversar com Kate sobre isso, também – ele acrescenta, e imagino que vá mesmo.

Levantando de novo, ele me vira para encará-lo, tirando a água do meu rosto. Abro os olhos e vejo que ele está me estudando, as feições neutras, mas os olhos contando uma história diferente. Ele está zangado por causa de alguns hematomas?

Jesse baixa a cabeça e beija minha clavícula, antes de lamber meu pescoço e chegar à minha orelha. Ele crava os dentes no lóbulo, puxando de leve. Sua respiração quente ali me deixa arrepiada. Caramba, eu poderia começar outra rodada!

– Mais tarde – ele sussurra, e solto um gemido, decepcionada. Não consigo me cansar dele. – Fora – ele ordena, me virando e colocando as mãos na minha cintura por trás para me guiar para fora do chuveiro.

Fico parada ali e o deixo passar a toalha pelo meu corpo e pelos meus cabelos para tirar o excesso de água. Está sendo tão atencioso e carinhoso. Eu gosto disso. Na verdade, gosto até demais.

– Pronto – ele prende a toalha em torno da cintura, sem se enxugar.

É impossível resistir à tentação de lamber as gotículas que descem por seus ombros, mas ele pega a minha mão e sou conduzida ao quarto antes de conseguir satisfazer minha vontade.

Procuro meu vestido pelo quarto e olho para Jesse quando não o encontro. Começo a babar ao vê-lo vestir uma calça jeans.

– Sem cueca? – pergunto.

Ele sobe o zíper com cuidado e lança um olhar sombrio.

– Não. Não quero nenhuma obstrução desnecessária – seu tom é sugestivo e muito confiante.

Faço uma careta.

– Obstrução?

Uma camiseta branquíssima passa por seus cabelos molhados e cobre seu abdômen musculoso. Estou de boca aberta.

– Sim, obstrução – ele confirma, com a voz rouca. Ele caminha até meu corpo nu e segura a minha nuca, para aproximar meu rosto do dele. – Se apronte – ele sussurra, me beijando com força.

– Onde está o meu vestido? – pergunto, com os lábios colados aos dele.

Ele me solta.

– Não sei – ele diz, fazendo pouco caso, e sai casualmente do quarto.

Como assim? Ele deve ter tirado a minha roupa, porque eu não estava em condições de fazê-lo. Entro no quarto para pegar minha lingerie. Pelo menos sei onde estão… não, não sei. Meu sutiã e minha calcinha sumiram.

Tudo bem, ele está jogando comigo. Vou para o seu closet e visto a camisa que, espero, seja a mais cara de todas. Desço para o primeiro andar e o encontro na cozinha. Ele está sentado à ilha, mergulhando o dedo em um pote de manteiga de amendoim. Torço o nariz, com nojo.

Seu sorriso me cativa quando ele olha para cima, seus lábios cobrindo um dedo coberto de manteiga de amendoim.

– Venha aqui – ele ordena.

Fico parada na entrada, nua exceto pela camisa branca, e faço uma careta.

– Não – recuso, vendo seu sorriso se reduzir a uma linha fina.

– Venha… aqui – ele pronuncia as palavras devagar.

– Me diga onde está o meu vestido – eu o desafio.

Ele estreita os olhos para mim e coloca o pote com calma sobre o balcão. As engrenagens de sua mente estão à toda velocidade novamente, os dedos tamborilando ferozmente na superfície, me olhando de cima a baixo.

– Você tem três segundos – ele declara, a voz séria, o rosto impassível.

Levanto as sobrancelhas.

– Três segundos para fazer o quê?

– Para trazer esse rabo aqui – é aquele tom ríspido. – Três…

Arregalo os olhos. Ele está falando sério?

– O que acontece se você chegar no zero?

– Quer descobrir? – ele continua impassível. – Dois…

Se quero descobrir? Merda, ele não me deu muito tempo para pensar.
– Um…
Merda! Vou voando até seus braços abertos, me chocando contra seu corpo duro. Impossível negar o olhar de satisfação que vi antes de enterrar a cabeça em seu pescoço. Não sei o que acontece se ele chegar ao zero, mas sei o quanto amo esses braços em volta de mim, então nem há o que pensar. Meu rosto acaricia seu peito, e passo os dedos por suas costas, ouvindo seu coração bater calmamente. Ele expira, me coloca nos braços e me senta sobre o balcão, abrindo espaço entre minhas pernas e pousando as mãos nas minhas coxas.
– Gostei da camisa – ele acaricia minhas coxas.
– É muito cara? – pergunto, fazendo bico.
– Muito – ele dá aquele sorriso atrevido. Entendeu meu jogo. – O que você lembra de ontem à noite?
O que lembro? Eu estava ridiculamente bêbada, sem nenhuma vergonha naquela pista de dança e admiti para mim mesma que estou apaixonada por ele. Ele não precisa saber da última revelação.
– Você dança bem – decido dizer.
– O que posso dizer? Sou fã de JT. – Ele dá de ombros. – Do que mais se lembra?
– Por quê? – pergunto, confusa.
Ele suspira.
– Se lembra de ter visto seu ex?
– Sim – confirmo, apesar de não gostar do fato.
– Se lembra do meu pedido?
– Sim – não há por que o desafiar. Não quero ver Matt.
– E em que momento começa a amnésia?
– Não me lembro de chegar em casa, se é isso que quer saber. Sei que bebi demais e que fui muito irresponsável.
– Não se lembra de nada depois que saímos do bar?
– Não – admito. Isso nunca me aconteceu antes.
– Que pena. – Seus olhos verdes buscam algo nos meus, mas não faço ideia do que possa ser. Ele se inclina e me beija com carinho, passando as mãos pelo meu rosto.
– Quantos anos você tem? – pergunto, olhando dentro dos seus olhos.
Ele mergulha os lábios nos meus de novo, fazendo-os se abrir, deixando a língua passear pela minha boca antes de morder meu lábio inferior e puxar de leve.
– Vinte e seis – ele sussurra, distribuindo beijos delicados por toda a minha boca.
– Você pulou os vinte e cinco – murmuro, fechando os olhos, em total contentamento.
– Não pulei, não. Você é que não se lembra de ter perguntado.
– Ah, depois do bar?
Ele passa o nariz no meu.
– Sim, depois do bar. – Ele se afasta e acaricia meu lábio com o polegar. – Está se sentindo melhor?
– Sim, mas você precisa me alimentar.
Ele ri e me beija de modo casto.

– Está fazendo exigências?

– Sim – digo, arrogante. – Traga minhas roupas.

Ele estreita os olhos para mim e ataca meu osso da bacia, apertando-o com força e me fazendo pular no balcão da cozinha.

– Quem é que manda, Ava?

– Do que está falando? – gargalho com as cócegas torturantes.

– Estou falando de como seria mais fácil se você aceitasse quem é que manda.

Não aguento mais.

– É você!

Ele para no mesmo instante.

– Boa menina. – Ele me agarra pelos cabelos e me puxa para a frente, me beijando com força. – Não se esqueça disso.

Eu me derreto com ele, absorvendo o tal poder com um longo suspiro, mas ele me solta rápido demais, me deixa sentada no balcão e volta alguns minutos depois com minha lingerie, meu vestido, meus sapatos e minha bolsa. Olho feio para ele enquanto pego meus pertences.

– Não olhe para mim assim. Você nunca mais vai usar esse vestido, posso garantir isso. Coloque a camisa por cima. – Ele olha com desaprovação para o vestido, antes de sair da cozinha para atender ao telefone.

Rio sozinha. Quem é que manda? Eu, é claro! Visto a roupa e reviro minha bolsa tentando encontrar minhas pílulas anticoncepcionais, mas depois de procurar minha nécessaire de maquiagem e tirar tudo de dentro, não as encontro.

– Está pronta?

Viro e vejo Jesse na entrada da cozinha, com a mão estendida na minha direção.

– Dois segundos. – Enfio minhas coisas na bolsa e saio com ele, pegando sua mão.

As sobrancelhas dele se levantam.

– Que bom que Cathy não está aqui. Ela teria um ataque cardíaco se visse esse vestido.

– Cathy?

– Minha governanta. – Ele olha com desgosto para o meu vestido e começa a fechar alguns botões da camisa. – Melhor assim – conclui, com um sorriso satisfeito.

Saímos do elevador, e sou levada pelo *foyer* do Lusso, onde está Clive, que nota nossa presença.

– Bom dia, sr. Ward – ele cumprimenta, alegre. – Você parece melhor hoje de manhã, Ava.

Jesse acena para Clive, mas não diminui as longas passadas. Fico totalmente vermelha, oferecendo um sorriso doce enquanto aperto o passo, tentando acompanhá-lo.

Ele me coloca no Aston Martin e me leva para casa naquela velocidade de arrepiar os cabelos, enquanto Ian Brown acalma meus ouvidos.

Capítulo 16

Na frente da casa de Kate, saio do carro e o encontro na calçada. Ele me encara com aqueles olhos verdes sensacionais. Não quero que ele vá embora. Quero que me leve para sua torre no céu e me esconda lá para sempre, em sua cama – junto com ele, claro. Sou uma escrava desse homem. Estou completa e inexoravelmente arrebatada.

Dou um passo à frente, encostando em seu peito e levantando a cabeça para me oferecer a ele, que, no entanto, fica ali, parado casualmente, com as mãos descansando nos bolsos da calça jeans, os olhos brilhantes me observam ficar na ponta dos pés para roçar os lábios nos seus. É o que basta para ele tirar as mãos dos bolsos e me puxar para si, atacando minha boca com a língua, reivindicando tudo o que quiser. Por mim tudo bem. Ele pode. Meus braços enlaçam seu pescoço, e permito que Jesse me consuma, mas logo se afasta respirando fundo, me deixando sem fôlego e querendo muito mais. Viro, com as pernas moles, para a entrada da casa de Kate, a mente à toda, e o coração batendo depressa.

Quando chego à porta, olho para trás para acompanhar seu carro e dou de cara com ele logo atrás de mim, me observando. Minha expressão se fecha.

– O que está fazendo? – pergunto.

– Estou entrando para esperar você.

– E aonde vou?

– Você vai para o trabalho comigo – ele responde, como se eu devesse saber disso.

Ele vai trabalhar? Claro, hotéis não fecham no fim de semana, mas o que vou fazer enquanto ele trabalha? E por que isso importa, se vou estar com ele?

– Você me deu um beijo de despedida.

Um sorriso brinca nos cantos de sua boca.

– Não, Ava. Eu só dei um beijo em você – ele afasta uma mecha de cabelo úmido do meu rosto. – Vá se arrumar.

– Tudo bem – eu me rendo fácil demais. Sem reclamações de minha parte.

Entro na sala com Jesse e encontro Kate e Sam esparramados no sofá, um emaranhado de braços e pernas seminus, comendo cereal matinal. Nenhum deles faz o menor esforço para se cobrir.

– E aí, cara?! – Sam exclama quando olha para cima e vê Jesse.

Os olhos de Jesse percorrem o corpo de Sam ali, exposto, com um olhar de desaprovação evidente no rosto.

– Como você está, Ava? – ele pergunta.

– Bem. – Olho para Kate como quem diz “vá para o meu quarto, AGORA!”. – Volto o

mais rápido possível. – Deixo Jesse na sala e vou para o quarto, caminhando nervosamente enquanto espero por Kate.

Ela entra finalmente, toda desmazelada.

– Alguém está com cara de que foi muito bem comida! – ela ri e lança um olhar malicioso, que respondo à altura.

– Não me olhe assim, Kate Matthews. O que está rolando entre você e Sam?

– Ele é adorável, não é? – ela dá uma piscadela. – Estou só me divertindo um pouco.

Tiro a camisa de Jesse e o vestido, jogando ambos no chão.

– Só se divertindo?

Kate revira os olhos e pega as peças do chão, colocando-as sobre a cama, antes de se jogar sobre o edredom, os cabelos ruivos espalhados em volta do rosto alvo.

– Sim, você não é a única que está sendo bem-servida – ela diz, séria. Meu queixo cai. – Está escrito no seu rosto, Ava.

– Eu vou para o trabalho com Jesse. – Pego o secador para tentar salvar a bagunça úmida que são meus cabelos.

– Divirta-se – ouço-a cantarolar, saindo do meu quarto. Jogo os cabelos para a frente e os seco sem cuidado, ignorando o fato de que estou correndo para voltar para Jesse.

Quando endireito a cabeça e me olho no espelho, dou de cara com a imagem refletida de Jesse deitado na minha cama e recostado na cabeceira. Seus braços estão casualmente entrelaçados atrás da cabeça. Ele praticamente preenche minha cama. Desligo o secador e viro para ser encarada pelos olhos verdes que me queimam por dentro. Quero pular naquela cama com ele.

– Oi, *baby* – ele me olha de cima a baixo.

– Oi pra você também – sorrio. – Está confortável?

Ele pula de leve, como para testar a cama.

– Não, ultimamente só fico confortável com uma coisa embaixo de mim. – Suas sobrancelhas se levantam de maneira sugestiva.

Aquele olhar e aquelas palavras fazem meus joelhos fraquejarem e ondas de desejo se espalharem por cada parte do meu corpo. Fico olhando ele levantar da cama e caminhar lentamente até mim, me virando de frente para o meu guarda-roupa. Estendendo o braço por cima do meu ombro, ele fuça entre minhas roupas até escolher meu vestido creme.

– Coloque este – ele sussurra no meu ouvido. – E não se esqueça de vestir renda debaixo dele.

Fecho os olhos, tiro o cabide de sua mão e solto um gemido quando ele passa casualmente a mão sobre meus seios, o quadril tocando minha lombar em um movimento insinuante.

Ah, meu bom Deus, PARE COM ISSO!

– Seja rápida – ele dá um tapinha no meu traseiro e sai do quarto, me deixando-me trêmula, segurando o vestido como uma tábua de salvação.

Quando visto a roupa que Jesse escolheu, pego todas as bolsas que tenho e procuro

minhas pílulas, mas não encontro em lugar algum. Kate está na cozinha fazendo chá, ainda só de camiseta.

– Você viu minhas pílulas? – reviro a gaveta de bagunça na cozinha, que tem desde pilhas a carregadores de celular, passando por batons e esmaltes de unha.

– Não.

Fecho a gaveta com força, o rosto contorcido.

– Sempre deixo na minha nécessaire de maquiagem.

– Algum problema?

Olho para a frente e vejo Jesse na entrada.

– Não encontro minhas pílulas.

– Procure mais tarde. Vamos – ele estende a mão. – Gostei do vestido – ele diz suavemente, me olhando de cima a baixo enquanto caminho até ele.

Claro que gosta, foi ele que escolheu.

Ele enfia a mão por baixo do meu vestido e passa o dedo indicador na minha coxa, observando meus lábios se fecharem, apertados, e minhas mãos irem parar em seu peito. Dá um sorriso safado, e seu dedo se enrosca na costura da minha calcinha, massageando meu sexo delicadamente. Dou um suspiro.

– Molhada – ele sussurra, fazendo círculos com o dedo. Eu poderia chorar de prazer. – Mais tarde – ele tira o dedo e o lambe até que esteja limpo.

– Você precisa parar de fazer isso.

– Nunca – ele sorri e me leva da cozinha.

Saímos da cidade em direção a Surrey Hills. Olho para ele vez por outra e o flagro olhando para mim em vez de prestar atenção na estrada. Toda vez que nossos olhares se cruzam, ele sorri e aperta meu joelho, onde sua mão fica por toda a viagem.

– Há quanto tempo você tem O Solar? – pergunto.

Ele me olha com uma expressão curiosa e baixa o volume da música.

– Desde que tinha vinte e um anos.

– Tão jovem? – deixo escapar, meu tom claramente revelando meu choque diante da resposta.

Ele abre um sorriso brilhante.

– Eu o herdei do meu tio Carmichael.

– Ele morreu?

O sorriso desaparece.

– Sim.

– Sinto muito.

– Eu também. – Ele se perde nos próprios pensamentos.

É minha vez de pousar a mão em seu joelho, apertando-o para confortá-lo. Ele sorri para mim, e sorrio de volta.

– Quantos anos você tem, Jesse?

– Vinte e sete – ele diz, completamente impassível.

Eu suspiro.

– Por que você não me diz quantos anos tem?
– Porque você pode achar que sou velho demais para você e sair correndo.
– Você acha que é velho demais para mim? – Pelo que ele já fez comigo, imagino que a resposta seja não, mas, se isso é mesmo um problema, vale a pena perguntar.
– Não, não acho. – Ele mantém os olhos na estrada. – Meu problema é o seu problema.
Meu rosto está franzido.
– Não tenho problema.
Ele vira aquele lindo rosto para mim, olhos sombrios e gloriosos.
– Então pare de perguntar.
Demonstro minha irritação, mas decido mudar de assunto.
– E os seus pais?
A linha fina em que os lábios dele se transformam me causa um arrependimento imediato.
– Não os vejo.
Viro para a estrada e não falo mais nada pelo resto da viagem. O tom de desprezo me deixa mais curiosa, mas também me faz calar a boca.
Quando paramos em frente ao Solar, Jesse aperta um botão no painel que faz os portões se abrirem. Vejo John, o Grandão, saindo de sua Range Rover, com o habitual terno preto e os óculos escuros. Ele me cumprimenta com um aceno de cabeça quando saio do carro, e vou para o lado de Jesse.
– Como vão as coisas, John? – Jesse pergunta, pegando a minha mão e me conduzindo à entrada do Solar. Estremeço, pensando na última vez em que estive aqui. Nunca pensei que voltaria, mas aqui estou eu. Olho para Jesse assim que ele e John se cumprimentam com um aperto de mãos. Ele se transforma em um homem de negócios.
– Tudo bem – John responde com aquela voz grave, abrindo passagem para mim e Jesse, antes de nos acompanhar até o restaurante. Para dez horas de uma manhã de domingo em um hotel, está surpreendentemente quieto.
Jesse pede o café da manhã, sorrindo para mim quando confirma que servem o meu favorito – ovos Benedict com salmão – e dá instruções para que seja servido em seu escritório com um cappuccino feito como eu gosto – sem chocolate nem açúcar. Então pega minha mão de novo, me leva pelo Solar e, assim que a porta do escritório se fecha, sou prensada contra ela, e meu vestido, puxado para cima, até parar em torno da minha cintura.
Ele enterra o rosto no meu pescoço, e agarro a barra de sua camiseta. Sou pega de surpresa por sua ferocidade. Seja ele lento, calculado, ou rápido e bruto – o resultado é sempre o mesmo. Estou com a respiração entrecortada e pronta para implorar.
A pressão de seu corpo me empurrando contra a porta aumenta, e sua boca se choca contra a minha. Ele morde meu lábio.
– Você está molhada?
– Sim – ofego, tentando puxar sua camiseta. Só preciso olhar para ele para ficar excitada.
Suas mãos saem dos meus seios, correm para baixo, e ouço o som do zíper sendo

aberto, o comentário "nenhuma obstrução" agora perfeitamente claro. Minha calcinha é puxada para o lado.

Nem sequer tenho tempo de me preparar para a viagem de montanha-russa que se aproxima. Ele enrosca uma das minhas pernas em sua cintura, se posiciona e me penetra, me fazendo subir contra a porta, fazendo barulho. Dou um grito.

– Quieta – ele rosna.

Não me dá tempo para me acostumar. Ele me penetra repetidamente, com força, mais e mais vezes, me levando para o céu de tanto prazer. Aperto os lábios para não gritar, minha cabeça pendendo em seu ombro, em desespero delirante.

– Está me sentindo, Ava?

Deus todo-poderoso, dê-me forças, porque acho que vou desmaiar. Ele me manipula como um louco, estocando com urgência e resfolegando.

– Responda!

– Sim! Estou sentindo você!

Ele continua sem dó, me levando a um desespero enlouquecedor. Estou a um segundo de explodir, a perna que me sustentava no chão agora paira no ar, enquanto sou erguida contra a porta.

– Está gostoso?

– Ah, meu Deus, sim! – grito, e todo o ar deixa meus pulmões. Logo depois, sou tomada por sua boca faminta.

– Eu disse "quieta"! – ele morde meu lábio, quase a ponto de machucar.

O fogo que me invade estala, crepita e irrompe, me levando a um delírio febril quando chego ao clímax com um grito agudo, sua boca capturando meus sons e minha mente em branco. Estou tremendo sem parar agarrada ao seu corpo, mas ele continua, urrando em sua própria explosão, seu membro pulsando quando jorra dentro de mim.

Meu Deus. Estou completamente zonza e em total perplexidade com o que esse homem é capaz de fazer comigo.

– Posso trazer você para o trabalho todos os dias. – Ele respira no meu pescoço e lentamente se retira de dentro de mim, me deixando deslizar pela porta. – Você está bem?

– Não me solte – murmuro contra seu ombro. Não consigo me equilibrar.

Ele ri e me abraça pela cintura para me dar apoio. Sopro para o alto os cabelos que estão no meu rosto e percebo seus olhos impressionantes no meu campo de visão. Abro um sorriso.

– Oi.

– Ela voltou – ele me beija, me pega no colo, me leva até o sofá e me deita, antes de se arrumar, fechando o zíper da calça.

Abaixo o vestido e depois desabo no sofá, com um sorriso nos lábios. O contraste de sua personalidade entre o selvagem e autoritário para carinhoso e atencioso é de fritar o cérebro. Mas amo os dois lados.

Ele se senta ao meu lado, me fazendo sentar no seu colo.

– Pensei que você podia ir até a nova ala e começar a esboçar algumas ideias.

– Você ainda me quer para o trabalho?

– É claro que sim.

– Achei que só me quisesse por causa do meu corpo – brinco e ganho um peteleco no mamilo.

– Quero você por muito mais que o corpo, Ava.

Ao som de uma batida na porta, saio do colo dele, imediatamente sentindo falta do seu corpo firme sob o meu.

– Entre – ele autoriza.

O rapaz do restaurante entra com uma bandeja e a coloca na mesa de centro.

– Obrigado, Pete.

– Senhor – ele acena para Jesse e me oferece um sorriso amistoso antes de sair.

– Coma seus ovos, querida – Jesse dá a ordem, e não perco tempo e parto para o ataque, oferecendo uma porção com o garfo quando ele pede.

Assim que limpo o prato, ele sorri e me puxa, me levando para o seu lado no sofá e me mantendo cativa sob o peso de seu corpo.

– Quero devorar você, mas preciso trabalhar. – Ele me beija pela última vez, antes de gemer, frustrado, e levantar para pegar um bloco e um lápis da gaveta.

– Vou para a nova ala. – Levanto do sofá, rindo e afastando suas mãos bobas de mim com tapinhas. Pego os lápis e tento passar por ele.

– Me beije.

– Acabei de beijar.

– Não me faça pedir de novo, Ava.

Sorrio e cumpro a ordem antes de ser liberada para deixar o escritório.

Quando abro a porta, John está me esperando para me acompanhar ao andar de cima.

– Sei aonde estou indo, John – explico. Ele não precisa me levar até lá.

– Está tudo bem, garota. – Ele continua dando passos largos ao meu lado.

Chegando à janela de vidro jateado no pé da escada para o terceiro andar, olho para cima da escadaria larga. No topo, um grupo de portas com símbolos circulares entalhados na madeira. Estão fechadas e são bastante intimidantes, mas me distraio da opulenta vastidão de madeira quando ouço outra porta se abrir. Olho na direção do som e vejo um homem saindo da suíte, fechando o zíper da calça. Ele olha para a frente e me vê olhando, com o rosto em chamas. Viro para John em seguida, que está balançando a cabeça de maneira ameaçadora para o sujeito. Uma onda de preocupação passa pelo rosto do hóspede, e me apresso em sair de lá, seguindo o caminho que leva à extensão, para tentar escapar da situação embaraçosa.

Entro no quarto mais distante e, com a falta de mobília, deslizo pela parede até me sentar no chão.

John enfia a cabeça para dentro da porta.

– Ligue para Jesse se precisar de alguma coisa – ele balbucia.

– Eu posso ir até ele.

– Não, ligue para Jesse – ele insiste, fechando a porta e me deixando de testa franzida, olhando para o nada. Então, se eu precisar ir ao banheiro, tenho que ligar para Jesse?

Algumas horas depois, meu traseiro está dormente, e tenho o esboço de um quarto incrível. Corro o lápis pelo papel, sombreando e fazendo retoques aqui e ali. Ele disse que a cama era o essencial, e uma cama de dossel posicionada bem no centro do quarto esbanja luxo e sensualidade. Estudo a imagem, corando com meu próprio trabalho. Jesus, é quase erótico. De onde isso veio?

Minha linha de raciocínio é interrompida quando a porta se abre, e sou presenteada com o rosto carrancudo de Sarah. Solto um gemido por dentro. Essa mulher está em todo lugar – todo lugar onde Jesse está.

– Ava, que surpresa agradável. – Ela fecha a porta com calma, antes de caminhar até o meio do quarto. Meus pensamentos indelicados me fazem desejar que ela tropeçasse e caísse com aqueles saltos ridículos. Não gosto nem um pouco dessa mulher. Ela traz minha vadia interior à tona mais que qualquer um que eu já tenha conhecido. Surpresa agradável? Claro.

– Sarah. Que bom ver você – pego uma mecha de cabelos e começo a brincar com ela entre os dedos, pensando que seus lábios vermelhos estão superinflados hoje. Ela definitivamente fez algum procedimento ali.

Estar sentada enquanto ela continua de pé me faz sentir em uma posição inferior. Eu me levantaria, se minha bunda não estivesse dormente, e eu tivesse certeza de que não vou parar no chão novamente.

– Trabalhando num domingo – ela pondera, enquanto olha em volta, para o quarto vazio. – Todos os clientes recebem o mesmo tratamento especial que você dedica a Jesse?

– Não – sorrio. – Apenas o Jesse.

Ela cruza os braços sob os seios fartos, que também devem ser artificiais.

– Então, o que meu Jesse tem para fazer você abrir mão do tempo livre para trabalhar?

Meu Jesse?

– Não sei no que isso diz respeito a você. – Os pelos da minha nuca se arrepiam.

– Talvez seja o dinheiro dele?

– Não estou interessada na riqueza de Jesse – retalio, seca.

– Claro que não. – Ela vai até a janela antes de virar e me encarar, o rosto tão frio quanto a voz. – Considere-se avisada, Ava. Jesse não é o tipo de homem com quem se constrói sonhos.

Olho dentro dos olhos dela e tento imitar sua voz e sua expressão frias. Não é difícil – é um sentimento que vem naturalmente quando me dirijo a essa mulher horrível.

– Obrigada pelo aviso, mas acho que sou adulta o bastante para decidir com quem construo meus sonhos.

Ela faz uma expressão de desprezo. É de pena, e me deixa péssima.

– Garotinha, saia de seu conto de fadas e abra os ol…

A porta se abre, e Jesse entra, me vendo prostrada no chão, antes de voltar os olhos para Sarah.

– Tudo bem? – ele pergunta.

Eu me encolho por dentro. Por que diabos ele está perguntando para ela? É para mim

que deveria estar dizendo isso. Fico ainda mais embasbacada quando ela estampa um sorriso ridículo e falso no rosto e vai até ele – com as costas arqueadas e os seios em evidência.

– Sim, querido. Ava e eu estávamos apenas discutindo os novos quartos. Ela tem ideias fabulosas – ela acaricia o ombro dele.

Eu quero arrancar aquelas unhas postiças dos seus dedos. Que vagabunda mentirosa! Ele não vai cair nessa, vai? O sorriso satisfeito que ele abre, antes de dirigi-lo a mim, me diz que acreditou. Cego idiota!

– Ela é boa – diz, orgulhoso. Ele está me fazendo sentir como uma criança.

– Sim, muito talentosa – Sarah ronrona, sorrindo para mim com escárnio. – Vou deixá-los a sós. – Ela fica na ponta dos pés e o beija no rosto. Estou ardendo de raiva. – Ava, foi ótimo revê-la.

Eu reúno forças para ter a decência de sorrir para a fera.

– Você também, Sarah.

Ela deixa o quarto, e Jesse e eu ficamos sozinhos. Que papel essa mulher tem na vida dele? Ela está aqui toda vez que venho e também estava no lançamento do Lusso. Ela me quer longe e só pode haver uma razão para isso... Ela quer Jesse. O pensamento dele com qualquer outra pessoa faz meu coração se contrair de dor – me faz querer bater em alguém. Nunca fui do tipo ciumenta, grudenta nem carente. Mas posso sentir todas essas novas sensações vindo à tona, poluindo todo o meu ser. Não gosto dessa sensação. Estou encrencada – encrenca séria. Ela disse que Jesse não é o tipo de homem com quem se constrói sonhos. Acho que já sei disso.

– Vamos dar uma olhada. – Ele se senta ao meu lado e pega o bloco. – Uau! Eu adorei essa cama!

– Eu também – admito, solenemente. O entusiasmo pela minha ideia foi arrancado de mim.

– O que é tudo isso? – ele aponta para o dossel.

– É uma treliça. As vigas de madeira se sobrepõem para formar um efeito de grade.

– Então é possível pendurar coisas neles? – ele me olha, inquisitivo.

– Sim, como algum tecido ou luz, talvez. – Dou de ombros.

Sua boca forma um círculo quando ele compreende meu conceito.

– Que cores tem em mente?

– Preto e dourado.

– Adorei! – ele passa a mão sobre o desenho. – Quando podemos começar?

Hã?

– É só um esboço. Ainda tenho que fazer a paleta de cores, a planta baixa, desenhos em proporção, planos de luz, esse tipo de coisa. – Não sei se vou fazer qualquer uma dessas coisas. Entrei em um estado de depressão profunda depois do aviso de Sarah. Tenho que repensar seriamente o que estou fazendo aqui. – Pode me levar para casa?

Ele levanta a cabeça, os olhos verdes cheios de preocupação.

– Você está bem?

Levanto meu traseiro dormente do chão, usando toda a força que tenho para estampar no rosto um sorriso tão falso quanto o de Sarah.

– Estou bem. Só tenho que fazer umas coisas para o trabalho amanhã – ajeito o vestido, baixando a barra.

– Tudo bem. – Ele se levanta com facilidade e me entrega o bloco. – Tem certeza de que está bem? – insiste.

Mantenho o sorriso falso.

– Estou, sim. Por que não estaria? – me esforço para manter a mão solta ao lado do corpo quando ela tenta subir para pegar uma mecha de cabelo.

Ele me olha com suspeita.

– Vamos lá, então. – Jesse pega minha bolsa e minha mão, me levando fora da extensão e de volta à casa principal.

Ao chegarmos ao hall de entrada, Jesse olha em volta, nervoso.

– Espere aqui, preciso pegar meu telefone e minhas chaves. Na verdade, vá na frente e me espere no carro. Está aberto. – Faço uma careta quando indica a porta, antes de voltar correndo para o escritório.

Desço sozinha os degraus de entrada do Solar, passando pelas pedras e indo até o carro, mas, antes de entrar, ouço a risada de uma fera falsa que fala demais. Fico tensa da cabeça aos pés e viro sobre as pedras, só para vê-la com Jesse no topo das escadas.

– Está bem, querido. Vejo você mais tarde. – Ela o beija no rosto. Eu me contorço. – Espero ver você de novo, Ava – ela diz, em voz alta.

Seu olhar gélido entra em mim enquanto Jesse se aproxima e me entrega minha bolsa, antes de pegar minha mão de novo. Ele me coloca no carro e, assim que o motor dá a partida, meus ouvidos são invadidos por “Creep”, do Radiohead. Sorrio comigo mesma. Sim, o que é que estou fazendo aqui?

Capítulo 17

Deixo Jesse com um beijo comportado e um olhar de incerteza naquele rosto encantador.

– Eu ligo.

Fecho a porta do carro e corro na direção da entrada da casa de Kate, sem olhar para trás, fechando a porta rapidamente e deslizando contra ela até o chão.

– Oi! – Kate aparece no topo das escadas, envolta apenas em uma toalha. – Você está bem?

Não consigo mais fingir.

– Não.

Ela me olha com um misto de confusão e compaixão.

– Chá?

Aceito, me afastando da porta. Eu sabia que isso ia acontecer. Não imaginei que seria tão cedo, mas o coração partido seria inevitável. Eu me arrasto escada acima e desabo em uma das cadeiras descombinadas da cozinha, enquanto Kate prepara o chá.

– Sam foi embora?

Ela coloca três colheres de açúcar na caneca e, mesmo estando de costas para mim, posso ver que está sorrindo.

– Sim – ela diz, muito casual.

– A noite foi boa?

Ela se vira, estreitando os olhos azuis para mim, antes de sorrir mais.

– Aquele homem é um animal!

Eu bufo, fazendo pouco caso da descrição de Sam. Há um certo alguém para quem eu poderia utilizar essa mesma frase.

– Bom, é?

Ela serve água fervente em duas canecas e adiciona leite.

– Ele é legal – ela dá de ombros. – É o suficiente para mim. Por que você saiu hoje de manhã parecendo que teve uma noite parecida com a minha e voltou poucas horas depois parecendo ter apanhado? – ela se senta, passando a caneca de chá para mim.

Dou um suspiro.

– Não vou mais vê-lo.

– Por quê? – ela choraminga.

– Porque, Kate, sem a menor sombra de dúvida, vou me machucar, feio. Ele é um perigo.

– Como você sabe disso?

– Ele é um empresário maduro, para lá de rico e confiante. Sou só um brinquedo para ele. Ele vai se entediar, me largar e passar para a próxima – solto um suspiro desalentado. – Acredite, não vai haver escassez de mulheres se jogando aos pés dele. Já vi a reação que ele causa, já experimentei. Ele é incrivelmente feroz na cama, e muito bom também, e isso me diz que não dispensa conquistas sexuais. – Respiro fundo, e Kate me olha, boquiaberta. – Ele é um ímã de mulheres, provavelmente um conquistador. Já estou tendo problemas com Sarah, a mulher que imaginei ser a namorada dele. – Solto o corpo na cadeira, pegando a xícara de chá.

– Você está abandonando o barco por causa de algumas palavras duras de uma mulher despeitada? Mande-a se foder!

– Não, não é só isso, embora eu não precise de garras cravadas nas minhas costas.

Kate revira os olhos.

– Minha amiga, você é cega!

– Não sou. Sou racional – eu me defendo. – E por que você gosta tanto dele?

– Eu não sei. – Ela dá de ombros. – Ele tem alguma coisa, não tem?

– Sim, e é perigoso.

– Não, é o jeito como olha para você, como se você fosse o centro do universo ou algo assim.

– Não seja idiota! Sou o centro de sua vida sexual – eu a corrijo, de repente considerando o fato de que posso ser, muito possivelmente, apenas uma das muitas mulheres com quem está passando algumas boas horas. O pensamento é doloroso e mais uma razão para pular fora enquanto ainda estou parcialmente intacta. A quem estou querendo enganar? Já estou em frangalhos, mas só vai piorar quanto mais eu deixar rolar.

– Ava, você é a rainha quando o assunto é se enganar – ela me dá uma leve bronca.

– Não estou me enganando.

– Sim, está. – Kate diz, de maneira firme. – Você já está apaixonada por ele. É fácil ver por quê.

Está assim tão óbvio? Eu deveria negar, mas não vou insultar a inteligência de Kate.

– Vou deitar. – Empurro a cadeira com as pernas, e ela raspa no chão de madeira, o som estridente me dando arrepios. A ressaca volta com bônus.

– Tudo bem – Kate suspira.

Eu a deixo na cozinha e vou para o santuário que é meu quarto, me jogando na cama e colocando um travesseiro sobre a cabeça. Detesto admitir, mas aquela vagabunda tem razão. Não posso construir meus sonhos com Jesse Ward, e esse pensamento é como uma faca no meu coração partido.

Entro no escritório para começar a semana do zero, mas me sinto péssima.

– Bom dia, flor – Patrick me cumprimenta de sua sala.

– Oi – tento parecer feliz, mas falho miseravelmente, atirando a bolsa sobre a mesa e me sentando para ligar o computador.

Em cinco segundos, minha mesa grita em protesto, quando Patrick assume seu lugar

de costume.

– Em que pé estamos com Van Der Haus?

Procuro embaixo da minha mesa a caixa de amostras de material que larguei ali na sexta-feira.

– Isto aqui chegou na sexta-feira – respondo, pondo algumas sobre a mesa. – Ele me mandou as especificações por e-mail e enviou os desenhos.

Patrick revira na pilha de amostras – todas em tons neutros de bege e creme, alguns estampados, outros, não.

– Um tanto sem graça, não é? – ele resmunga, em desaprovação.

– Eu não acho. – Separo uma, adorável, com listras grossas. – Veja.

Ele torce o nariz.

– Não faz meu estilo.

– Mas não tem que fazer – eu o faço lembrar. Ele não vai comprar um apartamento chique no The Life Building. – O sr. Van Der Haus volta da Dinamarca hoje. Ele disse que ligaria para marcar uma visita ao local. Vou mergulhar no trabalho, se não se incomoda.

Patrick levanta, e, como sempre, me encolho ao ouvir minha mesa ranger.

– Sim, vá em frente – ele me olha com suspeita. – Pode me mandar cuidar da minha vida se quiser, mas você não parece bem. Aconteceu alguma coisa?

– Não, estou bem, de verdade.

– Tem certeza?

– Sim, Patrick – tento mas não consigo soar confiante. Meu telefone começa a pular na mesa, e “Black and Gold”, de Sam Sparro, ecoa por todo o escritório. Com a expressão fechada, pego o telefone e vejo o nome de Jesse na tela. Ele andou mexendo no meu celular de novo. Meu coração bate mais forte, mas não do jeito bom. Não posso falar com ele. Ouvir sua voz vai me fazer dar muitos passos para trás.

– Vou deixar você atender, flor. Mantenha essa linda cabecinha erguida. E isso é uma ordem!

Patrick vai embora, e silencio o telefone, mas mal ele para e já começa de novo. Aperto o botão para silenciá-lo, coloco o celular na mesa e mergulho no trabalho, encontrando um e-mail de Mikael. É breve, mas contém informação suficiente para que eu comece a reunir meus esboços.

Quinze minutos depois, meu telefone começa a tocar, assim como o alerta de mensagem de texto, mas, em vez de apagá-la – o que seria a opção lógica –, eu a abro.

ATENDA O TELEFONE!

Sam Sparro começa a tocar de novo, e ignoro a ligação… de novo. Não vou conseguir trabalhar desse jeito. Então chega outra mensagem de texto.

Ava, fale comigo. O que foi que eu fiz?

Coloco o celular no modo “silencioso” e tento esquecer. O que ele fez? Na verdade, nada, mas tenho certeza de que vai fazer, assim que tiver a oportunidade. Ou não? Não sei. Mas o instinto me diz para fugir.

– Sal, se alguém ligar para o escritório, estou no celular, está bem? – Sei que vai ser o próximo passo.

– Está bem, Ava.

Entro de cabeça no trabalho, com as plantas e esboços para Mikael. Ainda não vi os apartamentos, mas tenho uma boa ideia de onde quero chegar e, para minha própria surpresa, estou bastante animada.

Vou à lanchonete na hora do almoço para comprar um sanduíche e o trago para comer no escritório. Sally me informa que um homem ligou enquanto estive fora, mas não deixou mensagem. É claro que sei quem é.

Ignoro persistentemente meu telefone, exceto quando Mikael liga para marcar uma reunião para amanhã. Ele ficou preso na Dinamarca até o fim da semana, então devo encontrar sua assistente no The Life Building às nove da manhã. Quando dá seis horas, estou satisfeita com meu dia produtivo e feliz por ter me concentrado. O dia voou.

Chego pontualmente ao The Life Building na manhã seguinte, mas um tanto esbaforida por ter acordado tarde. Minha pressa foi perda de tempo. A assistente de Mikael está atrasada, então me sento e aproveito a oportunidade de ligar para minha mãe e ver se está tudo bem em Newquay. Está, e Dan chega na segunda-feira, o que me deixa mais animada. Quando desligo, olho para o celular e finalmente reúno forças para ver a enorme quantidade de ligações perdidas e ouvir as mensagens – todas de Jesse, com exceção de uma de Kate da noite passada, avisando que ia passar a noite na casa de Sam. Na minha pressa esta manhã, nem percebi que ela não estava em casa. Respondo rápido, explicando que caí na cama. Ainda posso ouvi-lo batendo persistentemente na porta ontem à noite, enquanto eu me escondia debaixo das cobertas, como uma criança medrosa.

– Você deve ser a srta. O’Shea. – Olho para cima e vejo uma loira do tipo mignon estendendo a mão para mim. – Sou Ingrid. Mikael disse que eu estaria aqui, certo? – Seu sotaque dinamarquês é muito forte.

– Ingrid, me chame de Ava, por favor. – Eu levanto e a cumprimento. Ela parece tão frágil.

Ela sorri e assente.

– Ava, claro.

– Mikael ligou ontem para dizer que ficou preso na Dinamarca.

– Sim, ficou. Vou mostrar o local. A obra ainda não está terminada, então você terá que usar isto – ela me passa um capacete de proteção e um colete. Visto o equipamento de proteção enquanto ela aperta o botão que chama o elevador. – Vamos começar pela cobertura. O layout é muito parecido com o do Lusso. – O elevador chega, e nós entramos. – Você conhece o Lusso, claro – ela sorri.

– Sim, conheço o Lusso – eu retribuo o sorriso amistoso. *Conheço melhor do que você*

imagina! Fecho a porta dos meus pensamentos sem rumo imediatamente e começo a procurar minha pasta na bolsa.

– Aqui estamos. – O elevador abre direto na cobertura. – Por favor, Ava.

– Obrigada. – Entro em um vasto espaço, notando no ato que o tamanho da cobertura é quase o mesmo da cobertura do Lusso.

– Pode ver que usamos carvalho aqui. Todas as janelas e portas são sob medida e utilizam madeira sustentável. Tenho certeza de que Mikael comentou essa especificação no e-mail que mandou para você. – Olho para ela, que deve ter percebido minha expressão vaga, já que começa a rir, balançando a cabeça. – Ele não mencionou isso no e-mail?

– Não – respondo, rezando para ter lido a mensagem toda, direito.

– Você precisa desculpá-lo. Ele está meio distraído por conta do divórcio.

Divórcio? Foi isso que o manteve na Dinamarca? Considero um tanto impróprio ela me contar um fato tão privado na vida de Mikael.

– Pode me considerar avisada – sorrio.

Nas horas seguintes, Ingrid me guia por todo o edifício. Fotografo o espaço, fazendo anotações. Mikael e seu sócio certamente sabem criar um modo de vida luxuoso e moderno. A vista do Holland Park e da cidade são incríveis.

No final, retornamos ao *foyer* principal.

– Obrigada pelo tour, Ingrid – digo, enquanto tiro o equipamento de proteção.

– Não há de que, Ava. Acha que tem tudo de que precisa?

– Sim. Vou esperar notícias de Mikael.

– Ele disse que vai ligar para você na segunda-feira – ela diz, se despedindo de mim com um aperto de mão.

Volto para o escritório, ligando para o meu médico no caminho. Preciso substituir minhas pílulas. Consigo uma consulta para as quatro horas de hoje, o que é um alívio. Não que eu planeje fazer muito sexo no futuro próximo. Fiz o bastante recentemente para ficar bem por algum tempo.

– Boa tarde – entoo para Tom e Victoria, assim que entro no escritório.

Tom fecha a cara e olha para o relógio.

– Opa! Estou atrasado para a sra. Baines. Ela vai ter um ataque! Volto quando tiver acalmado a velha louca – ele cantarola, pegando a bolsa e saindo dançando do escritório.

– Você está bem, Victoria? – pergunto enquanto sento na minha mesa. Ela está sonhando acordada. – Olá! – chamo sua atenção.

– Oi? Ah, desculpe. Eu estava longe. O que foi que disse?

– Você está bem?

Ela dá um sorriso enorme, jogando os cabelos para trás dos ombros.

– Não poderia estar melhor.

– E por que isso? – pergunto, com a sobrancelha levantada.

Ela ri como uma garotinha.

– Tenho um encontro com Drew na sexta à noite.

Eu sabia, embora ainda não consiga imaginar Victoria, toda avoada, com Drew, tão sério.

– Um lugar legal?

Ela dá de ombros.

– Ele não disse. Só perguntou se podia sair comigo. – O celular dela toca, e ela pede licença, ao mesmo tempo que o meu apita com uma mensagem de texto. É Kate.

> Acabei de ligar nossos telefones. Estava… ocupada. Tem visto Jesse?

Ocupada? Sam e Kate estarem "ocupados" é provavelmente uma dádiva.

> Não.

Não preciso dizer mais nada, e espero que Kate não sinta a necessidade de me escrever de novo para dizer o que já sei. Quem me dera.

> Está bem. Eu entendo. Só pra você saber, entre mim e Sam… 30 ligações não atendidas. E Sam falou com ele. Não está feliz, mas pelo menos agora sabe que você está viva :)

O que ele acha que poderia ter acontecido comigo? Volto a atenção para o computador, silenciando o telefone de novo quando começa a tocar "Black and Gold", mas, depois de tocar três vezes seguidas, coloco no modo silencioso de uma vez. O homem é um chato insistente.

– Estou de saída – Victoria avisa, levantando da mesa.

Eu me despeço, começo a limpar meus e-mails e depois faço algumas cópias dos desenhos para mandar para os prestadores de serviço.

Quando são três horas, vou preparar o café.

– Ava? – ouço Sally chamar. Coloco a cabeça para fora da cozinha, vendo-a agitar o telefone do escritório no ar. – Um homem para você, mas não quer dizer quem é.

Meu coração salta para a boca. Sei muito bem quem é.

– Ele está na espera?

– Sim. Passo a ligação para você?

– Não! – grito, e a pobre Sally leva um susto. – Desculpe. Diga a ele que estou fora do escritório.

– Está bem – ela me olha confusa, com os olhos arregalados, e aperta um botão que vai conectá-la com Jesse. – Sinto muito, senhor. Ava está fora do escrit… – ela dá um pulo de um metro no ar, derrubando o telefone ruidosamente na mesa. E se atrapalha para pegá-lo. – Eu… eu… eu… sinto… sinto muito, senhor. – A pobre Sal gagueja, uma boa indicação de que Jesse está gritando com ela. A culpa me invade por fazê-la passar

por isso. – Senhor, por favor… Eu… garanto… ela… ela não está aqui.

Eu a observo enlouquecer, me encarando com olhos arregalados e perplexa, enquanto é verbalmente assediada pelo sr. Neurótico. Meu sorriso é um pedido de desculpas. Vou comprar flores para ela.

Ela coloca o telefone no gancho e me olha, chocada.

– Quem era ele? – está a ponto de chorar.

– Sally, sinto muito. – Pego as xícaras de café na cozinha, a única oferta de paz que tenho à mão no momento, e levo uma para Sally.

Ela solta a respiração, longa e exasperadamente.

– Alguém está precisando dormir de conchinha! – ela começa a rir.

Estou boquiaberta. Eu esperava lágrimas e um colapso nervoso, mas, em vez disso, a entediante Sally acaba de fazer uma piada. Eu a vejo rindo e começo a rir também – um daqueles ataques de riso que nos faz dobrar ao meio, chorar e ter câimbras no estômago. Sally se junta à minha histeria, e ambas gargalhamos até não aguentar mais.

– O que está acontecendo? – ouvimos a voz de Patrick vinda da sua sala.

Faço um sinal para ele, que revira os olhos e volta a olhar para o computador, balançando a cabeça. Eu não poderia contar para ele, ainda que estivesse em condições de falar. Deixo Sally lacrimejando e vou para o banheiro me arrumar. Isso foi tão bom. Vi Sally sob uma nova luz. Gosto da versão sarcástica.

Quando me recomponho e tiro o rímel escorrido, aviso a Patrick que estou saindo para ir a uma consulta médica.

– Desculpe, Sally, mas nem posso olhar para você – digo ao passar por ela, a caminho da saída, ouvindo-a rir outra vez. Eu me recomponho e vou para o metrô.

Capítulo 18

Depois de receber um sermão sobre descuido do dr. Monroe, o médico da família, pego a nova receita e vou à farmácia comprar minhas pílulas. Chego em casa pouco antes das seis e me surpreendo por não encontrar Kate lá.

Tomo um banho, troco de roupa e pego o telefone na bolsa, revirando os olhos quando vejo vinte ligações não atendidas. Apago mais cinco mensagens de texto sem ler, sabendo que isso seria um erro e vou para a cozinha. Meu telefone começa a tocar de novo.

Abro a porta da geladeira, pego um pouco de vinho e decido que um pouco de bravura e resiliência é necessário. Isso está ficando ridículo. Atendo.

– Alô.

– Ava? – ele parece estressado em sem fôlego.

– Jesse – respiro fundo, para adquirir confiança. – Não posso mais ver você.

– Não! Ava, escute…

Minha bravura não dura muito tempo. Desligo, respirando fundo algumas vezes, enquanto sirvo vinho em uma taça, mas esbarro a garrafa na borda quando ouço batidas fortes na porta da frente.

– Ava!

Fecho os olhos, procurando forças. Fui torturada ontem à noite por suas batidas incessantes. Os vizinhos vão ligar para a polícia.

– Ava! – ele ruge, batendo de novo.

Caminhando com calma até a sala, olho pela persiana e vejo Jesse olhando para a janela. Ele está descontrolado, mas não vou atender à porta. Ficar frente a frente com ele seria um erro terrível. Observo-o colar o telefone ao ouvido, e o meu começa a piscar outra vez, mas rejeito a ligação, o que o faz olhar para o aparelho com descrença.

– Ava! Abra a porta!

– Não – sussurro, como se ele pudesse me ouvir. Quase tenho um ataque cardíaco quando vejo Sam estacionar o Porsche.

Kate desce do carro e se aproxima de Jesse, que faz gestos com os braços como um lunático, enquanto Sam se junta a eles na calçada e afaga o ombro do amigo, para confortá-lo. Eles conversam por uns minutos, e então Kate os leva até a porta da frente.

– Meu Deus, Kate! – fico ali parada como uma idiota, ouvindo a porta se abrir, bater contra a parede e o som de passos pesados escada acima. Ele chega à porta da sala, a raiva em seu rosto se transformando em alívio antes de voltar à pura fúria. Seu terno cinza está perfeitamente alinhado e intacto, ao contrário dos cabelos despenteados e do

suor escorrendo pelas têmporas.

– Onde diabos você esteve? – ele grita comigo, seu hálito literalmente passando por minhas orelhas. – Estou arrancando os cabelos!

Fico ali olhando para ele, sem saber o que dizer. Ele tem alguma ilusão de que devo satisfações? Kate e Sam se aproximam por trás, quietos e apreensivos. Olho para Kate e balanço a cabeça, louca para perguntar se ela gosta *desse* Jesse.

– Vamos ao The Cock tomar um drinque – Sam diz, em voz baixa, pegando a mão de Kate e saindo. Ela não tenta impedi-lo. Vejo os dois indo embora, e mentalmente chuto seus traseiros covardes por me deixarem sozinha para lidar com esse louco.

Ele parece ter respirado um pouco e se acalmado, olhando para o teto, cansado, antes de voltar os olhos para mim. Eles me penetram profundamente.

– Alguém está precisando de um lembrete?

O quê? Devo ter esfolado o queixo no tapete, de tão boquiaberta com o que ele disse.

– Não! – grito, passando por ele e indo para a cozinha. Preciso daquele drinque! Ouço Jesse me seguir, me ver colocar o telefone no balcão e pegar a garrafa de vinho. – Você é um babaca completo! – berro, servindo o vinho com mãos trêmulas. Estou fervendo de raiva. Viro e o encaro com o olhar mais diabólico que consigo. Ele tem uma reação, o que me enche de satisfação. – Você conseguiu o que queria. Eu também. Não vamos estragar a merda toda – disparo. Não consegui o que queria, nem de longe, mas ignoro a voz que grita na minha cabeça. Preciso acabar com isso antes que seja ainda mais arrastada para a intensidade que é Jesse Ward.

– Olha a boca, porra! – ele grita. – Do que você está falando? Eu não consegui o que queria.

– Você quer mais? – engulo meu vinho rapidamente. – Bem, eu não quero, então pare de me perseguir, Jesse. E pare de gritar comigo! – parto para a brutalidade, mas devo ter soado muito patética. Algo vai ter que funcionar. Bebo mais um gole do vinho, dando um pulo quando a taça é arrancada da minha mão e jogada na pia. O som do vidro se quebrando que invade o ar me causa aflição.

– Você não precisa beber como se tivesse quinze anos! – ele grita.

Meus punhos estão cerrados ao lado do corpo e uso toda a minha força de vontade para me acalmar.

– Saia daqui! – berro. Minhas tentativas estão falhando miseravelmente. Estou ficando agitada, desesperada.

Eu me encolho quando ele dá um rugido frustrado, socando a porta da cozinha, deixando uma marca na madeira.

Com os olhos saltados e os lábios firmemente fechados, não posso fazer nada senão observar sua reação feroz à minha rejeição. Ele vira para me encarar, as mãos tremendo de leve e me olha bem no fundo dos olhos, os raios verdes me atacando.

Caramba, deve ter doído. Estou prestes a ir até o freezer pegar um pouco de gelo, mas ele vem para cima de mim. Apoio as mãos na borda do balcão atrás de mim e o vejo se aproximar até ficarmos um de frente para o outro, suas mãos sobre as minhas, me prendendo com eficiência.

Respirando pesadamente no meu rosto, ele me olha feio e depois seus lábios se

chocam contra minha boca. Meu fôlego é literalmente tirado de mim, e me contorço, tentando me libertar dele. O que está fazendo? Na verdade, eu sei o que está fazendo. Ele quer me dar um lembrete. Estou ferrada.

Ele aperta mais ainda os lábios nos meus, mas não aceito seu beijo. Fico repetindo para mim mesma que vou me magoar mais ainda se aceitar, sei que vou. Tento me libertar com menos afinco dessa vez, mas ele rosna, as mãos prendendo as minhas ainda mais. Não vou a lugar algum. Minhas tentativas desesperadas de detê-lo estão sendo seriamente minadas pela sua determinação em me render.

Sua língua traça uma linha em meu lábio inferior, e continuo negando acesso, tremendo ao tentar lutar contra as reações que provoca em mim. Sei que se ele conseguir entrar será fim de jogo, por isso mantenho os lábios travados enquanto imploro mentalmente que ele desista.

Quando ele liberta uma de minhas mãos, instantaneamente pego seu bíceps para empurrá-lo para longe, mas não adianta. Ele é muito forte e determinado. Meus esforços para me soltar não surtem o menor efeito.

Ele segura meu quadril, e dou um pulo, mas sou aprisionada contra o balcão. Estou completamente encurralada, mas ainda recuso seu beijo de modo desafiador, mantendo os lábios bem apertados. Viro a cabeça para o lado quando ele dá uma brecha.

– Mulher teimosa – ele resmunga, beijando meu pescoço, lambendo e mordiscando, desenhando círculos longos e úmidos até chegar à minha orelha e morder o lóbulo.

Fecho os olhos, implorando ao meu autocontrole que resista a esse toque irresistível. Meus dedos cravam em seu braço tenso, e meus lábios continuam cerrados por medo de deixar escapar um grito de prazer.

Sua mão deixa meu quadril e segue lentamente pelo meu ventre, seguindo o cós dos meus shorts.

– Por favor. Por favor, pare.

– Pare você, Ava. Pare. – Introduzindo o dedo no tecido, ele desenha, da esquerda para a direita, linhas lentas, suaves e calculadas enquanto prossegue com a invasão de seus lábios na minha orelha e no meu pescoço. Eu poderia chorar de frustração.

A fricção quente faz meus joelhos fraquejarem, enviando ondas de tremor por todo o meu corpo, e o ouço rir baixo, no fundo da garganta, vibrações que descem pela minha coluna e terminam latejando no meu âmago. Aperto as coxas uma na outra, movendo minha mão de seu braço para seu peito e o empurrando em vão. Nem sei mais por que me dou ao trabalho. Estou a um segundo de me render. Minha cabeça parece querer explodir, e não tenho certeza se seria de prazer ou confusão.

E então sua mão se embrenha em minha calcinha, seus dedos me abrem, espalhando um violento raio de eletricidade por mim. Ele roça meu clitóris, muito delicadamente, e eu me contorço, minha boca se abre, e deixo escapar um grito de prazer. Ele tira vantagem do momento em que fraquejo e enfia a língua na minha boca, explorando e vasculhando cada canto, seu polegar fazendo círculos no meu sexo febril.

Correspondo ao beijo.

– Solte a minha mão – peço, ofegante, flexionando os músculos de meu braço.

Ele deve saber que tem o controle, porque minha mão é libertada com um gemido e a

dele vai parar na minha nuca no mesmo instante. Eu o envolvo pelo pescoço para trazê-lo mais para perto – fácil assim. Chego ao orgasmo com um grito que é uma mistura de puro êxtase por Jesse e frustração enfurecedora.

– Já está lembrada? – ele sussurra suavemente contra os meus lábios, soltando a própria mão. Dou um suspiro, abrindo os olhos pesados com dificuldade para encarar os mares verdes. Não respondo, ele não exige resposta. Apenas se inclina e deixa um beijo doce na minha boca.

Ele me senta no balcão.

– Por que fica fugindo de mim? – Seus olhos buscam os meus, e suas mãos param dos dois lados das minhas coxas, dobrando meu corpo e se inclinando sobre mim.

Abaixo a cabeça. Não consigo olhar para ele. O que posso dizer? Que me apaixonei por ele? Não, então dou de ombros.

Ele põe o dedo indicador sob meu queixo e me faz levantar a cabeça, então sou forçada a confrontar seu rosto dolorosamente bonito.

Ele levanta as sobrancelhas na expectativa.

– Fale comigo, querida.

Suspiro.

– Você me distrai. Não quero me machucar.

Olho para ele, que morde o lábio, as engrenagens em sua cabeça ultrapassando a capacidade de processamento. Ele não sabe o que dizer.

– Eu sou uma distração?

– Sim.

– E estou distraindo você do quê?

– De ser racional – respondo em voz baixa. O efeito inebriante que ele tem no meu corpo está se instalando. Ele disse que me faria precisar dele e está cumprindo a promessa.

– Ava, saiba de uma coisa: farei tudo o que estiver ao meu alcance para evitar que você se machuque. Por favor, não fuja de mim. – Ele se inclina e me beija. – Agora vou distrair você um pouco mais. Precisamos fazer as pazes. – Sua voz grave faz meu desejo explodir novamente, suas palavras me confortam, e ele me agarra por baixo do traseiro e me puxa do balcão para enrolar minhas pernas na sua cintura.

Eu me prendo em seu corpo, e ele sai da cozinha em direção ao meu quarto, fechando a porta com um chute e me colocando no pé da cama, tirando a minha blusa. Meus seios ficam à mostra, o que o faz sorrir e olhar dentro dos meus olhos. Depois que minha blusa é atirada no chão, ele agarra meus shorts e me encoraja a levantar o bumbum para puxá-lo ao longo das minhas pernas, junto com a calcinha.

– Fique aí – ele ordena, desatando a gravata. Faíscas de excitação percorrem meu corpo enquanto o observo tirar a roupa diante de mim, meus olhos automaticamente atraídos para a cicatriz. Estou desesperada para saber o que a causou.

– Olhe para mim, Ava.

Seu tom chama a minha atenção, e ele tira a cueca, sua ereção saltando para fora na altura dos meus olhos. Se me inclinar para a frente e abrir a boca, vou levar a vantagem. Seria uma boa mudança. Olho para cima, encontrando um sorriso atrevido e

olhos em chamas.

– Estou desesperado para estar dentro de você – ele diz, sombrio. – Vou aguardar ansioso o momento de possuir sua boca, mais tarde. Você me deve essa.

Uma sensação poderosa se apodera de meu sexo, e ele se inclina sobre mim e me abraça pela cintura, antes de rastejar pela cama sobre mim e me acomodar carinhosamente sob seu corpo. Ele abre minhas pernas com o joelho e se instala entre elas, pousando os antebraços dos lados da minha cabeça e me olhando com doçura. Eu poderia chorar.

– Não vamos mais fugir, Ava – ele diz, sustentando meu olhar enquanto se afasta de leve e então avança, mergulhando fundo em mim. Solto um gemido e ajusto meu apoio em seus ombros, me movendo embaixo dele. A sensação de preenchimento é inacreditável. Ele expira longa e controladamente, a linha de expressão se pronunciando na testa, brilhante de suor e pesando suas feições.

Resisto à vontade de contrair em torno dele – ele precisa de um momento. Seus olhos fechados, os longos cílios apertados contra o rosto, a cabeça caindo sobre a minha enquanto luta para controlar sua respiração errática. Espero pacientemente, correndo as mãos para cima e para baixo em seus braços firmes, mais do que feliz por poder olhar tão de perto esse belo homem. Ele sabe que preciso do Jesse gentil nesse momento.

Depois de alguns minutos, ele se recompõe e levanta a cabeça para olhar para mim. Meu coração se contrai no peito. Eu amo tanto este homem.

Ele levanta o tórax para ter mais apoio nos braços, se retira preguiçosamente e então me penetra aos poucos.

Eu ronrono. Ah, meu bom Deus. Ele repete o movimento delicioso várias vezes, com os olhos em mim o tempo todo.

– Ava, quando se sentir tentada a fugir de novo, pense em como está se sentindo agora. Pense em mim.

– Sim – ofego, lutando para conter por mais tempo o rápido clímax que se aproxima. Eu penso, no entanto. Esse é o inevitável problema. Ele invade cada canto de minha mente.

Mexo o quadril para acompanhar cada uma de suas investidas, e ele traz a boca até a minha, tomando meus lábios sem pressa, sincronizando o movimento do quadril com o da língua.

Choramingo, cravando as unhas nos seus braços enquanto ele me penetra muito devagar, gira o quadril e sai de mim languidamente, várias vezes. Não vou ser capaz de segurar muito tempo. Como ele faz isso comigo?

– Está gostoso? – ele sussurra.

– Muito – perco o fôlego com mais uma estocada preguiçosa.

– Está mesmo. Está quase lá? – ele pergunta com os lábios nos meus.

Mordisco a língua dele.

– Quase.

– Vou cuidar de você, querida. Deixe rolar.

O tremor galopante que percorre meu corpo me faz contrair os músculos internos em torno de Jesse, me contorço de modo selvagem contra ele e solto um gemido em sua

boca durante meu orgasmo. A última investida, seguida por um estremecimento e uma sensação quente que me inunda são os sinais de que Jesse também chegou ao clímax. Ele se mantém bem dentro de mim e aperta os olhos, enquanto dá atenção especial à minha boca, gemendo baixinho, latejando e gerando mais tensão nos meus músculos em volta dele, no compasso em que pulsa. Estou drenando seu corpo.

– Meu Deus, que saudade de você – ele sussurra, enterrando o rosto no meu pescoço e me acariciando, antes de rolar para o lado, deitando de costas. Ele deixa o braço estendido, e encosto em seu peito quente e firme, descansando a cabeça.

– Adoro sexo preguiçoso com você – pondero, sonhadora.

– Isso não foi sexo preguiçoso, querida. – Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto com a mão livre.

– E o que foi então?

Ele beija minha testa com carinho.

– Foi sexo para recuperar o tempo perdido.

Ah, uma nova modalidade.

– Adoro sexo para recuperar o tempo perdido.

– Não goste tanto assim. Não vai acontecer com muita frequência.

Uma ponta de decepção me alfineta.

– Por quê?

– Porque, nem você vai fugir de mim, nem eu planejo ficar tanto tempo assim longe de você. – Ele inspira o perfume de meus cabelos. – Se é que vou ficar.

Abro um sorriso, cobrindo suas coxas com minha perna. Ele deixa a mão no meu joelho, fazendo círculos na minha pele com o polegar, enquanto passo a ponta dos dedos na superfície de sua cicatriz.

– Como foi que isso aconteceu? – pergunto ao mesmo tempo que sigo a linha com os dedos.

Ele inspira, exausto.

– Como o que aconteceu, Ava? – suas palavras não deixam espaço para falar sobre o assunto. Ele não quer falar sobre isso.

– Nada – minha voz é quase inaudível, e faço uma anotação mental de não perguntar mais isso.

– O que você vai fazer amanhã?

– É quarta-feira. Preciso trabalhar.

– Tire o dia de folga.

– O quê? Assim, do nada?

Sinto que ele dá de ombros.

– Sim. Você me deve dois dias.

Ele faz tudo parecer tão simples. Para ele é fácil, tem seu próprio negócio e não deve satisfações a ninguém. Eu, por outro lado, tenho clientes, um chefe e uma pilha de trabalho.

– Tenho muito o que fazer. Além disso, você me abandonou por quatro dias – eu o lembro.

– Venha comigo agora, então. – Ele me aperta um pouco mais.

– Para onde?

– Preciso passar no Solar para acertar algumas coisas com John. Você pode jantar enquanto me espera.

Sem chance! Eu não vou ao Solar para correr o risco de encontrar a velha de lábios carnudos.

– Acho que vou ficar aqui. Não quero atrapalhar – digo em voz baixa, torcendo para que ele não insista. Outro incidente com Sarah não vai ser um bom jeito de terminar o dia.

Jesse paira sobre mim enquanto me deita de costas, com os punhos presos dos lados de minha cabeça.

– Você nunca vai me atrapalhar. – Ele pousa os lábios entre os meus seios e faz uma trilha de beijos até chegar a um mamilo. – Venha comigo.

Meu mamilo endurece sob sua língua hábil e gentil, minha respiração já se alterando.

– Vejo você amanhã – forço as palavras em meio a gemidos.

Seus dentes se fecham de leve em volta do bico rosado, e ele olha para mim, sorrindo.

– Hmmm, está precisando de uma transa para recuperar o juízo? – ele propõe, ainda de boca cheia.

Ouço a porta da frente se abrir e as risadas de Kate e Sam, que sobem as escadas. Olho para baixo e vejo Jesse ainda preso ao meu seio, a frustração que marca suas feições me deixando secretamente satisfeita. Embora eu aceite uma transa para recuperar o juízo a qualquer hora, o juízo que ele quer colocar na minha cabeça nessa ocasião em particular não faz o menor sentido. Por que eu iria querer outra batalha verbal com Sarah?

Ele bufa como uma criança, soltando meu mamilo.

– Imagino que você não vá conseguir manter a boca fechada enquanto eu *meto* algum juízo em você?

Levanto as sobrancelhas. Ele sabe que isso é impossível.

– Pelo amor de Deus – ele resmunga e levanta, fazendo questão de roçar o joelho pela minha coxa, até chegar à minha vagina úmida. A fricção me faz querer puxá-lo de volta sobre mim. Não quero que ele vá embora. Ele se inclina e me beija com força e vontade. – Preciso ir. Quando eu ligar amanhã, atenda o telefone.

– Vou atender – confirmo obedientemente.

Ele dá um sorriso cheio de segundas intenções e aperta meu quadril, me fazendo pular na cama, caindo de barriga para baixo, e gritar como uma criança. E então sinto um tapa no traseiro.

– Ai!

– Sarcasmo não combina com você, Ava. – A cama balança, e ele se levanta.

Quando me viro, ele já está vestindo a camisa e fechando os botões.

– Sarah vai estar no Solar? – digo sem pensar, antes de meu cérebro filtrar a pergunta idiota.

Ele para por um momento, antes de pegar a cueca no chão e vesti-la.

– Espero que sim. Ela trabalha para mim.

O quê?

– Você disse que ela era sua amiga. – Sei que pareço chorona e me esbofeteio mentalmente.

Ele faz uma careta.

– Sim, ela é uma amiga que trabalha para mim.

Maravilhoso. Levanto e procuro meu pijama. Não é à toa que ela está sempre bisbilhotando. Meu Deus, eu odeio aquela mulher. Visto a blusa e os shorts e, quando me viro, Jesse está terminando de vestir o paletó. Ele me observa, pensativo. Será que sabe no que estou pensando?

– Não vai se vestir? – ele pergunta, me olhando de cima a baixo.

Olho o meu pijama e depois para ele. Suas sobrancelhas estão levantadas.

– Estou na minha casa.

– Sim, e Sam está aqui.

– Sam não parece ter problemas em andar por aí sem camisa. Pelo menos eu estou coberta.

– Sam é um exibicionista – ele resmunga, indo até o meu armário e revirando o cabideiro.

– Aqui, vista isto. – Ele me passa um suéter largo de tricô cor de creme.

– Não! – disparo, horrorizada. Vou desmaiar de calor!

Ele o traz até mim com um olhar determinado e sombrio.

– Vista o suéter.

– Não – respondo, de maneira lenta e concisa. Ele não vai me dizer o que vestir, especialmente quando estou em casa. Arranco a blusa de suas mãos, jogo-a na cama e ele a observa voar pelo ar e cair espalhada pela cama. Em seguida, volta os olhos para mim. Seus dentes mordem nervosamente o lábio inferior.

– Três… – ele declara.

Meus olhos se arregalam.

– Está me desafiando?

Ele me ignora.

– Dois…

– Não vou vestir o suéter.

– Um… – seus lábios se afinam, com irritação.

– Faça o que quiser, Jesse. Não vou vestir o suéter.

Seus olhos se estreitam.

– Zero.

Ficamos um de frente para o outro, ele com uma expressão de fúria genuína, misturada com um tanto de deleite, e eu me perguntando que diabos ele vai fazer agora.

Ele balança a cabeça, expirando sonora e pesadamente, e então entra em ação. Tento escapar por cima da cama, mas fico presa nos lençóis e grito quando ele me agarra pelo tornozelo e me puxa de volta.

– Jesse! – grito enquanto ele me vira e monta em mim, com uma perna de cada lado do meu corpo, prendendo meus braços com os joelhos. – Saia! – sopro os cabelos do rosto e o vejo olhando para mim, o rosto muito sério.

– Vamos deixar uma coisa bem clara. – Ele tira o paletó, joga na cama e pega o

suéter. – Se você fizer o que eu digo, nossa vida será muito mais fácil. Tudo isso – ele passa as mãos por meu tórax e belisca meus mamilos pela blusa – é apenas para os meus olhos. – Ele põe a mão para trás e crava os dedos logo acima do meu osso da bacia.

– NÃO! – grito. – Por favor, não! – e começo a rir. Meu Deus, vou fazer xixi na calça!

Ele continua a me fazer cócegas, e eu, a me contorcer. Não consigo respirar. Estou entre o choro e o riso com seu toque torturante.

– Assim é melhor – ouço-o dizer durante meu frenesi. Sinto os cabelos sendo afastados do meu rosto, e então seus lábios são pressionados contra os meus. – Você podia ter nos poupado o trabalho se tivesse simplesmente… vestido… o… suéter!

Eu o encaro com a expressão fechada, enquanto ele sai de cima de mim e veste o paletó. Sento e descubro que estou vestindo aquela blusa estúpida. Como ele fez isso? Lanço um olhar feroz. Ele me olha intensamente, sem um pingo de alegria.

– Vou tirá-lo e pronto – disparo.

– Não vai, não – ele garante, sorrindo.

Levanto da cama e vou ao banheiro, usando o suéter ridículo.

– Você é um idiota irracional – murmuro, batendo a porta.

Sento no vaso para fazer xixi e faço uma anotação mental de nunca deixá-lo chegar ao zero novamente. Aquilo foi o meu pior pesadelo. Massageio meus pobres quadris, a pele sensível acima do meu osso da bacia ainda formigando.

Quando termino, encontro Jesse na cozinha com Sam e Kate, ambos estranhando o fato de eu estar de suéter. Dou de ombros e me sirvo de mais vinho.

– Fizeram as pazes? – Kate pergunta, se ajeitando no colo de Sam. Ele abre as coxas, fazendo-a cair entre elas e dar um gritinho. Kate dá um tapa nele, antes de olhar de novo para mim, à espera de uma resposta.

– Não – eu balbucio, lançando um olhar contrariado. – E se quiser saber quem fez um buraco na sua porta, não precisa ir muito longe – aponto a taça para Jesse. – Ele também quebrou a sua taça de vinho – acrescento, como a patética dedo-duro que sou.

Jesse enfia a mão no bolso, tira um maço de notas de vinte e coloca algumas sobre a mesa com um tapa, diante de Kate.

– Me avise se precisar de mais – ele diz, mantendo os olhos firmes em mim. Olho para a mesa. Deve haver pelo menos quinhentas libras ali. E noto que ele não pediu desculpas, o babaca arrogante.

Kate dá de ombros e pega o dinheiro.

– Isso deve dar.

Jesse enfia as mãos nos bolsos, vem até mim e baixa a cabeça até nossos olhos ficarem no mesmo nível.

– Gostei do suéter.

– Vá se foder – meu lábios dizem sem voz, antes de beber um gole de vinho.

Ele sorri e beija meu nariz.

– Olha a boca – ele adverte, segurando meus cabelos na parte de trás da minha cabeça e me puxando para a frente até estarmos de nariz colado. – Não beba demais – ele ordena e então me dá um beijo quente. Tento resistir… um pouco. Não, não resisto nada.

– Você pode ter que me lembrar disso – sorrio contra seus lábios, e ele ri.

Quando ele me solta, e recupero os sentidos, bebo mais um gole e olho para ele por sobre a borda da taça.

Ele balança a cabeça de leve e respira fundo, antes de virar as costas para mim.

– Meu trabalho aqui está feito – ele diz, convencido, ao sair.

– Tchau – Kate cantarola, rindo.

– Falou, cara – Sam estende a mão, sorrindo. – Ava, que modos são esses?

– Ele que se foda – resmungo, deixando a taça sobre a pia e pegando meu telefone, antes de voltar para o quarto. Ouço Kate e Sam rindo enquanto vou me deitar, ainda usando o suéter.

Capítulo 19

Estou sentada à minha mesa em completo devaneio, minha mente correndo solta com pensamentos de palavras de conforto e sexo de várias formas. Se – em meu mundinho perfeito – eu realmente tiver um relacionamento com Jesse, a coisa funcionaria sempre com tem sido até agora? Jesse me dando ordens, e eu obedecendo? É isso ou acabar em sexo de algum tipo ou ser submetida a uma contagem regressiva e tortura até eu me render, ou ele me fazer aceitar. Não nego o certo elemento de diversão na parte do sexo, mas tem que haver reciprocidade. E não sei se Jesse sabe o que é ceder – a não ser que seja o estilo Jesse de fazer sexo. Será que já estou em um relacionamento com esse homem?

– Ava, você chegou cedo – Sally entra no escritório, e imediatamente começo a rir. Vi Sally de uma maneira completamente diferente ontem.

– Sim, acordei cedo – respondo, querendo acrescentar que foi porque um imbecil neurótico me fez usar uma blusa de frio para dormir, me fazendo acordar em uma piscina de suor.

Ela se senta.

– Tentei ligar ontem depois que você saiu daqui.

– Tentou?

– Sim. Aquele homem zangado veio ao escritório logo depois que você saiu.

– Veio? – eu deveria saber.

– Veio, sim. E o humor dele não tinha melhorado – ela diz seca.

Posso imaginar. Dou um sorriso.

– Você ficou de conchinha com ele?

Ela faz um ruído como quem ri pelo nariz, recostando na cadeira em outro ataque de riso, e me junto a ela, rindo irremediavelmente enquanto vejo Sal se desmanchar em sua mesa.

Patrick entra e olha para as duas com uma expressão desconsolada, antes de ir para sua sala e fechar a porta.

Ah, que merda!

– Patrick estava aqui? – pergunto.

Ela tira os óculos e começa a limpá-los com a barra de sua blusa marrom de poliéster.

– O quê? Quando o maluco chegou? Não, ele estava indo buscar Irene na estação de trem.

Solto um suspiro de alívio. O que Jesse tinha na cabeça? Ele é um cliente. Não pode vir ao meu escritório fazer escândalo. Não posso fingir que o mau gênio de Jesse é a

reclamação de um cliente. Ele já me carregou para fora do escritório uma vez.

A porta do escritório se abre, e a entregadora de flores – a menina do Lusso outra vez – entra com dois buquês lindos.

– Entrega de flores para Ava e Sally?

Observo Sally quase desmaiar em sua mesa. Aposto que ela nunca recebeu flores. Já sei de quem são, no entanto, canalha esperto.

– Para mim? – Saly praticamente baba, agarrando o buquê colorido da garota e apontando na direção de minha mesa.

– Obrigada – sorrio, pegando o buquê de copos-de-leite e assinando em meu nome e de Sally.

– O que diz o seu cartão, Sal? – pergunto, vendo seus olhos se moverem da esquerda para a direita pelas palavras.

Ela se recosta, colocando a mão sobre o coração.

– Diz "Por favor, aceite minhas desculpas. Essa mulher me deixa louco". Ah, Ava! – ela olha para mim, derretendo. – Eu adoraria deixar um homem louco daquele jeito!

Reviro os olhos, pegando o cartão das minhas flores. Aposto que não recebi um pedido de desculpas. E Sally não diria isso se fosse ela quem tivesse que lidar com esse comportamento irracional e neurótico. Eu deixo Jesse louco? Que piada!

Abro meu cartão.

> Você é a mulher por quem eu espero há muito tempo...
> Um beijo, J.

Meu lado sentimentaloide delira um pouco, mas então o lado lógico do meu cérebro – a parte que não está totalmente consumida por Jesse – grita que *a mulher* é na verdade alguém que fica de joelhos e obedece a cada um de seus comandos, suas exigências e instruções. Embora eu tenha plena consciência de que foi exatamente o que fiz, em várias ocasiões, também preciso manter minha identidade e sanidade. É muito difícil, uma vez que estou arrebatada por esse homem. Eu sou *a mulher certa*. E ele, é o homem certo? Inferno, quero que ele seja.

Depois de sair tarde do escritório, vou caminhando pela minha rua e vejo Kate a distância, pulando no meio da rua, como a ruiva louca que é. Assim que me aproximo, olho mais uma vez para o que ela está olhando e vejo uma van rosa estacionada ao lado de Margô, só que nova. Então, finalmente Kate investiu em um carro novo.

– Belo carro – digo ao me aproximar.

Ela dá um rodopio, os olhos azuis dançando, as faces coradas.

– Sabe de algo sobre isso?

Balanço a cabeça.

– Por que saberia?

– Eu cheguei em casa e ela estava estacionada aqui. Fiquei admirando-a por um tempo, entrei em casa e tropecei nas chaves. Veja – ela me mostra as chaves, me

fazendo ler o bilhete preso com um pedaço de fita no chaveiro.

Chega de bundas machucadas, por favor.

Não! Ele não faria isso, faria? Sua reação enfurecida ao meu traseiro cheio de hematomas passa pela minha mente.

– Você falou sobre isso com Sam? – pergunto.

– Sim. Ele disse que eu deveria falar com Jesse.

– Por que diria isso?

– Bem, obviamente porque acha que Jesse é o comprador de vans misterioso – ela revira os olhos. – Se o Senhor comprou uma van para *mim* só para *você* não machucar a bunda novamente, então... bem, vou amar o fato de que você é delicada como um pêssego!

– Kate, você não pode aceitar.

Ela me olha descontente e sei que não há a menor chance de ela devolver o carro. Posso ver em seus olhos encantados.

– De jeito nenhum! Não ouse me obrigar a devolver. Eu até já a batizei!

– O quê?

Ela acaricia o capô.

– Conheça Margô Júnior. – Ela abraça o metal cor de rosa.

Balanço a cabeça, exasperada, e sigo para casa.

– Vou dar uma volta com ela! – Kate grita.

Não respondo. Em vez disso, subo as escadas e me jogo no chuveiro, deixando que a água leve embora o dia de hoje. Assim que saio do banho, ouço "The One", do Stone Roses, e quase quebro o pescoço ao tentar sair do banheiro e correr na direção do toque. Ele mexeu no meu telefone outra vez, mas não estou nem aí. O telefone para de tocar, a tela mostra oito ligações não atendidas.

Ah, não, Jesse vai arrancar os cabelos. Ligo para ele no caminho até a sala, olhando pela janela se Kate já voltou.

Ela ainda não está em casa, mas Jesse anda de um lado para outro pelo caminho ajardinado até a porta, com a aparência divina de sempre, usando jeans e uma blusa de tricô azul-marinho. Eu sorrio, sentindo um formigamento da cabeça aos pés ao vê-lo. Ele aperta botões no celular impacientemente e, como eu sabia que aconteceria, meu celular toca.

– Alô – atendo, calma e casual.

– Onde diabos você está? – ele vocifera ao telefone.

– Onde você está? – devolvo. Claro que sei muito bem onde ele está. Fico olhando pela janela, vendo-o passar a mão nervosamente pelos cabelos, mas ele logo desaparece do meu campo de visão, indo para a porta da frente.

– Estou derrubando a porta da casa de Kate – ele dispara. – É pedir demais que você atenda o telefone na primeira vez?

– Eu estava no banho – explico, a caminho da porta.

– Leve o telefone com você! – ele está totalmente descontrolado, o que me faz rir. Amo cada loucura dele.

– Não precisa gritar comigo. – Olho pelo olho mágico e me derreto ao vê-lo encostado na parede da varanda.

– Desculpe – ele diz suavemente. – Você me deixa louco. Onde você está?

Eu o vejo deslizar pela parede até sentar no chão, pernas dobradas, cabeça baixa. Ah, não posso vê-lo assim.

Abro a porta.

– Aqui.

Ele olha para cima e tira o telefone da orelha, mas não faz nenhuma tentativa de levantar. Fica só me olhando, o alívio estampado no lindo rosto. Saio e sento de frente para ele, nos colocando de joelhos colados. Quase espero que ele me jogue para dentro por conta da escassez de roupas, mas ele não o faz. Em vez disso, estende aquela mão enorme e a pousa no meu joelho exposto, e não me espanta que o toque detone faíscas pelo meu corpo todo.

– Achei…

– Que eu tinha fugido de novo – termino a frase por ele, colocando a mão sobre a dele no meu joelho. – Eu estava no banho.

– Onde estão suas roupas? – ele passa os olhos pelo meu corpo, coberto apenas por uma toalha.

– No meu armário – respondo, seca.

Sua mão desaparece sob minha toalha, apertando meu quadril, me fazendo dar um salto e soltando a única peça que me vestia.

– Sarcasmo não combina com você, Ava.

– Desculpe! – grito, relaxando quando ele me solta. – Sally adorou as flores.

– Você adorou as suas?

– Adorei. Obrigada.

– E aí, cara?!

Olho para a rua e vejo Sam chegando e, quando volto os olhos para Jesse, parece que ele vai ter uma convulsão. Seus olhos se arregalam, e ele se levanta depressa e me puxa, fazendo um ótimo trabalho em me cobrir com a toalha.

– Sam, não se mova! – berra. Ele me pega no colo e me carrega para dentro em uma velocidade absurda, e ouço Sam rir enquanto Jesse corre escada acima comigo nos braços, resmungando algo sobre arrancar olhos curiosos. Sou jogada na cama.

– Vista-se. Vamos sair.

Levanto a cabeça, rápido. *Não vou ao Solar*, penso, enquanto levanto da cama, sem a toalha, e vou até minha cômoda.

– Para onde?

Seu olhar estuda meu corpo nu.

– Bem, me ocorreu quando estava correndo que ainda não levei você para jantar. Você tem as pernas mais incríveis. Vista-se. – Ele acena na direção do meu armário.

Se ele quer dizer jantar no Solar, então não conte comigo. Vou evitar aquele lugar a qualquer custo, agora que sei que ela vai estar lá. E sãos boas as chances de estar – já

que trabalha para ele.

– Onde? – repito a pergunta enquanto começo a passar manteiga de coco nas pernas.

– Um restaurante italiano que conheço. Vista-se, antes que eu cobre a dívida.

Fico de pé, massageando as pernas para que a pele absorva o creme.

– Dívida?

As sobrancelhas dele se levantam.

– Você me deve.

– Devo, é? – minha testa está franzida, mas sei exatamente do que ele está falando.

– Ah, deve sim. Vou esperar lá fora para não correr o risco de cobrar antes do tempo. – Ele me dá um sorriso safado. – Não quero que você pense que estou nessa *só* pelo sexo – ele me deixa com esse pequeno comentário, antes de sair.

Essas palavras me fazem ganhar o dia. Talvez hoje eu descubra o que se passa naquela cabeça linda e complexa.

Paramos do lado de fora de um pequeno restaurante italiano no West End. Desço do carro, e Jesse vem me pegar, segurando minha mão e me puxando para o que só pode ser descrito como uma sala de estar. Com luz baixa e com toda aquela tralha em cada canto, é como se eu tivesse voltado no tempo e estivesse na Itália dos anos 1980.

– Senhor Jesse, como é bom vê-lo – um homenzinho italiano se aproxima. Ele tem um rosto naturalmente feliz.

Jesse o cumprimenta com um aperto de mão.

– Luigi, é bom ver você também.

– Venha, venha – Luigi faz um gesto para entrarmos.

Ele nos coloca em uma mesinha de canto. A toalha é bege com *Italia Turrita* bordado. É muito bonita.

– Luigi, esta é Ava – Jesse nos apresenta.

Luigi me faz uma reverência.

– Ah, um belo nome para uma bela dama, sim? – Eu sorrio, corando de leve com seu jeito despachado. – O que o senhor Jesse vai querer?

– Posso? – Jesse pergunta, olhando para o cardápio.

Ele está me perguntando?

– É o que você sempre faz... – resmungo. Sua sobrancelha se levanta, e ele faz um bico, um gesto de “não me teste”. Eu o deixo continuar. Ele obviamente sabe o que o menu tem de bom.

– Está bem, Luigi. Vamos querer dois do fettuccine, com abóbora, parmesão e molho cremoso de limão, uma garrafa de *Famiglia Anselma Barolo* 2000 e água.

Luigi toma nota rapidamente em seu bloco, afastando-se em seguida.

– Sim, sim, senhor Jesse.

Jesse dá um sorriso amistoso.

– Obrigado, Luigi.

O italiano sai apressado, nos deixando a sós no cantinho quieto do restaurante.

– Você vem sempre aqui? – pergunto.

Seu sorriso se abre até atingir o nível "fazer meus joelhos tremerem".
– Está tentando puxar papo comigo?
– Claro – dou um sorriso, e ele se ajeita na cadeira.
– Mario, o chefe do bar no Solar, insistiu que eu devia experimentar, então aqui estou. Luigi é irmão dele.
– Mario e Luigi? – uma risada nada elegante escapa pelo meu nariz. Jesse me olha confuso. – Desculpe, mas foi engraçado!
– Estou vendo – Sua expressão se fecha quando Luigi se aproxima com as bebidas. Jesse me serve vinho e água para si mesmo.
– Você pediu uma garrafa de vinho toda só para mim? – disparo. – Você não vai beber? – Jesus, vou beber até cair.
– Não, estou dirigindo.
– E eu estou autorizada?
Seus lábios se apertam em uma linha fina, mas posso ver que está tentando reprimir um sorriso diante do meu atrevimento.
– Está.
Abro um sorriso, pegando minha taça e bebendo com cuidado enquanto ele me observa. É adorável.
– Você comprou uma van para Kate.
– Comprei.
– Por quê?
– Porque não quero ver você sendo atirada de um lado para outro naquela lata-velha.
Balanço a cabeça, admirada com sua franqueza e, assim que olho para o homem lindo e neurótico do outro lado da mesa, meu cérebro é subitamente bombardeado de perguntas.
– Quero saber quantos anos você tem – declaro, com confiança. Essa coisa toda de idade é realmente idiota.
Ele acompanha a borda redonda de seu copo com a ponta do dedo e me observa.
– Vinte e oito. Me fale sobre a sua família.
– Perguntei primeiro.
– E eu respondi. Me fale sobre a sua família.
Balanço a cabeça, desanimada.
– Eles se aposentaram e foram para Newquay alguns anos atrás – suspiro. – Meu pai administrava uma empresa de construção, e minha mãe é dona de casa. Meu pai teve um ataque cardíaco, e os dois decidiram que ele devia se aposentar mais cedo e se mudaram para a Cornualha. Meu irmão está vivendo seu sonho na Austrália. Por que você não fala com seus pais? – aguardo sua reação apreensiva.
Ele bebe um gole de água, e me surpreendo ao ver que se dispõe a responder a pergunta.
– Eles moram em Marbella. Minha irmã mora lá também. Não falo com eles há anos. Não aprovaram quando Carmichael me deixou O Solar e todo o terreno.
– Ele deixou tudo para você?
– Deixou. Nós éramos próximos, e ele não falava com meus pais. Eles não aprovavam.

– Eles não aprovavam a relação de vocês dois?
– Não – ele morde o lábio.
– O que não aprovavam? – Estou completamente intrigada agora.
Ele suspira. Posso ver que não está confortável em falar sobre isso.
– Assim que saí da escola, eu passava todo o tempo com Carmichael. Minha mãe, meu pai e Amalie se mudaram para a Espanha, e eu me recusei a ir. Eu tinha dezoito anos e estava no melhor momento da minha vida. Fiquei com Carmichael quando partiram. Não ficaram nada felizes com isso – ele encolhe os ombros. – Três anos depois, Carmichael morreu, e fiquei para cuidar do Solar. – Ele conta a história sem a menor emoção e bebe mais um gole de água. – O relacionamento ficou abalado depois disso. Eles exigiram que eu vendesse O Solar, mas eu não podia. Era o bebê de Carmichael.
Estou impressionada. Descobri mais sobre este homem em cinco minutos do que desde que o conheci. Por que está tão comunicativo essa noite? Decido aproveitar – não sei quando vou ter outra chance.
– O que você faz para se divertir?
Suas pupilas se dilatam nos olhos verdes, e ele abre um sorriso malicioso.
– Eu como você.
Meus olhos se arregalam com a resposta vulgar, mas mantenho a classe, mesmo tendo derretido por dentro.
– Você gosta de ter poder na cama – afirmo, sem um traço de rubor. Estou orgulhosa de mim mesma. Sua habilidade e influência sobre meu ser me deixam nervosa.
– Gosto. – Seu rosto está completamente impassível.
– Você é um dominador? – pergunto sem pensar, enquanto mentalmente me apunhalo com o garfo de prata chique que está diante de mim, na mesa. De onde veio isso?
Ele tosse, quase cuspindo água em mim.
Deixando o copo na mesa, ele pega o guardanapo para enxugar a boca, enquanto balança a cabeça, em um meio sorriso.
– Ava, não preciso recorrer a isso para conseguir que uma mulher faça o que quero na cama.
– Você é bastante controlador – digo com calma, observando o movimento do meu vinho na taça. Já que estamos falando tudo…
– Olhe para mim – ele ordena com suavidade e, como a escrava que sou, olho para ele, descobrindo que seus olhos verdes estão mais doces. Ele recosta, relaxando na cadeira. – É só com você.
– Por quê?
– Não sei – ele morde a boca. – Você me deixa louco.
Suspiro dentro de minha taça de vinho. Eu deixo Jesse louco? *A recíproca é verdadeira, Ward!*
– Aqui estão os pratos. – Olho para cima e vejo Luigi se aproximar, cantarolando a frase.
– Pessoas adoráveis – ele deposita dois pratos consideráveis diante de nós. – *Buon appetito!*

– Obrigado, Luigi – Jesse oferece um sorriso polido.

Reviro meu macarrão com o garfo e brinco com ele por um momento, antes de provar.

– Bom? – Jesse pergunta.

Faço que sim com a cabeça, e comemos em um silêncio confortável por algum tempo, um olhando para o outro de vez em quando.

– Quando foi que você comprou a cobertura? – indago.

Ele para o garfo a caminho da boca.

– Em março – ele responde, servindo-se da última garfada, antes de abandonar o prato, empurrando-o para a frente, e pegar seu copo d'água.

– Você nunca me disse por que me requisitou pessoalmente para trabalhar na extensão do Solar. – Também desisto de meu macarrão, empurrando o prato.

Jesse olha para o prato, abandonado pela metade, e depois volta os olhos para mim.

– Comprei a cobertura e adorei o que você fez nela. Posso garantir que não esperava que você fosse encantadora, com seu corpo perfeito, pele morena e grandes olhos castanhos. – Ele balança a cabeça, como para afastar as lembranças. Estou feliz, de alguma forma, por ver que ele se abalou tanto quando me viu quanto eu quando o vi.

– Você também não era exatamente o Senhor do Solar que imaginei. – Sinto um arrepio ao lembrar o efeito que ele causou em mim, o efeito que ainda causa. – Como sabia onde eu estava naquele almoço de segunda, quando nos *encontramos* no bar?

Ele dá de ombros.

– Golpe de sorte.

– Claro – ironizo. Ou seja, você me seguiu.

Olho para ele e vejo um sorriso brotando em seus deliciosos lábios.

– Não consegui pensar em mais nada depois que você foi embora. Eu tinha que ter você.

– Você sempre consegue o que quer?

Ele me observa do outro lado da mesa, seu rosto sério quando se inclina para a frente.

– Não posso responder isso, Ava, porque nunca quis tanto algo para correr atrás assim, sem descanso. Não como eu quis você.

– E agora você me tem. – Faço uma pausa e me forço a fazer a pergunta que não quer calar. – Então, agora que a busca acabou, você ainda quer? Quero dizer, você ainda me quer?

Ele se recosta na cadeira e me estuda, passando os dedos pelo copo d'água.

– Mais do que qualquer coisa.

Uma forte lufada de ar escapa dos meus lábios. Não sei se de alívio ou desejo.

– Então sou sua.

Ele passa a língua pelo lábio inferior.

– Ava, você já é minha desde que entrou no Solar.

– Sou, é?

– Sim. Vai passar a noite comigo?

– Você está pedindo ou mandando?

– Estou pedindo, mas, se der a resposta errada, tenho certeza de que posso pensar em algo para fazer você mudar de ideia – ele sorri de leve.

– Vou passar a noite com você.

Ele faz um movimento de aprovação com a cabeça.

– Amanhã à noite?

– Sim.

– Tire o dia de folga – ele exige.

– Não.

Seus olhos se estreitam.

– E que tal sexta-feira, no fim da tarde?

– Fiz planos de sair com a Kate na sexta à noite – aviso, resistindo à tentação de levantar a mão e mexer no cabelo. Ele não pode pensar que vou estar disponível sempre que quiser. Espero que Kate esteja livre.

Seus olhos estreitos se tornam sombrios.

– Cancele.

Isso é algo que preciso esclarecer e é agora – sua irracionalidade neurótica.

– Vou sair para beber. Você não pode me impedir de ver meus amigos, Jesse.

– De quantos drinques estamos falando?

Sinto minhas sobrancelhas se juntarem.

– Não sei. Depende de como eu estiver me sentindo – olho para ele de modo acusador.

Ele recomeça a morder o lábio, e posso ver que seu cérebro está entrando em parafuso. Está tentando descobrir um jeito de contornar isso. Não ajudei em nada, ficando naquele estado no sábado.

– Não quero que saia para beber sem mim – ele diz, com firmeza.

– É uma pena, não é? – Meu Deus, estou sendo corajosa.

– Vamos ver – ele diz para si mesmo.

Ficamos quietos, olhando fixamente um para o outro, Jesse bravo, eu tentando esconder um sorriso. Depois de alguns minutos, ele recosta na cadeira um pouco de lado, casualmente, os olhos cheios de segundas intenções. Não me acovardo com seu olhar concentrado. Respondo à altura, em um convite direto. Eu o quero desesperadamente, apesar de seu comportamento.

Luigi aparece e retira os pratos, perturbando nosso momento.

– Gostaram? – ele cantarola.

Jesse não interrompe a conexão.

– Ótimo, Luigi. Obrigado – sua voz é rouca, e ele bate o dedo médio na mesa. Sinto sua perna roçar na minha, e é o suficiente para minha respiração se alterar e trazer minhas terminações nervosas de volta à vida. Estou em brasas da cabeça aos pés… e ele sabe disso.

– A conta, por favor, Luigi – ele pede, seu tom amistoso se tornando um tom de urgência.

Luigi parece entender o recado, porque não oferece o cardápio de sobremesas. Ele desaparece, voltando quase imediatamente com um prato preto cheio de balas e um pedaço de papel. Sem olhar para a conta, Jesse levanta, pega algum dinheiro no bolso

do jeans e deixa o na mesa.

Ele estende a mão e segura a minha.

– Estamos indo embora.

Sou puxada da cadeira e levada até a porta de repente.

– Você está com pressa? – pergunto, enquanto sou guiada até o carro pelo cotovelo.

Ele não diminui o passo.

– Sim.

Quando chegamos ao carro, sou virada e pressionada contra a porta. Sua testa encontra a minha, nossos hálitos pesados se misturam no espaço mínimo entre a minha boca e a dele. Posso sentir sua ereção dolorosamente dura contra meu ventre.

Ah, Deus, quero que ele me possua aqui e agora. Dane-se quem quiser assistir.

– Vou comer você até ver estrelas, Ava – sua voz falha, e ele roça o quadril em mim. Solto um gemido. – Você não vai trabalhar amanhã porque não vai conseguir andar. Entre no carro.

Eu entraria, mas já não consigo andar. O suspense me deixou imóvel.

Passados alguns segundos, ainda não convenci minhas pernas a se mover, então ele me tira do caminho, abre a porta e gentilmente me coloca no banco do passageiro.

Capítulo 20

Nossa jornada de volta ao Lusso é a mais longa que percorri. A tensão sexual que flui dentro desse carro é uma tortura, e Jesse se torna quase violento quando fica preso atrás de um motorista distraído.

Ele pisa no freio fazendo barulho do lado de fora dos portões eletrônicos do Lusso e aperta um botão no controle remoto para abri-los, suas mãos tamborilando o volante enquanto espera impacientemente que se movam.

Abro um sorriso.

– Você vai ter um ataque se não se acalmar.

Ele para de dedilhar e vira para mim, os olhos famintos.

– Ava, estou tendo uma porra de um ataque por dia desde que conheci você.

– Você está falando palavrões demais – comento, os portões se abrem, e ele entra no estacionamento, rápido e descuidado.

– E você vai gritar demais. Fora – ele ordena.

Não tenho dúvida de que vou, mas amo quando ele fica selvagem. Saio do carro sem pressa e, quando estou finalmente na vertical, vejo-o de frente para mim com uma expressão irritada no rosto.

– O que está fazendo? – ele pergunta, incrédulo com meus passos lentos.

Olho para o céu noturno e depois para as docas, antes de voltar para ele.

– Quer dar um passeio?

Ele está de boca aberta.

– Se eu gostaria de dar um passeio?

– Sim, está uma noite linda. – Mal consigo esconder um sorriso perverso.

– Não, Ava, eu gostaria de comer você até me implorar para parar. – Ele abaixa, agarra a parte de trás das minhas coxas e me joga sobre seus ombros, chutando a porta de seu carro caríssimo.

– Jesse! – meu estômago vem parar na boca, com o movimento rápido. – Eu posso andar!

Ele caminha pelo *foyer* do Lusso com determinação.

– Não rápido o bastante. Boa noite, Clive.

Apoio as mãos na lombar de Jesse, levantando a cabeça e vendo que Clive me observa ser carregada no ombro de Jesse. O que ele deve pensar de mim? Da última vez que entrei no Lusso, também estava sendo carregada.

– Eu não estou bêbada! – grito, vendo Clive desaparecer enquanto Jesse me carrega para o elevador e aperta o código com violência. Em meu estado atrevido, deslizo as

mãos por baixo do jeans, encontro aquele traseiro fantástico e firme, e sinto o volume de seus músculos contraídos sob a pele quente e macia, enquanto saímos do elevador.

– Nada de gracinhas. Quero comer você agora. Se começar com gracinhas, juro por Deus…

– Você é tão romântico.

– Temos todo o tempo do mundo para romance, Ava.

Sorrio para mim mesma, e ele entra na cobertura, fechando a porta. Estou um pouco desorientada quando ele me põe no chão na cozinha, diante dele, as mãos descansando nos seus ombros, tentando encontrar equilíbrio.

– Sabe, você não vai mesmo estar em condições de ir trabalhar amanhã. – Seu hálito quente deixa condensação no meu rosto. – Tire a roupa, agora.

Estou tremendo visivelmente. Tento me recompor, mas é impossível quando ele me olha desse jeito. Sinto suas mãos nas minhas, tirando-as dos seus ombros. E as coloca sobre meu estômago.

– Comece pela camisa. – Sua voz é rouca, com um quê de desespero.

Eu posso fazer isso. Posso ser audaciosa.

– Então, estou no controle? – pergunto, já me preparando para uma bronca.

Uma bronca que não vem. Jesse olha para mim, a surpresa com a minha pergunta clara em sua expressão, mas ele não ri. Não pode estar no comando o tempo todo.

– Se vai deixar você feliz. – Ele tira o Rolex e o deixa sobre o balcão.

Respiro fundo, olho bem dentro de seus olhos e pego o primeiro botão da minha camisa, implorando para que colaborem. A cada botão aberto, seu rosto se contrai mais, e eu me torno mais ousada. Se isso não é enrolar, não sei o que é.

Abro a camisa, mas a deixo no lugar e o observo correr os olhos pelo meu tórax, a língua passando pelo lábio inferior. Em seguida, levo as mãos aos ombros e tiro a blusa, insinuando meus seios quando desço a peça pelos braços e, como a viciada em sexo desesperada que sou, seguro-a ao lado do corpo por alguns segundos, para que ele possa subir os olhos pelo meu corpo. Quando nossos olhos se encontram de novo, abro a mão dramaticamente e deixo a camisa cair no chão, deixando o braço esticado por um momento. Seus olhos estão em brasa, sua testa, molhada de suor.

– Amo você de renda – ele sussurra.

Sorrindo, baixo as mãos para a calça e preguiçosamente abro um botão por vez, enquanto ele me observa, a respiração aumentando a cada segundo. O esforço para manter o autocontrole o faz morder o lábio a ponto de tirar sangue.

Todos os botões da calça abertos, enfio as mãos para dentro, pronta para tirá-la, mas não o faço. Estou envolvida demais com sua reação ao meu striptease desinibido.

Ele me encara com olhos desesperados e soltando faíscas.

– Eu poderia arrancá-la em dois segundos.

– Mas não vai. – Minha voz é rouca e convidativa. Estou impressionada com minha própria petulância. – Você vai esperar. – Tiro os sapatos, que deslizam para longe pelo chão da cozinha.

Ele os segue com os olhos, antes de voltar para mim, com as sobrancelhas levantadas.

– Está indo longe demais, não está?

Sorrio com doçura e, pouco em pouco, muito devagar, passo a calça capri ao longo das pernas e a chuto para o lado. Fico ali de pé, apenas de lingerie de renda coral, diante desse homem maravilhoso. Perdi todas as inibições. Foi um divisor de águas.

Ele levanta a mão para acariciar meu seio.

– Não – afirmo com firmeza, a mão dele pairando sobre meu esterno. Ele não me toca, mas o calor que emana me deixa agitada. Meu autocontrole está no limite, mas estou amando esse poder.

– Vá se foder – ele resmunga, baixando a mão.

– Por favor, faça isso.

Ele me pega no colo e me senta no mármore frio. Abrindo minhas pernas, se coloca entre elas com as mãos na minha cintura e me puxa para sua ereção, que me toca no ponto certo. Solto um gemido e o abraço pelo pescoço.

– Pensei que eu estivesse no comando.

– Errou. – Ele se afasta o suficiente para tirar a blusa e chutar os sapatos para longe, fazendo um trabalho rápido para tirar a calça e a cueca também. Espero pacientemente, mais que feliz por vê-lo se despir. Esse homem é um deus. Passo os olhos pelo seu corpo, parando um segundo na cicatriz, e logo me fixando em seu sexo, grosso e ereto.

– É feio encarar – ele diz calmamente.

Meus olhos encontram os dele, sem ter certeza se está falando do fato de eu ter olhado para sua cicatriz ou para seu lindo pênis. Ele não dá mais nenhuma informação. Apenas me abraça de novo e desabotoa meu sutiã, tirando as alças pelos meus braços e jogando-o para trás.

Ele segura as bordas do balcão e me olha fixamente enquanto se inclina e toma um de meus mamilos na boca, fazendo movimentos lentos e circulares com a língua.

Em puro e desavergonhado deleite, dou um suspiro e agarro seus cabelos, enquanto ele divide a atenção entre cada um dos meus seios. Minha cabeça pende para trás, e fecho os olhos, sentindo o que ele faz com aquela boca atenciosa.

Sua língua faz uma trilha ascendente pelo centro do meu corpo, terminando em um beijo suave no meu queixo.

– Levante – ele ordena, segurando minha calcinha. Eu me apoio no balcão e o deixo tirá-la. – Já volto. Estou com fome.

Ele vai até a geladeira, com passos decididos e uma bela postura, totalmente nu. Fico embevecida com aquela visão absurda do traseiro impossivelmente firme, as pernas longas e musculosas, as costas lisas e poderosas e o andar ainda mais bonito quando está sem roupas.

– Admirando a vista?

Olho para seu rosto e vejo que está me observando. Não sei por quanto tempo fiquei sonhando acordada. Eu poderia olhar para ele para sempre. Ele pega uma lata de chantili e, sorrindo, tira a tampa, agita a embalagem e despeja um pouco direto na boca. Eu o encaro atentamente. Ele parece estar se divertindo muito.

– E isso é comida de verdade no seu mundo? – pergunto.

Ele volta, agitando a lata.

– Claro – ele diz sério, se recolocando entre as minhas pernas, erguendo meu queixo

com a ponta do dedo. – Abra.

Abro a boca, e ele encosta o bico do sifão na minha língua, olhando para mim quando o aperta, fazendo surgir uma bola de creme na minha boca. Passo a língua nos lábios, e o creme se desintegra instantaneamente.

Apoiando as mãos atrás de mim, me reclino, e ele corre os olhos pelo meu peito.

– Faça o pior que puder, sr. Ward. – proponho.

Seus olhos brilham, e surge aquele sorriso safado.

– Vai ser um pouco frio – ele avisa e despeja uma linha reta no meio de meu corpo. Respiro fundo com o choque inicial do creme gelado, que vai do meu pescoço até entre minhas coxas. Mais um sorrisinho, e ele aplica mais creme em lugares específicos. Olho para o longo caminho de picos brancos e sinto meus mamilos enrijecerem em reação ao frio. Ele se afasta um pouco, os olhos dançando em êxtase.

– Isso é meio clichê, não é? – sorrio.

Ele se serve de mais um pouco.

– Os clássicos são os melhores. – Ele se afasta de novo. Aonde vai? Fico ali sentada, coberta de chantili, enquanto ele procura algo nos armários. – Aqui está.

Aqui está o quê? Ele abre uma gaveta, pega uma espátula e volta, com um pote de cobertura de chocolate na mão e um olhar malicioso. Assim que chega em seu posto no meio das minhas pernas, retira a tampa e a joga sobre o mármore.

Levanto uma sobrancelha para ele, apesar de saber muito bem qual é sua intenção. A espátula mergulha, gira e ele retira uma boa porção, que atira no meu peito.

– Ai! – minha pele formiga por conta do golpe.

Ele continua com a expressão maliciosa e começa a desenhar círculos nos meus seios com o chocolate, em torno dos mamilos, e o formigamento misturado à massagem ritmada me faz ronronar. Eu me entrego às sensações e, quando o pote está vazio, ele solta seus instrumentos e se afasta apenas o suficiente para admirar seu trabalho. O sorriso que suas feições lindas abrem me faz querer jogá-lo no chão e mergulhar nele. Ele parece extremamente satisfeito consigo mesmo.

– Meu éclair de Ava – declara, lambendo os lábios.

Olho para meu corpo coberto e para seus olhos inquietos.

– Acho que, agora que se divertiu, é melhor eu ir tomar um banho. – Faço menção de sair dali, e ele avança sobre em mim imediatamente, me levantando nos braços, como eu sabia que faria. Estou grudada em seu peito, escorregadia. Dou risada e me balanço um pouquinho, só para espalhar a bagunça.

– Espertinha – ele murmura, se afastando, o chocolate e o creme criando fios que ligam nossos corpos. Ele pega minhas mãos e me devolve ao lugar de origem gentilmente, até que eu esteja deitada de costas olhando para ele.

– Nem cheguei à parte divertida ainda, querida.

Dou um sorriso.

– Estou imunda.

– Ah, adoro esse sorriso. Você não vai ficar imunda por muito tempo. – Ele se inclina sobre mim, esfrega sua ereção em minha vagina e tira um pouco do chocolate com creme de um dos meus mamilos com o dedo indicador. Sem tirar os olhos dos meus,

começa a chupar o dedo da maneira mais espetacular. – Hmmm, chocolate, creme e suor.

Sinto um arrepio diante dos seus olhos penetrantes, a pulsação no meu sexo aumentando, enquanto me contorço sobre o balcão, sob seu olhar inebriante. Eu o puxo para mim. Preciso de contato. Ele me deixa segurá-lo e cola os lábios nos meus, descansando o peito em mim para deslizarmos um no outro mais uma vez. O calor de seu corpo sobre o meu me leva até as nuvens do Sétimo Céu de Jesse.

Minha língua convida a dele a sair de sua boca com movimentos sutis, e sorrio contra seus lábios, enquanto ele geme e passa o braço por baixo do meu corpo, me levantando do balcão. Meus braços continuam em torno do seu pescoço, os dedos nos seus cabelos, ao mesmo tempo em que ele continua a me extasiar, e continuo a me contorcer.

Descolando os lábios dos meus, ele faz uma trilha de beijos até minha orelha, o quadril se insinuando contra os meus, aumentando a pulsação no meu sexo. Solto mais um gemido, e minhas mãos agarram mechas de seus cabelos quando ele morde o lóbulo da minha orelha, raspando os dentes até soltá-lo.

– Jesse – digo, sem fôlego, arqueando o corpo contra o dele.

– Eu sei – ele geme na minha orelha. – Quer que eu cuide disso?

– Sim!

Ele beija minha orelha e me coloca de novo no balcão.

Com o corpo apoiado em um dos braços, ele gentilmente tira meu cabelo do meu rosto. Observo ele me olhar atentamente, seus olhos verdes brilhando, as engrenagens em seu cérebro girando.

– Tudo é tão mais suportável com você por perto, Ava – ele diz suavemente, seus olhos buscando os meus.

Absorvo suas palavras. O que é mais suportável? Não consigo lidar com essa informação vaga, especialmente agora. Há muito mais sobre esse homem do que os olhos veem. Quero respostas, mas, assim que tomo ar para perguntar, ele leva a cabeça até meu seio, passando a língua por um mamilo já duro, fazendo círculos e sorvendo o chocolate. Faço um arco com as costas quando seus dentes se fecham no bico, forçando-o a se afastar de leve para acomodar.

– Está gostoso?

– Sim!

– Quer mais da minha boca?

– Pelo amor de Deus, Jesse!

Ele geme de satisfação, dividindo a atenção entre os meus seios, lambendo, mordiscando e chupando o chocolate, até tirá-lo gradual e meticulosamente.

Estou gemendo sem parar e suando. Meus dedos estão agarrados a seus cabelos e me contorço sob sua língua experiente. Um toque em meu sexo, e serei lançada em um estupor desesperado.

– Toda limpa – ele diz enquanto endireita o corpo, os olhos fixos nos meus. – Mas ela quer mais da minha boca. – Ele lambe os lábios e se afasta um pouco. Meu estômago dá um salto mortal de 360 graus.

Ah, meu Deus, não vou aguentar mais que um segundo.

Ele paira sobre mim, olhando decididamente para o meu sexo, abrindo minhas pernas devagar.

– Porra, Ava, você está encharcada. – Ele respira fundo, e posso ver seu peito subir e descer cada vez mais rápido. Ele me encara uma última vez, antes de baixar a cabeça, de maneira lenta e provocante. Fecho os olhos com força, meu corpo todo tenso, enquanto espero o primeiro contato.

E lá está – uma lambida de baixo para cima, que termina em uma dança no meu clitóris.

– Ah… meu *Deus*! – grito e sou recompensada por dois dedos que me invadem em capacidade máxima. Eu me contorço e esperneio involuntariamente, e Jesse coloca o braço sobre meu ventre para me segurar.

– Quer que eu pare? – ele pergunta. Sua voz está rouca, minha reação, violenta. Ele volta rapidamente para o meu sexo, mergulhando os dedos fundo, enquanto estimula meu clitóris com a língua.

Sinto, em questão de segundos, os primeiros indícios de um orgasmo se aproximando. Com mais uma lambida bem no meu ponto mais sensível, e me desfaço diante dele. Estou perdida. Jogo a cabeça de um lado para o outro, o ar escapa dos meus pulmões com força em um longo suspiro, antes de meu coração voltar ao ritmo normal.

Ele ainda me lambe delicadamente, me ajudando a aproveitar as últimas ondas do orgasmo, me deixando voltar, gemendo de pura satisfação. Ele tem uma boca incrível.

Em meu estado sublime, sinto-o se movendo entre as minhas pernas.

– Você é sensacional. Preciso entrar em você.

Ele age rápido e, em um movimento calculado, me puxa para si e me empala. Solto um grito com o choque da invasão e sinto ressurgir o clímax que já diminuía.

– Minha vez – ele diz, se retirando e atacando logo em seguida. Dou mais um grito, levantando os braços acima da cabeça. Ele me segura firme pelas coxas, me movendo para a frente e para trás sobre o mármore. Abro os olhos e o vejo suando, a mandíbula apertada.

Os restos de creme e chocolate me fazem deslizar com facilidade. Sou atacada por um formigamento entre as pernas, as investidas de seu corpo poderoso ameaçando explodir meu cérebro.

– Isso está gostoso, Ava? – ele urra acima dos meus gritos.

– Meu Deus, sim!

– Você não vai mais fugir de mim, vai?

– Não! – *Nunca!*

Sou puxada contra seu corpo e empurrada contra a parede, minhas costas se chocam contra a superfície fria, me fazendo gritar. Eu menti. Não estou acostumada com ele, nem um pouco. E acho que nunca estarei. Ele é tão incrivelmente forte, decidido e grande. Enfrento suas estocadas determinadas e incansáveis, que me empurram parede cima, ainda gritando. No desespero para controlar meu orgasmo, cravo meus dentes no seu ombro.

– Ah, CARALHO! – ele ruge. Ouço sua testa bater na parede, seus quadris avançando com força.

É isso.

Liberto seu ombro, jogo a cabeça para trás em um uivo, meu corpo entrando em erupção com o segundo orgasmo.

De repente ele para, a respiração entrecortada e violenta, e então me penetra mais uma vez, com ímpeto.

– Meu Deus! – ele urra, tremendo, ainda em seu vai e vem. Estou convulsionando em seus braços, também sem fôlego, tentando fazer o ar circular pelos meus pulmões exaustos.

Aperto ainda mais os braços e as pernas em volta dele, fecho os olhos e me derreto contra seu corpo.

Tenho a ligeira impressão de que estou sendo levada de volta ao balcão em seus braços, o movimento fazendo sua ereção roçar as paredes do meu útero. Eu me agarro a ele, me deliciando em seu calor. Ele me faz deitar, sentindo o conforto de seu peito sólido quando se coloca sobre mim. Eu o abraço, e ele cobre meu rosto de beijos doces.

Meu Deus, me sinto tão extasiada. Nunca me senti tão necessária e desejada. Meu tempo com Jesse, o bom e o ruim, o mau humor e o afeto, já bastaram para aniquilar qualquer outra coisa que eu já tenha sentido na vida.

Abro os olhos, ciente de que ele está olhando para mim.

– Você e eu – sussurra, o olhar fixo no meu.

Fecho meus olhos pesados e puxo sua cabeça para enterrar o rosto em seu pescoço, me perdendo em seu cheiro.

– Nós precisamos de um banho.

Abro os olhos com dificuldade quando sou retirada do balcão. Estou pendurada no corpo de Jesse e não tenho a menor intenção de me soltar.

– Vamos ficar aqui – murmuro, quase dormindo. Estou tão cansada.

Ele ri.

– Só se segure. Eu cuido de tudo.

E é o que faço. Prendo as pernas com força em torno de sua cintura e os braços em seus ombros, para que ele me carregue pela cobertura, escada acima, até o banheiro.

– Me leve para a cama – peço quando sinto que fui colocada no gabinete da pia.

– Você está grudenta, *eu* estou grudento. Pode deixar que vou lavar nós dois, você e eu, e então podemos nos deitar de conchinha. Feito? – ele liga o chuveiro.

Eu o encaro com os olhos quase fechados.

– Não, me leva para a cama.

– Ava, você é adorável quando está com sono. – Ele me envolve com seus braços e me leva até o chuveiro. Encosto a cabeça nele, sem a menor intenção de descer do seu colo quente. A água está deliciosa. – Vou colocar você no chão – ele avisa, e eu me seguro mais ainda. Ele ri. – Não consigo lavar você se não estiver com as mãos livres.

– Quero ficar agarrada a você.

Virando o rosto para mim, ele beija minha testa de leve, gemendo baixo contra minha pele. Um de seus braços me solta, seu joelho sobe para apoiar meu traseiro, e ele se inclina para pegar o gel de banho e o xampu, colocando-os no chão. Então abaixa o joelho, me abraça de novo e desliza pela parede até eu sentir que chegamos ao chão.

Sei que meus braços estão atrapalhando seus movimentos, mas não os tiro, e ele não reclama. Ele trabalha em volta de mim, me segurando com um braço, ensaboando e depois enxaguando meu cabelo com a mão livre, da melhor maneira possível. Ele age sem pressa e limpa os resíduos de creme e chocolate do meu corpo, sua mão desliza por mim em círculos lentos e carinhosos, me incitando a pegar no sono. Continuo presa a ele. Não quero soltá-lo nunca mais.

– Quero cuidar de você para sempre – ele diz bem baixo, beijando minha têmpora.

Uma de minhas mãos deixa seu pescoço, passando por seu peito e abdômen, circulando lentamente seu umbigo.

– Tudo bem – concordo. Estou mais do que feliz com isso. Não consigo pensar em nada mais natural para mim, duvido que um dia conseguirei.

Ele deixa escapar um suspiro longo e cansado.

– Vamos tirar você daqui.

Eu me inclino para depositar um beijo no centro de seu peito e, ao olhar para cima, vejo-o com os olhos apertados e o rosto virado para o teto. Beijo também seu pescoço para chamar sua atenção, mas alguns segundos se passam antes de ele olhar para mim.

Abro um sorriso, e ele retribui com um bem menor. Não me parece muito convincente e me faz pensar no que pode estar causando tamanha angústia.

– O que foi? – pergunto, preocupada.

– Nada. Está tudo certo. – Ele coloca as duas mãos no meu rosto, abre um meio sorriso, seus olhos correndo pelo meu rosto, antes dele desligar o chuveiro e ficarmos os dois de pé. Ele pendura uma toalha na cintura.

Eu saio atrás dele, e sou imediatamente envolvida em uma toalha macia. Ele me enxuga da cabeça aos pés e depois tira o excesso de água dos meus cabelos.

– Quer que eu carregue você? – pergunta.

Faço que sim, e ele sorri em aprovação, me levantando e carregando meu corpo nu até a cama. Entro embaixo das cobertas e respiro fundo no momento em que minha cabeça toca o travesseiro, o cheiro de Jesse invadindo meus sentidos. Acho que vou dormir bem aqui.

Assim que ele solta a toalha e se aproxima, deito sobre seu peito, com a cabeça embaixo de seu queixo, meu hálito batendo em seu pescoço e de volta para mim. Levanto uma das pernas e acomodo a coxa entre as dele. Ele está completamente envolto por mim, e é o lugar mais confortável do mundo.

– Durma, *baby* – ele me beija o topo da cabeça e me abraça mais forte.

Não há espaço entre nós.

Capítulo 21

Recobro a consciência com Jesse deitado entre as minhas coxas, passando o nariz no meu.

– Bom dia, *baby*.

Solto um grunhido, esticando os braços acima da cabeça em uma espreguiçada longa e satisfeita. Sinto a ereção matinal de Jesse se insinuando entre as minhas pernas, um esboço de sorriso nos cantos de sua boca.

Eu me mexo embaixo dele.

– Bom dia para você também.

Em um movimento ágil ele me penetra, e o dia já começa excelente. Eu me seguro em seus bíceps, e ele se apoia nos antebraços e impõe um ritmo firme e preciso.

Jesse abre os olhos.

– Amo sexo preguiçoso com você.

Meu olhar está fixo em seu rosto calmo e relaxado, e deixo que ele me leve ao paraíso, mas sou abruptamente arrancada do meu estado sonhador quando ele nos vira, ainda conectados, e fico sentada sobre ele. A diferença na gravidade me deixa mais sensível à sua invasão.

– Quero que você cavalgue em mim, Ava – ele diz com a voz rouca, os olhos famintos brilhando na luz da manhã. Ele aperta minhas coxas, e espalmo as mãos em seu peito.

– Estou no controle?

– Faça o pior que puder, *baby*. – Ele projeta o quadril para cima, incentivando meus movimentos. Fixo o olhar em seus olhos sonolentos e lentamente levanto o quadril, me segurando no ar por alguns segundos, excitando-o e vendo seu rosto se contorcer, esperando mais contato. Então eu desabo sobre ele com igual precisão, ondulando o máximo possível. Isso o faz ver estrelas.

Ele joga a cabeça para trás, seu gemido é alto a ponto de ecoar pelo quarto.

– De novo?

– Porra, sim!

– Não use essa linguagem, por favor – eu o provoco, enquanto subo e desço com precisão, me esfregando mais contra ele. Repito o movimento torturante várias vezes e o vejo se desfazer embaixo de mim.

Suas mãos apalpam meus seios, os polegares fazendo círculos em torno dos meus mamilos eriçados. Levanto o quadril de novo, parando no alto. Seus olhos estão inquietos, a boca, aberta. Estou lutando para manter o controle sobre ele.

– Para baixo?

– Meu Deus, sim!

Desço sobre ele e assisto a seu rosto se contorcer. Nenhum de nós vai aguentar muito tempo. Vejo o esforço cravado em sua mandíbula tensa e na testa franzida. Ele geme, segurando meus seios com mais força, mandando uma dor lancinante direto para o meu sexo. *Eu* não vou conseguir aguentar por muito tempo. Estou a ponto de gozar e vou precisar dele aqui quando eu quiser voltar para a Terra.

Levanto mais uma vez, sabendo que ele espera que eu desça devagar, mas não é o que faço. Em vez disso, baixo com tudo, deixando-o sem fôlego, me empalando nele. E então me esfrego com força.

– Puta que pariu! – ele urra, e o suor imediatamente brota em suas têmporas. Eu mexo o quadril para garantir a máxima penetração, me forçando sobre ele. – Porra, porra, porra! Ava, vou gozar!

– Espere! – ordeno.

Seus olhos se abrem em choque, preenchidos pelo desespero. Faço mais um movimento de vaivém, e seus olhos se fecham, sua linha de expressão mais profunda que nunca. Isso está exigindo todo o seu esforço. Só preciso de mais um…

– Ava, não aguento mais!

– Merda! Espere!

– Olha a boca! – ele berra, os olhos ainda fechados, concentrados. Estou acabando com ele.

– Vá se foder, Jesse!

Aqueles olhos tão verdes se abrem de novo em advertência às minhas palavras duras, mas eu não poderia me importar menos com isso. Prendo suas mãos com as minhas e uso os músculos das pernas para me alavancar, pairando sobre ele e depois me soltando com todo o meu peso, para ele me penetrar completamente.

Elevo os quadris uma última vez.

– Agora! – grito, me chocando contra ele. Meu corpo explode, me fazendo entrar em órbita, e tenho apenas uma vaga ideia dos gemidos estrangulados de Jesse, enquanto sinto seu líquido quente me invadir, aquecendo meu corpo inteiro. Desabo sobre seu peito, exausta – missão cumprida.

Fico ali deitada sobre ele, derretendo ao ritmo de seus dedos, que desenham círculos nas minhas costas, sua semiereção vibrando dentro de mim, as batidas combinadas dos dois corações se normalizando. Estamos saciados.

– Amo sexo preguiçoso com você.

Ele beija o topo de minha cabeça.

– Exceto pela sua boca suja – sua voz cheia de desaprovação.

Dou risada, levanto os olhos para ele e passo os dedos por sua barba. Adoro essa barba por fazer. Ele vira o rosto e beija meus dedos, retribuindo meu sorriso.

– Acho que não podemos chamar isso de sexo preguiçoso, *baby*.

– Não?

– Não. Podemos pensar em um novo nome.

– Certo – concordo, plenamente satisfeita. Descanso o rosto em seu peito e circulo seu mamilo dourado com o dedo.

– Quantos anos você tem, Jesse?
– Vinte e nove.
Debocho, mas me ocorre de repente que não terei a menor ideia quando ele finalmente revelar a idade real. Acho que ele tem uns trinta e quatro. São oito anos a mais que eu – posso conviver com isso.
Dou um suspiro.
– Que horas são? – acho que posso ficar mais uma hora.
Ele me tira de cima de seu corpo.
– Deixei meu relógio lá embaixo. Vou lá olhar.
– Você precisa de um relógio aqui – resmungo quando ele se levanta, me deixando com frio e vazia sem ele.
– Vou reclamar com a designer – ele responde, seco.
Eu o ignoro, achando uma posição confortável, abraçada ao travesseiro. Essa é a cama mais confortável em que já dormi.
– Sete e meia – ouço-o gritar do andar de baixo.
– Merda! – levanto de um pulo e desço as escadas correndo, até chegar à cozinha.
– Você precisa me deixar em casa!
Ele se senta, calmo e casual, em um dos bancos altos, completamente nu, se servindo de manteiga de amendoim direto do pote, com o dedo.
– Estou um pouco ocupado agora pela manhã – ele fala, sem olhar para mim.
Ah, que irritante! Isso é, sem dúvida, um plano para me manter aqui. Posso pegar o metrô, sem problemas. Procuro minhas roupas, que eu havia espalhado pelo chão. Nada.
– Onde estão minhas roupas, Jesse?
Ele enfia um dedo coberto de manteiga de amendoim na boca, chupando e retirando em seguida, com um ruído.
– Não faço ideia.
Onde foi que ele as escondeu, esse canalha? Elas não podem estar longe. Caminho pelo apartamento bufando e batendo os pés, abrindo portas de armários e olhando atrás dos móveis, mas, quando não encontro nada, marcho de volta à cozinha e o encontro ainda sentado ali, irritantemente nu e lindo, e nem um pouco afetado pelo meu ataque.
Ah, não tenho tempo para isso. Não posso me atrasar para o trabalho.
– Onde está a minha roupa, merda? – grito.
– Olha a boca, porra!
Balanço a cabeça. Ele ainda vai lavar a minha boca com sabão.
– Jesse, eu nunca falei tantos palavrões antes de conhecer você… Engraçado, não? Preciso ir para casa me arrumar para o trabalho.
– Sei que precisa. – Lá vai outro dedo coberto de manteiga de amendoim.
– Então, onde estão minhas roupas? – tento parecer calma, mas, se ele não me der minhas roupas *agora*, vou voltar a ser a louca. Não posso me atrasar.
– Elas estão… em algum lugar – ele sorri com o dedo na boca.
– Onde é algum lugar? – pergunto, pensando no quanto não gosto do Jesse de hoje.
– Se eu disser, você vai ter que fazer algo por mim.
Sinto a louca se aproximando.

– O quê?

– Não beba amanhã à noite – ele pede, com a expressão séria.

Faço uma careta e o vejo lutando para controlar um sorriso que ameaça surgir. Que astuto. Ele me encurralou: nua, atrasada e precisando de uma carona.

Fico ali parada, pensando na proposta. Para ser franca, eu não planejava ficar bêbada, especialmente depois da minha performance no sábado. Também não perguntei se Kate está livre, mas não quero o sr. Controlador pensando que pode me dizer o que fazer. É a velha história de "se eu der um dedo".

– Tudo bem. – Como ele vai saber se eu beber, de todo jeito?

Ele parece chocado.

– Foi mais fácil do que eu pensava. Qual tal almoçarmos juntos mais tarde?

– Tudo bem, pegue minhas roupas.

– De quem é o poder, Ava? – ele pergunta.

Não tenho tempo para desafiá-lo.

– É seu. Pegue minhas roupas!

– Correto – ele vai até a geladeira, com uma reboladinha especialmente para mim, e abre a porta. – Aqui estão, moça.

Estavam na geladeira? Eu as arranco de suas mãos, e ele levanta a sobrancelha para mim, em advertência. Não dou a mínima. Vou me atrasar tanto! Ele me observa enfiar as pernas na calça capri e pular pela cozinha quando o material frio encosta na minha pele.

– Tenho tempo para um banho? – ele pergunta, sério.

– NÃO!

Ele ri, me dá um tapinha na bunda e sai da cozinha.

Jesse me leva para casa em seu estilo usual – assustadoramente rápido e sempre impaciente, mas hoje sou grata por isso.

Ele me espera no carro, fazendo algumas ligações, enquanto tomo banho e me arrumo em tempo recorde. Visto uma calça preta pescador de alfaiataria, camisa branca e sapatilhas vermelhas. Estou vestida para correr hoje. Meus cabelos estão revoltados pela falta de secador ontem à noite, então faço um coque solto no alto da cabeça. Vou me maquiar no carro.

Corro pela casa e trombo com Sam, seminu. Ele se mudou para cá?

– Você está sempre com pressa, gata. – ele ri, e desvio dele, correndo até a cozinha para engolir minha pílula junto com um copo d'água. – A noite foi boa?

Faço que sim com a cabeça sem parar, e ele fica ali parado na porta, despenteado. Não vou perguntar se ele teve uma boa noite. É óbvio.

– Onde está Kate? – pergunto.

Ele sorri.

– Eu a amarrei na cama.

Eu arregalo os olhos. Não sei se está falando sério ou não. Ele é tão brincalhão.

– Diga a ela que ligo mais tarde. – Espero Sam me dar licença. – Até mais! – digo,

correndo escada abaixo.

– Ei, diga ao Jesse que não vou correr hoje! – ele grita para mim.

Aperto o passo na frente da casa e pela rua, onde Jesse está estacionado ilegalmente e fazendo um gesto obsceno com o dedo do meio para o guarda de trânsito. Aguardo o guarda terminar o sermão em Jesse, mas ele parece estar apenas começando.

– Saia daí para a moça poder entrar – Jesse rosna, mas o guarda o ignora, começando a falar sobre abuso moral e falta de consideração pelos outros cidadãos.

– Com licença – tento ser educada, o oposto das agressões verbais de Jesse. Sou ignorada. Droga, vou me atrasar mesmo.

– Pelo amor de Deus! – Jesse abre a porta e dá a volta no carro para alcançar o guarda na calçada. O pobre homem se encolhe visivelmente com a presença física de Jesse e sai de perto. Ele abre a porta, me senta no banco do passageiro e bate a porta, xingando mais um pouco, antes de assumir seu lugar ao volante. O carro entra no trânsito fazendo barulho, rápido demais.

– Estão só fazendo o trabalho deles, sabe? – baixo o espelho para fazer a maquiagem.

– Idiotas com sede de poder, que não conseguiram ser policiais – ele resmunga. Então olha para mim e sorri. – Você está linda.

Dou uma risada de deboche.

– Olhe para a rua. Ah, Sam disse que não vai correr.

– Preguiçoso. Então ele ainda está lá? – ele pergunta, ultrapassando um táxi. Eu me agarro aos lados do banco. Minha maquiagem vai ficar um horror.

– Ele amarrou Kate na cama – murmuro, aplicando rímel para cílios.

– Provavelmente.

Viro o rosto para ele com o pincel na metade do caminho.

– Você não parece chocado.

– É porque não estou – ele me olha de canto de olho.

Não está? Sam gosta mesmo desses fetiches?

– Nem quero saber – balbucio, voltando para o espelho.

– Não, não quer mesmo – ele diz, em voz baixa.

Paramos o carro perto do meu escritório, mas longe o bastante para que eu não seja vista saindo do Aston Martin de Jesse. Ainda estou pensando em como Patrick vai reagir. Jesse não menciona a nova ala desde domingo, e não consigo imaginar a reação prazerosa do meu chefe se eu disser que não vou mais fazer o trabalho de decoração para o sr. Ward, mas que estou saindo com ele.

– A que horas você sai para o almoço? – ele pergunta, acariciando minha coxa, gerando as já familiares ondas de prazer. Agora não é hora de ficar excitada, e é isso que esse toque está fazendo.

– À uma – dou um gemido esganiçado.

Ele faz círculos na minha coxa. Fico tensa.

– Vou estar aqui à uma, então.

– Aqui mesmo? – respiro fundo.

– Sim, aqui mesmo. – Sua mão sobe por entre as minhas pernas.
– Jesse, pare – fecho os olhos, tentando espantar as faíscas de desejo.
Ele passa a mão no meu sexo por cima da calça.
Solto um gemido.
– Não consigo tirar as mãos de você – ele diz, com aquela voz grave e hipnotizante – aquela que me tira a razão e os sentidos. – E você não vai me impedir, vai?
Inclinando-se na minha direção, ele me segura pela nuca e me puxa, aumentando a pressão no meu sexo, e solto um gemido quando nossos lábios se encontram. Ele está me masturbando em um ritmo delicioso, enquanto sua língua acaricia a minha, lenta e decididamente, provocando um prazer inenarrável. Não acredito que estou deixando ele fazer isso no carro, à luz do dia, mas ele iniciou algo agora, e não vou conseguir entrar no escritório com a dor de um quase orgasmo me incomodando. Preciso de um escape ou não vou ser capaz de me concentrar o dia todo.
A excitação se espalha e cresce dentro de mim, a preocupação de ser flagrada desaparece indecentemente, do nada. Estou quase em cima dele. Ele me completa de tantas maneiras arrebatadoras.
– Deixe rolar, Ava – ele diz, dentro da minha boca. – Quero que você entre naquele escritório pensando no que posso fazer com você.
Chego ao clímax, e ele aperta os lábios contra os meus para abafar meus gemidos altos, aliviando a pressão para acalmar meu corpo e me ajudar a voltar ao normal.
– Melhor? – ele pergunta, cobrindo minha boca com beijos leves.
– Agora posso trabalhar em paz – suspiro.
Ele ri e me solta.
– Vou para casa pensar em você e resolver isto aqui. – Ele põe a mão na virilha, onde seus shorts de corrida parecem uma tenda.
Eu sorrio, me inclino sobre ele e o beijo de um jeito comportado nos lábios.
– Eu poderia fazer isso para você – ofereço, passando a mão sobre sua ereção. Seus olhos se arregalam e cintilam de prazer, quando enfio a mão dentro dos shorts e retiro seu pênis duro, apertando a base e o acariciando sem pressa.
A cabeça dele pende para trás, no apoio do banco.
– Caralho, Ava, está tão bom.
Está bom mesmo, mas estaria melhor ainda na minha boca. Continuo os movimentos de vaivém controlados, e ele se contorce e geme, sua glande brilhando. Ele deve estar quase lá, então baixo a cabeça e passo a língua pela cabeça pulsante de seu pau maravilhoso, desenhando círculos na superfície úmida. Seus quadris saltam para a frente, e ele agarra o volante, entre gemidos altos, longos e graves.
Sorrio e calmamente deslizo a língua pelo seu mastro, causando mais investidas à frente, antes de fechar os lábios ao redor da glande e engoli-lo inteiro, até o fundo da garganta.
Ele perde o fôlego.
– Isso mesmo, *baby*. Engula tudo.
Faço uma pausa, sentindo a pulsação na língua e, expirando lentamente, faço o movimento de volta até a ponta. Ele suspira de pura gratidão.

– Continue, assim mesmo – ele me encoraja, acariciando a minha nuca.

Dou um sorriso, tirando seu pênis da minha boca e deixando que pouse sobre seu abdômen musculoso. Seus olhos se arregalam novamente quando endireito o corpo no meu banco e limpo a boca.

– Eu adoraria, mas você já me fez chegar atrasada ao trabalho – saio do carro, dando um gritinho quando ele tenta me puxar de volta.

– Que merda é essa? Ava!

Atravesso a rua depressa, considerando a possibilidade de ele me seguir e me jogar sobre o ombro. Ele faria isso?

Viro-me apenas quando chego à calçada, vendo-o de pé, ao lado do carro, com a mão sobre o sexo e um sorrisinho sombrio no rosto. O alívio toma conta de mim.

– Quantos anos você tem, Jesse? – grito do outro lado da rua.

– Trinta. Isso não foi muito bonito, sua sedutorazinha.

Jogo um beijo para ele e faço um aceno meigo. Ele estica o braço para capturar o beijo, o sorrisinho sempre presente. Posso sentir que está arquitetando algo mesmo dessa distância. Viro e sigo pela rua, realizada – por ora, pelo menos. Afinal, ele detém o poder.

– Reunião ao meio-dia – Victoria anuncia, saindo da sala de Patrick.

Começo a organizar meus clientes atuais, tomando notas do status de cada um.

– Sally? – chamo. Ela tira os olhos da tela do computador, removendo os óculos ao olhar para mim. – Pode me passar uma lista do status de pagamento dos meus clientes, por favor?

– Claro, Ava.

– Eu também quero – Victoria grita.

Sally olha para Tom, que faz o mesmo pedido com um aceno de cabeça. É raro ter que cobrar um cliente, mas é extremamente embaraçoso quando acontece. Patrick tem um apego especial por prazos de pagamento.

A manhã passa rápido e, logo antes do meio-dia, Sally coloca uma caixa sobre a minha mesa.

– Isso chegou para você.

– Obrigada, Sal. – Estou surpresa. Olho para a caixa branca. É claro que sei quem é o remetente. Abro-a, intimamente empolgada, enquanto olho em volta para garantir que nenhuma atenção esteja voltada para mim. Dentro dela, há uma bomba de chocolate. Eu rio alto diante da lembrança do éclair e Tom levanta a cabeça. Faço um gesto de “não ligue para mim” com a mão, e ele revira os olhos, voltando para o seu desenho.

Pego o bilhete e o abro.

A vingança é doce.
Um beijo, J.

Sorrio, pego o doce e cravo os dentes nele ao mesmo tempo que pego minha pasta e

vou para a sala de Patrick, seguida por Sally, que vem carregando uma bandeja com chá e bolo.

Victoria e Tom chegam, e Sally entrega a cada um de nós uma lista com a situação de cada cliente, antes de servir chá e se sentar. Passo os olhos pela lista de faturas – todas marcadas com as expressões “pago” ou “em aberto” e acompanho com o dedo um que está marcado como “vencido”. Há apenas um cliente nessa coluna.

Capítulo 22

O quê? Eu me encolho por dentro. Qualquer esperança de evitar ter que falar sobre o Solar ou o sr. Ward acaba de ser espetacularmente aniquilada. O idiota não pagou a taxa de visita. O que ele está pensando? Olho para a frente e vejo que Patrick tem nas mãos a mesma lista, assim como Victoria e Tom, que olham para mim como quem diz "e agora?". Amoleço na cadeira, esperando o baque.

– Ava, você precisa entrar em contato com o sr. Ward e lembrá-lo. Qual é a posição atual? – Patrick indaga.

Ai, ai, ai... Não preenchi nenhum formulário – a não ser a ficha com o briefing inicial – não mandei cotações, não estabeleci minha função no projeto – apenas designer ou designer e coordenadora. Não fiz nada. Bem, fiz, mas nada que se possa classificar como trabalho. Nem sequer fiz o pedido de fatura para a malfadada segunda reunião, que me fez sair correndo de lá sem meu sutiã. Onde está aquele sutiã?

Ah, merda. Limpo a garganta.

– Estou organizando a consulta e as cotações neste momento.

Ele olha para mim com uma expressão contrariada.

– Sua primeira reunião com ele foi há quase duas semanas, e você já fez uma segunda visita. Por que está demorando tanto, Ava?

Começo a suar frio. Uma lista com o custo básico é uma tarefa simples, gerada de acordo com contratos individuais, e normalmente concluída antes da segunda visita. Não tenho nenhuma desculpa. Posso sentir Tom e Victoria olhando para mim.

– Ele estava fora – digo, sem pensar. – E me pediu para aguardar.

– Quando falei com ele na segunda-feira, estava animado para começar – Patrick argumenta, verificando sua agenda. Maldito Patrick, que anota tudo!

Dou de ombros.

– Acho que foi uma viagem de negócios de última hora. Vou entrar em contato com ele.

– Faça isso. E não quero que passe mais tempo nesse projeto antes que ele pague. E quanto ao sr. Van Der Haus, como está a sua situação com ele?

Solto a respiração, aliviada, embarcando em uma atualização entusiasmada sobre o The Life Building, feliz por ter encerrado o assunto sobre o Senhor do Solar. Eu vou matá-lo!

Saio do escritório e caminho pela rua até o local onde Jesse me deixou de manhã. Ao

me aproximar de Berkeley Square, levo um susto com um imbecil em uma motocicleta, que quase me atropela. Tento acalmar meu coração acelerado e sigo em frente, encostando em um muro e pegando meu celular da bolsa para checar as novas mensagens. Há duas de Kate.

> Preciso de ajuda. Pode passar em casa e me desamarrar, por favor?

Olho para o aparelho de boca aberta, procurando o horário de envio da mensagem. Foi enviada às onze. Ela ainda está lá? Abro a mensagem seguinte.

> Não precisa entrar em pânico! Sam estava brincando. Mas eu ia adorar ver sua cara.
> Beijos.

Ah, sim, Sam, o comediante. Mas parte de mim se pergunta se há uma parcela de verdade na brincadeira. Jesse não ficou nem um pouco surpreso quando mencionei isso. *Diversão*, Kate disse. Hmmmm. Aposto que sim.

Olho para o relógio e me dou conta de que é uma e cinco. Ele está atrasado, e estou ofendida. Enquanto pondero quanto tempo devo esperar, olho para a frente e vejo aquele rosto lindo que tanto amo. Ele está montado na moto que quase me atropelou. Sinto meus lábios se curvarem no quase sorriso e desencosto do muro para ir até ele. Jesse está mais do que sexy nessa armadilha mortal.

– Boa tarde, *baby*. – Ele está sentado sobre a moto com o capacete pousado entre as pernas, sem roupa de couro, usando apenas jeans e uma camiseta branca. Não consigo evitar pensar no quanto isso é irresponsável. Mas está delicioso.

– Você é um perigo – dou uma bronca, parando diante dele.

– Assustei você? – ele prende o capacete no guidão da moto.

– Sim. Essa coisa precisa passar por um controle de ruído. – reclamo.

– Essa *coisa* é uma Ducati 1098. – Ele me agarra pela cintura e me coloca no colo. – Me beije – ele ordena, tomando meus lábios com gosto, fazendo uma atuação dramática para quem quiser ver. Ouço assobios e provocações dos transeuntes, mas não me incomodo. Eu o abraço pelo pescoço e deixo que me segure. Passaram-se apenas algumas horas, mas eu estava com saudade.

De repente me ocorre que estou a poucos metros do escritório e que Patrick poderia sair a qualquer momento. Se ele me vir em atitude suspeita com o sr. Ward, vai chegar à óbvia conclusão: estou dando tratamento especial a um cliente às custas de sua rentabilidade.

Eu me contorço um pouco para me libertar, mas isso só o faz me abraçar mais forte e me beijar com mais vontade, até minha tentativa de escapar parecer desesperada e preocupante. Colocando as mãos em seu peito, eu o empurro, e ele finalmente deixa meus lábios, mas não meu corpo.

Ele estreita os olhos para mim.

– O que acha que está fazendo?

– Me solte – esperneio.
– Ei! Vamos esclarecer uma coisa. Você não dita quando e onde posso beijar você ou por quanto tempo. – Ele está absolutamente sério.
– Jesse, se Patrick me vir com você, eu estou na merda. Me solte! – Para minha surpresa, ele me solta, cambaleio na calçada e me arrumo. Quando olho para ele, encontro a pior carranca que já vi na vida.
– De que porra você está falando? – ele grita. – E cuidado com a boca!
– De você – digo, acusadoramente. – Você não pagou a conta por minha visita e agora tenho que fazer um lembrete educado. Tive que inventar uma mentira sobre você estar viajando. – Um beijo caprichado pode ser considerado lembrete? Jesse provavelmente acha que sim.
– Me considere lembrado. Agora volte aqui.
– Não! – respondo, incrédula. Não vou arriscar a segurança do meu trabalho só para não contrariar o sr. Controlador.
Ele me olha em completa descrença, fazendo um show para descer da moto, o jeans agarrando aquelas coxas magníficas. Fico inquieta. O efeito que esse homem causa…
Ele me encara.
– Três…
Meu queixo cai. Ele não faria isso. Não no meio da Berkeley Square. Vai parecer que estou sendo sequestrada, estuprada e morta de uma só vez!
Seus lábios se afinam, em uma demonstração de desgosto.
– Dois…
Pense, pense, pense.
– Não vou discutir com você no meio da Berkeley Square. Você às vezes parece uma criança! – giro nos calcanhares e saio andando. Não sei por que estou fazendo isso; ele é como uma bomba prestes a detonar, mas tenho que ser firme. Ele está sendo estupidamente irracional, e não vou ceder.
Sinto que ele está logo atrás de mim quando vou em direção à Bond Street, mas aperto o passo. Vejo uma lojinha de roupas. Vou me refugiar lá.
– Um! – ele grita.
Sigo em frente.
– Vá se foder! Você está sendo irracional e injusto. – Sei que estou abusando da sorte, falando palavrões e desobedecendo.
– OLHA A BOCA! O que há de irracional em querer beijar você?
– Você sabe muito bem o que há de irracional nisso. E é injusto porque você me faz sentir péssima. – Entro na loja, deixando-o andando de um lado para o outro na calçada, olhando pela vitrine de vez em quando. Eu sabia que ele não ia entrar, mas não me escapa a ideia de que parece furioso e de que vou ter que sair da loja em algum momento. Preciso de um tempo para me recompor, então começo a mexer nas araras.
Uma garota com roupas chiques demais e muita maquiagem se aproxima.
– Posso ajudar?
– Estou só olhando, obrigada.
– Essa é a área das novas coleções. – Ela passa a mão por uma arara suspensa,

repleta de vestidos. – Temos vestidos lindos. Por favor, me chame se precisar de outro tamanho – ela sorri.

– Obrigada.

Ando pelas araras e vejo alguns vestidos lindos – com preços exorbitantes, mas lindos mesmo assim. Separo um de seda creme, justo e sem mangas. É mais curto do que eu usaria normalmente, mas lindo.

– Você não vai usar isso!

Levanto a cabeça e vejo Jesse parado na porta, olhando para o vestido como se pudesse cuspir veneno. Ai, que vergonha! A vendedora arregala os olhos para Jesse e depois para mim, e eu sorrio constrangida. Estou horrorizada. Quem diabos ele pensa que é? Olho para Jesse com o pior olhar que consigo produzir, dublo um *vá se foder* e o vejo soltar fumaça pelas orelhas.

Viro para a vendedora.

– Você tem algo mais curto? – peço com delicadeza.

– Ava! – ele vocifera. – Não me provoque.

Eu o ignoro, mantendo os olhos na atendente. A pobre moça parece estar a ponto de ter um infarto, os olhos indo de um lado para o outro, muito nervosa.

– Não. Acho que não – ela diz, em voz baixa.

Agora estou com pena dela. Eu não devia tê-la envolvido nessa discussão patética por causa de um vestido.

– Está bem, vou levar esse. – Abro um sorriso, dando o vestido para ela.

Ela olha para mim e depois para Jesse.

– Ahn… esse é o tamanho certo para você?

– É 38? – pergunto. Posso sentir a loja tremer com a raiva dele.

– É, mas recomendo que você prove, já que não aceitamos devoluções. – ela aconselha.

Bem, eu ia correr o risco de o vestido não servir, mas, com esse preço, é melhor não. Ela me indica um provador e pendura o vestido em um gancho para mim.

– Por favor, chame se precisar de ajuda – ela sorri, puxando a cortina de veludo e me deixando a sós com o vestido.

Estou sendo tão patética quanto Jesse agindo assim, eu o estou provocando de propósito. Estamos falando do homem que me fez dormir com uma blusa de frio no meio da primavera porque havia outro homem na casa. Isso é mesmo necessário? Decido que sim – ele não pode se comportar assim.

Entro no vestido com dificuldade, fazendo esforço para fechar o zíper na costura sob o peito. Não vou desistir. Se conseguir atravessar essa costura, tudo vai ficar bem. Aliso a frente do vestido. Está ótimo.

Abrindo a cortina, dou um passo para trás e dou uma bela olhada no espelho que vai do chão ao teto, sorrindo quando vejo o todo.

– Jesus, Maria e José!

Dou um giro e encontro Jesse agarrando os cabelos e andando de um lado para o outro. Ele para, olha para mim, abre e fecha a boca e então volta a andar a passos largos. Estou me divertindo.

Ele para de novo e me encara, de olhos arregalados e parecendo traumatizado.

– Você não… você… você não pode… Ava… *querida*… ah, não posso nem olhar para você! – ele sai de perto, ajeitando a calça na região da braguilha, resmungando alguma besteira sobre mulheres insuportáveis e ataques cardíacos. E então fico sozinha com o vestido de novo.

A vendedora se aproxima de mim com cautela.

– O vestido ficou incrível – ela diz em voz baixa, olhando para trás para ver onde está Jesse.

– Obrigada. Vou levar.

Assim que eu deixo o provador, Jesse está admirando um par de sapatos de salto muito alto. A expressão de espanto em seu lindo rosto me faz derreter um pouco, mas logo ele me vê, devolve o sapato e fecha o rosto para mim. É nessa hora que lembro que estou brava com ele. Pego a carteira na bolsa e tiro meu cartão de crédito, pensando com pesar que estou pagando quinhentas libras por um vestido. É uma extravagância, mas eu o estou desafiando.

A moça começa a embalar a compra em uma quantidade enorme de papel de seda. Tenho vontade de dizer a ela para colocar o vestido logo em uma sacola e pronto, antes que Jesse venha até aqui e o rasgue inteiro, mas temo que a pobre perca o emprego se fizer algo tão banal, então aguardo calada e paciente, enquanto ela faz o que tem que fazer.

Depois de um bom tempo embrulhando, dobrando, embalando e passando meu cartão de crédito, a vendedora me entrega a sacola.

– Espero que goste, senhora. Realmente ficou muito bonito em você – ela dirige um olhar cauteloso a Jesse.

– Obrigada – sorrio. E agora, como sair da loja? Eu me viro e vejo que ele ocupa o espaço todo da porta, ainda enfurecido e pensativo. Caminho com uma determinação que na verdade não sinto e paro diante dele. Estou morrendo de medo, mas não vou deixá-lo perceber.

– Com licença.

Ele olha para mim e depois para a sacola.

– Você acaba de desperdiçar centenas de libras. Você não vai usar esse vestido – ele diz, enfaticamente.

– Com licença, por favor. – Coloco mais intenção ao *por favor*, e seus lábios formam novamente uma linha fina quando ele dá um passo para o lado, abrindo espaço para eu passar.

Saindo para a rua, vou para o escritório. Apenas quarenta minutos se passaram, mas não vou passar o resto da minha hora de almoço discutindo demonstrações públicas de afeto e minhas escolhas com relação a roupas. Hoje o dia começou tão bem… quando eu estava sendo obediente.

Sinto seu hálito quente na minha nuca.

– Zero.

Dou um grito quando sou arrastada para um beco e empurrada contra a parede. Os lábios dele se chocam contra os meus, e seu quadril aperta meu ventre, a evidência de

sua ereção por baixo do zíper de sua calça jeans. Ele está excitado porque está bravo por causa de um vestido? Tento resistir à invasão de sua língua… pelo menos um pouco.

Droga, não adianta! Sou instantaneamente consumida por ele e preciso dele sobre mim. Eu o enlaço pelo pescoço, aceitando seus carinhos com prazer, absorvendo sua intrusão e duelando contra sua língua.

– Não vou deixar você usar esse vestido – ele geme na minha boca.

– Você não pode dizer o que eu posso e não posso vestir.

– Tente me impedir – ele me desafia.

– É só um vestido.

– Em você, não é *só* um vestido, Ava. Você não vai usá-lo. – Ele investe com o quadril no meu ventre, em uma clara demonstração do que o vestido causa nele, e sei que ele está pensando que outros homens podem ter a mesma reação.

Louco.

Solto a respiração, cansada. Comprar o vestido foi uma coisa. Vesti-lo e sair para uma noitada em um pub é um desafio completamente diferente. Tenho vinte e seis anos, e ele mesmo disse que possuo pernas lindas. Decido que isso não vai me levar a nada. Não no momento, de qualquer jeito. Entretanto, pretendo discutir a fundo a ilusão que ele tem de que pode controlar meu guarda-roupa. Na verdade, precisamos discutir o fim de sua irracionalidade – mas não agora. Só tenho mais vinte minutos de hora de almoço e imagino que essa conversa vá levar um tempo consideravelmente maior.

– Obrigada pelo éclair – digo, enquanto ele beija cada centímetro do meu rosto.

– De nada. Você comeu?

– Sim, estava delicioso. – Beijo o canto de sua boca, passando o rosto pela barba por fazer. Um gemido grave escapa de seus lábios, e faço o mesmo em sua orelha, acariciando o pescoço e inalando seu perfume de água fresca. Quero me afogar nele. – Fui aconselhada a não passar mais tempo algum com você até que pague sua conta – eu me agarro a ele, apertando um pouco mais forte quando ele morde o lóbulo da minha orelha.

– Passo por cima de quem tentar me impedir.

Não tenho dúvida de que passaria mesmo. Este homem é mais louco que a própria loucura.

– Por que você é tão irracional?

Jesse se afasta e olha para mim, a surpresa da minha pergunta evidente em seu rosto impressionantemente bonito.

– Posso fazer a mesma pergunta?

Estou boquiaberta. Eu? Este homem é louco. Sua lista de pequenos delitos é infindável. Balanço a cabeça, contrariada.

– Preciso voltar para o trabalho.

Ele suspira.

– Eu acompanho.

– Só até a metade do caminho. Não posso ser vista entretendo clientes na hora do almoço sem que Patrick saiba, especialmente um que está em débito – resmungo. Pague sua conta!

Ele revira os olhos.

– Deus não permita que Patrick descubra que você está sendo comida por um cliente inadimplente. – Um sorrisinho torce os cantos de sua boca, enquanto fico chocada com esse resumo grosseiro do nosso relacionamento. É a segunda vez que ele faz isso.

Caminhamos em direção ao meu escritório, e o silêncio é desconfortável – pelo menos para mim. É assim que ele me vê? Como um brinquedinho que ele come e controla? Encolho por dentro e contemplo a agonia em que estou me enfiando. Dói só de pensar na possibilidade de me magoar.

Sinto sua mão roçar na minha e imediatamente a afasto dele, que rosna baixo e tenta novamente. Não falo nada, mas recolho a mão… outra vez. Estou de mau humor e quero que ele perceba. Quando acho que entendeu a mensagem, ele pega a minha mão de novo e segura com força, a ponto de me machucar. É o que eu devia ter esperado. Estou começando a ler esse homem como um livro. Flexiono os dedos, olhando para cima a tempo de ver sua carranca se acalmar quando desisto de lutar e o deixo ficar de mãos dadas comigo. Deixo? Como se eu tivesse opção.

Assim que nos aproximamos do meu escritório, ele para e gentilmente me encosta na parede com o corpo. Ele baixa o rosto para o meu, seu hálito quente e mentolado aquece minhas bochechas.

– Por que está brava?

– Por nada – digo baixinho.

Ele levanta a mão e agarra meu punho, antes que eu pegue uma mecha de cabelo.

– Diga a verdade.

Como ele percebeu esse meu vício tão rápido?

– Responda, Ava.

Não respondo. Mantenho a boca fechada e os olhos baixos.

– Isso tudo é por causa de um vestido? Porque é melhor você se acostumar. Somente para os meus olhos, Ava.

Essa hora de almoço foi excelente para me abrir os olhos. Ele quer total controle sobre mim, e não tenho direito a ter opinião – nenhuma. É isso que quero? Minha cabeça é um turbilhão de sentimentos antagônicos e dúvidas. Por que eu tinha que me apaixonar por um controlador, tão irracional e difícil?

Eu me afasto da parede com um esforço determinado.

– Por que você se importa? Afinal, só está me comendo. – Não espero resposta. Deixo-o na calçada e volto para o escritório o mais rápido que minhas pernas trêmulas permitem.

Passando pela porta de entrada, me deparo com os rostos curiosos de Tom e Victoria. Devo estar tão horrorosa quanto me sinto. Espero que não comecem a fazer perguntas sobre o sr. Ward, ou sobre qualquer outra coisa, na verdade. Penso que posso me partir em pedaços. Balanço a cabeça para os dois e vou direto para a minha mesa.

Sally sai da cozinha com uma bandeja cheia de xícaras de café.

– Ava, não sabia que você tinha voltado. Quer café?

Tenho vontade de perguntar se ela guarda vinho na cozinha, mas me seguro.

– Não, obrigada, Sal – murmuro.

Concentro toda a minha atenção na tela do meu computador, tentando ignorar a profunda dor que sinto. Jesse tem sérios problemas com controle – ou poder, como ele gosta de chamar, mas, estupidamente ou não, estou pronta para aceitar isso se eu o tiver – ele todo e não apenas seu corpo. Estou viciada em cada um dos seus elementos de loucura. E isso me irrita na mesma medida em que é inquietante.

Meu celular toca, e agradeço pela distração do estado de agitação. É o sr. Van Der Haus.

– Alô.

Seu ligeiro sotaque dinamarquês se faz soar ao telefone.

– Olá, Ava. O que achou do The Life Building? Ingrid me disse que a reunião entre vocês foi muito bem. Espero que essa sua linda cabeça esteja fervilhando de ideias. Mal posso esperar para vê-la quando retornar ao Reino Unido.

– Sim, e recebi seu e-mail também. Tenho alguns esboços prontos para mostrar. – Já praticamente terminei a paleta de cores e os croquis. As ideias surgiram de repente – em um momento em que meu cérebro não era consumido por outro cliente.

– Excelente! Devo estar de volta a Londres na próxima sexta-feira. Podemos nos encontrar?

– Sim, claro. Algum dia em particular?

– Vou pedir para Ingrid entrar em contato com você. Ela cuida da minha agenda.

– Está bem, sr. Van Der Haus.

Ele faz um som com a boca.

– Ava, por favor. É Mikael. Até logo.

– Até logo, Mikael – desligo e pego meus croquis do The Life Building, espalhando-os por minha mesa. Ouço a porta do escritório se abrir, mas não dou muita importância e não olho. Estou cheia de ideias novas. É uma distração bem-vinda e necessária.

– Ava – Tom chama. – É alguém para *você*!

Olho para cima e quase caio da cadeira ao ver Jesse de pé na entrada do escritório, com uma expressão ousada. Ah, meu Deus, o que ele está fazendo?

Ele caminha confiante até minha mesa – parecendo um deus de jeans desbotado, camiseta branca e cabelos despenteados. Noto Tom e Victoria batendo com os lápis na mesa casualmente e acompanhado os passos dele. Até Sally parou no meio de um fax, parecendo confusa. Ele para diante da minha mesa, um sorriso malicioso tentando se formar em seu rosto.

– Srta. O'Shea – ele diz, calmamente.

– Sr. Ward – cumprimento, hesitante. Olho em volta e vejo três pares de olhos virando para mim em intervalos regulares.

– Não vai perguntar se quero me sentar?

Eu volto os olhos rapidamente para ele.

– Por favor – indico uma das poltronas do outro lado da minha mesa, e ele senta-se devagar.

– O que está fazendo? – sussurro, me inclinando sobre a mesa.

Ele dá mais um de seus sorrisos convencidos, daqueles capazes de derreter.

– Estou aqui para pagar uma fatura, srta. O'Shea.

Encosto na cadeira.

– Sally? – chamo. – Pode cuidar do sr. Ward, por favor? Ele quer acertar sua conta em aberto. – Observo Jesse mudar de posição na poltrona, me lançando um olhar de reprimenda. Não estou sendo petulante. Não é meu trabalho receber pagamentos, eu nem saberia por onde começar.

– Claro – Sally responde. Percebo o momento em que a ficha cai. Sim! É o mesmo homem que gritou com você ao telefone, invadiu o escritório e depois mandou flores. Olho para ela como quem diz "não pergunte, apenas faça", indicando que corra até o arquivo.

– Sally vai cuidar do senhor, sr. Ward – sorrio polidamente.

As sobrancelhas de Jesse batem no teto, a ruga de expressão assumindo seu posto.

– Só você – ele fala bem baixo, apenas para os meus ouvidos.

Os familiares passos pesados de Patrick se fazem ouvir e quase me fazem quebrar meu lápis. O dia só melhora a cada minuto.

– Ava?

Olhando nervosamente para a frente, vejo meu chefe parado ao lado de minha mesa, me olhando com expectativa, então aponto para Jesse com o lápis.

– Patrick, esse é o sr. Ward. Ele é o proprietário do Solar. Sr. Ward, conheça meu chefe, Patrick Peterson – dirijo um olhar de súplica a Jesse.

– Ah, sr. Ward, nós nos conhecemos – Patrick estende a mão.

– Fomos apresentados no Lusso – Jesse diz e aperta a mão de Patrick.

Vejo os cifrões brilharem nos olhos azuis e encantados de Patrick.

– Sim, o senhor comprou a cobertura – ele cantarola, e Jesse simplesmente confirma com um aceno de cabeça. Noto que Patrick não está mais tão preocupado com a conta em aberto. Sally se aproxima com uma cópia da fatura e dá um pulo de susto quando Patrick a arranca de sua mão pálida e delicada.

– Ofereceu uma bebida ao sr. Ward? – ele pergunta a Sally, que está boquiaberta.

– Estou bem, obrigado. Só vim mesmo para acertar minhas contas – a voz rouca de Jesse ecoa em mim, que estou presa na cadeira como se tivesse velcro, assistindo ao educado bate-papo que se desenrola diante de mim.

Como ele pode estar tão calmo e seguro? Estou tensa da cabeça aos pés, girando o lápis nervosamente na mão e mantendo a boca fechada. Meu desconforto deve ser óbvio, mas Patrick parece não ter percebido.

Patrick dispensa Sally.

– Você não precisava ter corrido tanto só para isso – ele estala a fatura no ar.

Faço um ruído de deboche, com uma tosse para disfarçar minha reação à descontração de Patrick em relação ao pagamento que o fez bufar poucas horas atrás.

– Eu estive fora. Minha equipe deve ter deixado passar – Jesse explica. Solto o ar agradecida.

– Eu sabia que havia uma explicação perfeitamente lógica. Foi a negócios ou prazer? – Patrick soa interessado de verdade. Mas sei da verdade. Ele está calculando quanto dinheiro vai ser capaz de arrancar de Jesse. Ele é um homem muito gentil, mas é um louco quando se trata de lucro.

Jesse pousa os olhos em mim.

– Ah, prazer, definitivamente.

Eu me encolho mais na minha cadeira giratória, sentindo meu rosto passar por mil tons de vermelho. Não consigo olhá-lo nos olhos. O que está tentando fazer comigo?

– Eu gostaria de marcar algumas reuniões com a srta. O'Shea enquanto estou aqui. Precisamos acelerar o processo.

Ha! Fico a ponto de lembrar que ele não precisa marcar reuniões para transar comigo. Mas, se fizesse isso, suspeito que primeiro seria despedida e depois ganharia uma transa de lembrete que superaria todas as outras. Então fico de boca firmemente calada.

– Com certeza – diz Patrick. – Está pensando em uma designer ou uma consultoria em design e coordenação de projeto?

Reviro os olhos, pois já conheço a resposta para essa pergunta. Assim que termino de expressar meu gesto exasperado, levanto os olhos para Jesse e o flagro olhando para mim, claramente lutando para manter uma expressão séria.

– O pacote completo – Jesse responde.

– Excelente! – Patrick bate palmas. – Vou deixá-lo com Ava. Ela vai cuidar muito bem de você – Patrick estende a mão, e Jesse o cumprimenta, com os olhos em mim.

– Sei que vai – ele sorri, voltando aquelas piscinas verdes para Patrick. – Se puder me passar os dados bancários da empresa, posso providenciar uma transferência imediatamente. Farei também o pagamento adiantado do próximo estágio. Isso impedirá futuros atrasos.

– Direi a Sally para anotá-los para o senhor. – Patrick nos deixa a sós, mas não relaxo.

Jesse retoma seu lugar à minha frente, seu rosto irritantemente bonito demonstrando extremo prazer diante do meu nervosismo. O pacote completo? Definitivamente prazer? Eu deveria bater na cabeça dele com meu peso de papel!

Fazendo um esforço para sair do meu estupor, retiro os esboços que cobrem minha mesa e pego minha agenda.

– Quando está livre? – sei que pareço pouco profissional e fria, mas não me importo. Ele já está levando essa história de poder longe demais.

– Quando você está?

Olho para a frente e encontro olhos verdes satisfeitos me encarando. E me inclino na direção dele.

– Não estou falando com você – disparo, de maneira imatura.

– Que tal gritar para mim?

Meus olhos se arregalam em choque.

– Também não.

– Isso pode ser um obstáculo para os negócios – ele faz bico, os cantos dos lábios querendo se abrir em um sorriso.

– São negócios, sr. Ward, ou prazer?

– Prazer, sempre – ele responde, sensual.

– Você percebe que está me pagando para fazer sexo com você – sussurro, ríspida. –

Isso, na verdade, me torna uma prostituta!

Vejo um lampejo de raiva passar por seu rosto, e ele se inclina em seu assento.

– Cale a boca, Ava – ele me adverte. – E, só para você saber, vai gritar mais tarde. – Ele se recosta – Quando fizermos as pazes.

Respiro fundo. Seria melhor em todos os sentidos se eu simplesmente abandonasse esse trabalho agora. Patrick vai cair duro, mas de qualquer forma, estou completamente exausta. Estou perdendo o controle. Perdendo? Dou risada sozinha. Em algum momento eu estive no controle, desde que esse homem maravilhoso atropelou minha vida?

– Achou alguma coisa engraçada? – ele pergunta, sério.

Viro as páginas de minha agenda com força exagerada.

– Sim, a minha vida – murmuro, pegando meu lápis. – Quando devo encaixá-lo?

– Não quero ser encaixado a lápis na sua agenda. Lápis pode ser apagado. – Seu tom é calmo e confiante e, quando vejo, há um pincel atômico preto sendo agitado bem debaixo do meu nariz. – Todos os dias – ele afirma, com calma.

– Todos os dias? Não seja idiota! – disparo, um pouco alto demais.

Ele me oferece aquele sorriso malvado, enquanto tira a tampa da grossa caneta e pega minha agenda, fazendo questão de passar os dedos nos meus. Estremeço, e ele me olha como quem sabe perfeitamente a reação que provoca. Abrindo na página de amanhã, ele lentamente traça uma linha bem no meio e escreve “Sr. Ward” ao longo da página em grandes letras pretas. Depois deixa passar o fim de semana:

– Aqui você é minha de qualquer jeito – ele diz para si mesmo.

Faço uma careta, mas não ouso dizer nada, mais por conta do lugar onde estamos, mas também porque ele não liga. Ele chega à página de segunda-feira e encontra minha visita à sra. Kent, às dez horas. Localizando uma borracha no meu organizador, ele lentamente apaga a nota e fixa os olhos em mim quando sopra os resíduos do papel. Está gostando disso, enquanto encosto na cadeira e o assisto destruir minha agenda de trabalho, ao mesmo tempo que tenta se mostrar sério. Fico com medo de que esteja mesmo falando sério.

Ele desenha uma linha na página de segunda-feira também. O que ele está fazendo? Olho em volta e percebo que meus colegas se cansaram do show de Jesse e Ava e estão mergulhados no trabalho.

– O que está fazendo? – pergunto calmamente.

Ele faz uma pausa e olha para mim.

– Estou marcando minhas visitas.

– Não basta controlar o aspecto social da minha vida? – estou surpresa com meu tom calmo. Sinto que estou sendo atropelada. Esse homem tem uma confiança inigualável. – Achei que você não marcasse horário para me comer.

– Olhe a boca – ele ralha comigo. – Já falei, Ava. Vou fazer o que for preciso.

– Para quê? – minha voz é um fio.

– Para manter você comigo.

Ele quer me manter? Para quê? Para me comer? Não pergunto isso, no entanto.

– E se eu não quiser ser mantida? – pergunto.

– Mas você quer. Por mim. É por isso que acho tão difícil entender por que você vive

me afastando. – Ele volta a atenção para a minha agenda e continua a riscar todas as páginas até o fim do ano.

Quando chega ao final, fecha a agenda com força e se levanta. Sua autoconfiança não tem limites. E como ele sabe que quero ser mantida por ele? Talvez eu não saiba. Meu Deus, estou tentando mentir para mim mesma agora. Vou ter que comprar uma nova agenda. Aplaudo a mim mesma por manter um backup das visitas no calendário do e-mail, uma medida preventiva para o caso de perder minha agenda, não porque um controlador desmedido poderia apagar tudo.

– A que horas você sai do trabalho?

– Umas seis. – Não acredito que respondi sem um segundo de hesitação.

– Umas... – ele imita, estendendo a mão sobre minha mesa. Ele quer que eu me despeça com um aperto de mãos? Estendo a minha, mentalmente ordenando que não trema, e a encaixo na dele. O já conhecido raio percorre os dois quando nossas mãos se tocam, seus dedos acariciam meu punho e depois a palma da minha mão.

Meus olhos pulam para os dele.

– Viu? – ele sussurra, antes de retirar a mão e sair do escritório, pegando, no caminho, o envelope que Sally lhe oferece.

Eu desabo na cadeira, meu coração convulsionando no meu peito. Estou suando desconfortavelmente e fico ali, sentada à minha mesa, abanando sem parar meu rosto em chamas com o pires do café. Como ele faz essas coisas comigo? Tom arregala totalmente os olhos para mim, e bufo com força, na tentativa de regular as batidas do meu coração. Ele quer me manter? O quê? Para me controlar, me manter para me amar ou me manter para me comer até perder os sentidos? Acho que meus sentidos ele já comeu, porque eu continuo pedindo mais.

Começo a organizar meus esboços do The Life Building antes de abrir o calendário do e-mail, para então transferir meus horários de volta para a agenda.

Eu estou mesmo ferrada. Mas ele está certo... Quero ser cuidada por ele. Estou completamente viciada.

Eu preciso dele.

Capítulo 23

Sou a última a sair do escritório. Ligo o alarme, tranco a porta e levo um susto quando ouço o ronco familiar de um motor possante. Viro e vejo Jesse parando a moto. Ele tira o capacete, desce e se aproxima de mim como se tivesse sido um dia perfeitamente normal.

– Teve um bom dia no trabalho?

Estou de queixo caído.

– Na verdade, não – respondo com a expressão fechada, meu tom pingando sarcasmo.

Ele me observa por um momento, mordendo o lábio inferior, a mente em ação. Espero que esteja pensando no quanto foi irracional.

– Posso ajudar a melhorar? – ele desliza a mão quente pelo meu braço até segurar a minha mão.

– Não sei. Pode?

– Acho que sim. Com certeza – ele sorri, e abaixo a cabeça. – Eu sempre posso tornar tudo melhor, lembre-se disso – ele acrescenta, confiante.

Levanto a cabeça tão rápido para olhar para ele, que chego a ficar zonza.

– Mas foi você quem o deixou uma merda para começar!

Ele faz um bico, deixando a cabeça pender para a frente. Acho que ele está com vergonha. Que bom. Ele deveria ficar mesmo.

– Não consigo evitar – ele dá de ombros, culpado.

– Claro que consegue!

– Não. Com você, não consigo – ele afirma, categórico, em um tom que sugere que entende perfeitamente. Eu, no entanto, jamais vou entender. – Venha aqui. – Ele me senta na moto e me presenteia com uma sacola grande de papel.

– O que é isso? – olho dentro da sacola.

– Você vai precisar. – Ele enfia a mão ali dentro e pega uma pilha de couro preto.

Ah, não!

– Jesse, não vou vestir isso.

Ele me ignora, desdobrando a calça e se ajoelhando diante de mim. Ele mantém a peça aberta para que eu a coloque com um passo. Dá uma batidinha em meu tornozelo.

– Vista.

– Não! – ele pode me comer até eu ver a luz ou começar a contagem regressiva quantas vezes quiser, isso não vai acontecer. De jeito nenhum. O inferno pode congelar. Ele me atrapalhou o dia todo e agora quer me matar nessa armadilha fatal?

Ele dá um suspiro cansado e fica de pé.

– Escute, Ava – ele pousa a mão no meu rosto. – Acha mesmo que eu deixaria algo ruim acontecer com você?

Encaro seus olhos doces e percebo que está claramente tentando me reconfortar. Não, não acho que ele deixaria qualquer coisa ruim acontecer comigo, mas e quanto aos outros motoristas? Eles não estão nem aí para mim na garupa dessa arma. Eu vou cair, sei disso.

– Essas coisas me dão medo.

Ele se inclina, encosta o nariz no meu, e seu hálito mentolado me acalma.

– Você confia em mim?

– Sim – respondo imediatamente. Confio minha vida a ele. Não confio é na minha sanidade perto dele.

Ele faz um gesto positivo com a cabeça, beija a ponta do meu nariz e se ajoelha novamente diante de mim. Retira minhas sapatilhas e me faz vestir a calça de couro, afivelando rapidamente. Depois disso, tira da sacola uma jaqueta grossa, também de couro, e me livra de minha bolsa, antes de me fazer vesti-la, seguida de um par de botas.

– Tire os grampos dos cabelos – ele ordena, colocando meus sapatos e o vestido tabu dentro da minha enorme bolsa de trabalho. Fico surpresa que ele não tenha jogado o vestido na rua e pisado em cima.

– Onde está a sua roupa de couro?

– Não preciso.

– Por quê? Você é indestrutível?

Ele segura o capacete logo acima da minha cabeça.

– Não, autodestrutivo.

– O que isso significa?

– Nada – ele despreza minha pergunta e coloca o capacete em mim, o que me faz calar a boca. Em seguida ajusta a tira do queixo, me deixando com a sensação de que estou vestindo uma camisinha na cabeça. Mexo o pescoço de um lado para o outro, e ele abre o visor.

– Você devia usar roupa de proteção – eu o repreendo. – Está me fazendo usar.

– Não estou preparado para correr riscos com você. E, de qualquer forma – ele me dá um tapinha na bunda –, você está muito gostosa. Ele aumenta o tamanho da alça da minha bolsa e a passa na diagonal pelo meu corpo, virando-a para trás. – Quando eu estiver montado, coloque o pé esquerdo no apoio e passe a perna direita para o outro lado, está bem?

Eu faço que sim e observo admirada ele vestir o capacete, passar a longa perna para o outro lado da moto, ligar o motor e segurá-la entre as coxas grossas. Ele me olha e faz o sinal para que eu suba. Dou um passo relutante à frente, ponho a mão em seu ombro e jogo a perna direita para o outro lado. Estou enganchada em sua cintura.

– Estou me sentindo muito alta.

Ele vira a cabeça.

– Você está ótima. Segure na minha cintura, mas não aperte muito. Quando eu me inclinar, faça o mesmo. E não apoie os pés no chão quando eu parar. Mantenha-os no apoio. Entendeu?

Faço que sim.
– Baixe o visor – ele ordena e faz o mesmo.
Eu obedeço e me inclino para a frente, abraçando-o por trás e apertando seu quadril com as coxas.
As vibrações do motor se espalham pelo meu corpo quando Jesse vira a moto com os pés. E então, devagar e com calma, ele sai. Meu coração bate pesado no peito, minhas coxas apertam seu quadril, mas ele está obviamente pegando leve comigo a bordo, e eu o amo um pouquinho mais por isso. Ele freia com cuidado, faz curvas com calma e, em pouco tempo, eu me pego imitando os movimentos da máquina. Quando saímos dos limites da cidade, não tenho ideia de para onde estamos indo, mas não me importo. Meus braços e minhas pernas envolvem meu homem forte e, com o ar passando rápido por mim, estou feliz. Até reconhecer a estrada que nos leva ao Solar. Minha alegria acaba na hora. Depois do dia que tive, seria perfeito terminá-lo com uma boa porção da velha de lábios carnudos. Tenho uma conversa motivacional comigo mesma, me dizendo para ser superior ao seu ciúme óbvio e sua amargura. Mas o que eu mais queria saber é por que ela age dessa maneira.
Os portões de ferro da entrada se abrem assim que Jesse sai da estrada principal, e ele segue pela trilha de pedras até o Solar, freando gentilmente até estarmos completamente parados. Ele levanta o visor.
– Você desce primeiro.
Levanto a perna e desço de modo bastante elegante, parando de pé nos pedregulhos ao lado da moto. Ele baixa o pé de apoio da moto e desliga o motor, antes de desmontar com facilidade. Ele tira o capacete, seus cabelos loiros despenteados, passa as mãos por eles e coloca o capacete no assento, antes de remover o meu.
A hesitação marca suas feições perfeitas quando meu rosto se revela. Está preocupado se gostei da experiência. Eu sorrio e me atiro nele, colocando as pernas em torno de sua cintura, e meus braços no pescoço.
Ele ri.
– Aí está o sorriso. Você gostou? – ele me segura com um braço só, deixando meu capacete ao lado do dele, e então me agarra com os dois braços.
Eu me afasto para colocar seu rosto no meu campo de visão.
– Eu quero uma.
– Esqueça! Nem ferrando. Nunca, de jeito nenhum – ele balança a cabeça, a expressão terrível. – Só comigo.
– Eu amei – aperto meus braços em volta de seu pescoço e o beijo. Ele geme em aprovação quando o incentivo a abrir a boca, surpreendendo-o com um beijo profundo, molhado e apaixonado. – Obrigada.
Ele morde meu lábio inferior de leve.
– Hmmmm, não tem mesmo de que, *baby*.
Minhas dúvidas já desapareceram. Seu jeito controlador e irracional é completamente minimizado quando ele age assim. É uma loucura.
– Por que estamos aqui? – pergunto. Não consigo evitar uma ponta de decepção que minha incrível viagem de moto tenha terminado no Solar.

– Tenho umas coisas para resolver. Você pode comer alguma coisa enquanto estivermos aqui. – Ele me põe no chão. – Depois vou levar você para casa. – Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto.

– Eu não trouxe nada. – Preciso passar em casa e pegar algumas coisas.

– Sam está aqui. Ele trouxe algumas coisas suas da casa de Kate. – Ele pega a minha mão, me conduzindo para dentro do Solar. Sam trouxe minhas coisas? Isso foi muito atrevido da parte dele. Ah, por favor, diga que foi Kate quem pegou minhas coisas! Fico vermelha só de pensar naquele sorriso safado de Sam enquanto mexe na minha gaveta de calcinhas.

Jesse me guia pelos degraus até o hall de entrada, quando passamos pelas portas. Está parecendo bem cheio esta noite, a julgar pelos sons de risos e conversa que vazam do restaurante e do bar, mas passamos por ambos, indo direto para o escritório de Jesse. Fico aliviada. Evitar certa fulana de língua ácida está no topo da minha lista de afazeres esta noite.

Ao passarmos a sala de verão, alguns grupos estão reunidos, relaxando nos sofás macios, com drinques na mão. Todas as conversas param assim que nos veem. Os homens levantam os copos, e as mulheres se sentam mais eretas, arrumam os cabelos e estampam sorrisos ridículos no rosto, que logo desaparecem quando batem os olhos em mim, vestida de couro de cima a baixo, sendo conduzida por Jesse.

– Boa noite – Jesse cumprimenta, e passamos rapidamente.

Um coro de cumprimentos invade meus ouvidos, todos os homens acenam e sorriem para mim, e todas as mulheres me olham com suspeita. Aposto que as acomodações luxuosas e o ambiente não são as únicas razões que atraem essas mulheres ao Solar.

– Jesse – ouço a voz grave de John mais adiante e tiro os olhos da horda de mulheres em fúria, vendo-o sair da sala de Jesse. Ele acena com a cabeça, e faço o mesmo.

– Algum problema? – Jesse pergunta, entrando comigo no escritório.

John nos segue e fecha a porta.

– Um pequeno incidente no salão aberto, já resolvido. – Sua voz é monocórdia. – Alguém ficou um pouco excitado demais.

Meu rosto se franze, olhando para Jesse. O que é um salão aberto? Vejo Jesse balançar a cabeça discretamente para John e depois me lançar um olhar cauteloso.

– Tudo bem. Estarei no centro de vigilância. – Ele se vira e sai.

– O que é um salão aberto? – Não consigo disfarçar o interesse. Nunca ouvi falar nisso.

Ele me puxa para si pela lapela da jaqueta, tira a minha bolsa e ataca minha boca de maneira possessiva, me distraindo completamente da pergunta.

– Adoro você vestida de couro. – Ele admira e começa a abrir o zíper, passando a jaqueta pelo meus braços lentamente, antes de jogá-la no sofá. – Mas *amo* você de renda. – Ele abre o zíper da calça de couro e acaricia meu nariz com o dele. – Sempre de renda.

Acompanho com o olhar suas mãos abrindo os fechos, a velocidade do meu pulso aumentando.

– Achei que tinha trabalho a fazer – sussurro.

Ele me pega nos braços, me leva até sua mesa e me senta na beirada. As botas são removidas e jogadas no sofá, e então ele se inclina e apoia as mãos nas bordas da mesa, para que nossos rostos se aproximem.

Seus olhos verdes brilham de desejo e me atravessam.

– Isso pode esperar.

Ele me agarra pela cintura e me deita sobre a mesa.

– Você me enlouquece, Ava – diz, desabotoando minha camisa branca, enquanto se posiciona entre minhas pernas.

– *Você* me enlouquece – digo em meio à respiração, arqueando as costas quando ele me toca entre os seios, com aquela mão quente.

Ele me dá um sorriso sensual.

– Então fomos feitos um para o outro. – Ele puxa para baixo os bojos do meu sutiã e faz círculos sobre os meus mamilos com os polegares, lançando centelhas de prazer pelo meu corpo todo.

Nossos olhos se conectam.

– Provavelmente – concordo. Eu quero de verdade ser feita para ele.

– Não existe "provavelmente". – Ele me abraça pela cintura e me puxa, pousando a boca no meu pescoço. Fazendo círculos com a língua, ele desenha o contorno da minha mandíbula, e enterro os dedos em seus cabelos macios e expiro satisfeita. Perfeito. Estamos fazendo as pazes.

A porta do escritório se abre e Jesse me abraça, de modo a me proteger e a me cobrir.

– Oh, desculpe.

– Porra, Sarah! Bata na porta! – ele berra. Tenho um momento de deleite secreto pelo tom que ele usou com ela. Posso estar seminua e esparramada na mesa, mas Jesse está fazendo um ótimo trabalho em me cobrir.

Ele não me solta, mas vira um pouco para lançar um olhar terrível para Sarah. Consigo vê-la à porta, usando um vestido vermelho para combinar com seus lábios, sua expressão azeda tão falsa quanto os óbvios implantes nos seios.

– Finalmente a vestiu de couro, então? – ela diz com um sorriso de escárnio, dando meia-volta e saindo da sala. A porta se fecha com um baque, e Jesse revira os olhos, frustrado. Acho que nunca detestei alguém tanto assim.

– O que ela quis dizer? – pergunto, me sentindo excluída da piada interna.

– Nada. Ignore. Ela está só tentando ser engraçada – ele resmunga. Seu humor mudou drasticamente.

Bem, não acho graça nenhuma, mas a resposta curta e abrupta me faz pensar duas vezes antes de insistir. Droga, quero que ele termine o que começou.

Ele me levanta da mesa, me deixa de pé e, depois de colocar os bojos do meu sutiã de volta no lugar, abotoa minha blusa e me ajuda a tirar a calça de couro. Eu devo estar toda amarrotada. Ele pega a minha bolsa do chão, põe as sapatilhas diante dos meus pés para que eu as calce, enquanto eu enfio a camisa dentro da calça, tentando parecer mais apresentável. Fico olhando Jesse sentar em sua imensa poltrona giratória de couro marrom. Ele está calado. Descansando os cotovelos nos braços da cadeira e levando os dedos à frente dos lábios, ele me estuda enquanto termino de me arrumar.

– O que foi? – pergunto. Ele parece perdido nos próprios pensamentos.

– Nada. Está com fome?

Dou de ombros.

– Mais ou menos.

Um sorriso surge nos cantos de sua boca.

– Mais ou menos – ele pensa. – O filé é bom. Que tal? – eu aceito. Sim, eu poderia comer um filé. Ele pega o telefone e digita alguns números. – Ava quer um filé – ele põe o fone no ombro. – Como quer o seu filé?

– Ao ponto, por favor.

Ele volta ao telefone.

– Ao ponto, com batatas e uma salada. – Ele olha para mim com as sobrancelhas levantadas. Concordo de novo. – No meu escritório… e traga vinho… Zinfandel. Só isso… sim… obrigado. – Ele encerra a conversa e digita outro número. – John… sim… Estou pronto quando você estiver. – Desliga, antes de atender outra ligação. – Sarah… certo, não se preocupe. Me traga os números de visitas mais recentes. – Ele desliga. – Sente – ordena, apontando para um sofá próximo à janela.

Estou incomodada, meu apetite, que já não era enorme, diminui consideravelmente. Droga, odeio vir aqui.

– Posso ir embora, se você estiver ocupado.

Ele fica sério, lançando um olhar questionador.

– Não. Sente.

Vou até o sofá e me acomodo no couro marrom e macio. Eu me sinto uma peça sobressalente, desconfortável e constrangida. Sem mais nada para fazer, tiro a agenda da bolsa e começo a fazer anotações sobre a extensão do Solar. Olho de vez em quando para o outro lado da sala e o flagro me observando, e todas as vezes sou recebida com um sorriso tranquilizador, mas que não faz nada para abrandar meu incômodo.

Depois de uns vinte minutos, ouço uma batida na porta, e Jesse autoriza quem quer que seja a entrar. Pete entra com uma bandeja e segue a ponta da caneta de Jesse, que aponta para mim.

– Obrigada, Pete. – Dou um sorriso, e Pete deixa a bandeja na minha frente e me entrega os talheres embrulhados em um guardanapo de tecido branco.

– É um prazer. Quer que eu abra o vinho?

– Não. – Balanço a cabeça. – Eu cuido disso.

Ele meneia a cabeça e sai da sala em silêncio.

Tiro a tampa da bandeja, e um cheiro delicioso invade minhas narinas, trazendo de volta meu apetite. Desembrulhando meus talheres, começo pela salada, que veio em um recipiente separado. É a salada mais colorida que já vi – pimentões, cebola roxa e uma dúzia de variedades de alface, todas temperadas com azeite. Eu poderia comer só isso. Está maravilhosa.

Cruzando as pernas, coloco a bandeja no colo e ataco o filé, gemendo de prazer, com o garfo na boca. O Solar faz uma comida muito boa.

– Bom?

Sinto o queixo de Jesse no meu ombro.

– Muito – murmuro de boca cheia. – Quer experimentar?

Ele faz que sim e abre a boca. Eu corto um pedaço do filé e ofereço para ele.

– Hmmm, muito bom – ele também fala enquanto mastiga.

– Mais? – pergunto. Seus olhos se arregalam em concordância, então corto outro pedaço e ofereço outra vez. Seus olhos se fixam nos meus enquanto fecha os lábios em torno do garfo e lentamente pega a porção de carne. Não consigo evitar o sorriso que se abre em meu rosto. Os olhos dele brilham de prazer, e ele luta para não deixar o próprio sorriso surgir enquanto mastiga. Jesse segura meu ombro e enterra o rosto na minha nuca, mordiscando de leve.

– O seu sabor é melhor.

Meu sorriso cresce enquanto ele se aproveita do meu pescoço, rosnando e me acariciando à vontade. Dou risada e levanto o ombro quando ele se apodera da minha orelha, seu hálito quente me dando um arrepio. Ele me induz a tantas reações extremas – extrema frustração, extremo desejo, extrema felicidade são apenas algumas.

– Coma – ele diz e beija minha têmpora com carinho, antes de massagear meus ombros com os polegares. – Você está tensa? Por que está tão tensa?

Deixo meu pescoço pender para os lados, em sinal de gratidão. Estou tensa porque estou aqui – é a única razão. Como pode uma mulher me deixar tão incomodada?

Alguém bate à porta da sala de Jesse.

– Sim? – ele continua trabalhando nos meus ombros quando Sarah entra. Falando no Diabo… A atmosfera congela no momento em que ela vê Jesse me fazendo massagem, suas feições significativamente alteradas. Eu noto, mas Jesse parece alheio ao subtexto gélido de sua presença. Fico ainda mais tensa e, de repente, quero as mãos de Jesse longe de mim.

– Os números que pediu – ela resmunga, agitando os papéis e indo casualmente até a mesa de Jesse, para deixá-los diante da cadeira. Ela vira para nós, me apunhalando com os olhos.

– Obrigado, Sarah. – Ele se inclina e me beija no rosto, respirando fundo antes de me soltar. – Tenho que trabalhar agora, *baby*. Termine seu jantar. – Vejo Sarah fazer uma careta, antes de repetir o mesmo sorriso fingido quando Jesse olha para ela. Ele enfia a mão no bolso da calça.

– Transfira cem mil para essa conta assim que possível – ele instrui, entregando um envelope.

– Cem mil – Sarah repete, olhando para o envelope.

– Sim, agora, por favor. – Ele a deixa olhando para o papel e se senta, ignorando a expressão boquiaberta. Ela me lança um olhar homicida. É quando percebo que se trata do envelope que Sally deu para ele.

Cem mil? Isso é muito! O que ele está pensando? Será que devo dizer alguma coisa? Olho para Sarah e a flagro me analisando, os lábios vermelhos apertados. Não a culpo. Jesus, ela já acha que estou com ele pelo dinheiro.

– Isso é tudo, Sarah – Jesse a dispensa, e ela se vira para sair, mas não antes de me olhar feio mais uma vez.

Ela encontra John à porta, que apenas faz um meneio de cabeça antes de dar um

passo para o lado para deixá-la passar, fechando a porta. Então, faz o mesmo gesto para mim, dou um sorriso e volto para minha refeição. Meu apetite desapareceu. Cem mil? Devolvo a bandeja ao lugar original, sobre a mesa, para me servir de vinho, mas noto que Pete trouxe apenas uma taça, então vou até o aparador, pego um copo e volto para o sofá. Quando ponho a taça na mesa de Jesse, John para de falar, e ambos olham para a taça e depois para mim.

Jesse a levanta e a devolve para mim.

– Estou bem. Obrigado, *querida* – ele sorri. – Estou dirigindo.

– Ah – pego a taça de volta. – Desculpe.

– Não se desculpe, beba. Eu pedi o vinho para você.

Retomo meu lugar no sofá e pego uma revista chamada *SuperBike*. É a única disponível, então vai ter que servir.

Não tenho ideia de quanto tempo se passa. Estou completamente perdida em detalhes de motores de quatro tempos, classificações de potência e o fato de que a data do Moto Show de Milão se aproxima, quando sinto mãos fortes envolvendo meu pescoço por trás. Deixo a cabeça pender para trás e vejo seu rosto de cabeça para baixo.

– Apresentei você a uma nova paixão, não foi? – ele se inclina e pousa os lábios na minha testa.

– Por que você não comprou a mais nova, a 1198?

Ele sorri.

– Eu comprei, mas prefiro a 1098.

– Ah… Quantas você tem?

– Doze.

– Doze? – digo, surpresa. – São todas superbikes?

Ele sorri de leve.

– Sim, Ava, são todas superbikes. Vamos, vou levar você para casa.

Coloco a revista de volta na mesa e levanto.

– Sabe, você devia usar roupas de proteção – insisto, casualmente.

– Sei que devia. – Ele pega a minha mão e me leva em direção à porta.

– Então por que não usa?

– Eu piloto motocicletas desde que… – ele para no meio da frase e olha para mim. – Há muitos anos.

– Você vai ter que revelar sua idade em algum momento.

Abro um sorriso largo e sou recompensada por um sorriso de Jesse, do mesmo tamanho.

– Talvez – ele diz, em voz baixa.

Seguimos pelo Solar, encontrando Sam e Drew no bar. Sam obviamente não está com Kate esta noite. Ele parece igual, assim como Drew, com seu terno preto e os cabelos pretos penteadíssimos.

– E aí, cara? – Sam cumprimenta. – Ava, adorei a calcinha escrito *Mocinha* – ele me entrega uma bolsa de ginástica familiar.

Morro de vergonha mil vezes, sentindo o rosto arder, e então olho para Jesse, que transpira raiva por cada poro.

– Não force a barra, Sam – ele adverte, seu tom muito sério. O sorriso de Sam murcha, e ele leva as mãos ao alto, em um gesto de entrega. Drew solta a respiração, balançando a cabeça e pondo a garrafa de cerveja sobre o balcão.

– Existe um limite, Sam – ele diz, concordando com a reação de Jesse ao comentário impróprio de Sam.

– Ei, desculpe – Sam resmunga, olhando para mim e tentando não deixar um sorriso brotar.

Passeio os olhos pelo bar cheio, vendo várias pessoas circulando, todas conversando, muitas acenando para Jesse, mas ninguém se aproxima. Sinto a mesma animosidade que senti na sala de verão por parte das mulheres. Será que Jesse sabe que tem tantas admiradoras? Sinto como se o tivesse roubado delas e agora tenho certeza de que o interesse dessas mulheres está apenas no Senhor do Solar e sua beleza devastadora.

– Vou levar Ava para casa – Jesse pega minha bolsa de ginástica de minha mão.

– Vai correr amanhã? – ele pergunta a Sam.

– Não, vou estar um pouco amarrado – ele sorri para mim.

Meu rubor se intensifica. Nunca vou me acostumar à sua ousadia e a seus comentários terríveis.

– Onde está Kate? – pergunto. Eu devia ligar para ela.

– Ela tinha algumas entregas para fazer. E estava empolgada porque ia levar a Margô Junior para um passeio de meninas. Fui trocado por uma Kombi rosa. – Ele bebe um gole de cerveja. – Mas vou para lá quando terminar aqui.

– Terminar o quê? – Drew pergunta, com a sobrancelha erguida.

– Vá se foder – Sam ataca.

Faço uma careta, e Jesse me afasta do bar.

– Até mais. Diga a Kate que Ava está comigo – ele pede a Sam, por cima do ombro. Aceno com a mão livre para os dois enquanto sou arrastada, e os dois levantam as garrafas em despedida, sorrindo.

Jesse me acompanha para fora do Solar até o Aston Martin, com bastante pressa. Ele abre a porta para que eu entre.

– Quero ir de moto – reclamo. Estou viciada.

– Nesse momento quero ver você de renda, não couro. Entre no carro. – Os olhos dele se tornam sombrios, lascivos e promissores. Quando isso aconteceu?

Entro no carro, aperto as coxas uma na outra e espero ele entrar. Ele voa pelo caminho de pedras até os portões, determinado. Olho para o belo perfil do homem sentado ao meu lado, dirigindo relaxado, seus olhos encontrando os meus antes de voltar a atenção para a estrada. Posso ver que está fazendo o possível para conter o riso.

– Cem mil libras é pagar demais por um serviço – digo calmamente.

– É?

– Você sabe que sim. – Lanço um olhar desafiador, enquanto ele insiste em não deixar que um sorriso surja naquele rosto adorável.

– Você se vende por muito pouco.

– Devo ser a prostituta mais cara da História – devolvo e vejo os lábios dele se

transformarem em uma linha fina.

– Ava, se você se referir a si mesma dessa maneira outra vez…

– Eu estava brincando.

– Está me vendo rir?

– Tenho outros clientes para atender – informo, bravamente. Ele não pode esperar que eu dedique todo o meu tempo de trabalho à sua nova ala ou a ele. Duvido muito que ele vá me deixar em paz, e Patrick vai achar muito suspeito se eu nunca estiver no escritório.

– Eu sei, mas sou um cliente especial. – Ele acaricia meu joelho, e acompanho o seu movimento, antes de encarar seu olhar sensual.

– Você é mesmo especial! – dou risada e ganho um apertão logo acima do osso do quadril.

Ele aumenta o volume, e a música do Elbow me faz relaxar no assento, enquanto olho o mundo passar por mim. Estou *mesmo* apaixonada por ele, em vez de *apenas* apaixonada por ele. Apesar do lapso no meio, hoje acabou sendo um bom dia.

Capítulo 24

Os portões do Lusso se abrem lentamente, e Jesse entra, estacionando o carro com uma manobra rápida e perfeita. Ele não perde tempo em abrir a porta do meu lado e me tirar do carro, me arrastando pelo *foyer*, em direção ao elevador.

– Boa noite, Clive – eu cumprimento enquanto sou puxada pela mão e enfiada no elevador que leva à cobertura. – Está com pressa?

– Sim – ele responde sem hesitar, apertando o código. As portas do elevador se fecham, e sou empurrada contra a parede de espelhos.

– Você me deve uma transa de desculpas – ele rosna, atacando minha boca.

– O que é uma transa de desculpas? – Já estou sem fôlego quando ele passa o joelho entre as minhas coxas, a boca colada à minha orelha. Eu poderia fazer uma lista do tamanho do meu braço com as desculpas que ele me deve. Não consigo pensar em nada pelo que eu tenha que me desculpar.

– Envolve a sua boca.

Estremeço, e ele se afasta de mim, me deixando como um grande saco de hormônios, ofegante e apoiada apenas pela segurança da parede atrás de mim.

Ele recua até se encostar na parede oposta do elevador, os olhos semicerrados me observando atentamente enquanto tira a camiseta e começa a abrir o zíper da calça. Meus lábios se abrem para permitir que mais ar chegue aos pulmões, e aguardo instruções. Estou tremendo, descontrolada. Ele é a perfeição encarnada, cada músculo em forma se move e se insinua, acompanhando seus movimentos.

Seu jeans está aberto, revelando os pelos e a ereção que salta em sua mão. Ele está sem cueca. Sem obstruções. Olhos nos seus olhos, mas ele está de cabeça baixa, observando a si mesmo.

Seguindo seus olhos, vejo-o se masturbar lentamente, a respiração falhando a cada movimento. Vê-lo dar prazer a si mesmo me excita e faz minha temperatura subir vertiginosamente. Meu Deus, ele deixa a perfeição para trás. Meus olhos correm por seu corpo, e concluo que é a imagem mais erótica que já vi. Os músculos de seu estômago estão tensos, os olhos quase fechados e cheios de desejo, e aqueles lábios carnudos estão entreabertos e úmidos.

Ele me encara do outro lado do elevador.

– Venha aqui – sua voz está rouca, os olhos, famintos. Caminho sem pressa até ele. – De joelhos.

Tento acalmar a respiração e me ajoelho devagar, deslizando as mãos pelas suas coxas, mantendo o olhar fixo no dele durante o processo. Ele me olha de cima, ainda

estimulando a própria ereção. Estou paralisada com a visão deste homem divino pairando sobre mim, estimulando a si mesmo.

Ele usa a mão livre para acariciar meu rosto. Está ofegando e inspira rápido pelos lábios entreabertos. E então dá uma batidinha de leve com o dedo do meio na minha bochecha.

– Abra.

Eu obedeço ao comando e levo as mãos para a parte de trás de suas coxas, ao mesmo tempo que ele roça a mão pelo meu rosto, em um gesto de aprovação, e se posiciona diante dos meus lábios.

– Você vai chupar tudo, e vou gozar na sua boca. – Ele passa a glande úmida pelos meus lábios, e minha língua se insinua para sorver a gota de pré-gozo que brota. – Você vai engolir.

Meu ventre se contorce, minha respiração para na garganta, e ele se afasta um pouco antes de mergulhar devagar na minha boca. Eu o vejo cerrar os olhos e os dentes tão forte que poderia estourar uma veia na têmpora. Em meu estado contido, firmo a posição das mãos logo abaixo do seu traseiro e o puxo para a frente.

– Porra! – ele suspira, a mão ainda segurando a base do pênis, impedindo que eu o receba todo na boca. Ele põe a mão livre na parte de trás de minha cabeça e fica parado por um momento, apenas respirando. Posso sentir a pressão que aplica no próprio membro, sem dúvida para atrasar o orgasmo.

Depois de um tempo ele se recompõe e consegue tirar a mão de si mesmo e a colocar junto da outra. Observo-o respirar fundo algumas vezes. Está se concentrando. Preciso fazer o meu melhor, então.

Eu afasto a boca um pouco e passo uma das mãos pela sua coxa e entre as suas pernas, para acariciar seus testículos, me deliciando quando suas mãos puxam meus cabelos, e ele geme alto para o teto, o quadril tremendo. Está lutando para manter o controle.

Isso me deixa mais ousada e, então, muito de leve, deixo a ponta do meu dedo correr por seu saco e assisto aos músculos de seu pescoço se retesar a ponto de quase romper. Estou adorando isso. Ele está indefeso, vulnerável, e eu, em total controle. Apesar das ordens agora há pouco, “ajoelhe-se” e “abra”, ele está à minha mercê. É uma bela mudança, e quero dar prazer a ele.

Tenho alguma ciência de que as portas do elevador já se abriram, mas eu as ignoro, concentrada no que estou fazendo. Movendo minha mão para a base, eu o seguro firmemente e passo a língua pela glande e a beijo com carinho. Olho para cima, e ele baixa os olhos, que buscam os meus. Quando os encontra, começa a fazer círculos com os dedos nos meus cabelos enquanto eu o lambo da base à glande, dando especial atenção à parte de baixo e sentindo um imenso prazer em vê-lo se contorcer e respirar com dificuldade.

Recusando-se a fechar os olhos e determinado a ver o que estou fazendo, ele me vê traçar uma linha com a ponta da língua por toda a sua extensão, até passá-la pela fenda, quando chego à cabeça. Ele me oferece um sorriso safado, mas eu o arranco de seu rosto, juntamente com seu fôlego, ao levar a mão de novo para a parte de trás das

coxas e puxá-lo com força contra mim, engolindo-o inteiro.

– Ah, meu Deus, Ava! – ele grita.

Posso senti-lo no fundo da garganta, e é necessário todo o meu esforço para não engasgar com a invasão. Ele é tão grosso. Começo a me afastar, mas ele tira o *meu* fôlego ao me penetrar novamente. Seus dedos agarram meus cabelos, e ele se afasta aos poucos e me penetra mais uma vez, deixando escapar um gemido de puro prazer. Qualquer ilusão que eu tinha de estar no controle é totalmente esquecida. Ele sabe o que quer e como quer. E detém o poder mais uma vez.

– Você tem uma boca incrível, Ava – ele investe de novo, me prendendo com suas mãos fortes, mas acariciando meus cabelos com gentileza, ao mesmo tempo. – Eu queria foder sua boca desde que a conheci.

Não sei se devo ficar ofendida ou encantada com essa confissão, então, em vez de me ater a isso, deixo meus dentes passarem bem de leve pela pele, enquanto retiro-o da boca.

– Jesus, Ava, engula bem fundo – ele grita, se enterrando em mim outra vez. – Relaxe a mandíbula.

Fecho os olhos e absorvo o ataque dele à minha boca. Se não fosse extremamente erótico, teria sido bastante brutal. Ele é agressivo com os movimentos, mas doce com as mãos. Ele está em total controle.

Depois de mais algumas investidas inacreditáveis, sinto-o inchar e pulsar na minha boca. Ele está quase lá. Uma mão deixa a minha cabeça e segura a base do pênis, e ele retira parte do membro e começa a se masturbar com urgência. Lambo e chupo sua glande, e ele quase para de respirar.

– Na sua boca, Ava – ele urra, e eu me posiciono, fechando os lábios em torno de sua ereção com a mão sobre a dele. Em segundos ele jorra seu sêmen quente e cremoso na minha boca. Engulo tudo sem deixá-lo escapar e olho para cima para vê-lo de cabeça jogada para trás, soltando um grito gutural de satisfação, o movimento do quadril diminuindo de intensidade para um ritmo mais preguiçoso, enquanto volta de seu clímax, e acalmo sua tensão com minhas lambidas e chupadas. Minha dívida está paga.

Seu peito sobe e desce, e ele me olha com os olhos verdes sem foco e então se inclina e me puxa para si, chocando os lábios contra os meus, em um beijo de completa gratidão.

– Você é incrível. Eu vou guardar você comigo para sempre – ele diz, cobrindo meu rosto de beijos.

– Bom saber – devolvo, sarcástica.

– Não se faça de magoada comigo, *baby*. – Ele descansa a testa na minha. – Você me deixou na mão hoje de manhã – ele diz, baixinho.

Ah, estou pedindo desculpas por tê-lo deixado na mão. Isso faz muito sentido, mas como ele vai me pagar por todas as transgressões dele?

Levanto os braços e pouso as mãos em seu peito, acariciando seu peitoral bem torneado.

– Peço desculpas – murmuro, me inclinando para beijar seu mamilo.

– Você está usando renda. – Ele me abraça forte. – Eu amo você de renda. – Jesse me

levanta nos braços, e minhas pernas automaticamente enlaçam sua cintura, antes dele pegar minhas bolsas e sua camiseta e me carregar para fora do elevador.

– Por que renda?

– Não sei, mas sempre use renda. Chaves no bolso de trás.

Passo o braço por baixo do dele e aperto o bolso por fora, antes de tirar as chaves. Ele se vira ligeiramente para me dar acesso à porta, que é aberta e fechada em pouco tempo, antes que ele solte minhas bolsas e me carregue direto para cima. Eu poderia facilmente me acostumar a isso. Ele se movimenta comigo no colo como se eu não fosse mais que uma camiseta. Sinto-me leve e totalmente segura.

Ele me coloca de pé.

– Vou colocar você na cama agora – ele sussurra com carinho.

Meus ouvidos são invadidos por "Angel", do Massive Attack. Meu corpo fica rígido. Isso é música para fazer amor. Estou em chamas quando ele começa a me despir, os olhos verdes e doces nunca deixando os meus.

A diversidade deste homem me surpreende. Ele é o brutal e exigente senhor do sexo em um momento e um amante suave e gentil no momento seguinte. Eu amo todos os seus elementos, cada um deles. Bem, quase todos.

– Por que você tenta me controlar? – É o único aspecto com o qual ainda tenho dificuldade de lidar. Ele é mais que irracional.

Ele tira a minha camisa pelos ombros e braços.

– Não sei – ele diz, com o rosto fechado, a expressão perplexa me fazendo acreditar que não sabe mesmo, o que não me ajuda em nada a tentar entender por que age assim comigo. Ele me conhece há poucas semanas. É um comportamento insano. – Só acho que é o certo a se fazer – ele diz, como se isso explicasse tudo. Nem começa a explicar.

Ele baixa o zíper da minha calça e a desliza pelas minhas pernas, depois me levanta do chão para eu sair de dentro dela, me deixando apenas de lingerie. Afastando-se, ele dá uma bela olhada em mim enquanto tira os sapatos e a calça, chutando-os para os lados.

Ele já está ereto outra vez. Corro os olhos por toda aquela maravilha, terminando nas piscinas verdes. Ele é um projeto científico de perfeição – a obra-prima de Deus. Quero que ele seja só meu.

Jesse vem até mim e baixa os bojos do meu sutiã, um por vez, e roça as costas da mão nos meus mamilos, fazendo-os endurecer mais ainda. Minha respiração falha, e ele volta a me olhar nos olhos.

– Você me deixa louco – ele diz, o rosto sem expressão. Quero gritar com ele por ser tão insensível. Por ficar repetindo isso.

– Não, *você* me deixa louca. – Minha voz é um sussurro. Imploro mentalmente que ele tome consciência de que é um controlador desmedido. Não posso acreditar que esse seja o seu comportamento normal.

Seus lábios se curvam num sorriso, e seus olhos brilham. "Louco", ele dubla.

Meus pés deixam o chão, e ele me deita na cama, o corpo sobre o meu. Uma vez aprisionada, seus lábios possuem os meus com idolatria, cobrindo-os calmamente, sua língua varrendo minha boca sem pressa.

Meu Deus. Eu amo você. Eu poderia chorar nesse momento. Será que deveria dizer a ele como me sinto? Por que não posso simplesmente dizer as palavras? Depois de hoje e suas atitudes, qualquer um pensaria que eu deveria correr para longe o mais rápido possível. Eu não posso, simplesmente não consigo fazer isso.

Sinto minha calcinha sendo puxada pelas minhas pernas, e meus pensamentos se espalham quando ele senta de joelhos e me puxa para o colo dele, uma perna de cada lado de seu corpo. Ele enfia o braço entre nós para se posicionar na entrada de minha vagina.

– Incline-se para trás e se apoie nos braços – ele comanda, suave, sua voz áspera, os olhos intensos. Obedeço, e seu braço livre me sustenta pela cintura.

Ele me penetra lentamente e solta uma lufada de ar, os lábios entreabertos e úmidos. Dou um gemido de total e completo êxtase quando ele me preenche, meus braços fraquejam por um momento, o que me faz enlaçar sua cintura com mais força com as pernas. A sensação de tê-lo dentro de mim é tão boa… Eu poderia morrer feliz nesse momento. Sua outra mão também vai parar na minha cintura, mãos enormes que quase me tomam toda. Ele guia meu quadril em círculos sobre ele, além do lento movimento de vaivém. Jesse mantém nossos movimentos no ritmo da música. Meu Deus, como ele é bom. Dou um suspiro longo e cheio de ar, entregue às extraordinárias sensações que desperta ao me levantar, me trazer de volta e desenhar círculos com os meus quadris, acompanhando meus movimentos, totalmente em controle.

– Onde você esteve toda a minha vida, Ava? – ele geme quando nossos quadris se encontram.

Perco o fôlego ao ser mais uma vez levantada e abaixada com força, o início de um orgasmo altamente satisfatório se fazendo notar. Estou hipnotizada por ele – completamente arrebatada ao vê-lo arder de paixão e guiar meu corpo para o dele, os músculos do peito em ação. Isso é fazer amor, de forma lenta e meticulosa, o que não ajuda em nada na hora de considerar meus sentimentos por ele – nada mesmo. Sou tão viciada no Jesse gentil quanto sou no Jesse dominador.

A língua dele umedece o lábio inferior, e seus olhos piscam, a linha de expressão bem marcada em sua testa.

– Me prometa uma coisa. – Sua voz é terna, e ele gira o quadril e se esfrega mais uma vez em mim.

Dou um gemido alto. Ele está tirando vantagem de meu estado de transe para me levar a fazer promessas justo agora. Mas, pensando bem, foi mais uma ordem do que uma pergunta.

Eu o estudo, esperando o pedido.

– Fique comigo.

O quê? Esta noite? Para sempre? Discorra sobre o assunto, droga! Isso definitivamente não foi uma pergunta, foi uma ordem. Faço que sim com a cabeça quando sou empalada outra vez, e ele balbucia palavras incoerentes.

– Preciso ouvir as palavras, Ava – ele diz, circulando os quadris, penetrando no mais fundo do meu corpo.

– Meu Deus, sim, eu fico! – Solto a respiração pesadamente em resposta à tórrida

invasão, minha voz tremendo de prazer e emoção, ao mesmo tempo que a pulsação implacável no meu sexo assume o controle, e estremeço em suas mãos.

– Você vai gozar – ele ofega.

– Sim!

– Eu amo olhar para você assim. Segure-se, querida. Ainda não.

Meus braços estão quase se entregando, forçando-o a me segurar, nos colocando frente a frente. Eu dou um grito quando meu peito colide com o dele, e essa nova posição o faz me penetrar ainda mais fundo. Minhas mãos agarram suas costas.

Seus olhos buscam os meus.

– Você é tão linda que dói e é toda minha. Me beije.

Eu obedeço, segurando o lindo rosto dele com as duas mãos e colando os lábios nos dele, sorvendo seus gemidos e mergulhando a língua em sua boca.

– Jesse! – eu imploro. Estou quase lá.

– Controle-se, *baby*.

– Não consigo – digo, resfolegando na boca dele. Não tenho forças diante dessa invasão de mente e corpo. Prendo as coxas ainda mais em torno da cintura dele e me desfaço. Solto um grito e mordo com força o lábio inferior dele.

Ele também grita, fica de joelhos e então se inclina para trás e me penetra ainda mais fundo em seu próprio orgasmo, me apertando contra o peito e jorrando dentro de mim em uma última estocada poderosa. Dou mais um grito.

– Jesus, Ava! O que vou fazer com você?

Ele enterra o rosto no meu pescoço e continua movendo o quadril devagar, para a frente e para trás, drenando de mim cada miligrama de prazer. Estou zonza, minha cabeça gira loucamente, e sua respiração pesada no meu pescoço desce em direção ao meu peito. Todos os meus músculos internos o agarram, e ele ainda pulsa dentro de mim. Ele está tremendo – tremendo mesmo, de verdade.

Eu o abraço e o aperto contra mim.

– Você está tremendo. Murmuro as palavras em seu ombro.

– Você me faz tão feliz.

– Achei que deixasse você louco.

Ele se afasta e me olha nos olhos, sua testa brilhando de suor.

– Você me deixa louco de felicidade. – Ele beija meu nariz e afasta uma mecha de cabelo do meu rosto. – Também me deixa louco de raiva. – Ele lança um olhar acusador. Eu não sei por quê. É o seu próprio comportamento irracional e neurótico que o deixa louco de raiva, não eu.

– Prefiro quando você está louco de felicidade. Você me assusta quando fica louco de raiva.

Seus lábios tremem.

– Então pare de fazer coisas que me deixam louco de raiva.

Olho para ele boquiaberta, mas ele me beija antes que eu possa dizer qualquer coisa contra aquela acusação. O homem é um louco completo, acima de tudo.

Ele descansa nos tornozelos.

– Eu jamais magoaria você intencionalmente, Ava. – A incerteza é evidente em sua

voz. Ele afasta um fio de cabelo do meu rosto.

Tenho certeza disso, mas apenas no sentido físico. É o sentido emocional que me mata de medo. E o fato de que acrescentou o "intencionalmente" deveria ser motivo de preocupação.

Olho bem dentro das calmas poças verdes desse belo homem.

– Eu sei – suspiro, mas, na verdade, não sei. E isso me amedronta.

Ele se joga de costas na cama, me levando junto. Caio esparramada sobre seu peito e me movo ligeiramente para acariciá-lo, desenhando um oito várias vezes em seu estômago, pousando o dedo mais na cicatriz que em qualquer outro lugar.

Ela me fascina de maneira mórbida, e é outro mistério por trás deste homem. Com certeza não é uma cicatriz cirúrgica, nem uma perfuração ou corte. Parece muito mais sinistra que isso. A onda grossa e irregular dá a impressão de que alguém literalmente enfiou uma faca no seu ventre e a empurrou para o lado. Estremeço. Eu jamais pensaria que alguém poderia sobreviver a um ferimento assim. Ele deve ter perdido muito sangue.

– Você já esteve nas forças armadas? – pergunto baixinho. Isso seria uma explicação, e eu não teria perguntado diretamente.

Ele interrompe o carinho que me fazia nos cabelos, mas continua logo em seguida.

– Não – responde. Ele não pergunta por que eu pensaria isso. Sabe aonde quero chegar. – Pare, Ava – ele diz naquele tom, aquele que me faz encolher.

– Por que você desapareceu? – pergunto, apreensiva. Eu preciso saber o motivo.

– Eu disse. Estava em frangalhos, e você pediu um tempo.

– Por quê? – insisto. Sinto-o tenso embaixo de mim.

– Você desperta sentimentos em mim – ele responde com ternura.

– Que tipo de sentimentos?

– De todos os tipos, Ava. – Agora ele soa irritado.

– Isso é uma coisa ruim?

– É, quando você não sabe como lidar com eles. – Ele expira longamente, cansado, me fazendo parar as carícias. Ele não sabe como lidar com os próprios sentimentos, então tenta me controlar? Como isso vai ajudar em alguma coisa?

– Você acha que eu pertenço a você. – Volto a acariciá-lo, esperando que ele confirme.

– Não. Eu sei que você me pertence.

Estou delirantemente feliz.

– Quando foi que decidiu isso?

– Quando passei quatro dias tentando tirar você da cabeça.

– Não funcionou?

– Não. Fiquei mais louco ainda. Durma – ele ordena.

– O que você fez para tentar me tirar da cabeça?

– Não importa. Não funcionou, ponto-final. Durma.

Faço um bico, pensando que provavelmente já arranquei dele toda a informação que vou conseguir. Mais louco? Eu jamais quero conhecer aquele homem. Todo tipo de sentimentos? Eu acho que gosto disso.

Continuo desenhando com o dedo em seu peito, enquanto ele me acaricia os cabelos e beija minha cabeça de vez em quando. O silêncio é confortável, e meus olhos estão ficando pesados.

Eu me deito mais ainda sobre ele e descanso a perna sobre sua coxa.

– Me diga quantos anos tem – peço com a boca grudada no peito dele.

– Não – ele retruca, definitivo.

Faço uma careta sonolenta e contrariada. Nem consegui uma idade falsa dessa vez. Caio em um sono calmo e sonho com todo tipo de loucuras.

Capítulo 25

Acordo me sentindo exposta e com frio e sei imediatamente por quê. Eu me sento, sopro os cabelos do rosto e encontro Jesse na *chaise longue*, abaixado.

– O que está fazendo? – Minha garganta está áspera, a voz ainda adormecida.

Ele me olha e me encanta com seu sorriso, reservado apenas para as mulheres. Como ele pode estar com os olhos brilhantes e disposto?

– Vou sair para correr – ele volta a se inclinar e noto que está amarrando os tênis.

Quando ele termina e levanta aquele 1,92m de esbelta beleza, mais belo ainda de shorts preto e camiseta regata cinza mescla. Passo a língua pelos lábios e sorrio, admirando-o. Ele está com a barba por fazer. Eu poderia comê-lo.

– Também estou admirando a vista – ele diz, alegre, olhando os meus seios com a sobrancelha levantada e um meio sorriso naquele rosto impecável. Acompanho seu olhar e descubro que os bojos do meu sutiã ainda estão puxados, e meus seios, expostos. Eu os deixo como estão e reviro os olhos.

– Que horas são? – tenho um súbito momento de pânico, que me vira o estômago.

– Cinco.

Olho boquiaberta para ele, antes de cair dramaticamente na cama outra vez. Cinco? Tenho pelo menos mais uma hora de sono. Puxo as cobertas sobre a cabeça e fecho os olhos, mas tenho apenas uns três segundos de sossego antes de as cobertas serem arrancadas, e Jesse colocar o rosto sobre o meu, um sorriso malandro no rosto. Eu o abraço, tentando puxá-lo sobre mim, mas ele faz o movimento contrário e estou de pé sem nem me dar conta.

– Você vem comigo – ele me informa, cobrindo meus seios com os bojos do sutiã. – Vamos. – Ele vira e vai em direção ao banheiro.

Eu zombo dele, indignada.

– Vou nada! – Ele deve estar zangado. Até gosto de correr, mas não às cinco da manhã. – Eu corro à noite – digo às costas dele, caindo na cama de novo. Rastejo até os travesseiros e localizo o que tem mais cheiro de água fresca e menta, mas minha paz é bruscamente interrompida quando ele agarra meu tornozelo e me puxa para os pés da cama.

Ele se inclina sobre mim, joga o travesseiro para longe e estreita os olhos.

– Você vai. As manhãs são melhores. Arrume-se. – Ele me vira e me dá um tapa no traseiro.

– Não estou com minha roupa aqui – digo petulante, no momento em que uma bolsa de ginástica cai sobre a cama, ao meu lado. – Você comprou isso para mim? – pergunto,

incrédula, enquanto me sento. É um pouco presunçoso da parte dele. Talvez eu não goste de correr.

– Vi os tênis no seu quarto. Estão destruídos. Você vai fazer um estrago nos joelhos se continuar correndo com eles. – Ele está parado, de braços cruzados, me esperando trocar de roupa.

Acabou de amanhecer. Nem acordei ainda, e ele quer que eu corra e bufe pelas ruas de Londres?

Irracional!

Ele suspira, caminha até a bolsa e começa a tirar de lá todo tipo de parafernália para corrida. Ele me passa um sutiã de corrida, com um sorrisinho. Ah, ele pensou em tudo mesmo. Arranco a peça das mãos dele e tiro meu sutiã de renda, substituindo-o por um modelo reforçado, que absorve o impacto. Em seguida, ele me oferece um par de shorts preto – igual ao dele, mas em versão feminina – e uma regata rosa e justa. Visto tudo sob seu olhar vigilante.

– Sente. – Ele aponta para a cama, e suspiro dramaticamente, me jogando na beira da cama. – Estou ignorando você – ele resmunga ao se ajoelhar à minha frente, levantando um pé meu por vez para calçar meias apropriadas e um belo par de tênis Nike pretos de corrida. Ele pode me ignorar o quanto quiser. Não estou feliz e quero que ele saiba disso.

Assim que termina, ele me ajuda a levantar e olha meu corpo em trajes esportivos de cima a baixo. Ele aprova o que vê com um meneio de cabeça. Sim, estou a corredora perfeita, mas sempre usei calças largas e uma camiseta grande demais. Não quero parecer melhor do que realmente sou.

– Vamos lá, Ava. Vamos começar o dia como queremos que ele termine. – Ele pega a minha mão e me conduz para a porta.

– Não vou correr outra vez hoje! – disparo. O homem é mesmo um louco.

Ele ri.

– Não foi o que quis dizer.

– Ah, e o que quis dizer?

Ele sorri, misterioso.

– Quis dizer suando e sem fôlego.

Tenho um sobressalto. Sei de que forma eu gostaria de estar suando e sem fôlego de manhã, à tarde e à noite, e ela não envolve esta vestimenta.

– Você não vai me ver hoje à noite – eu o lembro. Ele aperta a minha mão e resmunga algumas palavras. – Preciso de algo para prender o cabelo – digo, ao ver minhas bolsas perto da porta.

Ele me solta e vai até a cozinha, me deixando para trás para pegar um elástico de cabelo da bolsa. Faço um rabo de cavalo alto, e ele já está de volta. Passamos pelo *foyer* e encontramos Clive com a cabeça entre as mãos.

– Bom dia, Clive – Jesse o cumprimenta formalmente, alerta demais para o horário.

Clive balbucia algo, acenando desanimado. Acho que ainda não se entendeu com todo aquele equipamento.

Jesse para no estacionamento.

– Faça alongamento – instrui, soltando a minha mão e puxando a perna para trás em direção ao traseiro, para alongar a coxa. Eu fico observando o músculo contrair por baixo dos shorts de corrida e inclino a cabeça, mais do que feliz em ficar aqui vendo-o fazer isso. – Ava, se alongue – ele comanda.

Lanço um olhar contrariado. Nunca me alonguei na vida – e isso nunca me causou mal algum.

Com um suspiro exagerado, viro de costas para ele e faço um espetáculo ao abrir as pernas e, muito devagar, me dobrar para alcançar os dedos do pé, apontando meu traseiro para ele.

– Ai! – sinto seus dentes se cravarem em uma das minha nádegas, seguido pelo golpe de uma mão batendo na outra nádega. Olho de volta e me deparo com uma sobrancelha levantada em um rosto irritado. O sujeito leva a corrida a sério, enquanto corro alguns quilômetros de vez em quando para manter o vinho e o bolo longe do quadril. – Onde vamos correr? – pergunto, imitando seu movimento para alongar as coxas.

– Royal Parks – ele responde.

Ah, isso eu consigo. São menos de dez quilômetros em círculo e uma das minhas rotas regulares. Sem problema.

– Pronta?

Respondo que sim e sigo na direção do carro de Jesse, enquanto ele vai para o portão de pedestres.

– Aonde é que você vai? – grito para ele.

– Vou sair para correr – ele responde friamente.

É quando meu cérebro sonolento se dá conta. Ele vai me fazer correr até lá, no parque e de volta? Não consigo fazer isso! Ele quer me matar?

– Hum… Qual é a distância daqui até o parque? – tento soar *blasé*, mas acho que não estou tendo êxito.

– Seis quilômetros. – Seus olhos dançam de deleite.

É uma corrida de dezesseis quilômetros! É impossível ele correr tanto sempre, isso é mais que uma meia maratona. Eu engasgo, mas disfarço com uma tosse, determinada a não dar a Jesse a satisfação de saber que estou incomodada com isso. Ajeito a camiseta e caminho até o Adônis convencido e presunçoso que deu um nó no meu coração.

Ele aperta o código:

– É onze, vinte e sete, onze – ele olha para mim com um sorriso doce. – Para você saber – ele segura o portão aberto para mim.

– Nunca vou me lembrar disso – comento sobre o ombro ao passar por ele, começando a correr em direção ao Tâmisa. Eu consigo fazer isso, eu consigo fazer isso. Repito o mantra – e o código – repetidas vezes em minha cabeça. Não corro há três semanas, mas me recuso a deixá-lo me derrotar.

Ele me alcança e corre ao meu lado por poucos metros. Olho para aquela maravilha, me perguntando se há algo que esse homem faça mal. Ele corre como se a parte superior de seu corpo estivesse desconectada da inferior, suas pernas transportam sua estrutura alta e esbelta com facilidade.

Encontro meu ritmo, e corremos ao longo do rio em um silêncio confortável, olhando

um para o outro de vez em quando. Jesse tem razão – correr pela manhã é muito relaxante. A cidade ainda não está a pleno vapor, o trânsito é composto em grande parte por vans, e não há buzinas nem sirenes soando em meus ouvidos. O ar é surpreendentemente fresco também.

Meia hora mais tarde, chegamos ao Saint James's Park e percorremos os jardins luxuosos em ritmo cadenciado. Estou me sentindo muito bem, para minha surpresa, considerando que já corri quase seis quilômetros até agora. Olho para Jesse, que acena para cada corredor que cruza conosco – todas mulheres, que sorriem para ele e me olham desconfiadas. Reviro os olhos e busco sua reação, mas ele parece não ter se afetado nem pelas mulheres nem pela corrida. Isso provavelmente foi apenas o aquecimento.

– Tudo bem? – ele pergunta, com um meio sorriso.

Eu não vou conversar. Isso é um jeito garantido de me cansar, e estou indo muito bem até o momento. Meneio a cabeça para indicar que está tudo bem e volto meu foco para o caminho à minha frente, incentivando meus músculos a não desistir. Tenho algo para provar.

Seguimos em ritmo estável, correndo em torno do Saint James's, até chegar ao Green Park. Quando olho para ele outra vez, ainda vejo um rosto e um corpo quase não afetado correndo ao meu lado. Já eu estou sentindo os efeitos, e não sei se é minha fadiga ou o fato de que esse louco parece estar aumentando a velocidade, mas estou lutando para seguir em frente. Devemos estar batendo os catorze quilômetros agora. Nunca corri tudo isso na vida. Se estivesse com meu iPod, estaria procurando minha música poderosa nesse momento.

Chegamos a Piccadilly, e começo a sentir meus pulmões queimando, a cada minuto é mais difícil manter a respiração estável e constante. Posso dizer que cheguei ao meu limite. Acho que nunca corri o suficiente para isso antes, mas agora posso entender o significado da frase. Sinto como se estivesse empurrando uma tonelada de tijolos enterrada na areia.

Não posso desistir.

Ah, não dá mais. Estou esgotada. Saio do trajeto e entro no Green Park, caindo sem cerimônia sobre a grama, como uma massa superaquecida. Deito de pernas e braços abertos, trazendo ar valioso para dentro dos pulmões fatigados. Não me importo de ter desistido. É a minha nova marca pessoal. Nossa, como ele corre.

Fecho os olhos e me concentro em respirar fundo. Estou me sentindo mal. O ar fresco da manhã que invade meu corpo esparramado é mais do que bem-vindo, até ser engolido por um pedaço de homem, que se deita sobre mim. Abro os olhos, encontrando duas íris tão verdes que poderiam rivalizar com as árvores em volta.

– Exagerei, *baby*? – ele sorri enquanto fala.

Jesus, ele nem chegou a suar. Eu, por outro lado, não consigo nem falar. Estou ofegando embaixo dele como a perdedora que sou, deixando-o cobrir meu rosto de beijos. Devo estar com um gosto horrível.

– Hmmm, suor e sexo. – Ele lambe a minha bochecha e nos rola pelo chão até eu estar em cima de sua barriga. Sigo ofegando e chiando sobre ele, enquanto suas mãos firmes

acariciam minhas costas suadas. Estou com o peito apertado. É possível ter um infarto aos vinte e seis anos?

Quando finalmente controlo a respiração, apoio as mãos no seu peito e me sento sobre ele.

– Por favor, não me faça correr até em casa – imploro. Acho que poderia morrer. Ele coloca as mãos sob a cabeça, todo causal e satisfeito por eu estar sem fôlego e suada. Seus braços musculosos são comestíveis quando contraídos. Acho que consigo reunir forças para me abaixar e mordê-los.

– Você foi melhor do que eu esperava – ele diz, com a sobrancelha levantada.

– Prefiro sexo preguiçoso – resmungo, caindo sobre seu peito de novo.

As mãos dele me envolvem para me segurar.

– Eu também prefiro sexo preguiçoso. – Ele faz círculos nas minhas costas.

Está bem, hoje eu *realmente* o amo. E são apenas seis e meia da manhã. Mas devo ter em mente que as coisas podem mudar muito rápido com o sr. Jesse Ward. Em uma hora posso tê-lo desobedecido e então, não mais que de repente, vou ter que lidar com o sr. Controlador Irracional e ganhar uma contagem regressiva ou sexo de lembrete – aceito o sexo de lembrete, deixo a contagem regressiva de lado.

– Vamos. Não podemos rolar na grama o dia todo. Você tem que trabalhar.

Sim, tenho. E estamos a quilômetros do Lusso. Eu me levanto com esforço, um pouco cambaleante, mas Jesse, claro, fica de pé como um golfinho deslizando calmo pelo oceano. Ele me dá nojo.

Ele passa o braço pelos meus ombros, e caminhamos até Piccadilly, onde ele acena para um táxi.

– Você trouxe dinheiro para o táxi? – Ele sabia que eu não ia aguentar?

Jesse não responde, só dá de ombros e me puxa no banco de trás para me abraçar.

Estou um pouco culpada por atrapalhar sua corrida, mas estou exausta demais para pensar muito nisso.

Sou arrastada, quase literalmente, pelo *foyer* do Lusso, até o elevador. É como se tivesse ficado acordada por um mês, quando na verdade não faz nem duas horas. Não tenho ideia de como vou suportar o dia.

Quando chegamos à cobertura, desabo em um dos bancos da cozinha, descansando a cabeça nos braços. Minha respiração só está voltando ao normal agora.

– Aqui.

Levanto a cabeça, vejo uma garrafa d'água sendo agitada logo abaixo do meu nariz e a aceito agradecida, sorvendo o líquido gelado e enxugando a boca com as costas da mão.

– Vou preparar a banheira. – Ele lança um olhar generoso, mas eu detecto um misto de satisfação ali também. *Que cretino petulante!* Ele me tira do banco e me carrega nos braços para o andar de cima na minha familiar posição de chimpanzé.

– Não tenho tempo para um banho de banheira. Vou só tomar uma chuveirada – digo quando ele me põe na cama. O que eu não daria para entrar sob as cobertas e emergir

em algum momento da semana que vem.

– Você tem tempo suficiente. Podemos tomar café da manhã e ir para O Solar no meio da manhã. Agora se alongue. – Ele beija a minha testa suada e vira para o banheiro.

Nós vamos para O Solar? Ah, merda. Ele estava falando sério quando preencheu minha agenda à caneta até o fim do ano? Os cem mil são para manter Patrick calado enquanto ele se farta de mim de manhã, à tarde e à noite. E o que acontece com meus outros clientes – sendo que Van Der Haus é o mais importante deles? Só ele já seria capaz de multiplicar por dez o volume de negócios de Patrick. Meu Deus, acho que vamos ter problemas.

– Jesse, preciso ir ao escritório – busco um tom calmo e lógico.

– Não precisa, não. Se alongue. – É a resposta curta e grossa que ele brada do banheiro, seguida por um breve comando.

O que vou fazer? Estou exausta demais para sair correndo se ele der início a uma contagem regressiva – não que eu conseguiria ir muito longe, mesmo ativando todas as cilindradas. E uma transa de lembrete provavelmente daria cabo do meu coração já esgotado.

– Todo o meu material está no escritório. Meus programas, livros de referência, tudo – digo em voz baixa.

Ele aparece na porta do banheiro, mordendo o lábio.

– E você precisa de todas aquelas coisas?

– Sim, para fazer meu trabalho.

– Está bem, vamos passar pelo seu escritório. – Ele dá de ombros e volta para o banheiro.

Eu me jogo na cama, exasperada. O que eu vou dizer a Patrick, pelo amor de Deus? Dou um suspiro cansado. Ele me levou a uma falsa sensação de segurança ao me trazer para a casa de táxi e carregar nos braços escada acima o meu corpo cansado, quando achei que minhas pernas iriam fraquejar. Estou tão iludida quanto ele. Nunca vou tê-lo sob controle.

– O banho está pronto – ele sussurra na minha orelha, me tirando do meu tumulto interno.

– Você estava falando sério, não estava? – pergunto, enquanto ele me tira da cama nos braços e me leva para o banheiro. A enorme banheira que domina o centro do banheiro só tem água até a metade.

– Estava falando sério sobre o quê? – ele me coloca de pé e começa a tirar minhas roupas úmidas.

– Sobre não me dividir.

– Sim.

– E quanto aos meus outros clientes?

– Eu disse que não quero dividir você. – Ele tira meus shorts e dá uma batidinha em meu tornozelo. Obedeço, tirando os pés do chão, um por vez.

– Não preciso estar no Solar para fazer os esboços, Jesse.

Ele me coloca dentro da banheira e começa a se despir.

– Precisa, sim.

A água é um bálsamo para meus músculos doloridos. É uma pena que não relaxe meu cérebro inquieto.

– Não preciso, não – afirmo. Não vou tentar ser taxativa de novo.

Eu me deparo com uma careta quando olho para cima e o vejo se sentar atrás de mim e me puxar para o peito. Ele fica em silêncio por um momento e então respira fundo.

– Se eu deixar você ir ao escritório, vai ter que fazer algo por mim.

Se ele me deixar? Esse homem ultrapassa qualquer limite da arrogância e do convencimento. Mas está negociando, o que em si é um progresso, em vez de mandar e me forçar.

– Está bem. O que é?

– Você vai à festa de aniversário do Solar.

– O quê? Um evento social?

– Sim, exatamente, um evento social.

Fico feliz que ele não possa ver meu rosto, ou o veria contorcido em uma expressão de desgosto. Estou entre a cruz e a espada. Escapo de ir ao Solar hoje, mas estou negociando adiar a tarefa, não deixar de ir. E para um evento social? Eu preferiria ferver minha cabeça!

– Quando? – pareço menos entusiasmada do que estou, e isso significa muito.

– Daqui duas semanas. – Ele me abraça pelos ombros e acaricia meu pescoço com o rosto.

Eu deveria sair dançando pelo banheiro de alegria. Ele me quer como sua acompanhante em um encontro. Não importa se é o hotel pomposo que possui, ele me quer lá. Só não sei se estou preparada para passar a noite sendo observada pelo olhar atento e pouco amistoso de Sarah. E é óbvio que ela vai estar lá.

– Você vai comigo, então. – Ele enfia a língua na minha orelha e a explora por um momento antes de beijar logo abaixo do meu lóbulo e voltar a me lamber.

Eu me contorço com a destreza da língua quente, meu corpo deslizando sobre o dele.

– Pare! – eu estremeço.

– Não. – Ele me aperta contra seu corpo, e eu esperneio, a água transbordando para todos os lados. – Diga que vai comigo.

– Não! – Dou risada quando a mão dele vai parar no meu quadril. – Pare!

– Por favor – ele ronrona na minha orelha.

Paro de lutar. Por favor? Eu ouvi direito? Estou perplexa. Jesse Ward pediu *por favor*? Primeiro ele propõe um acordo e depois disse *por favor*.

– Está bem, eu vou – digo em um suspiro, sendo recompensada por um abraço forte e um carinho caprichado no pescoço. Aperto seus antebraços. Eu o deixei feliz, e isso me faz *muito* feliz.

Então vou ter um encontro com ele e ser seu par. Sarah vai adorar isso. Na verdade, não só vou como estou ansiosa por isso. Ele me quer lá, e isso deve significar alguma coisa. Não consigo evitar o sorriso satisfeito que insiste em se abrir no meu rosto. Normalmente não faço o tipo competitivo, mas realmente não gosto de Sarah e *realmente* gosto de Jesse, então não há o que pensar.

– Nunca tomei um banho de banheira antes – ele diz baixinho.
– Nunca?
– Não, nunca. Sou mais de tomar banho de chuveiro. Mas acho que agora sou mais de tomar banho de banheira.
– Adoro banhos de banheira.
– Eu também, mas só se você estiver comigo. – Ele me aperta. – Que bom que a designer desse lugar antecipou a necessidade de uma banheira grande.
Dou risada.
– Acho que ela fez um bom trabalho.
– Eu me pergunto se ela um dia considerou que estaria dentro desta banheira? – ele imagina.
– Não, nunca considerou.
– Bem, estou feliz que ela esteja aqui. – Ele mordisca minha orelha de novo, e sinto seus pés deslizarem pelos meus tornozelos e acariciarem meus pés sob as bolhas.
Fecho os olhos e descanso a cabeça em seu peito. Talvez eu deva mesmo matar o trabalho e ficar o dia todo com ele, afinal.
Caio em uma espécie de torpor e decido que conversar na banheira com Jesse é um de meus novos passatempos favoritos. E posso até começar a correr de manhã. Nada de distâncias exageradas, mas voltas nos Royal Parks uma ou duas vezes, manhã sim, manhã não. Preciso me lembrar de alongar.
– Você vai se atrasar para o trabalho – ele diz com ternura no meu ouvido. Faço um bico. Estou tão confortável. – Pense apenas que, se não fosse para o escritório, nós poderíamos ficar aqui mais tempo. – Ele beija a minha têmpora, se levanta para sair, e fico ali desejando ter me rendido à sua insistência de passar o dia todo comigo.

Capítulo 26

Depois de me vestir, desço as escadas e encontro Jesse na ilha da cozinha, ao telefone, mergulhando o dedo em um pote de manteiga de amendoim. Ele levanta os olhos para mim e quase me faz cair para trás com aquele sorriso malicioso.

Corro os olhos pelo seu corpo envolto em um terno cinza e uma camisa preta e suspiro em admiração. Seus cabelos loiro-acinzentados estão armados para um dos lados com pomada, de um jeito meio despenteado, e agradeço por ele não ter feito a barba. Parece másculo e absurdamente bonito.

– Chego aí assim que deixar Ava no trabalho. – Ele se vira no banco, inclinando a cabeça para um lado. – Sim, diga a Sarah que eu quero isso na minha mesa assim que chegar. – Ele dá tapinhas na própria coxa, um sinal para eu vá me sentar no seu colo, e eu vou, lutando para manter o rosto impassível à menção do nome *dela*. – Vamos revogar o título de sócio, simples. – Eu me sento no colo dele, sorrindo quando mergulha o rosto no meu pescoço e inspira profundamente. – Ele pode espernear à vontade. Está fora, acabou – ele dispara, rude. Do que está falando? – Diga a Sarah para cancelar… sim… está bem… Vejo você já.

Ele desliga o telefone e joga o aparelho no balcão. Em seguida passa o braço por baixo das minhas pernas e me tira do chão, me recebendo com um beijo caprichado e ávido.

– Café da manhã? – ele pergunta.

Eu bato os olhos no relógio do forno de micro-ondas.

– Como alguma coisa no escritório. – Não posso chegar atrasada. Me liberto dos braços dele e pego a bolsa para tomar minha pílula. – Posso pegar um copo d’água?

– Sirva-se, *baby*. – Ele volta ao pote de manteiga de amendoim.

Vou até a geladeira imensa, coloco a bolsa sobre a mesa e tiro tudo de dentro dela, mas não encontro as pílulas. Em lugar nenhum.

– O que houve? – ele pergunta.

– Nada – murmuro, jogando tudo de volta para dentro da bolsa. – Merda – xingo baixinho, mas logo fico feliz comigo mesma por ter separado as cartelas e colocado algumas na gaveta de calcinhas.

– Olhe a boca, Ava – ele me repreende. – Vamos. Você vai chegar atrasada.

– Desculpe – resmungo. – É culpa sua, Ward. – Jogo a bolsa sobre o ombro.

– Minha? – ele dispara, de olhos arregalados. – O que é culpa minha e como?

– Nada, mas é culpa sua por me distrair – eu o acuso.

Ele olha para mim com os lábios tentando formar um sorriso.

– Você ama ser distraída por mim.
Isso eu não posso negar. Então não nego.

Jesse me deixa na Berkeley Square em tempo recorde. Ele é mesmo uma ameaça nas ruas, com seu carro ridiculamente caro. Estaciona ilegalmente na esquina e vira para me encarar.
– Amo acordar com você – ele diz com carinho, passando o polegar no meu lábio inferior.
– Também amo acordar com você. Mas não gosto de correr até cansar às cinco da manhã. – Minhas pernas estão sentindo o peso do esforço, e isso só vai piorar.
– Você preferiria ser comida até cansar? – Ele dá aquele sorrisinho sacana, passando a mão pela frente do meu vestido.
Ah, não, você não vai fazer isso!
– Não, prefiro sexo preguiçoso – eu o corrijo, alcançando seus lábios com um beijo comportado. Saio do carro, deixando-o a sós com sua ruga de expressão. – Vejo você amanhã. Obrigada por me deixar exausta antes do trabalho. – Fecho a porta e saio andando com as pernas doloridas e usando os sapatos mais desconfortáveis que tenho.

Passo a manhã conversando com clientes e verificando cronogramas. Fico feliz por tudo estar correndo bem. Marco algumas visitas para a semana que vem, sorrindo ao ter que fazer anotações em torno das grossas linhas pretas diagonais. Preciso substituir essa agenda antes que Patrick veja minhas reuniões diárias com o Senhor.
Aceito com prazer o cappuccino e o muffin que aparecem na minha mesa, cortesia de Sally, e estranho a sinfonia de buzinas vinda do lado de fora do escritório. Olho para a comoção e vejo uma van cor-de-rosa parada em fila dupla, e Kate acenando freneticamente para chamar a minha atenção. Levanto, gemendo ao sentir os músculos gritando em protesto, e vou reclamando a cada passo até estar ao lado de Margô Junior, sorrindo por ver o rosto animado da minha amiga.
– Ela não é linda? – Kate acaricia o volante de Margô Junior.
– Linda mesmo – concordo, balançando a cabeça, mas logo me lembro de uma coisa. – Que brincadeira foi aquela de deixar Sam ter livre acesso à minha gaveta de calcinhas?
– Não consegui impedi-lo! – sua voz sai aguda e defensiva. E é bom mesmo que ela queira se defender. – Ele é um porco atrevido – ela sorri.
Não duvido que seja. O pensamento me faz lembrar a história toda de amarrar. Estou tentada a perguntar à Kate, mas logo decido que não quero saber.
– Como está Jesse? – o sorriso dela aumenta. – Está se divertindo?
– Bem, andei em uma Ducati 1098, fui apunhalada com os olhos por Sarah e corri quinze quilômetros hoje de manhã. – Eu me inclino e massageio as coxas doloridas.
– Uau, ela ainda está nessa? Mande-a se ferrar. – Kate faz uma careta. – Você correu quinze quilômetros? Que horror. E o que é uma Duqualquer coisa?

– Uma superbike. – Dou de ombros. Eu mesma não sabia disso dois dias atrás. – Ele depositou cem mil na conta da Rococo Union.

– O quê? – ela berra.

– Você ouviu.

– Por quê?

Dou de ombros outra vez.

– Para manter Patrick quieto enquanto ele me monopoliza. Ele não quer ter que me dividir.

– Uau, esse cara é louco.

Eu dou risada. Sim, um louco: loucamente iludido, loucamente rico, loucamente desafiador, loucamente adorável…

– Vamos sair hoje? – pergunto. Dei um chega pra lá no louco imaginando que Kate estaria livre.

– Claro!

Relaxo de alívio.

– Não vai ver Sam, então? Ele está se tornando presença constante na sua casa – levanto uma sobrancelha. Ele, na verdade, é uma presença seminua constante na casa, mas eu acho melhor não chamar a atenção para isso.

– Só estou me divertindo um pouco – ela retruca, soberba.

Dou risada da tentativa de parecer casual. Sei que não é bem assim. Estamos falando da garota que não vai a um segundo encontro há anos. Sam é uma graça. Entendo o que ela viu nele.

Um carro buzina logo atrás de Margô Junior.

– Ah, vá se danar! – Kate grita. – Tenho que ir. Vejo você mais tarde em casa. Você é responsável por trazer o vinho. – A janela sobe, e ela sorri de orelha a orelha. Ainda não acredito que Jesse comprou uma Kombi para ela.

De repente me lembro do acordo que fiz com ele em troca das minhas roupas… Não beber hoje à noite. Eu sorrio. Ele nunca vai saber.

Kate desaparece rua abaixo, e volto para minha mesa, alongando as pernas. Sim, agora estou sentindo dor. Levanto outra vez e colo o calcanhar no traseiro, soltando a respiração quando o músculo se alonga, deliciosamente. Meu telefone começa a pular sobre a mesa e “Running Up That Hill”, do Placebo, começa a tocar. Nem preciso olhar para a tela para saber quem é. Ele tem um gosto incrível para música.

– Gosto dessa – digo, como cumprimento.

– Eu também. Vamos fazer amor ao som dela mais tarde.

– Você não vai me ver mais tarde. – Refresco a sua memória. Ele está fazendo isso de propósito.

– Estou com saudade.

Eu não posso vê-lo, mas sei que está fazendo bico. E quanto à parte de “fazer amor”… bem, é um progresso enorme do “comer”. Abro um sorriso, meu coração fazendo polichinelos dentro do peito.

– Está com saudade, é?

– Sim, estou com saudade – ele resmunga. Olho para a tela do computador. É uma da

tarde. Não faz cinco horas que eu o vi. – Não saia hoje à noite – ele diz. Não é um pedido, é uma ordem.

Eu me solto na cadeira. Sabia que isso ia acontecer.

– Não comece – faço um alerta, com a voz mais decidida que consigo. – Eu tenho planos.

– Sabe, você pode estar no trabalho, mas não pense que eu não posso ir até aí e colocar um pouco de bom senso na sua cabeça com sexo – ele fala sério e parece até um pouco zangado.

Ele não viria. Não poderia. Ou viria? Merda, eu não sei dizer.

– Faça como quiser – respondo, bem calma.

Ele ri.

– Eu falei sério, *baby*.

– Eu sei que sim. – Não tenho dúvida, mas ele vai ter que esperar até amanhã para qualquer tipo de sexo.

– Suas pernas estão doendo? – ele pergunta, bem quando as estou alongando debaixo da mesa novamente.

– Um pouco. – Não vou dar a ele a satisfação de saber que estou com dor. Vou tomar um banho de sais relaxante antes de sair. Espere aí… Estaria ele tentando me extenuar para eu não sair à noite?

– Um pouco… – ele responde, o humor evidente em sua voz rouca. – Lembra-se do nosso acordo?

Reviro os olhos. Eu estava me enganando por achar que ele ia esquecer nosso acordo. E agora tenho certeza de que ele me fez correr uma maratona de madrugada com um plano para me imobilizar. *Controlador!*

– Não vai ser necessário me comer como lembrete – murmuro, de pé e com o calcanhar no traseiro. Ele nunca vai saber. Não vou ficar bêbada a ponto de ter uma ressaca terrível, meu vexame ainda está muito recente.

– Cuidado com a boca, Ava – ele suspira, cansado. – E eu decido *quando* e *se* uma transa de lembrete é necessária.

– Positivo – confirmo, com o sarcasmo que a colocação merece.

– Quando vou ver você? – ele suspira.

– Amanhã? – quero *mesmo* vê-lo.

– Pego você às oito.

Oito horas? É sábado, quero ficar na cama. *Oito?* Eu não vou mesmo encher a cara, não se Jesse for aparecer cheio de energia às oito.

– Meio-dia – negocio.

– Oito.

– Onze.

– Oito! – ele vocifera.

– O certo é você negociar comigo! – O homem é impossível.

– Vejo você às oito. – Ele desliga, me deixando equilibrada em um pé só, com o telefone preso entre a orelha e o ombro. Olho para o celular, sem acreditar no que ouvi. Ele pode chegar às oito, se quiser. Não vou estar acordada para deixá-lo entrar e duvido

que Kate esteja. Desabo na cadeira e respiro fundo algumas vezes. Nunca mais vou correr.

– Tom – chamo. – Vamos sair hoje à noite, quer vir? – não pergunto à Victoria porque sei que hoje ela está com Drew.

Ele levanta a cabeça com um sorriso cheio de segundas intenções no rosto de bebê.

– Vou declinar graciosamente. – Ele faz uma mesura como o cavalheiro que eu sei que não é. – Tenho um encontro!

– Outro?

– Sim! E esse é para casar. – Tom mantém o sorriso largo no rosto.

Deixo Tom e seu sorriso para lá e volto os olhos para o computador. Todos eles são para casar.

Deixo o escritório às seis e vou direto para o supermercado comprar os sais relaxantes e uma garrafa de vinho, antes de ir para o metrô. Resisto à tentação de abri-lo imediatamente. Hoje é sexta-feira, vou colocar o papo em dia com a Kate e passar o dia com meu controlador amanhã. Perfeito.

Passo pela porta da frente e vejo Sam seminu saindo do ateliê de Kate, seguido por ela, completamente vestida e com um sorriso satisfeito no rosto.

– Sério? – disparo, enquanto tento olhar para qualquer lugar que não seja o belo físico de Sam.

Ele quase me cega com seu sorriso mais descarado e vira para Kate, dando uma bela visão de suas costas nuas e do traseiro no jeans largo. É quando noto que tem massa de bolo na nuca.

– Acho que você deixou escapar um cantinho – aponto para a mancha.

Kate vira Sam de frente para mim e lambe do meio das costas dele até chegar à nuca. Ele abre um sorriso sensual, e dou risada. Que belo par de exibicionistas.

Subo para o meu quarto e reclamo das dores que correm pelas minhas pernas a cada degrau. Vou direto para o banheiro preparar a banheira, despejando metade da embalagem de sais relaxantes. Depois vou até a cozinha cuidar do item essencial número dois, sirvo vinho para mim e para Kate e resmungo agradecida ao beber meu primeiro gole.

Cinco minutos depois, estou jogando todas as calcinhas para cima e vasculhando a gaveta, em pânico.

– KATE!

Sei que coloquei ali, então onde diabos estão? Se essa é a ideia de piada para Sam, vou torcer o pescoço dele!

Kate aparece no meu quarto.

– Fechei a torneira da banheira. O que houve?

– Minhas pílulas.

– O que tem elas?

– Sumiram. – Lanço um olhar acusador. Não acredito que você deixou Sam entrar aqui.

Os olhos dela se arregalam.

– Eu não *deixei* ninguém entrar. E, de qualquer forma, suas pílulas não estavam aí. Eu teria visto.

Deixo escapar um grito frustrado e começo a revirar todas as outras gavetas. Sei que as coloquei aqui.

– Merda!

– Relaxe, você pode pedir mais. Victoria e Tom vão com a gente?

– Já fiz isso. E não. Os dois têm encontros hoje. – Pego as minhas calcinhas pelo chão e jogo tudo de volta na gaveta.

– Seu senso de organização é impressionante – ela geme, com enfado. – Ah, o encontro de Victoria e Drew é hoje? – Kate arregala os olhos azuis.

– Sim! – também arregalo os meus.

– Nunca vai dar certo. Tome logo seu banho. Preciso de uma chuveirada.

Pego meu vinho e vou para o banheiro.

A água está deliciosa, e lavo os cabelos, me depilo e saio com relutância, antes de virar a taça de vinho e escovar os dentes.

Uma hora depois, já sequei o cabelo, fiz cachos, passei creme no corpo e estou com metade da maquiagem. Minha porta se abre e Kate coloca a cabeça para dentro.

– Quanto tempo? – ela pergunta. Seus cabelos ruivos como fogo estão presos com bobes, e ela parece estar no mesmo estágio que eu.

– Meia hora – confirmo, abrindo a gaveta de calcinhas.

– Legal. – Ela vai embora.

A porta se abre novamente.

– O que foi? – pergunto sem olhar, porque estou procurando a lingerie ideal.

Em dois segundos, sou agarrada, tenho a toalha arrancada de mim e estou deitada de costas sobre a cama, com um homem maravilhoso pairando sobre mim.

UAU! Estou completamente desorientada e ainda com uma calcinha na mão, que ainda tinha dúvidas se seria a escolhida. Nem tenho chance de colocar seu rosto em foco. Os lábios dele se chocam contra os meus, e ele explora minha boca com avidez. Como assim? Não tenho a menor chance de tentar me desvencilhar e perguntar o que faz aqui. Ele me põe de quatro, e seus dedos deslizam pela entrada da minha vagina – sem dúvida para verificar se estou úmida – antes de desabotoar a calça e me penetrar com um grito gutural.

Eu grito, e ele me cala colocando a mão na minha boca.

– Quieta – ele sibila entre estocadas furiosas.

Meu Deus! Estou completamente entregue às suas investidas determinadas. A profundidade que ele alcança logo me deixa com a vista turva, a cabeça girando em desespero e prazer. A mão dele deixa a minha boca, voltando para o meu quadril, me trazendo de encontro aos seus golpes.

– Jesse! – berro, desesperada. Ele continua, impiedoso.

– Mandei ficar quieta! – ele esbraveja.

Enquanto meu prazer aumenta, eu me pego empurrando o corpo contra o dele. Ele grunhe a cada estocada, me penetrando com força e velocidade incríveis, forçando meu útero e me levando a um estado de euforia chocante. Tento agarrar um travesseiro, mas minha desorientação me faz apertar apenas os lençóis, e não consigo levantar a cabeça. Estou à sua mercê.

Sinto-o me apertar com mais força, a maneira como ele me penetra me abrindo além da compreensão. Essa é uma transa possessiva. Não que eu me incomode. Posso estar à sua mercê, mas ainda assim estou prestes a ter um orgasmo de virar a cabeça.

Ele aumenta a frequência das estocadas e, com uma última investida, ele roça bem dentro de mim, e parto ao meio com um gozo impensável, que me faz enfiar o rosto do colchão para abafar meu grito de prazer. Seu urro rouco ecoa pelo quarto e chegamos juntos ao êxtase. Ele cai sobre mim, ofegando em meu ouvido, o corpo ainda estremecendo.

Isso foi incrível. Estou totalmente esgotada e tentando respirar para dar algum alívio aos meus pulmões. Eles trabalharam duro hoje.

– Por favor, diga que é você. – Estou sem fôlego e fecho os olhos e absorvo o calor de seu corpo através do terno. Ele nem tirou o paletó.

– Sou eu – ele diz, também ofegante, afastando meus cabelos das costas para passar a língua na minha pele.

Solto um suspiro feliz, deixando-o me mordiscar e lamber onde quiser.

– Não tome outro banho – ele ordena, entre lambidas.

– Por quê? – estou com o rosto franzido nos lençóis. Não ia mesmo, não tenho tempo.

Ele sai de dentro de mim, me vira e prende meus punhos dos lados de minha cabeça. Ele me estuda, seus cabelos modelados hoje de manhã agora estão despenteados, o que em nada atrapalha sua beleza.

– Porque quero que você leve o meu cheiro quando sair. – Ele me beija, usando uma outra técnica na minha boca, rolando a língua, gemendo e mordendo meus lábios. É um mundo de distância do ataque feroz a que acabei de ser submetida.

– Homens têm uma atração instintiva por mulheres recém-comidas? – pergunto contra os lábios dele.

– Olha a boca. – Ele afasta o rosto e me olha feio. – Você bebeu.

– Não! – digo, culpada.

Ele olha para os meus punhos quando sente a tensão dos meus reflexos naturais e depois volta os olhos para os meus, com a sobrancelha levantada.

– Nem mais um drinque – ele pede com suavidade, me dando outro beijo sensual. – Eu tinha esperança de encontrar você de calcinha de renda – ele geme na minha boca.

Soltando um de meus punhos, ele desliza o dedo pelas minhas costelas, depois pelo meu quadril supersensível e pela articulação das coxas.

– Você a teria arruinado – fico sem fôlego quando ele me invade com dois dedos. Eu ainda nem me recuperei do orgasmo sensacional que acabei de ter, e ele já me prepara para o próximo.

– Provavelmente – ele confirma, fazendo círculos dentro de mim, me penetrando o mais fundo que alcança.

– Hmmmm… – dou um suspiro de total satisfação, contraindo as pernas sob ele.

– E nada de vestir roupas ridículas.

Tento puxá-lo para baixo para beijá-lo, mas ele não cede. Jesse me olha com expectativa, e percebo que ele está esperando a confirmação de que entendi a ordem.

– Eu não vou! – grito desesperada quando ele me surpreende com uma carícia do polegar em meu clitóris.

– Você vai gozar, Ava?

– Sim! – grito no rosto dele. A qualquer momento, vou ter um bis do clímax que acabei de sentir e vai ser tão satisfatório e fantástico quanto o anterior. – Por favor!

Ele chega mais perto, os lábios muito próximos dos meus sem que se toquem.

– Hmmm, está gostoso, *baby*? – ele me penetra profundamente, esfregando o teto de minha vagina.

– Ah, meu Deus! – grito. – Jesse, por favor. – Levanto a cabeça para tentar capturar seus lábios, mas ele se afasta.

– Você me quer?

– Sim! – estou ardendo, minhas pernas tremem enquanto ele acaricia meus lábios vaginais inchados.

– Você quer me satisfazer, Ava?

– Sim. Jesse, por favor! – estou fora de mim.

Fico completamente perplexa quando ele tira os dedos de mim e se levanta da cama.

O quê? Não!

Estou a ponto de pular no abismo e, do nada, meu orgasmo latente desaparece, me deixando com a sensação de ser uma bomba que não explodiu.

– O que está fazendo? – pergunto, em meu estado sôfrego.

– Quer que eu termine o serviço? – ele inclina a cabeça para o lado, abotoando a calça.

– Claro!

Seus olhos se fixam nos meus.

– Então não saia de casa.

– Não!

Ele dá de ombros.

– Meu trabalho aqui acabou. – Ele me manda um beijo no ar, me encarando com aqueles olhos verdes sensuais, antes de dar meia volta e sair.

Fico ali, deitada de costas, nua, me sentindo marcada como uma propriedade e desesperada por um orgasmo. Não acredito que ele fez isso. Eu sei o que foi isso. Foi uma transa de lembrete que falhou, seguida por uma masturbação a dois que falhou. É uma tática de manipulação.

– Eu me viro sozinha, então! – grito quando a porta bate. Não vou. Não seria nem de longe tão satisfatório se eu fizesse sozinha.

Eu bufo, vou até minha gaveta de lingerie e encontro o conjunto mais provocante. Renda cor de rosa vai ser o ideal. Coloco a calcinha e o sutiã e pego a sacola da butique cara, sorrindo quando desdobro o papel de seda que protege o vestido tabu de quinhentas libras. *Vamos ver quem ri por último, sr. Ward!*

Brigo com o zíper outra vez, termino minha maquiagem e me olho no espelho. Estou muito feliz com o que vejo. O vestido tabu de seda creme cai muito bem em minha pele bronzeada, meus olhos escuros e esfumados e meus cabelos caindo numa massa cor de chocolate. Calço meus saltos creme e aplico Eternity, de Calvin Klein.

– Meu Deus! – Kate berra. Eu me viro para olhá-la, deparando-me com olhos que escrutinam meu corpo coberto em seda de cima a baixo. – Ele vai enlouquecer!

Eu debocho.

– Quero é que o Senhor do Solar vá à merda!

Kate ri.

– Ah, ela está se sentindo valente. Adoro! – ela aparece, linda como sempre, usando um vestido verde-claro e sapatos de salto azul-marinho. – O que ele fez para merecer isso?

– Ele me deixou à beira de um orgasmo, depois de colocar bom senso na minha cabeça com sexo – solto, casualmente, e Kate cai na cama, gargalhando. Não consigo evitar e rio com ela. Isso é mesmo bem engraçado.

– Deus o ajude – ela fala em meio à histeria. – Fico feliz por não ser a única que está curtindo o melhor sexo da vida. – Ela enxuga as lágrimas dos olhos.

Ouvir isso não me surpreende, de maneira alguma. Sam não tem andado seminu e com aquele sorriso atrevido pela casa só porque ela faz bolos para ele.

– Ele me enlouquece. – Balanço a cabeça, virando para o espelho para passar o batom nude.

– Já descobriu quantos anos ele tem? – Kate pega meu pincel de blush bronzeador para dar uma corzinha à sua pele clara.

– Não faço ideia. É um assunto proibido, assim como a cicatriz em seu abdômen.

– Isso importa? E que cicatriz? – ela belisca as bochechas.

– Não, não importa. E a cicatriz é uma coisa horrorosa que vai daqui até aqui. – Passo do meio do ventre até logo acima do osso da bacia.

Ela olha para o meu reflexo no espelho.

– Você está apaixonada por ele.

– Loucamente – finalmente admito em voz alta.

Capítulo 27

Passamos pelos seguranças do Baroque às gargalhadas. Estamos sóbrias, mas as risadas estão rolando soltas hoje.

– O que vai querer? – Kate pergunta quando um bartender se aproxima de nós no bar.

– Vinho – respondo, sorrindo. Essa foi fácil.

Kate é servida, e nos embrenhamos pela multidão da sexta à noite, até encontrarmos a última mesa disponível, no fundo do bar. Sento com cuidado no banco alto, segurando firme a barra do vestido.

– Então… fale do Sam – peço como quem não quer nada, ciente de que ali também há mais do que apenas sexo. Não conheço Sam, mas conheço Kate muito bem, e se está dedicando tanto tempo a um homem, ele deve ser especial. Ela não passa tanto tempo com alguém desde o meu irmão. Sorrio ao lembrar que ele está quase chegando, mas não vou mencionar Dan esta noite; não para Kate.

Ela dá de ombros.

– Ele é divertido.

– Qual é! – exclamo. – Já divulguei muita informação sobre Jesse. Compartilhe algo!

Ela bebe um gole de vinho, deixando-o à mesa casualmente.

– Ava, ele não é o tipo de homem com quem você quer ficar para sempre. Vou me divertir enquanto posso, mas não vou me apegar.

Algo dentro de mim dói ao lembrar as palavras de Sarah sobre construir sonhos.

– Como você sabe? – pergunto, tentando segurar as rédeas dos meus pensamentos.

– Apenas sei – ela diz, quase rindo.

Estou um pouco desapontada. Kate é tão cheia de vida, desestressada e completamente desinibida – tudo o que Sam parece ser. Qual é o problema?

– Gosto dele – admito. Pode ser um exibicionista e uma peste, mas ele é um encanto.

– Bom, eu gosto de Jesse.

Dou risada. Sim, claro que gosta. Jesse comprou uma van para ela. Mas então eu me encolho.

– Não gosta dele *daquele* jeito, não é? – meu Deus, nunca pensei que Kate pudesse estar atraída por ele. Bem, todo mundo fica atraído por ele, já fui alvo de olhares homicidas de admiradoras, mas nunca pensei, nem por um minuto, que Kate pudesse olhar para ele dessa maneira.

– Não! – ela parece ofendida. – Gosto de como ele claramente ama *você*.

– O quê? Ele não me ama, Kate. Ele ama me comer. – Bebo um bom gole do vinho

para abrandar o efeito do que Kate acaba de dizer. Ou será o efeito da outra opção? Ele claramente me ama ou claramente ama me controlar?

– Ava, mais uma vez: você é especialista em negação.

– Quantos anos você acha que ele tem? – pergunto.

– Uns trinta e cinco. – Kate dá de ombros.

– Você podia perguntar para Sam. – Não sei como nunca pensei nisso antes. Será que Sam sabe?

– Já tentei. – Ela sorri e eu murcho na cadeira. – Vou fumar um cigarro. – Ela desce do banco e pega os cigarros na bolsa. – Espere aqui. Não vamos perder a mesa.

Ela vai até o fumódromo, e me deixa pensando na minha situação infernal. Estou apaixonada pelo controlador irracional e nem sei quantos anos ele tem. Eu sabia que devia ter ficado longe dele. É impossível não pensar que eu poderia ter desprezado, recusado e largado qualquer outro homem, mas com Jesse a história é outra. Estou viciada nele e não sei bem se isso é saudável.

– Ava?

Sou trazida de volta de meus pensamentos por uma voz muito familiar. Também é uma voz nada bem-vinda. Viro no banco.

– Matt – pareço chocada, o que é bom, porque é verdade.

– Uau, Ava. Você está linda. – Ele corre os olhos pelo meu corpo, me deixando desconfortável e exposta. Como ele pode me causar repulsa hoje em dia? Eu o amei por anos. Ou não amei? O que eu sentia por Matt parece insignificante se comparado ao que sinto agora por Jesse.

– Obrigada – respondo educada, reparando na camisa e no jeans preto. Eu detesto essa calça. O que ele quer?

– O que tem feito? – ele olha em volta, inquieto, e eu sei por quê.

Tenho feito sexo. É isso que tenho feito – sexo bom!

– Nada de mais. Trabalhando demais, procurando um lugar para morar. – Matt não repara que estou mexendo nos cabelos. Ele nunca reparou nesse hábito meu; um sinal, talvez? Mas independentemente de sua ignorância em relação ao meu vício, sabe que há outro homem na minha vida porque já teve o prazer de ser pisoteado por ele.

– Nada de mais… – ele considera a frase com atenção, fixando em mim um olhar acusador. Fico tensa, mas não entendo o porquê. Não devo nada a ele, nenhuma explicação e, com certeza, nem um minuto do meu tempo para explicar. – Você não demorou muito, não é? – ele diz.

A acusação me faz olhar direto para ele, chocada.

– Bem, pelo menos esperei até termos terminado – disparo, embasbacada com a audácia dele.

Ele se debruça na mesa, invadindo demais meu espaço. Eu me endireito no banco, a coluna ereta para me afastar dele.

– Fui um idiota.

– Foi, sim. Aonde quer chegar com isso?

Ele abre um sorriso largo. É falso.

– Só queria pedir desculpas outra vez. Passei dos limites. Não culparia você se me

mandasse sumir.

Abro um sorriso doce.

– Suma.

– Não precisa ser assim. Posso pagar uma bebida em nome dos velhos tempos? – ele oferece.

Em nome dos velhos tempos? Como uma celebração do verme que ele foi? Por favor! Eu me ajeito no banco com cuidado. Esse vestido é ridículo e, ainda que eu estivesse me sentindo bem nele antes de Matt me encontrar, agora me sinto exposta e vulnerável sob o olhar invasivo do meu ex.

– Não, obrigada.

– Quem era aquele cara?

– Não é da sua conta – retruco de modo rude, olhando em volta, também inquieta.

– Ele é um pouco pavio curto, não é? – ele ri.

– Protetor. – Agora estou defendendo o comportamento exagerado de Jesse. Não vou permitir que ele seja julgado pelo meu malicioso ex, mesmo que tenha uma parcela de razão.

– Que diabos você está fazendo aqui?

Meus ombros ficam tensos. É possível sentir Matt gelar ao som da voz de Kate.

– Já estava de saída – Matt sibila.

– Caia fora, então!

Ele volta os olhos para mim.

– Foi bom ver você, Ava.

Matt me deixa em paz, mas Kate vocifera:

– Por que estava falando com essa cobra? – ela diz do outro lado da mesa enquanto se acomoda no banco alto.

– Estava tentando não conversar – eu me defendo.

– O que ele queria?

– Não sei – respondo. É claro que sei, mas nem sonho em falar para Kate. Ela bufa, indignada, antes de beber seu vinho, e eu faço o mesmo, terminando o meu. – Vou buscar mais. – Pego algum dinheiro. – Fique de olho na minha bolsa. Vou até o bar comprar outra rodada de drinques e espero pacientemente o bartender pegar meu pedido.

É a minha terceira taça de vinho. Estou sendo rebelde, mas, depois da performance de Jesse em casa, tenho uma missão de desafiá-lo e dar a última palavra.

Algumas horas depois, o bar está esvaziando, e estamos provavelmente na terceira garrafa de vinho. Estamos rindo como duas adolescentes, e estou ficando ousada com minhas perguntas.

– Você estava mesmo amarrada na cama? – pergunto, sem vergonha. O sorriso que se espalha pelo seu rosto me diz que não me pregaram uma peça. Nem fico tão chocada. Deve ser efeito do álcool ou talvez do sexo tórrido que eu mesma venho fazendo ultimamente. – Eu sabia! – dou risada. – Você precisa pedir para ele se vestir quando

anda pela casa. Fico sem saber para onde olhar.

– Está louca? – ela me olha com os olhos esbugalhados. – Que desperdício de um belo físico!

– O que ele faz, afinal? – pergunto. Ele dirige um Porsche e nunca trabalha.

Ela dá de ombros outra vez.

– Órfão rico.

– Órfão?

– Aparentemente – ela começa a dizer, pensativa –, os pais dele morreram em um acidente de carro, quando tinha dezenove anos. Ele não tem irmãos, família, ninguém. Vive da herança e gosta de pegar pesado. – Kate dá um sorriso sem vergonha.

Sam é órfão? Não consigo imaginar perder meus pais nessa idade – ou em qualquer idade, para ser sincera. De repente, estou vendo o mocinho ousado de uma maneira completamente diferente. Eu jamais diria que algo tão terrível tinha acontecido com ele, que está sempre sorrindo e brincando.

– Quantos anos ele tem? – pergunto.

– Trinta – ela responde quase com relutância, como se sentisse culpa por saber a idade do homem com quem está saindo.

Deixo passar. Não é culpa de Kate que eu seja sem noção.

– O que acha do Drew?

As sobrancelhas dela vão parar na linha do cabelo

– Ele é meio certinho e distante, não é?

– Sim! – exclamo. Fico feliz por não ser a única a achar isso. – Não faz o tipo da Victoria de jeito nenhum.

– Dou no máximo dois encontros. – Kate aponta a taça para mim, deixando derramar um pouco na mesa. – Ela vai entediá-lo com suas histórias cheias de detalhes de cada visita ao salão de bronzeamento artificial. – Ela bebe mais vinho. – Ei, Jesse mencionou alguma coisa sobre uma festa no Solar?

– Sim! – digo. – Você vai?

– Claro que vou! Mal posso esperar para ver aquele lugar. – Seus olhos dançam de excitação. – Acho até que devemos ir às compras.

– Provavelmente vou me virar com algo que já tenho no armário – comento, desanimada. Acabo de gastar quinhentas libras neste vestido ridículo e minúsculo. Faço menção de recostar e subitamente lembro que o banco não tem encosto e me agarro à borda da mesa. Meu vinho sai voando.

– Merda! – grito, mal conseguindo impedir o tombo de bunda no chão.

Tenho um ataque de riso com Kate, o vinho escorrendo das taças enquanto gargalhamos. Eu preciso parar de beber agora mesmo. Estou a ponto de ultrapassar a linha que divide estar alegrinha, falar mole e cambalear. E com meu Senhor irracional chegando às oito da manhã, preciso garantir que não vou estar de ressaca.

– Acho que é hora de parar – sugiro, no meu tom mais diplomático.

Kate concorda com um movimento de cabeça por trás da borda de sua taça.

– É, pra mim já deu. – Ela desliza do banco e cambaleia na minha direção. – Ah, eu amo essa música! Vamos dançar! – ela berra, me puxando para a pista de dança.

– Kate, não tem mais ninguém na pista de dança! – reclamo. Também não tem mais quase ninguém no bar.

– Quem se importa? – ela reclama, cambaleando em direção à música e me levando junto. – Vamos embora depois del… *Oh!* – ela despenca no chão, me levando junto e gritando. – Desculpe! – ela ri.

Estamos ambas deitadas no chão, rindo e olhando para as luzes fracas do bar. Eu morreria de vergonha… se não estivesse tão alterada.

– Acha que os seguranças vão vir para nos ajudar a levantar? – pergunto em meio às risadas.

Kate enxuga uma lágrima.

– Não sei. Acha que devemos gritar? – ela segura o meu braço para tentar se apoiar e consegue pelo menos sentar. – Ah, merda – ela xinga, seu tom mudando consideravelmente de malicioso para sério.

– O que foi? – sento para descobrir de que *merda* ela está falando e descubro Jesse de pé do nosso lado, braços cruzados sobre o peito, com um olhar irritado naquele lindo rosto.

Que merda mesmo. Aperto os lábios com medo de rir e irritá-lo mais ainda.

– Ah, não. Agora vou ficar de castigo por um mês – digo baixinho para que só Kate possa ouvir. Ela tenta reprimir as gargalhadas, mas acabo fazendo mais estardalhaço ainda e perco a batalha para segurar as minhas.

Estamos sentadas no chão do bar rindo como um par de hienas, enquanto o rosto de Jesse fica cada vez mais vermelho. Kate ri mais ainda quando Sam aparece ao lado de Jesse, revirando os olhos. Por que meu homem não pode só revirar os olhos, em vez de ficar aí parecendo que vai entrar em combustão espontânea? Nem estou *tão* bêbada. Minha atual situação é cortesia da delinquente que tenho como melhor amiga, que me desviou do bom caminho.

Um segurança forte e careca se aproxima, e chamo a atenção de Kate com o cotovelo para sinalizar nossa iminente expulsão do bar.

– Kate, se nos proibirem de almoçar aqui também, vou ficar fora de mim. – Adoro o sanduíche BLT do Baroque.

– Você já está fora de si – ela debocha, tentando levantar de novo e me usando como apoio.

– Jesse, cuide da sua mulher. – O segurança diz, apertando a mão dele.

– Ah, não se preocupe – ele me lança um olhar ameaçador. – Vou cuidar. Obrigado por me avisar, Jay.

O quê?

– Vamos, sua peste – Sam xinga Kate, levantando-a do chão de uma vez.

Ela o abraça e ri na cara dele.

– Hora de ir para a cama, Samuel. Você pode me amarrar outra vez.

Vejo Sam conter o riso diante do comportamento de Kate, mas não está fazendo isso por estar zangado. Ah, não, ele está se segurando por causa de Jesse. Ele está atrapalhando minha noite mais uma vez. Eu não esperava vê-lo antes de amanhã de manhã, então ele jamais saberia que fiquei meio alta. E que história é essa de o

segurança ligar para ele?

Volto meu olhar embriagado para o sr. Irracional, fazendo a expressão mais irritada que consigo. Seus olhos estão arregalados, e os sigo até o meu vestido. Ah, meu Deus, infringi duas regras. Talvez fique mesmo de castigo. Começo a rir de novo.

– Levante, agora – ele fala, por entre os dentes.

– Ah, relaxe, seu chato – devolvo, com mais confiança do que sinto. Estendo a mão para ele me ajudar, ciente de que não vai me deixar ali, sem conseguir ficar de pé.

Ele suspira, balançando a cabeça para demonstrar sua exasperação, antes de estender a mão e me puxar. Seus olhos se arregalam ainda mais quando ele tem o impacto da frente do meu vestido. Começo a rir outra vez, mas logo me acalmo.

– Está bravo comigo? – olho para ele em meu estado alterado, piscando sem parar enquanto seguro a lapela de seu terno cinza.

– Muito bravo, Ava – ele responde ameaçadoramente, segurando meu cotovelo e me levando para fora do bar.

Encontramos Sam ajudando Kate a entrar no banco da frente de seu Porsche, segurando a cabeça dela e a fazendo abaixar. Ela ainda está rindo, o que me faz começar a rir de novo.

– Samuel, essa é a sua noite de sorte! – ela cantarola, e Sam fecha a porta.

Jesse e Sam se despedem, enquanto Jesse ainda aperta meu cotovelo.

– Até mais tarde, gata. – Sam me beija no rosto e depois abre um sorrisinho discreto que devolvo, ao mesmo tempo que me concentro para não rir e enfurecer meu homem irracional mais do que o necessário.

Jesse me leva até seu carro e me senta no banco da frente, gentil, firme e em completo silêncio. Ele parece mesmo zangado, mas estou bêbada e rebelde, então não me incomodo.

Ele procura o cinto de segurança, e bato na sua mão, insolente.

– Posso afivelar um cinto de segurança – resmungo de mau humor, sendo recompensada com um olhar de “não me provoque”, então sabiamente pouso as mãos no colo e o deixo se inclinar sobre mim e afivelar meu cinto. Aproveito para cheirá-lo.

– Você tem um cheiro delicioso – eu o informo, em voz baixa.

Ele se afasta, o rosto ainda impassível, os olhos ainda queimando de raiva. Mas não diz uma palavra. Está me torturando com o silêncio. Ele bate a minha porta e se senta ao volante, colocando o carro em movimento, seguindo pelo tráfego sem a menor consideração pelos demais.

– A casa de Kate é para o outro lado – aviso quando vejo que ele está indo para o lado errado.

– E? – é a resposta monossilábica que recebo, como um disparo.

– E... é onde eu moro – afirmo, categoricamente. Ele não vai estragar minha noite completamente. Kate e eu temos nossas melhores conversas durante uma xícara de chá pós-álcool.

– Você vai ficar na minha casa. – Ele nem olha para mim.

– Não, isso não faz parte do acordo – eu o lembro. – Tenho até amanhã às oito horas para você me distrair de novo.

– Mudei o acordo.
– Você não pode mudar o acordo!
Ele vira o rosto lentamente para mim.
– Você mudou.
Eu me encolho, lançando meu olhar mais irritado, mas não consigo pensar no que dizer. Ele está certo, quebrei mesmo as regras do nosso acordo, mas só porque as condições dele são tão absurdamente desmedidas. Relaxo no assento de couro e desisto. Só faltam oito horas para as oito, afinal.

Estacionamos no Lusso, e dou um grunhido. Nas poucas vezes em que Clive me vê estou bêbada ou sendo carregada por conta da exaustão. Abro a porta e dou passos cautelosos, ficando de pé enquanto Jesse me observa de perto, com certeza aguardando que eu tropece para poder me pegar no colo e dar a Clive a impressão de que estou chapada mais uma vez.

Fecho a porta devagar e caminho em direção ao *foyer*. Não posso tropeçar, não posso tropeçar. Chego ao *foyer* ainda na vertical e aceno polidamente para Clive quando passo por ele, que permanece em silêncio. Ele acena de volta para mim e depois olha para Jesse. Pela maneira como volta a abaixar a cabeça sem nem um aceno, sei que deve ter visto o olhar furioso de Jesse. Bufo, entro no elevador e espero Jesse.

– Você precisa trocar esse código – resmungo ao digitar o código da construtora. Ele só precisa notificar a segurança, e eles farão isso imediatamente.

Ele não diz uma palavra. Está mesmo levando a tortura do silêncio a sério. Olho para ele e o vejo me encarando, me estudando, completamente impassível. Tenho certeza de que está a ponto de entregar os pontos e me submeter a algum tipo de sexo ao estilo Jesse. Será que vai colocar bom senso na minha cabeça com sexo ou seria uma transa de lembrete? Ah, vai ser provavelmente uma transa de desculpas! Meu cérebro bêbado gosta da ideia, mas então a porta do elevador se abre, e ele sai antes de mim, me deixando para trás. Estou chocada. Apostaria a minha vida que ele ia me atacar.

Ele abre a porta e entra sem nem olhar para mim, me deixando para fechá-la e segui-lo até a cozinha, onde está pegando uma garrafa de água na geladeira. Ele bebe alguns goles e depois a estende para mim.

Não me dou ao trabalho de recusá-la, principalmente por estar com sede, e não por estar comportada. Bebo a água sob seu olhar atento e coloco a garrafa vazia sobre a mesa ao terminar.

– Vire – ele ordena.

Prendo a respiração quando fogos de artifício estouram dentro de mim e obedeço, dando as costas para ele com a libido aos gritos e a pele formigando. A sensação das suas mãos nos meus ombros me faz apertar a mandíbula e soltar o ar. Ele baixa lentamente o zíper do meu vestido, fazendo questão de deslizar as mãos pelo meu corpo enquanto me despe e se ajoelha. Ele toca meu tornozelo, e dou um passo para sair de dentro do vestido, virando para vê-lo ajoelhado diante de mim.

Olhando de baixo, ele levanta devagar, roçando o nariz entre os meus seios até

chegar ao meu pescoço, onde inspira profundamente. Estou mentalmente implorando por ele.

Minha pele arde para que ele a toque, quero agarrá-lo, mas sei que isso vai acontecer nos seus termos.

– Quer a minha boca em você, Ava? – ele pergunta, com a voz suave.

Minha respiração fica presa na garganta, e sua voz vibra na minha orelha. Dou um suspiro, longo e cheio de ar.

– Você precisa dizer as palavras – ele roça os lábios na minha orelha. Meus joelhos tremem.

– Sim – digo soltando o ar.

– Quer que eu coma você, *baby*?

– Jesse… – eu me contorço quando ele me acaricia entre as coxas.

– Eu sei. Você me quer. – Ele morde o lóbulo da minha orelha, seus dentes tilintam contra a prata dos meus brincos. Sinto um arrepio, ofegante e desesperada por ele. Mas então Jesse se afasta, me abandonando de pé em uma pilha de hormônios enlouquecida.
– Fique aí – ele ordena, firme.

Ele está totalmente vestido, ainda de terno. Vai até o armário e pega algo. Cobertura de chocolate? Meu pulso acelera.

Ele retorna devagar ao seu lugar diante de mim, e dou uma bela olhada em seu físico atlético, me deleitando com o volume que vejo em sua calça. Espero, sem exigências e tolerante ao seu passo lento, e quando ele finalmente me alcança, chegando bem perto, soprando seu hálito quente e mentolado em mim, enquanto seus lábios apenas roçam meu rosto, meus olhos, meu queixo e finalmente pousam nos meus lábios.

Murmurando de puro prazer, abro a boca, mas ele interrompe o beijo e começa a se ajoelhar novamente. Um calor me assola, minha respiração entrecortada fica ainda mais urgente. Jesse olha para cima enquanto desce, e seu nariz toca a renda da minha calcinha. Tenho que me apoiar nos ombros dele e recebo aquele sorriso astuto quando ele começa a subir de volta, pressionando o corpo no meu ao longo do trajeto.

– Eu afeto tanto você – ele respira na minha orelha.

Eu tremo, sem fôlego.

– Sim, afeta.

– Sei que sim. E isso… me… excita… demais. – Ele se afasta de mim. O que está fazendo? Suas mãos se levantam e percebo que, em uma delas tem o meu vestido novo e na outra… uma tesoura.

Ele não faria isso! Ele segura calmamente a tesoura aberta na barra do vestido. Em seguida, ainda com muita calma, corta o meio da peça, diante do meu queixo caído. Parece que faria isso, sim. Um vestido de quinhentas libras? Não consigo reunir forças para detê-lo nem gritar com ele. Estou total e absolutamente estupefata.

Não contente em cortar meu vestido caríssimo em duas partes, começa a retalhá-lo em vários pedaços, antes de colocar o material mutilado calma, precisamente e sem nenhuma emoção sobre o balcão com a tesoura. Ele vira para me encarar.

Recupero a voz.

– Não acredito que você fez isso.

– Não brinque comigo, Ava – ele adverte, calmo e controlado. Ele enfia a mão no bolso e me olha com atenção, parada e totalmente perplexa. Minha embriaguez desapareceu. Estou estarrecida com a pequena demonstração de poder.

– Você – aponto o dedo no rosto dele – é louco!

Os lábios dele formam uma linha fina.

– É como eu me sinto. Já para a cama!

O quê? Já para a cama? O homem é mais que irracional – é impossível! Sinto minhas sobrancelhas se juntarem em uma careta. Se ficar mais tempo com esse homem, vou ter que usar botox antes dos vinte e sete anos.

– Não vou para a cama com você! – dou meia-volta e saio de lá, deixando a cozinha e meu homem controlador em chamas para trás.

Subo as escadas batendo os pés e bufando o caminho todo. Quero gritar! Ele é totalmente louco!

Sigo pelo corredor e vou para o quarto mais distante. Tenho várias opções possíveis, mas esse é o meu favorito e é o mais distante dele! Bato a porta e deito na linda cama, que ainda parece estar arrumada como foi na noite do lançamento. Jogo todas as almofadas no chão e pouso a cabeça no travesseiro, sentindo falta imediatamente do cheiro de água fresca e menta, além de essa não ser nem de longe tão confortável quanto a cama de Jesse. Vai ter que servir para esta noite. Amanhã vou embora. Ele é lunático! Nem adianta querer fazer qualquer coisa do meu jeito, porque mesmo que ele seja cavalheiro o bastante para permitir, vai estragar tudo mais tarde.

– Babaca – resmungo para o nada.

A porta se abre com violência, a luz do corredor entra, e vejo sua silhueta aumentar ao se aproximar. O que ele vai fazer agora? Uma lavagem estomacal em mim?

Ele se inclina e me pega nos braços sem dizer uma palavra. Se achasse que adiantaria, eu lutaria com ele. Mas não luto. Eu o deixo me levar até seu quarto e me deitar em sua cama.

Viro de bruços, enterrando o rosto no travesseiro, fechando os olhos e fingindo não adorar o conforto do cheiro dele nos lençóis. Estou mentalmente exaurida e grata por ser fim de semana. Eu poderia dormir até segunda-feira.

Ouço o movimento de Jesse se despindo e sinto quando ele se deita. Sou agarrada pela cintura e puxada sem esforço ao encontro da firmeza de seu peito. Tento me libertar, ignorando os rosnados de advertência que emanam dele.

– Me solte! – reclamo, tirando os dedos dele de cima de mim.

– Ava… – seu tom é de quem está com a paciência no limite. Isso só me estimula.

– Amanhã… eu vou embora – disparo, me afastando dele.

– Veremos – ele quase ri e me puxa, me apertando contra seu corpo.

Paro de lutar. É inútil. Além disso, não consigo evitar a imensa satisfação que sinto por estar em seus braços, seu hálito quente nos cabelos.

Mas estou espumando de raiva.

Capítulo 28

– Hora de levantar. – O nariz dele toca no meu quando abro meus olhos.

Espero alguns instantes para o cérebro começar a funcionar e para os olhos se acostumarem à luz. Quando o mundo entra em foco, eu o vejo olhando para mim de cima, os olhos verdes brilhantes. Eu, por outro lado, quero dormir mais. É sábado e nem minha vontade de dizer umas verdades vai me tirar da cama tão cedo.

Eu o empurro para longe e rolo para o outro lado.

– Não estou falando com você – resmungo, abraçando o travesseiro. Ele me dá um tapa no traseiro, antes de me virar e prender meus braços. – Isso dói! – esbravejo, e ele parece querer rir, mas não estou com cabeça para o Jesse safado hoje.

Estou colada a ele da cabeça aos pés, e ele estuda meu rosto com os olhos. Eu devia levantar o joelho e chutá-lo naquele lugar!

– O dia de hoje pode transcorrer de duas maneiras – ele declara. – Você pode parar de ser irracional, e nós passamos um ótimo dia juntos, ou você pode continuar sendo rebelde, e serei forçado a algemar você na cama e fazer cócegas nos seu quadris até você perder a consciência. O que vai ser, *baby*?

Eu? Irracional? Meu queixo cai, e ele ainda me olha com interesse. Ele acha mesmo que não vou argumentar com essa proposta?

Levanto a cabeça até ficar bem próxima do seu rosto irritantemente perfeito, com a barba por fazer.

– Vá… se… foder – digo com calma e clareza, fazendo ele se encolher e arregalar os olhos com a minha grosseria. Estou com vergonha de mim mesma também, mas ele desperta o pior em mim com seu comportamento disparatado.

– Olha a boca, porra!

– Não! Que merda foi aquela de pedir aos seguranças para manter você informado dos meus movimentos? – Essa lembrança acaba de surgir no meu cérebro sonolento. Mas, se eu estiver certa, e ele realmente pediu para os seguranças ficarem de olho em mim, aí sim vou explodir.

– Ava, só quero garantir que você esteja segura. – Ele baixa a cabeça e começa a morder o lábio inferior. – Só fico preocupado.

Ele se preocupa? Ele me conhece há menos de um mês e já acha que pode virar o protetor possessivo? Ele me atrapalha, me tira do prumo, destrói meus vestidos e me proíbe de beber.

– Tenho vinte e seis anos, Jesse.

Ele volta os olhos para os meus. Eles estão sombrios de novo.

– Por que usou aquele vestido?

– Para enfurecer você – respondo com sinceridade, me agitando em vão. Não vou a lugar algum.

– Mas você achava que não me veria – ele franze o rosto. Ele acha que eu o usaria para outra pessoa?

– É uma questão de princípio – murmuro. Eu queria estar em vantagem, ainda que ele não soubesse. – Você me deve um vestido.

O sorriso dele quase me cega.

– Podemos colocar na lista de coisas a fazer hoje.

Que lista é essa? Nesse momento, quero voltar a dormir. Ou ele poderia me fazer despertar de outra maneira. Esperneio debaixo dele, e suas sobrancelhas pulam de surpresa.

– O que foi isso? – ele pergunta, tentando com esforço esconder o sorriso.

Está bem, agora entendi qual é o jogo dele. Ele vai me rejeitar, como fez ontem à noite e logo antes de eu sair ontem. Isso vai ser minha punição por desafiá-lo. Que fofo. É a pior coisa que ele poderia fazer.

– Você não precisa me proteger – reclamo, dando um jeito de sair de baixo dele. Pode trazer as algemas, se quiser.

– Isso mostra o quanto me importo com você – ele diz às minhas costas, quando o deixo deitado na cama.

Ele se importa? Quero que ele me ame, não que se importe. Vou para o banheiro, fecho a porta e sinto meu coração se despedaçar.

Lavo o rosto e faço menção de pegar a escova de dentes de Jesse, mas encontro a minha ao lado da dele. *Como?* Cubro as cerdas de pasta e, com uma expressão intrigada, começo a escovar os dentes, olhando pelo espelho para o suporte do chuveiro, onde encontro meu xampu e condicionador, junto com minha lâmina e meu sabonete líquido. Ele *me* mudou para cá? Continuo escovando os dentes, abro a porta que dá para o quarto e vejo Jesse deitado de bruços, com o rosto enterrado no travesseiro. Passo por ele e vou na direção do armário, quase engasgando com o creme dental quando vejo algumas de minhas roupas penduradas.

Sim, ele *fez* minha mudança para cá! Não posso dar minha opinião? Tudo bem, eu amo Jesse, mas só o conheço há poucas semanas. Morar juntos? O que isso quer dizer? Ele me quer aqui para cuidar de mim? Bem, se for isso, ele pode ir à merda. Quer me controlar, isso sim.

– Algum problema?

Eu me viro, com a boca cheia de pasta de dente, e me deparo com Jesse na porta do closet, um tanto apreensivo. É uma expressão que nunca vi nele. Meus olhos percorrem seu tórax e se deliciam com a tensão de seus músculos enquanto ele se apoia com ambas as mãos no batente da porta. Mas rapidamente tiro o foco daquele peito e lembro o motivo que me trouxe aqui. Digo um punhado de palavras inaudíveis ao tentar manter a escova e a pasta na boca.

– Desculpe, não entendi. Pode falar de novo? – Seus lábios se curvam em um sorriso, e arranco a escova da boca.

Ele sabe muito bem o que vou dizer. Repito, as palavras agora mais compreensíveis sem a escova, mas a presença da pasta ainda impede um discurso claro.

Ele revira os olhos e me pega no colo, me levando até o banheiro.

– Cuspa – ele ordena, enquanto me põe de pé.

Eu livro a boca da espuma e viro o rosto para o meu controlador irracional.

– O que é tudo isso? – faço um gesto grande com o braço na direção da casa toda.

Ele aperta os lábios para não sorrir e se inclina para lamber os resíduos de creme dental em torno da minha boca, sua língua quente varrendo meu lábio inferior lentamente.

– Pronto. O que é o quê? – ele leva a língua até minha têmpora e sopra seu hálito na minha orelha. Eu me reteso quando ele fecha a mão sobre o meu sexo, espalhando prazer por todo o meu corpo.

– Não! – eu o empurro. – Você não vai me manipular com a sua divindade deliciosa!

Ele dá o sorriso mais atrevido.

– Você acha que sou um deus?

Eu bufo, virando para o espelho. Ele está tão cheio de si que talvez eu tenha que me atirar pela janela ou serei esmagada contra a parede.

Passando o braço pela minha cintura, ele me puxa e descansa o queixo no meu ombro. Em seguida estuda meu reflexo no espelho, insinuando seu pênis rijo entre minhas coxas e fazendo círculos com o quadril, me obrigando a segurar a borda da pia.

– Não me importo de ser seu deus – ele sussurra.

– Por que minhas coisas estão aqui? – pergunto para o reflexo dele, tentando fazer meu corpo se comportar e não ceder à sua adorável divindade.

– Passei na casa da Kate para pegar algumas coisas mais cedo. Pensei em você passar alguns dias aqui.

– Tenho direito a opinar?

Ele mexe aquele maldito quadril outra vez, arrancando um gemido de mim.

– E quando é que você tem?

Balanço a cabeça para ele no espelho, e um dos lados de sua boca se curva em um sorrisinho safado, acompanhado de mais um giro do quadril. Não vou reagir ao quadril sensual dele, porque sei que vai me deixar na mão de novo. E qual é a da Kate, deixando ele mexer nas minhas coisas? Há muito mais que duas mudas de roupas penduradas naquele armário. Qual é o jogo dele?

– Se apronte, *baby*. – Ele beija meu pescoço e me dá um tapinha no traseiro. – Vou levar você para passear. Aonde quer ir?

Olho espantada para ele.

– Posso escolher?

Ele dá de ombros.

– Tenho que deixar você fazer alguma coisa, de vez em quando. – Seu rosto está impassível. Ele está mesmo falando sério.

Eu deveria aproveitar a chance de ter um pouquinho de poder com unhas e dentes enquanto ele está sendo flexível, mas estou desconfiada. Depois da reação ontem à noite, do massacre ao vestido tabu e do silêncio, estou intrigada que ele tenha acordado

tão equilibrado e estável.

– Então, o que quer fazer? – ele pergunta.

– Vamos a Camden – sugiro, preparada para ouvir um "não". Os homens detestam aquela bagunça e de ter que garimpar boas compras.

– Tudo bem. – Ele vai para o chuveiro, me deixando de frente para o espelho perguntando onde é que o meu controlador foi parar.

Do pé da escada posso ouvir Jesse falando ao telefone, e começo a babar assim que entro na cozinha. Ele está lindo de jeans surrado e camisa polo azul-marinho com a gola puxada para cima – ao estilo de Jesse. Ele se barbeou e passou pomada nos cabelos. Está exageradamente lindo, além de exageradamente tudo o mais.

– Só vou para aí amanhã. Está tudo bem? – ele se vira no banco, passando os olhos pelo meu corpo. – Obrigado, John. Ligue para mim se precisar. – Ele solta o celular sem parar de olhar para mim, cruzando os braços sobre o peito. – Gostei do vestido. – Sua voz é rouca e provocante.

Eu olho para o meu vestido leve, floral. Ele vai até a altura dos joelhos, o que deve passar por seu crivo. Fiquei surpresa que Kate o tivesse escolhido ao fazer minha mala. É bem próprio para o Verão, com as costas nuas e sem mangas. Abro um sorriso. Ele ainda não viu a parte de trás, e não vou mostrar. Sei que ele vai me mandar trocar de roupa.

Visto meu cardigã creme, de pontos largos, e pego minha bolsa de camurça.

– Pronto? – pergunto.

Ele levanta e se aproxima de mim com intensidade. Espero um beijo, que não vem. Em vez disso, ele coloca os óculos escuros, pega a minha mão e me puxa na direção da porta. Vou passar o dia todo com ele e não vou ganhar nem um beijo?

– Você não vai me tocar o dia todo, não é?

Ele olha para as nossas mãos dadas.

– Estou tocando.

– Você sabe do que estou falando. Você está me punindo.

– E por que faria isso, Ava? – Ele me conduz para dentro do elevador. É claro que sabe do que estou falando.

Olho para ele.

– Quero que você me toque.

– Sei que quer. – Ele digita o código.

– Mas não vai?

– Me dê o que quero, e eu toco você. – Ele não olha para mim.

Não acredito.

– Um pedido de desculpas?

– Não sei, Ava. Você precisa pedir desculpas? – Ele mantém o foco à sua frente. Mesmo no reflexo das portas, seus olhos não encontram os meus.

– Desculpe – praticamente disparo. Não acredito que ele está fazendo isso. E não acredito que estou tão desesperada por contato.

– Bem, se é um pedido de desculpas, pelo menos faça *parecer* sincero.
– Desculpe.
Seus olhos encontram os meus no espelho.
– De verdade?
– Sim. Desculpe.
– Quer que eu toque você?
– Sim.
Ele se vira para mim com uma rapidez incrível, me empurrando contra a parede de espelhos e cobrindo meu corpo com o seu. Estou imediatamente melhor. Nem foi difícil.
– Você está começando a entender, não está? – Seus lábios pairam sobre os meus, seu quadril se insinuando contra o meu ventre.
– Eu entendo. – Estou ofegante.
Ele toma a minha boca, e minhas mãos apertam seus ombros, as unhas se cravando nos músculos. Assim é bem melhor. Minha língua encontra a dele, e me derreto completamente.
– Está feliz? – ele pergunta, interrompendo o beijo.
– Sim.
– Eu também. Vamos.
Chegamos a Camden para tomar café da manhã. Faz um dia lindo, e já estou com calor com esse cardigã, mas posso aguentar mais um pouco. Ainda daria para ele me levar para casa e me fazer trocar de roupa.
Jesse me encontra na calçada ao lado do carro e me leva para um café bem agradável.
– Você vai adorar. Vamos sentar do lado de fora. – Ele puxa uma cadeira de vime para mim.
– Por que vou adorar? – pergunto, enquanto sento na almofada de bolinhas.
– Eles fazem os melhores ovos Benedict. – Ele sorri para mim quando vê meus olhos brilharem.
A garçonete se aproxima no ato ao ver Jesse e toda aquela beleza divina, mas ele está completamente distraído.
– Vamos querer dois ovos Benedict – ele aponta para o cardápio –, um café forte e um cappuccino com uma dose extra, sem açúcar e sem chocolate, por favor. – Ele olha para a garçonete, premiando-a com um de seus sorrisos, reservados apenas para as mulheres. – Obrigado.
Ela parece titubear por um momento, e dou uma risada discreta. Sim, ele causou o mesmo efeito em mim.
Ela finalmente consegue falar.
– Querem presunto ou salmão com os ovos?
Ele entrega os cardápios a ela e tira os óculos, para que tenha o impacto total de seu rosto impressionante.
– Salmão, por favor.
Balanço a cabeça, impressionada, e checo meu telefone enquanto a garçonete leva um tempo enorme para anotar um pedido tão básico.

– Branco ou integral?
– Como? – tiro os olhos do telefone e vejo que a garçonete ainda está aqui.
– Pão branco ou integral? – Jesse repete, sorrindo para mim.
– Ah, integral, por favor.
Ele volta os olhos verdes estonteantes para a atordoada garçonete.
– Integral para os dois. Obrigado.
Ela dá um sorriso forçado, antes de finalmente nos deixar.
– Como estão suas pernas? – ele pergunta, mas sei que não é isso que o faz morder os lábios
– Bem. Você corre sempre? – Já sei a resposta. Ninguém se levanta no meio da noite para correr mais de vinte quilômetros se não leva isso a sério.
– Correr me distrai – ele explica encolhendo os ombros e recostando na cadeira, com uma expressão pensativa.
– Distrai do quê?
Ele mantém os olhos em mim.
– De você.
Deixo escapar um som de zombaria. Ele obviamente não anda correndo muito no momento, já que passa a maior parte de seu tempo cuidando da minha vida.
– Por que você precisa se distrair de mim?
– Porque Ava… – ele suspira. – Não consigo ficar longe de você e, o que mais me preocupa, não quero ficar longe de você. – Seu tom indica frustração. Ele está frustrado comigo ou consigo mesmo?
A garçonete serve os cafés e permanece ao nosso lado, mas não ganha outros sorrisos arrasadores. Ele está concentrado em mim. Sua afirmação é melancólica. Estou encantada com o fato de que não consegue ficar longe de mim, mas ofendida porque isso parece incomodá-lo.
– E por que isso é preocupante? – pergunto inocentemente, enquanto mexo meu cappuccino e mentalmente imploro por respostas satisfatórias. Mas, depois de alguns minutos e nenhuma resposta, olho para ele e vejo sua mente voando a quilômetros por hora, o lábio sendo castigado por mordidas.
Ele finalmente solta uma respiração pesada, baixando os olhos.
– É preocupante porque me sinto fora de controle. – Ele vira para mim, me penetrando com aqueles olhos verdes. – E não sou bom em perder o controle, Ava. Não no que diz respeito a você.
Ele está admitindo que é um controlador irracional? É mais do que óbvio que não lida bem com desafios. Já tive provas disso.
– Se você fosse mais razoável, não se sentiria tão fora de controle. Você é assim com todas as mulheres?
Seus olhos se arregalam e depois se estreitam.
– Nunca me importei tanto com alguém para me sentir assim. – Ele pega seu café. – É bem a minha cara ter encontrado a mulher mais rebelde do planeta para…
– Tentar controlar? – Levanto as sobrancelhas para ele, e seu olhar de reprovação se intensifica. – E quanto a outros relacionamentos?

– Não tenho relacionamentos. Não estou interessado em me envolver. De qualquer forma, não tenho tempo.

– Você tem dedicado bastante tempo a atrapalhar a minha vida! – falo de sopetão quase para dentro da xícara. Se isso não é estar envolvido, não sei o que é.

Ele balança a cabeça.

– Você é diferente. Eu já falei, Ava. Passo por cima de qualquer um que tente me atrapalhar. Inclusive você.

Nosso café da manhã chega, com um aroma delicioso. Aproximo a cadeira da mesa, pesando suas palavras.

– Por que sou tão diferente? – pergunto, em um fio de voz.

– Não sei, Ava – ele responde, também em voz baixa, cortando o salmão.

– Você não sabe muita coisa, sabe? – É tudo o que tem a dizer quando tento determinar a razão para seu comportamento. Eu desperto “vários sentimentos”. O que devo entender disso tudo?

– Sei que eu nunca quis transar com uma mulher mais de uma vez. Com você, no entanto, eu quero mais.

Eu me afasto, horrorizada, quase engasgando com um pedaço de torrada.

Ele tem a decência de parecer arrependido.

– Não saiu como deveria. – Ele pousa o garfo, fecha os olhos e massageia as têmporas. – Só estou querendo dizer que… bem… nunca me importei o bastante com uma mulher para querer mais do que sexo. Não até conhecer você. – A massagem nas têmporas se torna mais agressiva. – Não sei explicar, mas você sentiu, não é? – Ele olha para mim, em desespero, como quem espera uma confirmação. – Quando nos conhecemos, você sentiu.

Dou um sorriso leve.

– Sim, senti. – Jamais vou me esquecer.

Sua expressão muda instantaneamente, ele está sorrindo de novo.

– Agora coma. – Ele aponta o garfo para o meu prato, e me conformo em viver sem a resposta que quero tanto ouvir. Se ele não sabe, não há muita chance de eu um dia vir a saber. Seria mais fácil lidar com isso se eu soubesse como funciona sua mente complexa? Talvez eu nunca saiba, mas, apesar disso, ele acabou de dizer, ainda que em outras palavras, que quer mais que sexo, não foi? Então ele se importa comigo. Se importar significa controlar? E nunca teve um relacionamento? Não acredito nisso nem por um segundo. As mulheres se jogam aos pés desse homem. Ele não pode fazer sexo com todas elas só uma vez. Meu Deus, se nunca comeu uma mulher mais que uma vez, quantas foram então? Chego perto de perguntar, mas paro a tempo. Será que quero saber?

– Precisamos comprar um vestido para você ir à festa de aniversário do Solar – ele declara, em uma tática óbvia de me distrair das perguntas e dos pensamentos. Tenho certeza de que sabe no que estou pensando.

– Eu tenho vestidos suficientes – pareço bem desanimada, o que é bom, porque é como me sinto. Só me conforta um pouco o fato de que Kate vai estar lá para me ajudar a aguentar a noite sob o olhar de Sarah e seus comentários sarcásticos. Ele já transou com Sarah? Imagino que seja possível, já que só faz sexo com elas uma vez. O

pensamento me faz garfar a comida com força.

Ele fecha o rosto.

– Você precisa de um vestido novo. – É aquele tom que não aceita discordância.

Dou um suspiro antecipando mais uma discussão por causa do meu guarda-roupa. Tenho várias opções sem ter que comprar um vestido novo. Além disso, mesmo que não tivesse, daria um jeito de achar algo só para não ter que ir às compras com Jesse.

– Devo um a você, de qualquer forma. – Ele põe uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

Sim, ele me deve um vestido, mas não quero um, porque duvido que vá ter direito a escolher o modelo que ele vai comprar.

– Posso escolher?

– Claro. – Ele pousa o garfo e a faca no prato. – Não sou um controlador completo.

Quase derrubo meus talheres.

– Jesse, você é mesmo especial – Minha voz está carregada do carinho que a afirmação merece.

– Não tão especial quanto você. – Ele pisca para mim. – Está pronta para atacar Camden, *baby*?

Assinto, pegando a carteira da bolsa sob seu olhar confuso. Deixo uma nota de vinte embaixo do saleiro na mesa e fico olhando enquanto ele levanta, bufa exageradamente, enfia a mão no bolso, substitui meu dinheiro pelo dele, tira a bolsa da minha mão e guarda a minha nota.

Controlador!

Meu telefone começa a dançar sobre a mesa, mas, antes que eu tenha a reação de pegá-lo, Jesse está com o aparelho na mão.

– Alô – ele cumprimenta o interlocutor misterioso.

Olho para ele, furiosa. Ele não tem mesmo a menor educação. Quem é, afinal?

– Sra. O'Shea? – ele atende, simpático.

Meu queixo cai. Não! Não a minha mãe! Tento pegar o celular da mão dele, mas ele sai dançando, com um sorriso travesso no rosto enlouquecedoramente bonito.

– Tenho o prazer de estar com a sua linda filha – ele informa minha mãe. Dou a volta na mesa, e ele vai para o outro lado, fazendo uma careta.

Aperto os dentes e aceno freneticamente, mas ele levanta as sobrancelhas e balança a cabeça devagar.

– Sim, Ava já me falou muito da senhora. Estou ansioso para conhecê-la.

Ah, que irritante! Mal falei dos meus pais para Jesse e nunca disse uma palavra sobre Jesse a eles. Ah, Deus, era só o que me faltava. Olho feio e tento alcançá-lo, mas ele dá um pulo para trás.

– Sim, vou passar o telefone para ela. Foi um prazer falar com a senhora.

Ele me dá o telefone, e eu o arranco de sua mão com um puxão.

– Mãe?

– Ava, quem era? – minha mãe soa tão confusa quanto imagino que esteja. Ela quer que eu seja uma jovem livre e solteira em Londres, e agora homens estranhos estão atendendo meu telefone. Estreito os olhos para Jesse, que parece bem orgulhoso de si

mesmo.

– É só um amigo, mãe. Está tudo bem?

Jesse imita um aperto no coração, como um soldado ferido, mas sua expressão chateada não combina com a encenação – nem de longe. Ouço um som de reprimenda do outro lado do celular.

– Matt ligou para mim – ela diz, sem emoção.

Dou as costas a Jesse para tentar esconder meu olhar transtornado. Por que Matt ligaria para a minha mãe? Que merda! Não posso falar sobre isso agora, não na frente de Jesse.

– Mãe, posso ligar depois? Estou em Camden, aqui faz muito barulho. – Meus ombros batem nas orelhas com a sensação dos olhos de Jesse queimando minhas costas.

– Sim, só queria que soubesse. Foi muito simpático. Não me caiu bem – ela parece furiosa.

– Está bem. Ligo mais tarde.

– Ótimo. E lembre-se: divirta-se sem se apegar. – Ela acrescenta essa última frase para me lembrar de meu status, seja ele qual for.

Viro para Jesse e encontro a expressão que sabia que encontraria: muito contrariado.

– Por que fez isso? – grito.

– "Ele é só um amigo"? Você sempre deixa seus amigos comerem você até perder a cabeça?

Meus ombros caem, em desânimo. As mudanças constantes na maneira como ele se refere ao nosso relacionamento estão acabando comigo. Ele me come; ele se importa; ele me controla…

– O objetivo da sua missão é tornar a minha vida o mais difícil possível?

Seus olhos se tornam mais suaves.

– Não – ele fala baixo. – Desculpe.

Meu Deus, temos um progresso? Ele acaba de pedir desculpas por ser um idiota? Estou mais pasma agora do que quando ele atendeu meu telefone e cumprimentou minha mãe como se fosse um velho amigo.

– Esqueça – digo em um suspiro, jogando o telefone na bolsa. Saio caminhando pela rua em direção ao canal, e seu braço me pega pela cintura em questão de segundos. Minha pobre mãe deve estar enchendo os ouvidos do meu pobre pai neste exato momento. Sei que vou enfrentar um interrogatório mais tarde. Quanto a Matt… bem, conheço o seu jogo. Ele está tentando amaciar meus pais, aquele verme nojento. Ele vai ter uma bela decepção. Meus pais o detestam abertamente agora, em vez de o tolerarem em respeito a mim.

Passamos o resto da manhã e boa parte da tarde perambulando por Camden. Adoro este lugar – a diversidade é o melhor que Londres pode oferecer. Eu poderia me perder por horas pelas ruazinhas de paralelepípedos dos mercados e antigos quiosques. Jesse me acompanha enquanto garimpo o local, sempre ao meu lado e me tocando constantemente. Estou contente por ter pedido desculpas.

Passamos pela área de alimentação e não aguento mais o calor. Não que o dia esteja muito quente, mas, com tanta gente aqui, estou me sentindo sufocada. Tiro a bolsa, que estava atravessada, e o cardigã para amarrá-lo na cintura.

– Ava, falta um pedaço do seu vestido!

Eu me viro com um sorriso e o vejo boquiaberto com o decote. O que ele vai fazer? Me despir e cortá-lo em pedaços também?

– Não, o modelo é assim – eu o informo, amarrando o casaco na cintura e recolocando a bolsa no lugar. Ele me vira e puxa o cardigã para cima, para tentar cobrir a pele à mostra. – Você pode parar? – dou risada, me desvencilhando dele.

– Você fez de propósito? – ele surta, abrindo a mão enorme nas minhas costas.

– Se quer saias longas e suéteres de gola polo, sugiro que encontre alguém da sua idade – resmungo enquanto ele me conduz pela multidão com a mão imóvel.

Ganho um apertão nas costelas pela ousadia. Ele vai me fazer vestir uma burca da próxima vez.

– Quantos anos você acha que tenho? – ele pergunta, incrédulo.

– Bom, não sei, não é mesmo? – retruco. – Quer tirar minha dúvida?

Ele debocha.

– Não.

– É, foi o que imaginei – resmungo outra vez, quando algo chama a minha atenção. Vou até uma tenda cheia de velas perfumadas e outras coisas *hippie*, ouvindo Jesse murmurar atrás de mim e se embrenhar pela multidão para me alcançar.

Chego à tenda e sou recebida por um sujeito de estilo *new age, dreadlocks* nos cabelos e muitos piercings.

– Olá. – Abro um sorriso e pego um saco de tecido na estante.

– Boa tarde – ele diz. – Quer ajuda com isso? – ele vem até mim e me ajuda a pegar a sacola.

– Obrigada. – Sinto a mão de Jesse em mim quando abro a sacola e retiro o conteúdo.

– O que é isso? – Jesse pergunta, olhando por cima do meu ombro.

– Esta – eu a sacudo – é uma calça pescador da Tailândia.

– Acho que você precisa de um tamanho menor – ele estranha, olhando para o descomunal pedaço de tecido preto que estou segurando.

– São de tamanho único.

Ele ri.

– Ava, cabem dez de você em uma dessas.

– Você precisa amarrar no corpo. Ela veste qualquer tamanho. – Eu já queria substituir a minha, bem velha, há meses.

Ele dá um passo para o lado, mas deixa a mão exatamente no mesmo lugar, e olha a calça com desconfiança. É bem verdade que essas calças parecem caber no homem mais obeso do mundo, mas, quando você entende como funcionam, não há nada mais confortável para usar em casa em um dia de folga.

– Aqui, vou mostrar. – O dono da tenda pega a calça e ajoelha diante de mim.

Sinto a mão de Jesse ficar tensa nas minhas costas.

– Vamos levar – ele diz, rapidamente.

Ah, lá vem ele!

– Você precisa de uma demonstração – o *Dreadlocks* diz animado, agitando a abertura da calça aos meus pés.

Levanto os pés para entrar na calça, mas ele me puxa para trás. Levanto os olhos para fazer um alerta sem palavras. Ele está sendo ridículo.

– Você tem pernas lindas, senhorita – ele diz, ainda espirituoso.

– Obrigada. – Recuo.

– Me dê isso. – Jesse arranca a calça das mãos do homem, antes de me colocar com as costas voltadas para a estante. Balançando a cabeça e resmungando, ele ajoelha e abre a calça para mim. Abro um sorriso doce para o *Dreadlocks*, que parece não perceber a atitude patética de Jesse, provavelmente porque está chapado demais para notar. Dou um passo para dentro da calça e a visto enquanto Jesse segura os lados, a linha de expressão profunda em sua testa. É adorável!

Rapidamente começo a amarração, com medo de que o atendente queira interferir.

– Assim, está vendo? – faço as dobras e amarro do lado.

– Maravilhosa – Jesse caçoa, olhando confuso para a calça. Quando nossos olhos se encontram, abro um sorriso enorme. Ele balança a cabeça, os olhos brilhando. – Quer levar?

Eu desamarro e tiro a calça sob o olhar atento de Jesse.

– Eu pago – informo.

Ele revira os olhos com um ruído de desgosto e pega um bolo de notas no bolso.

– Quanto custa a calça tamanho gigante? – ele pergunta ao *Dreads*.

– Dez libras, meu amigo.

Dobro a calça e a enfio de volta na sacola.

– Eu vou pagar pela calça, Jesse.

– É mesmo? – Jesse dá de ombros e entrega a nota para o rapaz.

– Valeu. – Ele enfia a nota na pochete.

– Vamos.

– Você não precisava tratar o pobre homem assim – reclamo. – E eu queria pagar pela calça.

Ele me abraça de lado e me beija a têmpora.

– Cale a boca.

– Você é impossível.

– Você é linda. Posso levar você para casa agora?

Balanço a cabeça, desanimada com meu homem difícil.

– Sim. – Meus pés doem, e preciso recompensá-lo pela tolerância com meu passeio hoje. Ele foi bastante razoável.

Eu o deixo me guiar entre as pessoas até sairmos do beco lotado, quando o som de uma vibrante música techno invade meus ouvidos. Olho na direção do som e vejo luzes de neon saindo da escuridão do velho edifício da fábrica e muita gente reunida na entrada. Nunca entrei ali, mas ele é famoso pelas roupas alternativas e acessórios loucos.

– Quer ver?

Olho para Jesse e noto que ele seguiu meu olhar na direção da entrada da fábrica.

– Achei que você queria ir para casa.

– Podemos entrar só para dar uma olhada. – Ele muda a rota e me guia para o local mal-iluminado.

A música martela meus tímpanos assim que entramos, e a primeira coisa em que reparo são dois dançarinos, vestindo cuecas fosforescentes, fazendo movimentos impressionantes em um mezanino suspenso. Não consigo parar de olhar. É como estar em um clube noturno de dia. Jesse me leva a uma escada rolante, que dá no subsolo da fábrica. Assim que chegamos lá, meus olhos são atacados por roupas de todas as cores fosforescentes possíveis e de todas as descrições imagináveis.

– Não é renda, é? – ele brinca, ao me pegar babando por uma minissaia amarelo berrante com *spikes* na barra.

– Não, não é renda – concordo. – Tem gente que usa isso?

Ele ri, cumprimentando um grupo de pessoas que parecem estar a ponto de desmaiar de excitação. Ao todo, devem ter uns mil piercings. Estou completamente absorta por esse lugar, e seguimos por um labirinto de metal e por mais escadas e terminamos cercados por... brinquedos sexuais. Eu recuo. A música é ainda mais alta e absolutamente vulgar, e observo boquiaberta uma mulher tresloucada gritando sobre sexo oral na pista de dança, enquanto uma dominatrix, vestida de couro, se esfrega em um poste preto de metal. Não sou puritana, mas isso foge à minha compreensão. Tudo bem, estamos no setor adulto, mas me sinto extremamente deslocada. Olho com nervosismo para Jesse.

Seus olhos estão brilhando, sua expressão demonstra muito divertimento.

– Chocada? – ele pergunta.

– Um pouco – admito. Não tanto pelos produtos, é mais o indivíduo quase nu, tatuado, coberto de piercings, usando plataformas altíssimas e fazendo movimentos ilícitos que me faz segurar o queixo.

Jesse gosta dessas coisas?

– Passa um pouco do limite, não é? – ele pondera, me puxando para um balcão de vidro. Essa declaração dele me faz dar um suspiro de alívio.

– Uau! – estou diante de um vibrador imenso, cravejado de diamantes.

– Não fique muito excitada – Jesse sussurra no meu ouvido. – Você não precisa de um desses.

Tenho um sobressalto, e ele ri na minha orelha.

– Não sei. Pode ser divertido – respondo, pensativa.

Agora é a vez dele de ter um sobressalto.

– Ava, eu morro antes de você usar um desse. – Ele olha incomodado para o objeto em questão. – Não vou dividir você com nada nem ninguém, incluindo objetos que funcionam com pilhas.

Dou risada. Ele passaria por cima de um vibrador? Sua loucura vai mesmo além dos limites. Ele olha para mim e abre um daqueles sorrisos provocantes.

– Eu poderia aceitar algemas, talvez – ele fala em voz bem baixa.

– Isto não excita você, não é? – faço um gesto que abrange a sala, antes de voltar os

olhos para ele.

Ele me olha com carinho, me abraça e beija minha testa.

– Só há uma coisa nesse mundo que me excita. E gosto dela vestida de renda.

Derreto de alívio e olho para o homem que amo tanto que dói.

– Me leve para casa.

Ele me dá um meio sorriso e me beija com idolatria.

– Está fazendo exigências? – ele pergunta, os lábios contra os meus.

– Sim. Faz tempo que não tenho você dentro de mim. Isso é inaceitável.

Ele se afasta e me olha com cuidado, a mente à toda, mordendo os lábios.

– Você tem razão. É inaceitável. – Ele volta a castigar os lábios com os dentes e concentra sua atenção adiante, nos tirando da masmorra e nos levando para o carro.

Capítulo 29

Passamos pela porta da cobertura em um emaranhado de braços e pernas. Esperei o dia todo por isso. Estou quase explodindo de desejo. Preciso dele em mim, neste minuto.

Ele me agarra pela cintura, para que eu o enlace com as pernas, e então vamos para a cozinha, onde aperta alguns botões no controle remoto. Meus ouvidos são premiados por "Running Up That Hill", do Placebo. Isso só atiça meu desespero por ele. É um homem de palavra.

– Quero você na cama – ele diz com urgência, subindo as escadas a uma velocidade alarmante.

A porta do quarto se abre com um chute, e sou deixada no chão, aos pés da cama.

– Vire – ele pede. Obedeço, dando acesso aos botões do meu vestido. – Por favor, diga que está usando renda. – ele implora, abrindo os botões um a um. – Preciso que esteja usando renda.

Sinto-o soltar a respiração devagar e satisfeito quando tira meu vestido, deixando-o no chão em seguida.

Tiro os sapatos e viro para ficar de frente para ele, encontrando-o de boca entreaberta e olhos semicerrados. Está tão desesperado quanto eu. Ele baixa o bojo do meu sutiã e passa as articulações dos dedos pelo meu mamilo. Meu coração salta no peito. Ele está no modo gentil – eu amo o Jesse gentil.

Eu o observo puxar a camiseta pelas costas e tirá-la. Sua boa forma nunca falha em me fazer perder o fôlego. Não há um grama de gordura em seu corpo.

– Você teve um bom dia? – ele pergunta, gentil, mas não me toca. Para diante de mim, tirando os sapatos e as meias, enquanto mentalmente peço que se apresse.

– Tive um ótimo dia – respondo, fazendo o máximo para ignorar as batidas apaixonadas da música que nos envolve.

– Eu também. – Ele está sério e pensativo. Não sei o que concluir com isso. – Qual tal nós o tornarmos ainda melhor?

Ah, meu Deus.

– Sim – suspiro.

– Venha aqui.

Não precisamos de nenhuma contagem regressiva dessa vez. Dou um passo para a frente, pousando as mãos no seu peito sólido, e levanto a cabeça para que nossos olhos se encontrem. Ficamos um momento apenas olhando um para o outro, e então seus lábios tocam os meus, me catapultando instantaneamente para as nuvens do Sétimo Céu

de Jesse – meu lugar favorito em todo o Universo.

Dou um gemido, levanto os braços para tocar seus cabelos, e ele me levanta e me aperta contra seu corpo, enquanto nossas línguas dançam lentamente. Ele me leva para a cama, me deita sob ele e coloca minhas mãos acima da minha cabeça. Ele não as prende ali, embora eu saiba que é onde devem ficar.

Ele abandona a minha boca e se senta, me deixando excitada, extasiada e ofegante. Apenas olha para mim, com a mente em pleno funcionamento naquela linda cabeça. Quero saber em que ele anda pensando. Há dias está assim, entrando e saindo desse estado pensativo.

– Eu poderia passar o dia todo vendo você se contorcer sob o meu toque – ele murmura enquanto brinca com meus seios, após ter baixando o outro bojo e dar ao outro mamilo a mesma atenção.

Meus bicos se arrepiam ao ser puxados e acariciados por seus dedos. Ele observa atento o estado em que me deixa, os lábios entreabertos e úmidos. Quero aqueles lábios em mim agora mesmo.

– Fique onde está. – Ele levanta da cama e tira minha calcinha. Choramingo ao sentir a falta do seu peso sobre mim. Fico assistindo enquanto ele desabotoa a calça e a deixa cair, antes de chutá-la para o lado e tirar a cueca. Aperto as coxas uma na outra para controlar a pulsação em meu sexo, que se transforma em um latejar constante diante da imagem dele completamente nu e espetacular diante de mim. Voltando para a cama, Jesse abre minhas pernas e passa a língua bem no meu sexo.

– Meu Deus, meu Deus, meu Deus! – Cubro o rosto com as mãos, cravando os dentes em uma delas quando ele mergulha a língua em mim, retirando-a e traçando círculos, antes de enfiá-la novamente. Acho que vou desmaiar.

Meus quadris se movem em sincronia com seus movimentos, buscando mais fricção, sua mão segurando meu ventre para me impedir de erguê-los. Por que eu fugia dele? De todas as bobagens que já fiz, fugir deste homem certamente leva a medalha de ouro.

Ele afasta a boca e sopra ar frio na minha pele, antes de retomar o curso inexorável de prazer torturante. Quando começo a agitar a cabeça de um lado para o outro e me agarro aos seus cabelos, ele aumenta a intensidade das carícias, e explodo em torno dele, levantando os quadris e soltando um grito, junto com a respiração desesperada. Ele fecha a boca sobre o meu clitóris, literalmente sugando as vibrações, enquanto tremo como uma folha ao vento, arqueando as costas em uma curva impensável.

Jesse geme.

– Hmmm, posso sentir você latejar com a minha língua, *baby*.

Não consigo falar. A influência que ele tem no meu corpo é extraordinária. Não acho que sou fraca, acho que ele é forte demais. Ele definitivamente detém o poder.

Meu coração sobrecarregado começa a se estabilizar, e acaricio seus cabelos, me deleitando nos beijos que sua boca atenciosa distribui no interior de minhas coxas, chupando e mordiscando. Estamos no modo amantes ternos, mas é impossível saber por quanto tempo. Não vou me enganar e achar que ele esqueceu minhas contravenções da noite passada, mas estou feliz por ficar aqui deitada com Jesse me acariciando entre as coxas pelo tempo que quiser.

Seus dentes se fecham em torno de meu clitóris, e estremeço violentamente, ouvindo-o rir baixo e fazer um caminho de beijos a partir do meu ventre até atingir meus lábios, compartilhando comigo o sabor do meu gozo, roçando a boca na minha sem parar de me olhar. Meus braços encontram seus ombros e aceitam seu peso, e ele enterra o rosto no meu pescoço e suspira. Sua ereção devastadora se faz sentir na minha coxa, e mexo os quadris para que se encaixe na minha entrada.

– Você me deixa tão louco de raiva, Ava. – Ele respira no meu pescoço, apoiado nos próprios braços, e lentamente me penetrando com um gemido sufocado. Solto um gemido, agarrando cada músculo dele. – Por favor, não faça mais isso. Ele passa o braço por baixo do meu joelho e coloca a minha perna sobre seu ombro, antes de firmar o apoio nos antebraços. Muito devagar, ele se retira e me penetra de novo em ritmo preguiçoso, os olhos sempre fixos nos meus.

– Desculpe – murmuro, ainda acariciando seus cabelos.

Ele se afasta e em seguida vem de encontro a mim, gemendo sempre.

– Ava, tudo o que faço é para a sua segurança e a minha sanidade. Por favor, me escute.

Dou mais um gemido quando ele me penetra mais fundo, num mergulho delicioso.

– Vou escutar – confirmo, mas estou ciente de que é porque estou subindo pelas paredes de prazer e, mais uma vez, ele me faz dizer qualquer coisa nesse momento. Não preciso ser protegida – a não ser, é claro, dele.

– Eu preciso de você. – Ele parece deprimido, o que me destrói. – Preciso muito de você, *baby*.

Estou fora de mim de tanto desejo, totalmente envolvida por ele, mas Jesse não pode continuar dizendo essas coisas – pelo menos não sem discorrer sobre o assunto. Ele está dando nós no meu cérebro com suas mensagens em código. Está confuso entre precisar e querer? Já passei da fase de querer e me preocupo se não estou na situação de realmente precisar dele.

– Por que você precisa de mim? – minha voz soa rouca e entrecortada.

– Simplesmente preciso. Por favor, nunca me deixe. – Ele me penetra outra vez, e ambos gememos alto.

– Me fale. – Sou toda gemidos, apertando seus ombros, mas mantendo os olhos fixos nos dele. Preciso de algo mais que esses quebra-cabeças misteriosos. Essas águas rasas estão ficando pantanosas também.

– Apenas aceite que preciso de você e me beije.

Olho para ele, dividida entre a necessidade do meu corpo e a necessidade de meu cérebro por mais informação. Ele entra e sai de mim em um ritmo onírico, gradualmente despertando outra onda de prazer. Não consigo me controlar.

– Ava, me beije.

Meu corpo vence. Puxo seu rosto para o meu e beijo sua boca com adoração ao mesmo tempo que ele me invade e se retira, mexendo os quadris todo o tempo. A tensão se instala em mim, e meu prazer aumenta. Minha respiração falha, e estou a ponto de atravessar a linha que separa o autocontrole do meu clímax iminente.

– Ainda não, *baby* – ele me pede com carinho, roçando em mim em mais uma

estocada.

Como ele sabe? Estou me esforçando, mas com essa música e Jesse me beijando tão delicadamente, a luta está praticamente perdida. Agarro seus ombros, um sinal silencioso de que estou à beira do orgasmo, e ele geme ainda outra vez, morde meu lábio e aumenta o ritmo.

– Juntos – ele balbucia, com a boca na minha.

Faço que sim com a cabeça, e ele acelera o ritmo e nos conduz ao êxtase máximo, mantendo o controle sobre seus movimentos.

– Quase lá, *baby*.

– Jesse!

– Se segure, só mais um pouco – ele diz devagar, me preenchendo e fazendo uma rotação profunda e deliciosa com os quadris, chegando o mais fundo possível.

Ambos gritamos ao mesmo tempo.

– Agora, Ava. – Ele tira quase que tudo de mim e então deixa seu quadril se chocar contra o meu, me penetrando com força.

Eu me solto no ar e o sinto pulsar e tremer dentro de mim, um sorvendo os gemidos do outro, em queda livre rumo ao nada. Minha carne lateja em torno de seu sexo pulsante, e meu coração martela no peito.

Eu o beijo com idolatria, e ele relaxa sobre mim, segurando minha perna sobre o ombro e empurrando o corpo com mais força contra o meu, dando tudo de si e urrando de prazer puro e visceral.

Meus olhos são tomados por uma umidade indesejada, e luto com afinco para impedir que as lágrimas rolem e arruínem o momento enquanto ele continua a aceitar meu beijo reverente e corresponde às carícias da minha língua. Tento dizer algo com esse beijo. Preciso desesperadamente que ele entenda isso.

Eu amo você!

Ele para de me beijar e se afasta, com o rosto intrigado.

– O que foi? – ele pergunta, cheio de preocupação.

– Nada – respondo rápido, amaldiçoando mentalmente minha mão estúpida, que pega uma mecha do cabelo dele. Ele busca os meus olhos, e me entrego com um suspiro. – O que é isto? – pergunto, ao mesmo tempo em que ele ainda se move dentro de mim.

– O que é o quê? – A confusão em sua voz é evidente. Eu quero me bater por ter aberto minha boca grande.

– Quero dizer eu e você. – Eu me sinto idiota de repente, querendo me esconder entre as cobertas.

Os olhos dele abrandam, e Jesse me tortura mais uma vez com os quadris.

– Somos só você e eu – ele diz apenas, como se fosse mesmo uma coisa assim tão simples. Ele me beija com ternura e solta a minha perna. – Você está bem?

– Ótima – digo, com mais hostilidade do que eu pretendia. Esse homem é tão insensível que não consegue enxergar uma mulher apaixonada, nem quando ela está embaixo dele?

Eu e você, você e eu. Essa parte é óbvia. Não vejo mais ninguém na cama. Tento me desvencilhar, e ele estreita os olhos pesados para mim.

– Preciso fazer xixi – digo em meu tom mais convincente de “não-estou-brava”. Falho miseravelmente.

Ele volta a atacar seu lábio inferior, me olhando com desconfiança, mas me liberta com relutância. Tiro o sutiã antes de ir ao banheiro e fechar a porta.

Por que não consigo apenas falar? Preciso tirar da boca as palavras que estão me causando tanta agonia. Ele precisa saber como me sinto. Eu me atiro aos seus pés como uma escrava, dando a ele minha mente e meu corpo sem pensar duas vezes. Não acredito, nem por um minuto, que ele não reconheça todos esses sinais.

Seguro firmemente a borda da pia, deixando escapar um longo suspiro. Este não é o lugar onde eu queria estar, mas cá estou, muito próxima de ver meu coração partido. Só de pensar na minha vida sem ele… passo a mão no peito, como se quisesse acalentar meu coração. Basta um pensamento para ele se contrair de dor.

Dou um pulo quando ele abre a porta e entra, nu e absurdamente bonito. Ele para atrás de mim, pousando as mãos na minha cintura e o queixo no meu ombro. Nossos olhares se encontram e permanecem ligados por um bom tempo.

– Achei que tínhamos feito as pazes – ele questiona, com a expressão um pouco confusa.

– Fizemos – despisto. Eu esperava muito mais retaliação do que recebi. Sim, ele destruiu o vestido tabu, mas, levando tudo em consideração, se comportou bem hoje.

– Então por que está sofrendo?

– Não estou sofrendo – digo, emotiva. É óbvio que estou.

Ele balança a cabeça e suspira, esfregando o quadril nas minhas costas. Está rijo outra vez. Quer me distrair com sexo.

– Ava, você é a mulher mais frustrante que já conheci.

Arregalo os olhos diante da ousadia. Ele me acha frustrante? Sua boca ataca meu pescoço, me enchendo de calor.

– Há algum motivo para você me rejeitar?

– Não – suspiro. Eu nunca o rejeito. Eu me entrego a ele, disposta e sem reservas, todas as vezes. De vez em quando é necessário um pouco de persuasão, mas ele sempre consegue o que quer no final.

Ele começa a acariciar meu sexo. É a fricção perfeita no ritmo perfeito. Mantenho o contato visual pelo espelho. Merda, estou babando por ele de novo. Deixo a cabeça pender para trás, oferecendo livre acesso ao meu pescoço. Sua língua traça uma linha pesada, que termina em um círculo na área sensível logo abaixo do lóbulo da minha orelha.

– Você quer de novo? – ele diz ao meu ouvido, enquanto estimula meu sexo.

– Eu preciso de você.

– Essas palavras me deixam tão feliz. Para sempre?

– Para sempre – confirmo.

Ele rosna em aprovação.

– Merda, preciso ter você de novo. – Ele empurra meu quadril e se posiciona na minha entrada, antes de me penetrar com um urro ensurdecedor, que ecoa pelo vasto banheiro.

– Ah, merda, Jesse! – eu me seguro com mais força na pia, pronta para o ataque.

Ele entra com tudo.

– Olha… a… boca!

Sou submetida a uma rodada implacável e desesperada de investidas incríveis, enquanto ele grita como um homem possuído, me empurrando para depois me empalar até a mais excruciante profundidade. Minha cabeça gira, meu corpo dói, e estou viciada na mais intensa, dolorosa e prazerosa droga, que é o próprio sr. Difícil.

Baixo a cabeça, e suas mãos vão parar nos meus ombros.

– Olhe para mim! – ele grita, me castigando com estocadas. Respiro fundo, levanto a cabeça e encontro seu olhar no espelho, mas é difícil manter o foco. Estou sendo atirada para a frente, meus braços mal conseguem suportar seus ataques por trás, acompanhados de gemidos. Sua linha de expressão está tão profunda, seus músculos tensos. O brutal Senhor do sexo está de volta.

– Você não vai mais me rejeitar, vai, Ava? – ele vocifera entre grunhidos.

– Não!

– Por que nunca mais vai me deixar, vai?

Ah, aí vamos nós. A conversa em código durante o sexo maltrata mais o meu cérebro do que o ataque formidável a que meu corpo está sendo submetido.

– Aonde eu iria, merda? – grito frustrada, sob mais um golpe impiedoso.

– Olha a boca! – ele ruge, com urgência. – Diga, Ava!

– Ah, Deus! – berro. Meus joelhos fraquejam, e as mãos dele me seguram pela cintura, me envolvendo. Meu mundo silencia enquanto me entrego às ondas de vibrações que me percorrem com fúria. Acho que meu coração parou, em choque.

– Deus! – ele cai no chão, deitando de costas para que eu fique sobre ele, de costas para o seu peito, os braços dele abertos dos lados. Sua respiração violenta me faz subir e descer, a cabeça turva e confusa e meu pobre corpo ainda se perguntando que diabos acaba de acontecer. Foi uma transa de bom senso como nenhuma outra. Mas com que propósito?

– Estou fo… – calo a boca antes de levar uma bronca, mas ainda assim ele levanta um braço e aperta meu quadril. – Ei! – reclamo. Eu não cheguei a falar. Isso é um avanço.

Ele me envolve em seus braços e respira no meu pescoço.

– Você não disse.

– O quê? Que não vou abandonar você? Eu não vou abandonar você. Está feliz?

– Sim, estou, mas não foi isso que eu quis dizer.

– O que você quis dizer?

Ele solta o ar pesadamente no meu ouvido.

– Esqueça. Quer fazer de novo?

Eu estalo os lábios, tentando estabilizar a respiração. Sei que não sou capaz de dizer não – para começar, ele não deixa. Sinto a vibração de uma risada embaixo de mim.

– Claro. Não me canso de você – mantenho a voz firme e séria.

Ele congela sob mim, mas logo depois me aperta mais.

– Fico feliz. Sinto exatamente o mesmo. Mas meu coração já suportou emoções demais

nas últimas vinte e quatro horas, com a sua rebeldia e desobediência. Não sei quanto mais ele é capaz de aguentar.

– Deve ser a sua idade.

– Ei! – Ele nos rola pelo chão, e fico de bruços, com o rosto virado para o assoalho e ele por cima de mim. Jesse morde a minha orelha e sopra seu hálito quente. – Minha idade não tem nada a ver com isso. – Ele mastiga meu lóbulo mais um pouco, e esperneio debaixo dele. – É você! – ele diz, acusador, apertando meu quadril.

– Não! – grito, em uma tentativa inútil de me libertar. – Tudo bem, eu me rendo!

– Eu adoraria que se rendesse – ele resmunga, saindo de cima de mim.

– Seu velho – digo, com um sorriso.

Sou posta de pé na velocidade de um relâmpago e empurrada contra a parede, com os braços acima da cabeça. Mordo os lábios para reprimir o riso.

– Prefiro que me chame de Deus – ele avisa, reforçando a informação com um beijo de derreter o coração, esfregando o corpo no meu e me fazendo subir pelas paredes. – Não me canso mesmo de você, Ava.

Eu sorrio.

– Você é a minha última tentação. – Ele passa os lábios pelo meu rosto, sendo recompensado por suspiros. – Está com fome? – pergunta.

– Estou. – Na verdade, estou faminta.

– Que bom. – Ele também sorri. – Eu comi você e agora vou deixar você comer. – Ele me abraça e nos leva ao quarto. – Vista lingerie de renda – ele pede suavemente, entrando no closet e saindo minutos depois usando uma calça de moletom listrada verde-musgo. Abro outro sorriso. Adoro quando usa verde-musgo. – Vejo você na cozinha. Feito?

– Feito – confirmo, em voz baixa. Ele pisca para mim e, em seguida, sai do quarto, me deixando para procurar a lingerie de renda.

Reviro o quarto em busca das minhas malas, mas não encontro. Então entro no closet, mas só localizo sapatos e vestidos. Ele disse alguns dias. Há mais que alguns dias de mudas de roupas aqui, todas penduradas de maneira organizada em seu devido espaço. Sorrio ao pensar em Jesse abrindo espaço para mim em seu enorme closet.

Envolta pela toalha, desço até a cozinha e vejo Jesse com a cabeça enfiada na geladeira.

– Não acho as minhas coisas – informo para a porta da geladeira.

A cabeça dele reaparece, e seus olhos percorrem meu corpo embrulhado apenas na toalha.

– Aceito você nua – ele diz, fechando a porta e caminhando pela cozinha com um pote de manteiga de amendoim. – Cathy está de folga, e a geladeira está vazia. Vou pedir comida. Do que você gosta?

– De você. – Abro um sorriso.

Ele sorri, estende a mão e arranca a toalha que me cobre, jogando-a de lado e apreciando meu corpo com os olhos.

– Seu deus precisa alimentar a sua sedutora. – Ele fixa seus olhos provocantes nos meus. – O resto de suas coisas está naquele baú velho de madeira que você mandou

colocar no meu quarto. O que quer comer?
Eu o ignoro e encolho os ombros. Eu poderia comer qualquer coisa.
– Sou fácil.
– Eu sei, mas o que você quer comer?
– Só sou fácil com você.
– É bom mesmo. Agora diga, o que quer comer?
– Eu gosto de tudo. Pode escolher. Aliás, que horas são? – perdi totalmente a noção do tempo. Na verdade, perco a noção de tudo quando estou com ele.
– Sete. Vá tomar o seu banho antes que eu abandone o jantar e pegue você de novo. – Ele me vira, me dá um tapa no traseiro e me manda para o banheiro.
Volto nua pelas escadas rumo ao banheiro para seguir suas instruções e, quando chego ao topo, olho para baixo e vejo Jesse parado na porta da cozinha, apenas me observando. Jogo um beijo para ele e desapareço dentro do quarto, pegando apenas um lampejo de seu sorriso arrasador quando ele some de vista.
– Eu estava indo procurar você. – Ele faz uma pausa no gesto de servir várias porções em dois pratos. – Gostei da camisa.
Olho para a camisa dele, que peguei no closet.
– Kate não colocou na mala nenhuma roupa para ficar em casa.
– Não? – Ele levanta uma sobrancelha, e na mesma hora percebo que sim, Kate pôs roupas casuais na mala. Ou isso, ou não foi ela quem fez as malas; minhas suspeitas recaem na segunda opção. – Onde quer comer?
– Sou fá… – calo a minha boca. Decido só dar de ombros. Tanto faz.
– Só para mim, certo? – ele sorri, colocando uma garrafa d’água embaixo do braço e pegando os pratos. – Vamos nos jogar no sofá. – Ele me leva à sala colossal e indica o sofá gigante, então sento bem na esquina e aceito o prato que ele me oferece. O aroma está delicioso, e é comida chinesa. Perfeito.
As portas do imenso rack deslizam para os lados, revelando a maior TV de tela plana e sem moldura que já vi na vida.
– Quer ver TV ou prefere ouvir música e conversar? – Ele me olha e sorri, porque acabei de dar uma garfada. Eu não sabia quanto estava com fome.
Eu mastigo e engulo o mais rápido que posso.
– Conversar e ouvir música, por favor. – Foi uma escolha fácil. Ele assente, como se soubesse que essa seria a minha resposta, e logo a sala é invadida pelo som calmo de Mumford and Sons.
– Está bom?
Viro para ele e o pego me encarando, com um joelho levantado e o braço no encosto do sofá, segurando o próprio prato.
– Muito bom. Você não cozinha?
– Não.
Abro um sorriso em torno do meu garfo.
– Ora, sr. Ward, seria essa uma coisa que você *não* faz bem?
– Não posso ser incrível em tudo – ele diz, com o rosto sério, me estudando com atenção. Ele é mesmo um convencido.

– Sua governanta cozinha para você?
– Se eu pedir, sim, mas, na maioria das vezes, como no Solar.
Acho que faz sentido ele tirar vantagem da boa comida que tem à disposição. Sei que é o que eu faria.
– Quantos anos você tem?
Ele para o garfo no meio do caminho.
– Trinta e poucos. – Ele leva o garfo à boca e me olha enquanto mastiga.
– E poucos… – eu repito.
– Sim. E poucos – ele também repete, um sorriso brincando nos cantos da boca.
Volto a atenção para a comida, nem um pouco preocupada com a resposta vaga. Vou continuar perguntando, e ele vai continuar fugindo. Talvez eu deva encontrar minhas próprias formas de persuasão – talvez uma transa da verdade ou uma contagem regressiva? O que faria com ele no zero? Começo a pensar no que faria quando chegasse ao zero, entre garfadas de comida chinesa. Posso pensar em muitas coisas, mas nada que eu consiga realizar. Ele me subjugaria com a maior facilidade. A contagem regressiva está fora de cogitação, então teria que ser uma transa da verdade. Preciso inventar a transa da verdade. O que eu poderia fazer?
– Ava?
Eu olho para a frente e encontro Jesse e sua ruga de expressão me estudando.
– Sim?
– Sonhando? – ele pergunta, a voz carregada de preocupação.
– Desculpe. – Pouso o garfo no prato. – Eu estava longe.
– Estava mesmo. – Ele pega meu prato e o coloca na mesa de centro. – Onde você estava? – Ele me puxa e me senta no colo dele. Eu me aninho com o maior prazer.
– Em lugar nenhum.
Ele se ajeita no sofá, ocupando o meu lugar anterior na esquina do sofá em L, e me abraça. Descanso a cabeça em seu peito nu, passo a perna sobre o seu quadril e sinto todo o esplendor do seu cheiro de água fresca, deixando a música e a sensação de ter Jesse comigo embalarem meu momento de paz.
– Adoro ter você aqui – ele diz em um fio de voz, brincando com uma mecha do meu cabelo.
Também amo estar aqui, mas não como uma marionete. Seria tudo sempre assim? Eu poderia fazer exatamente isso, todos os dias – foi um dia excelente. Mas eu conseguiria conviver com o lado controlador e irracional dele?
Passo o dedo pela cicatriz e sussurro:
– Também adoro estar aqui.
– Que bom. Então você fica?
– Sim. Me conte como conseguiu isto.
Ele pega a minha mão para evitar que eu continue tocando a área.
– Ava, não gosto nem um pouco de falar sobre isso.
Ah, é?
– Sinto muito. – Eu me sinto mal. Foi um pedido sincero. Algo terrível aconteceu, e fico arrasada por saber que ele foi ferido de alguma forma.

Ele leva minha mão ao rosto e beija a palma.

– Não sinta, por favor. Não é importante para o aqui e agora. Trazer à tona o meu passado serve ao único propósito de me fazer lembrar dele.

Seu passado? Ele tem um passado? Digo, todo mundo tem um passado, mas da maneira como falou, e o fato de se tratar de uma cicatriz bem feia, me deixa nervosa. Olho para ele.

– O que quis dizer quando falou que é mais fácil suportar as coisas quando estou aqui?

Ele olha para baixo e põe a mão na parte de trás da minha cabeça, colando minha face em seu peito.

– Significa que gosto de ter você por perto. – Seu tom é casual. Não acredito nem por um minuto, mas deixo o assunto morrer. Faz diferença?

Eu o beijo no meio do peito, acariciando-o, enquanto me dou um sermão mental. Estou tomando sol nas nuvens do Sétimo Céu de Jesse e estou amando cada minuto, até chegar a hora de uma nova contagem regressiva ou uma transa de bom senso.

E elas virão – não tenho a menor dúvida.

Capítulo 30

Acordo de repente e sento na cama. Estou renovada, revitalizada, descansada. A única coisa que falta é Jesse.

Olho por baixo das cobertas e vejo que ainda estou de lingerie, mas a camisa foi removida. Não me lembro de vir para a cama. Fico sentada por alguns minutos, ouvindo um som de máquina funcionando, como algo rolando, e um *tum, tum, tum* constante a certa distância.

O que é isso?

Faço a longa jornada até os pés da cama e depois para o corredor, onde os sons parecem mais próximos, mas ainda abafados. Olho para o andar de baixo e não vejo sinal de Jesse, então imagino que deva estar na cozinha e decido descer as escadas.

Quando me aproximo da entrada da cozinha, paro e dou alguns passos para trás, olhando pela porta de vidro que leva à academia. Jesse está ali, de shorts de ginástica, correndo na esteira. Eu o observo correr de costas para mim, a sólida extensão de pele brilhando com gotas de suor. Ele assiste ao jornal de esportes na TV.

Eu o deixo sossegado. Já atrapalhei uma corrida, então vou para a cozinha colocar a chaleira no fogo e fazer um café para mim.

O som familiar do toque do meu telefone enche o recinto, e o encontro do outro lado da cozinha, sobre o balcão ligado à tomada para recarregar. Vou buscá-lo e o desconecto do carregador. É minha mãe e a ligação de ontem me vem imediatamente à mente – aquela que ainda não retornei e que realmente, *realmente*, não quero retornar. Meu momento de ânimo e bom humor termina instantaneamente.

– Oi, mãe – cumprimento com alegria, torcendo o nariz de apreensão. Lá vem o interrogatório.

– Ah, você está viva. Joseph, cancele a equipe de busca. Eu a encontrei!

Eu reviro os olhos diante da tentativa de piada da minha mãe.

– Entendi o recado. O que Matt queria?

– Não faço ideia. Aquele homem nunca ligou para nós quando vocês estavam juntos. Perguntou como estávamos, falou amenidades, você sabe. Por que está ligando para nós, Ava?

– Não sei, mãe – murmuro desanimada.

– Ele mencionou outro homem.

– Mencionou, é? – Minha voz sai aguda, o que entrega a minha surpresa e provavelmente minha culpa também. Maldito Jesse Ward por interceptar meu telefone. Teria sido mais fácil desmentir as histórias de Matt se eu não tivesse que dar explicações

sobre o homem misterioso que atendeu meu celular ontem.

– Sim, ele disse que você está saindo com outra pessoa. Tão cedo, Ava. Sério?

– Mãe, não estou saindo com outra pessoa. – Olho para trás para me certificar de que estou sozinha. Estou fazendo muito mais que sair com outra pessoa. Estou apaixonada por outra pessoa.

– Quem era aquele homem que atendeu seu telefone?

– Eu falei, só um amigo.

– Que bom. Você tem pouco mais que vinte e cinco anos, mora em Londres e acabou de sair de um relacionamento ruim. Não vá cair nos braços do primeiro homem que der um pouquinho de atenção a você.

Fico vermelha no ato, mesmo que ela não possa me ver. Acho que não se pode descrever o que este homem me dá como “um pouquinho de atenção”. Aos quarenta e sete anos e tendo tido Dan com apenas dezoito, e a mim com vinte e um, ela perdeu muitas das vantagens de ser jovem em Londres. Sei que não vai ficar feliz se souber que estou me afogando em luxúria.

– Não vou, mãe. Só estou me divertindo muito – prometo. Estou mesmo me divertindo demais. Só não é a diversão que ela tem em mente. – Como está o papai?

– Ah, você sabe. Louco por golfe, louco por badminton, louco por críquete. Ele tem que estar em movimento ou *ele* vai ficar louco.

– É melhor do que ficar sentado o dia todo – digo, pegando uma caneca no armário e indo até a geladeira.

– Ele era contra mudarmos de Londres, mas eu sabia que estaria morto em poucos anos se eu não o tirasse daí. Agora não consigo convencê-lo a ficar em casa.

Sempre tem algo acontecendo.

Abro a geladeira – nada de leite.

– Isso é bom, não é? Assim ele se mantém ativo. – Sento no banco sem meu café tão necessário.

– Não estou reclamando. Ele até perdeu alguns quilos.

– Quanto? – Isso é ótimo. Todos diziam que meu pai era um ataque cardíaco ambulante, com o peso, a predileção por alguns goles a mais e um trabalho estressante. No final das contas, todos estavam certos.

– Uns seis quilos, mais ou menos.

– Uau, estou impressionada.

– Não mais do que eu, Ava. Então, o que você me conta?

Muita coisa!

– Não muito. Estou atolada de trabalho. Peguei o próximo projeto da incorporadora do Lusso. – Preciso falar de trabalho. Vou perder todo o meu cabelo se ela começar a bisbilhotar minha vida social.

– Excelente! Mostrei para Sue as fotos na internet. A cobertura! – ela cantarola.

– É… – esqueça o café. Preciso de vinho.

– Consegue se imaginar vivendo cercada por tanto luxo? Seu pai e eu não estamos mal de vida, mas aquilo é outro nível de riqueza.

– É mesmo – concordo. Pois bem, o assunto trabalho não foi tão bem quanto eu

imaginava. – A que horas Dan chega amanhã? – digo para mudar de assunto.

– Às nove da manhã. Você vem com ele?

Eu me debruço no balcão, desanimada. Não pensei muito na chegada de Dan com essa loucura toda à minha volta.

– Acho que não, mãe. Estou tão ocupada – choramingo, implorando mentalmente que ela compreenda.

– É uma pena, mas eu entendo. Talvez seu pai e eu possamos ir até aí quando você tiver encontrado uma casa. – Ela está insinuando que preciso me mexer. Não fiz nada sobre isso.

– Seria ótimo. – Meu entusiasmo não é fingido. Eu adoraria que minha mãe e meu pai viessem me visitar em Londres.

– Maravilha. Vou falar com o seu pai. Preciso ir. Mande um beijo para Kate por mim.

– Pode deixar. Eu ligo semana que vem, quando Dan estiver aí – acrescento rápido, antes que ela desligue.

– Ótimo. Cuide-se, querida.

– Tchau, mãe. – Deixo o celular no balcão e seguro a cabeça com as mãos.

Se ela soubesse. Meu pai provavelmente teria outro infarto se soubesse da minha atual situação amorosa, e minha mãe me levaria para Newquay. A única coisa que impediu meu pai de vir a Londres me buscar quando Matt e eu nos separamos foi um telefonema de minha mãe para Kate, para saber se eu estava bem mesmo. O que pensariam se soubessem que estou envolvida com um controlador neurótico e convencido, que está – em suas próprias palavras – me comendo até eu perder os sentidos? O fato de que é riquíssimo e dono da cobertura não suavizaria o golpe. Meu Deus, Jesse provavelmente tem uma idade mais próxima da minha mãe do que da minha.

Giro no banco quando ouço um rebuliço perto da cozinha. Levanto e vou investigar. Por pouco não sou derrubada quando o peito nu de Jesse voa na minha direção.

Ei!

– Caramba, aí está você. – Ele me agarra e me tira do chão, me trazendo para seu corpo suado. – Você não estava na cama.

– Estou na cozinha – digo, meio atordoada. Ele me aperta tão forte que estou com dificuldade para respirar. – Vi você correndo e não quis atrapalhar. – Começo a me mexer para indicar que estou sendo esmagada, e ele me solta, me colocando no chão. Seu rosto suado e com a barba por fazer me estudam atentamente. Sua expressão de pânico diminui um pouco quando ele me segura pelos braços. – Eu estava só na cozinha – repito. Ele parece estar prestes a desabar a qualquer momento. O que há com ele?

Jesse balança a cabeça de leve, como se quisesse se livrar de um mau pensamento, me pega nos braços e me leva até o balcão, me sentando no mármore frio. Logo depois, assume sua posição entre as minhas pernas.

– Dormiu bem?

– Muito. – Por que ele parece ter acabado de ouvir péssimas notícias? – Você está bem?

Ele me recompensa com um sorriso de parar o coração. Eu me acalmo na hora.

– Acordei com você na minha cama, de lingerie de renda. São dez e meia da manhã de domingo, e você está na minha cozinha… – Ele me olha de cima a baixo – vestindo renda. Estou ótimo.

– Está?

– Ah, estou. – Ele levanta a minha cabeça e me dá um beijo doce nos lábios. Eu poderia acordar assim toda manhã. – Você é tão linda, Ava.

– Você também.

Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto, me encarando com carinho.

– Me beije.

Obedeço imediatamente, tomando seus lábios devagar e seguindo as carícias da língua dele. Ambos gememos em uníssono, mas nosso momento íntimo é interrompido pelo toque do celular de Jesse.

Ele grunhe e pega o telefone atrás de mim, sem parar de me beijar, e olha para a tela.

– Ah, me esqueça. – Ele reclama com os lábios nos meus. – Preciso atender.

Ele se afasta e atende, sem deixar seu posto entre minhas coxas, a mão livre em torno da minha cintura.

– O que é, John? – ele morde o lábio. – O que ele está fazendo aí? – pergunta, me dando um beijo comportado. – Não, eu vou para aí… sim… até já. – Ele desliga e me estuda com atenção por um minuto. – Tenho que ir ao Solar. Você vem comigo.

Eu recuo.

– Não! – disparo. Não vou ser arrancada do Sétimo Céu de Jesse por *ela*!

Ele franze o rosto.

– Mas quero que você venha.

De jeito nenhum! Hoje é domingo, não tenho que trabalhar e não vou ao Solar.

– Você vai ficar trabalhando. – Busco mentalmente alguma desculpa para não precisar ir. – Vá, faça o que tiver que fazer, e nos vemos depois. – Tento propor.

– Não, você vai – insiste.

– Não vou. – Tento me desvencilhar dele, mas não consigo ir a lugar algum.

– Por quê?

– Porque não. – Perco a paciência, sendo recompensada com o olhar mais feio da História. Não vou reclamar de Sarah e despejar um caso de ciúme trivial nele.

Ele busca meu olhar.

– Por favor, Ava. Você pode fazer o que eu disse?

– Não! – grito.

Eu o vejo fechar os olhos, claramente tentando encontrar paciência, mas não me importo. Ele pode me forçar a fazer várias coisas, mas não vou ao Solar. Fico ali sentada no balcão, esperando Jesse se desintegrar por conta da minha desobediência.

– Ava, por que você insiste em dificultar as coisas?

– *Eu* dificulto as coisas? – olho para ele boquiaberta. É ele quem está precisando de uma transa de bom senso agora.

– Sim, dificulta. Estou me esforçando.

– Está se esforçando para fazer o quê? Me enlouquecer? Porque está funcionando! –

Eu o empurro para longe e saio correndo da cozinha, ouvindo seus palavrões enquanto me segue escada acima.

– Tudo bem – ele grita atrás de mim. – Você me espera aqui. Volto o mais rápido possível.

– Vou para casa – grito por cima do ombro, seguindo em frente e me fechando no banheiro. Não vou esperar por ele aqui. Sua reação razoável e respeitosa à minha recusa acaba de ser destruída pela frase que vem em seguida:

– Você *vai* me esperar aqui.

Vou nada! Jogo água fria no rosto para tentar acalmar minha raiva. Por que ele não começou a contagem regressiva? É o que ele faz normalmente quando não obedeço.

Ouço-o ao telefone no quarto e me pergunto com quem está falando. Abro a porta.

– Vejo você daqui a pouco. – Ele desliga e joga o telefone na cama. Quem ele vai ver daqui a pouco? Jesse passa um bom tempo de costas para mim, com a cabeça baixa. Está pensando. De repente me sinto uma impostora.

Depois de um tempo, ele solta a respiração pesadamente e vira para mim. Fixa os olhos em mim por um momento e depois vai para o banheiro tomar banho, me deixando no meio do quarto pensando no que fazer. Ele está agindo de modo estranho. Nada de contagem regressiva, nada de uso da força. O que está acontecendo? Ontem foi tudo tão perfeito, e agora estou de volta ao colapso mental. Acho que eu não preciso de Sarah para me tirar do Sétimo Céu de Jesse, afinal. Consegui fazer isso sozinha.

Dez minutos depois, ainda estou no mesmo lugar, tentando chegar a alguma conclusão sobre o que fazer. Ouço o chuveiro ser fechado, ele sai do banheiro e vai direto para o closet, sem uma palavra. Estou incomodada com sua expressão de derrota, que parece guardar um pouco de tristeza. Acho que quero que ele exploda ou comece uma contagem regressiva. Não tenho ideia do que se passa na sua cabeça, e é a sensação mais frustrante do mundo.

Ele aparece na porta do closet.

– Preciso ir – ele declara, com pesar. Parece completamente atormentado. – Kate está a caminho.

Fecho a cara.

– Por quê?

– Para você não ir embora. – Ele vira para o closet, e o sigo no ato.

Vestindo jeans, ele olha para mim rapidamente, mas não entrega nada. Pega uma camiseta preta de um cabide e a veste com pressa, antes de calçar o par de All Star.

– Vou para casa – aviso, decidida, mas ele ainda não olha para mim. O que aconteceu? Sou tomada pela raiva diante da falta de receptividade dele e, sem saber mais o que fazer, começo a pegar as minhas roupas do armário.

– O que está fazendo? – ele as tira de minhas mãos, pendurando-as novamente. – Você não vai embora – rosna.

– Vou sim – grito, pegando-as de novo.

– Devolva a merda das roupas, Ava!

Ouço um ruído de tecido rasgando quando tento afastá-lo e, em questão de segundos, meus braços não têm mais roupas e estou sendo arrastada do closet e jogada sobre a cama, os braços presos e lutando contra ele, mas sem conseguir ir a lugar nenhum. Se ele tentar fazer sexo comigo, vou gritar!

– Se acalme! – ele grita, segurando meu rosto e me obrigando a encará-lo. Fecho os olhos, bufo e resfolego como um cão exausto. Não vou deixá-lo me manipular com sexo.
– Abra os olhos, Ava.

– Não! – pareço uma criança, mas sei que, se abrir os olhos, vou ser tomada pelo desejo.

– Abra! – ele balança meu queixo de leve.

– Não!

– Ótimo – ele berra, e continuo a espernear. – Escute aqui. Você não vai a lugar nenhum. Eu já disse algumas vezes para começar a se acostumar com isso! – Ele move o corpo para pode me segurar com mais firmeza. – Vou ao Solar e, quando voltar, vamos sentar e conversar sobre nós.

Paro de lutar. Conversar sobre nós? O quê? Uma discussão séria, sobre o que está acontecendo aqui? Porque estou desesperada para saber.

– Cartas na mesa, Ava. Chega de enrolar, chega de confissões bêbadas e chega de me rejeitar. Entendeu? – Sua respiração está pesada, seu tom, determinado.

Era o que eu queria o tempo todo – sinceridade e entender o nosso relacionamento. Estou tão confusa. Preciso saber o que é tudo isto e então, talvez, consiga decidir se preciso ir embora. E o que quis dizer com confissões bêbadas e rejeitá-lo?

Abro os olhos e me deparo com aqueles oceanos verde-musgo olhando para mim. Ele relaxa a pressão no meu queixo.

– Venha comigo, preciso de você comigo. – Está quase implorando.

– Por quê?

– Preciso, simplesmente. Por que você não quer vir?

Respiro fundo.

– Não me sinto bem.

– Por que não se sente bem?

– Só não me sinto bem lá – entrego.

Ele franze o rosto e morde o lábio.

– Por favor, Ava.

Balanço a cabeça.

– Eu não vou.

Ele suspira.

– Prometa que vai estar aqui quando eu voltar. Precisamos acertar as coisas.

– Vou estar aqui – prometo. Também estou desesperada para acertar as coisas. Não vou a lugar algum.

– Obrigado – ele sussurra, encostando a testa na minha e fechando os olhos. Sinto uma imensa esperança brotar diante da sua determinação em acertar as coisas.

Ele levanta, pega o celular e sai do quarto, sem nem me dar um beijo.

Fico na cama, me recuperando daquela luta gratuita, me perguntando o que vai ser estabelecido com as cartas na mesa e a conversa. Estou dividida entre admitir para ele como me sinto ou esperar para ouvir o que tem a dizer antes. O que ele vai dizer? Precisamos esclarecer tanta coisa. O que ele quer dizer com *nós*? Um caso tórrido ou mais do que isso? Preciso que seja mais, mas não sei lidar com seu temperamento e sua irracionalidade. É exaustivo.

Não há como negar o olhar de puro tormento em seu lindo rosto. O que se passa naquela mente complexa? Por que ele precisa de mim? Tantas perguntas...

Fecho os olhos, tentando estabilizar a respiração e me pego caindo em um torpor de semiexaustão, mas o telefone ao lado cama começa a tocar, e abro os olhos.

Kate!

Engatinho na cama e atendo.

– Pode deixá-la subir, Clive. – Visto uma camiseta e corro escada abaixo, abrindo a porta ao mesmo tempo que Kate sai do elevador. Estou tão feliz por vê-la, mas ainda não entendo por que ele acha que preciso de uma babá. Corro até ela, abraçando-a desesperada.

– Ei! Está feliz em me ver? – ela retribui o abraço feroz, meu rosto mergulhado em seus cachos ruivos. Eu não tinha me dado conta de quanto precisava vê-la. – Vai me convidar para entrar na torre ou vamos ficar aqui?

Eu me afasto.

– Desculpe. – Sopro os cabelos que caem no meu rosto. – Estou um trapo, Kate. E você deixou um homem mexer nas minhas coisas outra vez – acrescento, olhando feio para ela.

– Ava, ele apareceu às seis da manhã e bateu na porta até Sam atender. Só o deixei fazer o que queria. Não que alguém consiga detê-lo. O homem é um rinoceronte.

– Ele é mais que isso.

Ela me olha triste, pega a minha mão e me leva para dentro da cobertura.

– Não acredito que ele mora aqui – ela resmunga, me levando para a cozinha. – Sente – ela aponta para um dos bancos.

Apoio o traseiro no assento e observo Kate refrescar a memória dessa cozinha impressionante.

– Não posso oferecer chá porque ele não tem leite. A governanta está de férias.

– Ele tem uma governanta – ela fala para si mesma. – É claro que ele tem – balança a cabeça e vai até a geladeira, pegando duas garrafas d'água, antes de se aproximar. – O que está acontecendo?

– O que vou fazer, Kate? – seguro a cabeça com as mãos. – Não acredito que ele pediu para você vir aqui, só para eu não sair.

– Isso não diz nada?

– Sim, que quer me controlar. Ele é tão intenso. – Olho para Kate, que tem um sorriso leve no rosto. Que motivo você tem para sorrir nisso tudo? Estou em um turbilhão aqui. – Não sei em que pé estou com ele.

– Já disse isso a ele? – ela pergunta, com uma sobrancelha perfeita arqueada para

mim.

– Não. Não posso.

– Por quê? – ela diz, sem pensar.

– Kate, não sei o que sou para ele. Ele pode ser tão gentil e apaixonado, dizendo coisas que não entendo e, no minuto seguinte, ser brutal, irracional e controlador. Ele tenta me dominar! – Abro minha garrafa e bebo um gole para umedecer a boca seca. – Ele me manipula com sexo sempre que não aceito suas ordens prontamente, passa por cima de todos, inclusive de mim, se alguém tentar atrapalhar seus planos. Ele beira o impossível.

Kate me olha com compaixão nos olhos azuis.

– Sam me disse que nunca viu Jesse assim antes. Aparentemente, ele é conhecido por sua natureza calma.

Dou risada, pois poderia descrever Jesse com muitas palavras, mas *calmo* não chegaria nem perto da lista.

– Kate, ele não é calmo. Acredite.

– Você obviamente traz à tona o pior dele – ela sorri.

– Obviamente – concordo. – Ele também traz à tona o pior de mim. Ele detesta que eu diga palavrões, então xingo mais ainda. Ele tem horror que exponha o corpo para qualquer um que não ele, então uso vestidos mais curtos. Ele me pede para não beber, então fico bêbada. Não é saudável, Kate. Em um segundo ele diz que ama me ter por perto e, no seguinte, sou a transa atual. O que devo pensar?

– Mas você continua aqui – ela diz, pensativa. – E você não vai conseguir respostas se não fizer as malditas perguntas.

– Eu faço perguntas.

– As perguntas certas?

Quais são as perguntas certas? Olho para a minha melhor amiga e me pergunto por que ela não me sequestra desta torre e me mantém longe de Jesse. Ela já o viu em ação – isso já seria o bastante para qualquer melhor amiga intervir.

– Por que não está me dizendo para sair correndo? – pergunto, desconfiada. – É por que ele comprou uma van para você?

– Não seja boba, Ava. Eu devolveria a van se você quisesse. Você é mais importante. Eu não vou dizer para você sair correndo porque sei que não quer. O que precisa fazer é dizer a ele como se sente e negociar níveis aceitáveis de intensidade. – Ela sorri. – No quarto está tudo bem, certo?

Eu sorrio.

– Ele disse que ia se certificar de que eu sempre precise dele. E conseguiu. Eu preciso mesmo, Kate.

– Converse com ele, Ava. – Kate me dá um empurrãozinho no ombro. – Vocês não podem continuar assim. – Ela balança a cabeça.

Definitivamente não posso continuar assim, vou terminar em um manicômio em um mês. Meu coração e meu cérebro são jogados de um lado para o outro o tempo todo. Se isso significa que vou pôr meu coração na mesa para ele pisar em cima, que seja. Pelo menos vou saber onde é o meu lugar. Eu vou me recuperar… eventualmente… acho.

Eu me levanto.

– Você me leva até o Solar? – pergunto. Preciso fazer isso agora, antes que desista. Preciso dizer a ele como me sinto.

Kate pula do banco.

– Sim! – ela grita, entusiasmada. – Estou louca de curiosidade para ver aquele lugar.

– É um hotel, Kate. – Reviro os olhos, mas deixo que continue empolgada. Meu carro está na casa dela, então estou presa aqui sem minha amiga.

– Me dê cinco minutos. – Corro até o andar de cima para vestir meu jeans e calçar as sapatilhas. Encontro Kate na porta da frente em tempo recorde. Mando uma mensagem a Jesse para dizer que estou a caminho.

Hora de colocar minhas cartas na mesa.

Capítulo 31

Saímos para o pôr do sol de domingo, mas não vejo Margô Junior. Procuro a van cor-de-rosa pelo estacionamento, mas é impossível não ver aquela massa gigante de metal.

– Espero que não se incomode – Kate ri, nervosa, no momento em que avisto meu Mini, com a capota abaixada e estacionada em uma das vagas de Jesse.

– Sua vaca!

Ela faz um gesto de desprezo pelo meu insulto.

– Não se atreva a me olhar desse jeito com esses olhos castanhos, Ava O'Shea. Se eu não viesse com o seu carro, ele ficaria lá parado na porta de casa para sempre. É um desperdício. – Os faróis piscam e estendo as mãos para que ela me entregue as chaves, o que Kate faz bufando e relutante.

Pegamos o caminho para Surrey Hills discutindo os méritos de homens dominadores. Chegamos à mesma conclusão: sim para o sexo, e não para todos os outros aspectos de um relacionamento.

O problema é que Jesse consegue trazer o sexo para todos os outros aspectos do nosso relacionamento, usando-o, na maioria das vezes, para conseguir o que quer. Isso tudo pode acabar em uma hora e, mesmo que seja difícil lidar com seu jeito arrogante, o pensamento me deixa com frio no estômago. Mas tenho que ser sensata. Já estou envolvida demais.

Saímos da estrada principal e chegamos aos portões, que se abrem imediatamente, permitindo a minha passagem.

– Puta merda! – Kate exclama enquanto seguimos pela trilha de pedras, ladeada por árvores.

Ela já está impressionada e ainda nem viu a casa. Finalmente chegamos ao jardim da entrada e ao estacionamento. O lugar está cheio.

– Puta merda! – Seu queixo cai diante da opulência da propriedade, e ela se inclina na beira do assento. – Jesse é o dono disso aí?

– É. Ali está o carro de Sam. – Estaciono na vaga ao lado do Porsche.

– Não acredito que ele vem aqui para almoçar – ela resmunga, me encontrando do outro lado do carro. – Puta merda!

Dou risada do espanto de Kate – ela não se choca com facilidade. Eu a levo até os degraus, esperando John nos receber, mas ele não aparece. Em vez disso, encontro as portas entreabertas, então passo por elas, virando para olhar para Kate. Ela espia em volta, de boca aberta e olhos arregalados.

– Kate, feche a boca – tiro sarro dela.
– Desculpe. – Ela fecha a boca. – Esse lugar é mesmo chique.
– Eu sei.
– Quero um tour – ela pede, virando o pescoço para ter uma visão melhor das escadas.
– Peça para Sam fazer um tour com você – digo. – Preciso ver Jesse. – Passo pelo restaurante e vou direto para o bar, onde avisto Sam e Drew imediatamente.
Sam abre aquele sorriso de menino para mim enquanto bebe um gole de cerveja, que cospe assim que vê Kate entrando em seguida.
– Porra! O que você está fazendo aqui? – ele diz, sem pensar.
Drew vira, vê Kate e começa a rir incontrolavelmente. Torço o nariz e Kate também não parece contente.
– Que bom ver você também, imbecil! – ela retruca indignada para Sam, aturdido.
Ele rapidamente coloca a garrafa no balcão do bar, puxando um banco.
– Sente! – ele bate no assento, lançando um olhar preocupado para Drew.
– Não me dê ordens, Samuel! – O olhar de desprezo em seu rosto é poderoso. Nunca vi Sam tão inquieto antes.
Ele bate mais uma vez no banco, sorrindo nervosamente para ela.
– Por favor.
Kate vai até ele e se senta. Sam a puxa para ainda mais perto. Logo ela vai estar no colo dele.
– Não vai me oferecer uma bebida? – ela exige, com um meio sorriso.
– Uma só – ele afirma, acenando para Mario. Meu Deus, ele está suando. – Ava?
– Não, estou bem. Vou encontrar o Jesse. – Faço um gesto para trás de mim e começo a recuar.
– Ele sabe que você está aqui? – Sam pergunta, de olhos arregalados.
Qual é o problema com ele?
– Mandei uma mensagem de texto. – Olho ao meu redor e reconheço vários rostos das minhas visitas anteriores ao Solar. Fico feliz por ver que não há sinal de Sarah, mas isso não significa nada, claro. Ela pode estar em qualquer lugar desta casa imensa. – Mas ele não respondeu – acrescento. E só agora me dou conta do quanto isso é estranho.
Sam olha nervosamente para Drew, fazendo-os rir com mais vontade.
– Espere aqui. Vou buscá-lo.
– Eu sei onde fica o escritório dele – digo, intrigada.
– Ava, pode esperar aqui? – O rosto de Sam é puro pânico. Isso só me deixa mais desconfiada. Ele lança um olhar severo para Kate quando ela se levanta.
– Não se mexa.
– Quanto você já bebeu? – Kate pergunta, olhando para a garrafa de cerveja. Kate também percebeu a inquietação dele?
– Essa é minha primeira e última, acredite. Vou encontrar Jesse, e vamos embora. – Sam olha em volta, ainda nervoso. Estou convencida de que está escondendo alguém ou algo. Começo a desejar que Sarah estivesse aqui, porque assim eu saberia que ela não está com Jesse.

Ele sai correndo, deixando Kate e eu trocando olhares intrigados.

– Com licença, senhoritas – Drew se levanta. – A natureza chama. – Ele nos deixa no bar como um par de peças inúteis.

– Ah, dane-se – Kate exclama. – Vamos fazer um tour. – Ela me puxa para o hall de entrada.

– Só se for rápido – concordo, tomando a frente e guiando-a para o andar de cima, pelas escadas imponentes. – Vou mostrar os quartos em que estou trabalhando.

Chegamos à galeria do primeiro andar, e os ruídos surpresos de Kate aumentam enquanto ela absorve o esplendor do Solar.

– Isto é especial mesmo – ela balbucia olhando em volta, impressionada.

– Eu sei. Ele herdou o lugar do tio, quando tinha vinte e um anos.

– Vinte e um?

– Sim.

– Uau! – diz ela. Olho para trás e a encontro admirando a janela de vidro jateado na base do segundo lance de escadas.

– Por aqui – chamo, passando pelos arcos que levam à nova ala, esperando que Kate me siga. – São dez ao todo.

Ela me segue até o último quarto, olhando em volta. Não posso negar, são impressionantes, mesmo vazios. Mas, quando estiverem terminados, vão ser dignos da realeza. Mas vou vê-los prontos? Depois do *acerto de contas*, pode ser que eu não veja mais esse lugar. Não posso dizer que ficaria decepcionada. Não gosto de vir aqui.

Vou até o meio do quarto e sigo o olhar de Kate para a parede atrás da porta.

– O que é isso? – Kate faz a pergunta que também está na minha cabeça.

– Não sei. Não estava aqui antes. – Corro os olhos pela cruz colossal de madeira afixada na parede. Com imensos parafusos pretos de aço forjado presos nas pontas, é bastante imponente, mas, ainda assim, uma bela obra de arte. – Deve ser um dos ornamentos de parede de que Jesse falou. – Eu me aproximo da peça, passando a mão pela madeira lixada. É espetacular, mesmo sendo tão intimidante.

– Ah, sinto muito, senhoras. – Ambas nos viramos e damos de cara com um homem de meia-idade, de macacão, segurando uma lixa em uma das mãos e um copo de café na outra. – Ficou bonita, não? – ele aponta para a estrutura com a lixa e bebe um gole de café. – Estou só conferindo o tamanho, antes de fazer as outras.

– Você fez isso? – pergunto, incrédula.

– Eu mesmo – ele ri, vindo até mim ao lado da cruz.

– É impressionante – comento. Vai combinar perfeitamente com a cama que desenhei e que Jesse adorou.

– Obrigado, senhorita – ele diz, orgulhoso. Vejo que Kate observa a peça com o rosto confuso.

– Vou deixá-lo em paz. – Lanço um olhar de “vamos embora” para Kate, e ela sorri para o marceneiro antes de me seguir para fora do quarto.

Voltamos para o corredor acima da escada.

– Não entendi – ela resmunga.

– É arte, Kate. – Dou risada.

– O que tem lá em cima?

Eu sigo os olhos de Kate para o topo das escadas que levam ao andar superior, parando para olhar com ela. As portas intimidantes estão levemente abertas.

– Não sei. Eu acho que pode ser uma sala de reuniões.

Kate começa a subir as escadas.

– Vamos ver.

– Kate! – vou atrás dela. – Kate, vamos embora.

– Só uma olhada – ela diz, abrindo as portas. – Caramba! – ela guincha. – Ava, olhe para isso!

Pois bem, isso atiçou minha curiosidade. Vou até o topo das escadas e entro na sala de reuniões, parando dura ao lado de Kate.

Puta merda!

– Com licença!

Ambas olhamos na direção do forte sotaque, e uma mulher atarracada, segurando panos de limpeza e spray bactericida, caminha na nossa direção.

– *No, no, no. Estoy* limpando. A sala comunal está fechada para limpeza. – Ela tenta nos espantar, como se fôssemos pombos, porta afora.

– Calma aí, señorita – Kate diz, rindo. – O namorado dela é o dono disso aqui.

A pobre mulher recua diante da aspereza de Kate, olhando para mim antes de se curvar.

– Sinto muito. – Ela enfia o spray no bolso do avental e me cumprimenta com seus dedos pardos e enrugados. – O sr. Ward *no* disse que vinhas.

Fico incomodada com o pânico da mulher, olhando feio para Kate, que não nota. Ela está ocupada demais olhando para o quarto descomunal em que estamos. Dou um sorriso reconfortante para a moça da limpeza, aparentemente espanhola, que parece pensar que está encrencada com a minha presença.

– Tudo bem, mesmo – eu a conforto. Ela faz outra mesura, dando um passo para o lado, deixando Kate e eu absorvendo o que vemos.

Olho em volta, e a primeira coisa que noto é o quanto a sala é bela. Assim como o restante da casa, este local também está repleto de bonitos móveis e materiais. O espaço é imenso, tomando facilmente metade da área construída da parte de baixo do edifício. Ao olhar para o outro lado, vejo que vai além das escadas, que ficam no meio do salão. Estamos bem no centro. O pé-direito é alto e abobadado, e vigas de madeira percorrem todo o espaço, com lustres elaborados de ouro entre elas, oferecendo uma luz difusa. O quarto é dominado por três janelas em arco, de vidro da Geórgia, com cortinas magenta e persianas de juta dourada trançada. Metros e metros de seda dourada, unidas por tranças magenta, são agrupadas e presas aos lados por ornamentos simples de ouro, e as paredes de um vermelho profundo proporcionam um fundo dramático para camas com arrumações elaboradas que estão posicionadas por todo o quarto.

Camas?

– Ava, algo me diz que isto não é uma sala de reunião – Kate sussurra.

Ela caminha para a direita do quarto, enquanto fico congelada no lugar, tentando entender para o que estou olhando. É um quarto comunal imenso e super-luxuoso – o

Salão Aberto.

As paredes não têm quadros, dando espaço para várias molduras douradas, ganchos e gruas, que parecem bem inocentes, como ornamentos extravagantes, mas assim que minha mente começa a se recuperar do estado de choque, o significado do quarto e seu conteúdo se infiltram no meu cérebro. Um milhão de razões tentam me distrair da conclusão a que lentamente chego, mas não há outra explicação para os equipamentos e engenhocas que me cercam.

A reação retardada finalmente vem à tona.

– Puta merda – sussurro.

– Olhe a boca. – A voz suave dele me invade, dou um pulo e vejo que Jesse está atrás de mim, me observando em silêncio, com as mãos nos bolsos e o rosto completamente sem expressão. Minha língua parece chumbo, e reviro minha mente em busca de algo a dizer. O que posso dizer? Minha cabeça é bombardeada por milhões de lembranças das últimas semanas – todas as vezes em que deixei coisas passar, ignorei ou, mais precisamente, fui distraída. Coisas que ele disse, coisas que outras pessoas disseram – coisas que achei estranhas, mas que não investiguei porque estava distraída com ele. Ele esteve me distraindo o tempo todo. Ele vinha se esforçando para esconder isso tudo de mim. O que mais tem escondido de mim?

Kate aparece na minha visão periférica. Não tenho que olhar para ela para saber que provavelmente tem a mesma expressão facial que eu, mas não consigo tirar os olhos de Jesse para ter certeza.

Ele olha para Kate, sorrindo para ela nervosamente, ao mesmo tempo que Sam entra no quarto.

– Ah, merda! Eu falei para vocês ficarem lá! – ele grita, olhando furioso para Kate. – Que maldição, mulher!

– Acho que precisamos ir embora – Kate diz baixinho, indo até Sam e pegando a sua mão, para levá-lo para fora do quarto.

– Obrigado – Jesse acena para eles, antes de voltar os olhos para mim. Seus ombros estão ligeiramente levantados, sinalizando sua tensão. Ele parece muito preocupado. É bom mesmo.

Ouço os sussurros enfurecidos de Kate e Sam enquanto descem as escadas, nos deixando a sós no salão aberto.

O salão aberto. Tudo faz sentido agora. A cruz lá embaixo não é uma peça de arte. A estranha engenhoca que parece uma grade ornada naquela suíte não é uma antiguidade. As mulheres que visitam este lugar não são empresárias. Bem, talvez até sejam, mas não enquanto estão aqui.

Ah, Deus, me ajude.

Vejo Jesse morder o lábio inferior com força. As batidas do meu coração aumentam a cada segundo. Isso explica os momentos em que eu o pegava pensativo nos últimos dias. Devia estar pensando que eu ia descobrir. Ele algum dia ia me contar?

Ele olha para o chão.

– Ava, por que não esperou por mim em casa?

Meu choque começa a se transformar em raiva, e todas as peças parecem se encaixar.

– Você queria que eu viesse – eu o lembro.
– Não assim.
– Eu mandei uma mensagem. Eu disse que estava a caminho.
Ele franze o rosto.
– Ava, não recebi nenhuma mensagem sua.
– Onde está seu telefone?
– Está no meu escritório.
Faço menção de ir até meu telefone, mas então as palavras dele naquela manhã voltam à minha mente.
– Era sobre isso que você queria conversar?
Ele levanta os olhos para mim, e não há como não ver o arrependimento. Ele não queria falar sobre nós. Queria me contar sobre essa merda toda.
– Já era hora de você saber.
Eu arregalo os olhos.
– Não, a hora de eu saber já passou faz tempo, Jesse. Merda!
– Olhe a boca, Ava. – Ouço a reclamação sutil.
– Não ouse! – grito, batendo a palma da mão na testa. – Merda, merda, merda!
– Olhe…
– Não! – eu o ataco com um olhar duro. – Jesse, não ouse dizer para eu não dizer palavrões! – faço um gesto para o quarto todo. – Olhe para isso!
– Estou vendo, Ava. – Sua voz é calma e conciliadora, mas não vai me acalmar.
– Por que não me contou? – Ah, meu Deus, ele é um cafetão de luxo.
– Achei que fosse entender o que acontece no Solar na nossa primeira reunião, Ava. Como ficou óbvio que você não entendeu, foi ficando cada vez mais difícil contar.
Minha cabeça dói. Isso é como um quebra-cabeça de mil peças que se forma lentamente. Ele deve achar que sou uma figura. Deu várias dicas nas especificações e necessidades, mas, por estar tão distraída, perdi todas. Ele tem um clube de sexo? Isso é terrível. E o sexo? Ah, meu Deus, o sexo. Ele é mesmo um expert extraordinário, e não é por conta de relacionamentos anteriores. Ele mesmo disse que nunca tinha tido tempo para relacionamentos. E agora sei por quê.
– Vou embora agora, e você vai me deixar ir – digo com toda a determinação que sinto. Fui mesmo um brinquedo para ele. Não passo de um brinquedo para ele. E já fiquei para trás – sou uma idiota.
Jesse ainda morde o lábio ferozmente e desvio dele, descendo as escadas em transe.
– Ava, espere – ele implora, me seguindo.
De repente me lembro da última vez em que saí correndo deste lugar. Eu devia ter fugido de vez. Bloqueio a sua voz e me concentro em chegar ao hall de entrada sem cair e quebrar uma perna. Passo pelos quartos do primeiro andar e mentalmente tomo mais um tapa de mim mesma.
– Ava, *baby*, por favor.
Chego ao pé da escada e viro para encará-lo.
– Nem pense nisso! – grito para ele, que recua, chocado. – Você vai me deixar ir embora.

– Você nem me deu a chance de explicar. – Seus olhos estão arregalados e cheios de medo. Não é uma expressão familiar em Jesse. – Por favor, me deixe explicar.

– Explicar o quê? Eu vi tudo que precisava ver – berro. – Nenhuma explicação é necessária!

Ele vem na minha direção com as mãos estendidas.

– Não era para você descobrir assim.

De repente me dou conta de que há uma plateia assistindo à nossa discussão. Sam, Drew e Kate estão na entrada do bar incomodados… com pena inclusive, e John olha para Jesse com um olhar grave. E Sarah também, que parece muito satisfeita. Agora sei que ela deve ter lido minha mensagem no celular de Jesse. Foi ela quem abriu os portões e a porta da frente. Ela conseguiu o que queria. Pode ficar com ele.

Não reconheço um homem de olhar malicioso e arrogante parado ao lado dela, mas ele me olha com uma expressão pouco amistosa. Vejo-o voltar os para Jesse, com escárnio.

– Que miserável você é – ele cospe às costas de Jesse, seu tom carregado de ódio. Quem diabos é ele?

Observo John agitá-lo pelo pescoço.

– Você não é mais membro, desgraçado. Vou acompanhá-lo até a saída.

A criatura arrogante dá uma risada sinistra:

– Fique à vontade. Parece que a sua vagabunda viu a luz, Ward – ele chia.

Os olhos de Jesse escurecem em um milésimo de segundo.

– Cale essa boca – John rosna.

– Ele teve o título de membro revogado – sussurro. – Ficou excitado demais.

O homem volta a olhar para mim, com os olhos frios.

– Ele pega o que quer e depois deixa um rastro de merda por onde passa – fala, e suas palavras são como um soco na boca do estômago, que tira o ar dos meus pulmões. Noto Jesse ficar tenso da cabeça aos pés. – Ele come todas elas e depois as joga fora.

Viro para Jesse, que ainda tem os olhos sombrios e a ruga de expressão mais pesada do que nunca, como um fardo em sua testa.

– Por quê? – pergunto. Não sei por que estou fazendo essa pergunta. Não vai fazer a menor diferença. Mas sinto que mereço algum tipo de explicação. Ele come todas elas – apenas uma vez – e depois joga fora.

– Não dê atenção a ele, Ava. – Jesse dá um passo à frente, o rosto tenso como nunca vi.

– Pergunte como vai minha esposa – o serzinho terrível diz. – Ele fez com ela o mesmo que fez a todas as outras. Maridos e consciência não são empecilhos para ele.

Isso basta para Jesse chegar ao limite. Ele se vira e investe contra o homem como uma bala, arrancando-o de John e jogando-o no chão, com um baque. Sam protege Kate, surgem alguns ruídos de espanto, e todos assistem a Jesse dar uma surra no homem.

Não me ocorre a ideia de gritar que ele pare, embora me pareça possível que Jesse o mate. Saio do Solar, entro no carro e espero quando vejo Kate descer as escadas correndo. Ela entra no carro sem dizer uma palavra.

Quando chegamos aos portões, eles se abrem sem que eu sequer pare o carro, o que

me surpreende – eu estava preparada para passar por cima deles.

– Sam… – Kate diz quando olho para ela. – Ele disse que é melhor ficarmos longe daqui.

Eu não havia considerado até agora que tudo isso é novidade para Kate também. Ela parece sempre sossegada e contida, mesmo agora.

Eu, no entanto, me sinto em queda livre para o inferno.

Capítulo 32

Passo pela porta da casa de Kate e subo as escadas direto, como um zumbi. Kate não tenta tirar mais informações de mim e me deixa cair no sofá, em lágrimas.

Meus olhos ficam imensos quando ouvimos a porta da frente se abrir, e Kate corre para o corrimão.

– É apenas Sam – ela me acalma, voltando para a sala.

– Ele tem a chave? – pergunto. Kate encolhe os ombros, mas essa novidade me faz sorrir. Será que ela vai tomar a chave de volta diante dessa nova informação?

Meu telefone toca de novo, e rejeito a ligação... de novo.

Sam chega na sala parecendo tão nervoso quanto estava no Solar. Nós duas olhamos para ele, que parece acompanhar uma partida de tênis, olhando de mim para Kate e para mim de novo, antes de ir até minha amiga e puxá-la pelo cotovelo para fora da sala.

– Precisamos conversar – ele diz, com urgência. Viro o pescoço ao máximo, para vê-lo praticamente atirá-la dentro do quarto, batendo a porta em seguida.

Fico deitada no sofá, com meu chá sobre o estômago, e fecho os olhos. Não ficam fechados por muito tempo. Imagens mentais de Jesse estão gravadas no meu cérebro. Nunca mais vou conseguir dormir.

Meu telefone toca outra vez, e aperto o botão para rejeitar a ligação, antes de continuar olhando para o teto da sala.

Nunca senti uma dor assim. É excruciante e está muito além do ponto em que poderia haver cura. Ele é dono de uma merda de um clube de sexo? Por que não é banqueiro ou consultor financeiro? Ou... dono de um hotel.

Eu sabia que havia algo errado, algo perigoso. Por que não parei por um momento e tentei recobrar o juízo? Sei bem por que – porque não me era permitido, não havia chance.

Sento quando ouço a voz esganiçada de Kate vazar pela porta, seguida do tom reconfortante de Sam, tentando acalmá-la. Ela sai como um furacão do quarto com Sam atrás, tentando levá-la de volta.

– Tire as mãos de mim, Samuel. Ela precisa saber.

– Espere um minuto... Kate... Aaaaaaaaaaaaaaaiiiiiiii! Por que diabos fez isso? – Kate recolhe o joelho do golpe que atingiu a virilha de Sam, deixando-o dobrado e gemendo no chão, antes de vir para a sala e me fitar com aqueles olhos azuis.

– O que foi? – pergunto, apreensiva. – O que eu preciso saber agora?

Ela lança um olhar terrível quando Sam aparece na sala segurando a área ofendida, e

depois aponta para uma cadeira, exigindo silenciosamente que ele se sente. Ele vai até lá mancando e senta com um gemido de dor.

– Ava, ele está vindo para cá – ela me diz com calma. Não sei por que ela escolheu esse tom. Não vai me acalmar, nem um pouco.

Eu me assusto, olhando para Sam, que se recusa a me olhar nos olhos, sentado na cadeira. Ele não ia me falar? Fui estúpida por pensar que Jesse ia facilitar as coisas.

– Preciso sair – choramingo quando meu telefone começa a tocar outra vez. – Vá se foder! – grito para o aparelho estúpido.

– Você dirige – Kate pede a Sam. – Ela não está em condições de dirigir.

– Ah, não! Eu não. – Ele levanta as mãos, balançando a cabeça. – Eu tenho amor à vida. De qualquer forma, preciso falar com você – ele aponta para Kate.

Todos damos um pulo quando ouvimos um golpe na porta, meu coração vai parar na boca, e olho para Kate. Sam geme e não é por conta da dor que Kate causou há pouco.

– Seu traidor desprezível – ela murmura com raiva, perfurando Sam com seus olhos azuis astutos.

– Ei! Eu não disse nada! – ele está na defensiva. – Não precisa ser cientista espacial para saber onde ela estaria.

– Não atenda, Kate – peço.

Mais alguns golpes na porta da frente. Meu Deus, não quero vê-lo. Minhas defesas não estão fortes o bastante no momento. Pulo com uma sucessão de pancadas, seguidas de uma sinfonia de buzinas de carro.

– Pelo amor de Deus! – Kate grita, correndo pelo quarto para olhar pela janela. – Merda! – ela levanta a persiana e encosta no vidro da janela.

– O que foi? – Eu me junto a ela à janela. Eu sei que é ele, mas por que tanta comoção?

– Veja! – ela grita, apontando para baixo. Forço meus olhos a acompanhar sua mão e vejo o carro de Jesse abandonado no meio da rua, a porta do motorista escancarada e uma fila de carros começando a se formar atrás dele. Ele não deixou espaço suficiente para contornarem, o que faz a raiva crescer, e as buzinas começarem a soar. Tudo perfeitamente audível daqui.

– Ava! – ouço-o gritar e esmurrar a porta mais algumas vezes.

– Porra, Ava! – Kate censura. – Esse homem é um botão detonador ambulante, e você acabou de apertá-lo! – ela sai andando pela sala.

– Não apertei nada, Kate. Não atenda a porta! – eu me inclino sobre o corrimão, vendo Kate descer as escadas correndo em direção à porta.

– Não posso deixá-lo fazer isso na rua.

Entro em pânico e corro para a sala, passando por Sam, que ainda está na mesma cadeira, massageando o ponto sensível, balbuciando palavras inaudíveis.

– Por que não contou a Kate? – pergunto sem rodeios, virando para a janela.

– Sinto muito, Ava.

– Você precisa pedir desculpas para Kate, não para mim. – Viro para ele e não encontro o menor sinal do rapaz divertido e atrevido a quem já me apeguei. Em vez disso, vejo um homem tenso, desconfortável e tímido.

– Já pedi. E eu não podia contar a ela até que Jesse contasse a você. Saiba, isso o estava consumindo desde que ele conheceu você.

Dou risada da tentativa de Sam de defender o amigo e olho para a rua de novo. Jesse anda de um lado para o outro lá fora, claramente desesperado, destruindo os botões de seu celular. Sei para quem ele está ligando, e meu telefone começa a tocar, como eu sabia que aconteceria. O pânico me assola quando olho para a rua e vejo o motorista de um dos carros presos sair.

Kate sai e acena para Jesse, que ignora o rapaz e vira para ela. Seus gestos são urgentes e, depois de alguns minutos, Jesse entra no carro. Todo o meu ser é tomado pelo alívio, mas ele só está estacionando o carro de maneira mais civilizada, permitindo que outros motoristas passem.

– Ah, meu Deus, Kate! O que foi que você fez! – grito para a janela.

– O que está acontecendo? – Sam pergunta da cadeira. Não respondo.

Fico ali parada, incapaz de me mover, vendo Jesse se inclinar sobre o meu carro, com a cabeça baixa, os braços caídos ao lado do corpo. Ele olha para Kate, e, mesmo daqui, posso ver a angústia que transfigura seu rosto. Ela esfrega o braço dele, num gesto de conforto. Isso está me matando.

Depois de uma eternidade observando-os na rua, Kate finalmente volta para dentro, mas, para meu horror, Jesse a segue, e ela não tenta impedi-lo.

– Não, merda! – exclamo, com as mãos na cabeça.

– O quê? – Sam grita ansioso. – Ava, o que foi?

Considero rapidamente minhas opções, o que não leva muito tempo, já que não há nenhuma, a não ser aguardar o confronto. Só há uma entrada na casa. Se Jesse está entrando, qualquer plano de escapar do inevitável é nulo.

Kate entra na sala parecendo envergonhada. Estou furiosa, e ela sabe disso. Lanço meu olhar mais tenebroso, e ela sorri nervosamente para mim.

– Apenas escute, Ava. O cara está um trapo – ela balança a cabeça, triste, e então olha para Sam, sua expressão mudando instantaneamente. – Você, já para a cozinha!

Sam vocifera.

– Eu não consigo me mexer, maldita! – ele se massageia outra vez, deitando a cabeça no encosto da cadeira. Kate bufa, dá um puxão, nele, e Sam geme alto, fechando os olhos e mancando em direção à cozinha.

Não acredito que ela fez isso. Ela sai com um olhar carregado de compaixão. Não teria que se mostrar tão pesarosa se não o tivesse deixado entrar – sua estúpida. Viro para a janela antes que Jesse entre. Não posso olhar para ele. Vou me desfazer em lágrimas se o encarar e não quero que ele tenha uma desculpa para me confortar naqueles braços enormes e quentes. Estou preparada para que sua voz me envolva e eu sinta cada nervo formigando e cada músculo ficar tenso.

Não ouço nada por algum tempo, mas logo sinto cada pelo da nuca arrepiar e sei que ele está por perto. A reação do meu corpo à sua presença potente me faz fechar os olhos e respirar fundo. Rezo para ter forças.

– Por favor, Ava, olhe para mim – sua voz é trêmula, cheia de emoção. Engulo um nó na garganta do tamanho de uma bola de tênis, tentando dominar as lágrimas que

pairam nos meus olhos. – Ava, por favor. – Sua mão acaricia a parte de trás do meu braço. Eu me encolho.

– Por favor, não me toque. – Encontro a coragem de que preciso para encará-lo.

Ele está de cabeça baixa e ombros caídos. Seu estado é lastimável, mas não vou ficar comovida com sua aparência infeliz. Já fui influenciada muitas vezes pela sua manipulação, e isso… isso é só mais uma forma de me manipular… ao estilo de Jesse. Eu estava tão cega de desejo que não enxerguei direito.

Seus olhos vítreos saem do chão e me encaram.

– Por que você me levou lá? – pergunto.

– Porque quero você comigo o tempo todo. Não consigo ficar longe de você.

– Bem, é melhor se acostumar, porque não quero mais ver você. – Minha voz é calma e controlada, mas a dor que atravessa meu coração em resposta às minhas próprias palavras seria o bastante para me derrubar.

Os olhos dele ficam marejados, buscando os meus.

– Você não está falando sério. Sei que não está.

– Estou, sim.

O peito dele se expande a cada respiração, seus cabelos estão despenteados, a ruga de expressão é uma cratera em sua testa. O desespero estampado em seu rosto é como uma lança de gelo cravada no meu coração.

– Eu nunca quis magoar você – ele murmura.

– Bem, você me magoou. Você pisou na minha vida e no meu coração. Eu tentei escapar. Eu sabia que havia algo mais, além do que os olhos podiam ver. Por que não me deixou ir embora? – Minha voz começa a falhar, a sensação de ter uma lixa na garganta vence a batalha, e as lágrimas começam a arder nos meus olhos. Benfeito, eu devia ter escutado minha intuição.

Ele começa a morder o lábio.

– Você nunca quis ir embora. – Mal posso ouvir sua voz.

– Quis, sim! – digo, soluçando. – Eu tentei lutar contra você. Eu sabia que estava me metendo em encrenca, mas você foi incansável. O que aconteceu? Acabou seu estoque de mulheres casadas para fazer sexo?

Ele balança a cabeça.

– Não, eu encontrei você. – Ele dá um passo para a frente, e me afasto de seu alcance.

– Saia daqui – peço com calma, o corpo tremendo, sem fôlego, todas as provas de que não estou calma. Passo por ele com violência e esbarro em seu ombro.

– Não posso. Eu preciso de você, Ava. – Sua voz suplicante vai me assombrar pelo resto dos meus dias.

Viro para ele com violência.

– Você não precisa de mim! – Luto para manter a força na voz. – Você me quer. Ah, Deus, você é *mesmo* um dominador, não é? – Lampejos de todos os nossos encontros sexuais passam pela minha mente a cem quilômetros por hora. Ele é feroz na cama e bastante feroz fora dela, também.

– Não!

– Por que essa necessidade de controlar, então? E as ordens?

– O sexo é só sexo. Não consigo ficar tão perto de você quanto gostaria. O controle é porque morro de medo de que algo aconteça a você… de que você seja tirada de mim. Esperei você por muito tempo, Ava. Faço qualquer coisa para manter você segura. Passei a vida toda sem controle nem carinho. Acredite em mim, eu preciso de você… por favor… por favor, não me deixe. – Ele vem em minha direção, mas eu recuo, rejeitando o instinto de deixá-lo me abraçar. Ele para. – Nunca vou me recuperar.

Não! Não acredito que ele seria tão cruel a ponto de usar chantagem emocional.

– Você acha que isso vai ser mais fácil para mim?! – grito, e as lágrimas escorrem com intensidade.

O pouco de cor que havia em seu rosto desaparece diante dos meus olhos, e ele baixa a cabeça. Não tem resposta para isso. O que poderia dizer? Ele sabe o que fez comigo, me fez precisar dele.

– Se eu pudesse mudar a maneira como lidei com as coisas, eu mudaria – ele sussurra.

– Mas não pode. O estrago está feito. – Meu tom é cheio de desdém.

Ele levanta os olhos para mim.

– O estrago será pior se você me deixar.

Meu Deus.

– Saia!

– Não! – ele balança a cabeça freneticamente, dando mais um passo na minha direção. – Ava, por favor, eu imploro.

Eu me afasto dele, juntando forças para manter minha expressão mais determinada, engolindo constantemente a saliva para acalmar o nó na garganta. Está doendo tanto. É exatamente por isso que eu não queria vê-lo. Estou tão furiosa com ele, mas vê-lo tão devastado é de partir o coração. Preciso lembrar o tempo todo que foi ele quem me decepcionou da maneira mais cruel. Ele me induziu ao erro, me enganou e, essencialmente, me atormentou até eu ir para a cama com ele.

Você deixou eu me apaixonar por você!

Ele me encara fixamente, a dor naqueles olhos verde-musgo imensurável. Se eu não desviar o olhar, vou me render. Então olho para baixo e silenciosamente imploro que vá embora, antes que eu me despedace e aceite o conforto que ele sempre me dá.

– Ava, olhe para mim.

Eu respiro fundo e olhos nos seus olhos.

– Adeus, Jesse.

– Por favor – ele pede, sem voz.

– Eu disse adeus. – As palavras têm uma carga de finalidade que eu não queria ter dado.

Ele estuda meu rosto por um longo tempo, mas finalmente para de tentar encontrar qualquer indício de esperança nos meus olhos. Ele se vira e sai, sem dizer mais nada.

Deixo meus pulmões receberem o ar de que precisam desesperadamente e caminho com as pernas bambas até a janela. A porta da frente bate, vibrando pela casa, e Jesse reaparece, se arrastando até o seu carro abandonado. Eu me encolho e deixo escapar um soluço quando o vejo esmurrar a janela do carro, fazendo estilhaços voarem pela rua, antes de entrar no carro e bater repetidas vezes no volante. Depois do que parecem

anos vendo-o socar o carro, ele dá a partida e sai cantando os pneus e obrigando outros motoristas a buzinar para ele.

Saio do chuveiro e seco os cabelos, antes de deitar na cama em posição fetal. Estou anestesiada. Sinto que meu coração foi arrancado, pisoteado e enfiado de volta como uma massa destruída no meu peito. Estou em algum lugar entre o luto e a devastação e a pior dor que já senti. Minha vida se desintegrou. Sinto-me vazia, traída, perdida e só. A única pessoa que poderia me ajudar a melhorar é a mesma pessoa que causou tudo isso. Eu acho que nunca vou superar isso.

– Ava? – levanto a cabeça latejante do travesseiro e vejo Kate na porta. A compaixão em seu rosto inflama a mágoa um pouco mais. Ela se senta na beira da minha cama e me acaricia o rosto.

– As coisas não precisam ser assim – ela diz, suave.

Como assim? Como elas podem ser de qualquer outro jeito? Só tenho que esperar a dor passar e ver se tenho forças para lidar com tudo isso – e recomeçar. Mas no momento me contento em ficar deitada e sentir pena de mim mesma.

– Precisam sim – retruco, em um sussurro.

– Não precisam, não – ela diz com mais firmeza dessa vez. – Você ainda o ama. Admita que o ama. Você contou a ele?

Não posso negar. Eu o amo tanto que dói. Mas não deveria amá-lo. Sei que não deveria.

– Não posso. – Enfio o rosto no travesseiro.

– Por quê?

– Ele é dono de um clube de sexo, Kate.

– Ele não sabia como contar. Ele estava com medo de que você o deixasse.

Eu olho para Kate.

– Bem, ele não me contou, e eu o deixei mesmo assim. – Eu me acomodo no travesseiro úmido de lágrimas. – Você ouviu aquele homem. Ele destrói casamentos. Ele transa com mulheres por diversão. Por que não está chocada? – resmungo para dentro do travesseiro. Sei que ela é tranquila, mas isso é chocante.

– Eu estou… um pouco.

– Você quase me enganou.

– Ava, Jesse é louco por você. Sam nunca pensou que o veria se apaixonar.

– Sam pode dizer o que quiser, Kate. Isso não muda o fato de que ele é dono de um lugar onde as pessoas vão para fazer sexo e que ele às vezes participa. – Eu estremeço, me sentindo mal só de pensar.

– Você não pode puni-lo por ter um passado.

– Mas não é o passado, é? Ele ainda é dono do lugar.

– É só o trabalho dele.

– Me deixe em paz, Kate – peço. Ver Kate defendê-lo só me chateia mais. Ela deveria estar me dando apoio, não tentando justificar os erros de Jesse.

Ela suspira e se levanta da cama.

– Ele ainda é o Jesse. – Ela diz e me deixa sozinha no meu quarto para chorar minha perda.

Tento livrar minha cabeça de todos os pensamentos inevitáveis. Não adianta. Meu cérebro é tomado por lembranças das últimas semanas – nosso primeiro encontro, quando ele me impressionou, as mensagens de texto e a perseguição... e o sexo. Viro de bruços e afundo a cabeça no travesseiro.

As palavras de Kate ricocheteiam na minha mente: *Ele ainda é o Jesse*. E eu sequer sei quem Jesse é? Tudo o que conheço é um homem que me arrebatou com sua intensidade e me pegou de surpresa com sua presença.

Outra peça do quebra-cabeça se assenta quando me lembro dele dizendo que não tem contato com os pais. Eles o deserdaram quando seu tio morreu, e Jesse se recusou a vender O Solar. Faz sentido agora. Aquilo não tinha nada a ver com a herança ou com compartilhar o imóvel, e sim com um rapaz de vinte e um anos sendo o administrador de um clube de sexo superchique. É claro que ficariam preocupados. É compreensível que desaprovassem o relacionamento de Jesse com Carmichael. Jesse disse que foi a melhor época de sua vida. Que jovem não acharia isso, vivendo em uma casa onde tudo pode acontecer? Ele tem mesmo muita experiência, e há uma séria possibilidade de nunca ter transado com uma mulher duas vezes – exceto por mim.

Não é preciso muita inteligência para entender por que fui observada por todas aquelas mulheres no Solar. Todas o desejam. Não, todas elas o desejam *de novo*.

Ele corria um risco me levando lá, mas, pensando bem, ninguém nunca me abordou – eu nunca estava sozinha, nunca fiquei livre para bisbilhotar. Todos ali tinham ciência de que eu não sabia de nada? Eles tinham instruções de ficar calados, de ficar longe de mim? Ele se esforçou de verdade para me manter no escuro. Como pôde pensar que conseguiria se safar? E o comentário de Sarah sobre roupas de couro... Em completo desespero, enfio a cabeça no travesseiro com mais força.

– Ava?

Olho para cima e vejo Sam parado na porta, parecendo tão derrotado quanto antes.

– Ele se torturava todo dia tentando encontrar uma forma de contar. Eu nunca o vi assim antes.

– Você diz rejeitado? – digo, com sarcasmo. – Não, não consigo imaginar Jesse Ward ouvindo muitos “nãos” na vida.

– Não, quero dizer louco por uma mulher.

– Ele só é louco, Sam.

Ele franze a testa e balança a cabeça.

– Sim, por você. Você se importa? – ele pergunta se pode sentar na cama.

– Fique à vontade – digo, de maneira pouco gentil.

Ele senta bem na beira da cama. Nunca o vi tão sério.

– Ava, eu conheço Jesse há oito anos. Nunca o vi se comportar assim por uma mulher. Ele nunca teve um relacionamento que fosse além do sexo, mas você apareceu, e foi como se ele tivesse encontrado um propósito. Ele é um homem diferente e, ainda que você tenha ficado frustrada com a superproteção dele, eu, como amigo, fiquei feliz por vê-lo finalmente se importar tanto com alguém a ponto de se comportar assim. Por

favor, dê uma chance a ele.

– Ele não era só superprotetor, Sam. – Isso é só um tópico na longa lista de modos desmedidos.

– Ele ainda é o Jesse – Sam repete as palavras de Kate, me olhando em súplica. – O Solar é só um negócio. Sim, ele misturava negócios com prazer, mas não tinha mais nada. – Ele sorri, pegando a minha mão. – Se você me disser que pode se afastar dele sem pensar duas vezes sem se arrepender, calo a minha boca e vou embora. Se puder me dizer que não o ama, eu vou embora. Mas eu não acho que consiga. Você está chocada, eu entendo. E, sim, ele tem uma história, mas você não pode ignorar o fato de que Jesse adora você, Ava. Está escrito no rosto dele, em tudo o que ele faz. Por favor, dê uma chance. Ele merece uma chance.

Estou tentando lidar com algo que não entendo e provavelmente nunca vou entender. Ele é dono de um clube de sexo. Esse drama não se encaixa na minha ideia de uma vida normal, felizes para sempre. Ele gosta de mim o bastante para se comportar assim? Ele me adora? Adorar é igual a amar? Ignorei todas as conversas que tive na cama com Jesse no começo – todos os "você é minha" e aquela baboseira de não me deixar ir embora. Ele usava a palavra *amor* com frequência, mas nunca no contexto que eu queria desesperadamente ouvir. "Amo você vestida de renda", "amo sexo preguiçoso com você", "amo ter você aqui". Eu deveria ter lido essas frases mais a fundo? Ele estava dizendo o que eu queria ouvir, mas de uma maneira torta? Ele sempre buscava que eu o assegurasse de que ia ficar. Se tudo de que precisava era a certeza de que eu estaria ao lado dele, eu fiz isso muitas vezes, não fiz? Sempre disse que ficaria. Mas não sabia do Solar naquela época. E agora que sei, eu o abandonei.

Ele sempre me quis vestindo renda, não couro. Dizia que eu era "sua". Era possessivo no nível máximo – a ponto de ser exagerado. Sempre quis me manter coberta, nunca exposta a ninguém que não ele. Couro, compartilhamento e a exposição da figura feminina devem ser coisas comuns no Solar. Estaria tentando me tornar o oposto de tudo o que conhece? Tudo com que estava acostumado?

Eu me sento. Preciso falar com ele. Posso superar a ideia do Solar, acho, mas sei com absoluta certeza que nunca vou conseguir esquecer Jesse. Vê-lo tão preocupado e desesperado deve significar que pelo menos está magoado. Não se comportaria assim se eu não significasse algo para ele, não é? Tantas perguntas. E só há um lugar onde eu poderia encontrar as respostas. Devo essas respostas a mim mesma.

Olho para Sam e um sorriso brota naquele rosto maroto.

– Meu trabalho aqui está feito – ele imita as palavras de Jesse e levanta, estremecendo em seguida. – Aquela malvada.

Sorrio por dentro. Essa bomba obviamente não afetou Kate da mesma forma que a mim. Visto as roupas mais fáceis e próximas que encontro e pego as chaves do carro. Lágrimas rolam dos meus olhos, e a culpa faz um buraco no meu estômago. Era ele quem queria as cartas na mesa. Ele ia me contar sobre O Solar, mas havia mais alguma coisa que queria me contar? Espero que sim, porque estou indo até lá para descobrir. O aviso de Sarah sobre construir sonhos com Jesse me vem à mente enquanto corro para o carro. Talvez ela tenha razão, mas não posso viver sem saber.

Capítulo 33

Dirijo para o Lusso de modo irracional, cortando os outros, buzinando impaciente e atravessando alguns semáforos vermelhos. Quando estaciono nas docas, vejo o carro de Jesse parado em um ângulo estranho, entre duas vagas. Abandono meu Mini na rua, entro pelo portão de pedestres – agradecendo a tudo o que há de mais sagrado por me lembrar do código – e corro pelo *foyer*, encontrando Clive no balcão do concierge, parecendo mais alegre que o normal.

– Ava! Finalmente entendi como usar esse maldito equipamento – ele declara, encantado.

Eu me apoio no balcão de mármore alto para recuperar o fôlego.

– Ótimo, Clive. Eu disse que você ia conseguir.

– Você está bem?

– Estou ótima. Vou subir para o apartamento de Jesse.

O telefone na mesa começa a tocar, e Clive levanta um dedo para que eu dê licença por um minuto.

– Sr. Holland? Sim, senhor. Claro, senhor. – Desliga e faz anotações em seu bloco. – Desculpe.

– Tudo bem. Vou subir.

– Ah, Ava, o sr. Ward não me notificou de sua visita. – Ele olha para a tela, e fico de boca aberta. Ele está tirando sarro da minha cara? Ele já viu Jesse me carregando para dentro e para fora desse lugar em diversas ocasiões. Que brincadeira é essa?

Abro um sorriso doce.

– O que está achando do trabalho, Clive?

Ele se anima imediatamente.

– Bem, basicamente sou o assistente de treze moradores podres de ricos, mas estou amando. Você precisa ouvir alguns dos pedidos que recebo. Ontem, o sr. Daniels me pediu para organizar um voo de helicóptero sobre a cidade para sua filha e mais três amigas e... – ele se inclina sobre o balcão, baixando a voz. – O sr. Gomez, do quinto andar, traz uma mulher diferente para cada dia da semana. E o sr. Holland parece ter uma preferência especial por mocinhas tailandesas. Mas guarde isso para você. É tudo confidencial. – Ele dá uma piscadela.

– Uau, que interessante. Fico feliz que esteja gostando, Clive. – Abro ainda mais o meu sorriso. – Se importa se eu subir?

– Preciso anunciar você antes, Ava.

– Então ligue! – bufo impaciente, me mexendo irritada enquanto Clive interfona para

a cobertura.

Ele desliga e liga outra vez.

– Tenho certeza de que o vi passar – ele murmura, confuso. – Talvez eu tenha me enganado.

– O carro dele está aí fora. Ele deve estar aqui – insisto, inquieta. – Tente de novo. – Aponto para o aparelho, e Clive aperta mais alguns botões, sob meu olhar atento.

Ele desliga e balança a cabeça.

– Não, ele definitivamente não está lá. E ele não colocou um NP no sistema, então não está dormindo nem ocupado. Deve ter saído.

Meu rosto se fecha.

– NP?

– Não perturbe.

– Ah, Clive. Eu sei que ele está em casa. Por favor, posso subir? – eu imploro. Não acredito que ele está sendo tão difícil.

Ele se inclina sobre o balcão, estreita os olhos para mim e olha para os dois lados, para ver se ninguém está olhando.

– Posso ter sérios problemas por não seguir o protocolo, mas já que é você, Ava – ele pisca mais uma vez –, pode ir. – Ele aponta por sobre o ombro e ajeita o chapéu verde.

– Obrigada, Clive.

Voo para o elevador e digito o código, rezando para ele não ter reprogramado nesse curto período em que fiquei fora, e respiro aliviada quando as portas se fecham e começo a minha jornada rumo à cobertura. Ele ainda precisa abrir a porta – não tenho a chave.

Meu estômago dá saltos mortais quando as portas do elevador se abrem e dou de cara com a porta dupla do apartamento de Jesse, mas fico preocupada quando vejo que já estão abertas. Ouço música – música muito alta.

Vou até a porta, abro-a com cuidado, e meus ouvidos são bombardeados por “Angel”. A letra me atinge como um raio, imediatamente me colocando em guarda. Nesse momento parece tão alta e deprimente, e não suave e ardente como quando fizemos amor. Preciso baixar a música, ou desligar. Está me afetando de um jeito ruim. E, vindo de todo o sistema de som integrado, não há como escapar. Talvez ele não esteja aqui. Talvez haja um problema no sistema, porque não conseguiria suportar esse barulho por muito tempo. Tampo os ouvidos com as mãos e tento encontrar o controle remoto nesse lugar gigante, antes de ir até a cozinha e encontrá-lo na ilha. Rapidamente localizo o botão do volume e o diminuo – bastante.

Quando resolvo o problema do barulho, vou em busca dele. Quando chego às escadas, chuto algo e observo o objeto rolar pelo chão, mas, logo que o pego, percebo que é uma garrafa e a coloco no console ao pé da escada, antes de subir os degraus de dois em dois.

Vou direto para a suíte master, mas ele não está lá, então começo a procurá-lo em todos os quartos. Ele não está em nenhum deles. Desço até o meio das escadas e paro abruptamente quando meus olhos pousam na garrafa vazia que eu havia pego antes.

É vodca, ou era. Está totalmente vazia.

Uma onda de inquietação me invade, e um milhão de pensamentos assolam a minha

mente. Nunca vi Jesse beber – jamais. Todas as vezes em que se ofereceu álcool ele recusou, pedindo água. Nunca me ocorreu perguntar por quê. Mas agora, pensando em como a garrafa foi largada no chão, percebo que algo não está certo.

A insistência dele para que eu não bebesse na sexta-feira bate na minha cabeça como uma onda, e aquela vez no Blue Bar, quando ele estava tão determinado em me oferecer água, de repente não parece mais tão incomum nem irracional.

Ouço algo se quebrando, e meus olhos vão da garrafa vazia para o terraço.

– Ah, não, por favor – sussurro comigo mesma.

As grandes portas de vidro estão abertas. Corro até o fim das escadas, atravesso a sala e paro de repente na porta quando vejo Jesse lutando para conseguir se levantar de uma das espreguiçadeiras. Meus olhos estiveram fechados nas últimas semanas? Perdi tanta coisa.

Ele está com uma toalha em volta da cintura, tem uma garrafa de vodca na mão e está tentando levantar usando apenas o braço livre. Diz uma profusão de palavrões.

Estou congelada vendo esse homem, por quem me apaixonei, um homem cativante, fisicamente poderoso e apaixonado, reduzido a um trapo embriagado. Como deixei isso passar? Ainda nem compreendi toda a merda que foi despejada sobre mim hoje. E agora isso ainda por cima?

Assim que consegue se levantar, ele vira para olhar para mim. Seus olhos estão vazios, seu rosto, sem expressão. Nem parece ele.

– Você chegou tarde demais, *baby* – ele fala com uma expressão maligna, olhando diretamente para mim. Jesse nunca me olhou assim antes. Nunca falou assim comigo antes, nem quando estava louco de raiva.

– Você está bêbado – disparo, sabendo que é algo estúpido para dizer, mas todas as outras palavras me fugiram, saíram correndo gritando do meu cérebro. Meus olhos já foram torturados hoje além do que é possível curar.

– Muito bem observado. – Ele levanta a garrafa, bebe o restante da vodca e enxuga a boca com as costas da mão. – Mas não estou bêbado o suficiente. – Ele segue adiante com decisão, e instintivamente saio do caminho, ciente de que ele me machucaria caso se chocasse contra mim.

– Aonde vai? – pergunto quando ele passa por mim.

– O que você tem com isso? – ele dispara, sem olhar para mim. Eu o sigo até a cozinha e o vejo pegar outra garrafa de vodca no freezer e jogar a anterior, vazia, na pia. Tenta abrir a tampa de rosca. – Porcaria! – ele chia, chacoalhando a mão, e é quando noto o inchaço e os cortes. Ele finalmente consegue abrir a garrafa e dá um gole enorme.

– Jesse, sua mão precisa de cuidados.

Ele me mostra a mão, bebendo mais um gole.

– Cuide dela, então. Mais um estrago que você causou – ele diz. *Que eu causei?* – É, fique aí… fique aí toda desnorteada… e… e… confusa. Eu avisei, porra! – ele grita. – Não avisei? Eu… eu avisei! – ele está histérico.

– Me avisou do quê? – pergunto em voz baixa, enquanto calculo o quanto ele já bebeu. Esta é a terceira garrafa que vejo. Alguém consegue beber tanto?

– Tão típico! – ele grita para o teto.
– Eu não sabia – sussurro.
Ele ri.
– Você não sabia? – ele aponta a garrafa para mim. – Eu disse que você causaria mais estrago se me deixasse, mas você me deixou mesmo assim. Agora olhe o meu estado.
Eu me encolho ao ouvir essas palavras. Tenho vontade de chorar, mas o choque está controlando as lágrimas. Esse não é o Jesse que conheço. Esse homem é um estranho – um homem maldoso, cruel e impiedoso, que não amo de maneira alguma. Não preciso *desse* homem.
Ele vem na minha direção, e me afasto. Não quero estar perto dele.
– É isso mesmo, fuja. – Ele continua me seguindo, se aproximando mais de mim a cada passo. – Você gosta de provocar e me deixar na mão, Ava. Posso ficar com você e depois não posso mais, e depois posso de novo. Decida!
– Por que não me disse que era alcoólatra? – pergunto quando minhas costas encontram a parede. Não tenho mais para onde ir. *Por que não me contou tudo?*
– E dar outra razão para não me querer? – ele dispara. Então para e considera algo. – Eu não sou alcoólatra!
Ele está praticamente sobre mim, me olhando de cima. Assim tão de perto, seus olhos estão ainda mais vagos e sombrios.
– Você precisa de ajuda – digo, com a voz entrecortada. Eu também vou precisar de ajuda.
– Eu precisava de você… você… Você me deixou. – Seu hálito é quente, mas não sinto seu mentolado habitual. Só sinto o cheiro de álcool, então, quem quer que diga que não se pode sentir cheiro de vodca está mentindo.
Espalmo as mãos em seu peito para empurrá-lo, mas sem fazer pressão demais por medo de derrubá-lo. É risível. Esse homem alto e forte, que está tão instável no momento. O peito é o mesmo – *isso* eu consigo reconhecer, mas é só o que me é familiar no momento.
Ele dá um passo atrás, levando a garrafa aos lábios outra vez. Quero atirá-la no chão.
– Desculpe. Estou invadindo seu espaço? – ele ri. – Nunca incomodou você antes.
– Antes, você não estava bêbado.
– Não, não estava. Estava ocupado demais transando com você para pensar em beber. – Ele me olha com nojo, inclinando-se para a frente. – Estava ocupado demais transando com você para pensar em qualquer coisa. E você amava. – Ele tenta abrir o sorriso malicioso. – Você era boa. Na verdade, você foi a melhor. E eu tive muitas.
A raiva sobe pelo meu corpo como um foguete. Tão rápido que nem percebo quando minha mão ganha vida própria e o acerta – não até ela começar a formigar e latejar.
Ele mantém o rosto virado, onde meu golpe o acertou, antes de voltar os olhos lentamente para mim. Ele ri.
– Divertido, não foi?
Olho para ele com total desprezo, balançando a cabeça. Sinto que estou em um filme absurdo. Esse tipo de coisa não acontece, especialmente não comigo. Clubes de sexo, loucura e babacas viciados em álcool. Como foi que me enfiei nessa aberração?

– Você é um merda.
– Olha a boca! – ele fala mole.
– Você não me diz o que eu posso ou não dizer! – grito. – Você não pode mais mandar em mim!
– Eu sou um merda por causa de *você*. – Ele pontua cada palavra, mesmo com a fala arrastada, apontando o dedo bem perto do meu rosto. Tenho medo de dar um soco bem no meio do rosto dele se não for embora agora. Mas todas as minhas coisas estão aqui, e preciso pegá-las. Não quero voltar nunca mais.
Passo por ele e corro para a escada. Se tiver um pouco de sorte, ele está bêbado demais para me seguir, e vou conseguir pegar minhas coisas sem xingamentos piores.
Subo as escadas depressa e vou direto ao quarto, parando por um momento para tentar descobrir onde ele pode ter colocado a minha mala.
Encontro uma das minhas malas menores atrás de algumas caixas de sapatos no closet e a puxo para fora, pegando em seguida as minhas roupas nos cabides e no chão ao mesmo tempo. Volto para o quarto e vejo Jesse parado na porta. Ele precisou de muito mais tempo para subir a escada dessa vez. Eu o ignoro e corro para o banheiro, jogando meus produtos de higiene dentro da mala.
– Isso lembra alguma coisa, Ava?
Olho na direção de sua voz e o vejo acariciando o gabinete da pia, o rosto sério enquanto passa a mão com carinho pelo mármore. Tento bloquear a lembrança do nosso encontro na noite de lançamento. Nessa mesma suíte, onde finalmente me rendi a esse homem. Foi nesse banheiro que fizemos amor pela primeira vez. E agora tudo acaba aqui, também.
Ele bloqueia minha passagem com seu corpo enorme e cambaleante, e noto que a garrafa de vodca foi abandonada e a toalha ameaça cair. Tento desviar dele, mas ele se move comigo, tentando atrapalhar minhas tentativas de passar.
– Você vai mesmo? – ele fala devagar e calmo.
– Acha que eu ia ficar? – pergunto, exasperada. Achei que conseguiria abstrair a ideia do Solar e de tudo o que o acompanha, mas isso além de tudo coloca meu mundo já aos pedaços na total destruição. Nenhuma quantidade de amor ou sentimentos poderia consertar isso. Ele me conduziu por uma dança de ilusões. Ele me manipulou e me enganou.
– Então é isso? Você virou minha vida de cabeça para baixo, fez tamanho estrago e agora vai embora sem consertar nada?
Olho chocada para Jesse. Ele acha que é o único a sofrer os efeitos de tudo isso? Eu virei o mundo *dele* de cabeça para baixo? Mesmo embriagado, esse homem está delirando.
– Adeus, Jesse – passo por ele com esforço, indo direto para as escadas, lutando contra a vontade de olhar para trás. O homem devastador por quem me apaixonei, o homem que pensei que estaria gravado na minha mente pelo resto da vida, foi cruelmente substituído por essa criatura bêbada e deplorável.
– Eu queria contar, mas tinha que ser sempre tão difícil! – ele rosna às minha costas. – Como você pode ir embora? – Eu me encolho diante de sua crueldade, mas sigo em

frente. – Ava, *baby*, por favor!

Na metade da escada, ouço um baque e uma sucessão de ruídos de coisas sendo atiradas e se quebrando. Isso só me faz correr mais. Qualquer sonho de me jogar nos braços fortes e apaixonados do meu adorável louco foi mastigado e cuspido. Eu poderia ter me metido em um relacionamento com Jesse sem a menor pista de seus grandes segredos. Quando finalmente eu ia descobrir tudo?

Eu devia estar agradecida. Pelo menos sei de tudo agora, antes que seja tarde.

Antes que seja tarde?

“Tarde” já ficou lá para trás.

Chego à porta de Kate em um transe, e ela se abre sem que eu tenha a chance de colocar a chave na fechadura.

– O que aconteceu? – ela pergunta, olhos arregalados e preocupados. Sam aparece atrás dela. Basta olhar para o rosto dele para ver que sabe exatamente o que aconteceu.

Cada músculo dolorido em mim entra em colapso, inclusive meu coração, e desabo pesadamente no chão, soluçando incontrolavelmente. Tenho uma vaga sensação de braços que me envolvem e me embalam para a frente e para trás. Mas não me confortam.

Não são os braços de Jesse.

Capítulo Bônus – Ponto de vista de Jesse

Noite do lançamento do Lusso

O que esse imbecil está falando? Ele deve ter percebido que não estou interessado, mas isso não o faz calar a boca. Não precisa mais puxar o meu saco, porque já comprei a porcaria da cobertura. Ele já levou sua comissão. Me deixe em paz!

Concordo vez ou outra com algo, meneio a cabeça para o corretor imobiliário, mesmo não ouvindo uma palavra do que diz. Tudo o que ouço é uma voz doce e pouco convincente me dizendo que não está interessada. Estudo atentamente suas costas dentro do vestido vermelho. Eu não devia ter saído da casa dela ontem à noite, não até que ela se rendesse a admitisse que também sente algo. Sei que sente. Estou com a determinação renovada, após passar o dia todo trancado em meu escritório sem conseguir fazer nada, a não ser uma sessão de tortura mental. E agora estou na minha nova casa, cercado pela sociedade esnobe, resistindo ao desejo de acionar o alarme de incêndio para evacuar o local e ficar a sós com ela.

Sorrio ao perceber que a amiga ruiva de Ava olha por sobre o ombro e arregala os olhos quando me vê. Ela se lembra de mim e, quando estou a ponto de mandar esse puxa-saco irritante embora, Ava se vira e me vê também. Seus olhos fazem mais que arregalar – eles quase saltam do rosto. Não tenho tempo de sorrir para ela. Ela volta a me dar as costas, claramente chocada com minha presença. Isso só alimenta minha resolução. Não estaria tão incomodada se não se importasse.

Volto os olhos para o corretor e vejo seus lábios se movendo, mas nada do que ele diz faz sentido.

– É, obrigado. – Dou um tapinha em seu braço, uma despedida totalmente imprópria, mas tenho que ir a outro lugar.

Vou até ela, lendo os lábios da amiga, que avisa que estou chegando. Sim, *baby*. Estou chegando.

Eu me aproximo das duas garotas, Ava se recusa a virar, a amiga evidentemente entretida com a situação, o que significa que essa menina linda tem falado sobre mim. Meu nível de autoconfiança já alto atravessa o teto.

– Que bom ver você de novo, Kate – digo calmamente. – Ava?

Ela não toma conhecimento da minha presença, e os olhos da amiga passam de um para o outro, achando graça.

– Jesse – Kate cumprimenta. – Com licença. Preciso retocar a maquiagem. – Colocando a taça sobre o balcão, ela nos deixa a sós. Fico agradecido.

Após alguns segundos de espera, percebo que não vai se mexer, teimosa, então dou a volta para ficar de frente para o seu lindo rosto. Meu pau começa a latejar na hora.

– Você está linda – murmuro, correndo os olhos por cada centímetro perfeito de suas feições. Já provei esses lábios. Não sei o que vou fazer se não puder saboreá-los de novo.

– Você disse que eu nunca mais teria que ver você. – Ela fica na defensiva. Isso não é um bom sinal.

– Eu não sabia que você estaria aqui. – Estou na defensiva também, embora não tenha o direito de estar.

– Você me mandou flores.

Eu luto para não sorrir.

– Ah, é. Mandei.

– Com licença, por favor. – Ela quer passar por mim, entro em pânico e então dou um passo para o lado para detê-la.

– Eu esperava que me mostrasse o apartamento – digo rápido, rindo por dentro com minha própria audácia. Conheço esse lugar de cabeça para baixo.

– Vou chamar Victoria. Ela ficará feliz em mostrar o local.

– Prefiro que seja você.

– Você não ganha uma trepada com o tour – ela retruca, rude, me fazendo encolher. Está diante de mim, parecendo ter literalmente caído do céu e está usando uma linguagem vulgar como essa?

– Você pode não usar essa linguagem?

Espero que ela me mande para aquele lugar, mas não.

– Desculpe – ela diz baixinho. – E coloque o banco no lugar quando dirigir o meu carro.

Agora não consigo mais esconder o sorriso e fico imensamente satisfeito quando ela começa a se movimentar desconfortavelmente. Aposto que adorou a brincadeira.

– E não mexa no rádio!

– Desculpe – sussurro. – Você está bem? Parece um pouco nervosa. – Não posso evitar. Estendo o braço, desesperado para sentir a maciez daquela pele de novo. – Algo está incomodando?

Ela se desvencilha de mim.

– Nada. – Ela está mentindo. Posso ver sua mão inquieta ao lado do corpo, e ela se esforça para não pegar uma mecha do cabelo. É assim que ela se entrega. – Ainda quer que mostre o local?

Meu sorriso se expande.

– Adoraria.

Ela quase sai da cozinha batendo os pés e começa a fazer gestos grandes.

– Lounge. – Eu já vi o lounge. Já vi tudo isso um milhão de vezes, então mantenho os olhos fixos no balanço de seus quadris enquanto ela me conduz pela minha nova casa. – Você já viu a cozinha – diz por cima do ombro, me dando um lampejo daqueles lábios carnudos. – A vista – ela aponta para Londres, antes de voltar para dentro da cobertura

e seguir pelo espaço aberto, em direção à sala de ginástica.

Algumas pessoas tentam me parar, e acelero o passo para acompanhá-la, dispensando-os com um aperto de mão rápido ou um aceno polido.

– Academia – ela murmura e entra, mas sai assim que atravesso a porta. Dou risada enquanto a sigo pela escada. É necessária toda a minha força de vontade para não agarrá-la e levá-la para um dos quartos. Deus, quero cravar os dentes nesse traseiro firme que sobe os degraus à minha frente.

Depois de abrir e fechar cada porta no andar de cima e rapidamente me apresentar os cômodos, ela entra na suíte máster. Meu quarto. Será que percebe que acabou de entrar na cova dos leões? Isso não ajuda em nada a acalmar minha ereção.

– Você é uma guia especializada, Ava – brinco, parando de frente para uma obra de arte sem graça. Mas há algo nos velhos barcos a remo – algo charmoso. – Se incomoda de falar sobre o fotógrafo?

– Giuseppe Cavalli.

– É bom. Há algum motivo especial para ter escolhido esse fotógrafo?

Ela fica em silêncio por algum tempo, e sei que é porque está me estudando. Ela gosta do que vê e gosta do que sentiu quando a tive em meus braços. Não vou deixar que negue, então é melhor que nem tente insultar minha inteligência com outra recusa.

– Ele era conhecido como o mestre da luz. – Ela está ao meu lado diante da obra, e olho para ela, encorajando-a. – Ele achava que o objeto não tinha a menor importância. Não importava o que fotografava. Para ele, o objeto era sempre a luz. Ele se concentrava em controlá-la. Está vendo? – ela aponta para os reflexos na água.

Meneio a cabeça, pensativo, impressionado e intrigado, mas a mulher ao meu lado é o que mais me intriga, então mantenho meus olhos nela quando continua.

– Esses barcos a remo, por mais bonitos que sejam, são apenas barcos. Mas vê como ele manipula a luz? Não se importa com os barcos. Ele se importa com a luz que os cerca. Ele torna objetos inanimados interessantes, faz você olhar para a foto com uma… bem, com uma luz diferente, acho eu. – Ela inclina a cabeça para o lado em contemplação, expandindo o pescoço e revelando aquela pele perfeita, macia e firme. Meu Deus, essa mulher não é como nada que eu já tenha visto.

Espero que ela termine a observação, contente em apenas olhar para ela, mas então ela olha para mim, e posso ver que está mentalmente reprimindo a vontade de me agarrar.

– Por favor, não. – Sua voz é quase inaudível.

– Não o quê? – Sei muito bem o quê.

– Você sabe o quê. Disse que eu não teria mais que ver você.

– Eu menti. Não consigo ficar longe de você, então você vai ter que me ver outra vez… e outra vez… e outra vez. – falo lentamente, deixando clara a minha intenção, e ela respira fundo e começa a se afastar de mim.

Não vou deixá-la escapar dessa vez.

– Você lutar contra isso só me deixa mais determinado a provar que você me quer. – Mantenho os olhos fixos nos dela. – Estou tornando esse o objetivo da minha missão. Faço *qualquer coisa.* – Faço mesmo.

A cama impede que se afaste mais, e ela estende as mãos para o alto.

– Pare – pede, e eu obedeço, mas só porque ela parece realmente incomodada. – Você nem me conhece. – Ela está tentando desesperadamente se convencer de que isso é insano. É verdade, e me mata de medo, mas não posso mais fugir.

– Sei que você é impossivelmente bonita. – Dou um passo à frente, pensando que posso fazê-la se sentir muito melhor se puder abraçá-la. – Sei o que sinto e sei que você sente também. – Paro quando nossos corpos roçam um no outro. Posso sentir as batidas do coração dela através do vestido e do meu paletó. – Diga, Ava. O que deixei passar?

Ela abaixa o rosto, mas o levanto imediatamente, me sentindo um cretino quando vejo as lágrimas nos seus olhos.

– Desculpe. – Afago o rosto dela e gentilmente enxugo as lágrimas que caem.

– Você disse que ia me deixar em paz. – Ela lança um olhar interrogativo.

– Eu menti. Desculpe. Não consigo ficar longe de você, Ava.

– Você já pediu desculpas e está aqui novamente. Devo esperar flores amanhã?

Paro as carícias no rosto dela e sou eu quem esconde o rosto agora. Sou mesmo um cretino, mas não estaria fazendo tudo isso se não tivesse certeza de que ela me quer. Por que está sendo tão teimosa? Não há motivo. Preciso lembrá-la – lembrá-la de como foi. Levanto os olhos e lentamente baixo meus lábios sobre os dela. Preciso ser delicado.

Ela não me impede e, quando nossos lábios se tocam de leve, é ela quem toma a iniciativa, agarrando meu paletó e ofegando no meu rosto. Estou tremendo como uma folha, aliviado e excitado por dias de desejo acumulado.

– Já se sentiu assim? – pergunto, puxando-a para mais perto e beijando sua orelha.

– Nunca.

Eu relaxo, aliviado, e mordisco a orelha dela.

– Está pronta para parar de lutar agora? – pergunto com a voz suave, lambendo o pavilhão de sua orelha e descendo até beijar logo abaixo, onde a orelha encontra o pescoço. O cheiro e o sabor dela são divinos.

– Ah, Deus… – ela geme, e eu sorvo sua afirmativa mergulhando a língua em sua boca, agradecendo em silêncio quando ela a aceita.

– Hmmm… – eu gemo também, interrompendo nosso beijo com relutância para conseguir uma confirmação sólida dessa mulher sensacional. – Isso é um sim?

– Sim.

Um milhão de faíscas explode dentro de mim, uma esperança que eu não compreendo bombardeia meu corpo inteiro. Mostro como estou grato cobrindo o rosto dela com beijos leves por toda sua face.

– Preciso ter você inteira, Ava. Diga que eu posso ter você inteira.

Ela hesita, mas por pouco tempo.

– Me possua.

Não perco mais tempo. Passo o braço por sua cintura fina e a pego nos braços, empurrando-a gentilmente contra a parede mais próxima. Nossos lábios se tornam mais frenéticos, mais desesperados agora que estamos falando a mesma língua. Minhas mãos estão em todo lugar. Não consigo evitar.

Eu me recuso a descolar os lábios dos dela quando ela começa a tirar meu paletó e

dou um passo curto para trás para ajudá-la. Nada vai nos impedir agora. Quando estou livre do paletó, aperto-a contra a parede, com um pouco mais de força do que gostaria, mas ela não parece se incomodar com o meu entusiasmo. Está tão louca quanto eu.

– Puta merda, Ava – ofego. – Você me deixa louco. – Faço um círculo com o quadril, tentando aliviar a pulsação em meu membro e arranco um grito de seus lábios. Suas mãos apertam meus cabelos, a sensação é de outro mundo e me incentiva a levantar o vestido dela até a cintura e insinuar minha ereção mais uma vez. Mordo seu lábio inferior e me afasto um pouco, ofegando em lufadas descontroladas de ar no rosto dela. Faço mais um movimento com o quadril e me delicio com seus gemidos de prazer. Ela quebra o contato visual e inclina a cabeça para trás, a tentação de seu pescoço exposto grande demais para resistir. Estou perdido.

– Jesse…

Tenho mínima ciência de que ela chama meu nome e sigo raspando os dentes em sua pele.

– Jesse, está vindo alguém, você precisa parar. – Ela começa a se contorcer para se desvencilhar do meu abraço, roçando na minha ereção.

Merda!

– Não vou soltar você. Não agora – falo num rosnado, pedindo em silêncio que ela não pare.

– Precisamos parar.

– Não – pareço autoritário, mas não posso evitar. Merda, eu sei que tem gente por aí e odeio a todos por isso.

– Vamos continuar mais tarde.

– Isso vai dar a você muito tempo para mudar de ideia. – Volto a morder seu pescoço, sem querer soltá-la, por medo de nunca mais voltar a tocá-la. Então ela segura meu queixo e me puxa das carícias que estavam me deixando tão feliz.

– Não vou mudar de ideia. – Nossos narizes estão colados. – Não vou mudar de ideia.

Ela fala com certeza. Posso ver a determinação em seus olhos… mas não posso arriscar. Beijo-a com força e digo isso a ela:

– Sinto muito, mas não posso arriscar. – Eu a levanto nos braços e a levo para o banheiro.

– O quê? Eles vão querer ver aqui, também!

– Vou trancar a porta. Nada de gritar – sorrio para ela. Ela se lembra de minha grosseria, e fico feliz que esteja sorrindo. Uma cantada tão baixa para uma mulher tão fascinante deveria me render um tapa.

– Você não tem vergonha.

Seu sorriso, seguido de uma risada atrevida, fazem meu pau quase explodir… e eu digo isso a ela também:

– Não. Meu pau está doendo desde sexta-feira passada, finalmente você está nos meus braços e viu a luz. Eu não vou a lugar algum nem você.

Chuto a bela porta do meu belo banheiro novo para fechá-la e a ponho sentada com cuidado entre as pias do gabinete, antes de rapidamente voltar para trancar a porta. *Nada* vai interromper isso.

Quando viro para encará-la, ela está olhando para mim, seus lindos olhos cor de chocolate dançando de desejo. Meu Deus, essa mulher não pode ser real. Começo a desabotoar a camisa enquanto caminho devagar em direção a ela. Não preciso me apressar porque posso ver claramente que ela está completamente entregue. Isto vai mesmo acontecer.

Deixo a camisa aberta e prendo a respiração quando a vejo pousar um dedo bem no meio do meu peito, fazendo-o descer pelo centro do meu corpo. Minhas mãos encontram a sua cintura, e assumo minha posição entre suas coxas.

Olho para o seu rosto e a vejo me estudando com afinco. Meus lábios se abrem em um sorriso de… felicidade. Pela primeira vez em muito tempo, estou feliz.

– Você não pode escapar agora.

– Não quero escapar.

– Que bom – digo sem volume na voz, descendo os olhos para os seus lábios ao mesmo tempo que ela continua com seu dedo explorador, que sobe pelo meu peito, meu pescoço, até pousar no meu lábio inferior. Eu o mordo, minha felicidade multiplicada por dez quando ela sorri e leva a mão até os meus cabelos.

– Gostei do seu vestido – digo, baixando os olhos para o tecido acumulado em sua cintura, me concentrando em suas coxas deliciosas.

– Obrigada.

– Só que ele é um pouco limitante. – Puxo de brincadeira uma parte do material vermelho, sorrindo quando noto que sua respiração se altera.

– É mesmo.

– Que tal nos livrarmos dele? – Inclino a cabeça para o lado, pensando. Ela sorri.

– Se você quiser.

– Ou talvez deixá-lo aí? – levanto as mãos – Que coisa mais idiota. Já sinto falta do toque dela, então logo corro as mãos até suas costas para encontrar o zíper. – Mas, pensando bem – sussurro ao seu ouvido –, já conheço o que há por baixo desse belo vestido. – *E é incrível*, penso comigo mesmo, enquanto respiro em sua orelha e baixo o zíper sem pressa. Não sei por que estou apenas pensando isso. Eu deveria dizer a ela, então digo. – E é muito melhor do que o vestido. Acho que vamos nos livrar dele. – Ela precisa saber que me tem nas mãos.

Eu a levanto e a ponho de pé, tirando o vestido e revelando uma imagem que está gravada em minha mente desde terça-feira. Jogo o vestido para o lado e absorvo a vista por um momento, antes de colocá-la sentada no gabinete de novo, a sensação de tê-la nos braços é tão satisfatória quanto olhar para ela. Quero levá-la nos braços para todos os lugares, colá-la em mim.

– Eu gosto desse vestido – ela briga.

– Eu compro outro para você. – Tento diminuir sua preocupação. Sei que ela não está nem aí para o vestido. Retomo minha posição entre suas coxas e agarro seu traseiro pequenino, puxando-a para mais perto e me insinuando com o quadril enquanto nos estudamos. Meu pau não vai aguentar muito tempo, mas estou gostando de saboreá-la no momento.

Passo a mão em suas costas e abro o sutiã, suspirando quando meus olhos são

abençoados novamente pela visão de seus seios perfeitos e firmes. E então ela se apoia nas mãos atrás de si, arqueando as costas e apontando-os para mim.

Olho para ela enquanto ponho a mão espalmada em seu pescoço.

– Posso sentir seu coração batendo forte – pareço enfeitiçado. Eu *estou* enfeitiçado. Ela me cativa completamente. Devagar, deslizo a mão por seu tórax até descansá-la em seu ventre liso. Meus olhos encontram os dela outra vez, só para checar se ela é real, embora possa senti-la perfeitamente. – Você é muito gostosa – digo com firmeza. – Acho que vou ficar com você para mim.

Ela arqueia as costas mais ainda, sorrio e deixo minha boca pousar sobre um de seus mamilos, tomando o outro seio com a mão livre, massageando-o gentilmente enquanto a sugo para dentro de minha boca. Ela geme, seu corpo relaxa, e me esfrego em círculos nela. Estou lutando para manter o controle, mas quero adorá-la como a uma deusa antes, aproveitar ao máximo. Ela é imprevisível, com suas brigas e condescendência constantes. Isso me preocupa.

Ava está entrando em um frenesi, sua respiração errática e acelerada, então afasto o centro de sua calcinha com o dedo, resistindo à tentação de rasgá-la. Nossa, ela é perfeita em todos os lugares.

– Merda! – ela dá um gritinho, seu corpo se retesando e suas mãos apertando meus ombros.

Não recuo.

– Sem palavrões – alerto, tomando sua boca na minha e enfiando os dedos fundo nela, me deliciando com o calor e a perfeição de seus músculos internos que me agarram. Ela geme sem parar, trazendo o corpo contra o meu e se contraindo em torno dos meus dedos. Posso sentir seu desespero. Eu já a conheço – um pensamento idiota, considerando o pouco tempo que passei com ela, mas a perfeição desse momento me convence de que preciso prolongar esse tempo – torná-lo eterno.

– Goze – ordeno, penetrando-a profundamente e pressionando o polegar contra o seu clitóris pulsante, meu coração martelando meu peito quando a vejo se desfazer em uma pilha de nervos sensíveis. Quando ela grita, eu ataco a sua boca, capturando os seus gemidos de prazer, e ela treme nos meus braços. Seus olhos estão fechados, e dedico meu tempo a trazê-la de volta à terra, beijando o seu rosto até que ela finalmente abre os olhos para mim e dá um suspiro.

Pelo amor de Deus.

Eu a beijo outra vez, seu corpo é um ímã para mim. Nunca vou me fartar dela.

– Melhor? – tiro os dedos de dentro dela e sorrio quando ela geme. Passo os dedos encharcados em seus lábios, e mantemos os olhos fixos um no outro.

E então ela me acaricia o rosto com as mãos, e não tenho forças para me impedir de virar para uma delas e beijar a palma apaixonadamente, antes de voltar os olhos para ela.

Seu sobressalto me tira do transe por um segundo, até que noto que alguém está tentando entrar no meu banheiro. Tampo a boca dela e sorrio diante do choque que ela demonstra.

– Não escutei nada – alguém diz. Os olhos de Ava se arregalam mais ainda, então tiro

a mão e a substituo pela boca, silenciando-a.

– Meu Deus, eu me sinto uma vadia – ela choraminga, a cabeça caindo em meus ombro.

Vadia? Ela é o mais distante possível de uma vadia.

– Você não é uma vadia. Se continuar falando assim, vou ser forçado a bater nessa sua bunda deliciosa aqui mesmo, no meu banheiro. – Percebo meu erro imediatamente. Merda, eu falei isso mesmo? Seu rosto confuso me diz que falei. Não sei por que estou preocupado. Ela já sabe que sou dono do Solar, mesmo que ache que é um hotel. O que a fez pensar assim? E como diabos vou contar a ela o que realmente acontece lá? Não quero manchar isso com minha história suja.

– Seu banheiro? – sua pergunta me distrai do meu dilema, seu rosto intrigado me faz sorrir.

– Sim, meu banheiro. Eu gostaria que parassem de deixar estranhos perambularem pela minha casa.

– Você mora aqui?

– Bem, vou morar a partir de amanhã. Diga-me, toda essa merda italiana vale o preço exorbitante que pediram por esse lugar? – Não foi o que eu quis dizer, de maneira alguma. Amo a merda italiana com que ela decorou o lugar.

– Merda italiana? – ela cospe, e não consigo não rir de seu choque. – Você não deveria tê-lo comprado se não gosta da *merda* que vem dentro dele.

– Eu posso me livrar da merda. – Agora eu a estou alfinetando. A irritação dela na verdade está me excitando... ainda mais.

Suas sobrancelhas se levantam em choque, mas baixam logo, numa carranca.

– Relaxe, Ava. Eu não me livraria de nada nesse apartamento. – Eu a beijo com força. – E você está nesse apartamento.

Ela é minha de novo. Nossas línguas dançam juntas, e suas mãos vão para os meus ombros, cravando a ponta dos dedos.

É agora. Não posso esperar mais. Preciso chegar ao momento mais íntimo com essa mulher. Nunca quis tanto alguma coisa em toda a minha vida. Levantando-a do gabinete, arranco a sua calcinha, minha abordagem delicada desaparece rapidamente. Jogo-a para um canto e devolvo Ava ao seu lugar, retirando seus sapatos e agradecendo a ela mentalmente por começar a tirar a minha roupa. Seu rosto espantado não escapa aos meus olhos, nem sua reação quando vê a minha cicatriz. Não preciso que ela bisbilhote os porquês e faça outras perguntas sobre ela, mas antes que eu a distraia da questão, ela amassa a minha camisa e a atira para o lado.

– Compro outra para você – ela diz casualmente, me fazendo sorrir.

Eu a beijo com intensidade de novo e dou um gemido quando a sinto tirar minha calça, mas me afasto e junto as sobrancelhas quando ela puxa meu cinto e o banheiro é invadido por um som de chicotada.

Tento esconder o choque.

– Você vai me bater?

– Não – ela responde lentamente, antes de descartar o cinto, e sua incerteza me acalma. Mas logo ela segura o cós da minha calça e me puxa com força para ela. – É

claro que se você quiser…

Estampo um sorriso no rosto. Ela está jogando comigo.

– Vou manter isso em mente.

Os olhos dela me queimam, e ela desabotoa minha calça. Meus olhos se fecham quando sinto sua mão tão pequena acariciar meu pênis latejante. Ah, meu Deus, estou perdendo o controle, faço uma prece para manter a calma, buscando mais forças quando sinto o calor inconfundível de sua língua no meio do meu peito.

– Ava, é bom que você saiba que, uma vez que eu possuir você, você vai ser minha. – Não sei de onde essa frase veio.

– Hmmm – ela geme, lambendo um dos meus mamilos e baixando minha cueca e finalmente libertando meu pau dolorosamente duro.

Ela leva um susto, e dou um sorriso. Ah, sim, *baby*. E ele logo vai estar em você… para sempre.

Não perco tempo em tirar as roupas que ainda visto, tão enlevado pela nudez diante de mim quanto ela. Eu achava que minha pulsação não podia se acelerar mais… até que ela gira o polegar em torno de minha glande.

– Merda, Ava. – Seguro firme seu quadril, e ela pula. – Tem cócegas?

– Só aí – ela diz, tensa.

– Vou me lembrar disso. – Colo os lábios nos dela, meu corpo formigando, meus quadris mexendo quando ela começa a me acariciar. O movimento vai se tornando urgente e, quando ela respira fundo, mordo seu lábio.

– Está pronta? – digo depressa, me perguntando o que vou fazer se ela disser não, mas seu meneio de cabeça me põe em ação, e tiro a mão dela de mim, seguro-a pelo traseiro e a puxo para a frente, direto para mim.

Ela grita. Merda, eu a machuquei, mas, meu Deus, ela é incrível – uma sensação que nunca tive antes.

– Tudo bem? – ofego. – Você está bem?

– Dois segundos. Preciso de alguns segundos. – Suas pernas me enlaçam pela cintura, e eu a empurro contra a parede e deixo minha testa encostar na dela, dando o tempo de que ela precisa para se ajustar. Puta merda, estou suando e ofegando como um cão ao sair de dentro dela, desesperado para não assustá-la. E então a penetro de novo, controladamente e com cuidado.

– Você aguenta mais? – As palavras saem com dificuldade em meio à minha respiração difícil, rezando para que ela me aceite. Seus seios encontram meu peito, em uma mensagem silenciosa, mas preciso das palavras. – Ava, me diga que está pronta.

– Estou pronta – ela ofega e, com isso, eu me afasto e me enterro novamente, com tudo. E não paro mais. Estou rosnando em delírio, enquanto a penetro sem parar.

– Você é minha agora, Ava. – Aí vou eu de novo. O que deu em mim? Ela não se opõe, o que me enche de contentamento; algo que eu nunca senti. – Toda minha – reforço a afirmação, colando minha testa na dela e me retirando, antes de investir com tudo, penetrando-a repetidas vezes, como um louco, desesperado e suando.

Ela grita. Isso é música para os meus ouvidos. Eu a estou possuindo.

E ela está permitindo.

Eu me deleito com seus gritos de prazer, sentindo seus músculos internos se fechando em torno de mim, e tomo sua boca na minha outra vez, nossos corpos suados deslizando, a sensação incrível.

– Você vai gozar? – posso sentir que sim. Ela está pulsando e se contorcendo.

– Sim! – ela me morde.

Puta que pariu!

– Espere por mim – ordeno, mais duramente do que eu queria, acelerando o ritmo.

Ela grita. Porra, está quase lá.

Eu também.

– Agora, Ava!

Eu a invado com tudo o que tenho e me seguro ali, respirando em seu pescoço. Minhas pernas estão instáveis. Estou exausto.

– Ahhhhhhhhhh! – rosno, gozando dentro dela e fazendo círculos com o quadril, tirando até o fundo do prazer, enquanto ela geme alto no meu ombro. Vamos fazer isso de novo *muito* em breve. Estou zonzo.

– Olhe para mim – peço gentilmente. Preciso ter certeza de que ela é real e, quando levanta a cabeça pesada, e seu rosto encontra o meu, eu olho bem dentro daqueles olhos e aceito que algo muito especial aconteceu aqui. Só não sei se devo ficar encantado ou apavorado.

Ainda circulando os quadris delicadamente, eu a beijo.

– Linda – Puxo-a de volta para o calor do meu peito e a levo de volta para o gabinete, sentando-a com cuidado e relutantemente saindo de dentro dela.

Eu pego seu rosto entre as mãos e a beijo outra vez.

– Eu não machuquei você, machuquei?

Ela responde me abraçando com força, meu rosto encontrando seu lugar na sua nuca e minhas mãos massageando as suas costas. Um sentimento muito forte de pertencer a alguém me invade, como depois de anos procurando aleatoriamente, tendo feito tantas coisas sem pensar ou ter consideração, finalmente encontrei o lugar onde preciso estar. Mas será que ela vai me aceitar?

Eu não comecei bem – não usei camisinha. Eu me afasto de leve e acaricio seu rosto quente com os dedos.

– Não usei camisinha. – Eu me sinto um completo imbecil. – Desculpe, me deixei levar pelo momento. Você toma pílula, certo?

– Sim, mas a pílula não me protege de DSTs.

Dou um sorriso, nada ofendido. Não tenho direito de me sentir insultado.

– Ava, *sempre* usei camisinha. – Beijo a testa dela. – Exceto com você.

– Por quê? – ela pergunta, intrigada. Eu não a culpo. Eu mesmo estou chocado com isso.

– Não penso direito quando estou perto de você. – Começo a me vestir, perguntando a mim mesmo por que isso acontece. Ela me tira a racionalidade, me faz pensar em coisas idiotas e me comportar como um maluco.

Pego uma das toalhas de rosto chiques na estante sobre a pia e passo na água da torneira, detestando a ideia de limpar meus vestígios dela. Quando volto, vejo que suas

pernas estão bem fechadas. Ela está constrangida, e eu as separo de novo, franzindo o rosto. Não quero que ela se sinta incomodada comigo, o que é um pensamento ridículo, dado o meu comportamento ultimamente perto dessa mulher. Ela ainda está, no entanto.

– Assim é melhor – murmuro, colocando as mãos dela nos meus ombros enquanto relutantemente passo a toalha por sua pele, limpando-a e voltando o olhar para ela. Sei que ela está me observando. – Quero jogar você debaixo daquele chuveiro e idolatrar cada centímetro seu, mas isso vai ter que servir. Por ora, pelo menos. – Dou um beijo rápido, ressentido por ter de vesti-la.

– Vamos lá. Vamos vestir você. – Amo o fato de que ela me deixa fazer tudo e amo o fato de que ela fica tensa e se contorce quando não resisto e preciso sentir o sabor de seu pescoço. É bom que ela se acostume a ter os meus lábios em seu corpo todo, porque não pretendo colocá-los em nenhum outro lugar, nunca.

Ela me entrega minha camisa, e eu a agito para ver se a desamasso da melhor maneira possível.

– Não tinha a menor necessidade de amassá-la, tinha? – Abro um sorriso enquanto me visto, e ela me observa.

– O paletó vai cobr... – ela para e seus olhos se arregalam.

– É. – Eu estalo meu cinto e sorrio mais quando ela se encolhe, apenas porque parece alarmada com isso. – Está bem. Pronta para encarar os fatos? – Estendo a mão e ela não perde tempo em segurá-la. Garota esperta. – Eu diria as evidências, e você?

Dou o maior sorriso que consigo quando ela balança a cabeça. Mais uma frase que não acredito que disse a ela.

Seu rosto parece alarmado quando ela se olha no espelho. Não sei por que, ela está impecável.

– Você está perfeita. – Destranco a porta do banheiro e saio com ela de lá, pegando o meu paletó ao passarmos pelo quarto. Quando chegamos à escada, não gosto da tensão que sinto vindo dela por nossas mãos dadas – nem um pouco, e menos ainda quando a sinto fisicamente tentando tirar a mão da minha. Meu instinto me diz para continuar segurando... então continuo.

– Jesse, solte a minha mão.

– Não – disparo curta e irracionalmente. Não consigo evitar.

Paro quando ela para e me viro para encará-la. Ava está nervosa, seu estado de êxtase de agora há pouco desapareceu.

– Jesse, você não pode esperar que eu me exiba por aí de mãos dadas com você. Isso não é justo. Por favor, me solte.

Olho para nossas mãos unidas, vendo a prova da força de meu punho pelas veias saltadas em minha mão. Não a estou machucando, eu nunca a machucaria, mas tenho firmeza no aperto e não pretendo soltá-la.

– Não vou soltar – sussurro. – Se eu soltar, você pode esquecer como é. Você pode mudar de ideia. – Sei que soa irracional, mas é assim que me sinto.

– Mudar de ideia sobre o quê? – ela parece confusa, o que confirma meu medo.

– Sobre mim.

Fico chocado quando meu braço balança, e ela se desprende. Como diabos conseguiu? Nada conseguirá impedir que minha chateação apareça no meu rosto. Sei que estou com o olhar fixo nela, e a maneira como ela corre escada abaixo só confirma isso.

Observo ela me escapar em um misto de horror e agonia, correndo para os braços de uma idiota, que a espera no pé da escada. Quem é?

Fico mal com a raiva que me percorre quando desço a escada, fumegando e vendo outro homem a bajulando. Quando chego mais perto, relaxo… um pouco. Ele é gay. Merda, ele não poderia ser mais óbvio se estivesse de meias arrastão e cílios postiços. Mas ainda é um homem e está com as mãos na minha Ava.

Minha Ava?

Fodeu, Ward. Você está encrencado.

Depois do sucesso que obteve ao decorar os apartamentos de luxo do edifício Lusso, a designer de interiores Ava é convidada a prestar seus serviços no Solar, e é recebida pelo rico e sedutor Jesse Ward.

Desde o momento em que trocam os primeiros olhares, ambos sabem que existe uma intensa química entre eles. Mas, obviamente, Ava não pode ter um relacionamento com um cliente. Seria fácil resistir se Jesse não estivesse tão obstinado em ficar perto dela e se não fosse absolutamente charmoso com seus belos olhos verdes.

Ele guarda um segredo, e Ava sabe muito bem que está prestes a ter seu coração partido novamente, mas ainda assim é impossível resistir quando Jesse abala todos os seus sentidos e faz com que ela se sinta no limite a cada toque.

Jodi Ellen Malpas é a autora best-seller da trilogia *O amante*.

Trabalhando para o pai, em tempo integral, no ramo de construções, ela tentou ignorar a vontade de escrever *O amante* por muito tempo, até que foi impossível. Jodi aproveitou a coragem e a oportunidade para autopublicar o livro na internet e provocou incríveis reações em mulheres do mundo todo.

Após o sucesso, a autora decidiu largar o emprego e se dedicar à nova e inesperada carreira de escritora, fazendo com que seus livros fossem publicados em vários países.

Jodi nasceu e foi criada na Inglaterra, na cidade de Northampton, onde vive com a família.

A jovem designer de interiores Ava O'Shea tem uma reunião de consultoria com o sr. Jesse Ward, o proprietário do misterioso O Solar. Ela está esperando nada mais do que um homem velho, acima do peso e que usa terno e gravata, mas dá de cara exatamente com o oposto.

Jesse é devastadoramente bonito, charmoso e confi ante. Mas também é vaidoso, arrogante e não conhece limites.

Ava não quer se sentir atraída por ele, mas não pode controlar o efeito avassalador que esse homem tem sobre ela. Cada instinto está lhe dizendo para correr, mas Jesse Ward não está disposto a deixá-la escapar.

Ele a quer e está determinado a tê-la. Ava sabe que está prestes a entrar em um relacionamento intenso e conturbado, mas o que fazer se ele não a deixa ir?